Só o vento sabe a resposta

J. M. Simmel

J. M. SIMMEL
SÓ O VENTO SABE A RESPOSTA
Romance

J. M. Simmel

Só o vento sabe a resposta

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "Die Antwort kennt nur der Wind" Copyright © 1973 by Droemersche Verlagsanstalt Th. Knaur Nachf., Munich/Zurich

Tradução: José Abrahão Layout de capa: Yae Takeda

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Editora

Nova Fronteira S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado em oficinas próprias

2468 10 97531

82 84 85 83 81

Este e-book: Digitalização, Ocerização, Formatação e Revisão:
The Flash

Para Agnelet

Eu vivia numa noite
sem igual.

Então chegaste, meu
rosto adorado.

De tal noite fizeste um
dia amorável.

Cantaste melodias e,
sempre amiga, disseste
as

E aquelas palavras, que
nunca esqueci,

Estavam impregnadas
de um remoto sopro, tão

Que aquela noite
funesta se dissipou
como fumaça.

Firdusi, poeta persa,

939-1020 d.C.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Só o vento sabe a resposta[1]

[1] Constitui-se como palco das ações deste romance, principalmente, a localidade de Cannes e seus arredores. Tais ações desenrolam-se nos hotéis, iates, cassinos, casas comerciais, restaurantes, bem como em diversos outros locais daquele ambiente. Um círculo de amáveis pessoas que ali habita e trabalha toma parte nas principais cenas do romance. Tais pessoas deram-me expressa autorização para tal fim, permitindo-me citá-las nominalmente. Neste meu romance, além do citado círculo, apresenta-se paralelamente um outro, de pessoas criadas no plano da ficção. Fictícias são todas as circunstâncias e situações abarcadas pelo enredo da obra. Aliás, não passa de mera coincidência qualquer semelhança com acontecimentos ou instituições que realmente existam, bem como, em particular, com situações e circunstâncias surgidas durante a crise monetária, envolvendo organizações financeiras multinacionais ou pessoas figurantes no mencionado segundo círculo, vivas ou mortas.

J.M.S.

Primeiro livro

1

O jovem brandiu um pedaço comprido da grossa corda que servia de cabo, fazendo-o girar por cima da cabeça a fim de arremessá-lo em seguida para o velho que, com destreza e habilidade, o pegou, começando a puxar com força. O barco a motor, dirigido por um rapaz que nos transportara, a mim e Angela, do iate até o cais, oscilava suavemente com o movimento das ondas e deslizava, agora, para perto da escada construída na borda de um rochoso penhasco, na extremidade sudoeste de Cap d'Antibes. O velho permanecia de pé num dos degraus da escada, já atingido pela água. O mar, nesse ponto, tinha uma tonalidade azul-escura e a água era tão clara que eu podia distinguir perfeitamente, nas profundezas, os fragmentos de rochedo e os amontoados de plantas submarinas. Eu via cardumes de diminutos peixinhos que, aos poucos, iam se dispersando.

O velho já tinha puxado o barco para bem perto da escada. Trajava uma calça de linho de cor já desbotada, cuja barra, bem como seus pés descalços, ficava dentro da água. Também sua camisa estava esmaecida. Um chapéu de abas largas cobria-lhe o crânio macilento.

Na verdade, esse pobre velho tinha um aspecto cadavérico e parecia já desiludido da vida. A pele dos pés, dos braços, das mãos e do rosto tinha a aparência de um frágil pergaminho. Ele devia ter adquirido, desde a infância, o hábito de lidar na água, quer suportando o sol abrasador, quer enfrentando a fúria dos ventos. Seu semblante irradiava bondade e tinha um aspecto amável. Com as maçãs do rosto bem salientes, ele sorria para nós, apenas com os olhos e não com a boca. Seus olhos eram da mesma cor azul-escura do mar. Ele não podia nos sorrir com a boca, pois, tendo de empregar um esforço enorme para puxar a corda e manter o barco imóvel, tinha de conservá-la fechada. Tratava-se certamente de um homem muito idoso, mas que ainda tinha ânimo para continuar trabalhando.

Com desembaraço e rapidez, o rapaz pulou sobre um dos degraus. Chamava-se Pierre e era o segundo-piloto do iate que ficara ancorado longe do cais. Pierre, como todos nós, também estava descalço. Teria, quando muito, vinte e um anos de idade. O capitão chamava-se Max e tinha vinte e oito anos. Pierre conhecia o velho que puxava o barco, pois, nas suas conversas, se tratavam intimamente pelo primeiro nome. Entreguei a Pierre os meus sapatos e os de Angela. Levantei-me, Pierre deu-me a mão e, então, pulei do barco para a escada. De maneira idêntica, estendi a mão a Angela e ela também pulou. O velho nos saudou:

— *Bonjour, madame! Bonjour, monsieur!* Que belíssimo dia hoje, não é verdade?

— Sim, muito lindo — respondi.

— Mas também muito quente.

— É verdade. Está fazendo um calor brabo.

Falávamos em francês. Angela, tendo notado um sotaque característico na pronúncia do velho, perguntou-lhe:

— O senhor é de Marselha, não é?

— De Marselha, *madame*, evidentemente — respondeu o velho enquanto Pierre lhe tirava da mão a ponta da corda e pulava novamente para o barco. Agora o velho já nos podia sorrir não somente com os olhos mas também com a boca, deixando à mostra sua magnífica dentadura postiça, com os dentes todos do mesmo tamanho. Procurei no bolso da minha calça uma nota de dez francos para dar-lhe de gorjeta. Tendo notado meu movimento, o velho foi logo dizendo:

— Não se preocupe, *monsieur*. Naturalmente os senhores virão de novo a passeio noutra ocasião... então, se é que o senhor quer mesmo fazer esta gentileza... mas não é preciso. Absolutamente, não há necessidade de nenhuma gorjeta.

Angela retrucou:

— É evidente que há necessidade. Nós todos precisamos viver. Por quanto tempo o senhor fica trabalhando aqui durante o dia?

— Desde cedo até meia-noite, *madame*. E, com muita frequência, fico até mais tarde, pois quase sempre há pessoas que só regressam dos seus passeios depois da meia-noite. Durmo lá naquela cabana verde.

No local para onde o velho apontou existiam muitos chalés de madeira, pequenos e de aspecto miserável, localizados entre moitas de arbustos espinhentos e de mato bem crescido. Eu sempre ouvia dizer que esses chalés eram alugados a casais que quisessem fazer amor... E sempre aparecia um grande número desses casais, tanto assim que se tornava muito difícil encontrar vago um chalé. Contudo, o velho, pelo que deu a entender, tinha um deles.

— Durante o dia, quando o sol está muito quente, durmo aqui

mesmo.

Depois de uma pausa, piscando brejeiramente um olho, prosseguiu:

— Com esse calor a gente não deve beber... mas há momentos em que não me sinto muito bem, os senhores sabem, e tenho que tomar um ou dois goles. Depois fico dormindo até que alguém me chame.

— Que é que o senhor bebe? — perguntou Angela.

— Cerveja, *madame*. É uma bebida muito boa.

— Oh, sim — concordou Angela, dando-lhe também uma piscadinha e sorrindo-lhe.

Pierre já havia feito arrancar o barco, que ao partir descreveu na água uma grande curva. Dessa vez fora buscar os Trabaud e o cachorro deles, que estavam no iate. O barco não possuía espaço suficiente para transportar todos nós. O iate pertencia aos Trabaud e tinha o nome de *Shalimar*.

Angela caminhava quase escorregando, com os seus sapatos. Também calcei os meus e dei uma olhadela no relógio de pulso: faltavam vinte minutos para as duas da tarde e... a partir deste momento eu só teria uma hora e onze minutos cie vida. Pergunta Angela ao velho:

— Que fazia o senhor em Marselha?

— Vivia com minha mulher. Mas tinha que ficar continuamente fora de casa, por causa das minhas viagens. Às vezes, durante meses a fio. Eu era o capitão de um navio cargueiro. Teresa não era originária de Marselha. Era da região norte, de Limoges. Contudo, sentia-se muito bem em Marselha... pelo menos, no início.

O velho — como todos os velhos — era tagarela e continuou narrando a sua vida:

— Minha mulher era muito bonita. Lamentavelmente era muito mais jovem do que eu. De certa feita, quando regressei de uma viagem, ela não estava mais em casa. Deixou-me apenas uma carta.

O velho, a essa altura, puxando por um barbante bem comprido, tirou do mar uma garrafa de cerveja. Abriu-a e limpou o gargalo com o dorso da mão, oferecendo-a para Angela.

— Não, agradeço-lhe a gentileza. Com este calor não posso beber.

— E o senhor?

— Também não, obrigado.

O velho levou o gargalo aos lábios e tomou um gole bem grande. Depois continuou:

— O sujeito que fugiu com minha mulher era um granjeiro da região de Grasse, sabem? Eu o conhecia. Ele tinha ótima aparência... e era da mesma idade de Teresa. Na carta ela me explicou que amava o tal indivíduo e que ele também a amava. No fim, pedia que eu a perdoasse.

— E o senhor a perdoou? — interroga Angela.

— Eu era muito mais velho do que ela — respondeu, enquanto escondia novamente a garrafa no mar.

Angela encarou-o.

— O que a senhora acha? Deveria tê-la perdoado?

Angela, sem responder, continuou fitando-o fixamente.

— Bem... eu não a perdoei. E jamais a perdoarei. Eu a odeio.

— Oh, não! — retrucou Angela, dando certa ênfase às suas palavras. — Se a odiasse, de fato, o senhor a teria perdoado e esquecido há muito tempo.

— *Madame*, até hoje ninguém me falou assim! — exclamou o velho demonstrando admiração pelas palavras de Angela. — Na verdade, o que a senhora afirma está em consonância com o meu sentimento íntimo: nunca pude odiar Teresa. Sempre a amei e continuo a amá-la, mesmo hoje, embora já não saiba se ela está viva ou se já morreu. Mas isso não tem nenhuma importância, a senhora não acha?

— Realmente, não tem nenhuma importância.

Depois, dirigindo-se a mim, o velho diz:

— *Monsieur*, dou-lhe meus parabéns! Esta dama tem um grande

coração. Que magnífica mulher! ("*Une chic femme!",* disse ele.)

Angela fitou-me sem parar de sorrir e segurou minha mão.

— Foi depois que ela me abandonou que comecei a beber. Durante um longo tempo tudo correu bem. Depois veio a infelicidade. Perdi minha patente. Deixei de ser capitão da marinha mercante, não mais podendo trabalhar em nenhum navio.

— É horrível! — comenta Angela.

— Menos horrível do que a primeira desgraça. Muito menos horrível, creia-me, *madame*. Existem muitos outros tipos de trabalho. Tenho trabalhado por toda esta costa marítima, desde Marselha até Menton. Quando eu não podia dar conta de algum trabalho pesado, procurava um outro mais fácil, como, por exemplo, este aqui. Sinto-me muito feliz nesta localidade. Em Cap d'Antibes tenho muitos amigos... Só que quando começo a pensar em Teresa...

— Sim... — emendou Angela.

— ... Mas já não penso em Teresa. Nunca mais vou pensar nela. Nunca mais! Já faz muito tempo que ela saiu da minha mente.

O pobre velho, agora, senta-se sobre um degrau da escada e começa a olhar fixamente para a mão descarnada, como que absorto em profunda meditação.

Angela puxou-me, dizendo:

— Venha! Ele nem sequer está notando a nossa presença. Em pensamento, agora, ele está junto de Teresa.

Vindas de longe, ouvi as batidas do relógio da torre de uma igreja. Faltavam, agora, quinze para as duas.

— Temos que nos apressar — disse Angela.

Um ao lado do outro, fomos subindo os degraus da escada, que se estendia até o começo do caminho que ligava o local de atracação ao Restaurant Eden Roc, também pertencente ao ITôtel du Cap. O restaurante estava situado a apenas algumas centenas de metros do ponto de atracação. Passei a ver, então, muitas pessoas que tomavam banho de sol sobre o terraço do rochedo, abaixo do restaurante.

Inopinadamente, vieram-me à lembrança Liz Taylor, Richard Burton, Juan Carlos, o pretendente do trono espanhol, o exilado rei da Grécia com sua mulher, muitos príncipes, princesas, condes e barões. Minha memória começava a evocar, também, a mesa em que, sentados naquele terraço, tomavam seus aperitivos os milionários americanos do aço, bem como Curd Jurgens, Henry Kissinger, a Begun, isto é, todas aquelas pessoas com as quais eu me havia encontrado no Eden Roc. Bruscamente, tive a impressão de que deveria estar ficando louco por ter exigido que o meu encontro com aquele homem se efetuasse no Eden Roc, sem nenhuma razão plausível a não ser o fato de eu já haver estado ali gozando do convívio de toda aquela gente rica e famosa. Se Angela não estivesse ao meu lado, eu teria, ante o inesperado medo que repentinamente me invadiu, retrocedido logo ou até mesmo fugido nem sei para onde, pois, na verdade, para mim não mais haveria nenhuma possibilidade de fuga, depois de tudo o que aconteceu, depois de tudo o que eu havia feito. E esse medo surgiu precisamente quando comecei a refletir sobre o meu plano.

Mas Angela, felizmente, estava ao meu lado, segurando minha mão. Desse modo, fomos seguindo por aquele caminho, passando entre laranjeiras, plantas cítricas, eucaliptos, pinheiros europeus, palmeiras, roseiras, canteiros de cravos e moitas de arbustos com as folhas amarelecidas. Eu caminhava ligeiro. Em seguida, com grande admiração, comecei a notar que meu pé esquerdo não estava doendo absolutamente nada. Por que será que ele não dói agora, se a bordo do *Shalimar* eu sentia uma dor quase insuportável? Teria a dor desaparecido por causa do meu nervosismo, ou teria havido algum erro no diagnóstico, de modo que eu talvez ainda pudesse escapar dessa?

"Não!", disse comigo mesmo. "Não houve erro algum. Precisa acreditar no que lhe disse o Dr. Joubert, do Hôpital des Broussailles. Ele é um insigne e destacado médico. Você mesmo quis ouvir toda a verdade. Agora a conhece. Portanto, deve suportá-la. Bem sabe, meu velho, que essa verdade é muito dura de aguentar, mas precisa decidir-se a suportá-la."

De que eu estava decidido a isso não havia dúvida. Não era com outro intuito que eu me encontrava nesse local. Eu disse a Angela:

— Lá está Marcel.

— É mesmo — respondeu-me ela.

Falávamos em alemão, muito embora Angela Delpierre fosse francesa e eu dominasse muito bem o idioma francês. Surpreendia-se, contudo, na sua pronúncia, aquele inconfundível sotaque estrangeiro, mas ela falava

fluentemente.

— Seu pé está doendo?

— Não — respondi-lhe com firmeza. Mas menti, pois, naquele momento, já havia começado, embora menos forte, aquela dorzinha importuna que eu bem conhecia.

— Não, já não estou sentindo dor alguma, Angela. Mais tarde, sem falta, terei que dar os dez francos de gorjeta àquele velho.

Ela parou bruscamente e me abraçou. Comprimiu fortemente o corpo contra o meu e beijou minha boca, cheia de ternura. Então, notei que lágrimas começavam a brotar dos seus grandes olhos castanhos.

— Que é que você tem, Angela?

— Nada. Absolutamente nada, Robert.

— Contudo. Acho que você não está bem.

Ela encostou a face na minha e murmurou com voz ineiga: "Eu vos agradeço, meu Deus. Agradeço-vos por ter podido viver momentos como estes... Momentos tão maravilhosos! Suplico-vos, meu Deus: protegei-nos a ambos. Farei o que vós mandardes, mas não deixeis de proteger-nos, eu vos imploro!"

Comecei a pensar em tudo o que havia acontecido, em tudo o que eu havia feito, bem como no que ainda iria fazer e no que estava na iminência de suceder. Mas senti satisfação pelo fato de Angela nesse momento não ter observado

O meu semblante. À nossa frente agora, do lado direito, surge a estrada toda coberta de saibro e pedregulho. Nos lados, viam-se cedros e palmeiras. As bordas dessa estrada achavam-se demarcadas por uma cerca de espessas sebes bem tosadas e podadas. Divisava-se, lá no fundo, com a aparência de um castelo de frontispício amarelo, o Hotel du Cap, circundado de jardins floridos. Angela comprimia-se cada vez mais contra mim e eu passei a sentir o perfume da sua pele tão suave e cheia de frescor. E, então, comecei a imaginar que eu poderia justificar com o nosso amor tudo, tudo o que eu havia feito (até mesmo as ações mais terríveis) perante Deus, ao qual Angela havia dirigido a sua súplica, e que Ele me perdoaria, pois é inerente à sua ação divina compreender as justificativas e perdoar tudo. Eu sentia as palpitações do coração

de Angela.

— *Bonjour, Marcel* — disse o papagaio. Era um papagaio que se chamava a si mesmo de Marcel.

Ficamos parados em frente da sua gaiola bem ampla que se encontrava à beira dessa estrada coberta de saibro e de pedregulho por onde se tinha que passar para ir ao Restaurant Eden Roc. A dor, no meu pé esquerdo, se tornara um pouco mais forte. Fazia muito calor, um calor insuportável nessa tarde do dia 6 de julho de 1972, uma quinta-feira. Havia anos que eu quase não podia suportar o calor.

O suor escorria pelo meu corpo embora eu estivesse usando uma camisa azul bem leve e uma calça branca.

Comecei a me sentir fraco, como que combalido e tonto, mas sabia perfeitamente que todo esse mal-estar provinha do calor. E não tinha outra alternativa senão esperar até que aparecesse o homem com o qual eu havia marcado encontro.

Lancei os olhos para o mar, lá embaixo, e vi dezenas de iates ancorados, alguns deles bem grandes. Ao lado de iates que ostentavam a bandeira francesa, viam-se outros com bandeiras alemãs, inglesas, italianas, suíças, belgas, etc.

Claude e Pasquale Trabaud pulavam nesse momento do seu iate para o barco a motor. Um marinheiro os auxiliava. O cachorro deles ainda se encontrava no convés, correndo, irrequieto, de um lado para o outro. Não soprava nenhuma brisa. Virei-me para a direita e passei a contemplar, bem ao longe, o porto pintado de várias cores e as casas de Juan-les-Pins. Através de uma esfumaçada e vaporosa atmosfera, como que vitrifiçada pela intensa radiação solar, consegui divisar, embora sem muita nitidez, a grande enseada, tão adentrada para o mar que parecia atingir os limites do horizonte. Vislumbrei, também, o antigo e o novo local de Port Canto, de Cannes, bem como as palmeiras que margeiam a Croisette, atrás da qual, todo pintado de branco, ficava o hotel. Porém, tudo o que eu via parecia-me fantástico e sem contornos definidos: a cidade com seus edifícios, as *villas* e casas residenciais espalhadas entre enormes jardins, numa encosta íngreme que se estendia até a Super-Cannes. À direita, a leste de Cannes, achava-se o bairro La Californie, onde Angela morava. Podia reconhecer cada uma daquelas casas e edificações; entretanto, preocupava-me apenas em observar minha casa, meu lar, que estava bem à minha frente. Pois Angela e sua casa eram tudo o que eu podia citar como

sendo de minha propriedade... eram tudo o que eu possuía neste mundo. Tudo isso e mais quinze milhões de marcos alemães. O resto do que eu precisava viria agora.

— *Beautiful lady* — disse Marcel, fitando Angela com seus olhos brilhantes que pareciam dois botõezinhos. Eu também olhei para Angela. Ela não era somente bonita: era a mais bela mulher que vi em minha vida! Angela Delpierre, trinta e quatro anos, tinha uma estatura quase igual à minha. Eu tinha quarenta e oito anos e essa circunstância, no princípio, ocasionou-me preocupação e martírio. Mas, agora, para mim essa diferença de idade não tinha a mínima importância. Angela possuía um corpo maravilhoso. Aliás, em Angela tudo era perfeito. Sempre que tivesse algumas horas de folga, ela procurava apanhar sol e ar, a fim de embelezar a sua pele, que já havia adquirido um tom amorenado. Estava completamente sem pintura e não se notava nem vestígio de perfume no seu corpo. Estava exatamente da maneira que mais me agradava: sem nenhuma maquiagem. No anular da mão esquerda, usava um anel incrustado de pedrinhas, as quais, refletindo ao sol, luziam com as cores do arco-íris.

Disse-me ela:

— Já passam três minutos das duas. O tal homem está atrasado.

— Mas ele virá. Dentro de pouco tempo, com toda a certeza, ele estará aqui. Não se preocupe, ele terá que vir. O próprio Brandenburg foi quem me anunciou a vinda dele. Além disso, Brandenburg codificou pessoalmente, em termos cifrados, as instruções que me deverão ser transmitidas e entregou a esse homem o dinheiro destinado a pagar aos meus informantes.

— Mas por que você tem que se encontrar com esse homem precisamente aqui, neste local?

Eu já lhe expliquei isso, Angela. Depois do que sucedeu, queremos evitar todo e qualquer risco. Neste local, em pleno dia, com tantas pessoas andando por aí, exclui-se a possibilidade de algum crime. Brandenburg quer sempre ngir com segurança. E eu também. Não quero que me acontera algo, como já aconteceu a outros.

Oh, meu Deus! — exclamou Angela. — Se algo acontecer a você... Se você morrer, èu também terminarei com a minha vida. Parece que as minhas palavras soam de maneira muito patética, não é verdade? Mas você bem sabe que elas são sinceras.

— Sim, eu sei, Angela.

— Sem você eu não poderei mais viver.

— E eu também não poderei mais viver sem você — respondi-lhe e, muito preocupado, comecei a refletir sobre as últimas palavras de Angela, imaginando como seria para ela a vida sem a minha presença. E se ela fizer realmente o que disse? Espero que não. Já preparei tudo para que ela possa viver folgadamente caso eu venha a faltar.

— Esse homem vai trazer-lhe muito dinheiro?

— Sim, muito dinheiro. Quando a gente sabe de algo importante, exige muito dinheiro.

Dizendo isso, eu estava lhe mentindo novamente. Mas não me restava outra alternativa. A verdade sobre esse encontro diante da gaiola de Marcel, Angela jamais poderia saber. Eu havia realmente combinado o encontro com um homem, porém não com um mensageiro enviado pelo meu chefe, oh, não! Ele deveria trazer dinheiro... sim, muito dinheiro... Mas, por enquanto, tudo está apenas no começo... Muitas coisas mais virão depois.

Fui eu mesmo que exigi assim. Eu já não era o mesmo homem que havia sido até dois meses atrás. Sempre lidando com patifes, tornei-me eu próprio um grande patife. Mas Angela não fazia a mínima ideia dessa minha transformação. Pouco me importava que eu me tornasse semelhante àqueles outros. Só uma pessoa tinha significação para mim neste mundo sujo: Angela! Jamais amei outra mulher como a ela. Por sua vez, ela nunca na vida amou tanto outro homem como a mim. Esse relato deve caracterizar-se como uma garantia de vida para a mulher que eu amo. Por isso também peço a Deus a graça de ser bem sucedido em registrar tudo o que tenho sentido, percebido e notado. Não há que duvidar da habilidade do perito. E, para o bem de Angela, eu posso fazer tudo. Trata-se apenas de uma questão de tempo.

Revelando já um certo quê de impaciência, Angela pergunta-me:

— Será que não aconteceu algo a esse homem?

Nada lhe aconteceu. Ele virá. Terá que vir, de qualquer maneira.

Entretanto, dominado pelo medo de perder o meu autocontrole, com um movimento indeciso tirei do bolsinho da minha camisa um maço de cigarros. Eu não devia fumar, mas que poderia significar para mim, nessas

circunstâncias, o cumprimento de tal prescrição? Agora, conhecendo já a última verdade, poderia fazer tudo o que quisesse. Contudo, a fumaça, ao ser tragada, sufocou-me, fazendo-me tossir.

— *Smoke too much* — disse Marcel.

— Ele tem razão — concluiu Angela.

— Este é o primeiro cigarro que fumo hoje — respondí, embora pouco me importasse que eu tivesse fumado centenas deles.

— Mas você prometeu que não iria mais fumar.

Atirei fora o cigarro sobre o pedregulho do caminho, pisando-o.

— Obrigada! — disse Angela.

Em seguida colocou o braço sobre meus ombros.

Só o nosso contato me dava ainda algum resquício de felicidade, fazendo com que eu esquecesse tudo: o passado, o presente e até mesmo o futuro que me esperava.

— Os Trabaud já vêm chegando — disse Angela.

Realmente, o barco, descrevendo um grande círculo, ia se aproximando do ponto de atracação. Nesse instante cheguei até a considerar uma felicidade ter marcado encontro com um mensageiro impontual, pois havia pedido a Claude Trabaud que, despistando da maneira mais disfarçada possível, tirasse algumas fotos minhas e do mensageiro. Claude possuía uma ótima máquina fotográfica e eu queria obter um retrato do sujeito junto comigo, focando especialmente o momento da entrega do dinheiro. “Tudo sairá bem”, pensei com meus botões.

Lá embaixo parou um barco a motor que transportava três monges usando hábitos religiosos brancos. Eu os conhecia. Eles moravam no convento da ordem cisterciense, localizado na ilha Saint-Honorat. Existe por lá, também, uma outra ilha pequena: a ilha de Sainte-Margueritte. Ambas distam do continente não mais do que um quilômetro. Angela também conhecia esses monges, pois já havíamos estado na ilha onde eles habitavam. Ela, cumprimentando-os, fez um respeitoso aceno, a que eles corresponderam. No convento eles fabricavam uma espécie de licor a que davam o nome de Lerina.

— Esses monges estão trazendo Lerina para o Eden Roc. Eles já

são fornecedores habituais da casa — comentou Angela. Depois, notando que eu estava absorto, lançando meu olhar para longe, disse-me:

— Quando sairmos daqui vamos diretamente para casa, não é?

— Oh, sim, Angela! Imediatamente.

— Você tem um grande desejo de chegar a casa, não é verdade, querido?

— Sem dúvida!

— Mas o seu desejo não é maior do que o meu. Para mim foi tão maravilhoso, tão encantador, hoje de manhã, sentir a sua presença, ter você perto de mim. Você também não achou maravilhoso?

— Encantadoramente maravilhoso!

— Quero que para você tudo seja sempre maravilhoso, Robert.

— Desejo-lhe o mesmo.

— Ah, pudesse eu agora, neste momento, sentir o contato do seu corpo... bem juntinho ao meu... Mas deixe estar, logo depois de chegarmos a casa, vamos ficar novamente como loucos... fazendo aquelas nossas loucuras.

— É verdade. Depois ficaremos conversando, ouvindo as nossas músicas prediletas e escutando as últimas notícias transmitidas pela televisão... mas tudo isso sem parar de conversar. Conversando ininterruptamente, entraremos noite adentro, até o despontar da aurora... até o dia ficar bem claro de novo.

— E se um de nós, cansado de tanto conversar, adormecer, o outro deverá despertá-lo imediatamente. Eu a você e você a mim. Vamos assumir desde já este compromisso, pense bem.

— Eu desperto você, Angela. Já tenho feito isso tantas vezes.

— Eu também não deixarei de despertá-lo. Não devemos dormir muito. Enquanto estivermos dormindo, não poderemos nos ouvir, não poderemos nos ver e não poderemos sentir reciprocamente nossos corpos. O sono se parece com a morte. Geralmente as pessoas tratam do tempo de que dispõem como se tivessem uma vida eterna. Mas ninguém neste mundo sabe realmente quanto tempo de vida ainda lhe resta: um ano, cinco anos, um minuto...

— É o que eu sempre digo a você.

— Possa eu envelhecer permanecendo sempre junto de você, Robert. E nunca, na nossa vida, deveremos pegar no sono sem antes nos reconciliarmos por qualquer discussão que porventura tenhamos tido. Se alguma vez tivermos qualquer rusga ou discussão...

— Nunca teremos uma discussão!

— Mesmo assim... talvez não por grandes motivos, mas por uma coisinha de nada. Quero dizer que, se algum dia tivermos de discutir por banalidades, nunca deixaremos de nos reconciliar imediatamente.

— Imediatamente!

— Ah, Robert, cada dia que passa é para mim um dia cheio de maravilhas. Como me sinto feliz com os seus abraços, com a sua conversa, com o meu despertar a cada manhã vendo você deitado ao meu lado!

— E continuará a ser sempre assim. Para você e para mim. Enquanto existirmos. Até exalarmos o último suspiro.

— Sim, sim, Robert!

— *It's paradise* — disse Marcel.

— Ele tem razão. A vida assim é um verdadeiro paraíso! — exclamou Angela, beijando minha face.

— *Lucky gentleman* — continuou falando Marcel.

E eu me achava feliz, realmente. Mais uma vez o papagaio linha razão. Fazia oito semanas que eu era o homem mais ícliz deste mundo. Apesar de tudo. Dirigi-me a Angela que, agora, observava os Trabaud descendo do barco no ponto de atracação.

— Eu adoro você. Se eu, neste instante, tivesse que morrer, seria o mais feliz...

Não pude terminar a frase. Algo, com uma violência terrível, bateu nas minhas costas, um pouco abaixo do ombro esquerdo. Precipitei-me para a frente, caindo no chão de terra vermelha. Foi um tiro, pensei logo. Mas eu não tinha ouvido nenhuma detonação de arma de fogo.

A única coisa de que tenho noção foi ter ouvido Angela gritar desesperadamente, mas não pude entender absolutamente nada do que ela dizia. Parecia-me bastante estranho o fato de não estar sentindo a mínima dor. Eu não podia mover-me nem dizer uma palavra sequer. Passei a ouvir, então, juntamente com a voz de Angela, muitas outras vozes de pessoas apavoradas que falavam alto.

Repentinamente, tudo ficou escuro ao meu redor. Eu tinha a sensação de estar me precipitando rapidamente, cada vez com maior velocidade, num imenso turbilhão, num verdadeiro redemoinho. Antes de ter perdido completamente a consciência ainda raciocinei: É a morte!

Era o começo da morte.

Depois, por diversas vezes recobrei a consciência, embora sem ficar completamente lúcido. Na primeira vez, o que eu vi foram os olhos castanhos de Angela, os quais, pelo seu encanto, eu jamais poderia esquecer. Angela falava comigo. Sua face estava bem junto da minha. Mesmo assim, eu não podia entender nada do que ela dizia, pois algo estava fazendo um barulho muito forte. Levou tempo até que eu pudesse compreender que esse estrondoso ruído provinha do rotor de um helicóptero. Estávamos voando. O aparelho vibrava. Encontrava-me deitado numa maca. Ao meu lado, um homem de branco segurava, bem levantada, uma garrafa da qual pendia um tubo de borracha. Aproximou-se de mim e fincou a agulha no meu braço esquerdo. As lágrimas começaram a escorrer pela face desesperada de Angela. Seus cabelos ruivos caíam-lhe sobre a testa. Eu queria dizer algo, mas não conseguia falar. Ela se curvou para o meu lado e encostou sua boca bem no meu ouvido. Só então pude entender o que ela dizia. Com a voz entrecortada de soluços ela exclamava:

— Robert, eu lhe peço, eu lhe suplico, não morra! Por favor, não morra! Não deixe desaparecer o seu espírito! Sou sua mulher e amo imensamente você, Robert. Pense em tudo o que ainda pretendemos fazer. Pense na nossa vida que apenas está começando. Você vai pensar em nossa vida, não é?

Eu queria responder afirmativamente com um meneio de cabeça, mas sentia a maior dificuldade até para movê-la só um pouquinho. Em seguida, completamente exausto e combalido, tive que fechar os olhos. Então comecei a perceber, como num caleidoscópio, surgindo em verdadeiro frenesi, uma avalancha de cores em profusão, de vozes e de vultos. Inicialmente tudo ficou vermelho, um vermelho flamante. Percebo a minha mulher Karin, com seu lindo rosto torcido, ameaçando-me com uma voz estridente: “Você, miserável covarde! Crápula! Animal ordinário! Pensa que vai escapar desta, mas está enganado! Deus vai castigá-lo, oh, sim, ele o castigará! Sádico! Sádico da alma! Demônio! Você me passou para trás, repelindo-me como um repugnante vômito, não é?”

O vermelho flamante passa a misturar-se com as tonalidades prateadas e douradas. E como que fluindo, imersa nesse mar de radiantes cores, passa por mim a visão daquela italiana deitada no chão, com um punhal cravado no seio. Vejo o meu chefe Gustav Brandenburg, com seus olhos de porco cheios de astúcia e de esperteza, queixo bem largo, em mangas de camisa, vociferando com sua voz troante: “Já é muito difícil para você, Robert! Você já está enjoado do trabalho! Você não quer mais ou já não pode mais trabalhar?” Porco! Grande

porco! Ouro! Só o ouro é que significa tudo para ele. Daqui a dois anos eu completarei cinquenta anos de idade. Até agora tenho trabalhado sem descanso. Cabe-me, portanto, o direito de gozar também um pouco de felicidade como qualquer outra pessoa. Sim, cabe-me este direito: mas será que tem de ser à custa de uma outra pessoa? O azul, aquele azul intenso das profundezas do mar, penetra, como que por um fenômeno de absorção, o próprio ouro. O ouro, o mais ordinário dos assassinos que existem neste mundo, pois de forma alguma ele pode ser castigado! Setenta bilhões de dólares, Herr Lucas. Estamos caminhando inexoravelmente para uma catástrofe de âmbito mundial. E nada há que possamos fazer para evitá-la. Quem fala, agora, é Daniel Friese, que parece estar flutuando, todo banhado de azul. Friese, do Ministério Federal das Finanças. Os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres. Quem está afirmando isso? — É aquela velha lá na farmácia. O rotor continua fazendo ruídos estrondosos. Lentamente, aos poucos, esses ruídos se transformam em sons musicais. Eu e Angela estamos dançando no tablado do terraço do Restaurante Palm Beach. Todos os pares recuam: é que se apresenta a bandeira francesa ao lado da americana. A tonalidade laranja se torna mais intensa. Bruscamente, todas as cores explodem, transformando-se em estrelinhas e círculos que giram vertiginosamente. Verdadeira exibição pirotécnica. No brilho de todas essas luzes vejo aquele homem enforcado no banheiro. Agora, as cores começam a latejar, batendo, todas ao mesmo tempo, contra as minhas pálpebras fechadas. Quem está aí? Ah, sou eu mesmo! Bêbado, ao lado de uma mulher de cabelos pretos, com uma boca que parecia uma ferida aberta. Ela está nua e nós estamos rolando sobre sua cama. Mas quem será ela?... Quem?... Oh, Jessy, a prostituta! Em seguida tudo ficou verde. Surgem, de supetão, todas as nuanças do verde. Dois sujeitos me derrubam.

Um deles me segura enquanto o outro não pára de dar socos no meu abdômen. Estou me precipitando: Segure-me, Angela! Segure-me, por favor! Entretanto, já não vejo mais nenhuma Angela. Só percebo em redor de mim um imenso pretume. Estou perdendo de novo a consciência. E devo ter ainda só trinta e dois minutos de vida.

Depois, ao ter recobrado mais uma vez os sentidos, encontrei-me inopinadamente lançado num mar de flores: jasmins brancos e vermelhos, violetas, margaridas. O mar de rosas de Angela está na minha frente. Todo o seu jardim que se encontra sobre o telhado. Pequenas rosas de todas as cores. Ela as denomina Surprise. E cravos. Não, cravos, não! Os cravos trazem infelicidade. Eis ali o banquinho na cozinha de Angela! Ela prepara uma refeição enquanto eu, sentado no banquinho, fico a observá-la. Estamos ambos completamente nus, pois faz um calor sufocante. O suor escorre pela minha testa. Tenho que enxugá-la constantemente com um lencinho. O barulho do rotor. Surge agora o amarelo.

Tudo está ficando cada vez mais caro. Mas o que será que está acontecendo com o dinheiro? Eu não posso compreender, meu senhor. É a velha lá na farmácia quem fala. O que ela diz faz sentido, sim: existem milhões que não podem compreender essa situação, mas há outros, uns poucos na verdade, que conhecem perfeitamente a causa. Semblantes continuam a fluir, passando por mim, completamente imersos naquele mar de cores. Um John Kilwood, bêbado, banhado de violeta. Um Malcolm Thorwell, jogador de golfe, numa espiral vermelho-rosa que gira com uma rapidez incrível. Um inexpressivo Giacomo Fabiani na mesa de roleta, totalmente inundado de uma tonalidade creme. Uma Hilde Hellmann, imóvel numa enorme cama estilo rococó, flutuando na cor de ouro que surge novamente. Por que existe a infelicidade? Por quê, meu senhor? Ah, a infelicidade não vem como a chuva, mas é provocada por aqueles que podem tirar dela algum proveito. Isso escreveu Brecht. Comunista. Maoísta. Willy Brandt é culpado de tudo. Ele também é um comunista. Todos os social-democratas são comunistas. *Der Spiegel* é um jornal comunista. O senhor também é comunista, *Monsieur* Lucas?

Confusão de vozes que se interpenetram como as cores. Tudo, nesse instante, passa a girar com mais rapidez. O nosso ambiente no L'Âge d'Or, a filial da joalheria Van Cleef e Arpeis, na Croisette. Jean Quémard e sua mulher. Algo está brilhando intensamente: o anel! Mas não é só o anel. Bruscamente, tudo começa a luzir. Eu e Angela estamos no terraço da sua casa, na parte alta de Cannes. Nós nos amamos. Mas quem está gemendo aí? — Sou eu. Castanho e amarelo. Corrida policial em La Bocca. Tiroteio com metralhadoras. O *nosso* cantinho, sobre o terraço do Hotel Majestic. Passo a ouvir o ruído do rotor. Cinzento. Tudo ficou banhado de cinzento. Os guindastes puxam um Chevrolet da água do velho porto. Ao volante encontra-se Alain Danon, morto, com um pequeno orifício na testa e outro, bem grande, na região occipital. Azul. Maravilhosa tonalidade azul. Aparece "nossa" igrejinha, tão pequena, no meio de um jardim silvestre. Muitas imagens. Eu e Angela acendendo velas diante de uma Madona escura. Angela rezando silenciosamente, apenas movendo os lábios. O jovem sacerdote aprestando-se para ir embora, depois de ter colocado um cestinho de verduras no bagageiro da sua motocicleta. Reaparece o vermelho. O palácio de Hellmann. O anteparo do radar com formato de guarda-chuva. Gigantesco computador eletrônico, com as luzinhas brilhando no painel. Trapaças nos negócios. Vendas efetuadas com um lucro irrisório. Quem está rindo ali? O bar do Club Port Canto. Angela cantando para mim *Blowin' in the wind*. Ela canta a letra em alemão.

"Quantos caminhos existem neste mundo que são caminhos de lágrimas e de sofrimento..."

Três aparelhos de televisão acham-se ligados. Nos três vídeos aparece o vulto do locutor narrando as notícias mais recentes. A Inglaterra liberou a libra esterlina. Uma desvalorização de cerca de oito por cento. Greve geral. Bancos fechados. Um avião particular chega a Nice. Oh, sim, eu sei a quem ele pertence!

"... Quantos mares neste mundo são mares de tristeza... prossegue Angela cantando para mim.

Um saxofone. Um punhal. Um elefante. A mancha branca no dorso da mão de Angela. Nunca amei tanto uma pessoa como estou amando você. Jamais poderei amar outra pessoa. Eu também, Angela, jamais poderei amar outra pessoa. Ei-la na cama da sua casa de Cannes. Eu, no quarto do Hotel Intercontinental, em Dusseldorf. Um avião que parte, sobrevoando minha cabeça. Quatro horas da manhã. Você é tudo o que possuo neste mundo. Faça algo! A cor branca está inundando tudo. *Faça algo*! Isso é pior do que um assassinato. Mas como posso impedir isso, meus senhores? Eu estou só e não tenho nenhum poder. Nós também não temos nenhum poder. Vocês mandaram embora seu perseguidor! Ei-lo ali inundado por um verde radiante. Kessler. Hager, quase se aproximando da aposentadoria. Uma das melhores pessoas...

Angela continua cantando: "Quanta desgraça terá ainda que acontecer antes que a humanidade se dê conta de todos esses males?..."

Assassinos! Assassinos é o que somos todos nós!

John Kilwood, bêbado, só consegue falar balbuciando.

Sim. Todos nós somos assassinos. Tom prateado e preto ao mesmo tempo. Meu advogado em Dusseldorf. Nesse instante, como que vislumbrado através de um meio vaporoso que turva a visão, percebo o Dr. Joubert, do Hôpital des Broussailles. Suportará a verdade, *monsieur*? A verdade toda? Sim? Pois então...

Continuo ouvindo a voz de Angela, cantando: "A resposta, meu amigo, só o vento sabe. Somente o vento sabe a resposta... "

Treze rosas vermelhas no quarto do meu hotel. Um envelope. Uma carta dentro dele com as palavras: "*Je t'aime avec tout mon cœur et pour toute la vie...*" Por toda a vida!

Esta é a verdade, *monsieur*, que o senhor quis ouvir... Fico-lhe muito grato, Dr. Joubert...

"... Quantas crianças existem que à noite vão para a cama e não conseguem adormecer por causa da fome? A resposta, meu amigo, só o vento sabe. Somente o vento sabe a resposta", canta Angela.

"Jamais, jamais, enquanto vivermos, um abandonará o outro", dizia eu e comecei novamente a me precipitar naquele imenso turbilhão. Era horrível. Oh, é tão enorme essa patifaria que eu...

Caí fora do mundo real. Tudo acabado! Eis que finalmente chegou o fim!

Não! Vou voltar à vida mais uma vez.

Do helicóptero fui transportado de maca. Muitas pessoas de branco encontravam-se numa espécie de teto, que era o local de aterrissagem do helicóptero. Médicos. Irmãs-enfermeiras. Angela. Abrem-se as portas do elevador. Colocam a maca no elevador. Descemos. Muitas pessoas em torno de mim. Lá estava Angela. Amada. Tão querida! As lágrimas escorriam incessantemente pela sua face. Outra vez ouço-a exclamar: "Não morra, por favor! Eu lhe peço. Não deixe fugir o seu espírito! Você não deve..."

Começo novamente a cair fora do mundo real. Passo a perceber apenas o movimento dos lábios de Angela, como se ela fosse muda. E tudo começou a rodar, cada vez mais ligeiro, chegando a adquirir uma velocidade vertiginosa. Um calafrio atravessou meu corpo. Eu fazia então uma viagem. Viagem marítima durante a noite. Será que, finalmente, está chegando a morte? É apenas um novo desmaio. Eu ainda tenho sete minutos de vida.

Logo que recobrei os sentidos, transportaram-me rapidamente através de um corredor comprido que se assemelhava a um túnel. Uma infinidade de lâmpadas estavam acesas. Eu não via mais Angela. Vozes feriam os meus ouvidos. Fechei os olhos. Então, com nitidez, soou a voz de Angela lendo, para mim, um poema. Completamente nua, estava sentada na sua cama sobre a qual eu, também completamente nu, me achava deitado. Através da janela penetrava a claridade da luz matinal. Angela lia para mim a tradução alemã de um poema de certo poeta americano, cujo nome, então, eu desconhecia: "Completamente livre de selvagem apego à vida, de temores e de esperanças..."

Fui transladado para uma cama. Algo se rasga, parecendo ringir: a minha camisa. Homens de máscaras e gorros brancos. Punção, com a agulha, no meu braço direito,

"...Agradece à divindade, seja lá qual for o teu deus, por dar ele

um fim a cada vida e não permitir a nenhum morto que volte novamente a este mundo", declamava Angela, sua voz se tornando gradativamente mais fraca.

As cores. Aquela profusão de cores. Todas elas se transformaram numa verdadeira fantasmagoria de indescritível beleza. Com a voz bem fraca, continua Angela: "...Até o mais vagaroso rio encontra o seu caminho para o mar.

Uns sibilos vão se tornando cada vez mais fortes. Repentinamente, percebo do que se trata: é ele, o mais vagaroso e cansado de todos os rios que corre serpenteando através de um prado florido. Senti um dedo deslizando pelo meu corpo. Algo frio e áspero toca meu peito do lado esquerdo. Inopinadamente, num lampejo da mente, fiquei sabendo que espécie de rio era aquele: era o rio Letes. Rio do mundo subterrâneo, rio do inferno que separa o reino dos vivos do reino dos mortos. O rio Letes, no qual as almas dos mortos bebem o esquecimento. Admirado, observei que as margens do Letes são também margens ensolaradas.

Em seguida, com grande suavidade, meu coração começou a parar. Depois, lenta e cautelosamente, foram desaparecendo as imagens do prado florido, do rio Letes e as rutilantes cores. Pela última vez, então, fui lançado naquele imenso turbilhão de p.retume. Resignei-me. Minha respiração começou a parar. Meu sangue paralisou-se nas veias e artérias. Tudo se tornou pretume, calor e paz. Eu estava morto.

Prólogo

1

— No fim da semana a Inglaterra liberará a libra esterlina — disse Gustav Brandenburg. — Até agora vinha se operando dentro do limite da taxa oficial. Mas esse limite há muito tempo não mais corresponde à realidade para expressar o valor da moeda. Agora é quase iminente a entrada da Inglaterra no MCE (Mercado Comum Europeu). Sabiamente Londres liberou a libra numa hora oportuna, a fim de, observando a sua flutuação, inferir qual seria a posição mais vantajosa a ser tomada inicialmente com a entrada no MCE.

— Mas isso não significa que a libra vai ser desvalorizada?

— Claro. Teremos, sem dúvida, uma desvalorização de cerca de oito por cento, segundo fui informado.

— Informado' por quem?

— Ora, eu tenho o meu pessoal!

— O que eu quero mesmo saber é quem lhe passou as informações sobre a resolução de se liberar a libra. Medidas dessa natureza, de caráter estritamente sigiloso, são tomadas só nos fins de semana e hoje ainda é sexta-feira — retruquei.

Estávamos efetivamente numa sexta-feira, dia 12 de maio de 1972. Passava um pouquinho das nove horas da manhã. Chovia em Dusseldorf e soprava uma forte ventania. Era um dia nublado e escuro. O tempo estava bem fresco.

— Se a libra vai ser liberada no fim da semana, como você pôde ficar sabendo ainda hoje dessa deliberação? — interroguei. — Ninguém pode ficar sabendo antecipadamente dessas resoluções.

— Mas eu já fiquei sabendo, ora! Acabei de lhe explicar que tenho o meu pessoal em Londres.

— E sem dúvida deve ser um tipo de agente especial...

— E é mesmo. Essa gente me custa um montão de dinheiro. Mas eu tinha que saber tudo. Sempre tenho que saber tudo antes dos outros. A companhia terá que me ficar agradecida até o dia do Juízo Final por esta minha atitude. Você nem imagina o que a nossa filial em Londres poderá fazer ainda hoje! E nem faz ideia da enorme soma que iríamos perder se eu não tivesse

procedido assim! Poderia pagar até três vezes mais por essas informações. Até mesmo dez vezes mais! Pouco importa. Os membros da administração da companhia estão satisfeitos e felizes.

— Você é um sujeito louco e extravagante — disse eu.

— Eu bem sei — retrucou Brandenburg, sem parar de mascar a ponta de um grosso havana, com aquela sua maneira pouco graciosa e sempre desprovida de elegância. Ele era um tipo baixote e possuía um crânio bem grande, completamente calvo. A cabeça, pela conformação angulosa e pelo formato, acomodava-se sobre os seus ombros tal qual um cubo devidamente ajustado. A bem dizer, ele não tinha pescoço. Possuía, isso sim, possantes maxilares e um nariz carnudo. Seus olhos eram pequenos, mas cheios de esperteza e de astúcia. Olhos de porco. No seu gabinete trabalhava habitualmente sem casaco e com as mangas da camisa arregaçadas. Dava preferência às camisas com listras coloridas, principalmente lilás e verde. Nunca usou uma camisa branca. Suas gravatas estavam sempre fora da moda e amarrotadas, muitas vezes até mesmo com o tecido puído. Não ligava a menor importância à sua aparência. Trabalhava durante uma semana inteira usando sempre a mesma roupa de confecção, quase estragada. Também os sapatos, com muita frequência, se encontravam cambaios. Quando comia, parecia um porco. Causava mal-estar observá-lo comer. Resíduos de comida caíam-lhe da boca quando mastigava. Limpava-se continuamente com a ponta da toalha e o guardanapo. Suas unhas estavam sempre compridas e sujas. Era o homem mais desleixado no trajar e o mais inteligente que conheci na minha vida. Tinha sessenta e um anos de idade e permanecia solteirão. Para a nossa companhia tratava-se de um elemento que só poderia ser avaliado a peso de ouro.

Brandenburg era o chefe do Departamento de Danos - V. Seu gabinete ficava no sétimo andar do gigantesco edifício da Companhia de Seguros Global, na Berliner Allee. A Global podia não ser a maior organização seguradora do mundo, mas era sem dúvida uma das maiores. Nós segurávamos, a bem dizer, tudo em todas as partes do inundo: vida, carros, aviões, navios, produções cinematográficas, propriedades imobiliárias, jóias, partes do corpo de pessoas, seios, pernas de artistas femininas. Nada havia que nossa organização não segurasse... Aliás, devo retificar: havia algo que ela excluía das suas operações de seguro. Com assombro e estupefação, tentei sondar os motivos dessa exclusão. A companhia não segurava absolutamente nenhum órgão genital masculino. Os órgãos genitais femininos há muito vinham sendo segurados. Entretanto, nenhum pênis podia ser objeto das nossas operações securitárias. Contra a impotência não há dúvida de que podíamos efetuar seguros. Porém nunca contra o estrago ou perda de um pênis. Tratava-se realmente de um fato

muito esquisito. Por mais que eu indagasse os motivos de tal resolução, nenhuma pessoa pôde me prestar qualquer esclarecimento. A Global, com sua matriz em Dusseldorf, onde foi fundada, possuía filiais na Bélgica, Holanda, Áustria, Portugal, Suíça e Espanha. Tinha representações nas Bahamas, Brasil, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Japão, Colômbia, México, Nova Zelândia, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai, Estados Unidos e Venezuela. O último balanço da companhia evidenciava um montante de trezentos milhões de marcos alemães sob a rubrica "Capital" e "Reservas". Suas aplicações atingiam a elevada cifra de doze bilhões de marcos. Na matriz de Dusseldorf trabalhavam cerca de dois mil e quinhentos funcionários. Em todo o mundo, o número de funcionários era de, aproximadamente, trinta mil pessoas. Fazia dezenove anos que eu exercia minhas atividades no Departamento de Danos - V.

Danos - V era indiscutivelmente um dos mais importantes departamentos, e o desengonçado Gustav Brandenburg, advogado como eu, era um dos elementos mais importantes da companhia.

Quando aparecia algum caso de *danos* ou *estragos* em que se notasse qualquer resquício de obscuridade, por mínimo que fosse, Brandenburg ligava imediatamente suas antenas. Era um homem dotado de um faro fantástico. A centenas de metros, mesmo contra o vento, farejava a existência de ações dolosas ou criminosas. Era o indivíduo mais desconfiado e cético da Global. Nunca confiava em ninguém. Para ele, todos os clientes eram suspeitos até o momento em que ele se certificasse do contrário. Para averiguar as possíveis responsabilidades, trabalhavam sob suas ordens cerca de quarenta homens, entre os quais diversos advogados e alguns antigos funcionários da polícia. E se lhe desse alguma coceira no nariz ou se farejasse alguma sujeira, não vacilaria em mandar logo um de nós investigar o caso. Ele tinha o apelido de "Cão Sanguinário" e, na verdade, parecia sentir um imenso orgulho dessa alcunha, não a considerando de forma alguma um epíteto depreciativo. Com sua habitual desconfiança, havia evitado, no decurso dos anos, que a companhia despendesse somas fabulosas. Embora tivesse um salário enorme, o pobre solteirão levava uma vida de vagabundo, morando sempre num pequeno hotel. Sempre viveu em hotéis. Odiava a ideia de possuir uma casa própria. Tinha um insaciável apetite por *pop corn,* isto é, pipocas. Continuamente levava nos bolsos saquinhos cheios de pipocas, os quais, no seu gabinete, colocava sobre a mesa de trabalho. Brandenburg quase nunca parava de comer pipocas. Onde ele estivesse, sentado ou de pé, em volta dele o chão ficava cheio de farelinhos. Fumava de dez a quinze havanas por dia. Recusava sempre toda e qualquer espécie de esforço físico. Para deslocar-se a uma distância de mais de duas quadras exigia o carro. Não tinha nenhuma amiguinha e nenhum *hobby*. Dedicava-se exclusivamente à

sua profissão. Dia e noite. Inúmeras vezes me obrigou a sair da cama bem cedo, chamando-me ao seu gabinete a fim de tratar de algum caso. Era um sujeito que parecia não ter necessidade de dormir. Antes de o relógio bater as oito horas da manhã, ele já se encontrava no seu gabinete, sentado à mesa de trabalho, toda suja de resíduos de pipoca e coberta de papéis, sobre a qual se notavam quase sempre cinza caída do cinzeiro e chá derramado.

Nunca deixava o seu gabinete antes de meia-noite. Só excepcionalmente saía à meia-noite em ponto. Assim era Gustav Brandenburg.

— Se alguém dispusesse, agora, de bastante dinheiro, poderia fazer furor com esse negócio das libras — comentou o homem-porco, enquanto a cinza do seu charuto caía-lhe sobre a gravata sem que ele notasse absolutamente nada. No seu queixo estava ainda grudado um pedacinho de geleia da refeição matinal.

— Mas você dispõe de muito dinheiro — respondi-lhe.

— Qual nada! Sou um homem pobre. — Dizia sempre isso, embora eu soubesse que ele recebia um ordenado mensal de dezoito mil marcos. Nunca consegui descobrir de que maneira empregava seu dinheiro. — Além disso, um homem correto e decente não procederia assim — concluiu enquanto palitava os dentes.

— Mas a companhia pode fazer esse tipo de transações.

— É evidente!

Em seguida ficou calado, revelando uma certa dose de mau humor, e começou a mascar novamente a ponta do havana. Ficou assim uns dois minutos.

— Escute bem — disse-lhe eu —, você mandou me chamar para um assunto de urgência, conforme você mesmo afirmou. Agora que estou aqui, não fique me embrulhando. Talvez você tenha que dizer muita coisa sobre esse assunto urgente. Por isso comece logo e procure explicar tudo sucintamente.

Fazendo um movimento com os dedos como se estivesse jogando bola de gude, arremessou para o chão algo que estava segurando. Depois examinou-me dos pés à cabeça e começou a falar, conservando o charuto na boca:

— Herbert Hellmann está morto.

— Não diga! — exclamei, estupefato.

— É a pura verdade.

— Mas ele era um indivíduo de boa saúde.

— E morreu tendo boa saúde. Só que a morte dele foi muito brusca.

— Acidente?

— Talvez. Mas também pode ser que não.

— Gustav, fale claramente! Não procure me deixar doido, homem! — Acendi um cigarro.

— Talvez tenha sido suicídio — disse ele enquanto atirava para dentro da boca um punhado de pipocas. Falava com a boca cheia e algumas delas saltavam para fora, indo cair no assoalho. — Seria muito bom se fosse suicídio. Seria até o melhor que poderiamos esperar porque, nessa hipótese, não teríamos que pagar nada.

— Que espécie de seguro tinha ele?

— Contra danos ou estragos para o *Moonglow*.

— Que é *Moonglow*?

— Era o iate dele segurado por nós.

— Qual é o valor do seguro?

— Quinze milhões.

— Lindo! Que maravilha!

— O seguro foi efetuado contra incêndio, naufrágio por efeito de tempestade, qualquer espécie de estragos, inclusive explosões, pirataria, encalhe nos recifes, colisões, qualquer forma de sabotagem de responsabilidade de outras pessoas. Mas não para danos ou estragos provocados voluntariamente pelo proprietário. Quero dizer: esse seguro não foi feito para cobrir riscos decorrentes do fato de o próprio Herr Hellmann ter resolvido voar para os ares juntamente com o seu *Moonglow*.

— Essa é boa! — exclamei.

— É exatamente como estou lhe dizendo.

Despejou mais um punhado de pipocas na cova da mão.

— Você não quer provar algumas pipoquinhas?

— Não, obrigado. Então o iate ficou danificado?

— Completamente destroçado.

Gustav engoliu as pipocas. Depois começou a chupar de novo o charuto, dizendo:

— Havia também outras pessoas no iate quando ele saiu de Cannes. Treze pessoas ao todo: sete homens da tripulação, Hellmann, dois casais e mais outra pessoa. Foi na viagem de regresso da Córsega que se deu o desastre. Um pouco antes da meia-noite de ontem. Entre Cannes e Córsega. Explosão. Telefonei para a organização em Cannes incumbida de agir em casos como esse. Quando a comunicação do acidente foi dada àquela organização, não passava de uma hora da manhã. Ontem foi o dia comemorativo da Ascensão de Cristo. Hellmann escolheu um dia bem apropriado para fazer a sua viagem. Deve ter sido bem intenso, nesse dia, o tráfego lá para cima.

Na Central de Notícias, um andar mais abaixo, havia um telex da agência noticiosa alemã Presseagentur e um da United Press International. Na nossa qualidade de assinantes, podíamos nos servir dos serviços de ambas.

— A tal organização da polícia marítima de Cannes tem uma designação muito comprida — disse Brandenburg exibindo um pedacinho de papel todo lambuzado e sujo. — "DIRECTION DES AFFAIRES MARITIMES, MARINE MÉDITERRANÉE, SOUS-QUARTIER CANNES". Está localizada no antigo porto. A sede do seu quartel-general é em Nice. Mas esse citado *Sous-Quartier* é que está incumbido de investigar o caso. Você fala correntemente o francês, não é verdade?

— Sim. Falo fluentemente também o inglês, o italiano e o espanhol.

— Eu falo um francês miseravelmente estropiado. Mas, pelo que pude entender, eles me explicaram o seguinte: o chefe da administração (*administrateur-chef,* dizem eles) está fazendo uma viagem de estudos pela

América. O seu substituto já foi para o local do acidente, acompanhado de muitas pessoas. Ele se chama Louis Lacrosse. Telefonei de novo.

Deve ter sido uma explosão pavorosa. Alguns destroços voaram até uma distância de mais de cem metros. Das pessoas, encontraram-se somente algumas cabeças, pernas, braços e dedos. Os pescadores estão tirando esses destroços da água. É verdade! Ascensão de Cristo!

— Hellmann não possuía o maior banco privado da República Federal Alemã? — perguntei-lhe.

— Um dos maiores, seguramente. Era um homem que lalvez tivesse uma posição respeitável. Talvez não...

— Que quer dizer com isso?

— A liberação da libra esterlina, Robert! Por isso comecei a fazer as minhas sondagens, examinando o caso preliminarmente por esse aspecto. Tenho feito algumas indagações também em Frankfurt, nos círculos bancários. Mandei sondar. Mas esses bancos de merda são mais fechados do que aquele tipo de ostras que se cria na imundície. Mesmo assim consegui arrancar de um deles informações preciosas: ultimamente, Hellmann andava muito nervoso. Até parecia um fantasma. Inopinadamente, na quarta-feira da semana passada, tomou o avião e foi para Cannes. Deve ter acontecido algo de muito importante para que ele fosse compelido a fazer essa viagem.

— Que poderia ter acontecido? Você acha que ele também ficou sabendo da liberação da libra?

— Talvez não. Contudo, depois de tantas greves que duram eternamente e de tudo o que vem sucedendo, é bem provável que ele tenha chegado à conclusão de que a libra não poderia manter o seu valor. Mas também pode ter-se dado o caso de ter feito previsões erradas. Tampouco deve ser excluída das nossas cogitações a hipótese de que tenha ficado em pânico ante o temor de dar com o focinho no chão, numa tremenda queda, se a libra fosse desvalorizada.

— Um Hellmann não dá com o focinho no chão assim tão facilmente!

— Isso é o que você pensa. Na verdade, para nós ele sempre foi o cavalo favorito em todas as corridas. Sempre o consideramos uma espécie de banqueiro de colete branco e imaculado da República Federal. Um vulto

pomposo e intocável.

E era mesmo. Herbert Hellmann gozava de uma grande reputação internacional, sendo apontado como verdadeiro paradigma de banqueiro. Depois de uma certa pausa, Brandenburg prossegue:

— Pense bem: e se ele fez alguma sujeira com esse negócio das libras? Não me olhe com essa cara de idiota, homem! Essa gente é capaz de fazer qualquer tipo de sujeira. A maioria deles, como o próprio Hellmann, nunca se deixa apanhar em flagrante. Mas agora talvez ele tenha sido pego... E ficou com o seu colete *branco* e *imaculado* bem sujo...

Gustav também se sujava e se lambuzava com as pipocas que expelia da boca enquanto falava. Ele emporcalhava a horrível camisa listrada.

— E não há dúvida de que uma situação dessas seria para ele o fim, não é verdade?

— Humm!

— Não me faça: humm! Seria o fim dele, sim! Ultimamente o homem estava uma verdadeira pilha de nervos. Já nem conseguia falar sem gaguejar. Constantemente sofria de desmaios e tonturas. Antes de tomar o avião para Cannes achava-se num terrível estado de aflição e nervosismo.

— Como é que você ficou sabendo disso?

— Você pensa que dormi a noite passada? Você nem faz ideia do que revelaram os empregados dele, mesmo os de baixa categoria. E nem é preciso uma grande soma de dinheiro sujo e sebento para que falem!

— Mas, com tudo isso, que pretendia ele fazer em Cannes?

— Também não sei. Ele possui uma casa lá, como você bem sabe. Sua irmã, a ITilde dos Brilhantes, passa a maior parte do tempo em Cannes.

Gustav enfiou um dedo na boca para retirar algum resíduo de pipoca. Acendi um novo cigarro na ponta do que havia acabado de fumar e retomei o fio da conversa:

— Ele não deve ter procurado sua irmã só para desabafar as mágoas! Mas esses seus dentes causam repugnância!

— Ora, e daí? Deixe de olhar para os meus dentes, bolas! Mas,

continuando o nosso assunto, é claro que ele não foi para lá só para se desabafar com a irmã.

— Para quê, então?

— Não sei. Apenas posso garantir a você que esse caso está me cheirando mal. Eu sinto o fedor.

— Quer dizer, então, que para se suicidar foi preciso tomar um iate a fim de viajar para a Córsega fazendo-se acompanhar de convidados que, igualmente, o acompanharam na morte?

— Precisamente dessa maneira é que se tornaria difícil caracterizar a atitude dele como suicídio.

— Uma atitude muito linda e inescrupulosa!

— O quê?

Doze pessoas são convidadas a partir para a melhor só porque um homem resolve dar cabo da própria existência!

Qual é o banqueiro que, com escrúpulo, consegue fazer negócio? Além disso, não foram doze as pessoas que morreram, mas somente onze.

— Mas você disse há pouco que havia treze pessoas a bordo.

— Eu disse que havia treze pessoas na viagem de ida. Na de volta, só havia doze.

— Quem era esse décimo terceiro passageiro?

— Décima terceira. Uma mulher.

— Onde estava essa mulher?

— Ela havia ficado na Córsega. — Gustav remexeu nos seus papéis. — Delpierre é o sobrenome dela. Ela se chama Angela Delpierre.

Mas por que essa tal Delpierre teve que ficar na Córsega?

— Não sei. Já providenciei tudo para você. Passagem aérea. Hotel. Você vai se hospedar no Majestic. Terá que partir às catorze e trinta pelo avião da Lufthansa que faz escala em Paris. Às dezessete e quarenta e cinco já

estará em Nice.

— Eu devo...

— ...Fale logo! Será que você me julga um idiota? Para que perdi tanto tempo em explicar-lhe tudo? É claro que você deve ir. Por duas vezes você já tratou de casos com navios. E, além de tudo, um descanso de catorze dias não deixa de ser uma coisa muito boa! Ou será que prefere ficar para sempre junto da sua doce mulherzinha?

Com um movimento brusco, empurrou para o meu lado o envelope contendo a passagem, que estava sobre a mesa. A passagem e as acomodações no hotel haviam sido requeridas por intermédio de uma agência de viagens. A Global não aparecia em nada. Ninguém deveria ficar sabendo de nada. Ponderei:

— Você sabe tão bem quanto eu que, sozinho, não me acho em condições de investigar esse caso.

Era evidente que ele sabia disso. Em casos dessa natureza a polícia nomeia imediatamente um perito com a incumbência de proceder às necessárias averiguações. Paralelamente à ação desse perito, a companhia seguradora pode, obviamente, indicar um agente para acompanhar as investigações.

— Os franceses já nomearam um perito. Trata-se de um antigo oficial da marinha. Você deve procurar conhecê-lo. Mas por que fica me encarando desse jeito?

Bruscamente o semblante do porco pançudo tomou aquele aspecto malicioso e traiçoeiro. Seus olhos começaram a estreitar-se. Eu sabia muito bem o que significava isso.

— Você não quer ou não pode ir, Robert? Acha que é muito trabalho para você? Será que não se encontra em condições de desempenhar esse encargo? Quem sabe eu não devo transferi-lo para os serviços internos? Já faz dezenove anos que você trabalha nesse setor. É muito tempo. É compreensível que se leve em consideração essa circunstância, caso você julgue ser-lhe muito incômodo esse tipo de serviço.

Evidentemente eu não podia, de forma alguma, suportar esse tipo de argumentação. Parti, portanto, para uma pequena encenação, dramatizando minhas palavras, a fim de exprimir, com mais ênfase, a minha perplexidade:

— Sim, sim! Parece que o trabalho que mandei fazer produziu o seu efeito!

— O quê?... Que é que você está rosnando aí? — perguntou, irritado.

— Paguei uma enorme quantia a um velho feiticeiro para que ele transformasse você num sapo selvagem. E não é que ele conseguiu realmente fazer isso?!

— Ah-ah!... Não se preocupe... e tome cuidado para não se extenuar demasiadamente...

Ele evitava, então, manifestar aquela intimidade simulada, infame e falsa. Só procurava vingar-se de mim a todo o transe. Por isso, continuou falando com uma voz profunda, quase cavernosa:

— Você está muito pálido. Diga-me uma coisa, Robert: você não está doente?

No meu cérebro soou o alarme.

Porco! Porco dos porcos! Você me tem seguro pelo cabresto. E bem sabe de que maneira pode me embrulhar. Tenho quarenta e oito anos de idade. Há muito que sou o mais idoso dos seus funcionários. Já resolvi muitos casos para você, a fim de impedir que a Global pagasse o pato, desembolsando vultosas quantias. Mas tudo isso nada significa. Para isso é que sou pago. Bem pago. Muito bem pago. Mas, especialmente nos últimos tempos, tenho prejudicado e anulado a solução favorável de alguns casos. Quem diz essas coisas é você, porco! Nesses casos que você menciona nada havia para prejudicar... A companhia simplesmente tinha que arcar com a responsabilidade do pagamento. Mas quando acontece um caso assim, o único responsável e sempre o funcionário designado por você, cachorro de merda!

— Evidentemente terei que contemporizar na hipótese de que você, de fato, não se sinta bem. Serei forçado então a mandar Bertrand ou Holger. Você é melhor do que os dois juntos. Por isso escolhi você. Mas seja franco, por favor: se você não puder...

— Eu posso!

O medo decorrente da necessidade de lutar pela vida atacou-me com ímpeto. Bertrand. Holger. Ou qualquer um. Todos mais jovens do que eu.

Confrontado com eles, eu pareço um velho.

O que não aconteceria se eu realmente declarasse estar me sentindo mal e pedisse que o caso fosse entregue a outro funcionário? Gustav era meu amigo, como ele mesmo sempre dizia. Meu melhor amigo, jurava ele. Melhor amigo, uma merda! Meu melhor amigo Gustav Brandenburg seria capaz de, friamente e sem sofrer nenhum impacto emocional na sua consciência empedernida, fazer um relatório à administração geral a fim de pedir minha demissão.

E o médico de confiança da companhia?!

Depois dessa conversa eu teria ainda que ir ao médico. Era o dia do exame anual de rotina. Eu vinha há muito tempo aguardando esse exame completamente apavorado. Sem dúvida, o médico constataria o meu estado.

E então? E daí?

Fazia muito tempo que eu vinha matutando sobre isso. Havia uma única saída para mim: mentir, negar tudo. Tenho muita saúde. O médico simplesmente interpretou mal os sintomas. Não sinto dor alguma. Absolutamente nada!

Era a única saída que eu tinha. Agindo habilmente, eu não me deixaria apanhar por eles. Era o que eu esperava, Santo Deus!

E se o médico insistisse em dizer que eu me encontrava doente? E se eles acreditassem nele e não em mim?

Isso arrebentaria o coração de Gustav. Não pude deixar de ter esse pensamento, ironizando a minha própria situação. Que sentimento de compaixão poderia ter esse cachorro que espremia o seu pessoal como quem espreme limão, mandando embora depois os que se sentissem alquebrados e exaustos?

— Eu não estou doente! — respondi-lhe com firmeza.

— Alegro-me em saber disso. Realmente, Robert, fico muito satisfeito. Certamente é você mesmo que procura aparentar esse aspecto horrível! Que é que há com você? Nervosismo?

Permaneci calado.

— Algo de errado em sua casa?

— Humm.

— Karin?

— Humm.

— Que é que está havendo com Karin?

— Nada de importante. As mesmas coisas de sempre.

— Essa noite você gritou de novo — disse minha mulher.

— Bem, a verdade é que grito todas as noites.

— Mas nunca tão alto como a noite passada. Foram tão horríveis os seus gritos, que os Hartwig devem ter ouvido. Talvez até os Thaler e os Nottbach tenham ouvido você gritar.

Eram os nossos vizinhos: o do apartamento ao lado, o do andar superior e o do andar de baixo.

— Seus gritos me apavoram. Será que você não compreende isso?

Estávamos sentados à mesa. Karin passava manteiga no pão enquanto falava. De manhã ela sempre comia bastante e tomava o café bem forte. Eu habitualmente não comia quase nada e só tomava chá.

— É uma situação muito constrangedora para mim porque a Sra. Hartwig sempre me adverte dos seus gritos. Ela não pára de indagar se você, por acaso, não anda doente. Ninguém mais acredita nessa conversa de pesadelos. Todos julgam que você anda doente de fato. E doente da cabeça. A Sra. Hartwig disse-me ontem que você deveria consultar um psiquiatra. Você não imagina como fico constrangida!

Realmente deve ter sido ruim para você — respondi lhe e terminei de beber o meu chá.

Falando com a boca cheia, Karin prosseguiu:

— Eu também acho que você deve consultar um psiquiatra. Não é normal que um homem, noite após noite, solte gritos apavorantes enquanto dorme... e isso há dois anos. A própria Sra. Hartwig disse que seu estado não pode ser normal. Você grita também nos hotéis quando está viajando?

— Não sei — respondi-lhe enquanto acendia um cigarro. — Mas acho que não.

— Então quer dizer que você faz isso só quando está em casa?

Não lhe respondi. Ela continuou:

— Só quando está em casa comigo é que meu maridinho solta esses gritos horripilantes de noite. Se está fora, viajando, quando leva para a cama alguma puta fedorenta, não há perigo: ele nunca grita! Então, eu devo ser a culpada. A única culpada de tudo. Você não passa de um pobre coitado, inocentinho! Eu é que sou a causa de você, qualquer dia desses, ir parar num manicômio. A vida junto comigo é horrível, não é? Já estou sendo passada para trás como um repugnante vômito, não é? Diga, diga logo que eu não passo de uma coisa repelente!

Continuei calado.

E, além de tudo, meu marido é também um covarde. E tem uma profissão bem apropriada para um crápula do quilate dele: anda sempre viajando por esse mundo afora, deixando sua mulher sozinha em casa durante meses. E quando está em casa, não procura de modo algum ficar perto dela para conversar ou dar-lhe alguma atenção. Está me ouvindo?

Não dei nenhuma resposta.

— Seu porco, você me possui há mais de dez anos, não é? Mas que significa para você todo esse tempo? Faz quase dois anos que não dorme mais comigo. Você nunca me abraça quando sai para alguma viagem ou quando chega de volta. Quando tento beijá-lo você vira a cara. Certamente meus beijos lhe causam asco. Diga, tenha a coragem de dizer que eu lhe sou repugnante!

Continuei calado.

— Diga de uma vez, miserável covarde! — Falava agora com uma voz estridente, quase gritando, numa atitude ameaçadora.

Nada lhe respondi e ela prosseguiu com o mesmo tom de voz e a mesma atitude ameaçadora:

— Você pensa que vai escapar desta... mas está muito enganado! Deus vai castigar você... Sim, ele terá que castigar você.

Principiou agora a falar com mais calma novamente:

— Animal. Você não passa de um animal ordinário! Sim, um animal ordinário é o que você é quando está em casa. Mas depois que sai, quando está fora de casa, se torna o gostosão cheio de charme. — Karin falava agora batendo a casca de um ovo cozido. — Lá fora você é o queridinho das mulheres. Elas ficam encantadas com você. Como é atraente o seu marido, Sra. Lucas!

Santo Deus, que encanto de marido a senhora tem, Frau Lucas! Um homem com uma profissão tão importante! E o que acha que eu respondo? Oh, sim, sou muito feliz! Meu marido é realmente muito simpático, atraente e encantador. E como é charmoso! Ah, se essas mulheres do diabo soubessem! Se elas conhecessem você como eu. Sem máscara. Se elas observassem direitinho quem é Robert Lucas. O sádico. O sádico da alma. O homem que trai e magoa a sua mulher. Se elas pudessem compreender que espécie de demônio anda metido no seu corpo. Você está me ouvindo, Robert?

— Sim.

— E ele só diz: sim... Sim! É só isso que sabe dizer. Mas, quando está junto de alguma daquelas dengosas de rabo sujo, ele se torna certamente um grande tagarela. Há dois anos que ele não faz nada comigo, nada, nada! Nenhum carinho, nenhuma palavra de conforto, nenhum contato. Você, logo que nos casamos, quando ainda não ganhava um bom ordenado, era bem diferente. Quase conseguiu me virar a cabeça e me deixar louca com aquelas suas porcas sacanagens na cama, com aquela sua selvagem perversão. Nesses momentos, você sabia falar. E como falava! Meu amor! Santo Deus, como você me amava!

Santo Deus, como você me amava!

Enquanto falava ia comendo o ovo com a colherinha. Eu já estava com o meu traje de saída. Ela vestia um roupão cor-de-rosa, tendo uma espécie de turbante sobre os cabelos louros. Fazia muito tempo que, em casa, ela só andava de roupão. Antes, tinha hábitos muito diferentes. Possuía um lindo rosto e um corpo sedutor, que outrora me causavam enorme excitação. Seus olhos eram cinzentos, meio puxados. Seu semblante deixava transparecer algo de gatinha. Seu nariz era pequeno como pequena era a boca de lábios vermelhos. As pestanas de Karin eram bem longas e ela se orgulhava disso. Usava os cabelos curtos e bem penteados, tinha trinta e oito anos, mas não se notava no seu rosto nenhuma ruga. Nem no rosto, nem na testa, nem nas pálpebras. Nem mesmo quando sorria. Na verdade, nos últimos tempos i.iiamente ela sorria. Na minha presença, aliás, fazia muito tempo que ela não esboçava um sorriso. As pessoas não escondiam sua admiração pelo fato de não haver o mínimo sinal de ruga na linda face de Karin, que parecia a de uma boneca. Uma boneca também não tem ruga alguma. Karin, dez anos mais jovem do que eu, levava horas e horas diante do espelho pintando-se e passando creme no rosto a fim de lorná Io mais liso ainda. Sentia-se muito orgulhosa pelo fato dc seu corpo ter se mantido jovem. Com muita frequência, íazia sauna, e uma massagista vinha duas vezes por semana ao nosso apartamento.

Nossa casa era muito linda e bem sossegada, num belo edifício. Só dois apartamentos por andar. Na verdade, era muito grande para duas pessoas. Havia ali muitas coisas a que meu coração tinha um grande apego. Coisas pelas quais eu tinha verdadeira adoração. Minha grande coleção de elefantes, por exemplo. Os caríssimos móveis antigos. Os tapetes bem grandes. Os vasos chineses. O espelho veneziano no nosso quarto. A lareira. A cristaleira com muitos objetos estranhos trazidos quando eu regressava das minhas viagens. A minha coleção de discos e o meu aparelho estereofônico. A minha biblioteca cheia de livros até o teto. A minha escrivaninha estilo Renascença. A minha cadeira, também Renascença, de lindo talhe, com o espaldar bem alto. Coisas sobre a escrivaninha: um inseto enclausurado numa pedra transparente, encontrado em Corfu. Deuses da felicidade esculpidos em marfim, provenientes de Cingapura. Sim, tantas, tantas coisas de que eu gostava imensamente outrora. Os grandes candelabros prateados. Nosso finíssimo aparelho de jantar fabricado na Inglaterra. Minha grande coleção de cachimbos, das marcas Dunhill e Savinelli. (Eu já não fumava cachimbos, mas cigarros.) O magnífico bar num armário embutido na parede. Os cavalinhos sicilianos colocados sobre a mesinha do telefone.

Até por essa sala onde estávamos tomando o café da manhã eu tinha outrora uma grande adoração. Agora já não gosto de mais nada. Exceto os elefantes e os cavalinhos sicilianos. São as únicas coisas às quais ainda tenho um certo apego. Mas, mesmo que os tivessem retirado dali, eu não teria ficado triste. O motivo da minha tristeza era bem diverso. E ninguém poderia tirar-me essa tristeza. Lamentavelmente.

O roupão de Karin estava aberto na frente. Ela possuía um lindo busto e não estava usando sutiã. Fazia catorze dias que eu havia regressado de Hong Kong, depois de uma ausência de dois meses. Certamente Karin, apesar de tudo, esperava algum carinho meu, algum presentinho ou, pelo menos, que eu lhe falasse sobre a viagem e sobre o meu trabalho em Hong Kong. Era muito natural. E teria sido também muito natural que eu lhe fizesse carinho, que lhe trouxesse algum presente ou lhe fizesse um relato bem amplo da viagem. Entretanto, não havia feito nada disso. A culpa não era dela: era exclusivamente minha. Eu simplesmente não podia fazer nada do que ela, com razão, esperava de mim. Eu me achava extremamente exausto e apático. De mês para mês meu estado ia piorando sensivelmente. Cansava-me até de falar. Sempre chegava a casa exausto e extenuado depois do desempenho das missões que me eram confiadas. O único culpado era eu. Refletia: tenho pena de Karin. Realmente tenho pena dela. E ela tem razão quando diz que sou um crápula, um covarde, um indivíduo sem força de vontade, um porco. Mas eu só podia fazer o que minhas forças permitissem. E essa possibilidade não ia muito além de realizar

ordenadamente os trabalhos inerentes aos meus encargos funcionais. E mesmo para conseguir isso, eu tinha que me valer de todas as minhas forças, do meu talento, da minha esperteza, da minha coragem e da minha inteligência. Quase nada sobrava para a pobre Karin quando eu regressava.

Eu havia pensado muitas vezes em nossa situação, tendo até resolvido explicar tudo a Karin. Entretanto, sempre fui adiando minha explicação e nunca lhe disse nada. Até para isso sempre me sentia excessivamente cansado. Não podia dizer-lhe o motivo do meu estado, pois, de forma alguma, queria inspirar compaixão. Nunca! Compaixão de ninguém. Muito menos de Karin.

Bruscamente passei a notar só o movimento dos lábios dela sem ouvir a sua voz. Precisamente nesse instante veio-me à mente a lembrança daquela noite em Hong Kong, quando, pela primeira vez, me aconteceu, de maneira tão assustadora, um caso idêntico. Foi muito depois da meia-noite no meu apartamento do Hong Kong Hilton.

— Ai!... Ai!... Ui!... Você me mata! Você vai liquidar comigo! Ai! Meta mais. Mais! Ligeiro! Já! Oh, que loucura de bom! Vou enlouquecer! Não resisto mais! *Acabe*! *Acabe*... *acabe*, queridinho... Estou sentindo que vbcê também quer *acabar*. Como está rijo, agora! Sim, sim, sim... Agora, agora, já!

A chinesinha, na minha cama, com sua voz de timbre agudo, movia freneticamente a cabeça de um lado para o outro no travesseiro, mexia todo o corpo e cravava as unhas nas minhas costas. Larguei todo o meu peso sobre a fogosa mulher. Fazia quatro meses que eu não tinha relações sexuais e por isso andava muito irritado, precisando urgentemente de mulher.

Naquela tarde eu havia estado num dos restaurantes flutuantes, em Aberdeen, um recanto da parte ilhada da cidade. Esses restaurantes têm muita semelhança com os antigos *showboats* americanos, os quais, nos portos, vão de um costado de navio a outro. O transporte até o restaurante flutuante fazia-se de barco, cujos remos eram empunhados só por mulheres. O restaurante que eu visitei denominava-se Sea Food. Era todo cercado por uma espécie de bacia na qual se movia um verdadeiro cardume de peixes. Qualquer freguês podia apontar ao garçom o peixe da sua preferência, o qual era tirado da água e preparado imediatamente. Eu também havia escolhido o meu peixe.

Enquanto eu o estava comendo, aproximou-se da minha mesa uma linda jovem e perguntou-me se podia me fazer companhia. Convidei-a para comer e depois para beber. Havia um montão de gente no Sea Food. Achava-se presente, também, um grande número de prostitutas bem jovens. A minha companheira de mesa disse-me que seu nome era Hanyuan, cuja tradução significa “Jardim Magnânimo”. Ela falava um inglês bem razoável, se bem que com forte sotaque estrangeiro. Tudo nela era gracioso. Tinha os cabelos pretos como alcatrão. Jardim Magnânimo fizera uma operação plástica nos olhos a fim de — como já haviam feito muitas outras moças dali — adquirir aquele aspecto peculiar às mulheres europeias.

Eu havia bebido muito no Sea Food.

A mulher de um rico comerciante alemão morrera em circunstâncias misteriosas. O comerciante havia efetuado um seguro de vida na nossa organização. Ele receberia dois milhões de marcos pela morte da esposa, mesmo no caso de suicídio. Todavia, não se tratava de suicídio, mas de assassinato. Tanto eu quanto a polícia dispúnhamos de ponderáveis argumentos que apoiavam a hipótese de assassinato. E não era só isso. Em Hong Kong estava

muito quente nesse dia. Fazia mais de um ano que eu quase não podia suportar o calor.

Entretanto, eis-me agora — algum tempinho depois de termos saído do Sea Food — completamente nu e todo banhado de suor, ao lado de Han-yuan.

Minha respiração ia se tornando gradativamente mais difícil e comecei a sentir uma dor importuna, embora não muito forte, uma espécie de puxão que me obrigava a es'ticar o pé esquerdo. No meu carro alugado eu havia trazido Hanyuan para o Hilton, que se achava localizado na ampla Queensway Central. Disse ao porteiro noturno, um japonês, que ela era minha secretária e que eu tinha uma correspondência urgente para ditar-lhe. Eu já o conhecia. Chamava-se Kimura e usava uns óculos com lentes bem grossas. Com o olho direito ele não enxergava praticamente nada. Só trabalhava nesse serviço noturno.

— Naturalmente, senhor — respondeu-me Kimura desmanchando-se em sorrisos. — O senhor trabalha excessivamente. Aqui todos comentam que o senhor, nesses últimos dias, tem trabalhado demais.

Não foi, como se vê, muito difícil introduzir Han-yuan no meu apartamento. Havíamos combinado o preço e eu lhe fizera o pagamento antecipado. E ela, que tão magnificamente soube representar na cama toda aquela encenação, bruscamente deixou de sentir-se louca de “tanto desejo erótico”. Não escondia a sua satisfação e demonstrava estar apressada. Correu logo para o banheiro e, debaixo do chuveiro, começou a cantar. Fiquei deitado, fumando. Sentia-me completamente vazio e desiludido. Isso sempre acontecia comigo depois de ter estado com alguma mulher.

Jardim Magnânimo saiu do banheiro. Ela se vestira com muita rapidez. Talvez tivesse ainda um outro freguês para a mesma noite. Fiquei até muito satisfeito com sua disposição de ir embora logo. Depois de ter aliviado a minha tensão e a minha excitação, eu mal podia olhar para ela e prestar atenção à sua conversa. Também fui para baixo do chuveiro e depois me vesti. Eu já estava acendendo o terceiro cigarro. Fumava muito. Às vezes até sessenta cigarros por dia.

— Você pode me acompanhar até lá embaixo, por favor?

— Vou descer com você.

— Oh, que doçura que você é! — exclamou Jardim Magnânimo.

— Eu amo você.

— Eu também a amo — respondi-lhe.

Como é baixa e imunda a palavra "amor", pensei comigo. Mas baixa e imunda por quê? Ela não é mais baixa nem mais imunda do que outras palavras. Pode ser, isto sim, uma palavra absurda e desprovida de sentido. Quantas vezes durante o dia não a pronuncia Han-yuan?

— Quando verei você de novo, meu querido?

— Eu terei que tomar o avião brevemente.

— Mas eu quero ver você de novo. Eu preciso. Estou sempre lá no Sea Food. Antes da sua partida você irá até lá para buscar-me, não é?

— Sim.

Seguramente, nunca mais iria buscá-la. Deixamos o apartamento, tomamos o elevador e descemos até o saguão do hotel. Kimura, com aquele seu eterno sorriso nos lábios, inclinou-se para nós. Na Queensway Central ainda estavam cintilando os letreiros a neon. Muitas pessoas e carros estavam transitando. A cidade parecia não dormir nunca.

— Será que posso tomar um táxi? — perguntou-me Plan-yuan. — Tenho que ir para casa com a máxima urgência. Minha mãe está doente, sabe?

Fiz sinal para um táxi que ia passando. Paguei ao motorista o dinheiro suficiente, recomendando-lhe que levasse a dama para onde ela indicasse.

Han-yuan levantou-se na ponta dos pés e me beijou.

— Não deixe de ir buscar-me novamente lá no Sea Food, sim? Você é maravilhoso! O mais maravilhoso dos homens. Você terá que ir buscar-me. Estou louca por você.

— Sim, sim — respondi-lhe.

— Quando irá buscar-me? Vá amanhã mesmo! Amanhã, sim?

— Amanhã, sim — confirmei enquanto a ajudava a sentar-se no assento traseiro do carro.

Não conseguiria suportar mais a tagarelice dela. Fechei a porta e o táxi arrancou. Han-yuan atirou-me, ainda, uns beijinhos com a mão.

Em seguida, comecei a sentir falta de ar. Minha respiração tornou-se pesada. Por isso, resolvi dar um pequeno passeio. A noite estava muito quente e o ar muito úmido. Desci pela Queensway Central, passando em frente das esplêndidas vitrines feericamente iluminadas das luxuosas e imponentes casas comerciais: joalherias, salões de moda, lojas de artefatos de pele, floristas. Depois, então, surgiu na minha frente a fachada de um grande banco. Como é de praxe em todos os bancos dessa cidade, nos degraus do portal de entrada encontravam-se, de pé, dois gigantescos *sikhs* dotados de uma força de urso, com os seus turbantes na cabeça. Em Ilong Kong esses hindus vigiam os bancos dia e noite. Eles sempre empunham uma enorme espingarda de dois canos, numa atitude ameaçadora que impõe respeito.

Entre os *sikhs*, num dos degraus da escadaria que vai até o portal do banco, estava deitado um chinês, com a roupa em frangalhos. Não pude ver se estava dormindo ou se estava morto. Os *sikhs*, segurando suas armas assustadoras, permaneciam impassíveis e não davam a mínima atenção ao pobre infeliz. Eles pareciam estar observando, com os olhos fixos, a cidade iluminada dentro da noite. Idavia muitas pessoas deitadas na calçada em Hong Kong. Muitas delas estavam famintas e se achavam tão fracas que não conseguiam se levantar. Ninguém se preocupava com elas. De tempos em tempos, não com muita frequência, uma ambulância levava embora toda aquela gente.

Curvei-me sobre o chinês. Ele roncava um pouco, quase imperceptivelmente, e respirava com dificuldade. Estava vivo, portanto. Ao levantar o meu corpo para retomar a posição ereta, comecei a sentir uma dor muito forte no lado esquerdo do peito. A dor foi se alastrando rapidamente pelo braço esquerdo, chegando a atingir as pontas dos dedos.

Compreendi logo que iria ter um novo ataque, pois, das outras vezes, havia sentido a mesma dor. Na verdade, não tão forte como agora. Alguma distensão muscular, pensei. Doença do coração não podia ser, pois o eletrocardio grama feito um ano antes pelo médico de confiança da companhia revelara que o meu coração estava completamente normal.

Talvez meu organismo não estivesse tolerando alguma comida ou talvez me sentisse indisposto por causa do calor. Além disso, eu fumava em demasia. Procurei voltar rapidamente para o Hilton. Caminhava tão depressa que dei até alguns encontrões nos transeuntes. A dor no pé esquerdo ia recrudescendo. Eu o sentia tão pesado quanto chumbo. Só conseguia avançar metro por metro na

Queensway Central, em direção ao hotel. A dor no lado esquerdo do peito também ia se tornando gradativamente mais violenta. Sentia falta de ar. Caminhava quase encostado nas paredes dos edifícios e nas vitrines, procurando sempre algum ponto de apoio, pois tinha medo de cair. O Hilton! O Hilton! Meu Deus, permiti-me chegar até o meu quarto! Eu tropeçava continuamente, mas tinha que fazer todo o esforço possível para me conservar de pé. Ar! Ar! Sentia uma enorme falta de ar. Só conseguia respirar com muita dificuldade, como que em estertores. Ninguém me observava. As luzes policrômicas dos letreiros a neon cintilavam ininterruptamente e, agora, pareciam mover-se com enorme rapidez. Também as pessoas pareciam estar andando com uma rapidez nunca vista. Só eu é que avançava a passos de tartaruga, cada vez com maior lentidão. Agora só podia caminhar arrastando o pé esquerdo. Pensei com meus botões: "Não é nada. Nada de grave. Você já sentiu esta mesma dor muitas vezes. Também, você fuma demais e bebe como um animal. Além do mais, aquela meretriz obrigou-o a fazer um penoso esforço. Idiota! Grande idiota! Devia tê-la despachado logo, e permanecido na cama".

A Queensway Central!

Faltava pouco, talvez menos de cem metros. Mas para mim pareciam cem quilômetros. Cambaleando, consegui entrar no salão do hotel. Kimura levou um tremendo susto e parou de sorrir.

— Que tem o senhor, Mr. Lucas?

— Nada. Apenas uma indisposição passageira. Mas estou bem.

— O senhor não está bem. Seus lábios estão completamente roxos. O senhor está doente. Vou chamar um médico...

— Não! — gritei. Nesse instante consegui gritar. — Nada de médico. Proíbo-lhe de fazer isso!

Eu não podia me valer de nenhum médico. Devia convencer-me de que não tinha nada... E se algo de anormal existisse em mim, ninguém deveria ficar sabendo... Se alguém soubesse da minha doença, era evidente que também a companhia, mais cedo ou mais tarde, viria a tomar conhecimento do meu estado de saúde... Então, que poderia acon tecer-me?

— Nada de médico, compreendeu bem? — bradei mais uma vez, quase vociferando.

— Certamente, *sir*. Se o senhor não quer nenhum médico... se o

senhor tem certeza de que está bem... Eu... eu... vou ajudá-lo a ir até o quarto.

Subiu comigo no elevador. Eu tinha que me encostar nele para não cair. Se pelo menos tivesse trazido no bolso o meu remédio! Levo-o habitualmente comigo. Infelizmente, dessa vez deixei-o no apartamento do hotel. Quando atingimos o décimo primeiro andar julguei que não podia mais respirar nem caminhar. O soalho do corredor parecia estar oscilando sob meus pés. Kimura começou a me arrastar, levando-me a reboque. Tenho uma boa estatura e pesava setenta e seis quilos. O pequeno chinês teve que fazer muita força. Finalmente conseguimos chegar à porta do meu apartamento, que ele abriu logo. Levou-me até o quarto. Caí na cama, que estava toda desarrumada, recendendo ainda o perfume barato de Han-yuan. Kimura, apavorado, permanecia de pé ao lado da cama, observando como eu puxava a gravata para desfazer o nó e como desabotoava desajeitadamente o colarinho da camisa.

— Mas um médico...

— Não! — berrei.

Ele se assustou com o meu berro. Procurei acalmar-me o quanto pude e fui logo dizendo:

— Desculpe-me! Pegue-me, por favor, aquela caixinha de papelão que está ali em cima.

Ele me passou a caixinha contendo comprimidos de Nitrosteron. Fazia um ano que eu, ém tais circunstâncias, tomava esse medicamento. Um vendedor de carros de Quebec, que eu conhecera numa festa e que se queixava de sintomas idênticos aos meus, foi quem me indicou esse medicamento, afirmando-me que tinha um efeito rápido e seguro. Desde então comecei a usá-lo também. Meus dedos tremiam fortemente enquanto eu abria a caixinha. Deixei cair na palma da mão dois comprimidos, que logo atirei para dentro da boca, e comecei a mastigar. Que gosto horrível!

— Agora o senhor pode ir — disse eu a Kimura. — Vou ficar bom imediatamente. Dentro de alguns minutos. Eu sei.

— E se não...

— O senhor pode ir!

— Sim, *sir*. Certamente, *sir*. Daqui a cinco minutos telefonarei para saber como o senhor está passando. Sempre faço isso em casos

semelhantes. É o meu dever.

— Saia imediatamente! — bradei-lhe, arquejando. — Desapareça daqui!

Com o semblante sério e demonstrando grande apreensão, ele se retirou depois de ter feito muitas inclinações e mesuras.

Logo em seguida veio aquilo que eu estava esperando durante todo esse tempo: a sensação de um grande aperto. Era como se meu peito estivesse submetido à pressão de um desses tornos empregados para fixar peças bem grandes. Um torno que apertava cada vez mais... mais... mais.

— Aaaai... Aaaai... Aaaai...

Meus gemidos pareciam os de um supliciado. E o torno não parava de apertar meu peito. O suor me escorria abundantemente pela testa. Rasguei a camisa. Meu corpo encurvou-se, completamente arcado como uma ponte, caindo para trás na cama. O suor parecia brotar da minha nuca, molhando os cabelos.

— Errr... Errr... Errr...

Destruição. Destruição total. Foi essa a primeira impressão que tive. Eu devia ser destruído, aniquilado para sempre... e agora mesmo, sem mais demora. O medo invadiu-me completamente. Um medo louco. Uma espécie de medo angustiante que não posso descrever. Medo que eu já conhecia tão bem e que há um ano vinha destruindo a minha existência. Medo que constantemente ameaçava ocasionar a minha morte. Entretanto nunca, nunca esse medo foi tão grande e pavoroso como nesse momento.

— Aaai...

Eu continuava gemendo e apertava fortemente o peito, do lado do coração, com as mãos... Coisa esquisita: minhas mãos geladas e mesmo assim banhadas de suor comprimiam a minha pele também gelada e banhada de suor. Depois a minha mão esquerda começou a arder como se estivesse em fogo. E assim continuou: eu estava sendo triturado, esmagado, sufocado, asfixiado, destruído... Sim, sim, destruído por algum anjo da Suprema Justiça por causa do mal que eu havia cometido na minha vida. Por causa do mal praticado por todos os homens do mundo. Que situação insuportável e apavorante! Eu tinha a impressão de que meus olhos estavam saltando das órbitas. Aquele infame torno continuava me apertando inexoravelmente. Minha cabeça caiu de lado. Deixai

que eu morra, meu Deus, deixai que eu morra!, exclamei. A morte é a única solução para meu caso. Que eu morra, meu Deus, que eu morra de uma vez!

Mas não morri. Repentinamente senti-me livre daquele medo. Desapareceu aquela impressão de destruição... e o próprio torno pareceu ter-se aberto, descomprimindo meu peito. Eu já podia respirar de novo... inicialmente só um pouquinho, depois mais... mais... até que finalmente minha respiração voltou ao normal. Escapei mais uma vez! Mais uma vez!

Tremendo, sentei-me na beira da cama. A fase aguda do ataque já havia passado. Sim, eu bem sabia que ela teria que passar, como havia passado das outras vezes. A única coisa que teria que fazer agora era simplesmente fumar um pouco menos. Maldito cigarro! A dor ia gradativamente sumindo do peito. Igualmente a dor no braço, na mão e no pé. Sentado na cama comecei a refletir, imaginando quantos indivíduos com profissão igual à minha não teriam passado por situação idêntica. É a assim denominada doença empresarial, e com acerto. Não foram só os cigarros que me deixaram nesse terrível estado. Foi também o *stress* provocado pelo trabalho excessivo. Além disso eu devia levar em conta as contrariedades decorrentes de uma vida desgraçada no meu lar. Nada adiantaria tirar algumas férias ou licença. Nenhum médico poderia ajudar. Tratava-se de um caso de natureza essencialmente vegetativa e estava convencido disso. Eu não tinha alternativa a não ser simplesmente modificar tudo. Mas como? Já me propusera tantas vezes fazer essa modificação e nunca conseguira mudar nada. E não conseguira porque começara a encarar tudo com a máxima indiferença. Fazia anos que não sentia prazer com coisa alguma e com ninguém. E certamente tampouco causava prazer a alguém.

O telefone ao lado da cama tocou.

— Aqui é o porteiro, Mr. Lucas. Como está passando o senhor?

— Muito bem! — respondi-lhe, já podendo respirar normalmente e falar com desembaraço. — Excelente!

— Realmente? Tem certeza?

— Com certeza! Bem que lhe disse, Mr. Kimura, que em poucos minutos ficaria bem.

— Alegro-me imensamente, *sir*. Eu estava muito apreensivo com o seu estado. Desejo-lhe uma boa noite!

— Obrigado! — respondi-lhe e coloquei o fone no gancho. Dois

minutos depois estava dormindo profundamente, sem sonhos nem pesadelos. A luz ficou acesa e nem tirei a roupa para dormir. Passei para o estado de inconsciência. Foi só lá pelas dez horas da manhã que acordei. As cortinas estavam fechadas. Notei que a lâmpada estava acesa e observei que minha roupa se achava amarrotada e a camisa rasgada. Ao meu lado estava a caixinha de Nitrosteron. Que remédio danado de bom! Sempre faz efeito e com rapidez. Peguei o fone e pedi a minha refeição matinal: somente dois bules de chá. Logo que coloquei o fone no gancho a primeira coisa que fiz foi acender um cigarro.

— Robert!

Assustei-me. Por um momento fiquei sem saber onde me encontrava, pois eu tinha voado para muito longe em pensamento. Oh, sim, naturalmente estou agora em Dusseldorf. É Karin que está aqui presente. Eu estava revivendo aqueles acontecimentos de Hong Kong. Talvez eu não tivesse estado a evocá-los por mais de dois segundos. Minha mulher contornou a mesa e sentou-se em meu joelho. Tenho a impressão de que ela nada notou. Começou a alisar minha cabeça e beijou minha face. Depois deu um suspiro.

— Sinto muito. Sinto muito pelo que eu disse. Você é um homem bom... E você tem amor por mim. E bem sei que você me ama, apesar de tudo. Sim, sim, você me ama.

O roupão dela estava completamente aberto e eu podia ver sua pele branca e seus lindos seios. Ela me apertava e, agora, me beijava na boca, esfregando os seios no meu peito. Eu permanecia sentado, com os braços pendentes, e o meu joelho começou a tremer em virtude do corpo de Karin, embora ela pesasse apenas sessenta e um quilos. Ela começou a falar com muita rapidez:

— Você não está bem. Tenho absoluta certeza de que sua saúde não está boa. Precisa procurar um médico sem falta. Você me promete? Por favor, Robert, você tem que me prometer isso!

— Prometo-lhe.

— E você tem que me prometer que vai ainda hoje.

— Ainda hoje.

Precisamente hoje era o dia em que eu devia me apresentar ao médico da companhia para o exame anual de rotina. O que será de mim se ele declarar que eu, de fato, estou doente? Naturalmente não em perigo de vida, mas mesmo assim doente. Tão doente que talvez não possa mais desempenhar minhas funções. Ou talvez tenha que parar de trabalhar durante um ano ou dois. E daí, então? Por mais indiferente que fosse a tudo neste mundo, era evidente que, para viver, eu precisaria de dinheiro. E onde iria eu conseguir dinheiro sem trabalhar? Onde? Até mesmo quando se recusa tudo e não se tem nenhum prazer na vida, não se pode dispensar o dinheiro necessário para a comida, para o

pagamento do aluguel e dos impostos.

Karin não percebia nada do que se passava pelo meu cérebro nesse momento. Ela não notava absolutamente nada e por isso continuava falando agitadainente.

— Muito bem! Obrigada, Robert! E perdoe-me pelas coisas que falei. O que disse não é o que penso de você. Mas você precisa me compreender. Sou ainda muito jovem para... para viver uma vida assim... Não pense que vou trair você! Nunca! Sou incapaz de fazer isso! Eu não suportaria na minha consciência um ato desses. Já houve alguns sujeitinhos atrevidos que procuraram me tentar, acredite. Mas como poderei me aproximar de um desses tipos — muito embora você permaneça fora de casa durante tanto tempo — se é só a você que eu amo? Ah, Robert, Robert, eu amo imensamente você! Somente você. E hei de amá-lo para sempre. Você acredita em mim?

— Acredito.

Ela parecia tornar-se cada vez mais pesada sobre meu joelho.

—: E você me perdoa? Foram palavras que me escaparam da boca impensadamente. Você me perdoa, não é verdade?

— Sim.

Meu pé esquerdo começou a doer novamente. Aquela dorzinha puxada, constante e inoportuna que eu bem conhecia. Mas era bem possível que ela se tornasse cada vez mais forte.

— Apesar de tudo, eu sempre fui para você uma boa esposa e isso você tem que admitir, Robert! Ou será que não estou dizendo a verdade?

— Está.

— Eu sempre tenho mantido a casa em ordem. Cuido da sua roupa íntima, dos seus ternos, dos telefonemas e de todas as obrigações e afazeres quando você não está em casa...

O que ela dizia nesse momento não estava em consonância com a realidade: ela tratava dos assuntos do meu interesse com muita displicência e nunca cuidava dos telefonemas a mim dirigidos. Fazia anos que eu próprio lavava toda a minha roupa. Ela se preocupava só com as coisas do seu interesse. Mas por que lhe retrucar? Que sentido teria a minha resposta? Uma outra coisa bem

diferente estava me preocupando no momento: o exame a ser feito pelo módico da companhia. Mentir. Se fosse preciso eu teria que mentir, não há dúvida. Dores? Ataques? Nunca tive nada disso na minha vida! Como foi que o senhor chegou a essa conclusão, doutor?!

— Eu não desperdiço dinheiro. Não sou dessas luxentas que andam sempre exigindo vestidos novos e jóias. Vivo só para você e sempre procuro defendê-lo contra os que falam mal de você. E não são poucos os que tentam fazer isso, você não me acredita?

— Acredito.

— Nunca deixo de pensar em você — continuou Karin, sempre falando apressadamente enquanto passava seus dedos através dos meus cabelos. — Você, para mim, é o melhor homem do mundo. O único que eu amo de verdade. Mas essa sua profissão está liquidando com você. Essa maldita companhia ainda vai levar você para o túmulo. Eu bem sei que você fica assim só porque a sua saúde não anda boa. Mas para tudo existe remédio. Se for a um médico ficaremos sabendo o que está acontecendo e então faremos um tratamento, não é verdade?

— Sim.

— Eles terão que lhe dar umas férias prolongadas. Então poderemos fazer uma viagem pelos mares do Oriente. Era exatamente isso que você, logo no início, queria fazer, levando-me em sua companhia. Iremos para qualquer lugar onde possamos viver um para o outro e você possa se restabelecer, recuperando suas forças. Faremos longas caminhadas e, quando você ficar bem restabelecido, com a saúde perfeita, então... passaremos novamente a dormir na mesma cama, não é?

— Sim.

— E tudo ficará como antes! — exclamou, um tanto eufórica, como que antegozando essa nova situação. — Tudo como antes! Você ainda se lembra direitinho como era antes?

Não se recorda como ficávamos loucos um pelo outro? Como fazíamos cada loucura! Mas eu... eu jamais quero forçar você... Sei que você mesmo me procurará, pois você continua me amando. Foi tão-somente por causa do seu péssimo estado de saúde que você deixou de me procurar, não é verdade?

— Sim.

— Não responda somente sim! Eu lhe imploro: diga, por favor, que você ainda me ama e que tudo o que houve entre nós se deve ao seu péssimo estado de saúde!

— Eu amo você ainda. Tudo o que houve entre nós se deve ao meu péssimo estado de saúde.

Aquela dor que causava uma certa tensão no meu pé esquerdo havia se tornado mais forte. Eu tinha a esquisita sensação de que o pé não mais pertencia ao meu corpo. Parecia que ele estava oco, vazio, tendo adquirido uma insensibilidade cadavérica. E isso me acontecia logo naquele dia, o do meu exame pelo médico da companhia! Olhei para a mesa e notei que meu cigarro havia caído do cinzeiro e feito um buraco na toalha com a sua brasa.

— Diga-me uma vez mais que você me ama, Robert, e que eu sou uma bobalhona!

— Você é uma bobalhona e eu amo você.

Ela me abraçou e comprimiu seu corpo contra o meu. Encostou sua cabeça no meu rosto, ficando com o queixo sobre meu ombro. Olhei para a janela: lá fora estava chovendo e soprava um vento forte.

Essa nova conversa se deu no dia 12 de maio de 1972, uma sexta-feira, mais ou menos às oito horas da manhã, na sala de refeições do nosso apartamento, no terceiro andar do edifício número 213, localizado na Parkstrasse, em Dusseldorf. Era um dia nublado e escuro. Fazia muito frio para a cpoca do ano em que estávamos. Minha dor no pé esquerdo desapareceu bruscamente. Tudo vai correr bem no médico, pensei comigo mesmo.

Ah, sim, no tocante à cena que Karin acabava de fazer ao conversar comigo, devo dizer que eu andava tão acostumado com isso que não ligava para mais nada. Sabia muito bem como ela procurava extravasar sua cólera impulsiva. Conhecia seus insultos e suas execrações. Conhecia perfeitamente a sua maneira de suplicar para terminarmos com as nossas rixas. Sabia que as nossas reconciliações eram falsas, como falsas eram as minhas promessas.

Já fazia três dias que estava chovendo em Dusseldorf.

Evidentemente eu nada disse sobre minha conversa com Karin a Gustav Brandenburg. Quando ele me perguntou o que estava acontecendo com Karin, sacudindo os ombros respondi-lhe simplesmente:

— Nada de importante. A mesma coisa de sempre.

— Caramba! — exclamou ele, que parecia ter-se tornado outro homem e tentava dar às suas palavras um tom paternal. — Essa mulher ainda vai matar você, Robert!

— Ah-ah-ah!

— Ah-ah-ah, nada! Estou sempre lhe dizendo isso. Quanto tempo faz que nos conhecemos? Dezenove anos, sabe? Dezenove anos, criatura! E fui seu padrinho de casamento. Você ainda se lembra? Faz dez anos. Você ainda se recorda daquele maldito dia de novembro? Eu me encontrava postado atrás de você, lá na sala do cartório, e quando aquele sujeito que desempenhava as funções de juiz fez a pergunta de praxe: "O senhor aceita, por sua livre e espontânea vontade, *et cœtera* e tal", eu disse a você bem alto, de modo que todo mundo pudesse ouvir: "Responda NÃo, Robert. Pelo amor de Deus, responda NÃO!" Disse ou não disse isso?

— Foi exatamente isso que você disse.

— Será que você não se lembra de que houve um grande escândalo por causa disso? Houve ou não houve?

— Agora pare com essa conversa! Houve, sem dúvida, um grande barulho, um grande escândalo.

— Só sei que você deixou de dizer "Não" e disse "Sim". Naquela ocasião fiquei conhecendo perfeitamente sua mulher. Muito linda. Boa para tomar conta de um lar. Não muito inteligente. Ela não compreende você. Nunca compreendeu você. Odeia a sua profissão. Sempre a odiou. Pequeno-burguesa. Como pode um homem estragar sua vida tão facilmente? Acho que você devia estar farto de mulher naquela ocasião. Não há outra explicação.

— E estava mesmo — respondi, julgando conveniente manter essa conversa para que ele conservasse o bom humor. Evidentemente eu não devia recusar a incumbência que ele acabava de me dar. Em todo caso, esse novo encargo me propiciaria a oportunidade de me afastar novamente de Karin e isso,

nessas circunstâncias, já significava algo para mim. Eu tinha que ficar grato até por me ser permitido viajar de novo, acreditem.

— Gustav, eu simplesmente sentia pela minha mulher uma irrefreável volúpia, uma forte sensualidade, puro erotismo.

— Ora bolas, mas não era isso que você me dizia quando tomava os seus pileques. Você sempre me afirmou que ela fazia uma terrível encenação cada vez que você procurava fazer com ela, na cama, uma daquelas suas sacanagens bem caprichadas.

— Era precisamente essa atitude dela, com a sua reação inicial, que contribuía para acender o fogo da minha volúpia. Depois ela mesma se tornava completamente bestial e tão fogosa que você nem pode imaginar. Será que você não pode compreender isso?

— Ora, você só queria trepar, trepar e trepar. Você é dez anos mais velho do que ela. Bem, você deveria ter compreendido que um rabo não pode agradar eternamente a um homem. Falando a pura verdade, nenhum homem pode ficar apegado para sempre a um rabo, por mais gostoso que ele seja. Que pensa você de mim? Por que nunca me casei? Quando sinto necessidade, pego o que me agrada e depois me descarto, mando embora, nada de compromisso.

— Claro. Para você, é o ideal.

— Que é que você quer dizer com isso? Escute bem, Robert: você ainda não está muito velho. Você tem que modificar sua vida. Há anos venho lhe dizendo que você tem que abandonar Karin. Noto que ela hoje esbravejou com você fazendo uma daquelas cenas costumeiras. Ora, não sacuda a cabeça desse modo! Não procure me enganar. Ela hoje soltou os cachorros contra você. Sua cara não nega. Conheço você melhor do que você mesmo!

"Sim, você me conhece realmente!", pensei com meus botões.

— Bem... Realmente hoje lá em casa tivemos uma daquelas nossas cenas. Foi apenas uma reação impulsiva de momento que nem chegou a degenerar em briga... Só isso... Você sabe como é, não é, Gustav? Você está me prestando um obséquio mandando-me agora a Cannes. Um grande obséquio, creia-me. Só assim tenho a oportunidade de sair novamente daqui. Fico sempre alegre quando tenho de me ausentar desta cidade.

Ele encarou-me desconfiado e com uma expressão de dúvida no

semblante.

— Mas isso não é nenhuma solução! — disse-me, fazendo saltar pipocas da boca enquanto falava. — Muito bem! Você vai, então, se encarregar desse caso. Fico muito satisfeito com isso, realmente. Entretanto, mais dia menos dia, você terá que regressar de Cannes. E que sucederá então? É claro que tudo vai recomeçar novamente.

— Não! — respondi-lhe, resoluto.

— Afinal, que é que você vai fazer? Vai separar-se de Karin?

— Sim. Vou separar-me de Karin.

Pensei comigo: "Sou capaz de fazer o diabo, se preciso for. Não há quem não tenha um baque, um grande transtorno na vida, mais cedo ou mais tarde. Uns, não podendo resistir ao impacto desse baque, morrem. Outros, entretanto, continuam a viver. E pode-se continuar vivendo se a gente souber curar o sulco profundo deixado pela desgraça. Neste mundo, certamente milhões de pessoas vivem assim. A maioria das pessoas, indiscutivelmente. Perderam todas as esperanças. Não sabem sequer o que significa a palavra 'esperança'. E nem querem saber. Vivem satisfeitas desse modo. Fico, também, muito satisfeito com a minha viagem a Cannes. Só assim o médico não poderá propalar os comentários sobre minha doença. Tenho que sair de casa, que já não é mais um lar para mim. Tenho que ir para bem longe da minha mulher, a qual, falando com sinceridade, já faz muito tempo que não é mais a minha mulher. Naturalmente essa minha fuga vem se dando de maneira diferente do que eu esperava. Mas está acontecendo e continuará a acontecer. Eu me conheço bem. Minhas funções eu sempre terei que desempenhar. Terei que manter a minha posição. Não posso deixar de ganhar dinheiro".

Eu ruminava todos esses pensamentos enquanto Gustav, apressado, ia me entregando documentos, papéis, passagem aérea e um catálogo com as palavras-chave para a codificação de telegramas. Ele não parava de falar enquanto me dava instruções, sem deixar de emitir sua opinião. Eu quase não prestava atenção às suas palavras. Já sabia como deveria proceder. Fazia dezenove anos que vinha me desincumbindo de encargos dessa natureza.

O médico de confiança da Global chamava-se Dr. Wilhelm Betz e tinha o seu consultório num dos novos edifícios dá Grafenberger Allee. Era um cidadão de, no máximo, quarenta anos de idade. Seus cabelos, brancos como a neve e duros como fios de arame, estavam bem penteados. Tinba a pele amorenada pelo efeito dos raios solares, pois exatamente nesse dia reiniciava suas atividades após um bom período de férias. Notava-se logo que o Dr. Betz desfrutava de ótima situação: médico de confiança de três pujantes companhias de seguros e, além disso, possuidor de uma boa clientela, composta na sua quase totalidade de gente rica.

O exame terminara. Encontrava-me, então, sentado na frente da sua mesinha preta de ébano, numa sala bem ampla, que parecia destinada a conferências especiais. Nessa sala havia uma grande quantidade de esculturas e máscaras trazidas da África. As máscaras pendiam das paredes caiadas e as esculturas, todas talhadas em ébano, estavam colocadas sobre móveis pretos.

Sobre o soalho via-se um monstro bem grande, de cerca de um metro e meio de altura. Representava o deus da fecundidade, tendo um falo de certamente meio metro de comprimento. Esse pênis era, contudo, superado por outro que — limitando-me a falar da coisa em si —, munido de testículos, se achava sobre a mesinha. O Dr. Wilhelm Betz não parava de esfregar e alisar continuamente esse membro viril feito de ébano. Parecia tratar-se de um hábito que ele adquirira. Não conseguia concentrar-se para um raciocínio profundo sem estar alisando aquele pênis.

Nesse momento, ele tinha diante de si as duas fitas do eletrocardiograma: a do ano anterior e a última, daquele dia. Durante o exame, na décima quinta dobrada do joelho, quase senti falta de ar, mas mesmo assim consegui fazer a prova. Até que me sentia muito bem. A essa hora, um pouco antes das doze, a chuva batia fortemente na vidraça. O tempo ia piorando cada vez mais.

Estando ainda no escritório da companhia, telefonei a Karin comunicando-lhe que eu deveria viajar urgentemente a Cannes e pedindo-lhe que me preparasse, como fazia habitualmente, as duas maletas e a mala grande com minhas roupas. Nada de roupas leves, pois em Cannes, como em Dusseldorf, fazia frio ainda. Disso me havia advertido a secretária de Gustav. Karin, de tanta raiva, nada respondeu ao telefone, tendo simplesmente colocado o fone no gancho. E dizer que eu lhe havia prometido tirar umas férias...

— Por favor!

Fui bruscamente arrancado dos meus pensamentos e devaneios. O Dr. Betz estava se dirigindo a mim. Fitava-me com o semblante sério. Com uma das mãos ajeitava seus modernos óculos de armação preta e com a outra continuava alisando aquele monstruoso pênis colocado sobre a mesinha. Perguntou-me:

— O senhor não tem sentido alguma dor bem forte?

— Dor? Dor bem forte? Eu?!

Minhas sobrancelhas se levantaram. Estava claro que ele havia encontrado algo. Eu não tinha outra alternativa senão fazer uma encenação bem grande, procurando despistar tudo. Continuei:

— Nunca senti nada. Por quê, doutor? Algo não está em ordem?

— Trata-se do diagnóstico feito através do exame de urina: açúcar, colesterina e outras coisas mais que não posso citar agora. Devo antes verificar o resultado do exame a ser fornecido pelo laboratório. E o seu eletro não me agrada. Absolutamente, não me agrada.

Ele não parava de esfregar o membro colocado sobre a mesinha.

— Como assim? O eletro tirado na última vez...

— ...era completamente normal.

— Ainda bem!

— Mas isso foi há um ano.

O Dr. Betz levantou-se e começou a caminhar na sala de um lado para o outro. Em frente ao deus da fecundidade, no lado oposto, encontrava-se também uma escultura da deusa da fecundidade com uma barriga rotunda, de forma quase esférica e grandes seios pendentes. O Dr. Betz, caminhando, passou no meio desses dois tesouros.

— Por favor, preste atenção, Sr. Lucas: o senhor já completou quarenta e oito anos, não é verdade?

— Sim, senhor.

— Essa é a idade mais perigosa.

E era logo a mim que ele vinha dizer isso!

— O senhor fuma demais, não é verdade?

— Um pouco demais.

— Quanto? Quarenta cigarros por dia? Cinquenta?

— Talvez uns sessenta.

— Pois então pare de fumar!

Veio postar-se na minha frente, falando bem na minha cara. Senti o cheiro de hortelã-pimenta, bem como o perfume de uma caríssima água-de-colônia.

— O senhor terá que deixar de fumar imediatamente. Não deve mais fumar nem mesmo de vez em quando. Sei que não é muito fácil fazer isso, mas eu o exijo do senhor. Caso contrário...

Nesse ponto interrompeu a frase com o visível intuito de dar maior efeito às suas palavras.

— Caso contrário, que acontecerá, doutor?

— ... o senhor dentro de um ano terá que tratar da sua pensão... Se tiver a felicidade de viver ainda um ano.

Levantei-me em sobressalto, chegando quase a dar um encontrão com ele.

— Que significa isso? Estará tão ruim assim o meu eletro que o senhor...

— Sente-se, por favor. Seu eletro está bem ruim. Não direi catastroficamente ruim, mas muito pior do que o de 1971.

Passou, então, a formular-me perguntas que eu, em sã consciência, deveria ter respondido afirmativamente. Ele era um bom médico. A Global, como é óbvio, não iria escolher qualquer imbecil para seu médico de confiança.

— O senhor já teve algum ataque?

— Ataque?!

— Quero dizer: ataque do coração. Ou, melhor explicando, algum acesso doloroso, com suores em abundância, respiração deficiente e uma forte sensação de angústia...

A essa altura começou novamente a esfregar e alisar o enorme pênis colocado em cima da mesinha.

— Ora, que pergunta me faz o senhor, doutor! Nunca senti nada disso. E é tão verdade o que lhe afirmo como é verdade que estou aqui sentado na sua frente. Nunca senti nada!

— Nunca realmente?

— Por que teria que lhe mentir?

— Trata-se apenas de uma pergunta.

— Escute-me, doutor: eu tenho um ótimo contrato. Na hipótese de eu requerer a minha aposentadoria, passarei a perceber quatro quintos dos meus proventos atuais. Isso significa que continuarei tendo ainda um bom ordenado. Por que devo, pois, mentir ao senhor?

Só me restava torcer para que ele não procurasse obter informações com relação ao meu ordenado: eu acabara de lhe pregar uma grande mentira! Se me aposentasse, passaria a perceber só um terço dos meus proventos. De mais a mais, devia tentar, por todos os meios possíveis, dissuadi-lo da ideia de fazer à Global qualquer comunicação referente ao meu exame.

— Bem... Se o senhor até agora não teve nenhum ataque estenocardíaco, tanto melhor...

— Como foi que o senhor disse?

— Estenocardíaco. Isso significa péssima irrigação sanguínea através do coração. Entretanto, se o senhor continuar fumando, mais cedo ou mais tarde vai · sofrer um ataque dessa espécie, posso garantir-lhe. — "E esses ataques são muito desagradáveis, creia-me, doutor", disse eu em pensamento.

— O senhor consegue andar sem dificuldades?

— Não estou compreendendo sua pergunta, doutor.

— O senhor não sente nada nos pés quando anda? Nenhuma dor?

— Absolutamente nada!

— Nem quando anda depressa?

— Nada. Nunca.

— Principalmente no pé esquerdo o senhor nada sente?

Com um dedo passou, agora, a bater maquinalmente na cabeça do pênis.

— Nada disso, que esperança, doutor!

Esbocei um sorriso. Nunca na minha vida me senti tão indisposto para sorrir. E ele continuava insistindo:

— Uma dor assim que parece ocasionada por uma certa distensão na perna esquerda, o senhor nunca teve?

Nesse instante, com o dedo, começou a tamborilar ritmadamente sobre a cabeça do pênis.

— Também não.

— O senhor nunca teve a sensação de que o seu pé esquerdo estivesse pesado? Pesado como chumbo?

— Isso eu lhe teria declarado imediatamente, doutor!

— Teria declarado mesmo?

Encarou-me fixamente durante um bom tempo, depois foi até a janela, de onde passou a observar a chuva que caía lá fora.

— Uma dor, uma espécie de distensão muscular, no lado esquerdo do peito, o senhor nunca sentiu?

— Nunca.

— Uma espécie de dor que começa no lado esquerdo do peito e vai se alastrando até o braço ou, às vezes, até a mão?

— Nunca senti isso na minha vida!

Oh, Hikon de Hong Kong! Oh, Han-yuan! Oh, Jardim Magnânimo!

— Diga com sinceridade, Sr. Lucas: o senhor nunca teve a sensação de ter envelhecido bruscamente?

Resmunguei.

— Envelhecido?! Nunca me senti com tanta disposição como ultimamente! Hoje à tarde vou tomar o avião para Cannes. Catorze dias atrás eu me encontrava em Hong Kong. Envelhecido ?! Ridículo!

— Não, nada há de ridículo na minha pergunta — respondeu-me, em voz baixa.

Inopinadamente notei que a vidraça da janela refletia meu vulto tal qual um espelho. Como estivesse muito escuro lá fora, com o céu nublado, achava-se acesa sobre a mesinha uma lâmpada que projetava sua luz sobre mim. Desse modo, o Dr. Betz podia ficar observando perfeitamente meu semblante mesmo estando com as costas voltadas para mim.

— O senhor se encontra num estado de fraqueza?

Isso se podia notar facilmente, mas respondi:

— Não.

— Sente tonturas?

— Não.

Oh, meu Deus, ele não parava de citar, um por um, todos os sintomas da minha doença!

— Dores de cabeça?

— Nunca tive na minha vida.

— Esgotamento? Estafa? Incapacidade para o trabalho?

— Pergunte ao meu chefe! Nunca trabalhei tanto e com tanta disposição como nestes últimos tempos.

— Bem. O senhor é muito sensível ao calor?

— Nunca fui.

Eu ia ficando cada vez mais indisposto, mas não parei de sorrir, pois ele me observava através da vidraça.

— O senhor tem dificuldade em se concentrar?

— Nem a mínima dificuldade.

Virou-se para mim. Deu alguns passos entre as esculturas. Endireitou uma das máscaras que estava mal pendurada na parede. Depois veio sentar-se novamente à sua mesinha.

— Parece que está tudo bem, Sr. Lucas. Talvez o senhor esteja me dizendo a verdade...

— Com a sua licença, então...

— Não. Não se apresse ainda. — Encarou-me sério, fazendo mesmo uma certa carranca. — Mas também pode ser que o senhor esteja mentindo. Não sei. Não posso ler seus pensamentos. Só tenho que me basear neste eletro. O senhor vai viajar para Cannes!

— Tenho que ir a Cannes!

— Ninguém, levando-se em conta determinadas circunstâncias, é obrigado a ter que fazer algo.

— Trata-se de um caso urgente.

— Tudo deixará de ser urgente quando o senhor estiver morto.

— Doutor, peço-lhe, não fale assim! Sei que estou com boa saúde. Sinto uma disposição para o trabalho como nunca tive na vida. Tenho até a impressão de estar mais remoçado. Absolutamente, não sei o que é estafa.

Que mentiras deslavadas! Por que motivo só lhe disse mentiras? Por que não me dei por vencido ante o seu insistente interrogatório, confessando-lhe a verdade? Simplesmente porque, em tal hipótese, eu perderia meu emprego e seria forçado a tratar da minha aposentadoria. E, como aposentado, teria que viver com um ordenado insignificante. E, além disso, teria que ficar ao lado de Karin. Sempre ao lado de Karin.

— Então está bem. Não prosseguiremos. Tome seu avião para Cannes. Pare imediatamente com os cigarros senão o senhor estará em constante perigo de vida e passará a sentir todos esses sintomas que, conforme o senhor mesmo afirma, não sentiu até agora. Seria até melhor que o senhor tivesse logo todos esses incômodos.

— Por quê, doutor?

— Porque o senhor procuraria cuidar melhor da sua saúde, decidindo-se a acabar de vez com o vício dos cigarros. Mas já que o senhor quer viajar, seja feita a sua vontade. Se lá em Cannes, por qualquer circunstância... mudança de clima, esgotamento, etc.... o senhor perceber um desses sintomas ou até mesmo for acometido de um ataque, deverá regressar imediatamente. Com a máxima urgência.

— Isso eu lhe prometo, doutor — respondí, mas pensando com os meus botões: "Uma merda que eu vou fazer isso!"

— A mim o senhor nada tem que prometer. Sou obrigado a informar à companhia os resultados deste exame. Não sei se ela vai permitir que o senhor continue em Cannes.

Era o pior que poderia me acontecer!

— Geralmente uma companhia desse porte leva em conta as minhas recomendações exclusivamente quando dizem respeito a elementos que integram sua alta administração ou a funcionários categorizados cuja substituição rápida se torna difícil.

Para mim estas últimas palavras soaram melhor.

— O senhor, pelo que declarou, não faz parte da alta administração da empresa. E creio, também, que, em caso de necessidade, não será difícil fazer sua substituição, não é verdade?

— Claro. Minha substituição pode ser feita imediatamente. Em caso de necessidade, não há homem que não possa ser substituído. Mas permita que eu lhe pergunte: que é que o meu eletro revela, doutor? Que acha o senhor que eu deveria ter sentido no pé e no coração?

— Já lhe explique! claramente: distúrbio circulatório causado por irrigação sanguínea deficiente. *Claudicatio intermitens* é como se designa essa doença. *Claudicare* significa coxear ou mancar.

— Nada se pode fazer contra essa doença?

— Bem, antes de mais nada, o senhor terá que deixar de fumar. Será imprescindível, também, uma medicação adequada.

— Que medicação?

— Visto que o senhor afirma não ter sentido nenhum dos sintomas que mencionei, nada tenho a fazer senão prescrever-lhe uma medicação exclusivamente de caráter profilático.

Em seguida, pegou o bloco de receitas, rabiscou o nome do medicamento e carimbou devidamente o papel. Prescreveu-me Nitrosteron! Vejam só: Nitrosteron, que há mais de um ano eu vinha usando cada vez que era acometido de um acesso de fortes dores no peito e no braço! A situação estava até se tornando cômica. Estupidamente cômica.

— Se o senhor for acometido de algum ataque, deverá tomar um ou dois comprimidos, mastigando-os. Além desses comprimidos vou prescrever-lhe mais um remédio. Como já lhe disse, não sei se o senhor falou a verdade ou não. O exame diz respeito à sua vida e não à minha.

— Escute-me, doutor: o senhor não pode continuar dizendo que lhe menti e que...

Levantou-se abruptamente sem esperar que eu concluísse a frase.

— Desculpe-me. Tenho um importante encontro marcado para as doze horas. Boa viagem!

A mão que ele me estendeu para a despedida estava fria e seca e parecia desprovida de força até mesmo para um aperto de mão. Era só com a outra mão que ele alisava o gigantesco pênis. Não deixava de ser um tipo bem esquisito esse Dr. Betz. Mas este mundo, para ser mundo, deve ter toda espécie de gente.

— Mas não pode ter ficado tão caro assim em tão pouco tempo! Esse já é o terceiro aumento este ano. Quando houve a primeira alta o frasco custava ainda cinco marcos e noventa centavos. E agora já está custando sete marcos e setenta e cinco centavos! Como é que pode acontecer uma coisa dessas, Srta. Nanita?

A velha corcunda, com um casaco cinza, tinha o semblante triste, cabelos grisalhos e as mãos totalmente cobertas de sardas. Calçava uns sapatos muito velhos. Sua cabeça tremia ininterruptamente. Tinha um acesso de tosse intermitente. Uma tosse horrível. Essa velha era a única freguesa que se encontrava na farmácia quando entrei. Atrás do balcão, atendendo-a, estava uma linda moça vestida com um avental branco de farmacêutica. Era a farmácia onde habitualmente eu fazia minhas compras por achar-se próxima à minha residência. Em cima do balcão de vidro via-se um frasco de remédio. A velha pareceu não ter notado minha presença. Segurava um guarda-chuva fechado, do qual pingavam gotas de chuva no piso de cerâmica.

— Sinto muito, Sra. Prawos — respondeu a linda jovem que se chamava Nanita. — Realmente tenho pena da senhora. Mas os medicamentos, como todas as coisas, também subiram de preço.

— Eu sempre tenho que tomar algum xarope contra a tosse, Srta. Nanita. A senhorita me conhece há anos e bem sabe disso. O preço é muito alto. Acho que o médico não deveria me receitar um remédio tão caro assim. Mas é o único tipo de xarope que me faz efeito!

Só nesse instante a velha notou a minha presença.

— Desculpe-me, meu senhor!...

E começou a tossir assustadoramente.

— Já passou o acesso de tosse. Está tudo bem agora! — disse eu sorrindo para a velha e para Nanita.

A moça correspondeu ao meu sorriso. Nós já nos conhecíamos há muito tempo. A velha continuou falando com amargura:

— Ainda se fosse só o xarope! Mas tudo está ficando cada vez mais caro, subindo de preço dia a dia: o leite, a manteiga, o pão, a carne, os selos do correio, o transporte do lixo, seja lá o que for que o senhor disser. Ah, meu

Deus, e o apartamentozinho de sala e quarto conjugados lá na Luisenhohe!

— O quê? — perguntei.

— Luisenhohe... Mas eu não estou atrapalhando o senhor com esta minha conversa?

— Não, senhora. Absolutamente! Mas que significa Luisenhohe?

A velha, à medida que falava, ia se tornando cada vez mais agitada. Suas faces tremiam incessantemente. Falar sobre esse apartamentozinho ou saleta e quarto conjugados, a grande aspiração da sua vida que tanto a afligia, deixava-a realmente emocionada.

— Luisenhohe é uma antiga mansão particular. Maravilhosa. Fica num parque. Lugar tão calmo! Eu sempre quis ir morar lá. Faz anos que é o meu sonho. Possuir um quarto lá. Ah, que maravilha!

Nessa altura da conversa comecei a pensar que Brandenburg, depois de receber as informações do médico sobre meu estado de saúde, talvez mandasse me chamar de volta para despachar-me. Se ele realmente fizer isso e se eu, doente como estou, tiver que continuar vivendo junto com Karin, que vai ser de mim? Será que poderei suportar uma situação dessas?

— Eu só queria ter um desses apartamentozinhos e nada mais, entende? Mas entre as criaturas só existe maldade e mais maldade. Veja o senhor, meu marido (Que Deus o tenha no seu Reino de Glória!) trabalhava nos Correios. Agora eu vivo de rendas. Faz doze anos que o meu pobre Otto morreu. Ele só economizava e economizava e depois eu herdei tudo, sabe? Onze mil e seiscentos marcos foi a quantia que ele deixou. Botei esse dinheiro no banco. Eu pensei que se não fizesse assim o dinheiro ia sumir mais ligeiro do que manteiga no focinho de cachorro faminto. Gasta daqui, gasta dali, quando a gente se dá conta já está sem nada. Pelo menos assim o dinheiro está seguro e eu tenho alguma esperança de comprar um apartamentozinho de sala e quarto conjugados lá na Luisenhohe.

— Sra. Prawos — interrompeu Nanita —, não é preciso a senhora ficar repetindo isso, batendo sempre na mesma tecla!

— Eu tenho que falar, ora! — retrucou a velha alteando a voz. — Foi o senhor aqui que me perguntou. Ou não lhe interessa o que estou contando?

— Claro que me interessa! — respondí e fiz um sinal para Nanita

indicando que não estava com pressa. A velha continuou tagarelando:

— Então, veja o senhor, eu queria comprar um apartamentozinho para mim. Era o meu mais firme desejo. Um quarto meu para morar até o fim da minha vida. E eu tinha que pagar com o meu dinheirinho depois de fazer alguma reserva. Então tinha que economizar a renda para me sobrar dinheiro para o meu sustento e para o meu tratamento. Cheguei mesmo a deixar uma parte dos juros todos os meses lá no banco para aumentar o meu capitalzinho. E o senhor sabe o que aconteceu?

— O quê?

— Eles me pagam de juros a miséria de três e meio por cento. Mas eles emprestam dinheiro para os outros só a oito por cento ou mais. Como pode haver homens tão desgraçados e ordinários assim? Como é que para nós, os miúdos, eles pagam só três e meio por cento, mas emprestam o dinheiro aos outros a oito por cento, ficando cada vez mais ricos a ponto de mandarem construir para eles palácios de mármore?

— É lamentável que isso aconteça! — respondí, e passei a refletir sobre o que pretendia Brandenburg insinuar-me quando me perguntou: "Se a Global, nesta conjuntura, assumisse vultosas obrigações em libras, quanto não iria ela abocanhar liquidando posteriormente tais compromissos com essa moeda desvalorizada?" Depois dessa elucubração retomei o fio da minha conversa com a Sra. Prawos:

— Quem precisa de dinheiro com urgência paga de bom grado oito por cento de juros.

— É verdade. Mas a gente tem que ver que qualquer sujeito só recebe um empréstimo se ele dá garantias. Eu não tenho nenhuma garantia do banco. Há sete anos eu quase consegui! — Soltou um profundo suspiro, pondo a mão na testa.

— A senhora conseguiu o quê?

— A compra do apartamentozinho na Luisenhohe. Naquela época eles queriam doze mil marcos por um deles. Com muito sacrifício, apertando bem o cinto, eu podia ter conseguido esse dinheiro. Mas aí então, quando fui lá, eles disseram que no momento não havia nenhum quarto livre para vender e que eu tinha que esperar um pouco. Esperei um ano. Mas depois de um ano eles já queriam catorze mil marcos! E eu sempre continuando com os meus tristes três e meio por cento! Por causa da subida de preços das coisas tenho que deixar cada

vez menos dinheiro dos juros na minha conta. E a cada ano que passa tudo vai ficando pior. Sabe o senhor quanto eles estão pedindo por um quarto lá na mansão Luisenhohe hoje em dia? Dezoito mil marcos! No ano que vem, sem dúvida, eles vão pedir vinte mil. Oh, não, nunca na minha vida vou conseguir o meu cantinho!!

— Mas a senhora pode adquirir o seu apartamentozinho num conjunto habitacional. Por exemplo, pode comprar um quarto através do Serviço do Bem-Estar dos Proletários ou de alguma instituição missionária. Creio que a senhora, dessa maneira, poderia contar com o auxílio das organizações sociais.

— Mas eu não quero apartamentos desse tipo. Como já lhe disse, meu falecido marido trabalhava nos Correios e tínhamos uma linda residência. Por isso, agora, eu quero ter um quarto bem bonitinho. Será que estou querendo muito, meu senhor? Por que não posso ter um quarto do meu gosto? Por que será que os apartamentos estão ficando cada vez mais caros na mansão Luisenhohe? Por que será que me pagam só três e meio por cento? Quem é que faz a coisa ficar desse jeito?

— É difícil responder à sua pergunta — disse eu à Sra. Prawos e refleti que, se ela tivesse em depósito no banco algumas centenas de milhares de marcos, poderia, com toda a certeza, conseguir seis ou sete por cento de juros. — Hoje em dia está assim em todo o mundo. Em qualquer lugar os bancos operam da mesma forma. E as coisas aumentam de preço em toda parte.

— É verdade. Isso mesmo disse um estudante que mora num quarto alugado ao lado do meu. E o senhor sabe o que mais ele disse?

— O quê?

— Ele disse que os ricos vão ficando cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres. Mas o pessoal pediu o quarto que ele ocupa e ele tem que ir embora.

— Por quê? — interrogou Nanita.

— Porque ele disse essas coisas. Essas e outras mais. O pessoal que lhe tinha alugado o quarto disse que ele era comunista. Ele lia muitos livros e depois explicava para a gente o que estava escrito. Um dia, por exemplo, ele leu um livro sobre a infelicidade e deu todas as explicações.

— Que foi que ele explicou a respeito da infelicidade?

— perguntei.

Sentia-me extenuado depois do exame do Dr. Betz. Só queria que meu avião levantasse voo dentro de duas horas e meia levando-me para longe dessa cidade, transportando-me para qualquer lugar distante onde pudesse ficar só. Fazia muito tempo que eu só sentia prazer no isolamento. Mesmo quando ficava doente, não permitia de forma alguma que Karin ficasse perto de mim.

A velha prosseguiu:

— O estudante disse: "A infelicidade não vem como a chuva, mas é provocada por aqueles que tiram algum proveito dela".

— Brecht! — exclamou a linda jovem Nanita. — Foi Brecht quem escreveu isso.

— Sim. O que a senhorita diz está certo. Foi esse nome que o estudante falou. Esse tal de Brecht é comunista?

— Ele já morreu — respondeu Nanita.

— Então ele era comunista?

— Sim.

— Ah, então eu também não devo falar mais com esse estudante! — exclamou a velha com tristeza e desandou a tossir. Depois de, com muito esforço, ter expelido o catarro do peito, continuou:

— Era um rapaz tão distinto! Ele não era um desses cabeludos, sabe? Só usava cabelos curtos. Andava sempre limpo e era muito amável e delicado. Ia com frequência fazer as compras para mim e me ajudava na limpeza do meu quarto. No inverno era sempre ele que ia me buscar o carvão lá embaixo, no subsolo do edifício. Eu moro num edifício muito velho, que não tem aquecimento central. O carvão também subiu neste último inverno. Mas se o estudante fala essas coisas como um comunista eu não devo mais conversar com ele. Muita gente já me tinha avisado, mas nunca acreditei que ele fosse comunista. Agora tenho que acreditar. E os comunistas são, para nós, o maior perigo!

— Por quê? — perguntei-lhe.

— Eles não reconhecem nenhuma propriedade privada.

— Neste ponto a velha falava tossindo quase que ininterruptamente. — Para eles todas as pessoas são iguais. É um absurdo. E eles tiram as casas e os terrenos dos proprietários.

Bem, tenho que pagar sete marcos e setenta e cinco centavos, não é?

A velha tirou da bolsa a única nota que lá se achava, colocando-a sobre o balcão de vidro. Nanita embrulhou o frasco de xarope, entregando-o a velha.

— Ainda hoje de tarde vou receber uma comunicação dizendo-me se há algum quarto à venda na Luisenhohe. Deve existir agora um apartamentozinho, naturalmente muito pequeno, que talvez eu possa comprar.

— Faço votos para que a senhora o consiga! — disse Nanita.

— Obrigada. Mas eles já me disseram tantas vezes que havia um apartamentozinho à venda e quando eu vou lá não existe mais nada. Não, não, nunca mais vou realizar esse meu sonho, tenho certeza!

Pensei comigo: essa pobre velha, com o seu grande sonho de possuir um pequeno apartamento*, uma simples sala, pelo que disse, assusta-se ante a ideia da expropriação de bens. A libra esterlina será liberada amanhã e deverá sofrer, em consequência disso, uma desvalorização de cerca de oito por cento. Gustav Brandenburg suspeita que Herbert Hellmann tenha se suicidado. Por causa disso tenho que tomar o avião para Cannes. Devo ir a Cannes a fim de constatar se Gustav está certo nas suas conjeturas. Será que Herbert Hellmann não poderia explicar à velha Prawos de onde surge a infelicidade e quem a provoca?

Não parava de chover nesse dia.

Eu me achava sentado, juntamente com Karin, no restaurante do aeroporto. Estávamos tomando chá enquanto aguardávamos que fizessem a chamada dos passageiros. Mas essa chamada havia sido adiada diversas vezes sucessivamente por períodos de um quarto de hora. Os pilotos alegavam estar aguardando instruções de serviço. Exigiam aumento de salário e por causa dessa greve promovida por eles muitos aparelhos estavam em atraso. O restaurante, bem como todas as dependências do aeroporto, achava-se superlotado. Viam-se ali pessoas nervosas, homens e mulheres irritados e um grande número de crianças chorando.

À nossa mesa estava sentado, também, um casal americano. Eles não tinham pedido nada ao garçom, estavam apenas examinando uma grande quantidade de fotografias que o homem trazia numa pasta de couro. A mulher usava uns óculos de lentes espessas. Olhavam as fotografias e conversavam entre si. Eu e Karin estávamos sentados do lado da janela, numa posição que me permitia ver, através da vidraça, a chuva torrencial que caía lá fora, a pista de aterrissagem tio aeroporto, os aviões de passageiros e os aparelhos de transporte de cargas. Lá fora, tudo parecia estar envolto num véu vaporoso e a água da chuva ia penetrando no restaurante transportada pelas roupas e sapatos molhados. Muita gente tossia e espirrava.

Uma voz feminina, no alto-falante, passou a anunciar: "A KLM comunica que a partida do seu voo 451, com destino a Londres, será adiada mais uma vez por cerca de meia hora". A informação foi repetida em inglês.

— *Now look at me here, at the Hofbrauhaus* — disse o americano, mostrando uma foto à mulher.

— *It's just cute* — respondeu ela.

Karin viera comigo ao aeroporto a fim de levar de volta o nosso carro. De tão furiosa, ela ainda não havia pronunciado uma palavra.

Quando cheguei a casa minhas malas já estavam prontas. Ela não fez nenhuma daquelas suas cenas costumeiras. Não havíamos trocado nem mesmo cinco palavras um com o outro. E já fazia mais de uma hora que estávamos ali sentados aguardando a chamada dos passageiros do meu avião. Uma vez ou outra aterrissava ou decolava um aparelho. Muitos carros traziam

passageiros ao aeroporto ou levavam os que desembarcavam.

Novamente soa a voz feminina no alto-falante: “Atenção! Atenção! A Lufthansa comunica que a partida do voo 567, com destino a Nice e escala em Paris, será adiada por tnais um quarto de hora”.

Logo depois que essa comunicação foi feita, Karin, inopinadamente, começou a falar:

— Que tudo corra bem para você em Cannes!

— Obrigado.

Ambos, sem nos fitarmos enquanto falávamos, ficávamos olhando para fora, observando a chuva que caía.

— O mais importante, agora, é que tudo corra bem para você, não é verdade?

Não lhe dei resposta.

— *This is Sue and me at Oberammergau.*

— *Now isn’t this just cute!*

— Que tudo corra bem para você e para a porcaria da sua empresa. — Nesse momento Karin falava devagar mas em voz alta. — Todas as companhias de seguros são enganadoras. E você ajuda a sua a lograr os clientes. Desejo-lhe bom divertimento!

— Obrigado.

— Francamente, não acredito que o médico tenha dito que você está em perfeito estado de saúde.

— Então pergunte a ele, ora!

— Você bem sabe que a mim ele não prestará nenhuma informação.

Novamente fiquei sem dar-lhe resposta.

— *Here we are in the Prater. This is the Riesenrad.*

— *Now isn’t it just cute!*

A voz no alto-falante solicitava a um certo Mr. Hopkins, com passagem na Trans World Airlines para Nova York, que se dirigisse ao guichê da companhia.

— Já estou cheia disso aqui! — exclamou minha mulher, com visível manifestação de impaciência. — Não vou esperar mais. O que pode significar para você minha presença aqui?

Continuei calado.

— Entregue-me os documentos do carro e a chave.

Entreguei-lhe tudo.

— Telefonarei logo que chegar ao meu destino — disse-lhe eu, com a impressão de ter ficado um tanto acanhado.

— Está bem!

Karin levantou-se. Eu também me levantei e ajudei-a a vestir a capa de chuva.

— Passe bem! — disse Karin.

— Você também.

Ela saiu do restaurante sem me fitar. Fiquei observando-a até que ela desaparecesse. Depois sentei-me novamente e continuei a olhar a chuva que caía lá fora.

"Atenção! Atenção! A Pan American Airways comunica que a partida do seu voo 875, com destino a Roma e escala em Munique, terá um atraso de cerca de meia hora", anunciou a voz feminina no alto-falante, repetindo, como era de praxe, a mesma comunicação em inglês.

Tenho quarenta e oito anos de idade.

Daqui a dois anos completarei cinquenta. Talvez eu morra no decurso desses dois anos. Talvez possa viver mais tempo. Estou doente e sei que estou doente. Talvez esteja muito doente. Talvez nem tanto. Essa circunstância nada importa. Sempre tenho trabalhado muito durante toda a minha vida. Tenho ganho bastante, é verdade. Possuo um lindo apartamento com coisas bonitas. Mas acontece que estou morando nesse apartamento com uma mulher que não amo. Outrora eu a amei. Não, nunca a amei! Tratava-se simplesmente de uma impulsiva manifestação de voluptuoso desejo erótico. E, na fase em que durou essa minha volúpia, me sentia feliz. Uma felicidade que não durou nem três anos. De outra maneira, isto é, fora desses desejos impulsivos, nunca tive felicidade na minha vida. Ou será que tive? Ah, sim, quando criança. Tive uma infância feliz, com muitos amiguinhos e companheiros de brinquedo. O que mais me agradava era um cachorrinho que possuí. Esse animalzinho certo dia foi atropelado por um caminhão de carga. Não morreu na hora, mas ficou muito machucado. A gente notava que ele iria morrer. As outras crianças, na rua, ficaram em torno de mim e do meu cachorrinho ferido. Elas permaneciam quietas, em profundo silêncio. Apanhei de um monte de materiais de construção um pesado paralelepípedo, abaixei-me junto do animalzinho, alisei pela última vez a cabeça dele e ele lambeu a minha mão. Depois levantei o paralelepípedo e com toda a força fiz saltar os miolos do pobre bicho.

Eu não queria que ele ficasse sofrendo por muito tempo. Entretanto, os outros meninos gritaram comigo, espancaram-me e, depois, fugiram correndo. A partir de então nenhum deles quis mais brincar comigo. Meus pais, por castigo, me prenderam no meu quarto durante uma semana. Eles não permitiram que o cachorrinho fosse enterrado no nosso jardim. O caminhão da limpeza urbana levou embora o pequeno cadáver. Eu gostava muito do animal: foi por isso mesmo que o matei. Ninguém, na verdade, pôde compreender o meu sentimento íntimo nem a razão dessa minha atitude. Durante muito tempo ainda rezei pelo meu cachorrinho, para que ele se sentisse sempre feliz onde quer que estivesse. Depois disso nunca mais rezei na minha vida. Ou, melhor, só rezava nas ocasiões dos meus ataques, embora não se pudesse chamar de reza, no seu exato sentido, as súplicas que eu então fazia. Nunca mais possuí um outro cão. Amigos, sim, tive muitos ainda: durante a guerra, após a guerra. Depois que me casei eles foram, aos poucos, se distanciando de mim. Minha mulher não lhes agradava e eles não agradavam a ela. No princípio, eu sempre me dobrava à vontade de Karin e fazia tudo como ela queria, pois era

louco pelo corpo dela e não procurava outra coisa senão dormir com ela. Posteriormente deixei de me dobrar à sua vontade e passei a fazer só o que eu queria.

Mas quando modifiquei minha atitude, todos os meus amigos já haviam desaparecido. No desempenho das incumbências peculiares à minha profissão viajei por quase todo o mundo. Por estranho que pareça, em Cannes eu não havia estado ainda. Justifica-se: eu só ia para onde me mandavam e desincumbia-me das minhas obrigações tão bem quanto possível.

Como sempre acontece na vida, tive, com o meu trabalho, sucessos e fracassos. Mas essas viagens me propiciaram o prazer de dormir com muitas mulheres. Talvez não tantas, mas seguramente umas quarenta. Quarenta, no máximo. As prostitutas, com relação a mim, se revelaram sempre gentis. Nunca cheguei a amar qualquer uma dessas mulheres e creio nunca ter sido amado por alguma delas. Tenho absoluta certeza disso. Apesar dos meus quarenta e oito anos, devo confessar que até agora nunca senti realmente o amor em toda a sua plenitude. E é inconcebível que eu, a essa altura da vida, venha a senti-lo ainda. Sempre fiquei satisfeito com as meretrizes que me atenderam. A gente serve-se delas e depois fica completamente livre de qualquer compromisso. Tenho que fazer, pois, todo o possível para permanecer com saúde e poder trabalhar: é a única maneira que tenho de continuar vivendo sozinho, livre, fora de casa.

Com Karin nunca tive um filho, graças a Deus! Que faria eu com um filho, nessas circunstâncias, com todos esses transtornos em minha vida conjugal? Provavelmente a maioria dos casamentos são semelhantes ao meu. As pessoas habitualmente não comentam nada a respeito dos seus matrimônios. Eu e Karin nada comentamos tampouco. Todavia é indubitável que deve haver casamentos felizes. Que coisa bela e comovente é o verdadeiro amor recíproco! Nada posso dizer a esse respeito porque não faço a mínima ideia de como seria a vida num ambiente bafejado pelo verdadeiro amor. Na verdade, eu próprio nunca consegui amar. Que eu possa viver mais uns quinze anos com saúde a fim de conhecer outras regiões deste mundo. E que eu fique sempre sozinho nos hotéis, nos bares, nos aviões ou nos carros-dormitórios. Depois, então, que eu morra logo, com um passamento rápido e sem sofrimentos. Seria até melhor que um desses meus ataques me levasse de uma vez. Ninguém choraria a minha morte. Nem mesmo Karin. Por que deveria ela chorar? Km hipótese alguma devo ficar doente, dando incômodo aos outros. Nem mesmo a Karin. Ser entregue, doente, aos iniciados de Karin é o pior dos pensamentos que eu poderio ter.

Meus pais morreram de doença do coração. Ambos tiveram que sofrer durante muito tempo. Mas eu, de forma alguma, posso me conformar com um sofrimento prolongado, lenho que procurar, desde já, conseguir um veneno potente para dar cabo da minha existência na hipótese de me invadir uma enfermidade grave com sofrimentos prolongados. Eis a primeira coisa que devo fazer: adquirir, seja lá por que meio for, um veneno poderoso. Talvez consiga adquiri-lo em (lannes mesmo. Com dinheiro se consegue tudo. Devo conservar desde já esse veneno à minha disposição para fazer uso dele logo que as dores começarem a ficar muito fortes e insuportáveis, ou logo que perceber o desaparecimento dos tillimos resquícios de força que me permitam enfrentar o trabalho. Sim, repito, devo adquirir imediatamente um bom veneno, de ação rápida, pois não sei por quanto tempo ainda poderei continuar com essa vida que estou levando.

"Atenção! Atenção! A Lufthansa anuncia o voo 567 para Nice, com escala em Paris. Pede-se aos senhores passageiros que se dirijam à plataforma 14", informou a voz feminina no alto-falante. Eram exatamente quinze horas e trinta e cinco minutos. Chamei o garçom e paguei a minha conta. Km seguida entrei no pequeno ônibus que transportava os passageiros da plataforma até o avião. A chuva tamborilava lortemente sobre a capota do ônibus. Tivemos que decolar sob forte aguaceiro. Eu estava sentado ao lado de uma janelinha, mas a chuva era tão violenta que não consegui perceber quando o piloto fez o avião subir. A tabuleta com a recomendação "NO *SMOKING*" estava apagada. Instintivamente levei minha mão para o bolso a fim de tirar o maço de cigarros que trazia comigo, mas retirei-a logo. Não! Nada de cigarros! Quero ver se realmente consigo deixar de fumar, cumprindo, assim, a recomendação do Dr. Betz. No meu pé esquerdo começou a surgir uma dorzinha leve. Mastiguei imediatamente dois comprimidos de Nitrosteron. Ao meu lado estava sentada uma senhora com um menino, que me observava atentamente. Por fim, ele puxou meu braço levemente.

— Sim? O que é? — perguntei-lhe.

— Por que é que você está chorando?

— Eu não estou chorando.

— Olaf! — bradou a mãe, lançando ao menino um olhar severo de repreensão.

— Mas ele está chorando mesmo, *mami*!

Então passei a mão pelos olhos e notei que eles estavam úmidos.

Pensei: “Que esquisito!” Eu nunca havia chorado na minha vida. Expliquei ao menino:

— É a chuva, sabe? Eu me molhei lá no aeroporto.

Ele continuou a me fitar fixamente com o seu olhar indiscreto.

— O que é? Você não me acredita?

— Não! — retrucou simplesmente o menino, que se chamava Olaf.

Eu observava lá embaixo o mar que estava tão azulado quanto o próprio céu. O sol ainda brilhava, embora quase no ocaso, quando atingimos Nice. O avião descreveu com acentuada curvatura uma trajetória do mar para o aeroporto. Tive duas sensações no momento de desembarcar: senti muito calor e tive a impressão de ter aportado num outro mundo. Uma enorme quantidade de flores parecia estar em brasa sob a intensa radiação da luz do sol. Era uma luz muito diferente de qualquer outra que até então eu tinha visto na minha vida. Uma luz forte mas que parecia dotada do poder de acalmar o espírito e de fazer bem aos olhos. O ar que se respirava era tão ameno e suave como um banho morno.

As pessoas tinham um aspecto muito diferente: eram alegres, amáveis e tranquilas. De fato, eu tinha a impressão de ter chegado a um mundo bem diferente, e uma sensação de bem-estar me invadiu.

No aeroporto permaneci durante um bom tempo ao lado da minha bagagem. Apesar do calor, aspirava em profundos haustos aquele ar reconfortante, sentindo em cada respiração uma espécie de alívio.

Em seguida tomei o táxi e segui em direção a Cannes. Íamos por uma estrada que margeava o mar.

Que belo lugar para se viver! Como seria bom morar aqui até o fim da vida!

Passamos por diversas praias onde se viam muitos banhistas. As pessoas ali me pareciam muito mais lindas do que na Alemanha. Tratava-se evidentemente de uma impressão absurda, pois no meio de toda aquela gente encontravam-se muitos que não eram franceses (entre os quais, sem dúvida, também alemães). Mas a luz viva e o ar puro, num ambiente que irradiava paz e sossego, contribuíam sobremodo para fazer com que as pessoas parecessem mais lindas e vistosas.

Fazendo o nosso percurso, ladeávamos, então, um hipódromo, passando logo em seguida em frente de pequenos pavilhões, na sua maioria feitos de madeira e perfeitamente adaptados para funcionar como restaurante.

O céu estava tão azul quanto o mar, com exceção do lado do poente, que começava a tingir-se de um vermelho vivo. Os enormes paredões de um monte escarpado, tendo como fundo o horizonte avermelhado, pareciam luzir

em incandescência e configuravam um quadro de indescritível beleza.

— Que monte é este? — perguntei ao chofer do táxi.

— É o Esterel. Se dispõe de tempo, é um bom lugar para o senhor visitar. O senhor viaja a serviço?

— Sim.

— Contudo, o senhor deveria arranjar um tempo e visitar certos locais desta região, dotada de encantadoras paisagens. Até mesmo seria importante visitar todos os arredores de Cannes: Vallauris, Biot, Antibes, Grasse, Vence, Juan-les-Pins, Saint-Tropez, as aldeias dos pescadores... Tudo, por estas bandas, é maravilhoso, *monsieur*. E não digo isso por bairrismo, creia-me. Eu só vim para cá depois que De Gaulle entregou a Argélia, onde, até então, eu sempre havia vivido. Lá eu tinha muitas propriedades e dispunha de recursos de vulto. Infelizmente tive que sair de lá. O senhor sabe como esta gente aqui nos chama?

— Sei, sim. *"Pieds noirs."*

Pieds noirs, que significa "pés pretos", era a designação que os franceses davam aos seus compatriotas que haviam sido compelidos a abandonar a Argélia. Segundo me declarou ele, na França lhe prometeram muita coisa, mas nada cumpriram. E eis que ele, outrora possuidor de grande fortuna, se viu na contingência de ter que trabalhar como chofer de táxi para poder sustentar a família. No norte da França ele teria maiores chances, mas não pôde ir para lá porque a sua família não se dava bem com o clima. Ela precisava do sol e do calor constante desta região para se conservar com saúde.

Eu via lindas e imponentes mansões localizadas no meio de grandes parques ajardinados, repletos de palmeiras, pinheiros e eucaliptos.

Primeiro, o mar de águas azuladas, depois a rodovia pela qual estávamos transitando e, finalmente, do outro lado, o leito da via férrea.

Mais além da via férrea, em terrenos inclinados como ladeiras, é que se viam essas magníficas mansões pintadas de branco.

Algumas delas já eram muito antigas. Por duas vezes passou por nós a composição de um trem. O tráfego era intenso a essa hora. Levaríamos seguramente mais de uma hora para chegar a Cannes. Foi até sem muita demora que o táxi conseguiu atingir a Croisette, a encantadora e ampla rodovia que em todo o seu percurso ostenta, no seu centro, faixas bem delineadas, com canteiros

de flores e grama, no meio das quais se sobressaem palmeiras de folhas verdejantes. De um lado da rodovia acham-se magníficos hotéis, mansões e *villa*s; do outro lado estende-se o mar.

Por toda parte os jardins e parques estavam floridos. Como encantava a vista contemplar a policromia das flores!

Eu começava a suar abundantemente. Em comparação com Dusseldorf, fazia muito calor ali. A maioria dos homens que eu via trajava somente calças e camisa esporte, calçando chinelos. As mulheres usavam calças coloridas ou vestidos bem leves.

Observei que também havia entre aquelas pomposas mansões ou *villa*s circundadas de parques e jardins e entre aqueles grandes hotéis de luxo edificações baixas pintadas de branco, nas quais se achavam instalados restaurantes, armazéns e lojas. O chofer me dava explicações acerca de tudo o que eu via.

Ao passarmos cm frente ao Carlton, apontou-me para uma pequena extensão de praia onde só se viam homens deitados e explicou-me:

— Esta é a praia dos pederastas. É exclusivamente destinada a eles.

— Existem muitos pederastas em Cannes?

— Oh, sim, é uma praga que se alastra. Mas também o senhor pode estar certo de que em toda a França não existem mulheres tão lindas como aqui, *monsieur*. O senhor verá.

Finalmente, chegamos ao Majestic. Ele se achava localizado um pouco distante da Croisette. Para atingir o hotel, subia-se por uma rampa bem larga que se estendia entre canteiros de flores. Enquanto tiravam minhas malas e eu pagava ao chofer, não parei de olhar em redor. À esquerda de quem entra pela frente do hotel encontra-se um amplo terraço.

Muitos homens estavam ali sentados tomando seus aperitivos. Em frente do terraço havia uma piscina toda de mármore branco. Algumas pessoas ainda estavam tomando banho. Uma ramificação da rampa conduzia à garagem no subsolo.

Fiquei durante um certo tempo observando a Croisette com suas sempre intermináveis filas de carros avançando em direção ao mar. Bem ao

longe, mar adentro, eu via alguns navios e um bom número de barcos a vela. Permaneci contemplando o mar, as palmeiras, aquela gente alegre e aquele céu que de minuto a minuto, em mudanças indescritíveis, adquiria novos matizes, até que um funcionário da recepção do hotel se aproximou de mim, interrogando-me:

— *Monsieur* Lucas?

— Sim? — respondi-lhe como que despertando de um sonho com os olhos abertos.

— Seja bem-vindo a Cannes! — saudou-me ele sorrindo. — Quer que eu o acompanhe ao seu apartamento?

Concordei. Ele seguia na minha frente. Não pude furtar-me de continuar volvendo os olhos a fim de contemplar as palmeiras, as flores, o mar. Eu via mulheres muito lindas e também homens com ótima aparência. [11]

— Foi muito bom o senhor ter vindo imediatamente, *Monsieur* Lucas! — disse-me Louis Lacrosse, o substituto do administrador-chefe da *Direction des Affaires Maritimes, Marine Mediterranée*.

Apertou minha mão. Sempre pronunciava meu nome à francesa. Eu lhe havia telefonado do meu apartamento no Majestic. Esse apartamento tinha vista para a Croisette e para o mar. Quando telefonei a Louis Lacrosse, eu já havia tomado banho e já tinha permanecido durante algum tempo sentado nu à beira da cama, contemplando, como que extasiado, a intensa radiação solar que incidia sobre os rochedos do Esterel, parecendo fazê-los luzir incandescentes, com raios dourados, prateados e azuis... um azul que ia se tornando gradativamente escuro. Ainda estava claro em Cannes.

— O seu chefe, *Monsieur* Brandenburg, já me havia anunciado a sua vinda. O nosso pessoal se encontra ainda no local do acidente. Lá está também o nosso perito em explosões, um certo Capitão-Tenente Viale, que o senhor irá conhecer brevemente.

Lacrosse era um homem esbelto e de pequena estatura, que habitualmente se movimentava com rapidez. Era dotado também de raciocínio rápido.

Depois de ter notado que eu podia acompanhá-lo na conversa, passou a falar depressa. Sua repartição estava localizada no antigo porto. Da janela de seu gabinete eu podia ver uma grande quantidade de barcos a vela ancorados um ao lado do outro. As pontas dos mastros dessas embarcações pareciam fincar-se no céu. Não vi nenhum iate, mas somente barcos a motor deslizando sobre a água.

— Que espécie de barcos são esses? — perguntei a Lacrosse.

— Eles fazem o percurso da Gare Maritime às ilhas. Pequenas ilhas que estão por aí.

Divisava-se um bom pedaço de praia nos fundos da Gare Maritime. Na areia branca estavam muitos barcos de pescadores e enormes redes achavam-se estendidas. Havia ali muitos homens que estavam jogando boule. Lacrosse notou que eu os estava observando.

— Trata-se de um esporte muito agradável. Antes, esses homens

tinham o seu *boulodrome* lá atrás dos plátanos da Allée de la Liberté, mas aquele local foi asfaltado e transformado num pátio de estacionamento de carros. Por isso agora eles jogam ali naquele trecho de praia.

— O senhor está em condições de me prestar informações sobre a ocorrência? — perguntei. A essa altura eu já havia tirado o meu casaco. No hotel escolhera a roupa mais leve que encontrei, mas mesmo assim ela não era adequada para o calor de Cannes. Eu suava muito.

— Ainda não disponho de muitos dados, *monsieur*. Foi uma explosão de incrível violência.

Lacrosse passou a mostrar-me uma série de fotografias. Pude ver, com nitidez, destroços do iate espalhados sobre a água, boiando.

— Pode um iate que explode atingir tantas pessoas assim ao mesmo tempo?

— Tantas assim, não.

Ele tinha um bigodinho que cofiava frequentemente, puxando as pontinhas, enquanto falava. As extremidades dos seus dedos se achavam manchadas de nicotina. Ele quase não parava de fumar. Aliás, a primeira coisa que me ofereceu foram cigarros, mas recusei. Ainda estava firme no meu propósito de deixar de fumar. Cheguei mesmo a ficar admirado pelo fato de não sentir vontade de acender um cigarro.

— Então o senhor julga que se trata de um crime?

— Sim, *Monsieur* Lucas. Sua companhia terá que desembolsar uma quantia bem elevada...

— O senhor não tem nenhum indício sobre quem poderia ter perpetrado o crime?

Ele puxou as pontas do seu bigodinho à Adolphe Menjou.

— Não disponho ainda de nenhuma referência, *monsieur*.

— O senhor supõe que Hellmann tinha inimigos?

— Que acha o senhor com relação a essa particularidade?

— Bem, de positivo nada posso dizer porque nada sei. Hellmann

era um banqueiro. Um homem poderoso. E os homens poderosos sempre têm inimigos.

— Foi isso mesmo que disse *Madame* Hellmann.

— A irmã dele?

— Sim, a irmã dele. Na verdade, conversamos muito pouco com ela. Apenas durante alguns minutinhos. É uma senhora que anda doente há muito tempo. Ela está completamente abatida. Uma irmã-enfermeira a acompanha permanentemente. Ela nos declarou que seu irmão, na quarta-feira passada, parecia ter atingido o limite da resistência dos seus nervos. Fazia onze dias que ele andava muito excitado e nervoso. Algo devia tê-lo abalado profundamente.

— Que poderia ter sido?

— *Madame* Hellmann nada disse a respeito. Ela também não faz a mínima ideia do que poderia ter sido. Foi o que ela declarou. Seu irmão apenas lhe dissera que deveria viajar à Córsega. É... é até um pouquinho difícil manter uma conversação com *Madame* Hellmann. O senhor mesmo poderá certificar-se disso quando a visitar.

— O senhor considera possível que o próprio Hellmann, para suicidar-se, tenha feito voar para os ares numa terrível explosão o seu iate, precisamente porque se encontrava numa situação irremediável?

Lacrosse cofiou o bigodinho revelando uma certa impaciência.

— Não sei o que o senhor quer dizer com a expressão "situação irremediável", *monsieur*.

— Refiro-me a uma situação irremediável do ponto de vista financeiro.

— *Monsieur*, não sei se estou certo, mas, pelo que me consta, Hellmann era um dos maiores e mais respeitáveis banqueiros do seu país.

Lacrosse fumava os cigarros até que a brasa quase atingisse a outra extremidade. Era por isso que a ponta dos seus dedos estavam sempre amareladas.

— Realmente ele era um dos maiores banqueiros da Alemanha. Exatamente por isso, uma situação desesperadora, surgida de maneira imprevista, poderia tê-lo compelido a praticar o suicídio.

— Francamente, não posso concordar com essa hipótese. Absolutamente, não! Essa ideia parece-me totalmente improvável.

— O que lhe parece mais provável, então?

— Assassinato.

— Assassinato? Cometido por algum dos seus inimigos?

— Não! — respondeu-me o baixote Louis Lacrosse enquanto soltava uma baforada de fumaça do seu cigarro. — Não por algum dos seus inimigos, mas sim por algum dos seus amigos.

— Algum dos seus amigos?

— Sim, *monsieur*. Esta é também a opinião de *Madame* Hellmann, a irmã dele. Vá lá que se trate de uma opinião esquisita, mas o que ela me disse deixou-me deveras pensativo.

— Que foi que ela disse?

— Ela supõe que seu irmão havia descoberto que alguém, em quem confiava... algum amigo com o qual ele se envolvia em operações bancárias de vulto... o estava logrando e enganando nos negócios. Daí a razão do nervosismo de Hellmann e da repentina resolução da sua viagem a Cannes. *Madame* Hellmann julga que algum indivíduo do círculo de amizades do seu irmão perpetrou o crime a fim de, por esse meio, salvar-se a si próprio.

— Então, por que esse indivíduo não procurou outra maneira para liquidar Hellmann? Por que será que escolheu precisamente essa maneira, matando ao mesmo tempo mais onze pessoas inocentes que nada tinham a ver com o caso?

— Ela acredita que essa seria precisamente a melhor maneira de evitar qualquer suspeita de crime.

Os dedos amarelecidos brincavam, agora, com o bigodinho.

Lá fora, no poente, os matizes continuavam variando ininterruptamente. Surgiam as primeiras sombras. A claridade ia se tornando gradativamente mais fraca. Acendiam-se os postes de iluminação. O antigo porto parecia imerso em azul, ocre, cinzento, violeta e verde-escuro.

— Quais eram as outras pessoas que viajavam no iate além dos elementos da tripulação? — perguntei.

— Dois casais: Franz e Clara Bienert, Paul e Babette Simon. Todos eles possuíam suas víllas aqui em Cannes. Bienert, banqueiro como Hellmann, era natural da Suíça. Simon era proprietário de uma grande fábrica em Lyon.

— Que espécie de fábrica possuía ele?

— Fábrica de peças e acessórios para aparelhos eletrônicos.

— Eles tinham parentes?

— Sem dúvida. Mas nenhum deles veio até aqui. Eles apenas acompanham de longe o inquérito a que estamos procedendo. Acho que não existe nenhum parente próximo, como filhos, por exemplo. Os cadáveres não podiam ser recolhidos, não é verdade? Só havia pedaços de cadáveres, os quais, nesse meio tempo, já foram incinerados. Evidentemente, o Instituto Médico-Legal de Nice fez antes os necessários e imprescindíveis exames para constatar a possível existência de quaisquer vestígios. Todos os pedaços examinados indicam somente um vestígio.

— Qual?

— Deve ter sido uma explosão de dinamite muito violenta.

— A hipótese de que um dos amigos de Hellmann tivesse perpetrado o crime impressionou-o bastante, não é verdade?

— Sim, *monsieur*. Veja o senhor: *Madame* Hellmann declarou-nos que os amigos do seu irmão (todos eles permanecem aqui em Cannes durante a maior parte do ano) transacionavam com ele em vultosos negócios. Disse-nos ter também absoluta certeza de que constataríamos essa circunstância logo no início do inquérito. Efetivamente, nesse meio tempo comprovamos a veracidade das suas declarações. A sociedade aqui em Cannes é de caráter quase predominantemente internacional. Gente muito rica. Todos integrados na indústria e nas finanças. Entrementes, visitamos todas as pessoas apontadas como amigas de Hellmann e pedimos-lhes com insistência que, por enquanto, não se ausentassem de Cannes. Elas se comprometeram a atender-nos.

— Como se chamam essas pessoas? — perguntei, já pegando a minha caderneta de anotações.

Ele passou às minhas mãos uma folha de papel contendo os seguintes dados:

"John Killwood, EUA — petróleo;

Giacomo e Bianca Fabiani, Itália — indústria pesada;

Malcolm Thorwell, Inglaterra — indústria de armamentos;

Claude e Pasquale Trabaud, França — cadeia de hotéis;

José e Maria Sargantana, Argentina — carne em conservas;

Athanasios e Melina Tenedos, Grécia — armadores".

— Nenhum alemão! — exclamei, admirado.

— Nenhum alemão, realmente. Até parece estranho, não é verdade? E Hellmann era alemão.

— De fato, parece estranho.

— Todas essas pessoas — prosseguiu Lacrosse cofiando o bigodinho —, sem exceção, são multimilionários. Pertencem ao grupo das pessoas mais ricas do mundo, *Monsieur* Lucas. É gente que não mora permanentemente aqui. Só *Madame* Hellmann é que reside em Cannes. Os Trabaud possuem um palácio nas proximidades de Paris. Os outros têm palácios, *villa*s, apartamentos e fazendas em todas as partes do mundo. Eles só vêm aqui a passeio, para fazer visitas. Esta é a cidade dos ricos, *monsieur*. Todavia, os ricos desta cidade não são do calibre dos elementos relacionados nesta folha de papel. O grupo de pessoas cujos nomes o senhor acabou de ler possui uma fortuna maior do que toda a França, do que toda a Europa. É um grupo inimaginavelmente rico. Dificilmente se pode conceber quais as ideias e façanhas desse tipo de gente, *monsieur*.

Lacrosse pegou um livro aberto que estava sobre sua mesa, dizendo-me:

— Estou lendo a mais recente obra literária sobre Hemingway. Neste livro são mencionados muitos diálogos do grande escritor. Um desses diálogos, assim me parece, é muito interessante tanto para mim quanto para o senhor. O escritor Scott Fitzgerald conversava com Hemingway acerca dos super-ricos. Disse Scott (Lacrosse começou a ler em voz alta, conservando o cigarro no canto da boca): "Eles são diferentes de mim e de você. Possuem riquezas que começam a desfrutar desde cedo. Contudo, esse fato traz também uma importante consequência: faz com que eles se tornem meigos, ao passo que nós somos ásperos; que eles se tornem cínicos, ao passo que nós, por índole, somos confiantes. É difícil compreender isso, especialmente para quem não nasceu rico. Eles, no íntimo, se julgam melhores do que nós, que, com o nosso próprio esforço, temos que encontrar o remédio para as situações aflitivas da vida. Até quando eles penetram profundamente no nosso mundo, não deixam de julgar-se melhores do que nós. Eles são diferentes".

Lacrosse tirou os olhos do livro e dirigiu-se a mim:

— Que pensa o senhor que teria Plemingway respondido ao seu interlocutor?

— Que respondeu ele?

— Simplesmente isto: "Está certo. Eles têm mais dinheiro".

Tive que rir.

— Foi, na verdade, uma resposta bem espirituosa — concluiu Lacrosse. — Mas Fitzgerald tinha razão: os ricos são diferentes. Só agora é que me coube, por força das circunstâncias, compreender isso. Santo Deus, esse caso tinha de acontecer agora, justamente quando o chefe não se encontra aqui! Estou apenas substituindo-o temporariamente. Entretanto, o peso das responsabilidades está todo sobre meus ombros.

— O senhor deve solicitar a vinda de altos funcionários de Paris.

— Já solicitei. Mas quem sabe quando eles chegarão? — Depois me pediu, quase suplicando:

— O senhor terá que concordar com minha atitude de tratar deste caso com muita cautela e precaução, não é verdade?

— Certamente, *Monsieur* Lacrosse.

— Para que o senhor veja como anda a coisa neste mundo basta tomar como exemplo a República Federal Alemã, seu país, e os Estados Unidos. Nos Estados Unidos um punhado de homens dividiu entre si a riqueza do povo. Eles, a seu talante, dirigem a economia e determinam o sistema político. O senhor sabe que apenas dois e meio por cento da população controlam mais de dois terços da riqueza daquele país? Na sua pátria, *monsieur*, setenta por cento dos bens de produção se encontram nas mãos de um quarto da população. E essa concentração de riquezas tende a fazer com que esses super-ricos se tornem cada vez mais ricos. O processo inflacionário, como acontece em toda parte, só afeta os que vivem de salários ou de rendas. O valor dos bens de produção dos super-ricos aumenta cada vez mais.

Lembrei-me, neste ponto, da pergunta daquela velha que encontrei na farmácia em Dusseldorf: "Por que será que tudo vai ficando cada vez mais caro?"

— Já fazia muito tempo que *Madame* Hellmann e os Trabaud se

encontravam aqui quando chegou *Monsieur* Hellmann. Todos os outros vieram, no máximo, dois dias antes ou dois dias depois dele — disse Lacrosse.

— Teria Hellmann convidado essas pessoas para virem a Cannes? Ou será que elas o convidaram?

— Não sei. Ouvimos dizer, em informações de caráter oficial, que elas tinham combinado comemorar o aniversário de *Monsieur* Hellmann, que iria completar sessenta e cinco anos. Entretanto, se essa informação está em consonância ou não com a realidade dos fatos... — Interrompeu-se dando um profundo suspiro. — Essa gente é infinitamente poderosa e pode fazer tudo o que quer.

— O senhor declararia isso à polícia?

Respondeu apenas repetindo as minhas palavras:

— Sim, declararia isso à polícia. — Olhou para os lados e piscou os olhos afetados pela fumaça do cigarro. — Essa gente é tão poderosa que... — interrompeu a frase.

— Que eles podem liquidar qualquer indivíduo ou, pelo menos, estragar sua vida. Não é isso que o senhor queria dizer?

— *Monsieur* — prosseguiu o substituto do administrador-chefe —, faz muito tempo que eu e minha mulher estamos fazendo uma economia severa em nossos gastos. Exatamente agora é que conseguimos comprar uma casinha. Naturalmente ainda não pagamos todo o valor da compra. Estamos com dívidas até as orelhas. Mas é uma casinha no campo, nas proximidades dé parques floridos, onde se respira ar puro, e não um apartamento na cidade, onde se sofre sempre o calor sufocante. Tenho um casal de filhos, *Monsieur* Lucas. O menino vai cursar o ginásio. Ele quer ser físico. A menina tem apenas cinco anos. Para esse tipo de gente com a qual agora, por força das circunstâncias, eu tenho que lidar, não passo de um sujeito de merda. Um bosta qualquer. É até um milagre o fato de essas pessoas se dignarem conversar comigo.

Acendeu outro cigarro.

— O senhor *tem obrigação* de falar com eles. O senhor representa a lei.

— Oh, a lei! — exclamou Lacrosse com tristeza no semblante. — Que lei? A minha ou a sua?

— Existe somente uma lei. É a que se acha consubstanciada no código.

— Bonito! Falar assim é muito fácil, *Monsieur* Lucas. Se na realidade fosse assim mesmo... Essa gente está habituada a dirigir-se aos presidentes, aos reis, às rainhas, conseguindo tudo deles. Peço que me compreenda bem, *Monsieur* Lucas: a riqueza deles não me seduz absolutamente. Mas compreendo perfeitamente que, se eu não agir com cautela, tomando nesse caso as devidas precauções, terei que sofrer as consequências. Basta que eu pegue um desses superpoderosos pelo pé, para receber imediatamente um telegrama de Paris... Nada de mal me acontecerá, não. Serei simplesmente substituído e em meu lugar virá um outro homem que dará continuidade ao inquérito. Será naturalmente um homem amável e delicado. Muitas vezes é difícil ser policial aqui em Cannes. As pessoas mais poderosas do mundo se encontram aqui. E contamos com um número insuficiente de funcionários públicos e policiais. Os funcionários das repartições, por causa das suas grandes responsabilidades, ao atingirem a idade de cinquenta e cinco anos, pedem aposentadoria. Por estranho que pareça, essa é a verdade. É que eles não podem mais suportar o serviço, *Monsieur* Lucas. Eu já completei cinquenta e seis. Ainda posso aguentar. Mas eu...

— ... mas o senhor teme que daqui a um ou dois anos não possa mais suportar uma situação dessas — concluí, falando-lhe baixinho.

Ele começou a torcer as pontas do bigodinho, passando a observar a enorme quantidade de barcos que, lá no mar, deslizavam sobre a água.

Nesse momento, fiz algo de estranho! Confessei a esse homem, que mal acabara de conhecer, o seguinte:

— Eu também tenho um medo idêntico, *monsieur*.

Fitou-me calado. Aliás, permanecemos ambos calados durante um certo tempo. Finalmente ele reiniciou o diálogo:

— Em todo caso já pedi a cooperação da Polícia Técnica de Nice e solicitei que Paris mande para cá elementos da polícia do setor de economia a fim de observar essa gente. Eu, sozinho, não me acho em condições de fazer isso. Da mesma forma o senhor, representando a sua companhia, nada pode fazer sozinho, apesar de ser ela uma portentosa empresa. Nós aqui nos vemos na contingência de ter que enfrentar os bilhões, de ter que agir contra o reino que

domina o mundo. O crime de que estamos tratando não é desses muito simples e corriqueiros, creia-me.

— Mas se o senhor já comunicou a Paris todas as ocorrências, é de esperar que o órgão competente ponha em ação "as grandes feras", os ministérios e os políticos para secundar o seu trabalho e prestar-lhe os necessários auxílios — disse eu simplesmente por dizer.

— Tomara, *Monsieur* Lucas, tomara que seja assim!

Nesse momento ele me pareceu até mais baixinho e mais franzino. Calado, ficou olhando fixamente para as mãos. Vinda de fora, ouvimos a risada desinibida de uma jovem. Depois tudo ficou em silêncio, um profundo silêncio naquele quente gabinete de Louis Lacrosse. Só agora, ao soprar a fumaça que invadia minhas narinas, foi que notei não ter acendido nenhum cigarro durante todo o tempo da nossa conversa.

— A única pessoa que não é multimilionária nesse affaire chama-se Angela Delpierre — disse Lacrosse, cofiando o bigode.

— A mulher que também havia saído de Cannes a bordo do iate e que escapou da terrível desgraça, não é verdade?

— Exatamente.

— Por que teria ela ficado na Córsega?

— A bordo do iate ela ficou mal do estômago. Na hora em que iam iniciar a viagem de regresso, ainda se achava bem mal e estava muito fraca para acompanhar as outras pessoas. Entrementes, um dos nossos barcos a trouxe de volta a Cannes.

— Angela Delpierre. Quem é essa mulher? Que é que lhe pertence neste mundo?

— Ah, nada lhe pertence, *Monsieur* Lucas. Na minha opinião, ela tem bastante dinheiro, sem dúvida. Dinheiro adquirido mediante um trabalho árduo. Tudo o que ela possui foi ganho com o trabalho das suas próprias mãos. Ela é uma das figuras mais conhecidas de Cannes.

— Como assim?

— É uma pintora da elite de fama internacional. Admiro-me de que o senhor nunca tivesse ouvido esse nome antes.

— Realmente, nunca ouvi antes o nome dessa mulher.

— É estranho. Ela pinta a nata da nata da sociedade, principalmente as maiores celebridades que nos visitam. Com razão ela cobra muito por um retrato. Hoje em dia ser retratado por Angela Delpierre significa um grande requinte social, saiba o senhor.

— É casada?

— Não. Ela tem trinta e quatro anos de idade. Completamente livre e independente. É uma pessoa inteligente. Conversei demoradamente com ela hoje de manhã. Ela conhece todos os novos-ricos, todos os antigos-ricos e todos os esnobes desta cidade. Os eternamente enojados e os eternamente

empanturrados... Seria até importante que o senhor procurasse imediatamente ter uma entrevista com ela. Ela possui uma bem sadia compreensão humana. Fala também o alemão.

— Onde mora ela?

Ele me deu o endereço e o número do telefone, que anotei na minha caderneta, já com um cigarro aceso no canto da boca.

Disse a Lacrosse que na manhã seguinte iria telefonar a Angela Delpierre. Pedi que ele me telefonasse imediatamente na hipótese de obter qualquer notícia importante. Despedimo-nos. Apertei a sua mão com os dedos amarelecidos pela nicotina. Antes de sair pela porta afora virei-me e notei que ele estava sentado à mesa, com a cabeça entre as mãos, exatamente como um homem velho cansado da vida. Sem dúvida, ele estava pensando na sua mulher, no seu casal de filhos, na sua casinha que ainda não estava totalmente paga, nos super-ricos, na sua aposentadoria. Inopinadamente também comecei a pensar na minha aposentadoria.

Talvez dentro de alguns dias, em virtude do diagnóstico do Dr. Betz, seria chamado de volta.

Já havia escurecido, mas ainda continuava fazendo muito calor. Dirigindo-me ao meu hotel, vim caminhando lá do antigo porto, pela Croisette, fazendo meu percurso habitual ao longo do mar. Comecei a suar novamente, embora tivesse tirado o paletó. Meu pé parecia estar ardendo em brasa, mas era só por causa do sapato apertado.

Uma infinidade de lâmpadas luzia ao longo da Croisette, com postes de iluminação enfileirados por toda aquela via traçada no sopé do monte Esterel. No mar, milhares de lâmpadas também luziam sobre as embarcações. Três navios resplandeciam feericamente, encimados por colares de lâmpadas que se refletiam na água.

A praia estava completamente vazia. Parei um pouco para observar o movimento das ondas que rolavam sobre a areia branca. Um velho se aproximou para falar comigo. Pedia esmola. Demonstrava estar muito envergonhado e com medo da polícia, pois em Cannes é proibido esmolar publicamente. Dei-lhe dez francos e ele me prometeu que rezaria por mim. Uma reza até que não me causaria dano algum. Dez francos equivaliam a aproximadamente sete marcos. Realmente um câmbio bem vantajoso. Na faixa externa da Croisette passavam centenas de carros por mim. Seguiam em três filas, um ao lado do outro. Eram os carros maiores, mais caros e mais lindos do mundo. Os pneus deslizando sobre o asfalto zuniam quase imperceptivelmente. Segui caminhando e comecei a imaginar o que não significaria ser *infinitamente rico* como aquelas pessoas relacionadas na lista que Lacrosse me mostrara. Entretanto, por mais que me esforçasse, não consegui fazer uma ideia nítida do que seria a vida em tais condições. Outro homem se aproximou para falar comigo. Trajava roupa branca, camisa azul e gravata branca. Só queria me pedir fogo para acender o cigarro.

Acendi um fósforo e com a claridade produzida pela chama consegui ver seu rosto. Observado assim de relance, seu semblante dava a impressão de ser afável, ao passo que a conformação do rosto e o porte esbelto davam logo a certeza de tratar-se de um indivíduo bonito.

A partir desse instante comecei a ter a impressão de que estava sendo seguido e vigiado. Virei-me bruscamente diversas vezes, mas não vi ninguém. A bem da verdade, deve-se dizer que na minha profissão são muito comuns as impressões dessa natureza. Alguém devia estar me seguindo; talvez caminhando do outro lado da Croisette, mas estava me seguindo. Este foi o meu pensamento; e agora?

Finalmente cheguei à frente do meu hotel. Atravessei logo a rua.

No pátio do hotel, em redor do grande canteiro de flores, achavam-se estacionadas várias limusines. Elomens de *smokings* brancos e damas ostentando fantásticos vestidos para a noite, cheias de jóias, iam entrando. Perguntei a um dos empregados:

— Que é que há aqui?

— É uma recepção, meu senhor.

Até então essa palavra me era completamente desconhecida. Em Cannes, durante a temporada de verão, começando às vezes um pouco antes e terminando até mesmo depois, realizam-se constantemente festas de gala, coquetéis e imponentes reuniões sociais, na maioria das vezes promovidas por um dos dois grandes cassinos, abertos para a temporada. Mas também nos pomposos hotéis da Croisette organizavam-se habitualmente festas desse tipo.

Só com dificuldade consegui atravessar o saguão do hotel, pois muitas pessoas, com seus trajes a rigor, se achavam ali comprimidas.

O chofer de táxi que viera da Argélia, bem como o pobre Louis Lacrosse, tinham razão: havia mulheres bonitas em Cannes e homens ricos, que, com jóias finíssimas, ornavam as suas esposas e amantes de maneira por mim nunca vista antes.

No amplo salão de refeições soou a música lenta de uma orquestra. Tomei o elevador para subir ao meu apartamento, no quinto andar. Logo que abri a porta ouvi o tilintar do telefone. Peguei o fone, equipado com um fio comprido, levando-o para a sala, cujas paredes estavam totalmente revestidas de brocados dourados. Sentei-me numa cadeira pintada com as cores branca e dourada, que fazia parte do conjunto de móveis de finíssimo estilo colocado naquela sala. No quarto de dormir o mobiliário era todo vermelho e branco. O banheiro era totalmente revestido de azulejos pretos.

— Lucas! — apresentei-me, segurando o fone no ouvido com uma das mãos enquanto com a outra desfazia o nó da gravata e descalçava um dos sapatos.

— Preste bem atenção, sujeitinho de merda! — disse uma voz de homem falando alemão sem sotaque. — Não venha se meter a besta aqui, entendeu? Caia fora desta caçada, ouviu? Se amanhã ao meio-dia ainda estiver aí, vamos virá-lo do avesso. Não vamos dar mais nenhum aviso.

— Quem... — comecei, mas a ligação foi bruscamente interrompida.

O indivíduo que me telefonou devia ter colocado um lenço sobre o fone, pois sua voz soava com um timbre fora do natural, parecendo complctamente deformada. Mas, mesmo assim, falava sem sotaque.

Então não havia dúvida de que alguém estava me seguindo e me vigiando, pensei comigo mesmo, enquanto descalçava o outro sapato. Do contrário, o telefonema não teria sido dado tão prontamente, no exato instante em que entrei no apartamento. Ameaças dessa espécie não constituíam novidade para mim. Por isso não fiquei nervoso nem assustado.

Fatos semelhantes tinham se passado comigo no Rio, em Ancara e em Beverly Hills. Até mesmo em Hong Kong. A teoria do meu chefe, segundo a qual o banqueiro Hellmann havia cometido suicídio, começou a me impressionar.

Dirigindo-me ao banheiro, abri a torneira da banheira. Despi-me, ficando completamente nu, pois estava sentindo muito calor e o suor escorria pelo meu corpo. Como precaução, mastiguei dois comprimidos de Nitrosteron. Depois, peguei o fone e dei à central telefônica do hotel o número dessa tal Angela Delpierre, que eu havia anotado na minha caderneta juntamente com o endereço. Na residência dela o telefone não chegou a tocar duas vezes.

— Alô! — disse uma voz bem calma.

— *Madame* Delpierre?

— Sim. Quem está falando?

— Eu me chamo Robert Lucas. Vim da Alemanha. A senhora me permite expor o meu assunto agora? Espero não a estar importunando.

— Exatamente neste momento eu estava ouvindo as notícias pela televisão.

— Neste caso, telefonarei mais tarde...

— Não. As notícias principais já foram dadas. De que se trata?

Expliquei-lhe preliminarmente a minha profissão e os encargos de que estava incumbido, perguntando-lhe se ela me concederia alguns minutos a fim de tratar do assunto pessoalmente.

— Certamente, *Monsieur* Lucas. Se isso facilita o seu trabalho.

— *Monsieur* Lacrosse disse-me que a senhora fala também o alemão.

Seguiu-se um pequeno silêncio.

— Maclame...

— Sim.

— Eu disse...

— Entendi perfeitamente o que o senhor disse. Sim, eu falo também o alemão. Mas não... não com muito prazer. Por favor, não fique aborrecido por causa disso. Eu tenho as minhas razões...

— Compreendo.

— O senhor fala excelente francês, *Monsieur* Lucas. Continuaremos falando em francês, não?

— Com muito prazer. Quando poderei me encontrar com a senhora?

— Espere um momentinho... Amanhã às dez horas estará aqui uma pessoa cujo retrato estou pintando... ·

Enquanto conversávamos eu ouvia uma voz masculina falando baixinho. Devia ser a voz do comentarista de televisão transmitindo as notícias.

— Pode ser amanhã às nove horas?

— Naturalmente. Se não for muito cedo para a senhora...

— Oh, não... Eu sempre me levanto muito cedo. Então está combinado: às nove. O meu endereço é...

— Résidence Cléopâtre. Avenue de Montrouge. Bloco A, quarto andar.

— É exatamente, *monsieur*. Às nove horas estarei esperando o senhor. Desejo-lhe uma boa noite! .

Esta última frase me surpreendeu e me fez bem.

— Desejo-lhe o mesmo, *madame*i — disse eu, mas ela já havia desligado.

Continuei sentado, examinando os dedos dos pés, enquanto fazia um tremendo esforço de memória para lembrar quem, pela última vez, me havia desejado uma boa noite.

Não consegui. Devia ter sido há muito tempo. Por aí se vê que vida eu estava levando!

Nesse instante, lembrei-me de que havia deixado a torneira aberta, e a banheira estava quase transbordando. Tomei um banho com água fria e quente, esfregando-me com força. Depois tirei das malas as minhas roupas, guardando-as no amplo guardarroupa de portas corrediças embutido na parede do quarto. Deixei de lado o código telegráfico bem como os documentos importantes, para entregá-lo na tesouraria do hotel a fim de serem guardados em cofres especiais.

Pedi que me servissem o jantar no apartamento, pois o restaurante do hotel se encontrava repleto de convidados para a festa de gala, e eu preferia ficar sozinho. Comi como um príncipe. Depois que o garçom levou os talheres, estendi-me completamente nu sobre a cama bem larga, ficando com os braços dobrados debaixo da cabeça, e comecei a pensar no pobre Louis Lacrosse e no medo que o dominava. Ele certamente não era nenhum covarde: demonstrava apenas já ter percebido com que espécie de gente estava lidando, e isso o apavorava. Para dizer a verdade, eu também andava assustado pelo mesmo motivo.

Novamente soam as campainhas dos dois aparelhos telefônicos: o que estava sobre a mesinha do meu quarto e o que se encontrava na sala. Peguei o fone do que se achava perto da cama.

— Sim!

— Boa noite, *Monsieur* Lucas! — disse uma voz feminina. No primeiro instante julguei estar ouvindo a voz de Angela Delpierre, mas logo em seguida percebi tratar-se de outra mulher. Ela falava baixinho:

— O senhor não me conhece, *monsieur*. Acho que tenho algo muito importante para contar-lhe.

— Quem é a senhora?

— Tenho algo importantíssimo para vender-lhe.

— O que é?

— A verdade!

— A verdade a respeito de quê?

— O senhor bem sabe, *monsieur*.

— Não faço a mínima ideia.

— Com que finalidade o senhor se encontra aqui? A verdade que está procurando, *monsieur*, é a que tenho para vender-lhe.

— De onde a senhora está falando?

— De uma das cabinas do saguão do hotel. O senhor vai descer até aqui?

— Vou. Onde devo encontrar a senhora?

— No bar. Sentada junto ao balcão. Tenho cabelos pretos, estou usando um vestido preto bem decotado nas costas e estarei brincando com uma rosa vermelha.

Vesti imediatamente uma roupa azul-escura com camisa branca e gravata azul. Peguei o código telegráfico, bem como os documentos importantes e tomei o elevador. Antes de mais nada, dirigi-me ao balcão de recepção e pedi um cofre para a guarda de documentos e valores. Encaminharam-me a uma sala bem espaçosa, onde havia uma infinidade de cofres fechados a chave, pequenos e grandes, em forma de gavetas. Aluguei um dos cofres pequenos, coloquei dentro dele os documentos e assinei a declaração de ter recebido a respectiva chave.

Em dois amplos salões pelos quais tive que passar, pessoas dançavam ani*madame*nte.

Lá fora, ao ar livre, ficavam conversando os choferes dos convidados.

O bar estava muito cheio. Um trio musical animava o ambiente. A iluminação era muito fraca.

Depois de ter acomodado os olhos à pouca claridade do ambiente, consegui ver, sentada junto ao balcão, uma mulher com vestido preto, próprio para a noite, bem decotado nas costas. Ela estava brincando com uma rosa vermelha. Achava-se sentada a uma das extremidades do balcão.

No desempenho dos encargos, como os inerentes à minha profissão, aprende-se, com o tempo, a formar logo um conceito sobre as pessoas e avaliar o seu nível social, mesmo quando elas estão simulando ou procurando disfarçar sua verdadeira condição. A mulher que estava ali sentada era uma meretriz. Uma ninfa elegante e vistosa, sem dúvida, mas não passava de uma meretriz. Quando entrei, o sujeito com o qual estava conversando beijou-lhe a mão e desapareceu no meio dos pares que estavam dançando dentro do bar.

Aproximei-me da mulher com a rosa na mão. Nesse momento a orquestra executava *Tea for two*.

— Olá! — exclamei.

— Olá! — respondeu ela.

Teria mais ou menos trinta anos e sua aparência não era das melhores. Enquanto ela não sorrisse seu aspecto poderia enganar. Mas, quando ela distendia os lábios para um sorriso, os dentes estragados ficavam à mostra.

Tinha até desenvolvido uma técnica toda especial para sorrir: esboçava no contorno dos lábios apenas os traços de um sorriso. Mas mesmo assim, às vezes, seus dentes estragados apareciam.

Sentei-me no banco que estava ao seu lado. Perguntei-lhe o que queria beber. Ela aceitou um uísque *on the rocks*. Pedi a mesma coisa. Depois que o uísque nos foi servido, levantamos nossos copos num brinde.

— À saúde da verdade! — disse a mulher que segurava a rosa e tinha os dentes estragados.

— Se você assim o deseja! — respondi.

Bebemos. Um homem que estava sentado ao meu lado levantou-se e seu lugar foi logo ocupado por um indivíduo que, sem mais delongas, pediu ao *barman* meia garrafa de champanha. Era um sujeito alto, magro, de cabelos ralos e bem louros, tendo uma cicatriz na testa. Teria aproximadamente cinquenta e cinco anos. Trajava um *smoking* elegante.

— Bem... como você se chama? — perguntei à mulher.

— Nicole Monnier.

— Como foi que você ficou sabendo que eu estava hospedado neste hotel?

— Um amigo me disse.

— Ah, sim...

— Que significa: ah, sim?

— Significa: está bem.

Eu já estava me tornando impaciente, achando não ter valido a pena o trabalho de me vestir e descer ao bar.

Whenever ive kiss, I worry and wonder — era a melodia executada pela orquestra nesse instante. Sem mais preâmbulos fui logo perguntando à mulher:

— Então você quer vender a *verdade*?

— Sim — respondeu-me simplesmente Nicole.

— E qual é o preço dessa *verdade*?

— Oh, o preço é relativamente elevado... Trata-se de uma verdade preciosa.

— Quanto é? — insisti, já com desconfiança e convencido de que ela nada tinha para vender. Minha desconfiança dissipou-se imediatamente.

— É uma quantia vultosa... se bem que não atinja os quinze milhões de marcos que a sua companhia seguradora teria que desembolsar...

Algumas vezes a gente se engana mesmo depois de tantos anos de experiência.

— Como foi que você ficou sabendo...

— Psst! — fez ela e acenou para o lado com a cabeça.

Virei-me para o outro lado, chegando quase a esbarrar no sujeito magricela que havia pedido champanha.

— Estamos falando tão alto assim a ponto de importunar você? — perguntei-lhe numa atitude grosseira.

— Só peço o favor de me deixar sossegado — respondeu ele delicadamente.

Virei-me novamente para Nicole.

— Como você bem pode ver, aqui não dá para tratar desse assunto — disse-me ela falando baixinho. — É melhor você ir ao meu apartamento. Lá poderemos conversar sossegadamente.

— Quando?

— Eu sairei primeiro. Você deve permanecer aqui mais uma hora e depois tome um táxi. Estou colocando agora meu cartãozinho de visita debaixo da minha mão. Você coloca sua mão sobre a minha. Eu retiro minha mão e saio imediatamente.

Alguns segundos após, o cartãozinho estava em meu poder. Nicole se levantou. Inclinei-me para ela. Enquanto ela se dirigia à porta de saída, o sujeito magro a observava atentamente.

Sentei-me e pedi mais um uísque. Olhei a hora no meu relógio de pulso: faltava um quarto para as onze. Acendi, sem me dar conta, um outro cigarro. Virei-me, no meu banco, a fim de observar os pares que estavam dançando. Havia namorados bem agarradinhos e pareciam inebriados com aquelas melodias antigas. Um quarto de hora depois, se tanto, o sujeito magro com a cicatriz na testa levantou-se e saiu. Ali quase todos os homens estavam de *smoking*. Só alguns trajavam roupa escura como eu. Karin deixara de colocar o meu *smoking* na mala. Eu estava calmo e tomava meu uísque devagarinho. Ainda fumei dois cigarros ouvindo música terna e observando os amorosos pares que dançavam. Estava me sentindo muito bem. Aliás, em todas as partes do mundo por onde tenho andado sempre me senti muito bem nos bares, pois os *barmen*, na sua maioria, são muito gentis e o ambiente se apresenta quase sempre agradável e convidativo. No bar em que eu me encontrava agora, por exemplo, os garçons e os *barmen* se desmanchavam em gentilezas. Naturalmente há também bares que não valem nada e *barmen* que são verdadeiros espantalhos de freguesia. Mas isso constitui uma exceção. Pedi outro uísque e, enquanto bebia, comecei a imaginar como seria bom ser jovem e ter saúde... apesar de que a falta que sentia dessas duas coisas não me era motivo de dissabores e tormentos. A orquestra executava, agora, *Moonglow*, do filme *Picnic*. Lembrei-me logo do iate de Hellmann, denominado *Moonglow*, que voou pelos ares numa violenta explosão. Pareceu-me até esse instante que a canção tinha algo de triste, bem adequado para evocar as pessoas desaparecidas no fatal acidente, pessoas a respeito das quais ninguém sabia dizer se eram criminosas ou inocentes. Todavia, com relação aos sete homens da tripulação, pode-se, com certa segurança, dizer que eram respeitáveis. Sete respeitáveis e cinco assassinos será a conclusão na hipótese de ficar comprovado que Hellmann e seus convidados agiram como assassinos. E essa proporção de sete por cinco não é das piores. Logo me dei conta de que meu cérebro estava ruminando uns pensamentos absurdos e pedi mais um uísque. Passei, então, a pensar só no uísque. Que bebida agradável! Como ela é extraordinariamente saborosa!

Expliquei ao chofer do táxi:

— Avenue du Bernard — Résidence de Paris — Bloco C.

— Certo, *monsieur* — respondeu ele e fez o carro arrancar. Era um gigantesco Chevrolet. Faltava um quarto para a meia-noite. O endereço constava do cartãozinho que Nicole me havia entregue, no qual figurava também o bairro: Le Petit Juas.

Seguimos um bom pedaço pela Croisette. Na esquina da Rue des Serbes o chofer, com destreza e golpe de vista, dobrou para entrar na Rue d'Antibes, conforme pude notar, pois, na ânsia de ficar conhecendo toda a cidade no menor tempo possível (como, aliás, era do meu hábito fazer em todas as localidades para onde era mandado), eu não desviava a atenção das placas e tabuletas colocadas em todas as ruas de Cannes. Atravessamos a Rue d'Antibes, na qual se via uma infinidade de casas comerciais, dispostas uma ao lado da outra. Passamos pela pequena e feia estação ferroviária de Cannes e atingimos o poderoso Boulevard Carnot, através do qual avançamos em direção ao norte da cidade. Sobre uma prancheta adaptada horizontalmente ao painel do carro, encontrava-se uma pequena bússola de agulha fosforescente que me permitia verificar a direção pela qual estávamos seguindo.

Passamos em frente ao edifício do Corpo de Bombeiros, onde dobramos para a esquerda, penetrando, primeiro, na Avenue St.-Jean e depois na Avenue du Bernard. Encontrávamo-nos numa zona em que as residências ostentavam um luxo pomposo: era a célebre Résidence de Paris, um dos muitos lugares de Cannes em que existem colossais castelos (que são imponentes palacetes residenciais) construídos com graciosas e destacadas linhas arquitetônicas realçadas pela disposição das arcadas. Quase todos se achavam construídos em pontos bem salientes, sobre as encostas ou ladeiras. São tais edificações que, por assim dizer, caracterizam e definem a própria imagem panorâmica de Cannes. Nesses palacetes residiam, sem dúvida, muitas centenas de pessoas gozando o maior conforto imaginável. Nos terrenos que circundavam tais residências a grama crescia com viço. Muitas delas se encontravam no meio de encantadores parques floridos. Assim era a Résidence de Paris.

O chofer pediu-me para saltar um pouquinho antes de atingirmos o Bloco C, a fim de poder dar a volta com o carro contornando um parque de estacionamento que havia ali.

Em poucos instantes eu estava no local designado. Via-se ali uma construção enorme, localizada no meio de um parque onde cresciam palmeiras, cedros e ciprestes. A lua brilhava no céu. Procurei contemplar dali a cidade com sua bela iluminação, o mar, o porto. O ar já se tornara mais fresco e agradável e eu respirava profundamente.

Caminhando pela borda de uma piscina, dirigi-me à entrada do Bloco C, que estava bem iluminada. Ia quase chegando a esse bloco residencial quando notei que dois sujeitos avançavam para o meu lado. Estavam postados entre duas palmeiras e se atiraram contra mim. Um deles torceu meus braços para trás, apertando-os com uma força incrível, enquanto o outro fechava o meu nariz para forçar-me a abrir bem a boca a fim de que pudesse colocar dentro dela um pedaço de pano umedecido. Reconheci logo esse sujeito: era o mesmo que me havia pedido fogo na Croisette. Era o indivíduo que, como eu disse, observado de relance, dava a impressão de possuir um semblante afável, ao passo que a conformação do rosto e o porte esbelto não deixavam dúvidas de tratar-se de um indivíduo bonito. E, na verdade, bonito ele podia ser, mas afável... nem para a avó dele!

Com aquele pano dentro da minha boca, não conseguia emitir nenhum som. Então, ele começou a dar pancadas no meu estômago, na barriga e até mesmo mais abaixo, atingindo sem o mínimo respeito minhas partes pudendas. O desgraçado parecia mesmo querer estraçalhar meu corpo, pois me batia com toda a força, levantando bem o braço para dar maior impulso aos socos que me aplicava. E por ali, em redor, a esta hora da noite não se via vivalma que pudesse presenciar o fato. Os dois indivíduos fizeram o serviço com rapidez. O tal que era bonitinho chegou a ficar todo banhado de suor. Eu também. Tinha a sensação de que meu corpo iria explodir e de que as minhas tripas, de um momento para outro, poderiam saltar para fora. Para fazer esse "trabalhinho" não levaram mais de três minutos, mas quase me deixaram em pandarecos. Perdi os sentidos.

17

Quando recobrei a consciência, achava-me deitado de costas na grama e logo notei que, ao respirar, me doía por dentro. Tirei o pano da boca e comecei a vomitar com violência. Depois tentei ficar de pé, mas as pernas não me sustentavam. Fui me arrastando como pude, de quatro mesmo, em direção à enorme piscina, onde havia uma torneira com água escorrendo. Lavei a boca e coloquei a cabeça debaixo da torneira, conservando-a nessa posição até que ela ficasse bem fresca. Depois passei a respirar lentamente e tive medo de perder os sentidos outra vez.

Sentia, por todo o corpo, uma dor infernal. Tive que me sentar porque estava me sentindo muito mal. Todos os meus bolsos haviam sido esvaziados. Em alguns deles até o forro estava pendente do lado de fora. Deixaram-me só um lencinho e quatro notas de dez francos. Enxuguei o rosto e me pus de pé. Entretanto, logo em seguida caí no chão novamente. Tentei mais uma vez ficar de pé. Não deu. Só consegui na terceira tentativa, embora oscilando.

Cambaleando como um bêbado e apertando o abdômen com ambas as mãos, saí caminhando em direção ao Bloco C.

Tinha a impressão de que, a qualquer momento, poderia perder o equilíbrio. Por isso caminhava bem devagarinho, apoiando-me na parede branca do edifício. A porta de vidro da entrada estava aberta. Havia ali uma iluminação muito forte. Vi um elevador que tomei logo, apertando o botão para o sexto andar. Havia me lembrado de que no cartãozinho de visita de Nicole estava anotado sexto andar. O elevador parou. Caí ainda uma vez depois que saí dele. Um corredor... três portas. Apartamento 612... Era o que estava anotado no cartãozinho. Ei-lo ali na minha frente. Na porta não havia nenhuma placa com nomes. Toquei a campainha. Nada. Toquei de novo. Nada. Fiquei com o dedo apertando o botão da campainha durante um bom tempo. Só então ecoou lá dentro a voz furiosa de um homem. Falava esbravejando cada vez mais alto. Puxou a porta. Como eu estava com a mão apoiada nela, ao ser aberta com certo ímpeto, recebi um impulso que me fez cambalear para a frente, indo quase cair nos braços de um sujeito esbelto e forte. Era um indivíduo de cerca de quarenta anos, com aspecto burguês. Quase careca. Usava um pijama com listras vermelhas e azuis. Na mão direita segurava um revólver cujo cano apontava para o meu peito.

— Sujeito de merda! — bradou, dando-me um empurrão.

Ele tinha muita força. O empurrão me fez ir de encontro à parede. O homem, parecendo não acreditar no que via, passou a observar como eu cambaleava e como me agarrava com os dedos na parede, procurando um ponto de apoio para não cair.

— Tire esse troço da minha frente! — disse-lhe eu, pois ele ia aproximando o cano do revólver cada vez mais perto do meu peito.

— Nesse local todas as noites há arrombamentos — disse o homem de pijama. — Por isso devemos, nós mesmos, os moradores, nos ajudar mutuamente tomando todas as precauções. Eu tenho a devida licença para porte de armas. Posso dar um tiro no seu peito e um outro na parede. Então direi à polícia que antes, para assustá-lo, dei um tiro na parede e que você continuou avançando em minha direção, obrigando-me a dar-lhe um tiro mortal para me defender.

— Deixe de dizer bobagem! — retruquei. — Não sou nenhum arrombador.

— Isso é o que você diz.

— Um arrombador toca a campainha?

— Talvez você tenha outros cúmplices que nesse meio tempo podem descer do telhado para a sacada... — Deu uns passos por ali e observou atentamente a ampla sala que se achava bem iluminada. Depois ficou imóvel e passou a me examinar novamente.

— Diga-me, então, como foi que consegui arrombar a porta?

— Está bem. Você não é nenhum arrombador. Você está bêbado?

— Não.

— Alto?

— Não.

— Por que está com essa aparência? Molhado e sujo. Que é que aconteceu com você?

— Fui espancado. Ali, um pouco antes da entrada para esse bloco residencial.

— Quando?

Olhei as horas no meu relógio de pulso. Passavam cinco minutos de uma hora.

— Talvez há um quarto de hora... não... meia hora... Espere... — Deslizando lentamente ao longo da parede fui caindo no chão. Sentia-me novamente entontecido.

— Vou telefonar para a polícia.

— Não!

— Como não? Tenho que telefonar. A polícia tem que vir aqui!

— Vai demorar quase uma hora até que a polícia chegue e ela nada encontrará de anormal.

Eu não podia de forma alguma me valer da polícia nem fazer espalhafato com relação a esse caso. Pelo menos por enquanto.

— Por favor, pode me dar algo para beber?

— Conhaque?

— Serve.

Saiu e voltou logo trazendo um copo com conhaque até a metade. Tomei um gole e comecei a sentir uma espécie de mal-estar. Bebi então de uma só vez todo o conteúdo do copo. Finalmente, passei a me sentir bem melhor, podendo ficar de pé.

— Que é que você deseja de mim? Chamo-me Danon. Alain Danon.

Fitou-me, mas eu não lhe disse meu nome.

— Posso falar com a Srta. Monnier? Nicole Monnier?

— Quem?!

— Srta. Nicole Monnier. Ela mora aqui.

— Ora bolas, aqui moro eu! Como se chama mesmo essa moça? Monnier?! Nunca ouvi esse nome.

— Ela deve morar aqui. É o endereço que consta do seu cartão de visita. Bloco, andar, apartamento 612. Ela está me esperando. E este é o apartamento 612.

— Sim, este é o apartamento 612, mas ninguém está esperando você.

— Eu tinha o cartão dela com o endereço.

— Mostre-me logo esse cartão!

— Já não está mais comigo. Os sujeitos que me espancaram esvaziaram todos os meus bolsos.

— Escute bem...

— Não! Dou-lhe a minha palavra de honra. Eles levaram também o cartão de visita.

— Você é estrangeiro? Alemão?

— Sim.

— Que desejava então essa... essa...

— Monnier.

— ...essa Monnier?

— Ela queria me vender algo.

— O quê?

— A verdade.

— Que diabo de *verdade* é essa?

— Não sei.

Ele então passou a me examinar com mais desconfiança ainda.

— Escute bem: eu não acredito em você e você não acredita em mim. Vou lhe mostrar todo o apartamento. Então você mesmo poderá verificar se a sua Nicole Monnier está aqui.

Mostrou-me todo o apartamento. Era uma habitação ampla e de valor elevado. Haviam sido instalados ali finos móveis de estilo antigo e magníficos tapetes. Dois quartos. Num deles, as paredes e o teto achavam-se adornados com espelhos. Por meio de um cordão, podiam-se deslocar e graduar os espelhos do teto. Uma das camas estava com a coberta revolvida. Mostrou-me, também, os dois banheiros e a cozinha.

— Então? Está satisfeito agora? Posso ir novamente para a cama? Tenho que sair cedo esta manhã.

— Francamente não compreendo...

— A coisa não lhe correu bem. Essa mulher não existe. Foi uma cilada que lhe armaram. E eles conseguiram baixar o sarrafo no seu corpo sem dó nem piedade, despojando você de tudo, não é?

— Huummm.

— Acho tudo muito claro, agora. Você também não acha?

— Huuummm.

— Você precisa ter muita cautela nesta cidade.

— Pode me chamar um táxi, por favor?

Ele telefonou imediatamente.

— Em cinco minutos o táxi estará aqui.

Em seguida abriu as pesadas cortinas, fazendo correr metade para um lado e metade para o outro. Viam-se lá embaixo as luzes da cidade e das embarcações no mar.

— Vista maravilhosa, não é? Faz oito anos que eu moro aqui e nunca me canso de contemplá-la. Esplêndida cidade! Mas também um pouco perigosa. Você mesmo acaba de comprová-lo.

— Eíuuumm.

— É o dinheiro! É o dinheiro que ocasiona todos esses males! — exclamou Danon. — Você nem imagina quantos bilhões ou trilhões possuem os super-ricaços que vivem aqui. Não é de admirar, portanto, que o índice de criminalidade seja elevado.

Mostrou-me um jornal. Li o cabeçalho: "NICE-MATIN".

— Veja. Diariamente aparecem colunas abrangendo páginas inteiras com notícias de crimes: arrombamentos durante a noite, roubos de carros, assaltos, furtos de motores dos barcos. As páginas do jornal estão sempre cheias. Mas mesrno assim, Cannes não deixa de ser a mais bela cidade do mundo. Acho até que o paraíso é aqui mesmo. Você pode compreender uma coisa dessas?

— Sim, sem dúvida. Perdoe-me o incômodo que lhe causei. Já vou descer e esperar o táxi lá embaixo.

— Como você quiser. Mas não fique zangado comigo... Aqui a gente deve ser realmente muito precavido. Esse meu apartamento já foi arrombado duas vezes. Depois, então, requisitei licença para o porte de arma. Você também tem licença para porte de arma?

— Não.

Realmente eu não tinha. Na verdade eu não possuía nenhuma arma.

— Mais um conhaque?

— Não, obrigado — respondi, dirigindo-me à porta para sair. Eu já podia caminhar melhor. Desculpamo-nos reciprocamente. Danon fez menção de descer comigo pelo elevador, mas recusei, agradecendo-lhe a gentileza. Lá embaixo o táxi já estava esperando.

— Ao Majestic — disse ao chofer enquanto me atirava sobre o assento traseiro.

— Entendido, chefe!

Quando chegamos ao hotel, o baile de gala ainda continuava com muita animação. Dirigi-me ao porteiro a fim de pedir a chave do meu apartamento.

— Quando vai terminar esse baile?

— Oh, lá pelas três, quatro horas da madrugada. A gente nunca sabe ao certo a que horas termina, *Monsieur* Lucas. O senhor quer agora a chave do seu cofre?

— Não. Deixe-a onde está.

— Como quiser, *Monsieur* Lucas.

Antes de ter saído do hotel, felizmente eu havia colocado no cofre o meu passaporte, os documentos importantes e quase todo o dinheiro que tinha no bolso. A chave do cofre eu entregara ao porteiro com a recomendação de guardá-la na caixa-forte da portaria. Quem se dedica muitos anos a essa profissão sempre aprende muita coisa. E se não aprender, mais cedo ou mais tarde dá com os burros n'água. Dei ao porteiro uma nota de vinte francos e tomei o elevador para meu apartamento. Meu corpo já apresentava manchas de diversas cores. Amanhã, essas manchas vão ficar mais bonitas ainda, pensei. Logo em seguida me dei conta de que havia passado da meia-noite e de que, portanto, já estávamos no dia seguinte.

Depois de ter tomado um banho fui direto ao meu quarto, abri as cortinas e atirei-me na cama. Mesmo deitado, podia perceber o brilho das luzes no mar, bem como ao longo do monte Esterel. Os navios iluminados projetavam raios vermelhos, verdes e azuis.

Penetrava no meu quarto a música suave da orquestra que tocava num dos salões do hotel. Deitado de costas, comecei a pensar na rosa vermelha com a qual Nicole Monnier estivera brincando lá no bar, € em Alain Danon, que me afirmou categoricamente nunca ter ouvido o nome dela. Contudo, em seu apartamento eu vi uma rosa vermelha. Foi naquele quarto cheio de espelhos nas paredes e no teto. A rosa estava num canto, um tanto encoberta por um pequeno armário. Naturalmente devia ser uma outra rosa vermelha.

Fazia muito calor desde cedo. Lá fora o dia estava radiante.

Tomei o café na sala do meu apartamento e depois acendi o primeiro cigarro do dia. Eu ia sempre renovando "meu firme propósito" de deixar de fumar, mas nessas últimas horas me achava sob forte tensão nervosa. Tomei apenas a decisão de, pelo menos, não fumar em excesso. Estava tomando regularmente os comprimidos prescritos pelo médico. Meu corpo apresentava manchas de diversas cores: violeta, verde, amarela... Era até engraçado. Sentia uma dor infame. Vesti a roupa mais leve que trouxera, mas, mesmo assim, às nove horas, quando toquei a campainha na porta da residência de Angela Delpierre, minha camisa, de tão molhada de suor, chegava a grudar ao corpo. Além das dores que me atormentavam, tinha que suportar também o efeito de uma brusca mudança de clima. Sentia-me extenuado, tonto e envelhecido. Sim, muito envelhecido!

A porta se abriu.

— *Monsieur* Lucas? — perguntou-me uma mulher de aspecto jovem que surgiu na minha frente. A estatura dela era mais ou menos igual à minha. Tinha os cabelos louros e os olhos castanhos, bem grandes, com pestanas sedosas. Seu rosto era pequeno, realçado por uma linda boquinha. Estava usando apenas *shorts* e uma blusa verde bem leve, com um único botão fechado, um pouco abaixo dos seios. Tinha pernas compridas e um corpo atraente, de talhe elegante. Sua pele tinha um belo tom moreno. Quando sorria mostrava os dentes impecavelmente lindos. Notava-se nos olhos alguma sombra de tristeza, mesmo quando sorria. Aliás, essa expressão de tristeza foi a primeira coisa que me sensibilizou logo que vi Angela.

— Não vou interrompê-la por muito tempo — disse eu, logo que pus os pés na entrada de um pequeno saguão. — Desejo apenas fazer-lhe algumas perguntas, se me permitir.

— O senhor tem uma hora para fazer as perguntas que quiser, *Monsieur* Lucas. Posso lhe assegurar que o cliente para o qual estou pintando o retrato não virá antes das dez. Mas, meu Deus, como o senhor está suado! Desse jeito nem pode andar por aqui e é até capaz de sofrer um ataque. Tire imediatamente o paletó e a gravata!

— Eu só trouxe roupas não muito apropriadas para o calor que está fazendo — disse, enquanto tirava o paletó e desfazia o nó da gravata.

Ela os colocou num cabide que estava pendurado num gancho.

— Descalce também os sapatos — disse Angela Delpierre. Falava com tranquilidade, com muita objetividade e desembaraço.

Hesitei um pouco.

— Descalce os sapatos e venha!

Descalcei-os.

— Vamos ao terraço. Lá sempre há alguma brisa — disse Angela. Ela ia na frente. Passamos diante de um estúdio cuja porta estava aberta. Vi lá dentro quadros e cavaletes. Depois passamos através de uma ampla sala pintada de cores vivas em estilo moderno. Uma estante encobria a parede desde o chão até o teto e estava repleta de livros. No lado oposto ficavam algumas prateleiras sobre as quais se encontravam, no mínimo, uns cinquenta elefantes de diversos tamanhos, feitos com os mais variados tipos de materiais. Havia elefantes pequenos, médios e grandes. Todos eles estavam com a tromba voltada para cima. Parei um pouquinho para examiná-los. O que eu achei mais bonito foi um elefante bem pequenino feito de ébano. Era gordo e muito engraçadinho. Então comecei a pensar nos meus elefantes em Dusseldorf, mas só durante alguns segundos, pois Angela caminhava ligeiro e meu corpo doía quando me movimentava. No seu quarto havia um aparelho de televisão relativamente grande. Passamos pelo jardim de inverno onde floresciam muitas plantinhas colocadas em vasos. Também ali havia um outro aparelho de televisão. Angela percebeu logo minha surpresa e explicou:

— Existe ainda um terceiro aparelho. Está na cozinha. Sou maluca por televisão. Especialmente pelos noticiários. Não posso deixar de ouvi-los. *Télé-Midi. Télé-Soir. Télé-Nuit. 24 Heures. Information Première. Information Derrière.* Simplesmente todos os noticiários. Canal 1, Canal 2. E também Monte Cario. Durante a transmissão do noticiário, posso me deslocar de uma sala para outra sem interromper a audição. — Ela sorriu. — No meu estúdio encontra-se o quarto aparelho. É uma loucura, não é?

— Talvez um pouquinho.

Subimos ao terraço. Lá em cima respirei profundamente. Tratava-se de um terraço enorme, que se estendia por dois lados do amplo apartamento. Seguramente tinha uma área que correspondia a dois terços da área total do apartamento. Na minha vida nunca tinha visto um terraço tão grande. Nem tampouco tantas flores cuidadas com tanto carinho. Devo mesmo dizer que o

terraço, pela sua arrumação, tinha o aspecto de uma ampla sala residencial moderna. Havia ali espreguiçadeiras, cadeiras de palha trançada e mesas. As visitas sentavam-se geralmente num canto localizado sob uma grande clarabóia. Perto havia um balanço bem convidativo. O chão era de cerâmica branca e azul. O apartamento de Angela Delpierre estava localizado no último andar. O terraço era completamente indevassável. Apesar de haver, num dos lados, ao invés de parede, um revestimento bem alto, feito de treliça pintada de branco, mesmo assim quase não se podiam ver as ripas, pois nelas se enroscavam as heras, os jasmins floridos com as folhas verdes e as buganvílias, aquelas plantas trepadeiras espinhentas dotadas de folhas ovais formando verticilos, cujas flores mostram todas as nuances das tonalidades vermelha, violeta e laranja. Essas plantinhas fincavam suas raízes dentro de pequenas caixas de madeira dispostas no pé desse tabique de treliça. Viam-se ali, também, certas talhas de bom tamanho, feitas de cerâmica, com formato de botijas. Parece-me que são denominadas talhas Ali-Babá. Dentro delas cresciam viçosas petúnias, brancas e violeta, bem como gerânios vermelhos, brancos e azuis. Essas talhas Ali-Babá possuíam aberturas laterais semelhantes a pequenas bolsas, das quais despontavam raminhos floridos com minúsculas rosas das mais variadas cores.

Mais uma vez Angela percebeu minha surpresa.

— Esta espécie de rosas tão pequeninas é denominada Surprise. Como o senhor vê, também sou maluca por flores.

— Como eu! — respondi, contemplando grandes vasos colocados sobre uma das mesas, contendo gladíolos alaranjados e vermelhos. Eu olhava, como que extasiado, as touceiras de margaridas que despontavam, em franca floração, dos seus vasos, os pinheirinhos bem verdes e uma infinidade de plantas ornamentais de outros tipos. Podia-se dizer que esse terraço era um verdadeiro mercado de flores. Notei que sobre uma pequena mesa se encontravam tesouras especiais para podar os raminhos, latas com inseticidas e pulverizadores. Não faltavam também mangueiras e regadores para a irrigação da folhagem.

Próximo ao tabique, entre os jasmins e as buganvílias, estavam espalhados bichinhos coloridos feitos de louça envernizada, tipo fantasia: um marreco, um pombo e diversas borboletas.

— Esses bichinhos eu comprei em Vallauris — explicou-me Angela.

Ela não parava de me observar com olhos perscrutadores. Aliás, a faculdade de observar era, de fato, própria da sua profissão.

— Vallauris não fica muito longe daqui. Lá se fabricam louças de barro, com as características da mais antiga tradição, desde 1950. Foi seguramente pela influência de Picasso, Pignon e Prinner que Vallauris se tornou um dos maiores centros da arte da cerâmica no mundo.

Ela falava com tanta naturalidade e com a despreocupação de uma alma tão pura, sem nenhum peso na consciência, que cheguei a esquecer minhas dores e passei a respirar profundamente o ar puro da brisa fresca que realmente perpassava pelo terraço.

Angela, apontando para o pombo de louça, conta-me:

— Foi Picasso que me presenteou este pombinho. Evidentemente, fiquei muito feliz e orgulhosa por ter recebido esse presente. O que o senhor quer beber? Algum suco de fruta? Laranjada? Água tônica? Ou prefere *bitter lemon?*

— *Bitter lemon.*

— Um momentinho, por favor.

Correndo descalça, desceu ao barzinho do apartamento. Avancei até o parapeito para contemplar o mar. Tenho visto, em minha vida, tantas cidades lindas e dotadas de magníficos panoramas, mas como essa, nunca!

Sob meus olhos se estendia Cannes com seus palacetes residenciais, ruas, edificações e igrejas antigas. Dali podia divisar, com um campo de visão praticamente ilimitado, todo o mar. Olhando para a esquerda, minha vista alcançava até Cap d'Antibes, e, para a direita, descortinava perfeitamente, nos seus mínimos detalhes, os contornos do monte Esterel. Eu via a gigantesca baía ao longo da qual se espraia a cidade de Cannes. Observava parques ensombreados por frondosas palmeiras e jardins de flores entre os palacetes. De um lado, surgia o antigo porto e, um pouquinho à esquerda, um outro que seguramente deveria ser o novo porto. Por ali estavam ancorados muitos iates, alguns deles bem grandes. Os edifícios pareciam luzir sob a intensa radiação solar. O mar era azulado. Notei que um destróier americano, postado na fileira dos navios chegados na véspera, levantava âncora. Via barcos a vela, barcos a motor e iates que deslizavam sobre a água deixando rastros de branca espuma. O céu tinha a mesma cor do mar e ambos pareciam projetar-se até o infinito. Bem ao longe um avião cortava o céu. De tão distante, não se ouvia o ruído dos motores. Era um enorme aparelho, que procurava aterrissar em Nice.

Atrás de mim soou a voz de Angela, explicando-me:

— O porto que se vê no lado esquerdo chama-se Port Canto. É lá que ancoram todos os iates. Um pouquinho mais atrás o senhor pode vislumbrar o Cassino Palm-Beach.

Virei-me para ela, que foi logo me entregando o copo com a bebida preparada.

— O seu *bitter lemon*. Com gelo e algumas rodelas de limão. Está bem assim?

— Ótimo.

Ela bebia suco de fruta.

— Que maravilhoso lugar, este terraço! — exclamei.

— Realmente — respondeu-me sem afetação. — É sempre lindo aqui, quer seja dia, quer noite. Com tempo bom e com tempo ruim. Sempre que posso, corro para cá a fim de respirar este arzinho puro.

— Não é preciso dizer. Nota-se logo que a senhora gosta de ficar aqui em cima.

Ela sorriu.

— Se não tivesse que trabalhar, eu passaria o dia inteiro aqui. Não sairia deste terraço.

Ela estava perto de mim e, então, pela primeira vez senti o odor de sua pele cheia de frescor. Angela não usava nenhum perfume.

— Sente-se. Procure ficar debaixo do telhado. O senhor está sem nada na cabeça e é muito perigoso.

Colocou na cabeça um gorro de tecido de linho e, para sentar-se, escolheu uma cadeira que estava ao sol.

— A mim o sol não faz mal porque já estou acostumada. Mesmo assim, nunca deixo de cobrir a cabeça. Hoje vai fazer um calor sufocante. Que é que o senhor deseja saber, *Monsieur* Lucas?

— Tudo o que a senhora puder me informar com relação a Herbert Hellmann.

— Não sei muita coisa — respondeu-me, esboçando um gracioso sorriso. Nos cantos de seus olhos notava-se a formação de pequenas rugas. — Eu o conheci por intermédio da irmã dele. Pintei o retrato de ambos. Primeiro concluí o dela. Já fazia muito tempo que o retrato de *Monsieur* Plellmann estava aqui. Quando ele chegou na semana passada, sua irmã lhe disse que esse retrato, ainda não totalmente concluído, se achava no meu estúdio. Então ele veio aqui. Três vezes, ao todo. Em cada vez, permanecia no meu estúdio de uma a duas horas. Agora o retrato já está pronto, mas *Monsieur* Hellmann está morto. Terei que telefonar para a irmã dele.

— A senhora permite que eu veja esse retrato?

— Evidentemente, *Monsieur* Lucas.

Pôs-se logo de pé e seguiu na minha frente para conduzir-me ao seu estúdio, embaixo. Caminhava ligeiro, demonstrando muita leveza e fazendo sempre movimentos graciosos. Eu estava de meias, sem sapatos. Comecei a sentir novamente dores no corpo. Seu estúdio era bem amplo. Notei que havia cerca de uma dúzia de retratos ainda não concluídos. Vi um avental todo manchado de tinta, que estava pendurado num cabide. Palhetas, bisnagas com tintas, pincéis, garrafas de essência de terebintina, telas e molduras eram coisas que ali denotavam uma atividade artística bem intensa. Angela apontou para um retrato ainda sem moldura que se encontrava num canto da sala:

— Aqui está.

Examinei detidamente o retrato. Na minha opinião — e suponho entender um pouco de pintura —, Angela manejava o pincel como abalizada retratista. O quadro mostrava só a cabeça de Hellmann. Se a pintura não tivesse sido retocada (os retratos retocados não conservam nunca o aspecto verdadeiro das pessoas), o banqueiro Hellmann poderia felicitar-se pelo seu lindo rosto. O quadro apresentava uma cabeça de conformação graciosa. Olhos cinzentos. Um sorriso amável aflorando dos lábios. Fronte bem saliente. Cabelos grisalhos abundantes, cortados à escovinha. O semblante dava a impressão convincente de tratar-se de homem absolutamente íntegro.

— Neste retrato ele tem um aspecto encantador — comentei.

— Mas ele realmente tinha um aspecto encantador, *Monsieur* Lucas. E era um cavalheiro... (“Sim?”, pensei comigo mesmo.) Ele era um verdadeiro *gentleman*.

Angela pareceu ter refletido um pouco e continuou:

— Trata-se apenas de uma impressão minha, *Monsieur* Lucas... simplesmente uma impressão pessoal que não deve ser tomada em outro sentido...

— Como assim?

— Hellmann andava muito nervoso e irritado quando o atendi nas últimas sessões para concluir o retrato. Algo o martirizava terrivelmente.

— Será que ele não estava com medo de alguma coisa?

— É bem provável. Eu... eu... É apenas impressão pessoal, note bem... eu tinha a impressão de que ele vinha ao meu estúdio principalmente porque aqui encontrava paz de espírito. Aliás, foi o que ele próprio me disse. Gostava muito de mim. Eu também gostava dele. Daí a razão por que ele seguidamente me convidava para passear no seu iate, como... como o fez também dessa vez...

— Dessa vez em que um problema de estômago salvou a sua vida — concluí.

— É verdade. Foi uma grande felicidade essa perturbação no estômago e os enjoos. Do contrário, eu também estaria morta a esta hora. E quem sabe se não... — Interrompeu bruscamente a frase. Aquela expressão sombria dos seus olhos tornou-se mais acentuada.

— Que é que a senhora queria dizer?

— Nada.

— Mas percebi claramente que a senhora queria dizer algo e interrompeu a frase.

— Oh, não, *Monsieur* Lucas. Vamos voltar ao terraço?

Nem esperou a minha resposta. Saiu na minha frente, passando diante da cozinha, cuja porta estava aberta.

Sobre o terraço ainda corria aquela maravilhosa brisa fresquinha, que me dava uma sensação de bem-estar.

— Entretanto, da última vez nem mesmo aqui ele encontrou paz de espírito — disse Angela, sentando-se na sua cadeira.

— Por que não?

— Chamavam-no constantemente ao telefone.

— Quem?

— Oh, os amigos com os quais ele efetuava negócios.

Tirei do bolso da calça minha carteira com a folha de papel, onde havia anotado os nomes dos super-ricaços, fornecidos pelo pobre Louis Lacrosse, entregando-a a Angela.

— Não teriam sido telefonemas de algumas dessas pessoas? A senhora conhece todos os que estão relacionados nesta folha de papel?

— Um momentinho, por favor — disse-me ela e foi apressadamente ao quarto de dormir. Esse quarto tinha umas janelas enormes, que se abriam para os lados. Angela voltou em seguida trazendo um par de óculos munido de lentes finas.

— Nestes últimos anos comecei a ficar com a vista cansada. Já não consigo mais ler sem óculos. Dirigir carros e fazer meus trabalhos caseiros, eu ainda posso muito bem. Mas ler, não. Nem pintar.

Examinou detidamente a folha de papel. Seu semblante revelou um estado de profunda concentração, como, aliás, era do seu hábito ao ter que dar uma resposta concisa e exata às perguntas que lhe eram formuladas. Depois de um certo tempo, disse ela:

— Com exceção do casal Sargantana, conheço todas as pessoas aqui mencionadas. De John Kilwood, dos Fabiani e dos Tcncdos já pintei os retratos. Mas, de todos eles, os Trabaud são os que melhor conheço. Com eles tenho relações de amizade. Especialmente com Pasquale.

Tirou os óculos.

— O senhor está admirado, não é verdade?

Antes que eu respondesse, ela prosseguiu:

— Sou um exemplar único nesta cidade: conheço todo mundo. Mas isso se deve simplesmente à natureza da minha profissão. O pessoal sempre me convida para as reuniões sociais, para as festas de gala...

— Que pessoal é esse de que a senhora fala?

— Ah, sim, a diretoria do Cassino Palm-Beach e a diretoria do Municipal, em todas as temporadas. Convidam-me para os festivais de cinema e para todas as exposições organizadas aqui. O principal organizador dessas festividades é o Syndicat dTnitiative. Trata-se, explicando-lhe melhor, de uma espécie de departamento destinado a prestar informações aos turistas estrangeiros em toda a orla marítima. Eu... — ela ficou visivelmente encabulada — eu tenho fama mundial, adquirida através das minhas pinturas. Especialmente nesse círculo de pessoas, creio eu. O Syndicat dTnitiative me considera abertamente uma das atrações de Cannes.

— E a senhora o é, sem dúvida.

— Obrigada. Mas não por ter muitos méritos. Fui arremessada, por assim dizer, para dentro desse círculo nos últimos anos. Evidentemente fiquei muito feliz com isso, pois o número de clientes aumentou consideravelmente. Por outro lado, devo dizer que a coisa é deveras dispendiosa: tenho sempre que comprar vestidos e sapatos novos para essas pomposas festas. A gente precisa andar finamente vestida. Mas tenho sorte, acredite-me. Por duzentos francos consigo um vestido, e as outras mulheres são capazes de jurar que me custou dois mil e que é da alta costura de Pucci. Tenho também, é claro, alguns vestidos bem caros, casacos de peles e finas jóias... Emprego tudo o que ganho na compra de jóias. Se a gente algum dia tem que fugir, as jóias são as coisas mais fáceis... — Novamente interrompeu a frase.

— A senhora já teve que fugir alguma vez?

— Como lhe disse, conheço todas as pessoas aqui relacionadas, com exceção do casal Sargantana. — Ela procurava desviar o assunto para não responder à minha pergunta. — Todos os anos eles passam alguns meses aqui, pois possuem casas ou apartamentos. Os Trabaud vivem três quartos do ano em Cannes e o resto em Paris. Mas, com relação à sua pergunta, posso lhe afirmar que não era nenhuma dessas pessoas que telefonava a *Monsieur* Hellmann, quando ele se encontrava aqui, embora isso o decepcione, *monsieur*. Eram vozes que eu não conhecia.

— Naturalmente alguém fazia a ligação e perguntava por *Monsieur* Hellmann. A senhora passava-lhe o fone e não podia, portanto, ficar sabendo com quem ele falava depois.

— É evidente que eu não podia saber se ele estava falando com outra pessoa. Agora compreendo o que o senhor quer dizer: alguém, antes, se

apresentava no aparelho solicitando a presença de *Monsieur* Hellmann e, depois que este pegava o fone, as pessoas mencionadas no papel que o senhor me mostrou passavam a falar diretamente com ele.

— Ou somente uma delas falava com ele. É o que eu penso. A senhora considera isso impossível?

— Acho até bem plausível essa hipótese — respondeu-me com o semblante sério. — Engraçado, eu não havia pensado nisso antes!

— E a senhora acha que era por causa desses telefonemas que ele não tinha sossego, nenhuma paz de espírito?

— Cada vez que lhe telefonavam ele ficava muito irritado. Chegava a tornar-se violento. Depois passava a demonstrar nervosismo e apatia. Nunca me disse o que se passava com ele. Naturalmente, por discrição, nunca lhe perguntei nada.

— Quando ele fez as visitas ao seu estúdio?

— Durante três dias seguidos. Ainda na semana passada. Foi na última visita que ele me convidou para ir à Córsega no seu iate, juntamente com os casais Simon e Bienert. Fsses casais eu também conhecia.

— Que pretendia ele fazer na Córsega?

— Tencionava encontrar-se com amigos em Ajaccio para tratar de negócios.

— Em que idioma eram dados os telefonemas?

— Em inglês.

Enquanto conversávamos, nas proximidades de Nice constantemente aterrissavam ou decolavam gigantescos aviões. Eu os via voando sempre a baixa altura, mas quase não ouvia nenhum ruído dos motores.

— A senhora também fala inglês?

— Como alemão.

— Posso perguntar-lhe o que dizia *Monsieur* Hellmann nessas conversas telefônicas? Ou a senhora não ficava presente?

— Meu aparelho é munido de um fio muito comprido. Do meu quarto posso transportá-lo por todo o apartamento. Quando estou trabalhando, o aparelho fica no estúdio. Era lá que ele sempre estava quando *Monsieur* Hellmann se encontrava aqui. Eu sempre fazia menção de me retirar, mas ele me pedia para permanecer ali. Eu não prestava muita atenção ao diálogo. A conversa girava principalmente em torno de prazos ou algo semelhante. *Monsieur* Hellmann replicava com firmeza e energia, mantendo-se irredutível no seu ponto de vista. De que assunto se tratava, lamentavelmente não sei. Só posso dizer que era muito constante a repetição de uma palavra: "*cover*". Não! Eram duas as palavras repetidas com muita frequência: "*cover''* e " *coverage*".

— *Cover, coverage* — repeti maquinalmente.

— Espere um momentinho que vou buscar um dicionário.

Dirigiu-se apressadamente à sua biblioteca e voltou de lá trazendo um dicionário inglês-francês. Depois de ter ajeitado os óculos e puxado o gorro de linho que estava quase caindo da cabeça, começou a folhear o dicionário. Encontrado o verbete, passou a ler: "*Cover* — primeira acepção: Teto, forro, tampa, capa (de livro), estojo, invólucro, cobertura, garantia, fundos, proteção..." — Levantou os olhos do livro, perguntando-me:

— Serve esta última palavra?

— Talvez... Ainda não posso formar um conceito preciso. Continue, por favor.

— "...casaco, talheres... Segunda acepção: cobrir, tapar, encobrir, embrulhar, enrolar, ocultar..." Esta última, que lhe parece?

Fiz apenas um movimento com os ombros.

— "...tapar, esconder..." Nenhuma dessas serve?

— Oh, bem que eu desejaria saber qual dessas palavras melhor se adapta ao exato sentido do diálogo mantido por *Monsieur* Hellmann!

O pequeno gorro já estava quase caindo novamente da sua cabeça. Ela o puxou com força. Uma loura madeixa caiu-lhe pela testa saliente, de pele amorenada.

— "...dar segurança ou cobertura, com armas de proteção; abranger uma região ou um terreno com proteção pelas armas; abarcar, conter,

incluir, abranger (os jornais) um assunto, uma entrevista, uma reportagem... *covered button, covered court, covered wire... Coverage*: reportagem, informação; *cover girl... ”*

— Não, não me parece que alguma dessas palavras possa servir.

— Mas que pretenderia ele dizer, então? Posso lhe afirmar com toda a segurança que esses dois vocábulos — *cover* e *coverage* — pareciam estar sempre aflorando dos lábios de *Monsieur* Hellmann quando ele atendia ao telefone. O diálogo girava praticamente só em torno dessas duas palavras.

— *Madame*, a senhora acha que essa explosão foi um acidente ou um crime?

— Um crime! — respondeu Angela sem hesitar.

— Por que pensa desse modo?

— *Monsieur* Lacrosse disse-me que houve uma explosão de dinamite muito violenta.

— Ah, é por isso então que a senhora acredita ter sido um crime?

— Não só por isso. Também por causa do estado em que *Monsieur* Hellmann se encontrava. Principalmente por causa desse seu estado.

— Qual era o estado dele? Não era só o medo que o dominava?

— Era também o medo.

— Ele manifestava raiva, irritação, amargura?

— Tudo isso junto.

A voz dela soava melodiosa e agradável. Nunca alterava a voz por irritação. Conservava sempre o autodomínio.

— Teriam esses telefonemas alguma relação com o crime?

— Acho que eles deviam ter forçosamente alguma ligação com o caso. Mas em que condições, realmente não sei. Além disso, não está absolutamente provado que os telefonemas eram dessas pessoas. — Aponta o dedo para o papel contendo os nomes. — Ou de alguma delas.

— Ele demonstrava desespero?

— Sim, o estado dele poderia definir-se como sendo de desespero...

— Poder-se-ia, portanto, até mesmo supor que ele estivesse propenso a cometer suicídio, não é verdade?

— Dessa maneira e nessas circunstâncias, arrastando para a morte também outras pessoas?! Nunca! O senhor não conheceu *Monsieur* Hellmann. Essa é uma hipótese que deve ser excluída sem comentários. Se ele tivesse que dar cabo da existência, estou certa de que o faria sem impelir para a morte outras pessoas. Afirmo isso apostando até a minha própria vida. — Encarou-me pensativa. — Como vê, não lhe posso ser muito útil nesse caso, não é verdade?

— A senhora está sendo extraordinariamente útil.

Ela sorriu. Eu também sorri maquinalmente, dizendo-lhe: — *Cover*.

— *Coverage* — respondeu-me ela.

— Ainda uma pergunta: não lhe parece estranho que todas essas pessoas tenham vindo a Cannes mais ou menos na mesma época, ou faziam isso habitualmente?

— Não. Elas sempre vinham em épocas diferentes. Só que dessa vez tinham combinado festejar o aniversário de *Monsieur* Hellmann, que completaria sessenta e cinco anos,

— Ah, sim.

— Foi a irmã dele que me disse isso por telefone. Naquele dia, entre onze horas e meio-dia, foi grande o movimento nos telefones. Um telefonava para o outro. *Madame* Hellmann me telefonou diversas vezes. Para me convidar e para conversar comigo. Ela não anda bem de saúde...

— Eu sei. Como foi que a senhora conseguiu pintar o retrato dela?

— Eu ia à sua residência. Raramente ela sai de casa.

Sente grande dificuldade para caminhar. O retrato pintado se encontra na casa dela.

— Quando *Monsieur* Hellmann iria completar sessenta e cinco anos?

— Hoje. Hoje seria o seu aniversário. Dia 13 de maio.

— Muito bem — disse eu, já guardando a folha de papel com os nomes daquelas pessoas. — Fico-lhe sumamente grato por ter me concedido todo esse tempo, *madame*. Realmente, a senhora me prestou um grande auxílio com as suas informações.

— Receio que não.

— Pode ter certeza de que seus informes são preciosos para mim.

Ela sorriu mais uma vez quando me levantei encurvado, como que enrijecido. Não consegui sorrir. Passamos pelo apartamento e penetramos no pequeno saguão. Fiz o nó da gravata rapidamente, calcei os sapatos e enfiei o paletó. Enquanto me aprontava, Angela não tirava os olhos de mim, examinando-me com muita atenção.

— Bem... Então até a vista...

Estendi-lhe a mão, mas ela não quis apertá-la.

— *Monsieur*... — Angela falava agora com uma voz branda, quase melíflua.

— Sim? — Repentinamente fiquei encabulado.

— *Monsieur* Lucas, poderia fazer-lhe uma pergunta? Mas peço que o senhor não fique melindrado nem ofendido. O senhor me promete? Creia-me, é uma pergunta que lhe faço com a melhor das intenções.

— Prometo-lhe, Que é que a senhora deseja perguntar, *madame*?

— O senhor às vezes ri? O senhor consegue rir, *monsieur*?

— Eu... Francamente, não compreendo...

— Ria! — ordenou-me a estranha mulher.

Dei uma risada forçada e artificial.

— Isso não é nenhum riso.

— Mas consegui rir.

— Não, o senhor não riu.

— Bem, é evidente que, sob comando, não posso rir com espontaneidade.

— Claro que não. Foi, na verdade, uma falta de tato da minha parte pedir-lhe que ris^e.

— Absolutamente não! É que acentua muito o aspecto de severidade do alemão, não é?

— Não vejo nada de severidade nem nada de alemão.

— Que é então que a senhora nota em mim?

— Escute, *Monsieur* Lucas: o senhor poderá negar ou não admitir o que vou lhe dizer, poderá até considerar-me atrevida, insolente e mal-educada, contudo... contudo acho que devo dizer-lhe... Veja o senhor, é tão...

— Continue, por favor.

— É tão... Eu me permitiria dizer que é tão estranho o fato de o senhor ter vindo aqui com uma roupa que não é apropriada para o calor. Da mesma forma seus sapatos também não são adequados. Depois do meio-dia terei que ir à cidade para comprar tintas e buscar uns vestidos que mandei reformar numa casa de modas da Rue d'Antibes. O senhor é simpático, *monsieur*. Muito simpático, mesmo.

— Ninguém me disse isso antes.

— Sim, eu sei.

— Como é que a senhora sabe?

— Simplesmente porque sei. *Monsieur* Lucas, o senhor me permite acompanhá-lo quando for comprar as coisas de que precisa? Pelo que parece, terá que permanecer nesta cidade por muito tempo, não é?

— Sim.

— E uma mulher sabe melhor o que serve para um homem. Ela sempre tem um golpe de vista mais adestrado para essas coisas.

— A senhora quer me acompanhar quando eu for comprar as coisas de que preciso? Acha minha roupa esquisita?

— Esquisita, não! O senhor exagera no uso desse tipo de roupa. Roupa que nada tem de prático, *monsieur*. Então?

— Alegro-me sinceramente com a sua resposta.

Nesse momento percebi que meu coração batia aceleradamente. Continuei:

— Fico muito alegre e satisfeito, *madame*, creia-me. Mas antes a senhora terá que permitir que eu a convide para um almoço.

— Com muito prazer. Mas previno-o desde já que tenho um apetite enorme.

— Quando posso vir buscá-la então? Está bem à uma hora?

— Ótimo. Está combinado: à uma hora.

— Vou reservar nossa mesa no Majestic.

— Deixe que eu mesma escolherei o local. Em qualquer outra parte.

— Está bem. Então até a uma hora! Fico muito alegre e satisfeito, creia-me.

— E eu também me alegro, *monsieur*. Vou chamar um táxi. O ponto de táxi é bem próximo daqui. O carro não demora muito a chegar.

Deu-me um forte aperto de mão. Antes de sair, lancei mais uma vez um olhar pelo apartamento. Falando como um verdadeiro idiota, disse:

— Imagine a senhora': eu também gosto de colecionar elefantes. Esses bichinhos me agradam muito. Principalmente os bem pequenos, feitos de ébano. São muito engraçadinhos!

— O senhor é supersticioso?

— Muito supersticioso.

— Eu também.

Ela abriu a porta. Dirigi-me ao elevador, apertei o botão e, enquanto esperava que ele chegasse, virei-me ainda uma vez: Angela permanecia na porta, sorrindo com uma expressão de alegria. Também procurei sorrir, mas não consegui. Estava me sentindo muito indisposto, tendo dificuldade até para falar. A porta do elevador se abriu. Quando entrei, Angela ainda se encontrava na porta do apartamento e continuava sorrindo. Levantou a mão em sinal de despedida e eu correspondi levantando a minha. A porta se fechou e apertei o botão para o térreo. O elevador começou a descer sem trepidação. Estava muito quente dentro dele. Na parede, mais ou menos à altura da cabeça, encontrava-se um espelho. Olhei meu rosto e tentei sorrir, mas só fazia caretas. Inopinadamente meu corpo começou a doer nas partes onde fora espancado na noite anterior. Eu até havia esquecido essas bordoadas. Mas também de um momento para outro essas dores desapareceram completamente. Então comecei a sentir uma outra espécie de dor muito diferente, que invadiu todo o meu corpo. Uma dor que eu não poderia descrever. E o que havia de mais absurdo em tudo isso era precisamente o fato de tratar-se de uma dor suave, como que repassada de doçura. Uma dor que percorria todo o meu corpo, dando-me uma sensação agradável. Eu nunca havia tido antes uma sensação dessa espécie.

— *Crime*. — Rouca, murmurante e num tom de súplica, soou a voz de Hilde Hellmann. — É claro que se trata de um crime. Um crime hediondo, perfidamente concebido!

Ela estava sentada ereta numa enorme cama estilo rococó, num quarto espaçoso com pouca claridade. Agora compreendi por que meu chefe Brandenburg, bem como todas as companhias internacionais, a chamavam de Hilde dos Brilhantes. Mesmo estando na cama, tinha no dedo um anel contendo, no mínimo, vinte pedrinhas de brilhantes e estava usando uma esmeralda também cravejada de brilhantes. Trazia, no pulso esquerdo, uma pulseira de esmeraldas bem larga, cuja única pedra achava-se, da mesma forma, cravejada de brilhantes. E não faltava em torno do pescoço o correspondente colar. Na minha vida eu nunca tinha visto uma coisa assim. O colar se dividia em oito partes. Cada parte possuía, no meio, uma grande esmeralda oblonga. Nas suas bordas laterais viam-se desenhos artísticos de fino lavor imitando folhagem, com incrustações de brilhantes polidos. Na frente pendiam dois brilhantes com o formato de meia-lua, ligados por uma pedra polida, bem como mais uma esmeralda em forma de um grande pingo d'água. E, como é óbvio, nas orelhas de Hilde Hellmann estavam pendurados brincos formados igualmente por esmeraldas, cravejados de brilhantes. O valor total dessas jóias devia atingir muitos milhões. E dizer que Hilde usava tudo isso na cama, em completo desalinho e sem pintura, mostrando a pele branca e os olhos albinos, com os contornos rosados! Cobria-lhe a cabeça uma peruca preta, que escorregava continuamente, deixando ver que ela não tinha mais um fio de cabelo. Vestia uma camisola de rendas própria para a noite e um casaquinho verde. Para ela o tempo estava fresco, pois tanto no seu quarto como em toda a casa havia ar-condicionado. Por isso, ali, eu podia respirar com conforto e sentia o perfume das flores.

— E que crime horrível! — exclamou Hilde dos Brilhantes.

Depois que saí do apartamento de Angela Delpierre, localizado no bairro La Californie, dirigi-me imediatamente ao gabinete de Louis Lacrosse, no antigo porto. Em seguida fui ao Majestic. Só depois de ter feito todo esse percurso foi que mandei que o carro se dirigisse ao bairro grã-fino, Les Vallergues, na parte oeste da cidade. É ali que os Hellmann possuem uma *villa*. Bastou citar o nome dos proprietários para que o motorista ficasse sabendo o meu destino. Ele conhecia perfeitamente aquela *villa*. Explicou-me que outrora ela pertencera a um príncipe russo.

Conforme verifiquei depois, estava localizada no meio de um enorme parque, todo circundado por um muro muito alto, encimado por pontas de ferro e por uma cerca de arame farpado. Havia também em cima do muro dispositivos elétricos de alarma.

Um porteiro grandalhão, usando uniforme branco com botões de metal amarelo e galões, saiu de uma guarita. O motorista fez sinal para que ele abrisse o portão. Ele não atendeu. Depois de um certo tempo, passando por um portãozinho de acesso à sua guarita, veio até o portão grande, que abriu. Advertiu-nos de que o carro não podia entrar no parque e de que eu devia saltar ali mesmo.

Faltavam dez para as onze. Do gabinete de Louis Lacrosse marquei uma entrevista com Hilde Hellmann para as onze horas. Detenho-me agora a descrever o que se passou naquele gabinete. Na sala do pobre homem estavam girando três ventiladores, pois ele se sentia quase sufocado. De manhã bem cedo eu havia comunicado a Lacrosse, por telefone, o assalto de que fora vítima, bem como as ocorrências com Nicole Monnier e Alain Danon. Ele me prometeu mandar investigar o caso.

— Que há de novo? — perguntei a Lacrosse.

Além dele, encontrava-se também no seu gabinete um homem que usava calça de linho e camisa do mesmo tecido, de cabelos pretos e pele queimada pelo sol. Era o Capitão-Tenente Laurent Viale, o perito francês em explosões que a Polícia Marítima havia designado para investigar o caso.

Viale era um homem de aproximadamente trinta e cinco anos. Fez-me um pequeno relato do que constatou. De acordo com o resultado de seu exame pericial, patenteava-se de modo inequívoco a existência de um crime. Pedaços côncavos de um mecanismo foram pescados da água. A quantidade de dinamite empregada daria para fazer voar pelos ares a própria França, disse-me o Capitão-Tenente Viale.

Esse engenho infernal devia · ter sido colocado no compartimento das máquinas. Viale julgava poder provar, mediante o exame dos destroços ou dos fragmentos colhidos, a espécie de dinamite utilizada. Essa circunstância seria evidentemente de grande utilidade para as nossas investigações. Entretanto, aconteceu um imprevisto: Viale, que morava em Nice, ficou aguardando que lhe fosse remetido de Paris por avião um espectômetro, instrumento imprescindível para a realização das pesquisas, pois o seu encontrava-se totalmente quebrado. Eu e Viale simpatizamos imediatamente um com o outro. Tive a impressão de

que, em nosso trabalho, iríamos nos entender muito bem.

— Assim que souber que tipo de material explosivo foi utilizado, poderei esclarecer também a sua origem — disse-me o Capitão-Tenente Viale. — Já faz dezesseis anos que estou nesse serviço e, aos poucos, fui adquirindo tais conhecimentos.

Os fragmentos e destroços de materiais que ele trouxera go regressar do local do acidente estavam num compartimento ao lado, onde se achava localizado o laboratório da *Direction des Affaires Maritimes*. Fomos até esse compartimento. Mostrou-me uma prateleira cheia de destroços de iodos os tamanhos.

— E quanto às investigações do meu caso? — perguntei a Lacrosse exatamente quando saímos do laboratório, cujas janelas tinham grades, conforme verifiquei.

— Nada de positivo — respondeu-me, oprimido como sempre. — Danon desapareceu.

— Que significa "desapareceu"?

— Significa o que significa. Enviei alguns funcionários do Comissariado Central à Résidence de Paris. Ninguém alendeu quando tocaram a campainha e o zelador não soube informar onde Danon se havia metido. Desse modo eles não liveram outra alternativa senão arrombar a porta, já que se achavam munidos da competente autorização judicial para efetuar buscas no apartamento.

— E então?

— Danon tinha ido embora. O apartamento estava vazio. Ele havia levado suas roupas e suas malas. O carro dele tampouco se encontrava na garagem. Ninguém viu quando ele saiu. Deve ter fugido de noite mesmo. Como é natural, já fornecemos a descrição de Danon a todos os postos da polícia e da *gendarmerie*. Mas se ele possui dez centavos de inteligência que seja, não deixará de sumir por um longo lempo, é claro. — Lacrosse acendeu um outro cigarro na pontinha do que estava acabando de fumar.

— Por que teria fugido?

— Por que razão teria ele afirmado que Nicole Monnier não morava naquele apartamento? — interrogou Viale.

— E ela morava mesmo ali? — perguntei.

— Os guardarroupas estão cheios de vestidos e de roupas íntimas de mulher.

— Então quer dizer que o apartamento também pertence a ela, não é verdade?

— Sem dúvida. Foi o que declarou o próprio zelador. Aliás, era ela que figurava como locatária e que pagava tudo. Era um apartamento alugado.

— E Danon?

— Provavelmente era seu cafetão ou alcoviteiro.

— Como provavelmente?

— Bem... Ele poderia também ser um freguês ou um simples cliente dela.

— Um freguês ou um simples cliente que tem suas roupas e malas no mesmo apartamento e que ocupa a garagem correspondente com seu carro?!

— Por que não? — retrucou o Capitão-Tenente Viale. — Ele pode muito bem morar lá por quanto tempo quiser e possuir também uma outra residência... talvez até mesmo sob um nome falso. Quem sabe se não existem ainda outras mulheres que estão a seu serviço?

— Além disso, a rosa de que o senhor me falou também desapareceu — disse Lacrosse já segurando entre os dedos um outro cigarro para acender.

— E Nicole Monnier também levou todas as suas roupas?

— Não. Os guardarroupas destinados aos vestidos e roupas íntimas de mulher estão cheios. Não falta nada. Talvez ela também tenha roupas em outro apartamento... Ou em muitos outros apartamentos. Se eles forem um pouco habilidosos, não se deixarão agarrar facilmente.

— Algum deles já foi preso antes ou possui antecedentes criminais?

— Não — respondeu Lacrosse. — Que foi que você ficou sabendo através de Delpierre?

Contei-lhe tudo o que Angela Delpierre me havia declarado.

— Se é assim, ela não revelou nada de novo. Eu só queria, sem nenhum intuito de insinuar-lhe o que deve fazer, que o senhor tivesse essa entrevista com ela.

— Que poderiam significar as palavras "*cover*" e "*coverage*"?

— Não faço a mínima ideia.

— Garantia, fundos, cobertura, hummm! Não teriam sido essas palavras empregadas com relação a cheques, letras de câmbio, saques bancários? Nessa hipótese comumente se diz que os emitentes de tais documentos dispõem ou não dispõem de fundos. Que acha você? — perguntou-me Viale.

— É verdade — respondi, já um tanto impressionado com a sua explicação. — Você tem razão. Existe discagem direta de Cannes a Dusseldorf?

— Não — respondeu-me Lacrosse. — Por enquanto só existe da Alemanha para a França. Para conseguir uma ligação daqui para a Alemanha o senhor terá que esperar algumas horas. Nossa rede telefônica anda um pouco...

— Posso telefonar a essa tal Hilde Hellmann a fim de marcar a minha visita à sua residência?

— Sem dúvida! — respondeu-me Lacrosse.

Quando me despedi grunhiu com a boca um pouco torcida:

— Desejo-lhe uma prazerosa e alegre entrevista com Hilde dos Brilhantes!

Tomei um táxi e fui direto ao Majestic. Lá tirei do cofre forte que havia alugado um pouco de dinheiro e o livro do código secreto a fim de redigir um telegrama cifrado a ser transmitido a Gustav Brandenburg.

O texto integral desse telegrama era o seguinte:

"DEPARO-ME CONSTANTEMENTE COM EXPRESSÕES EM INGLÊS: COVER E COVERAGE PT TÊM ELAS ALGUMA SIGNIFICAÇÃO ESPECIAL?"

Nosso código havia sido elaborado de maneira extraordinariamente hábil e fornecia, para cada dia da semana, um novo criptograma que permitia

cifrar facilmente qualquer texto. O telegrama foi passado com a anotação URGENTE.

Em seguida, dirigi-me à *villa* de Hilde Hellmann, onde fomos recebidos por aquele empregado de uniforme branco que não permitiu a entrada do carro no parque...

Paguei ao motorista, desci do carro e fui seguindo esse empregado, que me levou até a portaria de entrada. Ali tive que esperar um pouquinho para que ele telefonasse anunciando a minha chegada.

O senhor vai ser recebido agora — disse-me ele.

Alguns segundos após, apareceu um jipe transformado em um tipo de carro especial, coberto por uma capota que parecia um baldaquino. Esse carro tinha dois assentos atrás e mais um na frente, ao lado do volante. O chofer usava um uniforme azul com botões metálicos luzidios e galões dourados. Subi no carro, que saiu rodando através do parque, levando exatamente cinco minutos e meio até chegar ao palacete residencial. Durante o percurso havia momentos em que passavamos através de um bosque... Sim, bosque era como bem se poderia chamar aquele parque imenso, com suas palmeiras, ciprestes, cedros e oliveiras. Era tão denso, que o carro tinha que rodar, às vezes, sob um verdadeiro túnel de folhagem formado pelos galhos dessas árvores frondosas que atravessavam o caminho de um lado ao outro. Nas proximidades da residência viam-se bancos de pedra e estátuas também de pedra, que apresentavam algumas rachaduras. Havia ali uma gigantesca piscina sem água. O sol chegava a ofuscar a vista de tão brilhante. A *villa* fora construída no estilo colonial espanhol. Encantavam a vista os bem-cuidados canteiros cheios de flores. Nos chafarizes os raios do sol formavam lindos arco-íris. O caminho para a entrada do palacete passava por um enorme alpendre bem saliente, apoiado sobre colunas, e por uma espécie de terraço com muitas flores. O homem que me trouxera saiu logo, levando de volta o estranho carro.

Um outro empregado, de uniforme branco, abriu-me a porta.

— Queira ter a bondade de me seguir, *monsieur*.

Segui-o passando por um amplo saguão com piso de mármore, todo coberto de finos tapetes. Das paredes, revestidas de custosos gobelinos, pendiam quadros de Rubens, Botticelli, El Greco, Vermeer van Delft. Tenho certeza de que esses quadros eram realmente os originais. A casa tinha o aspecto de uma gigantesca loja de antiguidades com móveis caríssimos nos estilos das mais variadas épocas: barroco, renascentista e rococó. Viam-se ali móveis muito

lindos, mas que pareciam não produzir nenhum efeito para o realce estético do ambiente. Várias espécies de flores cresciam em grandes vasos colocados no chão. Toda a casa estava inundada pelo perfume delas. Colocadas em nichos bem-iluminados viam-se estatuetas de marfim representando homens e animais. Os quadros e as estatuetas não combinavam de maneira adequada com a variedade de estilos dos móveis. Apesar do fausto e da ostentação, ressentia-se o ambiente daquela característica indispensável a um ambiente culto. Respirava-se ali uma atmosfera essencialmente feminina. No meu parecer isso demonstrava com toda a evidência que era só Hilde Hellmann quem morava permanentemente naquele palacete e que seu irmão a visitava apenas esporadicamente. Era evidente que essa arrumação devia ter sido feita exclusivamente de acordo com o gosto dela.

Por uma escada de mármore subimos ao primeiro andar, onde uma larga balaustrada de pedra encobria a entrada de acesso a um corredor, ao longo do qual se enfileiravam n mil os quartos. Nesse local também havia quadros e estame i as e as paredes estavam recobertas por tapeçarias. Era sem dúvida um gigantesco palacete.

Ao percorrer o corredor deparamo-nos duas vezes com rscadinhas de três degraus, primeiro subindo para um outro plano e depois descendo. Finalmente o criado estacou diante de uma porta e bateu. Uma camareira abriu a porta e eu entrei numa sala ampla toda decorada de azul. Vi novamente vasos com flores colocados nessa sala. Na verdade, todo o palacete estava cheio de vasos de flores. Devo dizer, todavia, que as flores no palacete de Hilde Hellmann não produziam absolutamente a mesma sensação de jovialidade e de prazer que no terraço de Angela. Na residência de *Madame* Hellmann as flores eram sufocantes e recendiam um odor narcotizante.

Acendi um cigarro. Estava nervoso e molhado de suor. Fumava ininterruptamente, dando fortes tragadas. O que o Dr. Betz me disse entrou por um ouvido e saiu pelo outro, Percebi logo que me seria impossível cumprir sua recomendação. Mastiguei como doido dois comprimidos de Nitrosteron e comecei a folhear uma série de grossos volumes com capas de couro guarnecidas de metal que se encontravam sobre a mesa. Eram livros escritos em latim, que tratavam de assuntos referentes a plantas. Esperei. Acendi outro cigarro. Já passavam vinte minutos das onze. Faltando um pouco para as doze abriu-se uma porta e surgiu à minha frente um homem com uma roupa bege. Tinha uma ótima aparência. Apenas seus olhos revelavam uma certa expressão de frieza.

— Seeberg — disse-me ele, falando em alemão, enquanto me

dava um caloroso aperto de mão. — Paul Seeberg. É um prazer cumprimentá-lo, Sr. Lucas. A distinta senhora vai recebê-lo dentro de alguns momentos. Ela apenas está se refazendo e se reconfortando um pouco. O choque emocional... O senhor me compreende... Um acontecimento pavoroso!

— Realmente pavoroso! — respondi.

— Eu sou o procurador-geral do banco de Hellmann, munido de todos os poderes — explicou-me Seeberg. — Sou um amigo da família, se é permitido expressar-me desse modo. Sim, essa é a melhor expressão que encontro. Logo que recebi a notícia da terrível catástrofe, tomei imediatamente o avião para esta cidade. A Sra. Hellmann está completamente abatida, sob forte tensão emocional. Ela e seu finado irmão se queriam muito bem, creia-me. Agora, com a ajuda de um insigne e abalizado médico, ela está tentando superar essa fase tão dolorosa. Por isso tomo a liberdade de lhe pedir que não prolongue muito sua conversa com ela. Em hipótese alguma ela poderá ficar nervosa ou excitada.

— Por minha causa ela não ficará nervosa, garanto-lhe.

— Contudo — retrucou com amabilidade —, é evidente que sua conversa é suscetível de deixá-la nervosa, embora o senhor não queira, pois forçosamente terá que cumprir seu dever. Entretanto, confio em que o senhor prudentemente e com habilidade evitará tocar na sua dolorosa ferida...

Sacudi os ombros. O palacete era um verdadeiro ambiente de aromas e perfumes. O próprio Seeberg recendia ao perfume de uma certa marca de água-de-colônia.

— Que tipo de água-de-colônia o senhor usa?

— *Grès pour homme* — respondeu, sem poder ocultar uma certa expressão de orgulho íntimo. — Só neste país é que se pode adquiri-la. Perfume excelente, não é verdade? Já faz anos que uso essa marca.

— Terá o senhor, por gentileza, uma caneta? Por favor, escreva-me a marca dessa colônia, bem como o nome do fabricante.

— Grès, Paris.

— Também quero comprá-la.

— Com muito prazer.

Tirou do bolso um cartão de visita e escreveu, no verso, com uma caneta dourada, os dados por mim pedidos.

— Obrigado! — disse-lhe eu. — O senhor é muito gentil.

— Por favor, não há o que agradecer.

A porta se abriu novamente. Aparece, agora, uma irmã-enfermeira, forte e robusta mas de aspecto maternal, usando o característico traje branco.

— *Madame* já está pronta para recebê-lo.

— A senhora é italiana? — perguntei-lhe.

— Sim, *monsieur*, sou de Milão. Nunca perdi o sotaque, apesar de já estar trabalhando aqui na França para *madame* há seis anos.

Ela segurou a porta para mim. Penetrei no dormitório semi-escurecido de Hilde dos Brilhantes. A freira se encarregou de fazer-lhe minha apresentação.

— Muito prazer! — Hilde falava com a língua pesada,

M uno se tivesse ingerido forte dose de tranquilizante. — Agora deixe-nos a sós, Ana. Ninguém deve entrar aqui enquanto estivermos conversando. Entendeu bem?

— Sim, *madame*.

A porta fechou-se.

— Aproxime-se mais, Sr. Lucas. Pegue uma cadeira e sente-se aqui bem perto de mim a fim de que eu possa vê-lo melhor e não precisar falar muito alto.

Examinou-me atentamente com seus olhos albinos. Seus dedos deslizavam calmamente sobre o cobertor. Apesar do ar condicionado, eu sentia calor naquele quarto. Ela, pelo contrário, parecia estar sentindo frio.

— Naturalmente... a companhia de seguros... Compreendo perfeitamente. O senhor apenas terá que me desculpar se eu... — Agarrou um lencinho todo bordado de rendas e virou a cabeça para o lado, permanecendo nessa posição, a soluçar, durante algum tempo.

Esperei até que ela se decidisse a falar. Enquanto isso liquei respirando o perfume das flores.

Depois, bruscamente Hilde virou-se para mim. Seu rosto estava liso e branco. Ela falava baixinho como se estivesse cochichando, mas em tom enérgico e insistente.

— Foi crime. É claro que foi crime. Um crime hediondo, perfidamente concebido.

Deu um suspiro e depois repetiu.

· E que crime!

— Que significa essa sua expressão: “E que crime!”? perguntei-lhe.

Meu pé esquerdo estava doendo e a dor no lado esquerdo do peito também começava a aparecer. Mas não eram insuportáveis.

— Não lhe agrada este enfeite com meu jogo de esmeraldas? — perguntou-me inopinadamente, como se naquele mslante seu espírito tivesse se reanimado.

— Excelente! Mas que significa essa sua expressão: “E que crime!”?

— Oito das dez esmeraldas engastadas neste colar e neste anel procedem, consoante documento fidedigno em meu poder — inclusive, é claro, esta grande esmeralda em forma de pêra —, de um colar que outrora pertenceu ao Czar Alexandre II.

— Minha senhora, qual é sua opinião sobre esse crime?

— Isso o senhor já sabe — respondeu Hilde dando uma gargalhada. Uma gargalhada de pessoa louca. Assustei-me um pouco. Mas ainda iria me assustar depois, — Isso o senhor já sabe. O senhor já deve saber tudo direitinho.

— Eu não sei nada! Só sei que a senhora declarou a *Monsieur* Lacrosse que seu irmão, na sua opinião, foi morto por um dos seus amigos com o qual ele fazia negócios vultosos e que se achava numa situação desesperadora e irremediável.

— Oh, esse *Monsieur* Lacrosse! — Começou de novo a casquinar, soltando uma gargalhada assustadora e abafada. — O pobre baixinho *Monsieur* Lacrosse! Tão pequeno e com tanto medo! Tão cheio de responsabilidades! Percebi logo que para mim ele não teria nenhuma serventia. Quando falei com ele, disse apenas algumas coisas que ele achou até razoáveis.

— Então é mentira o que ele me disse?

— Esta esmeralda com formato de pingo d'água foi cortada de uma outra esmeralda consideravelmente maior. Tinha setenta e cinco quilates.

Insisti na pergunta:

— Minha senhora, então é mentira o que ele me disse?

— E as oito esmeraldas pesam juntas oitenta e três quilates. São bem valiosas, não é verdade? Sim, o que ele disse é mentira, evidentemente.

Hilde começou novamente a falar como se estivesse cochichando. Prosseguiu:

— É um homem muito cauteloso esse tal Lacrosse. Ele tem medo de se enredar em alguma confusão. *To get involved*. O senhor me compreende, não é verdade?

— Sim, compreendo.

Ocorreu-me logo a ideia de perguntar-lhe como traduziría ela as palavras "*cover*" e "*coverage*". Entretanto, julguei melhor omitir essa pergunta.

— Qual a razão que induz a senhora a acreditar que seu irmão foi assassinado?

— Ora, havia gente interessada em destruí-lo.

— Quem?

Respondeu-me com um sorriso de pessoa louca:

— Todos! Todos, Sr. Lucas!

— Todos?!

— Todos, evidentemente. Eles vieram da Alemanha. São nossos

conterrâneos. Conhecem muito bem a situação da Alemanha. Meu irmão era um grande homem. Grande e poderoso demais para eles. — Soltou uma gargalhada. — Mas, por favor, não me olhe com essa cara. Não procure simular. O senhor sabe perfeitamente que foram todos eles juntos que mataram meu irmão.

Nesse ponto da conversa lembrei-me dos votos "de um feliz e prazeroso encontro" que Lacrosse ironicamente me formulara quando eu lhe disse que iria visitar Hilde dos Brilhantes. Pela sua maneira de portar-se, essa mulher sem dúvida deveria estar sofrendo de alguma perturbação mental.

—: Todos os seus amigos — repetiu mais uma vez casquinando como doida. — Todos eles juntos. Eles tinham que dar-lhe sumiço... Para que ele deixasse de existir.

Convenci-me do seu desequilíbrio mental.

— A senhora se refere naturalmente a todas aquelas pessoas que vieram a esta cidade para comemorar o aniversário dele, não é verdade?

— O aniversário! — Começou a desmanchar-se em lágrimas e a soluçar fortemente. — Hoje ele estaria...

Não pôde mais prosseguir. Levantei-me sobressaltado, pois ela, num ímpeto, pulou da cama. Correndo, fui postar-me à porta do quarto.

— Para onde a senhora quer ir?

— Chamar a irmã-enfermeira.

— Não!

Bruscamente sua voz pareceu ter adquirido um timbre agudo. Fiquei de pé, movimentando-me em torno dela. Sentou-se na borda da cama, mantendo o busto bem ereto. Nno chorava mais, embora continuasse com os olhos lacrimosos.

— A irmã-enfermeira está lá fora. Ninguém vai chama Ia. Saia imediatamente!

— Não!

— Por que não?

— Não fale assim comigo, minha senhora! Não posso lolerar essa

sua atitude.

— Desculpe-me. — Começou a rir novamente, dando umas risadinhas de louca. — Meu nervos... Há momentos cm que penso que vou perder a razão. Por favor, sente-se.

Sentei-me.

— Então a senhora considera esses seus amigos e sócios culpados da morte do seu irmão?

Com essa pergunta ela quase se rebentou de tanto rir.

— Que ideia é essa, meu Deus! Os bons amigos dele, que são também os meus mais caros amigos, que tanto prezo! Sr. Lucas, não é hora para fazer gracejos.

— Não é nenhum gracejo que estou fazendo. A senhora mesma se referiu a todos indistintamente. Quem são eles, então?

— O senhor sabe tão bem quanto eu — retrucou, incomodada.

Pegou minha mão. A dela estava fria e a minha se achava molhada de suor.

— Sr. Lucas, pagar-lhe-ei a quantia que o senhor quiser!

— A companhia para a qual eu trabalho provavelmente terá que pagar-lhe o valor do seguro...

Numa atitude expressiva ela acenou negativamente, como que dando a entender que pouco lhe interessava esse pagamento, e disse-me com altivez, falando num tom autoritário:

— Companhia de seguros, qual nada! Pagar-lhe-ei para que prove a culpabilidade de todas essas pessoas perante o tribunal, fazendo o possível para que elas sejam liquidadas, apagadas... Essas pessoas devem ser eliminadas. Do contrário, minha vida também correrá perigo.

— Como assim?

— Sou a herdeira do meu irmão. A sua única herdeira. Agora tudo o que era dele me pertence. Sou a única parenta viva do meu pobre irmão.

— Isso significa, então, que também o banco agora lhe pertence, não é verdade?

— Evidentemente.

— Mas a senhora, nesse estado... Desculpe-me...

— O senhor tem razão. Nesse meu estado não poderei ir à Alemanha. Além do mais, não sei lidar com dinheiro. Por felicidade, Seeberg está tomando conta dos negócios.

— Quem?

— Paul Seeberg, o nosso procurador-geral. É o homem que o senhor conheceu há pouco.

— Ah, sim.

— Nele eu posso confiar. Mas ele não tem nenhuma experiência com relação ao ramo de atividade do senhor. Portanto, em que condições vamos fazer esse negócio? Qual é a importância que o senhor exige? O senhor receberá o dinheiro que quiser desde que me ajude a eliminar esses monstros. Mas não me venha dizer de novo que o senhor não sabe a que pessoas estou me referindo!

Essa mulher estava louca. Não havia nenhuma vantagem em continuar falando com ela. Respondi-lhe simplesmente:

Não quero dinheiro algum. É minha obrigação esclarecer o caso. Tão logo tenha conhecimento de algo a respeito do assunto, comunicar-lhe-ei os informes obtidos, Nra. I lellmann. Quer que lhe faça essa comunicação?

— Imediatamente, meu caro!

Levantei-me.

Faça o favor de olhar! — disse Hilde. Apertou o botão de um interruptor que se achava ao lado da sua cama. Atrás de mim resplandeceu uma luz forte.

Colocado entre dois guardarroupas de modo a receber cm cheio a projeção da luz focada por baixo, pendia um retrato de Hilde que a mostrava como ela realmente era. Dava a impressão de uma figura fantasmagórica.

Assim iluminado por intenso jato de luz, o retrato provocava um

efeito quase aterrador. Angela reproduzira fielmente toda a loucura que se estampava nos olhos daquela mulher. Predominavam no retrato as tonalidades espalhafatosamente vivas das tintas branca, amarela e laranja.

Maravilhoso, não é verdade? Naturalmente o senhor conhece Angela Delpierre.

Apenas de nome — respondi-lhe, mentindo.

O senhor não a conhece pessoalmente?

Não.

O senhor deve procurar conhecê-la.

Será para mim um grande prazer — disse-lhe eu enquanto tirava do bolso o meu caderninho de anotações, a minha caneta-tinteiro. — Poderia anotar-me, neste caderninho, o nome e o endereço dela? Tenho a vista cansada e esqueei meus óculos.

Ela pegou a caneta e a caderneta, anotando o nome de Angela, seu endereço e o número do telefone. Para escrever, colocara a caderneta sobre os joelhos. Nessa posição, MUI caligrafia talvez se modificasse um pouco. Esperava que CINII alteração pelo menos não fosse muito acentuada. Agora possuía uma segunda prova da sua caligrafia.

É uma grande artista! O senhor acredita que muitas vezes deixo acesa durante toda a noite essa luz que incide sobre o retrato? Ando dormindo muito pouco. Apenas em meus intervalos interminentes. Cada vez que desperto, fico contemplando o quadro. Essa contemplação me traz tanta pnz de espírito...

A porta se abriu. Apareceu Seeberg.

— Sinto muito, Sr. Lucas, mas considero-me responsável pela senhora. O senhor já permaneceu no quarto conversando com ela por muito tempo. A senhora anda muito fraca.

— Já estou me retirando — retruquei-lhe.

Hilde estendeu-me novamente a mão fria. Quando me inclinei para seu lado, ela cochichou ao meu ouvido:

— Um milhão? Não lhe serve essa quantia? Dois milhões? Teléfone dizendo se aceita ou não. Está combinado? O senhor agora já sabe o que

terá que fazer.

Meneei a cabeça afirmativamente.

Quando já me encontrava na porta, Hilde disse-me em voz alta:

— Todas essas jóias e adornos foram arrematados num leilão da Sotheby, em Zurique.

Seeberg desceu a escada comigo e conduziu-me até a porta de saída. O criado, com aquele carro que parecia um jipe, já estava esperando.

— Um táxi já se encontra no portão aguardando a sua chegada — comunicou-me Seeberg.

— Agradeço-lhe muito a gentileza. A Sra. Hellmann está realmente sob os cuidados de um bom médico?

— O melhor. O melhor que existe aqui. Um médico interno e um psiquiatra.

— Hum...

— Bem... Agora o senhor mesmo viu em que condições ela ficou depois da catástrofe, não é verdade?

Concordei com um meneio de cabeça.

— Desejo-lhe felicidades e sucesso nas suas investigações — disse-me Seeberg ao despedir-se de mim. — Certamente nos veremos de novo em breve.

— Certamente, Sr. Seeberg.

Entrei naquele jipe coberto por uma espécie de baldaquino, que arrancou logo. Seeberg já havia desaparecido quando me virei para observar o palacete. O carro, nesse instante, estava contornando a rampa. Entretanto consegui notar que dois rostos se achavam quase colados à vidraça de uma janela do primeiro andar. Eram Hilde Etellmann e a irmã-enfermeira Ana. Elas me observavam atentamente com os olhos fixos. Esses dois rostos revelavam uma indescritível expressão de terror. Jamais havia visto tanto medo concentrado em dois semblantes humanos. Perceberam logo que eu também estava olhando para elas. Com a rapidez de um raio fecharam a cortina.

Angela Delpierre estava sentada ao volante do seu Mercedes branco. Eu estava sentado ao lado dela. O próprio ar, a essa hora, achava-se impregnado de calor. O asfalto parecia cintilar. Angela usava uma calça branca e uma blusinha de gola alta, fechada, estilo Mao Tsé-tung.

Estava levemente maquilada. Estávamos rodando pela Avenue du Roi Albert I, que, às vezes, se estendia, serpeando, ao longo do leito da via férrea e atravessava becos estreitos nos quais se viam velhas casas abandonadas, cujos muros estavam cobertos por uma enorme quantidade de cartazes de propaganda totalmente rasgados e estraçalhados. Cruzamos a Rue d'Antibes atingindo, logo em seguida, a Croisette. Avançávamos em direção ao oeste. Era sempre Angela que se sentava ao volante quando saíamos no seu carro. Eu ficava ao seu lado, inclinando-me continuamente a fim de observá-la. Seus cabelos loiros estavam reluzentes. Dirigia o carro com muito cuidado e prudência. Eu observava suas mãos no volante. Em dado momento notei que no dorso de sua mão direita havia uma mancha bem branca formando um forte contraste com a pele amorenada.

— A senhora já sofreu ferimento em acidente alguma vez?

— Ferimento onde?

— No dorso de sua mão direita. A mancha branca...

Pela primeira vez desde que a conheci Angela hesitou em responder-me, parecendo ter ficado um pouco irritada.

— Engraçado o que acontece com essa manchinha. Não há jeito de a pele ficar morena nessa parte da mão. Nunca. Já tentei tudo.

— Mas por que será?

Sacudindo os ombros, respondeu-me:

— Não faço a mínima ideia. Elá alguns anos consultei uma cartomante. Saiba o senhor que nesta cidade existe um grande número delas. A que consultei morava em Saint-Raphaèl e era muito afamada. Vinha a Cannes duas vezes por semana e ficava num hotel, onde atendia aos clientes. Foi um amigo que me sugeriu essa consulta. Disse-me uma porção de absurdos... Não! É até injusto dizer isso... Muitas das previsões que essa mulher fez se realizaram de fato. Ela também observou atentamente essa mancha branca. Disse-me que eu, na infância, deveria ter sofrido um choque emocional muito forte. Então

apareceu essa mancha que vai ficar por toda a vida.

— Mas a senhora sofreu realmente algum choque emocional?

A essa pergunta ela não deu nenhuma resposta.

Continuei falando como se só nesse instante me tivesse dado conta da sua declaração acerca do prognóstico da cartomante:

— Não acredito que essa mancha permanecerá por toda a vida. Um dia ela terá que desaparecer!

— Por que ela terá que desaparecer algum dia?

— Não sei por quê. Apenas tenho um firme pressentimento de que terá que desaparecer. Um pressentimento deveras muito forte. Eu...

— Sim? O senhor acha?

— Não — respondi. — Estou dizendo absurdos.

— Não! — retrucou Angela.

Ela ligou o rádio do carro.

Soou a voz de Bob Dylan:

"How many roads must a man walk down, before you can call him a man?"

— *Blowin' in the wind* — disse eu.

Em seguida dissemos ambos ao mesmo tempo: — Minha canção preferida.

Angela permaneceu fitando-me durante algum tempo. Tinha grandes olhos castanhos.

— Realmente — repeti —, é a minha canção preferida.

"...Yes, and how many times must a cannon-ball fly, before they are all of them banned?", continuou cantando Bob Dylan.

— Também é a minha canção preferida — confirmou Angela.

Em seguida voltou a olhar atentamente para a frente. Subíamos, agora, a Croisette. O mar reluzia como chumbo líquido. As palmeiras mostravam suas talas pendentes. Surgem agora, à nossa frente, os palacetes brancos e os colossais hotéis. Por todos os lados viam-se flores com tonalidades reais e irreais no colorido das suas pétalas. Passavam por nós os mais caros automóveis do mundo. Estávamos circundados pelo luxo, pela abundância e pela imponência de um poderoso reino de riquezas.

"...The answer, my friend, is blowin' in the wind..." — cantava Bob Dylan.

Angela desligou o rádio. Apesar do grande número de carros que existia por ali, conseguiu uma vaga para estacionar. Com muita habilidade e destreza deu marcha à ré, colocando o carro bem próximo do meio-fio. O vento produzido com o movimento do carro, penetrando pelo quebra-vento, amenizava o calor. Mas ao sair senti-o intensamente, parecendo-me quase insuportável.

— Temos que andar um pedacinho a pé — disse Angela.

Seguimos pela Croisette em direção ao oeste, passando em frente de diversas lojas luxuosíssimas, as quais, ao meio-dia, fechavam as portas. Numa dessas edificações não muito altas nas quais se instalavam as lojas, no fim da quadra, estava localizada uma filial da joalheria parisiense Van Cleef & Arpeis. Essa loja, visto encontrar-se numa esquina, possuía também uma entrada lateral. Vi nas vitrinas caríssimas jóias crivadas de brilhantes e de turquesas, colares, pulseiras, etc. Parei um pouquinho para observá-las. Angela encontrava-se perto de mim. Repentinamente percebi que ela fixava seus olhos numa determinada peça exposta num canto da vitrina. Tratava-se de uns brincos bem compridos, de extraordinária beleza, contendo nos pontos em que se prendiam à orelha uma espécie de nó ou laço do qual pendiam brilhantes, dispostos um ao lado do outro. Mal acabara de observar esses brincos, senti a mão de Angela que tocava no meu cotovelo, convidando-me para prosseguirmos. Meu pé esquerdo começou a doer de novo.

Nesse instante, como que por associação de ideias, comecei a pensar que Hilde Hellmann, se quisesse, poderia adquirir não só as jóias que Van Cleef & Arpeis mantinham expostas nas vitrinas, mas também as que se encontravam nos seus cofres-fortes, bastando, para tanto, telefonar e assinar um cheque. A louca Hilde na sua casa de fantasmas! Ou será que ela se faz de louca? Um Rolls-Royce passou por nós devagarinho. Ao lado do chofer, um chinês de uniforme, estava sentado um criado, também chinês, de libré. Um cidadão que parecia estar exausto e com a vista cansada ocupava o banco traseiro. Trajava só

calça e camisa. Segundos antes ele se encontrava numa cabina telefonando.

O Felix era um desses edifícios brancos não muito altos. As lojas localizavam-se numa parte bem recuada da rua. No espaço livre da frente havia palmeiras e muitas flores. Debaixo da marquise via-se um bom número de mesinhas. O restaurante era provido de ar condicionado e por isso estava muito cheio. No bar, nos fundos do salão, muitas pessoas estavam esperando que se desocupassem as mesas. O proprietário do restaurante, tendo notado a presença de Angela, aproximou-se dela radiante e cumprimentou-a efusivamente. Ao que me pareceu, eles já se conheciam muito bem. Angela nos apresentou. A nossa mesa, que já havia sido reservada com a devida antecedência, situava-se na extremidade dianteira do salão. Apenas o vidro nos separava da Croisette. Sentamo-nos um ao lado do outro, conforme é de praxe em todas as cidades da França, e principiamos a tomar, como aperitivo, dois Ricards. Depois pedi um coquetel acompanhado de caranguejos fritos e um Châteaubriand. No salão o ar estava agradavelmente fresco. Na parede à nossa frente, que se achava bem iluminada, viam-se figuras planas, artisticamente desenhadas sobre a alvenaria recoberta de verniz. O revestimento das paredes era todo de madeira preta. O garçom trouxe-nos manteiga e torradas de pão branco fresco cortadas em fatias, que saboreávamos enquanto esperávamos o coquetel.

Olhei para fora a fim de observar o sol abrasador dessa hora. O garçom abriu uma garrafa de Don Pérignon que, a meu pedido, trouxera dentro de um pequeno balde prateado cheio de gelo e colocara ao lado da nossa mesa. Despejou um pouco de champanha no meu copo. Provei-o. Já estava gelado e tinha um sabor excelente. Mandei servir-nos. Ele encheu nossos copos e depois colocou a garrafa novamente dentro do balde, retirando-se em seguida. Ficamos ambos bebendo champanha.

Lá do outro lado, sobre o passeio na beira da praia, um pintor fazia a exposição dos seus quadros, pendurados entre duas palmeiras. Eram pinturas bem alegres e coloridas que reproduziam vistas da Croisette, do antigo porto, bem como de outros lugares pitorescos da região. O pintor, um jovem, ficava sentado no chão.

As pessoas passavam por ele quase sem ligar a mínima importância aos quadros expostos.

— Ele fica ali quase todos os dias — disse-me Angela. — Tem muito talento, mas nunca teve sorte.

— A senhora, pelo contrário, sempre teve talento e sorte —

comentei.

— Oh, sim! — exclamou, começando logo a tamborilar com os dedos sobre a mesa. — Certamente sempre tive sorte. E o senhor, *Monsieur* Lucas?

Respondi-lhe com palavras que, fazia muitos anos, não pronunciava:

— Eu sinto uma grande felicidade: conheci a senhora, *madame*! A senhora está aqui sentada ao meu lado. Posso contemplar a sua face. Por minha causa a senhora veio ao centro da cidade.

— Absurdo! De qualquer forma, eu teria que fazer as minhas compras hoje.

— Oh, sim, falo a pura verdade!

Ela fitou-me e sorriu com aquela sua maneira especial de sorrir. Nos seus olhos brilharam dois minúsculos pontos dourados. As ruguinhas que se formavam nas extremidades das suas pálpebras produziam um belíssimo contraste com a cor da sua pele amorenada pelo sol. Mas aquela tristeza! Não posso estar enganado! Seus olhos tão alegres revelavam uma inconfundível sombra de melancolia...

— O senhor não anda assustado com tantas coisas que estão surgindo, *monsieur*? — perguntou-me.

— Como assim?

— Bem sei que o senhor me compreendeu. Assustado com as pessoas e com os acontecimentos. Não sente medo?

— Não — respondi-lhe, mentindo.

— Eu, pelo contrário, sinto-me dominada pelo medo. Constantemente invade-me um forte temor... Temor de não poder mais pintar ou de que os fregueses deixem de me procurar, o que me impediría de ganhar dinheiro...

— E da solidão, sem dúvida.

— Não. Não tenho medo algum da solidão — retrucou-me com um sorriso que, naquele momento, me pareceu forçado. — Eu sempre gostei de

ficar sozinha.

— Então a senhora tem medo de ser forçada a fugir novamente.

— O senhor ainda não esqueceu isso? — interrogou-me, já sorrindo com mais naturalidade.

— Não. Por quê?

— Olhe ali! — disse-me ela interrompendo a nossa conversa e falando mais depressa. — Está entrando um velho amigo meu.

Apontou-me com o queixo a pessoa que vinha entrando no salão. Era um homem corretamente vestido e trazia uma pasta debaixo do braço. Dava a nítida impressão de ser um indivíduo que vivia absorto nos seus pensamentos, alheio ao mundo que o cercava.

— É Fernando. Não sei o sobrenome dele. Fernando estudava arquitetura. Era muito talentoso. Na época em que frequentava a universidade, sua mãe, infelizmente, ficou com a metade do corpo imobilizada por uma paralisia. Doença incurável. Já faz seguramente vinte ou vinte e cinco anos que isso aconteceu, portanto muito tempo antes de eu vir a Cannes. Fernando teve que abandonar os estudos. Ele amava a mãe. Teve que começar a trabalhar desde cedo para ganhar dinheiro a fim de colocá-la num sanatório relativamente confortável. Desde então vende bilhetes.

— Que espécie de bilhetes?

— Aqui na França existem todos os tipos possíveis e imagináveis de jogos. As grandes e pequenas corridas de cavalos, jogos de loteria, os prêmios nacionais...

O garçom serviu-nos o coquetel acompanhado de caranguejos bem preparados, que tinham um sabor excelente.

— Estão bons?

— Ótimos.

— Alegro-me com isso. Causa-me uma grande satisfação ver que o senhor gosta da comida e que se sente bem aqui.

Respondi-lhe como que maquinalmente:

— Nunca me senti tão bem como agora em sua companhia.

— *Monsieur* Lucas! — exclamou Angela, parecendo um tanto constrangida.

— É a expressão da pura verdade o que estou lhe dizendo!

— Não acredito! — Encarou-me séria. — Algumas vezes as mulheres não lhe disseram que o senhor é muito *charmant*?

— Sim. Mas a senhora bem sabe por que elas dizem isso.

— Não, não sei. Por quê?

— Dizem isso simplesmente por delicadeza ou porque desejam algo em retribuição. Como trato todas elas com amabilidade, algumas falam do meu charme apenas para corresponder-me com um pouco de delicadeza. Todavia, o que elas dizem não importa e não tem nenhum significado.

— Ah, então é assim?

— É assim mesmo.

— Mas comigo não se dá o mesmo. Nada quero do senhor, creia-me. Desejo apenas a sua amizade. E posso lhe assegurar que minhas palavras têm significado porque estão repassadas de sinceridade. Quero que o senhor acredite nelas, levando-as realmente a sério, porque são a expressão da verdade: o senhor é *charmant*. Muito *charmant*!

Ela levantou a sua taça de champanha e eu a acompanhei.

— *Le chaim!* — disse Angela à guisa de saudação.

— Que significa isso?

— Para uma vida feliz! Para o bem! É uma saudação hebraica. Tenho muitos amigos judeus. Compreendeu agora?

— *Le chaim!* — exclamei também.

Nesse meio tempo já estava no centro do salão o homem esbelto e pálido com a pasta debaixo do braço. Ao notar a presença de Angela, que o cumprimentou com um aceno, dissipou-se da sua face aquela expressão de alheamento às coisas circunstantes e ele mostrou os dentes num sorriso amável.

Dirigiu-se imediatamente à nossa mesa. Notei que o suor escorria pela sua testa.

Compramos dele bilhetes de uma grande corrida a ser realizada no hipódromo de Paris no dia seguinte e algumas frações de bilhetes de loteria. Angela fez questão de pagar os seus bilhetes.

— Alguma vez já saíram premiados bilhetes que o senhor vendeu? — perguntei a Fernando.

— Sim. Três vezes, *monsieur*. Na primeira vez, trezentos milhões de francos: na segunda, quatrocentos e cinquenta milhões, e na terceira, cem milhões.

— O quê?!

— Ele está se referindo a francos antigos — explicou-me Angela. — Não há jeito de essa gente se habituar com o novo padrão monetário. Mesmo depois de tantos anos, quase iodos continuam fazendo os seus cálculos e se expressando na base do franco antigo.

— Ah, agora entendi! Há quanto tempo o senhor se dedica à venda de bilhetes?

— Desde que comecei a trabalhar.

— E o senhor trabalha há quanto tempo?

— Há vinte e três anos. Mas, apesar de fazer tanto lempo, *madame* nunca deixa de comprar um bilhete cada vez que me encontra.

— Eu sou muito gananciosa — disse Angela sorrindo e, nesse momento, surgiram de novo aqueles pontinhos dourados que pareciam bailar nos seus olhos. — Eu sou louca por dinheiro. Um dia hei de ganhar milhões de francos novos e então vamos tomar uma bebedeira, não é, Fernando?

— Sim, *madame*.

— É um absurdo! — exclamou Angela, depois de um certo tempo.

— O quê?

— É um absurdo tomarmos um pileque por causa disso.

— Evidentemente, *madame*. Um grande absurdo — concordou

Fernando.

— Mas com esse calor o senhor deve estar morrendo de sede, *monsieur*. Que deseja beber? — perguntei.

— Mas, *monsieur*...

— Pode aceitar sem nenhum constrangimento — diz-lhe Angela. — Aqui somos todos amigos. Quem sabe alguma bebida ali no bar? Aceita?

— Bem... Fico-lhes muito agradecido, meus senhores.

Fernando dirigiu-se imediatamente ao bar nos fundos do salão, onde um grande número de pessoas — entre elas americanos, ingleses e alemães — ainda estavam esperando que vagasse alguma mesa.

Fernando olhou para nós segurando uma grande taça de champanha.

Levantou a taça saudando-nos com uma voz bem alta, que ecoou por todo o salão:

— À felicidade dos senhores!

Ninguém levantou os olhos para observar. Angela correspondeu-lhe com o copo levantado:

— *Le chaim!*

— *Le chaim!* — bradou Fernando.

— É também um deles? — perguntei.

— Sim, é um deles. Sua família outrora era muito rica. Depois que o pai morreu, Fernando e sua mãe ficaram muito pobres, quase na miséria. O senhor já foi pobre alguma vez, *Monsieur* Lucas?

— Sim. Já fui extremamente pobre.

O garçom retira o prato de caranguejos e começa a servir o Châteaubriand.

— Eu também já fui muito pobre — prosseguiu Angela logo que começamos a comer. — Isso foi no princípio, naturalmente, quando eu ainda

estudava pintura em Paris.

— E seus pais...

— Já estavam mortos — respondeu-me rapidamente, cortando minha frase. — Como lhe dizia, nessa época eu era muito pobre. Mas não demorou muito e comecei a receber muitos pedidos e encomendas. Os meus trabalhos artísticos adquiriram boa reputação. Desde então passei a ganhar muito dinheiro. A carne está do seu gosto? Não está bem-passada. O senhor gosta assim mesmo?

— Está ótima.

— Mas cometi um grande erro: confiei num indivíduo que pretendeu fazer especulações na Bolsa com meu dinheiro.

— A senhora depositava confiança nesse homem?

— Eu o amava. O senhor bem compreende como a gente se sugestiona facilmente em tais circunstâncias. Ele pegou o dinheiro e fugiu. Fiquei praticamente sem um centavo. Hoje em dia a coisa está novamente correndo bem para mim. Mas também me tornei muito cautelosa e prudente. Como eu já lhe disse, aplico todo o dinheiro que me sobra na compra de jóias. Sou muito econômica e desconfiada. Nunca mais entregarei meu dinheiro a um homem, seja ele quem for.

Eu sentia um imenso prazer em observá-la a comer com tanto apetite e com toda a naturalidade. Prossegui:

— Se lhe aparecer um outro homem de quem se enamore a senhora vai novamente confiar-lhe seu dinheiro.

— Do amor pouco posso esperar... Sempre tive pouca sorte. Afinal, que é o amor? Simplesmente uma expressão sem conteúdo. O que se vê hoje em dia são maridos abandonando as esposas e esposas abandonando os maridos. É evidente que de tempos em tempos um precisa do outro para a satisfação dos seus instintos, caso sejam normais. Mas o senhor considera isso amor?

— Não.

— Pois então estamos de acordo! *Le chaim!*

— *Le chaim!* — respondi.

Na nossa mesa o garçom preparava, agora, os *crêpes-suzette*. Quando acendeu o álcool, levantou-se uma forte labareda. Angela começou a rir como uma criança.

— As chamas sempre me causam uma estranha sensação — explicou.

— A senhora gosta de ver chamas?

— Muito! — respondeu com toda a naturalidade. —

Faz muitos anos que estou tentando pintá-las, mas nunca fui bem sucedida.

Nesse momento entrou no salão uma moça com os pés descalços e a roupa toda esfarrapada. Segurava um cestinho de fibras trançadas contendo cinco ou seis bichinhos de pano. A pobre moça era pálida e magra, tendo os olhos lacrimosos. Ia de mesa em mesa, mas era sempre repelida. Finalmente aproximou-se da nossa mesa.

— Você ainda não vendeu nada hoje? — perguntou-lhe Angela.

Ela sacudiu a cabeça negativamente, demonstrando muita preocupação. Seus pés estavam imundos e cobertos de poeira.

— Qual é o preço de cada um desses bichinhos?

— Dez francos, *madame*.

— Quero ficar com um burrinho — disse Angela, e deu à moça uma nota de dez francos.

— E eu quero ficar com um ursinho — disse.

A moça recebeu o dinheiro e, sem mesmo agradecer, foi se retirando com o cestinho. À porta de saída encontrou-se com Fernando, o vendedor de bilhetes, que, por causa do calor, havia parado um pouco ali e se preparava para ir embora. Notei que ele conversou com a mocinha. Saíram ambos, um ao lado do outro, em direção ao Carlton.

Nesse meio tempo Angela apalpou e examinou os dois

animaizinhos de pano.

— O burrinho está todo arrebentado — disse ela. — A serragem do enchimento já está saindo e uma orelha está quase caindo. Além disso, está muito sujo.

— E o ursinho também está sujo. Sujo demais. A pele do bichinho está raspada. Vamos deixá-los aqui.

— Oh, não! — retrucou Angela. — Oh, não! Vou lhe dar de presente o meu burrinho e o senhor me dará o seu ursinho. Desse modo somos obrigados a guardar os dois bichos.

— Guardar para quê?

— Bem... Simplesmente por superstição... Pendurarei o seu ursinho no meu carro, debaixo do espelho retrovisor. O senhor também vai conservar meu burrinho?

— Evidentemente! Como lembrança deste dia.

— Não! O senhor o conservará como lembrança daquela época em que éramos muito pobres, mas bem jovens e muito felizes.

Já tínhamos comido o queijo e tomado um bom moca. Encontrávamo-nos precisamente ativando a digestão com um Armagnac quando o Capitão-Tenente Viale entrou, trajando calça e camisa de linho, os cabelos pretos e a pele queimada pelo sol. Procurou atentamente alguma mesa desocupada, mas não achou nenhuma. Quando nos viu, apressou-se em vir à nossa mesa.

— Angela!

Ele beijou a mão dela e cumprimentou-me fazendo uma inclinação.

— Posso sentar-me?

— Mas é claro! — respondi-lhe e chamei logo o garçom, ordenando-lhe:

— Traga mais um copo e um vinho fino para *monsieur*.

— Já se conhecem? — perguntei a Viale.

— Há muitos anos! — Ele fitou-a com uma expressão amorosa no semblante. — Vai tudo bem com você, Angela?

— Às mil maravilhas! E com você?

— Eu já lhe disse que estou fazendo pesquisas e averiguações sobre a explosão do iate. Até há poucos momentos estive trabalhando no laboratório. Ainda não terminei meu trabalho. Contudo, no mais tardar até amanhã de manhã, estarei em condições de dizer que tipo de dinamite foi utilizado e qual a procedência do explosivo. — Q garçom se aproximou trazendo o Armagnac para Viale. — Estou executando meu trabalho pela ordem inversa: começo pelo fim. Oh, este é o Trois-Clefs-Armagnac, minha marca predileta! Bem... quando tivermos resolvido este caso, vocês terão que permitir que os convide para um almoço neste restaurante. Viremos somente nós três, está bem? O senhor me é muito simpático, *Monsieur* Lucas, e Angela é minha amiga há muito tempo. Uma ótima amiga. Vocês aceitam?

— Com muito prazer! — respondeu-lhe Angela, colocando a mão em cima da de Viale, atitude essa que provocou em mim uma súbita manifestação de ciúme. — Infelizmente nós agora vamos nos retirar. Temos

tanta coisa a fazer!

— Amanhã cedo telefonarei para o senhor no Majestic — disse Viale dirigindo-se a mim. — Deseje-me boa sorte!

— É claro que lhe desejo boa sorte!

Laurent beijou Angela na face quando se despediu.

Ficaram conversando enquanto eu apagava as despesas. Olhei em volta. Angela continuava falando com ele. Ambos sorriam. Então Angela aproximou-se de mim e pendurou-se no meu braço. Saímos do Félix e dirigimo-nos ao seu carro.

— Que tem o senhor? — perguntou-me ela.

— Nada.

— Mas percebo que o senhor tem algo.

— Não. Realmente nada, *Madame* Delpierre.

— Passe a chamar-me simplesmente de Angela. Eu também daqui por diante o chamarei simplesmente de Robert. Então, diga-me agora, o que é que você tem?

— É um sujeito afável esse Viale — disse, como que procurando desviar o assunto.

— Oh, sim, muito afável. Um dos mais afáveis que conheço.

— Sim.

— Você quer saber se já dormi com ele?

— Realmente... isto é... Não, *madame*...

— Angela — retificou ela.

— Não, Angela, realmente não quero saber... Você já dormiu com ele?

— Algumas vezes. Já faz anos — respondeu-me Angela, com a maior naturalidade deste mundo, no momento em que passávamos em frente da filial de Van Cleef, que ainda não tinha aberto suas portas. — Mas nós... Meu

Deus!... Nunca nos adaptamos um ao outro nem combinamos perfeitamente. Por isso resolvemos separar-nos ficando sempre amigos. Realmente temos sido e permaneceremos amigos. Está mais calmo agora?

— Eu não tenho o direito de, com relação a esse assunto, acalmar-me ou irritar-me!

— Está certo. Mas mesmo assim queria saber o que havia com você.

— Perdoe-me. Foi uma atitude inconveniente da minha parte.

Chegamos ao local em que ela estacionara o carro, cujo interior parecia um inferno de tão quente. Abri a janela do meu lado. Angela tirou do porta-luvas um pedacinho de barbante e começou a amarrar o desprezado ursinho sob o espelho retrovisor. Imponentes carros de luxo passavam por nós ininterruptamente.

Fiquei observando Angela enquanto ela amarrava o ursinho e disse-lhe:

— *Monsieur* Lacrosse contou-me uma série de casos...

— Que casos?

— Acerca dos ricos desta cidade com os quais ele e eu teremos de lidar. Ele me disse, por exemplo, que nos Estados Unidos dois e meio por cento da população controlam dois terços de todo o potencial econômico da nação. Tudo, tudo, até mesmo a inflação irrefreável, contribui para que eles se tornem mais ricos enquanto as outras pessoas vão ficando cada vez mais pobres.

— Foi exatamente isso o que ele me disse. Bem, agora o ursinho está preso.

— Esse assunto não lhe interessa...

— Interessa-me demais, *Monsieur* Lucas. Sou socialista e suponho que o senhor também seja.

— Naturalmente! Na época atual, que outra coisa pode ser uma pessoa que não seja idiota?

— Mas ambos somos uns socialistas um tanto esquizofrênicos, meu caro. Eu, por exemplo, vivo do ganho que esses ricaços me proporcionam. O

senhor está num hotel de ricaços. Acabamos de almoçar num ambiente em que os pobres não têm permissão nem para sentar-se à mesa. Num ambiente que ambos, nas condições dos primeiros anos de nossa vida, jamais poderiamos frequentar. Acho que as imensas riquezas que você verificou existirem aqui deixaram-no demasiadamente impressionado.

— Absolutamente não, sua socialista de salão — retruquei-lhe.

— Sim, sim. Essas riquezas deixaram você impressionado, seu socialista de salão! Será que podemos harmonizar coerentemente nossos pontos de vista levando uma vida cheia de prazer e pretendendo permanecer socialistas?

— Podemos.

— E, então, não é uma atitude esquizofrênica viver desse modo e contemplar essa multidão de miseráveis?

— Claro que é — respondi, começando a sentir aquela dor no lado esquerdo do peito. Com muita rapidez e furtivamente, atirei para dentro da boca dois comprimidos de Nitrosteron, que comecei a mastigar.

— Que está fazendo? — perguntou-me Angela.

— É um remédio que tenho de tomar depois das refeições.

Já estávamos subindo a Croisette. Não soprava nenhuma brisa.

O carro rodou até o Majestic. Em frente ao hotel encontra va-se um indivíduo corpulento trajando um uniforme azul-escuro. Eu e Angela saímos do carro. Esse homem, que era um dos chefes de garagem, chamava-se Serge. Ele apertou a mão de Angela. Depreendí da conversa deles que Angela sempre deixava o carro na garagem localizada no subsolo quando tinha que permanecer na cidade por muito tempo. Ambos começaram a conversar sobre a última corrida de cavalos realizada em Cagnes-sur-Mer. Dirigi-me imediatamente ao saguão a fim de indagar se não havia chegado correspondência para mim. Brandenburg até esse momento não havia feito nenhuma comunicação.

Saí de novo. Entreguei ao porteiro o imundo burrinho de pano para que ele o colocasse no escaninho da minha correspondência.

Serge levou o carro para o subsolo.

— Tudo pronto agora, Robert! — disse Angela. — Vamos, portanto, às nossas compras!

Saímos caminhando em direção ao pomposo edifício do Festival de Cinema, que estava sendo remodelado internamente em virtude da aproximação da época do festival. Dobramos em frente desse edifício, penetrando na rua onde se encontravam as principais lojas: a Rue d'Antibes.

Nas três horas que se seguiram, Angela dirigiu meus passos e minhas ações. Levou-me a uma loja especializada em roupas e artigos para homens, onde escolheu tudo de que eu precisava: calças bem leves, nas cores branca, azul-clara e azul-escura; camisas leves, tipo esporte, que combinavam com as calças; lenços de pescoço, que a gente podia enfiar na camisa aberta. Naturalmente, eu tinha que provar todas as roupas. Na cabine da loja estava muito quente, embora um ventilador estivesse ligado.

Depois que vestia a roupa eu sempre saía da cabine e Angela me examinava atentamente e dava sua opinião. Ela nunca estava contente: ora o padrão do tecido não servia, ora a cor não lhe agradava. Assim levamos um tempão. Mas para mim pouco importava essa demora. Invadiu-me uma sensação de prazer e de felicidade, que aumentava gradativamente.

Angela permanecia sentada ao lado da cabine, fumando. E eu, cada vez que vestia uma roupa, tinha que sair e colocar-me à sua frente tal qual um manequim.

As calças que Angela escolheu eram tão apertadas que eu tinha a impressão de não caber nelas. Os bolsos eram muito pequenos.

A calça branca me serviu bem. As outras tiveram que ser um pouco ajustadas. Com as camisas não houve problemas: pareciam ter sido confeccionadas sob medida. Por fim, Angela escolheu também um conjunto de calça e camisa azul-escuro, pespontado de branco. Depois de feita a prova, vesti esse conjunto e saí da loja. Em torno do meu pescoço Angela enrolou um lenço de seda cor de mel, todo salpicado de manchinhas azuis. Observando-me ao espelho da cabine tive a impressão de que a imagem refletida era a de um outro homem. Pareceu-me que me tornara mais jovem, mais esbelto e mais cheio de ânimo. Bruscamente deixei de sentir aquele calor insuportável. Agora, só sentia calor nos pés. Paguei a conta e a vendedora me declarou que as outras roupas e artigos seriam enviados ao Majestic.

Angela puxou-me pelo braço e seguimos em frente. Numa segunda loja ela escolheu um traje bege, quase branco, com as correspondentes gravatas de Cardin. Nessa loja vendiam, também, *smokings*. O vendedor era um jovem homossexual muito amável e delicado, com o qual Angela se entendia magnificamente. Trazia, pacientemente, modelos e mais modelos de *smokings* para mostrar, até que por fim Angela encontrou um que lhe agradou. Era um finíssimo *smoking* confeccionado com um tecido leve. Os frisos da calça eram permanentes. Comprei a calça preta e a casaca branca, além de uma série de gravatas-borboletas, bem largas, precisamente do tipo que, então, estava na moda. Não deixei de comprar, também, uma camisa que combinava com esse traje de gala. (É claro que foi Angela que a escolheu.) O *smoking* e a camisa deveriam ser entregues no meu hotel.

— Agora vamos diretamente ao Loup — disse Angela logo que saímos da loja.

Os carros na Rue d'Antibes, uma via de mão única, rodavam em marcha muito reduzida.

— Estamos nos dirigindo, agora, à melhor loja de calçados que existe em Cannes — disse-me Angela. Ela caminhava ligeiro e percebeu que eu tinha dificuldade em acompanhá-la. Demonstrava imensa satisfação em poder me vestir direito e por isso não sossegaria enquanto não encontrasse tudo aquilo que, consoante a sua opinião, deveria me assentar perfeitamente.

Usando a calça e a camisa compradas pouco antes, eu me sentia completamente outro: o calor já não me parecia tão insuportável.

No Loup, Angela escolheu para mim uns sapatos bem macios e confortáveis — brancos, marrons e pretos. Compramos, também, um par de sapatos de verniz apropriado para o traje de gala. Em cada compra eu tinha que calçar os sapatos e caminhar um pouco para experimentá-los, a fim de verificar se me assentavam bem e se eram cômodos. Embora sempre tivesse verdadeira ojeriza em fazer isso, ali eu sentia imenso prazer em repetir continuamente a mesma cena. Nessa loja Angela também ficou sentada fumando. Examinava-me atentamente e dava sua opinião. Ela fumava em demasia, como eu. Calcei logo um par de sapatos — os brancos —, que ficaram nos meus pés. Os outros sapatos comprados, bem como os que eu calçava ao entrar na loja e minhas meias, seriam enviados ao Majestic.

Quando saímos do Loup, parei um pouco, encostando-me à parede do edifício.

— Que é que há? — perguntou Angela, assustada. — Você não está se sentindo bem?

— Não há nada — respondí. — Estou maravilhosamente bem. Sinto-me tão feliz como nunca me senti na minha vida até este momento. Tenho a impressão de ter sido transformado... Transformado exatamente como num conto de fadas. Tenho a impressão de ter ficado mais jovem, Angela! Muito mais jovem! Mais leve, mais cheio de vivacidade e com mais entusiasmo para viver...

— Sim, Robert! Oh, como você ficou bonito! Era exatamente isso que eu queria ver!

— O quê?!

— Você acabou de rir! — respondeu-me Angela, passando a ficar subitamente séria. — Pela primeira vez você riu de verdade na minha presença.

— Por sua causa. Exclusivamente por sua causa. Foi você quem me proporcionou essa alegria.

— Bobagem! — retrucou, demonstrando estar apressada. — Vamos! Agora é a vez das minhas compras.

Segui-a. Em nenhum lugar do mundo, nem em Elong Kong, nem em Cingapura, ou em Sydney, senti tanta felicidade como aqui em Cannes, nesta Rue d'Antibes, ao lado de Angela, no meio de uma verdadeira multidão. Só me dei conta de estar caminhando mais depressa quando Angela, já um tanto ofegante, me chamou a atenção:

— Mais devagar! Ande um pouco mais devagar, Robert! Estou quase perdendo o fôlego.

Então ambos paramos e ficamos rindo alto durante algum tempo.

Inopinadamente comecei a refletir: “É uma grande felicidade que estou vivendo! Acho até que nunca soube o que era felicidade ou, então, havia esquecido completamente os momentos felizes da minha vida. Apenas durante um curto período da minha infância fui feliz com meu cachorrinho. Depois daauela fase áurea da minha existência, só agora, já por volta dos cinquenta, venho a encontrar de novo a felicidade! E eu a encontrei simplesmente porque essa mulher, que me era estranha, interessou-se por mim, demonstrando compreensão humana e amizade”.

O sol da tarde já incidia obliquamente sobre a Rue d’Antibes. Homens caminhavam apressadamente. Os carros rodavam com lentidão, como que rastejando. Avançavam um pouco e paravam devido ao congestionamento do tráfego. E eu não parava de pensar nas coisas estranhas que me haviam acontecido nesse dia!

Angela se movimentou para fazer a compra de tintas, pincéis e outros materiais para seu estúdio. Eu a acompanhava. Entramos num supermercado onde ela fez compras de vulto para serem entregues na sua residência, na manhã do dia seguinte. Durante toda a minha vida sempre me causava grande irritação ter que sair para fazer compras, especialmente de roupas. E ficava muito mais irritado ainda se estivesse acompanhado de uma mulher. Mas agora estava achando isso sumamente agradável e maravilhoso. Encantava-me observar como Angela, sempre decidida e enérgica, sem deixar de ser afável, conseguia exatamente aquilo que queria, não permitindo que lhe impingissem qualquer coisa. Ela sabia perfeitamente o que lhe convinha. Escolhia tudo com discernimento e bom gosto, fosse lá uma bisnaga de tinta para pintura, um artigo de uso pessoal ou até mesmo os arenques à Bismarckque, para meu espanto, ela saboreava com grande prazer.

Nesse sábado as casas comerciais ficavam abertas até as oito horas da noite. Era grande o número de pessoas que estavam fazendo compras. Todavia, pouco me importava o grande movimento que havia e não me preocupava com ninguém a não ser com Angela. Tudo o que Angela comprou, com exceção dos comestíveis, devia ser entregue no Majestic diretamente a Serge. Esse tal Serge era sempre mencionado como um tipo, por assim dizer, quase legendário: todo mundo o conhecia nos meios comerciais da Rue d'Antibes.

Depois de feitas as compras no supermercado, Angela teve ainda que ir a uma casa de modas femininas. Eu não devia acompanhá-la, pois não podia ficar com ela enquanto experimentasse os vestidos. Por isso Angela deixou-me na esquina da pequena Rue Chabaud. Disse-lhe que ficaria por ali olhando as vitrinas das lojas. Foi exatamente o que fiz. Fui andando pela Rue Chabaud até chegar à Place Gambetta. Nessa praça havia uma casa especializada em flores, que se denominava Floreal. Entrei e pedi que enviassem a *Madame* Angela Delpierre trinta rosas vermelhas.

— Ela reside... — ia dar seu endereço, mas o homem que me atendia interrompeu-me, dizendo:

— Conhecemos *Madame* Delpierre. Todas as flores que ela possui foram adquiridas aqui. Estamos praticamente localizados nas proximidades da Rue d'Antibes e mesmo assim vendemos mais barato. Mas, por favor, *monsieur*, que espécie de rosas deve ser enviada?

— *Baccara*.

— De forma alguma quero passar por intrometido, *monsieur* (chamo-me Pierre, para o senhor simplesmente Pierre), mas sei perfeitamente que *Madame* Delpierre aprecia mais as rosas vermelhas da espécie *Sonja* do que as da espécie *Baccara*. As rosas *Sonja* são mais encorpadas e se conservam por mais tempo. Além disso, a tonalidade vermelha é mais viva nas suas pétalas. Veja o senhor mesmo! — disse-me, apontando para um buquê que se encontrava num vaso.

— Está bem. Então envie *Sonja* mesmo.

— Com muito prazer, *monsieur*. Deve acompanhar um cartãozinho?

— Sim... Mas espere um momento... Haveria a possibilidade de todos os sábados, a esta mesma hora — isto é, na parte da tarde —, enviar trinta rosas *Sonja* a *Madame* Delpierre? Quero deixar pago antecipadamente o montante relativo às quatro primeiras semanas.

— Será para nós um motivo de grande satisfação, *monsieur*.

— Então dê-me, agora, um cartãozinho, por favor.

Entregou-me um lindo cartão apropriado e eu escrevi:

"Obrigado por tudo". Enfiei o cartão num envelope e prendi-o ao buquê. Recomendei a Pierre:

— Se ninguém estiver em casa, essas rosas podem ser deixadas diante da porta.

— Pode confiar nos nossos serviços, *monsieur*.

Em seguida comecei a fazer o percurso inverso, partindo da pequena Place Gambetta em direção à Rue d'Antibes. Como eram confortáveis aqueles sapatos macios! Aliás, todo o meu corpo estava bem e eu tinha até a sensação de estar respirando melhor usando aquela camisa leve. Parei diante de uma vitrina e comecei a observar minha figura refletida num espelho. Na verdade, eu mal podia reconhecer-me de tão diferente que estava. Talvez tivesse sido assim uns vinte ou vinte e cinco anos atrás, precisamente na época em que vivia cheio de esperança, tinha coragem e autoconfiança, estando sempre disposto a tomar atitudes arrojadas...

— Que é que você está observando com tanta atenção?

Era a voz de Angela. Pelo espelho da vitrina pude notar que ela estava ao meu lado, bem pertinho de mim, sorrindo. Seus cabelos louros brilhavam. Respondi-lhe, expressando-me com toda a sinceridade:

— Estava observando a modificação que sofri. Você me transformou numa outra pessoa. Tenho até a impressão de que minha idade não passa dos trinta. Sinto-me cheio... — Dessa vez eu próprio interrompi a frase.

— Sim, cheio de tantas coisas importantíssimas para um homem — concluiu Angela e se pendurou no meu braço, puxando-me para sairmos da frente da vitrina. Depois ela prosseguiu:

— Você ainda continua possuindo todas essas coisas, Robert.

— Oh, não!

— Afirmo-lhe que sim! E, se viver durante algum tempo aqui, você mesmo adquirirá consciência de que elas realmente continuam existindo em você...

— Para onde vamos agora?

— Bem, já fizemos tudo o que tínhamos que fazer, não é? Os vestidos que comprei também serão entregues aos cuidados de Serge. Dentro de três minutos estaremos lá. Não! Espere... Falta ainda comprar cigarros!

Ela se dirigiu imediatamente a uma tabacaria.

— Você anda fumando muito — disse-lhe eu.

— E você também.

Ao sairmos da tabacaria, eu levava os pacotes de cigarros que Angela havia comprado, e segurava também uma bolsinha de plástico contendo meu dinheiro, minha chave, o passaporte e os demais pertences que eu havia tirado, na loja, dos bolsos da roupa que trajava. Os bolsos da roupa nova eram muito pequenos para conter tanta coisa.

Finalmente chegamos ao Majestic. Seriam, quando muito, cinco horas da tarde. Na piscina do amplo terraço do hotel, muitas pessoas ocupavam as mesinhas brancas para tomar seus aperitivos, sentadas em cadeiras também brancas com almofadas vermelhas.

— Meus pés estão doendo — disse Angela. — Vamos nos sentar um pouco também. Veja, ali, no canto direito, quase ao lado do portão de entrada, há uma mesa vazia.

Sentamo-nos. Apareceu um garçom. Angela quis beber champanha. Então pedi novamente uma garrafa de Don Pérignon. O garçom, sem muita demora, trouxe a garrafa dentro de um pequeno balde com gelo e serviu-nos, também, um prato grande com azeitonas e outro com nozes.

— Espere um momentinho! — disse-me Angela, levantando-se bruscamente. — Volto logo.

Consegui erguer-me da cadeira ainda a tempo de vê-la sair apressada pela outra extremidade do terraço, que confinava com aquelas casas não muito altas onde se instalavam as lojas de luxo. Ela desapareceu da minha vista quando entrou numa dessas lojas localizadas no grande Barclay.

Voltou logo, ofegante.

— Isto é para você! — disse-me ela sentando-se.

Entregou-me um pacote bem-feito, embrulhado caprichosamente. Rasguei o papel e eis que surge à minha frente uma espécie de pasta de viagem, confeccionada em couro preto bem macio, com um zíper. No seu interior havia diversas bolsinhas e divisões.

— Agora você pode colocar aí todas as suas coisas: seu passaporte, o dinheiro, as chaves — disse-me Angela demonstrando zelo para comigo. — Quase todos os homens carregam esse tipo de pasta quando saem só de calça e camisa. Espere um instantinho que eu coloco tudo agora mesmo dentro dela!

Enquanto ela colocava todos os meus pertences dentro da pasta, passei a observar atentamente seu semblante, mas ela não percebeu nada.

Que bela mulher! É a mulher mais bela que já vi em minha vida. E, sem dúvida, jamais encontrarei outra que a supere em beleza, pensei comigo mesmo. Qualquer pessoa que se detiver observando-a compreenderá logo que ela é uma mulher boa, generosa, intrépida, sempre sensível aos sofrimentos e às aflições dos seus semelhantes. E quem poderá resistir à expressão de sinceridade que se irradia dos seus olhos? Não há quem não sinta aquela atmosfera de amizade, de gentileza, de calor humano e de abnegação que a envolve continuamente. Mas... aquela enigmática e misteriosa expressão de tristeza, que torna sombrios os seus olhos, nunca, se dissipa! Ela é uma criatura que se

habituou a viver sua própria vida e a cuidar de si mesma. Ela, tanto quanto eu, já teve uma existência miserável, mas agora a felicidade lhe sorri. Trata-se de alguém a quem poderia confiar todos os segredos da minha vida porque ela os saberia compreender com elevação de espírito. Possui a discrição e o retraimento peculiares às mulheres orientais, que, conforme percebi, estão sempre decididas a fazer até mesmo o impossível para o bem dos homens que elas de fato amam. Certamente, Angela também tem suas preocupações, suas horas amargas na vida, seu *cafard* — uma espécie de secreta e indefinível melancolia cravada no mais íntimo recesso da alma. Contudo, ela nunca, nunca faz menção a essa mágoa que a dilacera. Apenas os seus olhos a revelam...

— Pronto! Não ficou tudo direitinho agora?

Angela acabara de colocar todos os meus pertences dentro das bolsinhas e divisões da pasta de couro. E caberiam muitas coisas ainda.

— Estou encantado. Agradeço-lhe imensamente, Angela. Devo agradecer-lhe...

— São coisas que sempre faço com muito prazer.

O garçom aproximou-se novamente da nossa mesa. A garrafa de champanha que ficara no balde com gelo já estava bem fresca. Despejou um pouco no meu copo para que eu provasse. Depois encheu nossos copos e saiu.

— Ao sucesso da sua missão! — saudou-me Angela, levantando seu copo.

— Não! — retruquei. — Bebamos saudando este nosso encontro, neste dia maravilhoso, que é o dia mais feliz da minha vida. Salve este 13 de maio!

— Você está dizendo absurdos. Excelente este champanha, não acha?

— Não estou dizendo nenhum absurdo! — respondi-lhe.

Perto da nossa mesa eu ouvia as pessoas conversando em diversos idiomas. Lançando meus olhos por cima dos ombros de Angela, via a Croisette com aquela infinidade de carros, seus canteiros de flores e suas frondosas palmeiras. Um pouco mais ao fundo, divisava o mar.

— Você, Angela, transformou-me num outro homem.

— Não é com roupas novas que um homem se transforma!

— Mas quando essas roupas são escolhidas por uma criatura antes desconhecida e que assim age exclusivamente por amizade, sem nenhum interesse, o homem forçosamente tem que se transformar...

— Bem... devo realmente dizer-lhe — prosseguiu Angela, um tanto constrangida, enquanto agitava com um palito uma pedra de gelo dentro do seu copo. — Você... você tinha grande necessidade de adquirir essas roupas modernas, Robert. Desculpe-me, mas as roupas que você usava eram horríveis. Feias demais. Dentro delas você parecia estar sempre mancando. O fundilho da calça ficava pendente...

— E dizer que elas foram confeccionadas por um renomado alfaiate de Dusseldorf!...

— Absolutamente... Ele não deve ser um bom alfaiate. De forma alguma! Você mesmo deve ter notado como as roupas de confecção que compramos lhe assentam bem. E os sapatos?! Como eram monstruosos os seus sapatos! Você, agora, sente-se mais jovem, é claro. Também não há dúvida de que você agora caminha com mais facilidade e com mais conforto. Não fique zangado comigo, mas devo dizer-lhe que, quando você esteve hoje de manhã no meu apartamento, caminhava como um indivíduo muito doente, como um pobre ancião desamparado. O fundilho da calça ficava caído como o de um desajeitado vovô. Eu quase nem podia contemplar uma coisa dessas. Não gosto de observar isso em ninguém. É por isso que acho que minha profissão está errada. Você é um homem dotado de ótima aparência...

— Qual nada!

— Afirmo-lhe com toda a segurança. Você andava de qualquer jeito, pouco se importando com o tipo de roupa que trajava. Talvez tivesse um pouco de vergonha de usar roupas modernas e, por isso, eu quis...

— Angela!

— Sim? — Ela tomou um gole de champanha e me encarou fixamente. Mais uma vez luziram aqueles pontinhos dourados nos seus olhos castanhos.

— Eu amo você! — disse-lhe, sem mais rodeios.

— Você me ama... Escute bem, Robert: você está louco?

— Estou! — respondi sem titubear, parecendo ser um um outro Robert Lucas que falava, o verdadeiro Robert Lucas que permaneceu calado durante uns vinte ou trinta anos. Continuei falando em tom incisivo:

— Estou louco, louco de amor por você, Angela!

— Pare com isso, Robert! Acalme-se. Bebamos mais um copo de champanha.

Enchi novamente os nossos copos e bebemos. Com o cair da tarde começou a soprar uma brisa fresquinha.

— Tenho quarenta e oito anos. Sou mais velho do que você. Muito mais velho. Catorze anos mais velho. Daqui a dois anos completarei cinquenta. Mas uma pessoa como você, Angela, nunca, nunca vi na minha vida. Perdoe-me por lhe dizer isso e não fique zangada comigo!

— Por que deveria ficar zangada?

— Por ter dito isso. Mas é realmente o que penso.

— Você julga que pensa assim.

— Não. Tenho absoluta certeza do que digo. E sei o que estou dizendo. Sinto que minha força agora é tão impetuosa como esse amor que brotou no meu coração, esse amor por você, Angela. Você também terá que me amar um dia! — Cheguei a ficar assustado com as minhas próprias palavras e tomei um gole de champanha apressadamente. — Como você mesma pode perceber, fiquei louco de amor por você, Angela!

Ela não me respondeu. Ficou me fitando com um esboço de sorriso nos lábios. Vi dentro dos seus olhos a minha imagem refletida em ponto menor. Prossegui:

— Seus olhos são maravilhosos... Jamais, enquanto eu viver...

— Você, sim... você, sim, tem lindos olhos. Olhos afáveis, brandos e, sobretudo, azuis! Como eu gostaria de ter seus olhos! Os seus olhos azuis.

— Se pudéssemos trocá-los eu não hesitaria em entregar-lhe os meus. Mas seria uma troca infeliz para você. Nesta minha vida as mulheres já me disseram tanta coisa... mas nenhuma delas disse que meus olhos eram bonitos...

— Então você só conheceu mulheres muito estúpidas...

Ou, então, elas se esquivaram propositadamente de lhe dizer isso. Seus olhos são magníficos, Robert, creia-me!

— Você é que é magnífica! — respondi.

— Não! — retrucou ela enquanto sorvia demoradamente o champanha, parecendo querer ocultar a face atrás do copo. — Não é como você diz. Mas, por favor, pare com essa conversa, Robert! Não falemos mais nesse assunto.

Um garoto apareceu por ali chamando meu nome em voz alta.

— Sim! — Levantei-me bruscamente.

— Telefone para o senhor, *monsieur*.

— Voltarei já, já — disse a Angela.

Depois de ter dado alguns passos, virei-me e voltei para perto de Angela. Inclinei-me um pouco e cochichei-lhe ao ouvido:

— Preste bem atenção a minhas palavras: um dia você também terá amor por mim.

— É você, Robert?

— Sim, Karin.

Era minha mulher que estava ao aparelho. Falava com uma voz que não ocultava sua irritação.

— Você me prometeu telefonar logo que desembarcasse do avião.

— Esqueci-me. Peço desculpas. Sinto muito.

— Você não sente coisa alguma... Nada mesmo! Você pouco se importa se fico preocupada com você ou não.

— Mas se estava tão preocupada, por que não telefonou duma vez?

— Bem, não quero andar sempre procurando você... para não dar a impressão de estar espionando ou de querer saber que vida está levando. Mas hoje não pude mais aguentar. Como está passando? Sente-se bem aí nesse hotel? Acho que você vai ter muito trabalho.

— Agora mesmo estou trabalhando. Precisamente nes te momento estamos tendo uma conferência importante, aqui no terraço do hotel.

— Conferência com alguma puta?

— Não diga essa palavra, por favor! É repugnante,

— Mas eu tenho razão e por isso posso dizê-la. Lá fora, no terraço do hotel, está o meu maridinho sentado com puta. E ele não quer que eu fale. Mas ele está com uma puta... Puta... puta!

— Adeus! — disse subitamente. — Adeus, Karin!

— Que você se divirta bastante com essa sua profissão de merda! Isso que você chama de profissão. Sempreao lado de lindas prostitutas. Aqui continua chovendo. Tenho a impressão de que aí o sol está sempre brilhando. Mas não quero mais roubar seu tempo. A puta, sem dúvida, está esperando por você.

"Clic", fez o aparelho. Ela havia desligado.

Saí da cabine e entrei no saguão. Indaguei do porteiro · Imvia

chegado alguma correspondência para mim. Não havia via nada. Melhor assim. Caminhei, então, até a porta giratória, ao lado da qual havia também uma saída para o terraço, com portais de vidro. Era precisamente no ângulo formado por esse portal com a parede do edifício que se encontrava a nossa mesa. Notei que Angela estava contemplando a Croisette. Permaneci ali de pé seguramente uns dois minutos observando-a, mas ela não notou minha presença. Então, comecei a sentir de novo aquela estranha dor por todo o corpo... Um tipo de dor indefinível que, na verdade, nem se poderia chamar de dor. Era uma dor como que adocicada. Era sempre assim que ela se manifestava. Eu diria até que era uma dor agradável...

Dirigi-me à nossa mesa. Angela levantou os olhos, fitando-me.

— Más notícias?

— Nada disso! — respondi, procurando mostrar-me incisivo nas minhas palavras. Ela me observou com o semblante pensativo, revelando preocupação.

— Realmente, nada de mau.

Enchi novamente nossos copos. Sobrou um pouco de · champanha na garrafa. Derramei esse resto de bebida sobre o chão branco de mármore, dizendo:

— Isso é para...

— Para os deuses que habitam debaixo da terra. Eu já sabia. Aqui na França também costumam fazer isso, pois os deuses que se encontram debaixo do solo francês andam sempre sedentos.

— É exatamente para esses deuses. Eles sempre protegem as pessoas que mitigam a sede deles.

— Mas devíamos ter feito isso com as últimas gotas dos nossos copos. Deveríamos ter deixado um restinho para derramar no chão.

— Angela, preciso pedir-lhe um grande favor. Eu bem sei que você conhece todas aquelas pessoas relacionadas na lista que lhe mostrei...

— Todas elas, com exceção dos Sargantana.

— Com exceção dos Sargantana, evidentemente. Eu também preciso conhecer toda essa gente. O ideal mesmo seria que eu entrasse em

contato com essas pessoas num ambiente completamente neutro, em que predominasse, antes de mais nada, uma atmosfera de franca cordialidade, todas reunidas ao mesmo tempo. Inclusive um tal Paul Seeberg. Ele é o procurador-geral do banco de Hellmann. Poderia propiciar-me esse encontro?

— Fazendo um *party*. Não é isso que você quer dizer?

— Exatamente, se possível.

Ela começou a refletir e pouco depois disse-me:

— No meu apartamento acho que não dá. Não disponho do pessoal necessário e nem o local é apropriado. Mas no palacete dos Trabaud dá muito bem. É um local bem amplo. Eu já lhe disse que Pasquale Trabaud é uma das minhas grandes amigas. Mas é bem provável que ela e o marido, com esse calor que está fazendo, estejam passeando de iate. Só mais tarde é que poderei entrar em contato com ela.

— Então... mais tarde... você fará isso por mim?

— Naturalmente, com muito prazer! O que você vai fazer agora? A arrumadeira do meu apartamento deve estar esperando por mim, pois hoje é dia de pagamento.

— Eu... eu hoje não tenho nada de especial para fazer...

— Pois então venha comigo! — disse Angela numa atitude resoluta, e suas palavras soaram com toda a naturalidade. Eu nunca tinha ouvido mulher alguma falar desse modo.

— Cozinharei alguma coisa para nós. Você vai se admirar de ver como cozinho bem. Garanto que você não imaginava que eu soubesse cozinhar, não é verdade?

— Aliás, acho que você sabe fazer tudo. E depois do jantar, mais tarde, você vai telefonar aos seus amigos, não é?

— Muito bem!

Paguei a despesa ao garçom. Em seguida Serge trouxe o carro de Angela, dentro do qual havia colocado os pacotes com suas compras. Ela sentou-se ao volante e eu, como antes, ao lado dela. O carro arrancou e fomos descendo a Croisette. As sombras, a essa hora, já se projetavam longe...

Alphonsine Petit era uma mulher baixinha, com os cabelos grisalhos e muito vagarosa no caminhar. No Edifício Résidence Cléopâtre ela se incumbia da limpeza de diversos apartamentos. No de Angela trabalhava às terças, quintas e sábados, a partir do meio-dia. Não tinha maneira melhor de dividir seu tempo. Era muito trabalhadora e assídua. Provinha da região da Bretagne.

Angela apresentou-nos. Seus olhos inteligentes revelavam certa timidez, como os de um animal desconfiado. Alphonsine não parava de me olhar enquanto nos dirigíamos à sala. Ali se encontravam, dentro de um vaso colocado no chão, as trinta rosas que eu havia encomendado no Floreal.

— Quando foi que entregaram essas rosas?

·— Faz mais ou menos duas horas, *madame*. Veio também um cartãozinho.

Angela rasgou o envelope e leu em voz alta o que eu havia escrito: "Obrigado por tudo". Fitou-me com o olhar fixo:

— Você é amável. Muito amável, realmente. *Sonja* é a minha espécie de rosas preferida.

— Eu sei. Daqui por diante, aos sábados, você receberá *Sonja*, como lembrança deste 13 de maio, o dia mais importante da minha vida. O primeiro dia da minha nova vida. A nova data do meu aniversário. Seria muito belo se eu pudesse dizer: "Do nosso aniversário!"

Alphonsine havia se retirado da sala.

— Era mesmo necessário e importante que você nascesse de novo, Robert.

— Como assim?

— Quando veio aqui hoje, você estava... Como poderei dizer?... Você estava exausto, desiludido, alquebrado, abatido.

Ela se pôs de joelhos e começou a ajeitar as rosas no vaso, no qual verteu água com uma certa substância para conservá-las frescas. Depois colocou dentro do vaso um pedacinho de cobre. Ela já havia perguntado insistentemente a

Alphonsine se as rosas tinham sido cortadas.

— Abatido, eu?! — interroguei, já um tanto preocupado.

— Sim — respondeu, levantando os olhos. — Mas agora você não tem nenhum sinal de abatimento. Está bem disposto e alegre. Agradeço-lhe imensamente estas rosas, Robert.

— Eu sei que você gosta de flores.

Levantou-se. Leu mais uma vez o cartão e depois colocou-o sobre a escrivaninha. As rosas ficaram em frente ao aparelho grande de televisão. Alphonsine voltou de novo. Ambas deixaram de me dar atenção. Sentaram-se num sofá, à beira da mesa, uma ao lado da outra, e Alphonsine, manuseando um caderno, começou a explicar à patroa o que havia comprado e a quantidade de dinheiro gasta. Demonstrou-lhe o número de horas que havia trabalhado durante a semana, bem como o montante que deveria receber. As importâncias avulsas ainda não haviam sido incluídas. Angela ajeitou os óculos e ambas começaram a fazer os cálculos em voz alta. Pareciam duas alunas de colégio. Elas iniciavam uma soma, erravam e depois recomeçavam tudo...

Dirigi-me à estante de livros e passei a ler o título das obras, bem como os nomes dos respectivos autores. Camus, Sartre, Hemingway, Greene, Mailer, Giono, Malraux, Priesdey, Huxley, Bertrand Russell, Mary McCarthy, Silone, Pavese, Irwing Shaw, Irving Wallace, todos livros de autores famosos, que eu, para minha satisfação, também possuía na minha biblioteca, não em francês evidentemente, mas em alemão. Nas prateleiras viam-se também várias obras de arte. Na superior estavam colocadas, uma sobreposta à outra, duas Bíblias que serviam de pedestal a uma estatueta de um antigo Buda de bronze.

Finalmente as duas mulheres concluíram seus cálculos e Alphonsine recebeu o dinheiro que lhe cabia. Na despedida ela me apertou novamente a mão. Depois, percebi que ela, no pequeno saguão, ficou cochichando um pouco com Angela, que após a saída de Alphonsine voltou à sala.

— Você acaba de fazer uma grande conquista, Robert: Alphonsine! Ela disse que você é um homem extremamente simpático.

— Veja só! Já está produzindo efeito esta minha transformação, não é verdade? Eu não sabia disso até agora, mas o efeito que produzo sobre as mulheres só pode ser comparado aos provocados por um tremor de terra!...

— É exatamente essa a minha opinião! — retrucou

Angela, aproximando-se de mim. — *Monsieur*, o senhor é um verdadeiro furacão! Que é que o senhor quer comer, agora, *monsieur*? Como eu não supunha que iria ser convidada para almoçar fora, deixei preparada uma boa quantidade de salada, que ficou na geladeira. Assim ela se conserva hem fresquinha. Salada faz muito bem à saúde — disse, falando como uma professora. — Habitualmente como muita salada, e você?

— Eu também — respondi-lhe, mas, na verdade, nem me lembrava mais da última vez em que provara salada.

Concordamos, então, em comer salada e bife. Para acompanhar essa refeição, teríamos também *bâtard*, o pão torradinho. Alphonsine havia levado algumas fatias desse pão, entregues por Angela.

Angela vestiu um avental colorido. Sentei-me num banquinho que havia na cozinha e fiquei observando como ela fritava os bifes e preparava a salada.

Subitamente ela soltou um gritinho:

— Notícias!

Ligou imediatamente o pequeno aparelho de televisão que se achava na cozinha e saiu correndo para ligar os que se encontravam no jardim de inverno e na sala. Este último, que era o maior deles, ela empurrou para perto da porta de vidro que dava para o terraço, a qual se encontrava aberta.

— Não posso deixar de ouvir as notícias! — disse ao entrar novamente na cozinha.

Então passamos a escutar o noticiário. Inicialmente foram dadas as notícias que eu já esperava: "A Inglaterra liberou a cotação da libra esterlina. Pânico em todo o mundo, principalmente na Itália e no Japão. Em decorrência desse fato, as Bolsas de Valores da Inglaterra e de Frankfurt não funcionarão na segunda-feira".

Enquanto ouvia o noticiário, Angela trabalhava no fogão e na mesa da cozinha. Constantemente lançava o olhar para o pequeno aparelho Sony japonês. Não abria a boca para fazer um comentário sequer: absorvia as notícias tal qual a esponja absorve a água.

Nunca tinha visto uma mulher preparar uma refeição com tanta rapidez. Angela fez sinal para que eu a acompanhasse. Dirigimo-nos ao jardim de inverno, onde, de um armário, ela tirou pratos, travessas e talheres de prata. Em seguida fomos para o terraço. Ali pôs a toalha na mesa que ficava sob a clarabóia e ajeitou os talheres. No terraço soprava uma brisa agradável e suave, que servia para compensar o calorão sofrido durante o dia no centro da cidade. O céu, agora, tinha a cor verde-garrafa. Mal se podiam divisar as silhuetas dos gigantescos aviões que aterrissavam em Nice ou decolavam do aeroporto daquela cidade e se distanciavam voando sobre o mar. Ainda no terraço continuamos ouvindo e vendo o comentarista da televisão. Parecia até que não tinham mais fim os informes acerca da greve portuária na Inglaterra. A greve geral dos ferroviários italianos estava anunciada para a terça-feira seguinte. E seguiam-se mais notícias: a catástrofe sofrida por um navio diante de Tenerife; o mais forte ataque, nos últimos meses, dos bombardeiros norte-americanos B-52 de longo alcance, sobre o Vietnam do Norte.

Voltamos de novo à cozinha, onde os bifes estavam chiando na frigideira. Ela os examinou bem, cravou o garfo neles e virou-os. Depois entregou-me uma garrafa de vinho *rosé* e dois copos, pedindo-me que os colocasse sobre a mesa no terraço. Ela só tinha olhos e ouvidos para as notícias. O jantar estava pronto. Levamos tudo para aquele terraço cheio de flores.

Eu contemplava aquela infinidade de lâmpadas acesas na cidade que ficava lá embaixo, contornando o mar. Encantavam-me as luzes vermelhas e verdes, azuis e brancas das embarcações. Três navios achavam-se feericamente iluminados. Os globos luminosos, nas ruas que se espalhavam ao longo do monte Esterel, ofereciam à vista um quadro maravilhoso. No céu límpido não se via uma nuvem. As flores pareciam adquirir um mágico esplendor ao serem inundadas pela luz da lâmpada do terraço. Em algum lugar distante estavam executando música suave. E as notícias continuavam: sequestro de um avião no Chile; sangrentas lutas entre católicos e soldados britânicos na Irlanda do Norte...

Os aviões que nesse momento cortavam os céus procuravam orientar as suas posições emitindo ininterruptamente sinais luminosos.

O bife estava malpassado, conforme eu havia pedido. Além de alface, a salada continha rodelas de pepino, cebola e outros ingredientes que eu desconhecia. O *rosé* tinha um sabor adstringente e puro. O noticiário terminou. Angela ficou tagarela de novo.

— Você sabe quanto custa uma garrafa de vinho *rosé*? Três francos e cinquenta centavos! Não é incrível?

Ela se levantou e desligou o televisor. Então, só a luz da sala se projetava sobre o terraço.

Depois que terminamos o jantar ajudei Angela a levar todas as coisas para a cozinha, onde o aparelho de televisão ainda continuava ligado. Ela o desligou e correu até o jardim de inverno, onde fez o mesmo com o televisor que lá se encontrava.

— Às vinte e três horas será transmitido o próximo noticiário. É o tempo que vai levar até que eu consiga me comunicar com a minha amiga Pasquale Trabaud. Depois que os Trabaud chegam a Port Canto, após um passeio pelo mar, permanecem ainda a bordo um bom tempo conversando e bebendo com os amigos. Mas e nós... que vamos beber agora? Champanha, você não acha bom?

Ela possuía uma geladeira bem grande, da qual tirou uma garrafa. Li o rótulo: Henriot, 1961.

— Ali estão os copos. Pode abrir a garrafa, por favor? Vou trocar de roupa e volto logo.

Antes de nos termos sentado à mesa para o jantar, ela tirara o avental. Abri a garrafa. Peguei também dois copos e levei tudo para o terraço, colocando sobre a mesinha, com cadeiras de balanço ao redor. Desse lugar podiam-se ver o mar e a cidade através dos balaústres da sacada, que era desprovida de treliça. A altura da balaustrada era de mais ou menos um metro e meio.

Depois de alguns minutos Angela também veio ao terraço. Vestia um roupão marrom, próprio para usar em casa, com as mangas em forma de sino e gola de veludo, bem alta, fechada. Eu já tinha enchido os nossos copos. Ela sentou-se ao meu lado. Não mais se ouvia aquela melodia suave que vinha de longe. Estava tudo tão calmo e silencioso em torno de nós, que parecia sermos as únicas criaturas existentes no mundo. Angela trouxera cigarros e um cinzeiro.

— Realmente você está fumando muito... — comecei a frase, mas não a concluí. Dei-lhe fogo para acender o cigarro e acendi um para mim também. Sentados à mesa, ficamos fumando e bebendo, sem trocar palavra, durante um bom tempo. Contemplávamos o mar, com as embarcações iluminadas, e as luzes da cidade. Depois de termos fumado alguns cigarros e quando já estávamos na segunda garrafa de champanha, Angela começou a falar... bem baixinho:

— Eu ofendi você.

— A mim?! Nunca!

— Ofendi, sim. Foi quando tivemos nossa primeira conversa. Pelo telefone. Eu lhe disse que sabia falar alemão, mas que não gostava de conversar nesse idioma...

— Ah, agora estou me lembrando! — respondi-lhe sentindo o suave odor da pele da sua face amorenada pelo sol.

— Mas posso explicar a razão...

— Para quê? Posso imaginar quais foram os motivos que a impeliram a tomar tal atitude. E isso, para mim, não tem importância alguma.

— Você não pode absolutamente fazer ideia dos motivos. E esse assunto tem importância, sim — prosseguiu ela, falando baixinho e devagar, expressando-se num francês bem claro. — Que era você durante a guerra?

— Soldado.

— Naturalmente. Mas não tinha nenhum posto?

— Cabo. Nunca fui além desse posto!

— Você também esteve aqui na França?

— Sim. Só que foi mais tarde. Quando a guerra começou, não havia ainda completado dezesseis anos. Depois fui mandado para a Rússia, onde fui preso em 1945. Fiquei na prisão durante três anos. Até que tive sorte...

— Muitos tiveram sorte! — respondeu Angela com uma voz tão baixa que parecia vir de enorme distância. — Mas a minha gente não teve sorte alguma. Nenhum deles. Meus pais, meus parentes... Faziam parte dos assim chamados Grupos de Resistência, desde o início. Todos foram presos e deportados. Eu vim ao mundo em 1938. Amigos esconderam-me até o ano de 1945. Foi assim que consegui escapar. Sou a única pessoa da minha família que se salvou. Não havia mesmo outra maneira de escapar...

— A manchinha branca nas costas da sua mão! — exclamei, pronunciando as palavras alto demais, pois essa ideia me surgira repentinamente. — Você presenciou a prisão de seus pais e era capaz de discernir conscientemente a gravidade da situação?

— Não muito conscientemente... Todavia, depois, durante muitos anos, eu revivia frequentemente em sonhos as dolorosas cenas daquela noite em que os alemães vieram à nossa casa e levaram presos meu pai e minha mãe. Seguidamente sonhava com as batidas compassadas daquelas pesadas botas em cadência marcial. Então eu gritava como que atormentada por um terrível pesadelo. Tinha esses sonhos quando era criança.

"Então ela gritava como que atormentada por um terrível pesadelo!"

— Não teria sido esse o choque emocional que alterou

.1 pigmentação da sua pele e que foi mencionado pela cartomante?

— Sim... É bem possível. Por estranho que pareça, eu nunca havia pensado nisso antes!

— Se um dia você se tornar feliz, essa mancha desaparecerá. Trate de observar com atenção.

— Eu sou feliz!

— Não! — respondi-lhe em tom incisivo. — Não acredito! Você não é feliz!

— Sou! — Ela bebeu até esvaziar o copo. — Encha outra vez meu copo. E o seu também. De qualquer forma, teremos que esperar até as onze, no mínimo.

— Você não é feliz! — repeti, já entregando-lhe o copo cheio. — Você faz de conta que é feliz ou age como se o fosse.

Ela examinou-me demoradamente e, não podendo ocultar sua admiração, prosseguiu:

— Você tem razão. É a primeira pessoa que me fala assim. Está certo... sim. Não lhe parece que estou me portando como uma pessoa que está um pouco bêbada?

— Absolutamente! Pelo contrário, você até me parece uma pessoa que não bebeu nada ainda.

— Sim, essa é a impressão que eu mesma tenho. Contudo, naquela

vez... naquela vez eu estava bêbada... sim... Meu Deus, como eu tinha bebido!

— Quando?

— Quando descobri... Quando Jean me disse... — Passou a me fitar com os olhos fixos novamente. — Você para mim é uma pessoa estranha, Robert. Nem sei por que razão devo lhe contar esse fato que, a não ser eu própria, só um sacerdote conhece... Um fato sobre o qual nunca falo nem faço comentários.

— Então não me conte nada!

— Mas... a você quero contar! Não lhe parece estranha esta minha atitude? Sim, sim, tenho que lhe contar tudo o que aconteceu. Não sei explicar por que motivo escolhi precisamente você para ouvir esse segredo. E você terá de ouvi-lo... E esta noite, ainda! Hoje à tarde você teve ciúmes de Laurent.

— De quem?

— De Laurent Viale, o oficial da marinha.

— Ah, já sei de quem você está falando. Bem... está certo — respondi, sabendo que não podia encontrar nenhum subterfúgio.

— Mas esse seu ciúme não tinha nenhuma razão de ser. Eu nunca amei Laurent. Foi outro o homem que amei de fato, com toda a força do meu coração. Já faz três anos que isso aconteceu.

Sua voz parecia estar se distanciando cada vez mais.

— Nunca antes eu havia dedicado tanto amor a um homem como dediquei a ele... Cheguei quase a esquecer de mim mesma para preocupar-me somente com ele. Quando se ama de fato, não se pensa mais em si mesma, mas só na pessoa amada, não é verdade?

Não lhe respondi. Minha cadeira balançava lentamente. Eu fumava e bebia devagarinho, sem deixar de contemplar o lindo rosto de Angela, que, nesse instante, estava de perfil.

— Eu vivia exclusivamente para esse homem... Ele praticamente morava aqui... neste apartamento. Pretendíamos nos casar. Ele viajava muito, mas quando vinha a Cannes só ficava aqui, comigo. Eu havia preparado tudo para o nosso casamento, compreende? Pretendíamos realizar um casamento íntimo, fazendo depois as devidas comunicações. Mas mesmo um casamento

assim exige sempre grandes preparativos, especialmente da parte da mulher, não é verdade?

— Seguramente.

Ela já não prestava mais atenção às minhas palavras, tão absorta estava em seu relato.

— Finalmente chegou o tão esperado dia. Então... — Ela interrompeu a frase. Houve um silêncio bem prolongado. — Então ele me declarou que não podia casar-se comigo. Disse-me que sentia muito... mas que já era casado e tinha dois filhos. Residia em Amiens. Eu nunca havia desconfiado dele. No momento em que me confessou isso, cheguei até a pensar que não tivesse ouvido direito... Mas era a triste realidade o que ele dizia. Foi... foi um momento terrível para mim, creia-me. Mandei-o embora. Ele fez as malas rapidamente e sumiu. Depois que ele saiu, eu, que estava chorando, parei de chorar e comecei a beber. Eu tomava uísque. Naquele dia só tomei uísque. Puro, com gelo. Mas bebi muito. Uma enorme quantidade. Então fiquei realmente embriagada. E não parava de beber. Eu...

Ela prosseguiu bebendo noite adentro. Os quatro aparelhos de televisão ficaram ligados, incluindo-se o do estúdio, pois ela, antes da discussão com seu amado, estivera andando por todo o apartamento exatamente na hora do noticiário. Depois de bêbada esqueceu-se de desligar os aparelhos. Postou-se de cócoras sobre o divã, tendo na frente u garrafa de uísque e o gelo. Dos seus olhos não brotava uma lágrima sequer. Ela apenas sentia na cabeça uma zoada infernal e a sala parecia estar rodando. Um único pensamento não saía do seu cérebro: "Nada mais posso fazer. Fui enganada. Fui iludida. O meu amor foi embora. Agora estou sozinha no mundo. Completamente abandonada. Não tenho mais ninguém. Ninguém!"

De repente levou um grande susto.

Alguém berrava, vociferando numa fúria incontida.

Levou ainda um bom tempo até que ela se desse conta de que, na televisão, estava passando um filme. Isso aconteceu a 10 de junho. E foi exatamente no dia 10 de junho de 1944 que uma unidade militar das Waffen-SS, em represália pela morte de um general alemão levada a efeito pelos *maquis*, incendiara e reduzira a cinzas a pequena localidade de Oradour-sur-Glane, no sul da França. Morreram praticamente todos os seus habitantes. Os homens foram fuzilados. As mulheres e as crianças haviam sido antes conduzidas a uma igreja. A maioria delas tinha a esperança de salvar-se. Fntretanto, os soldados das Waffen-SS puseram fogo também na igreja, e as mulheres e as crianças receberam as chamas nos seus corpos ainda vivos. As ruínas daquele sítio permanecem até hoje. O povoado foi reconstituído num outro lugar. Oradour — da mesma maneira que tantas outras localidades — constitui, para os franceses, um símbolo de perene advertência.

Em dias como esse, as televisões, a título de exibição comemorativa, transmitiam filmes antifascistas contendo farta documentação sobre os crimes horrorosos perpetrados pelos nazistas. Era exatamente um documentário desse tipo que estava sendo passado naquele instante. Tratava-se de uma filmageiíi elaborada com base em relatos de testemunhas oculares que incluíam, também, algumas cenas filmadas às ocultas, além de um grande número de fotografias tiradas secretamente. A película mostrava cenas tétricas e horripilantes, capazes de deixar qualquer pessoa transida de pavor, como num verdadeiro pesadelo.

Eis, portanto, diante dos olhos de Angela a sequência das cenas do

fuzilamento dos homens, feita de acordo com o fidedigno relato de pessoas idosas que presenciaram o fato e chorando descreveram a tremenda carnificina. Eis ali a igreja, e os soldados das Waffen-SS levando as mulheres e as crianças para dentro. Angela vê quando fecham a porta de entrada. As chamas começam a se alastrar. Que chamas assustadoras! Depois aparecem as miseráveis casinhas dos agricultores de Oradour incendiando-se, dinamitadas. E por todos os lados só se viam os homens das Waffen-SS, com suas pesadas botas e suas mortíferas metralhadoras.

Angela sentou-se ereta no divã e esvaziou o copo. O uísque escorria pelos cantos da boca, mas ela não notava. Tinha os olhos fixos nas imagens que apareciam no vídeo, reproduzindo aquelas terrificantes cenas. E um turbilhão de pensamentos começou a invadir-lhe a mente, compelindo-a a evocar seus entes queridos: "Meu pai, minha mãe, tio Fred, tio Maurice, primo André, tio Richard, tia Henriette, tia Marlene. Mortos. Mortos. Todos eles estão mortos... "

De um momento para outro percebeu que não poderia mais suportar aquilo. Levantou-se bruscamente e, já cambaleante, dirigiu-se à sacada cheia de flores. Era uma noite chuvosa. Uma ideia macabra apossou-se do cérebro de Angela naquele momento: dar cabo da existência! Pôr um fim em tudo duma vez. E imediatamente...

"Você não pode mais suportar esta vida."

— Esta vida... Não, não... não quero mais... Quando se dirigia ao parapeito da sacada, com os chinelos de salto alto, resvalou e caiu no chão molhado pela chuva que penetrava através dos balaústres. Levantou-se em seguida e, arrastando uma perna, sempre vacilante, foi debruçar-se no parapeito. Não sentia nenhum medo ao contemplar lá embaixo, na frente da garagem localizada nos fundos do edifício, o chão de cimento iluminado. Tinha que pular imediatamente. Sem demora.

"Num instante meu corpo também estará estendido lá embaixo e todos os meus sofrimentos terminarão."

Primeiro colocou a perna direita. Depois, a esquerda. Ficou de joelhos sobre a balaustrada. O pé direito já se encontrava bem na beirada. Quase agachada, apoiava-se com as mãos. Em seguida, tentou pôr-se de pé, erguendo-se lentamente, centímetro por centímetro... Foi se erguendo... se erguendo devagarinho. A outra perna também ia se esticando ao mesmo tempo. A chuva molhava-lhe os cabelos, o rosto, a roupa, mas ela não percebia nada disso. "Vem,

morte! Vem, doce morte!" Ei-la, agora, de pé, ali, a quatro andares do chão, sob um céu escuro e nublado, tendo à sua frente o panorama de uma cidade onde se vislumbravam luzes em profusão. Uma forte rajada de vento bateu em cheio contra seu corpo. Demonstrou mais uma vez a firmeza da sua ideia: "Eu quero!..."

E precipitou-se.

Precipitou-se para trás, vindo a cair no próprio chão tio terraço, impelida pela rajada do vento. Só conseguiu perceber isso quando, depois de momentânea perda dos sentidos, recobrou a consciência. Achava-se deitada numa poça d'água. Estava com a boca aberta e quase cheia de água. Por pouco não chegou a sufocar-se. Cuspiu a água. Sentia-se tão fraca, que não podia mexer os membros.

Tinha se precipitado sobre o terraço e não sobre o chão lá embaixo.

"Não, não, não quero assim... O que quero é morrer... A balaustrada..."

Levantou-se, mas caiu logo em seguida. Tentou levantar-se mais uma vez. Caiu de novo. Procurou então, empregando todas as forças, manter-se de pé. Seus joelhos tremiam. Cambaleando, aproximou-se do parapeito. Mas não conseguiu trepar. Debruçada ali, passou a olhar para baixo. Um carro estava saindo da garagem. Agora, ela já não se sentia mais com coragem. Mas de um jeito ou de outro tinha que dar cabo da vida. Esse era o seu firme propósito...

Soluçando e sempre vacilante, voltou para a sala. Bebeu uísque diretamente da garrafa. Havia deixado os chinelos na sacada.

Sentou-se numa cadeira, perto da mesinha do telefone.

O telefone!

Ela devia falar com alguém. Mas com quem? Ora, possuía tantos amigos. Mas seriam mesmo seus amigos? Com quem poderia falar numa situação dessas? Com quem?

"A quem você poderá dizer, Angela, o que pretendia fazer? A quem?"

Sentindo um arrepio perpassar-lhe o corpo, reconheceu que realmente não tinha nenhum amigo ao qual pudesse confiar o que se passara com ela. Entretanto, à sua frente estava a lista telefônica. Começou a folheá-la ao acaso. Naquela época, isto é, três anos antes, ela ainda não precisava de óculos para ler. Suas mãos tremiam. O catálogo caiu no chão. Apanhou-o. Não sabia exatamente que número deveria procurar. Tinha que ser o número do telefone de alguma pessoa... Alguma pessoa com a qual pudesse conversar...

Conversar! Ah, mas existem pessoas para isso!... Sim... Existe um serviço de orientação espiritual que atende pelo telefone. Lá talvez alguém pudesse... Entretanto, por mais que forçasse a memória, não conseguia se lembrar do nome dessa instituição.

Igreja!

Passou a procurar na lista sob a designação *Igreja*. Discou um número. Ninguém atendia. Discou outro número. Nada. Deu um profundo suspiro. Discou um terceiro número. O telefone tocou uma vez... duas vezes... Então, subitamente ecoou uma voz... Voz de homem, tranquila, compassada e amável.

Angela não compreendia o que o homem falava. Com o alívio que sentiu ao ouvir a voz de um homem não conseguiu pronunciar uma palavra. Atirou-se para a frente, ficando com o corpo caído sobre a mesa. O fone escorregou da mão. Ela começou a chorar e a suspirar. Estava chorando e soluçando de novo.

O homem, com sua voz tranquila, disse:

— Estou ouvindo. Estou ao aparelho. E continuarei ao aparelho. Não tenha pressa. Tenho tempo. Disponho do tempo que a senhora quiser...

— Eu... eu... padre... O senhor é um padre?

— Sim. Pode chorar com toda a calma. Não tenha pressa. Eu tenho tempo...

Angela continuava chorando e suspirando. A voz do homem fazia-se ouvir de intervalo em intervalo:

— Estou aqui. Estou ao aparelho...

E assim passou mais ou menos um quarto de hora.

Finalmente Angela fez um esforço e decidiu falar:

— Matar... Poucos momentos antes...

O padre não compreendeu direito.

— A senhora matou alguém?

— Não. Eu... eu queria me matar... Suicidar-me... Compreendeu, padre? Eu tentei atirar-me da sacada para baixo... Mas caí para trás. E agora... agora...

Começou novamente a chorar e a soluçar.

— Estou escutando. Não tenha pressa... Não tenha pressa.

Essa voz masculina e jovem soava forte, mas ao mesmo tempo tão repassada de suavidade que fez com que Angela, aos pouquinhos, recobrasse as forças. Passou então a falar com mais clareza:

— Eu quero acabar com a minha vida... Não aguento mais...

— Compreendo... A senhora não aguenta mais...

Esse diálogo era constantemente interrompido pelo choro de Angela ou pelo silêncio. Então, depois de um certo intervalo, sempre surgia a voz do padre:

— Estou ouvindo... Não vou desligar.

— Fui abandonada... O homem que eu amava... me traiu... me iludiu... Agora estou sozinha neste mundo... Não posso mais suportar! Tenho que dar cabo da minha vida!

Aquela voz calma não esboçou o mínimo sinal de protesto contra essa intenção de Angela. Nada retrucou. Não fez nenhum juízo de valor com relação a essa atitude. Disse, apenas, o que ela em tais circunstâncias poderia ouvir.

— A senhora naturalmente está vivendo momentos difíceis.

— É verdade...

— Esse homem entrou na sua vida... A senhora dedicou-lhe todo o seu amor. Ele a decepcionou... Agora a senhora sente um vazio na sua existência... Um profundo e pavoroso vazio...

— É isso mesmo... sim, sim!

Angela endireitou-se na cadeira. Agora apenas soluçava bem baixinho. Já podia falar com mais facilidade.

— Era só a ele que eu tinha... Conheço muitas pessoas... uma infinidade de pessoas. Com minha profissão, tenho forçosamente que lidar com muitos homens e mulheres... Sempre participo das festas de gala, dos *parties*... Sou obrigada a participar dessas reuniões, o senhor me compreende, padre?

— Sim, compreendo muito bem.

— Mas, em última análise, em que é que se resume a vida? *Parties*! Festas de gala! O luxo que predomina aqui... E esse vazio... Esse profundo vazio da minha alma. Então, não é uma vida estúpida que estou levando? — Passou, agora, a falar bem alto. — Não lhe digo quem sou nem onde moro. O senhor poderia chamar a polícia.

— Juro que não faria isso. Na verdade, nem mesmo seu nome eu quero saber... Realmente não preciso saber de nada com relação à sua vida... A senhora está vivendo momentos de grande aflição e sente-se muito só... Aliás, a tendência ao suicídio já é uma característica bem expressiva da solidão... Mas a senhora não está assim tão sozinha como pensa...

— Por quê, padre?

— Não estou aqui ouvindo-a? Estou falando com a senhora. E a compreendo muito bem. Compreendo a sua situação. A senhora tem que acreditar em mim. Pode estar certa de que a compreendo muito bem...

— Realmente, padre?

— A senhora pode ter a mais absoluta certeza! A senhora lida sempre com muitas pessoas. Sua profissão exige que a senhora mantenha contato com todas essas pessoas. Mas a elas a senhora não pode dizer o que se passa no seú íntimo. Não lhes pode falar sobre seus problemas nem sobre suas aflições. No meio dessas pessoas a senhora deve desempenhar um papel... Eu diria, até, a senhora deve usar uma máscara: mostrar-se alegre... Sempre alegre e sorridente. Não é assim?

— É assim mesmo, padre! — respondeu Angela, admirada. — Eu não posso nunca... nunca... Eu não posso nunca me apresentar no meio delas como realmente sou. Elas me têm na conta da mulher mais alegre e feliz de Cannes. Na presença dessa gente, de forma alguma devo me queixar de qualquer coisa. Tenho que trabalhar. Muitas encomendas e pedidos... Na verdade, quem poderá ter algum interesse pela minha vida?

— Eu! — respondeu o padre, sempre falando com calma. — Eu

me interesso pela sua vida. Como pode ver, a senhora não está sozinha nem abandonada.

— Não... Sozinha, não...

— Muitas pessoas, às vezes, se abandonam e se entregam à solidão... Mas é sempre muito perigoso ter que usar uma máscara e simular... No caso desse seu amor, a senhora não podia, com o tal homem...

— Não, padre... Com ele eu podia falar abertamente. Ele... esse homem sabia tudo a meu respeito... E agora...

— E agora sou eu quem sabe tudo!

— Mas o senhor ainda não sabe nem mesmo quem sou eu! — retrucou Angela, alteando a voz.

— Mas isso não vem ao caso. Estamos falando um com o outro. Estamos apenas no começo do nosso diálogo. E seria muito bom que continuássemos a conversar. Por que a senhora não vem até aqui? Sou o padre da pequena igreja ortodoxa russa, no Boulevard Alexandre III. Esperarei a senhora amanhã de manhã... Conversaremos sobre todos os assuntos...

— Mas eu sou protestante.

— Também isso não vem ao caso. Esperarei a senhora.

— Não irei, padre. Tenho vergonha. Muita vergonha mesmo!

— Então, talvez a senhora queira vir depois de amanhã. Ou talvez pretenda telefonar novamente. Encontro-me sempre aqui. A essa hora estou sempre neste mesmo lugar. 'Também antes do meio-dia. Não se esqueça de que estou aqui para a senhora. Agradeça a Deus pelo fato de eu poder compreendê-la. Compreendo muito bem sua situação...

— Pode ser!... Mas continuo tendo minhas dúvidas ... Não posso acreditar.

— Acredite, por favor!

— Mesmo assim, ainda quero acabar com minha triste existência... Vou me precipitar lá embaixo...

— Até mesmo essa sua atitude compreendo perfeitamente. Quem

sabe se na sua situação eu também não seria compelido a praticar o mesmo ato?

— Mas isso não é um pecado?... O suicídio? O que o senhor pensa disso, considerando os mandamentos da lei de Deus?

— Não quero falar com a senhora acerca de pecados. Não existe pecado num caso como o seu. Temos que falar acerca da sua pessoa. Exclusivamente com relação à senhora, cuja situação estou compreendendo muito bem. Devagarinho. Não tenha pressa. Disponho de todo o tempo que a senhora quiser...

Ele conversou durante quase duas horas com Angela. Fazia muito tempo que a programação da televisão havia terminado. O vídeo do seu aparelho estava escuro, emitindo cintilações. A estação transmissora não estava mais no ar. O padre, com sua voz bondosa e amável, continuava falando. Agora ele já conhecia perfeitamente a situação. Angela a essa altura já podia falar com maior fluência. Parara de chorar e suas ideias iam se tornando gradativamente mais claras. Também o efeito do uísque ia diminuindo.

— A senhora deve vir aqui — disse o jovem sacerdote.

— Não sei...

— Talvez amanhã... Ou qualquer outro dia... E lembre-se de que estou aqui para atendê-la. Sou uma pessoa que a senhora não conhece. Uma pessoa diante da qual a senhora não precisa usar máscara nem fingir. Uma pessoa à qual a senhora pode contar tudo. Estou sempre aqui para atendê-la. Sempre. E eu a compreendo. Compreendo perfeitamente sua situação.

— Muito obrigada, padre! — disse Angela, que, de um momento para outro, começou a sentir um grande cansaço. Em seguida desligou. Não levou muito tempo e caiu num sono profundo. Dormiu recostada na espreguiçadeira, sem mesmo trocar de roupa. A lâmpada ficou acesa e o televisor também continuou ligado, com o vídeo cintilando. A chuva caía sobre o terraço.

Alternando as luzes branca e vermelha, o avião emitia sinais e, descrevendo uma curva, se aprestava nesse momento para aterrissar em Nice. Depois de Angela ter chegado a esse ponto do seu relato, ficamos em silêncio durante um longo tempo. Finalmente ela prosseguiu:

— Quando despertei eram nove horas da manhã. Doíam-me todos os ossos do corpo. Eu estava numa bruta ressaca.

— E você foi à casa desse padre?

Ela me fitou. Seus olhos cintilavam refletindo a luz que vinha da sala.

— Nunca.

— Por que não?

— Eu tinha muita vergonha... E mesmo porque, depois desse dia, nunca mais tive vontade de me suicidar.

— Esse padre salvou-lhe a vida — comentei.

— É verdade!

Angela tomou mais um gole de champanha e acendeu outro cigarro. Eu também.

— Mesmo tendo ele...

— Mesmo tendo ele feito um convite tão amável assim, nunca mais o procurei nem lhe telefonei. Qualquer dia desses irei a essa igreja. Não fica muito longe daqui — disse Angela lançando rapidamente seu olhar sobre mim. — E tenho certeza de que poderei reconhecer esse jovem sacerdote pela voz. Era uma voz tão agradável. Então, quando eu for visitá-lo, dar-me-ei a conhecer. Já me propus visitá-lo, mas só irei quando... — Interrompi bruscamente a frase.

— Quando irá visitá-lo?

Ela fitou-me como se estivesse despertando de um sonho.

— Por favor, que foi que você perguntou?

— Você estava dizendo que iria visitar esse padre só quando... Quando irá visitá-lo, Angela?

Passou a examinar-me atentamente como se nunca me tivesse visto antes.

— Não, nada. Vamos parar com essa conversa. Eu mesma não me compreendo. Ninguém conhecia esse fato. Por que será que me dispus a contar-lhe essa passagem da minha vida, Robert? Por quê?

Levantei-me e fui até a balaustrada. Olhei o chão lá embaixo. Realmente era uma grande altura. De repente percebi que Angela estava perto de mim.

— Era ali embaixo que você queria se atirar?

— Sim.

Tentei colocar um braço sobre seus ombros, mas ela esquivou-se, desviando-se rapidamente para o lado.

— Não! Por favor, não!

— Perdoe-me!

— Já são dez horas da noite. Às onze teremos novamente o noticiário. Depois, então, telefonarei a Pasquale. A essa hora certamente ela já...

O telefone tocou na sala. Ela correu para lá e pegou o fone.

Mais uma vez examinei a altura de onde Angela quisera precipitar-se.

A visão noturna daquele chão de cimento com seus canteiros de palmeiras ficara gravada indelevelmente no meu cérebro por toda a minha vida. Angela voltou ao terraço.

— É para você. Lacrosse.

Sua voz, então, soou com um acentuado timbre de preocupação e tristeza. Enquanto eu atendia, ela ficou ali na sala sem poder ocultar sua aflição.

— Procuramos você no hotel e em toda parte. Finalmente me ocorreu que você poderia estar aí no apartamento de *Madame* Delpierre.

— Aconteceu algo?

— Sim.

— O quê?

— Pelo telefone não posso explicar. Será que você não poderia dar uma chegadinha aqui imediatamente?

— Eu... Sim, é claro. Você está aí no seu gabinete?

— Sim.

— Vou logo! — disse, e coloquei o fone no gancho.

— O que há? — perguntou Angela, aproximando-se de mim.

— Ainda não sei. Devo ir agora ao antigo porto. Está disposta a fazer-me essa grande gentileza de organizar o *party* com sua amiga?

— Sim, Robert — respondeu-me, sorrindo alegremente.

— Coloque de novo a máscara na sua face.

— Sim, a máscara. O meu semblante asiático. Se for um assunto muito importante, telefone-me ainda hoje. Colocarei o telefone ao lado da minha cama.

— Mas eu acho que não devo... Minha conversa com Lacrosse poderá levar horas...

— Não importa. Você tem que me telefonar!

— Mas por quê?

— Porque se trata de um caso que diz respeito a você. Trata-se de algo com que você tem a ver. É por isso que você se encontra nesta cidade. E quero ficar a par de tudo o que se passa com você.

Dirigiu-se imediatamente ao telefone e começou a discar um número.

— Vou chamar um táxi.

Depois que telefonou ela me acompanhou até a porta. A partir

desse instante tornou-se novamente impenetrável, reservada e inacessível como nas primeiras horas em que conversei com ela. Naturalmente, ela não desceu comigo pelo elevador. Despediu-se de mim na porta do seu apartamento. Retirou rapidamente a mão que eu quis beijar. Dessa vez não ficou esperando que o elevador chegasse. Fechou a porta imediatamente.

Quando saí do edifício, o táxi ainda não se encontrava ali. Tive que esperar. Do bolsinho da camisa tirei o maço de cigarros. Então notei que ali estava também um cartãozinho. Era o que eu havia mandado a Angela, contendo os dizeres: "OBRIGADO POR TUDO". Riscou a última palavra do texto, colocando outra em seu lugar. Fiquei parado debaixo da lâmpada na entrada do edifício e acendi um cigarro. Enquanto soltava baforadas de fumaça, examinei detidamente o cartão.

Eu havia escrito: "Obrigado por TUDO". Com a alteração que Angela fez ficou: "Obrigado por NADA". Só podia ter sido no momento em que eu telefonava que ela colocou o cartão no meu bolso.

Ele estava caído no chão do laboratório, numa enorme poça de sangue. Seu rosto estava todo arrebentado e espatifado. Encontrava-se estendido de lado. O que faltava do seu rosto achava-se atirado pela sala em forma de fragmentos de ossos, pele, músculos e sangue. O sangue, então, escorrera em grande quantidade e manchava sua camisa, a calça, os cabelos, braços e mãos.

Fiquei parado ali observando horrorizado aquilo que antes fora um homem. O pobre Louis Lacrosse, de semblante triste, permanecia ao meu lado. Foi ele quem me introduziu naquela sala em que se viam muitas prateleiras, mesas cheias de aparelhos, bicos de Bunsen, produtos químicos e microscópios.

Diversos homens usando só calça e camisa se movimentavam de um lado para outro fotografando o cadáver e cobrindo com pó de grafite mesas, prateleiras e aparelhos, a fim de colherem impressões digitais.

Estavam ali seis homens fazendo esse serviço. Fazia muito calor naquela sala com janelas de grade. Não reconhecí o morto e perguntei:

— Quem é ele?

— Isso que você está vendo era Laurent Viale! — respondeu-me Lacrosse.

— Deus todo-poderoso! — exclamei.

O que via era o elegante Laurent Viale, sempre de boa aparência, e que outrora, durante algum tempo, fora o amante de Angela, tendo permanecido depois seu amigo. Fiquei, em seguida, com meu pensamento concentrado em Angela, imaginando como ela receberia a notícia.

— Encontrei-me com Viale pouco depois do meio-dia lá no Félix — disse eu a Lacrosse.

— E eu, três horas antes, estive jantando com ele!

Estava pálido e tão nervoso que conservava um cigarro no canto da boca sem acendê-lo.

— Quem teria cometido esse assassinato e de que maneira?

— Com uma pistola de grande calibre equipada com silenciador.

Foi um tiro à queima-roupa, bem na nuca.

— Então só pode ter sido alguém que trabalha nesta casa e que conhecia Viale, pois as janelas estão guarnecidas com grade e nos encontramos no primeiro andar.

— É verdade — respondeu Lacrosse, com ar triste e desesperançado. — E isso torna a coisa ainda muito pior. O assassino só pode ser alguém que talvez um pouco antes estivesse conversando com Viale. Mas, em qualquer hipótese, deve tratar-se de um conhecido.

— Como teria entrado no edifício?

— O edifício permanece aberto durante toda a noite.

Enquanto Lacrosse falava, seu cigarro subia e descia no canto da boca.

— E os vigias? — interroguei.

— O que está pensando? Já lhe disse que dispomos de pouca gente. Os que não se acham escalados para os serviços de prontidão dormem fora. Alguns trabalham no meu gabinete. Seria muito fácil para qualquer pessoa que conhecesse Viale penetrar nesta sala. Eu próprio entrei aqui há uns três quartos de hora porque queria saber em que pé estavam as investigações de Viale. Fui eu que o encontrei morto. Telefonei imediatamente à Polícia Técnica de Nice, pois um caso dessa natureza ultrapassa o âmbito das minhas atribuições. A coisa está se tornando cada vez mais complicada. O Comissário Jacques Roussel já se encontra aqui e está inquirindo algumas pessoas, bem como procurando testemunhas. Graças a Deus, veio acompanhado de alguns elementos da polícia.

Um dos homens virou o cadáver de costas a fim de examiná-lo. Era um homem de cabelos grisalhos e usava óculos.

— Dr. Vernon, médico-legista aqui em Cannes — disse-me Lacrosse apresentando o homem.

O Dr. Vernon inclinou-se para mim alegre e aparentando boa disposição de espírito. Imediatamente começou a cravar pinças naquela massa pastosa de carne e pele estraçalhada que fora antes o rosto de Laurent Viale, talvez até mesmo sua boca, que Angela tantas vezes beijara. Nesse instante uma enorme mosca pousou sobre aquela massa empapada de sangue. O Dr. Vernon deixou-me afugentá-la. Começou a mexer naquilo que sobrara da cabeça de

Viale, pondo a mão na nuca espatifada e empapada de sangue.

— Aqui está, criança! — disse ele dirigindo-se a Lacrosse. — Foi aqui o ponto do impacto da bala. Orifício de entrada pequeno. O rosto é que ficou espatifado. Não há dúvida de que foi uma bala dun-dum.

— Viale provavelmente estava sentado lidando com algum aparelho de pesquisa — comentou Lacrosse. — O assassino devia estar postado de pé atrás dele. Viale teve uma bela morte! Antes mesmo de dar-se conta de algo, já estava no outro mundo. Que eu também possa morrer assim quando chegar minha vez!

— Eu pensava que balas dun-dum existissem somente para espingardas ou fuzis.

— Existem também para pistolas, meu filho.

Sem dúvida fazia muito tempo que o Dr. Vernon era médico-legista em Cannes. Ele não se surpreendia com coisa alguma nem se deixava enganar. Tratava-se de um homem difícil de ser ludibriado pelas aparências, pois se tornara, por assim dizer, imune ao sentimento de espanto e de terror ante a contemplação de cenas como essa. Já estava afeito a examinar casos assim com a maior naturalidade. Parecia até um tipo esquisitão. Ou será que esse seu comportamento alegre e despreocupado, com espírito de criança, não passava de uma simulada encenação para proteger-se contra algo capaz de afetá-lo e de abalar a sua posição? Algo que ele sentia andar rondando por perto?

— Aproxime-se com a caderneta de anotações, criança! — grasnou o Dr. Vernon, e, sempre conservando o espírito divertido, começou a ditar com rapidez os resultados do exame ao seu assistente, que estenografava as suas palavras.

— Mas por que foi cometido este crime? — interroguei. — Deve ter havido algum motivo.

— É claro! — respondeu Lacrosse. — Lamentavelmente um motivo bem ponderável que se pode verificar aqui mesmo!

— Poderia dizer-me qual?

— Observe bem essas prateleiras!

Lancei os olhos para a prateleira que, na manhã desse mesmo dia,

conforme eu verificara, se encontrava cheia de fragmentos, destroços, pedacinhos de fios e peças côncavas de ferro que pertenciam àquele engenho infernal e que haviam sido colhidos no local da catástrofe. Agora a prateleira estava completamente vazia.

— Quem esteve aqui levou embora todo esse material

— prosseguiu Lacrosse. — E não foram só os fragmentos e destroços que foram retirados, mas também as anotações e apontamentos que Viale havia tomado. Hoje, depois do meio-dia, observei que essas anotações, inclusive croquis, se encontravam sobre a mesa. Agora não se vê mais nada aqui!

— Mas é preciso considerar que havia aqui um montão de coisas — observei. — O indivíduo teria que transportar um grande peso...

— O assassino deve ter levado tudo dividido em três partes. Provavelmente colocando cada parte dentro de malas e transportando uma de cada vez. Talvez tenha agido só, mas também pode ter tido cúmplices.

— Foi um trabalho arriscado.

— Certamente. Nós aqui estamos lidando com uma espécie de gente que não se apavora diante de nada. Lembra-se do que lhe disse quando conversamos pela primeira vez?

Nesse instante entrou um homem corpulento que, por causa do seu tamanho, caminhava um tanto encurvado. Trajava uma roupa tropical e não usava gravata. Tinha as sobrancelhas espessas e cabelos brancos ondulados. Seus olhos pareciam fincados num rosto estreito e dotado de expressão enérgica.

— Este é o Comissário Jacques Roussel da Polícia Técnica de Nice — disse Lacrosse, fazendo nossa apresentação.

Roussel era o oposto de Lacrosse: enérgico, inflexível e corajoso.

— Bela porcaria, não é verdade?

— Sim — respondí.

— Hei de agarrar o assassino, de qualquer maneira! — bradou Roussel. — Seja lá quem for esse cachorro de merda, esse amaldiçoado, ele cairá nas minhas unhas. Para mim pouco importa que estejam envolvidos nesse caso sujeitos ricos. Podem até ser os donos do mundo! Eles não têm o direito de

se julgar melhores do que qualquer miserável vagabundo que anda aí pelas ruas.

— Mas eles se julgam melhores! — retrucou Lacrosse.

— E são poderosos! Você nem imagina como eles têm poder.

— Poder uma merda! Já me comuniquei por telefone com a polícia política e com a polícia de controle da economia. Já consegui pôr essas duas organizações em ação. Alguns funcionários delas estão vindo para cá.

— Então teremos também um grande barulho, um grande escândalo — disse Lacrosse.

— E daí? Não aconteceu um crime aqui? E, se não me engano, pouco tempo antes houve outro crime hediondo em que perderam a vida doze pessoas. Pois bem, se minha memória não anda muito fraca e estragada, parece-me que existe uma conexão direta entre os dois crimes. Aqueles pobres-diabos que estavam no *Moonglow*, fazendo parte da tripulação do iate, não eram milionários, Louis. Eles eram uns coitados que tinham suas famílias, como eu e você. E, agora, suas famílias não têm mais quem as sustente. Quero ser amaldiçoado se calar o bico de medo de tornar-me malquisto pela minha atitude! Que diz, *monsieur*?

— Eu também quero ser amaldiçoado se tiver medo de prosseguir minhas investigações — respondi.

— Você! Você não vive aqui em Cannes — concluiu Lacrosse, falando baixinho.

Roussel pôs a mão nos ombros dele.

— Viale deixou neste mundo sua mãe — prosseguiu Roussel. — Ela vai receber uma pensão. Você bem sabe que quantia miserável ela receberá mensalmente. Pense na mãe de Viale, Louis. Suponha que ela fosse sua própria mãe.

O homenzinho de semblante triste repentinamente sofreu uma transformação. Começou a falar com desenvoltura e então todo o seu ódio recalcado pelas repreensões, submissamente engolidas a seco durante dezenas de anos, explodiu naquele instante como que numa impulsiva exaltação de ânimo.

— Você tem razão, Jacques! Tenho sido até agora um porco covarde. Mas de agora em diante não o serei mais! Quem cometeu esse crime

terá que pagar. E bem caro. (Lacrosse encarou Roussel.) Agradeço-lhe por suas palavras.

— Muito bem! Estou gostando — retrucou Roussel.

Nesse instante entrou um funcionário perguntando:

— *Monsieur* Lucas está aqui?

— Sou eu! — respondi. — Que é que há?

— Um telefonema do Majestic. Chegaram dois telegramas urgentes para o senhor.

— De momento não estamos precisando de você aqui — disse Roussel. — Se quiser ir até o hotel...

— Preciso ir. Devem ser telegramas do meu chefe.

— Sem dúvida. É agora que a coisa vai pegar fogo! — comentou Roussel.

Naquele momento nada podíamos prever ainda, mas ele estava fazendo um prognóstico acertado.

Os dois telegramas eram de Gustav Brandenburg. Pedi ao porteiro que me entregasse a chave do meu cofre, que se encontrava na caixa-forte da portaria. Retirei o código secreto de telegramas e, sentando-me ali mesmo no saguão, a uma pequena mesa, comecei a decifrar as duas mensagens.

Na primeira, ordenavam-me que tomasse o primeiro avião que deveria partir para Dusseldorf domingo de manhã e que me apresentasse imediatamente no gabinete de Brandenburg para receber instruções. A segunda mensagem dizia textualmente:

"PROTEJA POR TODOS OS MEIOS O PERITO E O

MATERIAL DESTINADO AO EXAME".

Este último telegrama havia sido entregue às dezenove e quarenta e cinco. Se me encontrasse no hotel a essa hora e tivesse lido essas instruções, provavelmente Viale não teria sido assassinado. Esse foi o primeiro pensamento que me ocorreu, mas depois de refletir um pouco cheguei à conclusão de que não dispúnhamos de meios para protegê-lo. Poderiamos, todavia, ter salvo o material destinado ao exame pericial.

Como pôde Brandenburg saber tanta coisa a respeito do caso?

Queimei os dois telegramas e coloquei as cinzas num cinzeiro. Guardei de novo o código secreto de telegramas no cofre alugado, onde eu colocara, também, o meu passaporte e todo o meu dinheiro. Depois comuniquei ao porteiro que eu deveria viajar a Dusseldorf na manhã seguinte, mas que continuaria com o quarto.

— Já está tudo resolvido, *monsieur*. O senhor continuará com o quarto, pois em breve estará de volta.

— Como é que você sabe?

— Nós também recebemos um telegrama.

Entregou-me um envelope dizendo:

— Aqui está sua passagem. Mandamos reservar-lhe um lugar no avião da *Air-France* que partirá de Nice às nove e quinze. O aparelho fará escala em Paris e deverá chegar a Dusseldorf às doze e vinte e cinco. Debitaremos

todas essas despesas na sua conta.

Agradeci-lhe, entreguei-lhe a chave do cofre e fiquei observando-o até que ele a guardasse novamente na caixa-forte da portaria. Em seguida, tomei o elevador e subi ao meu apartamento. Tirei a roupa e tomei um banho com água fria e quente. Na sala encontravam-se os pacotes com as roupas que havia comprado. Completamente nu, abri os pacotes e fiz as malas, guardando tudo direitinho. Deixei fora da mala, para usar no avião, aquela roupa leve de cor bege e uma das gravatas escolhidas por Angela.

Atirei-me na cama. O sono não vinha. Liguei o rádio que estava na mesinha-de-cabeceira. Uma voz feminina cantava: *"Elle est finie la comédie*. . Desliguei logo. Olhei o relógio: eram duas e vinte da manhã. E eu não tinha dormido nada ainda, só ficara me virando de um lado para o outro na cama.

A campainha do telefone tocou. Era Angela.

— Eu já havia telefonado antes mas você não estava. Que... que foi que aconteceu, Robert? Algo ruim?

— Sim. Algo terrível.

— O quê?

Contei-lhe tudo.

Seguiu-se um prolongado silêncio. Eu estava curioso para verificar sua reação ante o impacto da notícia. Finalmente, ela começou a falar em voz baixa:

— Ele era uma boa pessoa. Depois de termos vivido juntos por pouco tempo, muito pouco mesmo, nos separamos, ficando amigos, mas amigos verdadeiros, sem nenhum ressentimento recíproco. Estou muito triste com a morte dele. Como ele gostava da mãe! Irei amanhã cedo à casa dele para cuidar da pobre velhinha. Agora ela está completamente só neste mundo.

— Por que você me telefonou antes?

— Porque... Bem, a vida terá que continuar, por espantoso que pareça, não é verdade? Telefonei para comunicar-lhe que minha amiga Pasquale terá imenso prazer em convidar todas aquelas pessoas para um jantar. Depois de amanhã. Às oito horas da noite. Está bem?

— Muito bem! Mas... espere um pouco! Eu amanhã, isto é, hoje,

terei que viajar a Dusseldorf.

— Por quanto tempo?

Santo Deus! Não havia pensado na possibilidade de uma permanência prolongada em Dusseldorf e meu coração começou a bater aceleradamente.

— Não sei ainda. Mas não deve ser por muito tempo. Caso eu não possa regressar até depois de amanhã, telefonarei ainda a tempo de adiar esse jantar. Mas espero estar de volta logo.

— Você vai a Dusseldorf por causa da morte de Viale?

— Também por causa disso.

— A que horas sai o avião?

— Às nove e quinze. De Nice.

— Então às oito em ponto estarei em frente ao hotel para levá-lo ao aeroporto.

— Não é preciso! Tomarei um táxi.

— Você não tomará táxi algum. Às oito horas estarei aí. Boa noite, Robert!

— Boa noite, Angela. E muito obrigado!

Mas a noite não foi nada boa para mim. Vesti o roupão e fui postar-me à sacada do quarto. Fiquei sentado fumando um cigarro após outro. Eu estava muito nervoso e não conseguia dormir. Às quatro e meia da madrugada, sobre o mar, o céu já começava a ser inundado pela claridade e de minuto a minuto se tingia de novos matizes. O movimento na Croisette estava bem calmo e no hotel tudo era silêncio. Às quatro e cinquenta e cinco o telefone tocou novamente. Era Angela outra vez.

— Você não está conseguindo dormir, não é verdade, Robert?

— É verdade!

— Eu também não consigo.

— O pobre Viale não me sai da cabeça.

— Mas o pobre Viale não será a única vítima! — disse-me ela. — E você sabe muito bem disso.

— Sim, sei.

— O que você estava fazendo no momento em que o telefone tocou?

— Estava sentado na sacada do quarto contemplando o céu, que, com a aproximação do dia, vai se tingindo de novos matizes a cada instante.

— Engraçado!... Eu estava fazendo a mesma coisa. Estava sentada no terraço contemplando o céu. Seu telefone tem um fio bem comprido?

— Sim. O fio é relativamente comprido.

— Então pegue o aparelho e volte de novo à sacada. Ficaremos contemplando o céu.

— Você já está sentada?

— Sim.

— Agora estamos olhando o céu.

— É mesmo!

Ficamos em silêncio. No aparelho ouvia-se um ruído semelhante ao farfalhar da folhagem seca. O céu, que no início estava cinzento, passou a tomar a cor da areia da praia. Depois de um certo tempo adquiriu a tonalidade ocre, que se transmutou num verde-maçã. Não levou muito tempo e surgiu um tom dourado, que foi ficando cada vez mais intenso. Os edifícios brancos, na Croisettc, cintilavam imersos nessa dourada claridade matinal.

Durante o tempo em que fiquei sentado na sacada, com o fone encostado ao ouvido, Angela permaneceu também no terraço do seu apartamento. Não pronunciamos uma palavra sequer. Eis que o sol, agora, parecendo emergir do mar, começou a tingir o horizonte de um vermelho sanguíneo bem vivo.

— Então, até as oito! — disse Angela e desligou o aparelho.

Ela foi pontual. Eu estava trajando a roupa bege e usando os sapatos marrons. Levei somente a mala de viagem de couro macio.

A essa hora da manhã não havia ainda grande movimento nas ruas. O carro podia rodar bem ligeiro. Fazíamos nosso percurso seguindo pelo lado do mar. Observávamos a areia da praia e os rochedos. Víamos as inúmeras casas onde se preparavam saborosíssimas refeições. Pouca gente transitava por ali quando passamos. Durante todo o percurso não dissemos senão algumas palavras.

Angela usava uma calça branca e estava sem maquilagem. Estacionou o carro na frente do edifício do aeroporto e depois acompanhou-me até o guichê. Não tirava os olhos de cima de mim, mas não falou uma palavra. Só no momento da despedida foi que abriu a boca para dizer-me:

— Estarei lá em cima, na segunda sacada — e saiu imediatamente.

Dirigi-me então ao setor de controle alfandegário. Depois tive que me submeter ao exame radioscópico, pois os sequestros de avião estavam muito em moda. Finalmente, atravessando a pista de aterrissagem, chegou o veículo que deveria conduzir os passageiros até o avião, cuja saída já havia sido anunciada. Virei-me e vi Angela na sacada do segundo andar. Ela se encontrava ali quase sozinha e acenou-me sorrindo. Nesse instante comecei a pensar nas palavras que o padre lhe dissera naquela noite e na máscara que, conforme ela própria afirmava, via-se forçada a usar constantemente. Eu também correspondia aos seus acenos e sorria para ela, forçando o sorriso com a boca torcida. Ela não parava de sorrir e de acenar-me. Meu pé esquerdo começou a doer. Fui o último a entrar no veículo, que arrancou logo, avançando na direção do avião. Ao descer do carro, consegui ainda uma vez avistar Angela com sua roupa branca. Eu lhe fazia acenos a que ela correspondia com os dois braços levantados. Ficamos acenando um para o outro até que a aeromoça pediu que eu entrasse no avião.

O aparelho decolou e, com acentuada inclinação, atingiu as alturas, começando a sobrevoar o mar. O aviso "NO *SMOKING*" já se havia apagado. Enfiei a mão no bolso para tirar os comprimidos. Senti na ponta dos dedos um objeto duro. Puxei-o para fora. Era um daqueles elefantinhos engraçados feitos de ébano que eu havia admirado quando vi a coleção de Angela. Ela, ocultamente, o colocara no meu bolso naquela manhã.

Angela...

Pareceu-me vê-la na minha frente. Seus olhos! Aqueles seus olhos maravilhosos! O sol forte começou a bater na janelinha do avião, ofuscando-me a vista. Fui forçado a cerrar as pálpebras. E, então, pareceu-me ver, com mais nitidez nos seus contornos, os olhos de Angela. Eu segurava bem apertado na mão o pequeno elefante.

O avião, nesse momento, descrevia uma curva tomando a direção norte. Meu pé esquerdo continuava doendo.

Chovia em Paris.

Em Dusseldorf também chovia.

O tempo estava ruim. Eu sentia frio. Mais uma vez estava trajando roupa inadequada.

Em Paris a escala foi muito curta, mas em Dusseldorf telefonei para Angela do aeroporto Lohausen, onde o avião aterrissara.

Através do sistema de discagem direta, foi rápida a ligação. Ela atendeu logo. Sua voz parecia sufocada.

— Alô!

— É Robert que está falando.

— Você chegou? Graças a Deus!

— Eu... eu quero agradecer-lhe o elefantinho, Angela. Você nem imagina qual foi minha alegria com esse presente... Uma alegria bem grande, creia-me. Estou segurando-o neste momento.

— Esse elefantinho vai trazer-lhe muita sorte — respondeu Angela, e só então me dei conta de que, embora estivesse falando em francês, ela me respondia em alemão. Exclamei admirado:

— Você está falando alemão!

Angela, parecendo ter ficado um tanto constrangida, respondeu-me:

— Sim. E peço-lhe perdão, Robert.

— A mim? Perdão? Por quê?

— Por... por ter me comportado como uma verdadeira estúpida. Tenho refletido bastante sobre minha atitude. Certamente nem todos os alemães foram soldados por prazer. E não creio que todos os alemães tenham sido nazistas.

— Mas em grande parte foram.

— Contudo, não creio que todos tenham sido nazistas — prosseguiu com voz amável. — Você, Robert, por exemplo... Tenho certeza de que você nunca foi nazista.

— Nunca fui.

— E nem serviu como soldado por puro prazer, não é verdade?

— Realmente, por prazer eu nunca teria entrado no exército.

— Foi o que pensei. Portanto eu estava sendo muito injusta com você. Perdoe-me, sim?

— Está bem, Angela! Sinto-me extremamente feliz por tê-la encontrado em casa a essa hora e poder ouvir sua voz!

— Eu sabia que você iria telefonar-me logo depois do desembarque. Estava aguardando ansiosamente seu chamado. Eu também queria ouvir sua voz.

— Mas como poderia saber que eu lhe telefonaria?

— Simplesmente porque eu sabia. Por isso quis permanecer em casa. O pobre Laurent Viale será sepultado amanhã cedo. Eles não podem esperar mais tempo por causa do calor, você compreende. Irei daqui a pouquinho à casa da mãe dele.

— Posso telefonar-lhe ainda? Hoje à noite, por exemplo.

— Claro! Telefone, por favor!

— *Cover... coverage* — dizia Gustav Brandenburg, coçando com força a cabeça completamente calva, com o formato de um cubo. — Foi principalmente por isso que mandamos chamar você, Robert.

Meu chefe estava usando uma camisa horrível, dessa vez com listras brancas e laranja. Mascava continuamente a ponta de um grosso havana e comia pipocas que tirava de um saquinho, ao lado do qual, sobre a mesa, se encontravam mais três saquinhos cheios. Ele já estava com a roupa toda suja de migalhas e restos de pipocas. Sua mesa de trabalho tinha um aspecto imundo. Ao seu lado, confortavelmente sentado numa cadeira, encontrava-se um homem de cerca de cinquenta anos, vestido com elegância, calmo, circunspecto, tendo as maçãs do rosto bem salientes e um semblante que revelava desconfiança. Brandenburg apresentou-me esse homem como sendo o Dr. Daniel Friese, do Ministério Federal das Finanças.

Eu não fazia a mínima ideia dos motivos que o haviam trazido ao gabinete de Gustav Brandenburg. E continuei, mesmo depois da apresentação, sem atinar com a razão da sua presença ali. No gigantesco edifício da Global, nessa tarde de domingo, reinava um silêncio sufocante. Como sempre, era só Brandenburg que estava trabalhando.

Fiz um amplo relato das minhas atividades em Cannes. Os dois homens escutaram-me atentamente sem revelar nenhuma surpresa nos seus semblantes. Davam-me a impressão de já estarem a par de tudo o que se passara em Cannes e de que não esperavam mais nenhuma revelação sensacional além dos fatos por mim relatados. A intervalos, Brandenburg me olhava com atenção — preocupado ou raivoso, não consegui saber ao certo.

— Que foi que lhe sugeriram as palavras "*cover*" e "*coverage*"... — comecei falando, mas Gustav Brandenburg interrompeu-me logo, dizendo:

— Espere um pouco, agora! O Sr. Friese veio de Bonn especialmente para presenciar esta nossa conversa.

— Mesmo sendo domingo? Será um assunto tão urgente assim?

— Não há nada mais urgente! — respondeu Friese. Sua voz era agradável.

— O Sr. Friese também está interessado neste nosso caso — disse

Brandenburg.

— E muito interessado, creia-me — concluiu Friese.

Brandenburg prosseguiu:

— Ele está muito interessado no crime que você está investigando em Cannes, ou seja, no caso da explosão do iate, da morte de doze pessoas ou, melhor dizendo, agora, de treze pessoas, com o assassinato do perito judicial, esse tal... Como era mesmo o nome dele?

— Viale. Laurent Viale.

— ...esse tal Viale. Tudo isso está me cheirando a crime engendrado por questões de ordem financeira. Um crime de natureza essencialmente econômica. Existe aí um *imaculado colarinho branco* já bem manchado de porcaria. E a porcaria é de tal envergadura que realmente ninguém (nem mesmo eu, por mais trato que dê à bola) pode compreender. O Sr. Friese (e dizer que eu não sabia disso antes!) já há muito tempo vem se interessando em investigar a vida de Hellmann e seus negócios. Agora resolvemos trabalhar juntos. Para que você compreenda com clareza o assunto, bem como as intrincadas circunstâncias que o envolvem, o Sr. Friese vai lhe esclarecer os principais pontos de todo esse enredo. É muito complicado...

— Mas procurarei ser o mais claro e sucinto possível — concluiu o homem que integrava o quadro de categorizados funcionários do Ministério das Finanças em Bonn.

Seu traje elegante e finíssimo denotava o elevado cargo de que estava investido.

— Veja o senhor, Sr. Lucas, não há mistério algum: temos hoje em dia uma inflação de amplitude mundial. Se não formos bem sucedidos em debelá-la, o mundo sofrerá uma verdadeira catástrofe econômica de consequências tão terríveis, que só poderão ser comparadas às da Segunda Guerra Mundial.

Ele falava compassadamente, mantendo-se sempre calmo e objetivo. Apenas pela observação atenta do seu semblante concentrado era que se podia perceber o estado de agitação que o dominava ao abordar esse assunto.

— Gostaria de declarar-lhe preliminarmente que considero a própria inflação como o mais infame dos roubos que possa haver neste mundo. E

a considero o mais infame dos roubos precisamente pelo fato de não se poder tomar medida alguma de caráter legal contra os indivíduos inescrupulosos

— como os envolvidos no caso que o senhor investiga —, os quais consciente, brutal e egoisticamente a utilizam em proveito próprio.

— Você agora tem que lidar com porcos — disse Brandenburg, levando para a boca a mão cheia de pipocas. — Ou, melhor dizendo, nós, agora, temos de lidar com porcos.

— Mas como surgiu essa inflação com todo o seu cortejo de males de que o senhor acaba de falar, Sr. Friese?

— perguntei enquanto, não sei por que cargas-d'água, comecei a me lembrar do banquinho lá. na cozinha de Angela, onde ficara sentado observando-a preparar a salada.

— Veja o senhor — prosseguiu Friese —, em todo o mundo circula atualmente um montante de cerca de setenta bilhões de dólares. Setenta bilhões! Pode imaginar o que significa uma soma tão vultosa assim?

— Na verdade, não.

— É difícil compreender, mas é essa a quantia aproximada que anda em giro pelo mundo. E são esses setenta bilhões de dólares que ocasionam uma grande parte das desgraças da humanidade.

— Antes de prosseguir, poderia o senhor explicar-me a causa dessa inflação? — perguntei.

— Ela é provocada pelos grandes trustes internacionais, pelos banqueiros privados e pelos mais poderosos especuladores que há no mundo. O surto inflacionário resulta, principalmente, dos assim chamados *déficit spending* dos Estados Unidos.

— Que significa isso?

— Os Estados Unidos estão adquirindo no estrangeiro mercadorias por um valor muito superior ao das suas exportações. Em decorrência desse fato, no exterior vão se espalhando cada vez mais dólares. O dólar ainda é a principal moeda do mundo, mas já faz muito tempo que se acha supervalorizada. Os americanos, todavia, só muito contra a vontade a desvalorizam. Qualquer desvalorização do dólar implica evidentemente a elevação do preço do ouro.

Esse fenômeno tende a beneficiar a Rússia, que dispõe de imensas reservas em ouro para lançar no mercado quando bem lhe aprouver. Por isso os cidadãos americanos estão proibidos de adquirir ouro do já reduzido estoque dos Estados Unidos. A nós, alemães, é permitida a compra desse precioso metal. Aos suíços também. Aos americanos, não! E devo frisar de passagem que estou convencido de que, muito breve, teremos uma nova crise do dólar de consequências calamitosas. Em tal hipótese, o dólar, com seu lastro desfalcado, simplesmente deverá ser desvalorizado, talvez até mesmo em dez^por cento. Mas isso ainda não será o fim da desgraça. A tramóia continuará porque os trustes americanos ou as poderosas empresas multinacionais poderão adquirir aqui na Alemanha, a qualquer momento, a quantidade de ações nacionais que desejarem, mediante operações sobre as quais não incidem despesas apreciáveis. Entretanto, o cidadão americano comum só pode comprar ações alemãs pagando doze por cento de imposto sobre o valor da compra.

— Mas isso é uma grande safadeza! — exclamei.

— Uma safadeza absolutamente legal — emendou Friese.

— Que são empresas multinacionais? — perguntei.

— São organizações que mantêm filiais em todos os países industrializados, não sendo, consequentemente, tratadas como empresas estrangeiras. Por outro lado, em hipótese alguma elas podem ser forçadas ao cumprimento de certas normas impostas por esses países. Corno já lhe disse, a atividade delas é perfeitamente legal. Legal... enquanto essas nações não procurarem se defender, enquanto nada fizerem para livrar-se dos seus tentáculos. Eu diria até que os governos dessas nações se deixam extorquir pelas empresas multinacionais e fecham os olhos ante a atitude delas. Mas, com relação às atividades privadas de qualquer cidadão estrangeiro, eles estão sempre de olhos arregalados...

— Mas que droga de leis, então, existem nesses países?

— interroguei, perplexo.

— Todos os homens são iguais perante a lei — rosnou Brandenburg —, mas acontece que *alguns homens são mais iguais do que outros*.

— Que fazem, portanto, esses setenta bilhões de dólares que andam circulando pelo mundo? — prosseguiu Friese com uma conversa já bem afetada de laivos de retórica.

— Eles se acham depositados nos bancos para serem aplicados no estrangeiro em grandes empreendimentos, tais como obras públicas, usinas, fábricas, renovação de parques industriais, etc., ou até mesmo no açambarcamento de tais obras. E esses dólares sempre se deslocam com a máxima facilidade para os países onde as possibilidades de lucro são maiores, como, por exemplo, a República Federal da Alemanha3 cuja moeda se encontra estabilizada e oferece um elevado índice de segurança.

"A República Federal da Alemanha goza da fama (injustamente, consoante a minha opinião, mas esse é um outro assunto) de possuir o meio circulante menos suscetível de ser afetado pelas crises, sendo o marco a moeda mais sólida e melhor do mundo. Melhor mesmo do que o franco suíço ou o florim holandês. Assim sendo, quando em algum país se começa a vislumbrar uma situação alarmante — greves, desemprego, elevação do índice salarial, etc. —, os dólares que se encontram ali aplicados são imediatamente transferidos, pelos elementos que dirigem os trustes e os bancos, para outro país onde as perspectivas de segurança e garantia sejam maiores. Trata-se de uma transferência absolutamente legal. Por força de disposição expressa em convênio monetário internacional... revestido, apenas, de uma validade simplesmente formal, já que, na prática, há muito tempo tais normas vêm sendo relegadas ou feridas frontalmente... o Banco Central da República Federal da Alemanha se obriga a acatar a transferência de qualquer montante em moeda estrangeira. Desse modo, vão entrando continuamente bilhões de dólares em nosso país. Estou lhe fazendo uma exposição muito sucinta sobre o assunto, mas creio que o senhor me compreendeu, não é verdade?"

— Compreendi perfeitamente.

— Evidentemente o Banco Central deve efetuar a conversão desses dólares em marcos. Para tanto, ele apenas exige que o National Bank americano troque a importância equivalente a esses dólares, caso seja solicitada, por ouro. Contudo, essa prática, hoje em dia, se torna impossível, pois já faz muito tempo que os americanos não trocam papel por ouro.

— Tudo legal. Absolutamente legal! — gaguejou Brandenburg e começou a rolar o charuto na boca, de um canto para o outro. Sob suas axilas já se haviam formado duas manchas de suor, embora o tempo estivesse bem fresco em Dusseldorf. Nada afeta a saúde desse sujeito, pensei comigo mesmo. Por que será que a mim tudo faz mal?

— Sim, absolutamente legal. Mas notem bem: essas constantes trocas implicam inevitavelmente o aumento da quantidade de marcos postos em

circulação. Explicando de maneira grosseira, podemos dizer que o Banco Central se vê forçado a fabricar cada vez mais dinheiro. Eis aí, portanto, o começo do processo inflacionário. Se fosse suspensa essa *fabricação* de dinheiro, como se fez há tempos, por ocasião da assim chamada agitação de julho, evitaríamos a inflação. Entretanto, o governo, ao invés de refrear essa emissão descontrolada, continua pondo mais dinheiro em circulação. É claro que, para evitar esse surto inflacionário, seria preciso incrementar a produção de mercadorias, de modo a fazer prevalecer a oferta. Contudo, um incremento de produção de tal vulto não pode processar-se assim da noite para o dia. Consequência: destrói-se o equilíbrio entre a procura de mercadorias e a oferta de dinheiro, fenômeno esse que implica obviamente uma redução do poder aquisitivo da moeda. Por isso o custo de vida sobe constantemente. Acho oportuno esclarecer, neste ponto da nossa conversa, que tanto os operários como os empresários, na sua qualidade de principais elementos da sociedade em que vivemos, são impelidos a girar nessa curva inflacionária.

Comecei a pensar naquela velha que encontrara na farmácia:

"Tudo está ficando cada vez mais caro. Simplesmente tudo. O leite, a manteiga, o pão, a carne, os selos do correio, o transporte do lixo, seja lá o que for que o senhor disser. Ah, meu Deus, e a Luisenhohe! E só existe maldade e mais maldade entre os homens..."

— Mas esse crescente desequilíbrio entre salário e custo de vida não deixa de ser um grande absurdo — argumentei.

— Sem dúvida — respondeu-me Friese delicadamente. — Mas também deve-se dizer que estamos vivendo sob o influxo de um domínio econômico estruturado num mundo que se tornou louco. Temos que enfrentar quase permanentemente crises pavorosas, as quais, em última análise, só vêm em detrimento dos indivíduos da classe média, que procuram economizar seus parcos recursos, ao passo que os grandes capitalistas e os super-ricos se beneficiam com tal situação. E tudo o que ficou dito até aqui constitui apenas a primeira parte da desgraça.

"Oh, a infelicidade não vem como a chuva. .

— Qual é a segunda parte dessa desgraça? — perguntei.

— Já lhe falei dos setenta bilhões de dólares. Enquanto não são utilizados pelas grandes indústrias financiadas, encontram-se nas mãos de especuladores. Tais especuladores, que existem em toda parte, têm nas suas mãos o controle monetário de todos os países, o que lhes possibilita fazer toda e qualquer espécie de manobra. Dispondo de grandes somas em determinada moeda fraca, digamos, para exemplificar, em libras esterlinas ou em liras, eles procuram, a todo o transe, fazer com que tais moedas se desvalorizem a ponto de valerem menos do que batatas podres. Desse modo, elas são recusadas no mercado internacional. Mas sabe o que significa isso para os especuladores? Eles ofertarn vultosas quantias em dinheiro dos países que dispõem de moeda fraca aos bancos nacionais dos países que desfrutam de estabilidade econômica, os quais são obrigados, de antemão, cm virtude da disposição da convenção monetária internacional, a adquiri-las, muitas vezes, até por preços mais elevados do que o normal. Com tal manobra, os especuladorés adquirem moedas fortes — seja o iene japonês, seja o marco alemão — e se põem ao abrigo de qualquer possível perda decorrente da desvalorização do padrão monetário naqueles países. Mas a ação deles não fica só nisso. Esses indivíduos mandam as empresas filiadas e vinculadas aos trustes por eles dirigidos contraírem dívidas vultosíssimas — num montante que ultrapassa mesmo o limite do concebível — nos países com moeda fraca. Isso provoca inevitavelmente a supressão do crédito na base dessas moedas, que passam a sofrer progressivas desvalorizações. Todas as importações feitas por esses países terão que ser liquidadas, então, exclusivamente com moedas fortes. As empresas multinacionais são dotadas de uma sólida estrutura e dispõem de bilhões de dólares. Elas representam realmente um importante fator de potência, capaz de compelir os governos e os bancos emissores a transacionar com elas, mesmo efetuando negócios prejudiciais e nocivos.

— Prejudiciais e nocivos para os seus queridinhos da gente do povo! — rosnou Brandenburg.

— A desvalorização da moeda e a inflação nunca afetam os grandes — prosseguiu Friese —, mas exclusivamente os pequenos. Eles é que têm que suportar as consequências das medidas de proteção que o governo se vê obrigado a pôr em prática através do Banco Central. Mas os atos que esses especuladores praticam de forma alguma podem ser combatidos por medidas de natureza jurídica, pois trata-se de atos legais, absolutamente legais na sua

configuração. Que adianta sabermos que são atos criminosos, amorais e indecentes? Em nada eles se contrapõem a normas legais expressas. E são exatamente esses atos que mais cedo ou mais tarde nos levarão à ruína, a uma verdadeira derrocada. O caso em que o senhor está trabalhando, Sr. Lucas, é bem típico. Por isso é que o Sr. Kessler também está aqui.

— Quem?

— O Sr. Otto Kessler. É o funcionário do ministério que há mais tempo vem se dedicando à perseguição dos indivíduos que operam ilegalmente em câmbio e sonegam impostos. Ele está esperando na sala ao lado. Quis prestar-lhe preliminarmente esses pequenos esclarecimentos a fim de que o senhor possa compreender melhor o que ele vai lhe dizer.

Brandenburg comprimiu o botão de um alto-falante. Sua secretária, sempre digna de lástima pelo chefe que tinha, acompanhava-o nesses trabalhos especiais fora de horário.

— Às suas ordens, Sr. Brandenburg!

— O Sr. Kessler pode entrar — gaguejou Brandenburg. As cinzas do charuto caíram sobre sua camisa, mas ele nada notou.

A porta se abriu. Surgiu um homem com os cabelos bem ralos, de um louro vivo, e uma cicatriz no lado esquerdo da testa. Era o mesmo homem que naquele baile de gala realizado no Majestic estivera sentado ao meu lado, no bar do hotel, espreitando minha conversa com Nicole Monnier, que depois desapareceu.

Exatamente o mesmo homem era quem agora se encontrava na minha frente!

Encarei-o. Otto Kessler acenou-me ligeiramente.

A voz de Kessler soava corn um timbre muito diferente do da voz de Friese. Ele falava depressa. Revelava-se frio e enérgico. Notava-se logo que era um indivíduo autoritário e habituado a ter êxito nos seus atos. Já estava beirando os cinquenta, mas aparentava ter menos idade.

— Então? Estamos nos revendo, não é verdade?

— Estive em Cannes durante algumas semanas, com algumas interrupções — explicou-me Kessler, o perseguidor dos sonegadores de impostos, um verdadeiro ás do Ministério das Finanças. — Estava hospedado no Carlton. Evidentemente não podia me dar a conhecer.

— Claro que não! Aquela moça que estava sentada comigo lá no bar...

— Desapareceu. Com o seu cáften. Eu sei. Já sei tudo o que lhe aconteceu, Sr. Lucas.

— Mas o que o senhor estava fazendo em Cannes?

— Estávamos investigando os negócios do banco de Hellmann, um dos mais conceituados e mais conhecidos bancos particulares da República Federal Alemã. Naturalmente temos trabalhado junto com funcionários do serviço de repressão de outros países. Trocávamos informações. Já faz muitos meses, talvez mesmo anos, que vimos nos ocupando com Hellmann, procurando investigar suas transações com um tal John Kilwood, um americano.

— John Kilwood... Não é um dos que foram a Cannes para, segundo consta, comemorar o aniversário de Hellmann, que iria completar sessenta e cinco anos?

— É ele mesmo. Esse indivíduo, no nosso caso, é o mais perigoso — disse Kessler batendo com as falanges dos dedos na mesa, coisa que ele fazia maquinalmente com muita frequência e que já se tornara um hábito desagradável.

Tirou do bolso uma caderneta de anotações e começou a ler: "John Kilwood. Divorciado pela terceira vez. Sessenta e dois anos de idade. Filhos vivos: cinco. Instrução: Yale University. Atividade comercial: Kilwood Oil Company, com diversas empresas subsidiárias. Estimativa do seu patrimônio: de setecentos milhões a um bilhão de dólares".

— Que Deus o abençoe! — exclamou Brandenburg.

— Deus já o abençoou — retrucou Kessler, sem tirar os olhos de cima da caderneta de anotações, que continuou a ler: — "Kilwood possui casas, terrenos e apartamentos em Beverly Hills, na Flórida, nas Bahamas, na França, na Suíça, em Mônaco, em Liechtenstein e na Inglaterra. Neste último país ele é proprietário de um verdadeiro castelo. Possui dois aviões, ambos Boeing 702. É dono de um luxuosíssimo apartamento em Nova York, localizado no Edifício United Natíons Plaza".

Depois de lidas essas anotações, Friese prosseguiu:

— A Kood-Oil, uma das empresas de Kilwood, opera na Europa, especialmente aqui na Alemanha, sem render muito lucro.

— Onde fica, então, o lucro dessa empresa? — perguntei.

— Lá onde John Kilwood quer que ele fique. Nos países onde a incidência de impostos é baixa.

Kessler virou a página da sua caderneta e perguntou-me:

— A Kood lhe é bem conhecida, não é verdade?

— E quem não a conhece?

Com uma fábrica de montagens em Schwarzwald, com fábricas espalhadas por toda a República Federal Alemã, com pujantes empresas fornecedoras no exterior, a Kood é indiscutivelmente uma das maiores fabricantes de aparelhos eletrônicos do mundo. Ela faz instalações de radar e fabrica aparelhos de televisão, bem como peças e acessórios para os dispositivos de transmissão via satélite. Fornece ao governo americano aparelhos a serem utilizados no seu programa espacial. Nada há no campo da eletrônica que a Kood não possa produzir.

Depois de uma certa pausa, Kessler prosseguiu, demonstrando, pelas suas palavras, ser dotado de aptidão e inteligência:

— Essa Kood, ou seja, essa fábrica instalada em Schwarzwald desde 1948, era uma organização industrial na qual trabalhavam, no máximo, duzentos operários. Hoje em dia, em todo o mundo, a Kood ocupa cerca de três quartas partes de um milhão de pessoas, sem contar suas empresas fornecedoras. Depois de tudo isso que lhe expus, não sei se lhe causarei espanto afirmando-lhe

que, na sua maior parte, a Kood pertence a John Kilwood.

— Não. Realmente essa afirmativa já não me surpreende.

— Em 1948 pagávamos pelo dólar, com base numa taxa de câmbio não muito justificada, quatro marcos e vinte *Pfennige*. Atualmente o dólar pode ser adquirido por três marcos e dezenove *Pfennige*. Deve-se dizer que essa taxa ainda é muito elevada. Naquela época, entretanto, lá por 1948, os capitalistas americanos, como é óbvio, compravam ou até mesmo açambarcavam tudo o que podiam aqui na Alemanha. Foi aí que Kilwood adquiriu a pequena fábrica de Schwarzwald, a qual, com o correr dos anos, se transformou na poderosa Kood. Suponho que o Sr. Diretor Ministerial Friese lhe tenha esclarecido a maneira pela qual essa gente opera, que é sempre legal, absolutamente legal.

— Sim, o Sr. Friese já me esclareceu esse aspecto.

— Muito bem. Quanto calcula o senhor que a Kood, essa empresa industrial monstro, obtém anualmente de lucros aqui na Alemanha?

— Muitos bilhões! — respondi.

— Esta é a nossa estimativa — respondeu Kessler com um sorriso amarelo. — E o senhor sabe quanto ela paga de impostos? O senhor vai rir: nada! Na Alemanha, absolutamente nada!

— Mas como é possível? — perguntei, tendo a impressão de que eu era um verdadeiro idiota.

— Não há dificuldade alguma para que organizações desse tipo procedam assim — respondeu Friese, intervindo na conversa. — A Kood efetua suas vendas através de um comitente em Liechtenstein, o paraíso das facilidades fiscais, onde os impostos são diminutos. Grandes firmas canalizam diretamente seus lucros para aquele ducado. As faturas e notas são remetidas, via Liechtenstein, às Bahamas, onde também não incide nenhum imposto excedente. Desse modo os lucros de bilhões, que o senhor supõe, com razão, que a empresa aufira aqui na Alemanha, são embolsados pela Kood — quero dizer por Kilwood — ao se processar o acerto de contas entre Liechtenstein e as Bahamas, mediante cálculos feitos, dessa vez com exatidão, para efeito contábil.

— Creio que é possível, aqui na Alemanha, impedir que uma organização que nunca paga impostos prossiga nas suas atividades — disse eu.

— Essa medida não pode ser posta em prática — respondeu-me Friese —, porque no âmbito das atividades comerciais dessa espécie pode-se dizer que tudo é permitido. Nada se pode fazer contra tais empresas. Entretanto... — Agora Friese, pela primeira vez, alteou a voz. — Entretanto, temos um único meio que nos permite agir com êxito: se pudermos provar, contra a Kood, qualquer sonegação de imposto ou qualquer irregularidade; então, sim, estaremos em condições de forçá-la a levantar voo. E é exatamente por tal motivo que Kessler, há muito tempo, se acha empenhado em investigar as transações efetuadas entre a Kood e o banco de Hellmann.

— Mas onde entra Hellmann nessa história?

— Ah, o senhor não sabe, não? Hellmann era o banqueiro de Kilwood aqui na Alemanha.

— Lindo, Robert! Esplêndido! Você não acha? — exclamou Brandenburg, estalando a ponta da língua. O charuto dele estava com a extremidade completamente molhada de saliva, mascada e roída. Eie se acomodou na cadeira, apoiando-se nos espaldares. Juntou as mãos em frente da sua volumosa pança, numa postura de quem está rezando, e fitou-nos com seu olhar. Com seus olhos de porco, astutos e ladinos.

Kessler prosseguiu:

— O que descobri não foi sem muita dificuldade, como o senhor bem pode imaginar. Indaga daqui, indaga dali, sempre aparecem alguns elementos indiscretos que revelam certas particularidades ou que falam até por vingança.

Ele encarou-me. Nos seus olhos azuis não se percebia nenhum vislumbre de sentimento humano. Pela frieza que revelavam, podia-se dizer que seus olhos estavam vitrificados. Assim era Kessler, o ás dos caçadores de sonegadores de impostos. Demonstrava ser doido pelas suas funções no Ministério das Finanças e não as trocaria por nenhuma outra neste mundo.

Kessler retoma o fio da conversa:

— Todas as transferências de fundos em moedas estrangeiras, de que o Sr. Friese lhe falou, eram efetuadas por Kilwood através do banco de Hellmann. Fazia mais de vinte anos que Hellmann era seu banqueiro aqui na Alemanha. Kilwood procurara um banco conceituado e de renome. Ele tinha que dar às suas transações uma aparência de total legalidade e de perfeita lisura. E, na verdade, de acordo com as nossas leis, tratava-se de operações legalmente processadas e impecáveis. Por ocasião de qualquer crise em algum país, Kilwood tratava de transferir imediatamente seu dinheiro para a Alemanha, a fim de convertê-lo em marcos e lazer investimentos na Kood, conforme ficamos sabendo. Foi assim que a Kood se transformou numa pujante organização mundial. Kilwood inescrupulosamente se valia das perturbações da ordem, das revoluções, dos golpes de Estado, tais como, para exemplificar, a revolução húngara de 1956, a guerra civil em Cuba, o muro de Berlim (não se excluindo, evidentemente, o Vietnam), além de outras centenas de situações análogas, para manobrar com seus dólares e tornar-se cada vez mais rico, com a cooperação do banco de Hellmann. Dessa forma ele também contribuía para aumentar em nosso país o perigo da inflação. E note-se que Kilwood é apenas um dos muitos que adotam tais modalidades de transferência de fundos, sempre perniciosas à nação. Ele sempre fez o que quis, nesse sentido. Hellmann, por seu turno, devia estar sempre com a consciência tranquila, pois as operações bancárias que ele efetuava eram legais, absolutamente legais. E de maneira absolutamente legal Hellmann veio operando até que se deu o caso com as libras esterlinas.

— Que é que houve com as libras? — perguntei.

— Kilwood previu naturalmente o que iria acontecer na Inglaterra. Ele não só presenciou as greves, o desemprego, o gradativo enfraquecimento da libra, mas também pôde inferir que a Inglaterra, a fim de poder participar de maneira decisiva do MCE, forçosamente teria que, mais cedo ou mais tarde, livrar a sua moeda da tenaz que a comprimia e que lhe outorgava um valor já não mais em consonância com a realidade. Mas aqui é que começa a loucura, a gritante loucura de toda essa história!

— Como assim? — interroguei.

— Preste bem atenção! — disse-me Kessler. — Para que o senhor possa compreender esse assunto, devo explicar-lhe preliminarmente como Kilwood deve ter procedido, baseando-me no que ele, em situações análogas, sempre fez. O senhor concorda?

— Claro!

— Pois bem. Kilwood teria que transferir para a Alemanha o saldo do seu depósito em libras, proveniente da venda de dólares que efetuara na Inglaterra. Então ele fez essa transferência para Hellmann, exigindo a respectiva conversão em marcos alemães pela taxa mais elevada que vigorava na época. E, na verdade, não havia nenhum embaraço para a efetivação dessa transferência, pois Hellmann teria a possibilidade de fazer o repasse das libras ao Banco Central Alemão, ainda antes da sua desvalorização. Desse modo ele não sofreria nenhum prejuízo, mas sim o Banco Central, ou, melhor dizendo, todos nós, alemães. Mais ainda: Kilwood conseguiu do banco de Hellmann um empréstimo em libras antes da desvalorização da moeda. E não foi lá um empréstimo pequeno!

— Mas como poderia ele ter conseguido esse empréstimo? — perguntei.

— Qualquer pessoa merecedora de crédito pode conseguir junto aos bancos alemães empréstimos em libras, em liras, em dólares ou em qualquer outra moeda. Kilwood indubitavelmente já estava contando com a desvalorização da libra.

— Mas agora a taxa da libra já está liberada! — grasnou Brandenburg, com ar de indivíduo corrupto, e começou a limpar os farelinhos de pipoca da calça e da camisa, atirando-os no chão. — A libra, portanto, já foi desvalorizada. Uma desvalorização de oito por cento, consoante informações recebidas.

— Isso mesmo, oito por cento — confirmou Friese.

— E o senhor sabe o que significará isso? — perguntou-me Kessler. Respondi:

— Isso só pode significar que Kilwood, mediante essa troca de libras efetuada em tempo oportuno, não só evitou prejuízos, mas também... ao contrário dos pequenos e médios industriais... obteve lucros maciços. É evidente que, agora, ele comprará na Inglaterra com marcos alemães...

— Compraria na Inglaterra — atalhou-me Kessler.

— Como assim?

— Eu já lhe disse que aconteceu algo de incompreensível, algo que parece loucura! Mas, por favor, repita em linhas gerais as principais sequências do fato, a fim de que possamos verificar se o senhor realmente compreendeu toda essa manobra.

— Pois não! — respondi em tom resoluto. — Quando Kilwood, já tendo vendido as libras, efetuasse compras na Inglaterra utilizando os marcos alemães adquiridos, por exemplo, em negócios com a firma inglesa fornecedora da Kood, ele teria que pagar oito por cento menos do que antes.

— Correto!

— E o empréstimo em libras esterlinas que lhe fora concedido pelo banco de Hellmann render-lhe-ia, da mesma forma, um lucro de oito por cento, já que a respectiva liquidação se processaria após a desvalorização dessa moeda.

— Mais uma vez correto o seu raciocínio! — exclamou o louro e pálido Kessler. — Sr. Lucas, preste bem atenção: agora é que vem o fantástico, o inconcebível em toda essa história. O mistério que nenhum de nós conseguiu decifrar. Kilwood, conforme apuramos, processou, por intermédio do banco de Hellmann, a transferência das suas libras, as quais foram convertidas em marcos alemães à taxa em vigência antes da desvalorização. Entretanto, o banco não acolheu ou não obteve nenhum crédito em libras. Muito pelo contrário, em operação quase simultânea, foi o banco de Hellmann que concedeu empréstimo em libras a Kilwood.

— O quê?! — perguntei, perplexo.

— Exatamente o que o senhor ouviu. Hellmann concedeu empréstimo em libras ao invés de obtê-lo!

— Mas isso significa — disse eu, já falando com certo entusiasmo — que Hellmann, quando for liquidado esse empréstimo em libras, terá que receber, pela mesma razão aduzida antes, oito por cento a menos! Mas, nessas condições, ele fez um negócio prejudicial e não lucrativo!

— Sua conclusão está certa! — respondeu-me Friese.

— Realmente, não posso compreender! — disse eu.

— Ninguém pode compreender! — emendou Kesslcr. — Mas isso não é tudo! O mais fantástico e surpreendente vem agora.

— O quê?

— O banco de Hellmann não repassou imediatamente ao Banco Central as libras compradas, mas reteve-as!

— Reteve as libras?!

— Sim, reteve-as! — repetiu Kessler, dando ênfase às suas palavras.

— Ora, mas isso significa também que Hellmann forçosamente terá um prejuízo de oito por cento sobre o montante das libras transferidas por Kilwood, já que elas não foram entregues ao Banco Central em tempo hábil antes da desvalorização.

— É exatamente como o senhor diz! — exclamou Friese.

— Lindo, não acha? — resmungou Gustav.

Kessler prosseguiu:

— O senhor sabe qual é o montante total em marcos dessas operações, abrangendo a transferência feita por Kilwood, bem como o empréstimo que lhe fora concedido?

— Quanto?

— Quinhentos milhões de marcos alemães!!

Seguiu-se, então, um prolongado silêncio no gabinete de Brandenburg.

A chuva tamborilava nas vidraças. Como eu gostaria de estar, a essa hora, perto de Angela! Entretanto, despertou em mim nesse instante, como que por efeito de um incontrolável impulso emocional, aquela energia própria de um perseguidor de embusteiros e velhacos, que, com o contínuo exercício das minhas atividades durante quase duas décadas, eu de fato me tornara. Percebi que meu coração batia aceleradamente. Esse era o maior caso de que me incumbira em toda a minha vida.

Quinhentos milhões de marcos alemães, Santo Deus!

— O resto da trama é previsível — prosseguiu Kessler, enquanto examinava seus lindos dedos com que tinha o hábito horrível de bater sobre a mesa. — A firma inglesa fornecedora da Kood requeria falência sob a alegação de que Kilwood esvaziara sua reserva em libras de tal modo que ela não mais podia cumprir as obrigações assumidas.

— E o senhor acredita seriamente que Kilwood seria capaz de levar à ruína a sua própria firma?

— Não acredito, simplesmente porque nada sei de positivo ainda. Não posso acreditar no que não sei, Sr. Lucas. Deve-se dizer, todavia, que a firma inglesa só parcialmente pertencia a Kilwood. Ele apenas operava com ela. Em condições idênticas ele já ocasionou a derrocada de dezenas de firmas importantes, esse nosso amigo Kilwood. Depois ele próprio as adquiria dos respectivos donos falidos. E isso ele fazia com o máximo prazer.

Havia momentos em que eu achava muito difícil suportar esse tal Kessler no seu papel de espião desconfiado.

— E se Hellmann e Kilwood tivessem um plano preestabelecido? — interroguei.

— Que espécie de plano? — retrucou-me Kessler.

— Não sei... Um plano qualquer...

— Nós também nada sabemos sobre isso — emendou Friese.

— E então? — insisti perguntando.

— Assim sendo, nada se pode dizer a respeito — concluiu Kessler. — Existe em toda essa tramóia algo que nunca aconteceu antes, algo que nenhum de nós pode compreender. Hellmann concede empréstimo efetuando uma operação na qual ele forçosamente tem que perder dinheiro. Ele retém as libras esterlinas adquiridas de Kilwood, não as transferindo em tempo hábil ao Banco Central, falha essa que também lhe trará prejuízos de monta.

— Só um estúpido faria uma coisa dessas! — exclamei.

— Não sou lá muito entendido nos assuntos que envolvem a complexidade de profundas teorias no plano do comércio internacional e dos

sistemas monetários, mas não acho nada difícil compreender que o banco de Hellmann, nas condições em que se processaram os negócios, terá que suportar um duplo prejuízo, em consequência da desvalorização da libra.

— E deve-se dizer que Hellmann não era nenhum estúpido. Louco também não era — concluiu Kessler batendo fortemente com as falanges dos dedos na mesa. — E depois de tudo isso, ele próprio procura eliminar-se numa terrível catástrofe!

— Essa é uma afirmação monstruosa e inconcebível!

— exclamei. — Uma atitude dessas por parte de Hellmann, francamente não posso entender!

— Nenhum de nós pôde ainda entender direito. É aí que está o grande mistério! — disse Friese. — Depois que descobrirmos esse mistério, será fácil esclarecer todo o affaire. Mas será que conseguiremos a revelação desse mistério?

— Temos que tentar por todos os meios — respondeu Kessler. — E nossa ação nesse sentido deve ser conduzida com muita firmeza. Devemos nos manter imperturbáveis. O diabo é que Hellmann é quem perde oito por cento sobre esses quinhentos milhões de marcos e não o Banco Central, ou seja, em última análise, nós, o povo alemão. Oito por cento sobre quinhentos milhões correspondem a quarenta milhões de marcos alemães.

— Deus Todo-Poderoso! — exclamei.

— Deus Todo-Poderoso nada! — rosnou Brandenburg.

— Nem mesmo essa quantia de quarenta milhões de marcos seria capaz de ocasionar a ruína de uma organização do porte do banco de Hellmann.

— Isso é verdade! — concordou Kessler. — Contudo, a coisa bem que poderia ter sido planejada com objetivos escusos. O importante agora é descobrir quais teriam sido as razões que impediram Hellmann de garantir-se mediante o repasse imediato das libras negociadas ao Banco Central e de ele ter concedido a Kilwood um empréstimo em libras, quáhdo o lógico seria que ele fosse o favorecido por um empréstimo dessa natureza. Não há dúvida de que ele deveter tido razoes ponderáveis para assim proceder. Razões muito misteriosas! E digo mais: sejam lá quais forem os objetivos de Hellmann, seu prestígio estava envolvido nessa trama. O prestígio não só de um homem sempre coroado de êxito nos seus negócios, mas também de um homem que era tido como um

banqueiro super-honrado. Em todo caso, um fato está comprovado e não deixa sombra de dúvida: Ilellmann andava desesperado. Numerosas testemunhas declararam isso. Ele tomou um avião para Cannes a fim de pedir auxílio a Kilwood. Encontrar-nos-emos de novo hoje à tarde e, então, esclarecer-lhe-ei outros pontos importantes, pois, de acordo com o desejo de nossos chefes, teremos que trabalhar juntos nesse caso, daqui para diante.

— Sim, Robert — confirmou Brandenburg. — A direção-geral assim o exige.

Como se estivesse rememorando os fatos acontecidos, passei a comentar:

— Era muito constante na conversa de Hellmann o emprego das palavras "*cover*" e "*coverage*"... isto é, cobertura. Ele empregava expressões de uso corrente nos meios bancários. Devia estar exigindo cobertura desse prejuízo de oito por cento. Ele pedia, suplicava essa cobertura, mas em vão. Não houve nenhuma *coverage*.

— O senhor compreende agora por que seu telegrama produziu aqui tão enorme sensação? — perguntou-me Friese.

Respondi-lhe, com certo acanhamento:

— Desse modo conclui-se que foi Kilwood o causador cia morte de Hellmann...

— Não foi isso que afirmei! — interrompeu-me Kessler batendo com as falanges na mesa. — Nós nem sequer sabemos se Hellmann deixou de apelar para o Banco Central por estar de fato mal intencionado. Em qualquer hipótese, não há dúvida de que Kilwood lhe negou a *coverage*. Talvez o próprio Kilwood não tivesse disponibilidade para tanto. Essa suposição, por absurda que pareça, não deve ser rejeitada, pois ele bem que poderia estar, na ocasião em que Hellmann lhe fez o pedido, com seu dinheiro todo aplicado. Talvez ele simplesmente não quisesse ajudar Hellmann. É claro que Hellmann estava envolvido em toda essa trama misteriosa. Pense nessa inconcebível concessão de empréstimo. Tal atitude de Hellmann nos leva a supor que ele talvez tivesse... note bem que eu disse talvez, não estou, portanto, fazendo nenhuma afirmação categórica... maquinado com Kilwood um golpe absurdo e extravagante. Seja lá como for, o tiro lhe saiu pela culatra.. E sejam lá quais forem as circunstâncias que envolveram o caso, Kilwood negou *coverage* a Hellmann. Aliás, o senhor mesmo fez essa suposição. Nossa conclusão não pode ser outra senão a de que Hellmann tivera boas razões para assim proceder nos seus negócios com

Kilwood, mesmo que não levemos em conta possíveis motivações de ordem humana, ou imposições de amizade. Só sabemos realmente que não houve *coverage*. Por esse motivo Hellmann perdeu a cabeça. Pensou no seu iate. Para que fosse excluída a ideia de suicídio, levou a bordo também alguns convidados. Ele gozava da fama de ser um ótimo banqueiro e não deixou de pensar nisso. Por enquanto, a tragédia tem a aparência de um assassinato. Mas a reação do público será muito diferente quando souber que o banco de Hellmann se encontrava em sérias dificuldades. Se o público não ficar sabendo de nada, Kilwood entrará com o dinheiro no mais breve tempo possível, e as atividades do banco prosseguirão, tendo oficialmente à testa Hilde dos Brilhantes, herdeira universal do seu falecido irmão, mas na realidade com Kilwood como verdadeiro dono. É assim que imagino o epílogo desse caso, pois estou convencido de que Kilwood sempre desejou possuir o seu próprio banco aqui na Alemanha.

— Eu também estou convencido disso — concordou Friese.

— Eu também — grunhiu Brandenburg, fungando como um porco, pois se engasgara com as pipocas. Cuspiu tudo na concha da mão e depois atirou aquela porcaria na cesta de papéis.

— Pelo que se vê, apenas Kilwood está envolvido! —· disse eu.

— Que é que o senhor quer dizer com essas palavras?

— interrogou Kessler.

— Quero dizer que, pelo que se vê, nada têm a ver com esse caso aquelas outras pessoas, todas multimilionárias, que foram a Cannes para, segundo consta, festejar o aniversário de Hellmann.

— Eu não consegui obter delas qualquer referência capaz de me fornecer alguma pista — prosseguiu Kessler

— e estou certo de que, se elas soubessem algo, não teriam deixado de me declarar, ainda que fosse só para se livrarem de suspeitas. Visitei todas. Não deixei de visitar também Kilwood, aquele velho beberrão.

— Ele bebe?

— Como uma esponja. E, logo que fica bêbado, se torna sentimental e se porta corretamente. No seu estado normal age com brutalidade. Quando se embriaga, fica choroso. Lembra-se daquele filme com Charles Chaplin e o milionário?

Brandenburg toma a palavra:

— Eu tenho um bom nariz para farejar, não é verdade, Robert? Eu não disse a você que se tratava de suicídio e não de assassinato? Agora, por minha causa, já se fala no suicídio de Hellmann e no assassinato de Viale. Nessas condições, nossa companhia não terá que pagar nada!

— Ainda não dispomos de provas suficientes para afirmar isso — retruquei. — Não temos ainda todos os fatos concretos, conforme exige o Sr. Kessler. Precisamos averiguá-los.

— Mas, ora bolas, para que foi que enviei você a Cannes? — berrou ele furioso, com uma voz tão retumbante que os outros dois chegaram a se assustar. — Que diabo o impede de fazer essas averiguações? Encontre de uma vez esses fatos positivos, ora bolas!

Os dois homens do Ministério das Finanças se olharam penalizados.

— Eu faço o que posso, Gustav — respondi. — Ouvi atentamente o relato feito pelo Sr. Kessler. São muito importantes para mim as suas declarações. Entretanto, há alguns aspectos que me parecem destoantes da realidade.

— Aponte-me, para exemplificar, alguns desses aspectos — disse-me Kessler, que inesperadamente se tornou um pouco áspero.

— Eis um exemplo: Hilde Hellmann declarou-me que o assassinato do seu irmão fora perpetrado por toda uma coletividade. Todos eles contribuíram para esse crime.

— Escute-me, Sr. Lucas — retrucou-me Kessler. — O senhor bem pôde observar que tipo de pessoa é Hilde dos Brilhantes. Ela não é lá muito certa da cabeça.

— O senhor diz isso com absoluta segurança? — perguntei.

— Não entendo a razão de sua pergunta.

— Pois preste bem atenção: ao francês M. Lacrosse, por exemplo, ela deu uma versão dos fatos muito diferente. — Proferi, então, uma série de relatos sobre as minhas sindicâncias em Cannes. — Ainda não consegui falar com Kilwood, nem com as outras pessoas. Admito que minha incum bência é diferente da sua, Sr. Kessler. Mas, exatamente como o senhor, não acredito em nada antes da comprovação dos fatos.

— É um direito que lhe assiste.

— Será sempre com grande satisfação que acataremos os resultados das suas sindicâncias — atalhou Friese, numa atitude aparentemente conciliatória. — Queremos apenas trabalhar entrosados com o senhor, coordenando nossos esforços. Só isso.

— Não é outra a minha vontade — retruquei. — Em todo caso, permito-me ponderar-lhe que a eliminação de Viale antes que ele pudesse concluir as suas pesquisas, bem como o roubo dos destroços e fragmentos colhidos no local da catástrofe, indicam claramente que houve um assassinato e não um suicídio.

— Evidentemente Hellmann não agiu sozinho — comentou Brandenburg, sempre teimoso e obstinado. — É claro que ele deve ter tido um auxiliar. O que você acha, Robert?

— Além do mais, Kilwood tem interesse em que a verdade não seja descoberta — disse Friese.

— Na verdade, um grande interesse! — confirmou Kessler enfaticamente.

— Realmente esse caso não vai ser assim tão fácil — emendou Brandenburg, numa falsa atitude de reconciliação. — Já são duas horas da tarde. Se acham que devemos comer alguma coisa, é bom nos apressarmos em sair. Prosseguiremos nossa conversa à tarde.

Ele levantou-se, espirrando como um bode.

No gabinete de Gustav, ficamos trabalhando nesse domingo até as nove horas da noite. Por fim, o ar ambiente se tornara quase irrespirável por causa da fumaça dos cigarros. Viam-se garrafas de cerveja por todos os cantos. Trabalhávamos todos em mangas de camisa. Examinamos detalhadamente inúmeras fichas técnico-financeiras. Não quero me deter na explicação desse serviço. Falando com sinceridade, depois de tanto ouvir falar em sistemas monetários e processos relativos às manipulações financeiras, eu tinha a impressão de não compreender mais nada. Ficou combinado que logo na manhã seguinte eu tomaria o avião para Cannes a fim de entrevistar, a meu modo, o tal John Kilwood. E também as outras pessoas suspeitas, é claro. Talvez comigo elas viessem a proceder de maneira diferente, de modo a me permitir depreender algo que tivesse passado despercebido a Kessler.

Nesse mesmo domingo, Kessler viajaria à noite. Oficialmente, em Cannes, deveríamos permanecer estranhos um ao outro. Na hipótese de termos que falar sobre o assunto, nos telefonaríamos marcando encontro.

—. Alegro-me por termos que trabalhar juntos! — disse-me Kessler no momento da despedida e apertou-me calorosamente a mão.

— Eu também tenho imensa satisfação em trabalhar com o senhor — respondi, sentindo realmente prazer, mas ao mesmo tempo um enorme cansaço.

Os dois homens de Bonn saíram. Gustav e eu continuamos naquele seu gabinete enfumaçado. Ele já havia dispensado a secretária. No edifício, a essa hora, estávamos só nós dois, além do pessoal da limpeza.

Gustav Brandenburg começou a falar:

— Assim é o mundo em que estamos vivendo, Robert, meu amigo! Falsos, mentirosos e ladrões são todos: os ricos, os super-ricos, os políticos que se deixam subornar, os padres com os seus falsos confortos espirituais, aparecendo no fundo das suas atividades o Banco do Vaticano, os imperadores, os reis, os banqueiros e os Estados, os quais deixam de castigar os criminosos porque eles próprios tiram proveito com o crime, como a nossa querida Global, que certamente também vai meter a mão para conseguir as suas vantagens, graças às minhas oportunas informações, prestadas em tempo hábil, e como fariam igualmente todos os pobrezinhos se eles tivessem poder para tanto, ou se lhes fosse dada oportunidade para agirem. A única coisa que todos temos em comum

é que todos nós somos impostores e trapaceiros.

— Nós?!

— Sim, nós! — confirmou Brandenburg, virando-se na cadeira de um lado para outro e gemendo como um cachorro sarnento. — Eu, porque protejo você, e você, porque bem sabe que eu teria que proteger você!

— Especificamente, de que é que você está falando, Gustav?

— Um trapaceiro dá a mão a outro trapaceiro. Evitei o pior que poderia acontecer. Impedi que tirassem você deste serviço, que era exatamente o que eles queriam fazer. Também menti para eles dizendo que o médico havia exagerado, levando ao extremo os resultados do diagnóstico.

— Explique-se com mais clareza! — disse eu impaciente, já sentindo que minha resistência ia diminuindo cada vez mais.

Gustav prosseguiu:

— Está aqui comigo uma ordem escrita da direção-geral mandando excluí-lo da sindicância desse caso e licenciá-lo a fim de que você possa se submeter a um tratamento geral. O Dr. Betz encaminhou seu relatório à diretoria. Você anda muito doente, Robert.

— Eu não estou doente!

— *Claudicatio intermitens* — disse ele lendo numa folha de papel. — É o que está escrito aqui. O Dr. Betz é um bom médico e não erra.

— Mas eu lhe asseguro que dessa vez ele errou! — respondi-lhe alteando a voz, e logo comecei a pensar em Angela... Só em Angela... Angela não saía da minha mente. De repente comecei a sentir aquela dorzinha puxada, semelhante à dor ocasionada pela torção de um músculo, no meu pé esquerdo. Angela! Eu teria que voltar para junto dela de qualquer forma, ainda que tivesse de sair correndo a pé para Cannes. Ninguém conseguiría deter-me!

— Não aceito essa ordem da diretoria! — disse eu em tom incisivo. — E bem sei que você, da mesma forma, não a aceita, Gustav. Se você pretendesse de fato acatá-la, não me teria segurado aqui o dia todo, a fim de me pôr a par dos acontecimentos relacionados com o caso que estou investigando. É claro que você já teria trazido o meu substituto para tomar parte nessa reunião com Friese e Kessler.

Seus olhos começaram a cintilar. Que porco engraçado!

— Bem... Está certo! Eu não lhe disse que somos todos trapaceiros? Você continua sendo para mim o predileto. É você mesmo, por sua livre e espontânea vontade, que está procurando esticar as canelas. Sei que você não quer outra coisa. Eu só precisava ouvir, pela sua própria boca, essa declaração. Você deve ter lá suas razões para proceder assim. Para mim está tudo direito. Está exatamente como gosto. Contudo, se você quiser prosseguir nas suas atividades, terá que satisfazer um pequeno requisito, uma ninharia.

— Que bobagem é essa?

Ele fitou-me e percebi que seu semblante revelava compaixão. Depois disse, sorrindo sem nenhuma graça:

— Você terá que assinar uma pequena declaração afirmando que quer, por livre e espontânea vontade, continuar trabalhando. Essa declaração, devidamente redigida, se encontra aqui comigo. Dela consta, em termos expressos, que você deseja prosseguir no trabalho embora sua retirada tenha sido exigida, de acordo com ordens da nossa direção-geral, etc., etc. Você doravante passará a trabalhar sob sua exclusiva responsabilidade. Além do mais, a Global se reserva o direito de mandar chamá-lo em qualquer época que julgar conveniente, na hipótese de que seu estado de saúde venha a piorar ou você não esteja em condições de desincumbir-se do encargo. Aí você terá que vir, não existe outra alternativa. Afora essa hipótese, você continuará trabalhando, mas não conte com algum auxílio ou subvenção adicional se levar uma estrepada por trabalhar nessas condições. Não espere a concessão de empréstimo nem de bonificação. Foi o máximo que pude conseguir para você, seu trapaceiro !

Fitou-me durante um certo tempo, como se estivesse procurando verificar minha reação, depois prosseguiu:

— Tudo isso consta desta declaração. E então?

— Então o quê?!

Ainda posso ir muito longe com esse meu pé, antes de ser acometido por um infarto do coração, pensei eu. Não estou acreditando muito nas consequências dessa dorzinha no pé. E se for verdade mesmo... pouco importa. Será o fim dos sofrimentos. Tenho que voltar a Cannes. Tenho que ir para junto de Angela. Só penso nela.

— Se você morrer, sua mulher passará a receber normalmente

sua pensão, como viúva de um antigo funcionário da companhia. Você bem sabe qual é o montante dessa pensão. Se lhe acontecer algo e continuar vivendo por algum tempo, você terá sua aposentadoria. — Que mentalidade de gênio! — Será que você quer mesmo assinar esta declaração?

— Passe para cá esse papel! — disse eu.

Assinei o documento sem mesmo ter lido uma palavra do texto. Eu tinha medo de encontrar certos vocábulos ou expressões. A palavra "morte", por exemplo.

— Nesse negócio está metido um rabo-de-saia. Que diz você, hein? — Gustav torceu os beiços num sorriso amarelo.

— Como foi que lhe veio essa ideia?

— Kessler, antes da sua chegada, fez algumas insinuações... Nada tenho a ver com suas conquistas. Alegro-me com isso. Alegro-me de todo o coração, creia-me. Robert, você não passa de um pobre cão. — Deu um estalo com a língua, ao ver minha assinatura no papel da declaração. — Agora está tudo em ordem. Trata-se de uma coisinha de nada, não é? O bom tio Gustav de nariz farcjador sempre arranja tudo. Vamos beber alguma coisa?

— Ainda não estive em casa.

— Desejo de ir para a cama com Karin, não é? — Soltou uma gargalhada semelhante ao relincho de um cavalo.

— Desejo de um banho — respondi-lhe.

— Há quanto tempo você não toma um banho?

— Ah, se tem alguma dúvida, pode me cheirar e me lamber.

— Um banho é sempre bom. Mas procure não fazer nenhuma daquelas encenações com Karin. Volte bem sossegado e tranquilo a Cannes.

Em seguida entregou-me um envelope, explicando-me:

— Aqui está sua passagem de avião. Pela Lufthansa. Partida às dez horas da manhã, no Aeroporto Lohausen. Dessa vez com escala em Frankfurt. Às dez para as duas, você chegará a Nice. Dentro do envelope encontram-se, também, os *traveler checks*. Trinta mil marcos. É o que você vai levar por ora. Para obtenção de informações, bem como para outros gastos.

Depois, evidentemente, você terá que me dar uma relação detalhada de todas as despesas, exibindo os respectivos comprovantes para acerto de contas. Trabalhe direitinho.

Estendeu-me, despedindo-se, a mão flácida e vermelha, em que se notavam as unhas sujas.

— E você não vai para casa ainda, Gustav?

— Eu sairia agora se fôssemos tomar alguma bebida. Como você não pode me acompanhar, vou concluir um trabalho já começado. Estou cheio de serviço. Ando praticamente dormindo aqui.

— Eu sempre gosto de sair para espairecer e respirar um pouco de ar puro.

— É muito bom. Também faço isso habitualmente. E note bem: quando seus dedos começarem a ficar arroxeados, prenunciando o ataque fatal, telefone-me imediatamente.

Assim falou meu chefe, Gustav Brandenburg.

Fui a pé para casa. Já não estava chovendo, mas soprava um vento forte. Eu havia deixado a mala de viagem no aeroporto. Depois de muitas horas, estava felizmente respirando ar puro de novo. Ao passar em frente a um bar, entrei e pedi um copo de conhaque. Depois pedi permissão para usar o telefone. Pelo sistema de discagem direta, liguei para Angela, que atendeu imediatamente.

— Faz muitas horas que estou aguardando sua chamada — disse ela. — Graças a Deus, você telefonou! Aconteceu algo?

— Que é que poderia ter acontecido? — perguntei-lhe procurando demonstrar otimismo, mas logo em seguida comecei a ficar deveras oprimido e preocupado, lembrando-me de que a coisa não devia andar nada bem para o meu lado, pois do contrário a companhia não teria exigido aquela declaração que eu deixara assinada no gabinete de Brandenburg. O Dr. Betz devia ter enviado um relatório assustador.

— Não sei — respondeu-me ela. — Mas sempre pode acontecer algo imprevisível. Quando é que você vai voltar?

— Amanhã. Às dez para as duas, estarei chegando a Nice. Viajarei num avião da Lufthansa. Ficarei imensamente feliz em revê-la, Angela.

— Eu também, Robert! Irei buscá-lo no aeroporto.

— Ótimo!

Ela me fez ainda algumas perguntinhas, às quais respondí rapidamente.

— Durma bem, Robert! Eu... eu fiquei tão alegre que você nem imagina!...

— E eu, Angela... Eu também estou muito contente.

— Que o bom Deus proteja você!

Por que teria dito isso, justamente no momento em que eu andava com o meu espírito atribulado? Retribuí-lhe:

— E que ele proteja você também, Angela! Boa noite!

Coloquei o fone no gancho, paguei o telefonema e bebi de um só gole o resto do conhaque. Depois segui meu caminho passando por aquelas ruas escuras e enfrentando o forte vento que soprava. Ao passar em frente à farmácia de que eu era freguês, notei que ela estava iluminada. IJm homem se encontrava diante da porta de vidro. Nanita entregou-lhe, através de uma abertura destinada ao atendimento noturno dos fregueses, um vidro de remédio. Era noite de plantão dela. Nanita reconheceu-me e me fez um aceno. Dirigi-me a ela enquanto o homem ia embora com seu remédio.

— Pensei que o senhor estivesse viajando — disse-me ela através da abertura na porta.

— E estava mesmo. Faz pouco que cheguei. E viajarei de avião novamente amanhã cedo.

— Então o senhor não sabe ainda?

— O quê?

— A Sra. Prawos morreu!

— Quem morreu?

— A Sra. Prawos. Acho que o senhor deve se lembrar dela: aquela senhora idosa que queria tanto comprar um apartamentozinho...

— Ah, lembrei-me agora! Ela morreu?

— A morte dela foi noticiada hoje pelo *Bild am Sontag*.

— De que foi que ela morreu?

— Ela cortou os pulsos.

— O quê?!

— Sim, isso mesmo. Ela cortou os pulsos.'Deixou um pequeno bilhete de despedida. Bem sucinto. Dizia: “Neste mundo não há mais lugar para gente velha, pobre e doente”. Esses dizeres figuram no jornal como manchete.

Um quarto na Luisenhohe!

E a velha Prawos se suicidou!

Quarenta milhões de marcos!

E o banqueiro Hellmann também se suicidou.

Mas teria ele realmente se suicidado? Essa era a opinião de todos. E eu deveria comprovar se fora ou não suicídio.

— É muito triste! — exclamou Nanita.

— Esperei você durante quatro horas com o jantar preparado — disse minha mulher Karin.

Ela estava usando o roupão cinzento. Em casa ela sempre usava roupões. Estava despenteada e sem pintura.

— Esperei... esperei... depois jantei sozinha mesmo. Se você está com fome, vou esquentar qualquer coisa para comer.

— Não tenho um pingo de fome!

— Mas bem que você poderia ter me telefonado para avisar que não viria jantar.

— Tive muito trabalho.

Logo em seguida me dirigi à sala e passei a examinar meus livros, os cavalinhos sicilianos, os elefantes e a cristaleira com uma boa quantidade de esculturas talhadas em madeira, que eu havia trazido de todas as partes do mundo. Nesse instante toquei no elefante de Angela, que estava no meu bolso.

Eu tinha a impressão de que não vinha para casa há anos. Tudo me parecia tão estranho como se eu nada tivesse a ver com aquele ambiente. Fui até o barzinho e preparei uma dose bem grande de uísque.

— Você também quer tomar um uísque?

— Não — respondeu-me Karin. — Você está com roupa nova... E sapatos novos... E uma gravata nova.

— Fazia muito calor em Cannes. Tive que comprar todas essas coisas.

— Naturalmente. Muito linda essa gravata! Ela combina muito bem com a roupa. Foi você mesmo que a escolheu?

— Sim.

— Evidentemente! Que pergunta estúpida! Quando vai partir de novo?

— Amanhã. Chamarei, um táxi. Você pode ficar dormindo

sossegada. Terei que sair bem cedo. Eu mesmo prepararei meu chá. Vou me despedir de você ainda hoje para não a despertar cedo.

— De mim você nem precisa se despedir, ora bolas! Como se chama ela?

— Ela quem?!

— Ora... Quem? Quem? — repetiu, remedando-me, com a boca bem torcida. — Também não sou uma mulher tão idiota e tapada assim! Não foi você que escolheu essa gravata. Nem a roupa. E tampouco os sapatos. Conheço mui: to bem seu péssimo gosto.

— Fui eu mesmo que escolhi todas essas coisas e ninguém mais.

E passei logo a falar comigo mesmo: "Isso é uma baixeza, meu velho! Sabe o que significa uma baixeza? Daqui a dois anos você entrará na casa dos cinquenta. E com péssima saúde! Péssima! *Claudicatio intermitens*. Foi o diagnóstico! É uma situação bem amarga. As palavras que definem sua doença significam: mancar descontinuamente ou com intermitência. Quanto tempo levará ainda até que seu pé seja amputado? Até você ficar definitivamente aleijado? E além disso sofre do coração também. Karin terá que cuidar de você. Sobra pouco tempo, meu amigo. Muito pouco tempo! *So little time, my friend!* Sempre trabalhou sem descanso. E eis que agora, repentinamente, pela primeira vez na sua vida, surge algo de inesperado: o amor! Você bem sabe disso. Só agora está amando realmente. E pela primeira vez em toda a sua vida está se sentindo feliz. Qualquer homem tem o direito de ser feliz. Sim, desse direito ninguém duvida. Mas feliz com o sacrifício de outra pessoa? Com o sacrifício de Karin?"

— Não vamos discutir nem fazer cenas durante essas poucas horas em que estou em casa.

— Mas na realidade você não está aqui. Você está perto dela. Perto dessa outra mulher.

— Afirmo-lhe que não existe nenhuma outra mulher.

— Você pode afirmar o que quiser. Vou dormir. E, por favor, tome cuidado para não me despertar amanhã cedo. Ando dormindo muito mal. Sempre tenho que tomar algum calmante.

Sem mesmo me fitar, dirigiu-se ao banheiro.

Sentei-me diante da televisão e me lembrei dos quatro aparelhos de Angela. Estava passando uma comédia, mas eu não prestava atenção em nada do que via. Mais ou menos às onze horas fui tomar meu banho. Karin já havia apagado a luz do seu quarto. Eu não ouvia nenhum ruído. Ou ela estava dormindo profundamente ou ainda não havia pegado no sono. Demorei-me no banho, um banho com água quente. Examinei detidamente os dedos dos pés. No pé esquerdo não havia o mínimo vestígio de pele arroxeada. Não me enxuguei. Fui para a cama molhado e nu. Acertei o despertador para as sete horas e deitei-me.

Logo depois de ter desligado a luz, comecei a dormir.

Despertei-me já refeito e bem descansado quando o despertador soou.

Preparei meu chá e comecei a ler o jornal matutino, que trazia notícias sobre a misteriosa catástrofe do iate de Hellmann e sua morte. No fim da página via-se uma coluna inteira ocupada com necrológios e notícias de falecimento. O maior deles fora encomendado por Hilde, que deplorava a morte do seu querido e sempre lembrado irmão. Os demais provinham dos funcionários do banco de Hellmann, da Câmara de Indústria e Comércio e de algumas companhias das quais Hellmann havia sido diretor.

A liberação da libra, provocando a sua desvalorização, continuava a ser a notícia mais sensacional.

Vesti-me e chamei um táxi. Antes de sair, fiquei espreitando um pouco na porta do quarto de Karin. Ela ressonava baixinho e regularmente. Deixei o apartamento fechando cuidadosamente a porta. Desci pelo elevador. A forte ventania da véspera dispersara as nuvens. Estava um dia fresco, de sol radiante.

Chegou o táxi.

— Para o aeroporto!

— Finalmente um lindo dia, não é verdade? — disse-me o chofer.

Ele dirigia o carro a grande velocidade. Em pouco tempo íamos deixando para trás Dusseldorf, a cidade que eu conhecia tão bem e que, de um momento para outro, se tornara tão estranha para mim como se nunca tivesse morado ali. Meu coração encheu-se de júbilo só em pensar que, dentro de algumas horas, iria rever Angela.

Que vida repleta de fadigas, a minha! Daqui a dois anos completarei meio século de existência. Um homem que já não tinha mais esperanças. Entretanto agora... agora! Parecia que eu estava me dirigindo às portas do paraíso.

Mas, apesar de toda essa verdadeira euforia a invadir-me a alma, houve um momento em que me senti apreensivo e triste: foi quando pensei na última frase que eu dissera a Angela na noite anterior, quando conversamos pelo telefone. Uma frase de poucas palavras, mas que, depois, começou a me impressionar demasiadamente. Decidira mesmo não pensar mais no que lhe havia dito. Angela me perguntara: “Você é casado, Robert?”

Respondi-lhe sem demonstrar nenhuma hesitação: “Não, não sou casado”. Angela, então, exclamou: “Que bom!” E ou lhe disse mais uma vez: “Que bom mesmo, não é verdade?”

Segundo livro

1

Dessa vez havia muita gente na sacada do aeroporto. Kcconheci Angela imediatamente. Seus cabelos louros pareciam luzir. Ela também deve ter me reconhecido logo, pois levantou ambos os braços fazendo acenos.

Permaneci algum tempo ao lado do avião, diante da camioneta destinada ao transporte dos passageiros da pista ao terminal. Fiquei ali correspondendo aos acenos de Angela lambem com ambos os braços levantados. Pensei comigo mesmo: “Naturalmente lhe direi a verdade. Devo confessar-lhe tudo. Mas não imediatamente. Só mais tarde, quando estivermos tão ligados um ao outro que Angela não mais possa fazer alguma tentativa para terminar com este nosso amor que, na verdade, ainda nem bem começou. Só mais tarde... quando eu tiver a certeza de que Angela está decidida a me ajudar na procura de uma solução para nosso caso. Portanto, devo continuar a mentir-lhe durante algum lempo, pois temo que ela me abandone se eu lhe contar indo agora. E isso, para mim, seria a pior coisa que poderia acontecer. E, daqui para o futuro, não vou mais fumar, para que meu coração não fique pior. Contudo, você já lhe mentiu!”, foi o pensamento que me invadiu logo que pus os pés na camioneta. “E agora já existe essa mentira pairando entre nós... Bem... Que posso fazer agora?” Eu não ousava, de forma alguma, falar a Angela a respeito de minha mulher, sabendo da dolorosa experiência que ela já livera antes... “Terei que lhe revelar tudo aos pouquinhos. Iela, sem dúvida, me compreenderá... Ela me perdoará.” Tais foram os pensamentos que invadiram o meu cérebro enquanto a camioneta rodava velozmente sobre a pista.

Eis-me agora inundado por aquela luz diferente! Estou sentindo novamente o calor de Cannes. Vejo o mar azulado refletindo os raios do sol.

Mais uma vez surgem ante meus olhos, como que por encanto, as flores, as palmeiras, as pessoas alegres.

Encontro-me novamente junto de Angela. É como se estivesse voltando para casa. Sim... Agora é que estou voltando para casa!

Logo que transpus o limiar do saguão, saímos correndo um ao encontro do outro. Andava com tanta pressa que dava encontrões nas pessoas. Finalmente... aqui estou, de braços abertos para apertar o corpo de Angela. Ela também se aproximou de mim com os braços estendidos... Então, aconteceu algo de estranho e inesperado: uma espécie de constrangimento dominou nossa mente nesse instante, deixando-nos a olhar, perplexos, um para o outro. Nem sequer conseguimos nos abraçar. Nossos braços caíram.

— Angela! — exclamei. — Angela!

— Sim, Robert, sim! Você nem imagina como estou contente por você estar de volta!

— E eu, Angela, que alegria estou sentindo!... Eu vinha contando as horas, os minutos, os segundos...

Colocando sua mão cheia de frescor nos meus lábios, ela disse:

— Não fale nada!... As palavras podem destruir toda a sublimidade deste momento!

Beijei a palma da sua mão, que ela retirou logo.

Ali está ela ao volante do carro, tendo-me ao seu lado. Seu Mercedes tinha uma capota conversível, baixada nesse momento.

Nossos cabelos voavam, impelidos pelo vento. Angela trajava uma calça azul e usava sapatos também azuis. Parecia-me muito mais linda do que antes. Permanecia sentado ao seu lado sem deixar de contemplá-la por um segundo sequer. O carro rodava em direção a Cannes, margeando o mar. Sob o espelho retrovisor pendia bamboleante o ursinho sujo e corroído que eu havia comprado daquela pobre mocinha no Félix. O burrinho de Angela, eu havia deixado no hotel.

Ela dirigia com boa velocidade e muita segurança. Nem mesmo falávamos um com o outro. Apenas por um instante Angela tirou a mão do volante para apertar a minha, numa atitude de inconfundível afeto.

Notei que ela não estava me levando ao Majestic.

— Para onde estamos indo?

— O jantar na casa dos Trabaud está marcado para as oito horas. Ainda temos tempo.

— Sim... Mas para onde...

— Pssstu

Quando atingimos o bairro La Californie, ela fez uma volta bem longa penetrando em diversos becos tortuosos e feios, onde predominavam edificações com paredes de madeira repletas de cartazes, em grande parte já

estragados e corroídos. Viam-se ali pequenos bares com cadeiras e mesinhas do lado de fora, e os cortinados das portas de entrada tinham pedrinhas imitando pérolas. À medida que avançávamos no sentido da periferia, notávamos que as casas eram cada vez menores e mais feias. Então surge à nossa frente um campo cheio de flores vermelhas, as quais, impulsionadas pela brisa, ondulavam como um verdadeiro mar.

Não eram papoulas.

Bruscamente Angela desviou-se do caminho que íamos seguindo e fez o carro penetrar num enorme jardim de aspecto rude e selvagem. O portão, todo enferrujado, achava-se com os gonzos levantados e tortos. O chão era pedregoso. As ervas daninhas haviam atingido quase um metro de altura e no meio delas cresciam também anêmonas e margaridas. Logo que entramos, vi alguns canteiros de hortaliças mal-cuidados.

Angela estacionou o carro debaixo de umas árvores velhas, que, dispostas em fileiras, contornavam uma parte arenosa do terreno, quase formando um círculo. As raízes dessas árvores estavam parcialmente fora do chão, fazendo com que o carro, ao rodar sobre elas, desse solavancos.

Depois de descer do Mercedes, consegui finalmente saber onde estávamos. Uma igrejinha de diminutas proporções surgiu à minha frente. Estava pintada de amarelo e apresentava um estilo arquitetônico que me era completamente estranho. Atraía a atenção, sobretudo, a armação aberta do campanário, permitindo ver o sino no seu interior. A extremidade superior da torre terminava numa espécie de globo todo pontilhado de estrelinhas brancas. Encimando esse globo, sobressaía-se uma cruz, com três vigas transversais. A viga superior era mais curta e a inferior estava enviesada.

Angela disse:

— Aqui está a minha igrejinha! Eu não lhe disse que queria visitar aquele padre que me confortou naquela noite de desespero? Disse que viria aqui somente quando... — interrompeu a frase.

— Quando? — perguntei com minha curiosidade aguçada.

— Venha, Robert!

Sem mais demora ela foi avançando em direção à porta de madeira castanha, na qual se via um P branco, com a linha vertical muito comprida, atravessada por outras duas linhas oblíquas, que se cruzavam num

ponto sobre a vertical. Era a porta de entrada. Estava fechada, e ali por perto não se via ninguém. Gritei, mas não veio nenhuma resposta. Permanecemos ali, indecisos, por algum tempo. Ao lado da porta, num lugar em que a relva e o capim já haviam crescido bastante, encontrava-se uma tabuleta de avisos apoiada sobre duas ripas de madeira, contendo diversas comunicações. Não pudemos compreender nada porque tais avisos estavam escritos no alfabeto russo.

— Mais ao fundo existe uma casinha. Talvez dentro dela se encontre alguma pessoa que nos possa informar onde está o padre — disse Angela.

A casinha estava localizada no meio de um verdadeiro matagal de ervas daninhas. Tivemos que seguir com muita dificuldade, abrindo caminho através do capim alto. A casa estava quase em ruínas. Em algumas janelas, já carcomidas pelas intempéries, haviam sido pregadas tábuas. Ali também a porta estava fechada. Batemos. Nada.

Então Angela olhou para dentro, através de uma das janelas que não ficava muito alta. Até as janelas estavam imundas.

— Ali dentro há alguém... Uma mulher — disse Angela.

Angela acenou para que ela se aproximasse de nós. Nesse instante também vi a mulher, que se achava numa pequena cozinha. Levou um bom tempo antes que ela viesse ter conosco. Parecia sofrer de alguma perturbação mental. Era baixinha. Usava um avental escuro todo esfarrapado e os cabelos em tranças. A loucura espelhava-se nos seus olhos e ela parecia estar dominada pelo terror. Suas mãos tremiam ininterruptamente. Ela nos fitou. Fiquei encabulado por termos assustado desse modo a pobre mulher. Mas talvez essa fosse a sua maneira normal de portar-se.

— Desejamos falar com o padre — disse Angela.

— Hein?!

A mulher não tinha um só dente na boca.

— Queremos...

— Não entendo francês — respondeu a mulher com uma voz fraca, quase sumida, e rouca. — A senhora fala russo? Alemão?

— Queremos falar com o padre — disse Angela em alemão.

— Onde está ele? — perguntei.

— Lá! — respondeu a velha, apontando.

Nesse exato momento, por uma espécie de picada aberta através dos arbustos, ia saindo, rumo à estrada, um homem jovem, vestindo um hábito religioso bem comprido, com os cabelos caindo até a altura dos ombros. Estava montado numa motocicleta, que transportava no bagageiro um cesto cheio de hortaliças.

— O reverendo vende verduras e hortaliças — explicou a velhinha. — A nossa comunidade é muito pequena e pobre.

O jovem sacerdote, dirigindo a motocicleta, fez com habilidade uma curva sinuosa para atingir a estrada e, então, partiu dali impetuosamente.

Angela, com um movimento das sobrancelhas, fez sinal para que eu olhasse o antebraço descoberto da pobre mulher, pois o seu esfarrapado avental tinha mangas curtas. Na parte interna do antebraço via-se uma letra seguida de um número bem grande, que a ação do tempo não conseguira apagar completamente.

— A igreja está fechada — disse Angela.

— Teremos missa às oito horas da noite. Os senhores virão para assistir a ela?

— Às oito horas não podemos — respondeu Angela. — Não temos tempo.

— Ninguém tem tempo — emendou a velha, que tinha a marca do campo de concentração no braço. — Sempre vem tão pouca gente...

— Será que a senhora pode abrir a igreja para darmos uma olhada no seu interior?

— Com muito prazer!

Ela saiu e voltou logo em seguida, trazendo um chaveiro. Depois, dirigiu-se conosco à porta da igreja.

Ela caminhava com dificuldade, manquejando. Notei que usava

sapatos ortopédicos. A porta abriu-se silenciosamente. Disse-nos a velhinha:

— Fico esperando para fechar a porta. Além disso, também tenho que fazer as minhas orações. Hoje ainda não rezei. Deixar de rezar é uma grande injustiça que me pesa na alma.

Comecei logo a refletir que espécie de *grande injustiça* poderia atormentar a alma de uma pobre velha assim. Ela passou à nossa frente, dirigindo-se ao interior da igreja.

Que ambiente de profunda calma, completamente imerso numa espécie de penumbra crepuscular!

Não havia nenhum banco, mas somente cadeiras pouco firmes e vacilantes, dos mais variados tipos, dispostas num pequeno número de fileiras. As paredes achavam-se praticamente encobertas por maravilhosas imagens, grandes e pequenas, coloridas e escuras. Podia-se dizer que um verdadeiro tesouro de arte achava-se oculto naquela igrejinha.

As imagens da Virgem pareciam contemplar-nos do alto dos seus nichos. Não só havia imagens talhadas em metal, mas também pinturas artísticas da Virgem, postas em lindas molduras, umas com vidro, outras, sem. A velha ajoelhou-se no chão mesmo, em frente a uma imagem pregada na parede, mantendo a perna com o pé disforme numa posição horrível. Absorta nas suas orações, ela se esquecera de nós.

Eu e Angela permanecíamos de pé diante de uma grande imagem escura que representava a Virgem Maria inclinada sobre o menino Jesus, deitado no seu regaço. Diante dessa imagem estava um pedestal com muitas pontas salientes em forma de castiçal. Depois, fomos até uma ante-sala, uma espécie de sacristia, onde havia uma caixa de papelão contendo muitas velas. Sobre a caixa encontrava-se uma caixinha de dimensões menores, com uma fita colada, na qual se liam os seguintes dizeres escritos em francês: “Para a nossa igrejinha”.

Coloquei dentro dessa caixinha uma nota de cinquenta francos. Pegamos duas velas compridas, mas não muito grossas, e voltamos para a frente da imagem da madona.

Eu era desajeitado e não tinha experiência alguma com relação a tais práticas, mas Angela colocou sozinha as velas nos castiçais, acendendo-as com meu isqueiro.

Em seguida Angela sentou-se numa daquelas cadeiras velhas e

duras, e eu me sentei em outra cadeira ao seu lado, ficando a observá-la. Ela, olhando fixamente a imagem, com as mãos sobre os joelhos, movia silenciosamente os lábios, tal qual uma criancinha fazendoAuas orações.

Achei que também deveria rezar nesse instante. Tentei, mas não consegui. Simplesmente continuei sentado ali observando Angela e olhando aquela madona escura, que brilhava inundada pela luz das velas.

Nesse momento passou por nós a velha, caminhando em direção à porta da igreja. Angela pareceu não ter notado isso: continuava com os olhos fixos nas chamas das velas, movendo silenciosamente os lábios. Depois, levantou-se bruscamente e me encarou, parecendo ter desviado os olhos da contemplação do próprio infinito.

Então, de mãos dadas, dirigimo-nos à porta onde a velha só estava esperando que saíssemos para fechá-la.

Quis dar-lhe dinheiro, mas ela recusou terminantemente. Não tinha o hábito de receber coisa alguma.

— Se o senhor quer dar algum dinheiro, coloque-o na caixinha de esmolas que existe na igreja.

— Já coloquei — disse-lhe.

— Então está bem — concluiu a velhinha fitando-nos novamente.

Aquela expressão de medo — medo de tudo e de todos, proveniente, sem dúvida, das pavorosas experiências que tivera na vida — nunca se dissipava dos seus olhos.

— Os senhores são muito amáveis. Deus gosta das pessoas amáveis. Que os senhores, sempre cheios de felicidade, venham muitas vezes visitar esta igrejinha, mas não deixem de visitá-la principalmente quando estiverem aflitos. Deus sempre os ajudará. À sua maneira, naturalmente. Talvez os senhores nem percebam a ajuda que ele, na sua infinita misericórdia, lhes dá, ou só mais tarde venham a percebê-la. Mas ele ajuda sempre. Se ele não tivesse continuamente manifestado sobre nós a sua infinita bondade, este mundo já não mais existiria. Desejo-lhes um bom dia, meu senhor e minha senhora!

— Muito obrigada — disse Angela.

Passando novamente através daquele capim crescido, voltamos ao

local onde se achava estacionado o carro. O Mercedes havia ficado na sombra, mas agora estava cheio de flores carregadas de pólen, que caíram dentro dele. Olhamos para trás. A velhinha já tinha fechado a porta.

— Agora esta não é só a minha igrejinha: é a nossa igrejinha, Robert.

— Sim! Gostei imensamente daquela imagem escura.

— Viremos aqui muitas outras vezes para ver essa imagem.

Dentro da igreja estava fresquinho, mas no carro comecei a sentir muito calor.

2

Subindo a Croisette, dirigimo-nos ao Majestic. Enquanto eu, no meu apartamento, tomava um banho rápido e vestia uma calça de linho e uma camisa nova, Angela ficou me esperando no "nosso" cantinho, lá no terraço do hotel. Antes de subir, eu havia encomendado champanha. Exatamente no momento em que cheguei, o garçom se aproximava da nossa mesinha trazendo a garrafa. Abriu-a e encheu nossos copos. Começamos a beber. No terraço já predominava aquele aspecto todo peculiar de um ambiente expansivo, como sempre acontecera à hora do aperitivo. Pela Croisette passavam intermináveis filas de carros. Angela fumava, mas eu, não! Havia tomado a resolução de não fumar. Agora, não tinha outro desejo senão viver por muito tempo ao lado de Angela. De forma alguma queria ficar doente ou morrer. Tirei do bolso o elefantinho que havia escolhido entre os que figuravam na minha coleção em Dusseldorf e coloquei-o em frente de Angela.

— Robert!

— Nada de surpresa! Ora, você também me presenteou com um elefantinho.

Ela examinou o elefante durante um bom tempo.

— É lindo! Agradeço-lhe imensamente.

— Agora, sim, cada um de nós possui uma coisa do outro — disse eu.

— Bem... Tenho também o seu ursinho, e você tem o meu burrinho.

— Você tem a mim, Angela — exclamei. — Você já me possui inteiramente, se quiser.

A bola com que uma criança brincava caiu rolando sobre os nossos sapatos. Abaixei-me, peguei a bola e arremessei-a de volta ao garoto, um japonês.

— Angela... quero... quero contar-lhe tudo...

— Pois então conte logo... com todas as minúcias!

— Sim, com todas as minúcias. E tem que ser agora. Você deve

tomar conhecimento disso imediatamente. Quando vim a esta cidade e ainda não a conhecia, eu me encontrava tão aborrecido que tive a ideia de adquirir um veneno potente para, a qualquer momento que eu julgasse oportuno, dar cabo da minha existência.

Ela simplesmente balançou a cabeça.

— Que quer dizer com esse movimento de cabeça?

— Robert, logo no primeiro instante que vi você, foi essa a ideia que tive!

— Que ideia?

— Pensei comigo mesma: tenho diante de mim um homem que se encontra no fim da sua existência, completamente acabado e desiludido da vida. Na verdade, tive... tive pena de você. Parecia um homem realmente liquidado. .'.

— Foi por isso que você resolveu sair comigo para fazer compras?

— Sim — respondeu-me simplesmente, sem nenhum circunlóquio. — Supus que talvez desse modo eu pudesse auxiliá-lo.

— E você realmente me auxiliou muito! Você bem sabe disso.

— E acho que você, agora, não quer mais comprar veneno algum...

— Agora?! Você sabe perfeitamente o que quero agora, Angela!

Ela bebeu um gole de champanha e, pensativa, ficou olhando para o copo.

— Você me havia perguntado antes quando eu pretendia visitar aquela igreja... a nossa igrejinha... não é verdade?

— Sim, sim. Então, quando você tencionava visitá-la?

— Eu havia tomado a resolução de só me dirigir àquele local quando me sentisse completamente feliz.

A essa altura da conversa meu coração começou a bater com tanta força que tive medo de ser acometido por um ataque... Mas devo dizer que se tratava de uma outra espécie de taquicardia. Dei-me logo conta do que se

passava no meu íntimo.

— E, agora, você está feliz, Angela?

Ela fitou-me com aqueles olhos que expressavam sempre uma estranha e misteriosa tristeza e balançou a cabeça afirmativamente.

— Por que você se sente feliz?

— Simplesmente porque consegui libertar-me da cadeia ilas minhas tristezas e recordações dolorosas.

Grande quantidade de automóveis rodava pela Croisette, os pneus zumbindo sobre o asfalto. Alguém, numa das mesinhas ali no terraço, soltou uma gargalhada. No mar ao longe estavam ancorados dois destróieres americanos.

— Agora você não sente mais ódio nem tristeza, não é verdade?

— Realmente não odeio mais pessoa alguma e a melancolia dissipou-se da minha alma. Foi você quem conseguiu isso, Robert. Agradeço-lhe imensamente.

Ficamos nos olhando durante alguns segundos e depois passamos a contemplar o mar, que estava calmo e quase sem ondulações. Os destróieres americanos tinham uma cor cinzenta desmaiada de gosto duvidoso. Na proa traziam uns números bem grandes, os quais, entretanto, não podiam ser lidos a olho nu.

— Vivemos praticamente sob um contínuo temor de sermos mortos a qualquer momento — declarava Melina Tenedos.

A mulher do armador grego era de porte pequeno e linda como uma boneca. E, na verdade, ela, como habitualmente fazem as bonecas que ornam a sociedade, também tagarelava muito. Melina trajava um vestido de brocado vermelho com decote bem acentuado. Seu marido era baixote, corpulento, de cabelos pretos e pele morena. Usava óculos de lentes grossas, com armação de osso de tartaruga. Melina continuou:

— Nosso verdugo chama-se Vittorio. Ele é de Elba. É maoísta.

— E um maoísta muito perigoso — emendou o marido, enquanto mergulhava uma alcachofra no molho de vinagre e depois chupava as folhas uma por uma. Fazia isso demonstrando uma falta de apetite como nunca vi. Comia com muito menos sofreguidão do que meu chefe Gustav Brandenburg. — Esse tal Vittorio nunca se assusta nem recua diante de qualquer perigo — concluiu Tenedos, babando-se.

Sua boneca, então, retomou o fio da conversa e prosseguiu tagarelando:

— Ele instiga continuamente o nosso pessoal. Já o peguei várias vezes em flagrante fazendo aqueles discursos incendiários de um verdadeiro comunista. Como a senhora bem sabe, *Madame* Trabaud, nossa casa aqui em Cannes é tão espaçosa quanto esta. E a senhora também sabe por que motivo não estamos mais dando recepções em casa.

— Sim, sei perfeitamente, *Madame* Tenedos — respondeu a esbelta Pasquale Trabaud.

— Mas eu não sei — disse eu. — Qual é o motivo?

— Ora, como o senhor bem pode imaginar, é para que o nosso pessoal não venha a dizer que o estamos provocando com uma afronta, *Monsieur* Lucas! Não sei se nossos criados... constantemente instigados por Vittorio... não se rebelariam se tivessem que preparar e servir um jantar em nossa casa, pois lamentavelmente aqui em Cannes só temos talheres e bandejas de ouro. Athanasios sempre dorme com um revólver engatilhado sobre a mesinha-de-cabeceira.

— Sou obrigado a fazer isso — rosnou ele, passando a língua nos cantos da boca e limpando com o dorso da mão o molho envinagrado, que lhe escorria pelo queixo. Em seguida mergulhou no molho mais uma folha de alcachofra. — Na Grécia não é preciso fazer isso. Lá, reinam sempre a calma e a ordem. Mas aqui, na Côte, predomina essa cambada de criminosos, os empregados, cada vez mais contaminados pelos maoístas. — Senti que Angela tocava meu pé com a ponta do seu. Ela conservava a face voltada para o grego, demonstrando um grande interesse na sua conversa. — Como sempre digo, estamos como que presos numa ilha. Os senhores acreditam que, aqui em Cannes, as jóias da minha mulher só podem ser guardadas num cofre-forte e que ela só as usa quando estamos fora da cidade? Temos que fazer isso para que a criadagem não as veja.

— O senhor nem pode fazer ideia de como é má essa gente que, apesar de tudo, recebe de nós tantos benefícios, *Monsieur* Lucas! — emendou Melina, que, quando tagarelava, ficava muito engraçadinha com seus cílios postiços.

Ela estava carregada de jóias. O chofer devia ter rodado mais da metade de Cannes, antes que ela houvesse colocado e ajeitado todas aquelas peças no corpo, já que, em casa, ela evitava exibi-las aos empregados.

— Mas por que a senhora não substitui sua criadagem? — interroguei.

— O senhor não conhece este ambiente, *Monsieur* Lucas — respondeu-me Athanasios Tenedos. — Aqui são todos iguais. São todos vermelhos. Em casa, nós sempre usamos as roupas mais comuns e mandamos preparar as comidas mais simples, só para que Vittorio não tenha motivos para incitar os outros à rebelião. Mas, mesmo assim, ele procura sublevá-los. Estou convencido de que, quando estamos em Atenas, ele só fica tentando descobrir o segredo da combinação do nosso cofre-forte. Mas vai levar a vida inteira tentando!

O cofre está munido de um dispositivo especial... muito apropriado para Cannes.

Tenedos fungou e, ao distender os lábios para esboçar um sorriso inexpressivo, deixou cair da boca um pedacinho de alcachofra. Ele comia muito encurvado sobre o prato.

— Fizemos o possível para manter Vittorio e os outros empregados sempre em boa disposição de espírito — continuou a mulher. — Chegamos a

convidar Vittorio para que ele passasse a fazer as refeições conosco. E sabem os senhores o que ele respondeu?

— O quê? — interrogou Pasquale Trabaud. Notei que ela ficou com o semblante muito sério, mas não consegui saber ao certo se os Trabaud e os Sargantana não estariam achando muito grotesca toda essa história.

— Ele, com seu orgulho ilimitado, recusou nosso convite! — declarou Melina Tenedos, alteando a voz e mostrando-se indignada.

— Recusou friamente — ajuntou o marido.

A mulher prosseguiu:

— Por isso, quando temos vontade de comer e beber algo melhor, nós o fazemos às escondidas. Mas, por favor, desculpem-me por eu lhes declarar isso! Quando, por exemplo, queremos comer caviar ou beber champanha, temos que, a horas tardias da noite, empurrar para o lado o piano que se encontra na sala.

— Mas por que empurrar o piano? — interroguei, estupefato.

— Na parte traseira do piano há uma tampa que se abre facilmente. Oculta por essa tampa encontra-se uma geladeira, onde colocamos caviar, champanha e outras coisas assim — explicou Melina. — Mandamos preparar essa geladeira secretamente quando os criados estavam em férias.

Pensei comigo mesmo: "Os criados naturalmente ainda não descobriram essa geladeira".

— A geladeira da cozinha não podemos usar: eles notariam logo. E, mesmo assim, temos que esperar até que todos estejam dormindo. Não parece incrível?

— Na minha opinião, não devíamos fazer juízos categóricos sobre as pessoas, com base em fatos superficialmente observados. Não é preciso considerar boas todas as pessoas, mas também não se deve tê-las logo por extremamente más.

Falando bem alto, Melina concluiu:

— Vittorio sabe alemão. Ele sempre lê jornais alemães.

K os senhores sabem o que mais ele faz? Está sempre lendo *Der*

Spiegel!

— Que é isso? — interrogou Maria Sargantana, que, ao contrário do marido, dotado de um porte esguio, era corpulenta, quase obesa, e tinha a pele bem branca. Mostrava-se alegre e estava sentada à mesa com uma pose de rainha-mãe num trono. Usava um elegante vestido de seda cor de champanha, com a gola fechada, todo bordado na parte superior.

— É uma revista alemã — expliquei.

— Uma revista de tendência maoísta, não é verdade?

— interrogou Melina Tenedos.

— Oh, não! — respondi.

— Ah, é claro que se trata de uma revista maoísta!

— revidou Athanasios Tenedos, que nesse momento já havia acabado de comer a alcachofra e lavava os dedos recobertos de grossos pelos pretos e ornados de anéis finíssimos numa salva prateada. — Não venha nos dizer, *Monsieur* Lucas, que essa revista não segue a linha de Mao Tsé-tung. Na Grécia, todo mundo sabe que ela é comunista. Além do mais, *Der Spiegel* é a favor de Brandt, não é verdade?

— Nem sempre — retruquei. — Não se pode dizer que ela se propõe defender sempre à risca a política de brandt.

— Ora, pare com isso! — Tenedos começou a exaltar-se. — Eu também leio *Der Spiegel*. Como já lhe afirmei, uós bem sabemos que se trata de uma revista maoísta. E, em última análise, quem é o Sr. Brandt? Explique-me, por favor!

— É um social-democrata — respondi sem titubear.

— Portanto também um comunista — emendou sua mulherzinha, falando ligeiro com uma voz de timbre infantil.

Todos os social-democratas são comunistas e Deus sabe que nós os conhecemos muito bem através das dolorosas experiências que tivemos na nossa pátria. Todos eles são comunistas e maoístas. Como Vittorio.

Tenedos foi o último a acabar de comer alcachofras. Os criados, todos de branco, calados e silenciosos, retiraram os talheres usados e colocaram

novos, começando a servir o jantar. Éramos treze à mesa. Havia mais homens do que mulheres.

— O senhor também é maoísta, *Monsieur* Lucas? — perguntou-me a mulher de Tenedos, fitando-me toda faceira e catita.

— Não, *madame*.

— Que é o senhor?

Não cheguei a responder-lhe, pois nesse exato momento John Kilwood, que estava sentado no lado oposto, numa posição quase em diagonal com a minha, irrompeu num choro. Ele chorava bastante e soluçava, com a cabeça apoiada entre as mãos. As lágrimas começaram a pingar em seu *smoking*. Pasquale Trabaud levantou-se sobressaltada e, aproximando-se dele, colocou os braços nos ombros do americano que, consoante sindicâncias de Kessler, o caçador de sonegadores de impostos, possuía uma fortuna de setecentos milhões a um bilhão de dólares e que, segundo aquele funcionário do Ministério das Finanças de Bonn, havia compelido o banqueiro Herbert Hellmann a cometer suicídio.

Nossa animada conversa interrompeu-se. Todos os presentes, embaraçados e constrangidos, passaram a observar Kilwood, que, agora, soluçando e gemendo, chorava como criança, enquanto Pasquale Trabaud lhe falava baixinho ao ouvido. Ele só ficava balançando a cabeça, sem parar de soluçar.

— Frequentemente lhe dá isso — explicou-me Bianca Fabiani, a mulher de exuberante beleza que estava sentada ao meu lado.

— É a bebedeira que provoca isso! — disse em voz alta o inglês Malcolm Thorwell, que estava sentado um pouco distante de mim. — John quase nunca se encontra no seu estado normal. Ele começa a beber desde manhã cedo. Mas que diabo, John! Contenha-se! Pare com isso! — gritou Thorwell, por fim.

Mas Kilwood não parava de chorar.

— Culpado... culpado... Eu sou culpado... — dizia ele choramingando.

— Cale a boca! — tornou a gritar Thorwell.

— É realmente grave o estado dele — disse Paul Seeberg, o

procurador-geral do banco de Hellmann, que revelava ótima aparência, exceto pelos olhos. Estes expressavam uma certa frieza e obstinação, como aliás os olhos de todos os homens ali presentes, com exceção de Claude Trabaud. — Seria bom se ele fizesse um tratamento para abster-se de bebida.

— Mas ele está sempre fazendo esse tipo de tratamento — explicou Melina Tenedos.

— Contudo, esses tratamentos não adiantam nada. Eu disse a John diversas vezes que ele deveria ir a Viena. Lá existe um instituto que é o único na Europa capaz de tratar uma pessoa nessas condições com ótimos resultados, tornando-a até mesmo abstêmia. Mas ele nunca me atendeu.

— A culpa que pesa na minha consciência... — dizia Kilwood com a voz entrecortada de suspiros, ocultando a lace com ambas as mãos.

— Se você está muito embriagado, permita que o levem para casa, mas não estrague nossa reunião desta noite

— disse-lhe Giacomo Fabiani, expressando-se com veemência. Notava-se logo que Fabiani era um indivíduo forte e tinha um rosto brutal, com uma boca estranhamente flácida.

— Não aguentamos mais sua atitude, John!

— Perdoem-me, amigos, perdoem-me! — gaguejou Kilwood, começando a conter-se um pouco.

Os criados serviam quase sem virar os rostos.

Sobre a mesa, muitas velas colocadas em grandes candelabros difundiam pela sala uma luz suave. Todos os homens trajavam *smoking*. Angela, sentada ao meu lado, usava um vestido branco de musselina, sulcado de nervuras transversais e com um grande decote nas costas. Os braços nus revelavam sua pele morena. Na extremidade inferior do decote, havia uma faixa bordada, toda pontilhada de pérolas. Mais abaixo ela ajustara uma peça, também de musselina branca, que, exatamente como o vestido, chegava a roçar o chão de tão comprida. Essa peça tinha a configuração de uma vela de barco, ondulante, que, quando ela se punha a caminhar, desfazia-se em seguida, como que se desinflando. Calçava sapatos prateados. Trazia apenas uma bolsinha, também prateada. Estava usando exclusivamente jóias brancas — um colar de brilhantes com o anel apropriado, pulseira e brincos. Sobre as pálpebras, de longos cílios, notava-se um leve sombreado turquesa. Os lábios estavam pintados levemente.

E eis que agora, às nove e meia da noite, estava em franco andamento o jantar na casa dos Trabaud. Todos os que ali estavam sentados *pesavam* — considerado o computo total dos seus patrimônios — certamente de três a cinco bilhões de dólares. Observei que todos os homens tinham mulheres muito jovens e que Angela estava bela como nunca. Notei, também, através das suas conversas, que nessa roda de velhos amigos ali reunidos predominavam recíprocas desconfianças. Cada qual temia o outro e ficava observando atentamente seus gestos, bem como a expressão do seu semblante. Digo mais: tive a nítida impressão de que ali, nesse círculo de gente ilustre, cada qual parecia estar convencido de que fora o outro quem havia mandado assassinar o banqueiro Herbert Hellmann.

Como última iguaria da noite foi servido um prato de lagostas bem fritas.

Angela e eu havíamos chegado meia hora antes, a pedido de Pasquale. (Para podermos dizer algumas bobagens e tagarelar um pouquinho, antes da chegada do bando.) Os Trabaud habitavam uma casa bem ampla, no bairro Cannes-Eden, na região leste da cidade. Com sua imponente fachada branca, ela se achava bem recuada no terreno, vendo-se, na frente, um imenso jardim. A casa possuía um enorme terraço, de onde se podia ver o mar, e dispunha de amplos quartos e salas com ar refrigerado. Deveria ter sido construída uns quinze anos antes. A construção era do tipo moderno. Custosos gobelinos revestiam completamente as paredes. Notava-se logo que os móveis eram finíssimos e caros. Pelo soalho estendiam-se vistosos tapetes. O ambiente revelava aquele inconfundível aspecto de um lar, e a gente se sentia bem logo que transpunha os seus umbrais. Naturalmente não havia ali nenhuma desordem nem falta de limpeza. Mas mesmo assim, viam-se, por exemplo, num canto uma folha de jornal, no outro, um livro esquecido, mais adiante, um cachimbo. Um *terrier* corria pela casa.

Pasquale Trabaud e Angela se abraçaram efusivamente e se beijaram no rosto logo após termos entrado. Pasquale era uma linda mulher, de porte elegante. Seu semblante revelava sensibilidade e sensualidade. Ela ria muito e com prazer.

— Eu e Angela somos realmente amigas, *Monsieur* Lucas. Muita gente pensa até que somos irmãs.

Pasquale também tinha cabelos louros. Seu marido, já beirando os sessenta (ela, quando muito, deveria ter uns quarenta anos), conservava o aspecto de um atleta, parecia estar cheio de energia e aparentava ser muito mais jovem. Era alto, corpulento e forte. Seu rosto se amorenara por efeito do sol. Conservava os cabelos constantemente penteados para trás.

Tomamos um drinque sentados no terraço. Todos fumavam, menos eu. Na verdade eu, agora, não tinha outro desejo senão permanecer com saúde por muito tempo — sempre tão sadio quanto possível — por causa de Angela, que realmente me cativara, transformando-me completamente. Ela se apresentava sempre diante de mim com muita naturalidade, sem nenhuma afetação. Revelava-se de uma discrição a toda a prova. Conservava sempre sua modéstia sem, contudo, deixar de ser altiva e briosa. Enfim, imprimia invariavelmente às suas ações um sentido nobilitante. Minha mulher jamais conseguiria ser assim. Tais foram os pensamentos que me invadiram naquele instante. Eu queria desviar minha mente desses pensamentos, o que, aliás, não foi

difícil, pois Pasquale estava me chamando a atenção:

— O senhor não está me ouvindo, *Monsieur* Lucas?

— Desculpe-me...

— Eu disse que o senhor é simpático. Muito simpático mesmo. O senhor e Angela formam um par ideal. O senhor está apaixonado. A gente percebe logo.

— É verdade! — respondi. — Estou apaixonado por ela, realmente.

— Bem... acho que o senhor deve esperar um pouco. Tenha paciência. Angela também ficará apaixonada pelo senhor... Mas, para dizer a verdade, tenho a impressão de que ela já está.

— Realmente, Pasquale... eu não pensava que você... — começou Angela, como que reagindo às palavras indiscretas da amiga.

— Ora, meu tesouro, a gente nota essa paixão tanto em você como nele. Oh, como me alegro com isso!... Você não pode continuar sempre sozinha neste mundo!

— *Madame* — disse eu —, agradeço muito. Se a senhora quer de fato ser minha aliada neste caso, procurarei satisfazer, no limite do que me for possível, todos os seus desejos.

— O senhor está louco! — exclamou Pasquale. — Satisfazer meus desejos! Nunca recebi de nenhum convidado tantas flores como do senhor.

Eu havia pedido a Pierre, da Floreal, que enviasse um buquê bem grande ao Majestic. Do hotel, levei comigo as flores, entregando-as diretamente a *Madame* Trabaud. Elas, agora, se encontravam expostas ali na sala, ao lado da lareira. Da parede que ficava sobre a lareira pendia um retrato de Pasquale pintado por Angela. O quadro só mostrava o rosto de Pasquale, coberto por um fino véu. Inegavelmente, Angela tivera êxito ao executar esse trabalho, que bem poderia ser classificado como uma expressiva criação no plano da arte pictórica.

— Como é bonito o seu *smoking*! — exclamou Pasquale.

— Foi Angela quem o escolheu para mim — disse eu com orgulho.

Eu me sentia muito satisfeito com o *smoking*, que era leve e permeável ao ar e que me assentava tão bem. Monsieur Trabaud usava um *smoking* escuro.

— Nota-se logo que ela o escolheu com muito amor

— disse Pasquale.

— Pare com isso, Pasquale! — ordenou seu marido.

— A pobre Angela já nem sabe para que canto olhar, de tão encabulada.

— Certamente — retrucou Pasquale. — É porque ela também está apaixonada. Fique sossegada, Angela: eu também sou mulher e compreendo o que lhe passa pela mente. Meus sinceros votos de felicidade, *Monsieur* Lucas! Fique quieto, Naftali!

O *terrier* estava latindo. Ele queria ser alisado. Pasquale inclinou-se sobre o animalzinho e começou a agradá-lo. Notava-se logo que ela era muito afeiçoada ao cachorrinho.

— Como é que a senhora o chama?

— Naftali. Naftali, o filho de Israel. Os israelenses, na sua pátria, são chamados de *sabra*. *Sabra* é a fruta do cacto. A casca dessa fruta, por fora, é áspera e espinhenta, mas, por dentro, a carnosidade é tenra e doce. Os jovens *sabra* são assim também: ásperos, grosseiros e, até mesmo, espinhentos por fora, mas no íntimo são dotados de uma alma facilmente impressionável, quase sentimental. Naftali se assemelha a eles: rabugento, de pelos ásperos, aspecto muitas vezes selvagem, mas sempre fiel e afetuoso. Ele é realmente um animalzinho meigo. Não é verdade, meu bichinho? Você é a melhor coisinha...

— Sei que o senhor está investigando as causas da morte de Hellmann — disse Trabaud, levando-me a um canto do terraço, para uma conversa mais reservada enquanto esvaziávamos nossos copos.

— Sim. Essa é a minha incumbência.

— E não é lá uma incumbência muito fácil...

— Qual o senhor acha que poderia ter sido a causa da morte dele? Acidente? Suicídio? Assassinato?

— Não foi suicídio — respondeu Trabaud calmamente. — Hellmann absolutamente não era um homem com propensão ao suicídio. E declarei isso até a esse caçador de sonegadores de impostos... como se chama ele? ... ah, sim, Kessler.

Achei bem estranho o fato de Kessler não haver mencionado essa afirmação de Trabaud. Por quê?

— A hipótese de acidente deve ser excluída logo. Então trata-se de assassinato, não é verdade? — interroguei.

— Evidentemente só pode ter sido assassinato — confirmou Trabaud, sempre falando com calma. — E antes que o senhor formule outras perguntas, vou lhe dar alguns informes. Esse crime poderia perfeitamente ter sido cometido por qualquer um de nós, ou seja, qualquer uma das pessoas que o senhor vai conhecer logo mais. Quero dizer, é claro, que qualquer uma delas poderia ter mandado matar Hellmann, contratando algum sicário.

"Até mesmo os Bienert e os Simon, que se encontravam no iate e foram vítimas da catástrofe, teoricamente não podem ser excluídos. Eles também mantinham vultosas transações com Hellmann. Admitida a hipótese de terem sido eles os mandantes, deve-se concluir que o assassino contratado teve má sorte na execução do serviço. O sicário certamente recebera ordens de fazer voar pelos ares somente Hellmann."

— Hellmann e os elementos da tripulação, naturalmente.

— Sem dúvida. Aqueles pobres-diabos também. Essa suposição envolvendo os Bienert e os Simon, na verdade, não passa de uma simples brincadeira. Mas os outros, isto c, nós, não podemos absolutamente ficar fora de cogitação, oh, não!

— Ah! — exclamei e tirei do bolso um cartão de visita e uma caneta, dizendo a Trabaud:

— O senhor poderia me fazer a gentileza de escrever os nomes de todos os seus convidados? Eu não conheço a grafia desses nomes e não seria muito aconselhável perguntar isso diretamente a cada um deles.

— Com muito prazer!

Colocando o papel no parapeito do terraço, ele escreveu to^los os nomes. Guardei, então, o cartãozinho com os nomes e a caneta.

— Toda essa gente — prosseguiu Trabaud — mantinha transações comerciais com Hellmann. — Para mim, essa afirmativa constituía uma novidade. Será que Kessler não ficara sabendo disso? Claro que não! — Eles efetuavam operações bancárias muito camufladas ou dissimuladas com o banco de Hellmann, naturalmente por causa dos impostos e das restrições criadas pela lei vigente, no tocante à transferência de divisas. E deve-se dizer que todos só faziam seus negócios através do banco de Hellmann. E eu também, Monsieur Lucas. Por que devo mentir-lhe? Portanto, eu também teria uma razão para liquidar Hellmann. Como todos os outros. Esse vai ser indubitavelmente um caso difícil para o senhor resolver. E o que vai acontecer daqui por diante já se sabe: Hilde dos Brilhantes, logo que melhorar, recuperando o necessário equilíbrio mental, continuará dirigindo os negócios do banco. Só Deus sabe o que poderá acontecer então. É de esperar que ela nomeie o atual procurador-geral do banco, esse jovem Seeberg, para dirigir os negócios. Seeberg é um indivíduo com o qual se pode tratar. Bem, voltemos para junto das senhoras...

Pasquale disse:

— Agora me dei conta de que ainda não mostrei a casa a *Monsieur* Lucas. Aqui vivemos muito felizes. A casa foi edifiçada de acordo com nosso projeto. Da mesma forma, nosso iate foi construído rigorosamente de acordo com o projeto de Claude... Angela, *chérie*, agora vou raptar *Monsieur* Lucas de você. Você me permite? Poderá ficar longe dele durante alguns minutinhos?

— Pasquale, por favor! — exclamou o marido.

Ela riu.

— Portanto, Angela, não deixe de nos observar! Cada vez que vejo um par enamorado...

Ela me conduziu por toda a casa. Também ali patenteava-se o poder da riqueza, porém de modo muito diferente do que se via no palacete de Hilde Hellmann. Finalmente fomos parar num espaçoso porão, onde havia máquinas de lavar roupa e diversas tábuas de passar.

— Quase sempre sou eu mesma que lavo e passo as camisas e roupas brancas do meu marido — explicou-me Pasquale. — Aqui ao lado há um quarto de costura. Eu mesma faço os pequenos trabalhos de costura nos meus vestidos.

Ela usava nessa noite um vestido de Pucci nas cores azul, verde e

laranja. O vestido dispunha de uma peça especial na altura dos seios, com alças presas em volta do pescoço. Ela estava ornada de valiosíssimas esmeraldas. As jóias de Angela, em menor número, eram igualmente bonitas e muito valiosas. Angela, na verdade, só possuía as que pudera comprar, empregando suas economias.

— A senhora costura?

— A costura foi, de fato, a única profissão que aprendi na minha vida. — Pasquale encostou-se na máquina de lavar roupa. — *Monsieur* Lucas, eu gostaria muito que o senhor ficasse sabendo de tudo a nosso respeito. Realmente hoje somos muito ricos. Mas nem sempre o fomos, e Deus bem sabe que é verdade o que estou lhe dizendo. Hoje em dia meu marido possui cadeias de hotéis na Espanha, em Mallorca, na Grécia, na Itália e na Alemanha. Na época em que nos conhecemos, logo após a guerra, ele possuía apenas um pequeno hotel em Toulouse, herdado de um tio seu. Não conheço ninguém que tenha trabalhado tanto na vida como ele. Logo no início, a coisa não corria muito bem e eu fui forçada a trabalhar na minha antiga profissão de manequim para ajudar a ganhar qualquer coisa. Tudo o que Claude possui hoje foi ganho com muito trabalho e muito esforço. E ele sempre teve minha ajuda. Quero que o senhor saiba disso.

— Agradeço-lhe pela confiança que a senhora deposita em mim, *madame*.

— E há mais — prosseguiu Pasquale —, eu e Angela somos realmente amigas. Ela é independente, pode fazer o que quer e possui dinheiro suficiente. Mas é meu ardente desejo que ela encontre um grande amor. Se existe amor entre o senhor e ela... realmente um grande amor... o senhor não deve decepcioná-la. Ela já sofreu uma grande desilusão e não creio que possa suportar uma segunda tão grande assim. — Ouvimos, nesse instante, o ranger dos pneus cie um carro rodando sobre o saibro. — Os primeiros convidados estão chegando. Sei que o senhor é muito gentil e afável. O senhor ama Angela e eu gosto muito dela. Passe a chamar-me simplesmente de Pasquale. Posso também chamá-lo de... Como é mesmo seu nome?

— Robert.

— Posso chamá-lo simplesmente de Robert?

— Naturalmente, Pasquale!

— Você, Robert, não deverá jamais fazer Angela infeliz.

— Claro que não!

— E espero que nunca a engane com mentiras.

— Nunca! — respondí, embora sabendo que já lhe havia mentido.

Os convidados começaram a chegar, um após outro. Carros e mais carros iam entrando. Os criados serviam champanha no terraço. Ninguém, a não ser eu, havia trazido flores a Pasquale, conforme pude observar.

Os convidados riam, conversavam ani*madame*nte, bebiam, fumavam e caminhavam de um lado para outro, movimentando-se entre aqueles vasos de plantas floridas, colocados sobre o chão. Pasquale se encarregou de fazer a minha apresentação a todos esses multimilionários. Percebi que eles me observavam com desconfiança. E deve-se dizer que a atitude deles não era de estranhar, pois certamente não contavam com a presença de um agente da companhia de seguros naquela recepção.

Ao chegar, John KiKvood já estava bêbado. O seu chofer teve de trazê-lo para dentro. Estava magro e parecia infeliz. Notavam-se sulcos profundos em torno de seus olhos. Seu rosto estava inchado, com os poros salientes. As mãos lhe tremiam quando segurava o copo. Seu *smoking* achava-se um tanto amarrotado, e na camisa viam-se manchas de uísque derramado. Segurava com tanta firmeza o copo, como se este fosse seu único ponto de apoio. Bebia desregradamente. Só uísque. Nada de champanha.

— Boa noite, espião desconfiado! — disse ele dirigindo-se a mim.

— Boa noite, Mr. Kilwood!

— Vou ser preso agora? Você veio me buscar, não é?

— Que diabo entrou no seu corpo agora, John? Deixe de dizer besteiras! — ordenou-lhe, ralhando, o inglês Malcolm Thorwell, que nunca se separava de Kilwood. Thorwell era corpulento e esbelto. Estava elegantemente vestido. Tinha um timbre de voz ligeiramente cantante e ostentava uma pose de super-homem. Tive a impressão de que ele sentia alguma dificuldade respiratória.

— Não é nenhuma besteira o que estou dizendo. Fui eu que matei Hellmann! Está certo ou não está certo? Claro que está certo! Você é que não quer responder nada. Você nada tem para retrucar. E dizer que Hellmann era meu amigo! Um grande amigo! Na época da minha convocação para o serviço militar, ao submeter-me ao exame médico, um psiquiatra cretino perguntou-me: "O senhor, Mr. Kilwood, seria capaz de matar alguém?" Lembro-me de que lhe respondi: "Um estranho, talvez não, mas um amigo certamente eu seria capaz de

matar".

Todos os presentes ficaram calados.

— Bem... isso que contei é apenas uma anedota

— emendou Kilwood maliciosamente. — Eu queria fazer vocês rirem. Portanto, avante, Mr. Lucas! Onde estão as algemas? Eu me confesso culpado.

— Por que o senhor matou Hellmann, Mr. Kilwood?

— perguntei-lhe.

— Escute aqui, *Monsieur* Lucas: o senhor evidentemente não está levando a sério... — começou Thorwell.

— Mas ele tem *que levar a sério* esta minha confissão.

— Kilwood já andava quase cambaleando. — Vou dizer-lhe por que o matei.

— Por quê?

— Porque eu pedia a ele que me comprasse uma chácara para cultivar buganvílias e ele me enganou, dando-me um calote. Você naturalmente conhece a buganvília, aquela planta que dá umas florzinhas tão lindas... Umas florzinhas minúsculas e coloridas. É a planta que mais adoro neste mundo. Você conhece a buganvília, não é?

— O senhor poderia fazer a gentileza de me escrever o nome dessa planta e onde deveria ser esta chácara?

— Em Vence.

— O senhor poderia fazer a gentileza de me escrever o nome dessa planta? — pedi, já lhe entregando a minha caneta e um dos meus cartõezinhos.

Com espantosa rapidez ele rabiscou algumas palavras no verso do cartão.

— Antes que o culpado seja conduzido para sofrer a merecida punição, ele tem o direito de tomar o último uísque, não é verdade? Ei, garçom!...

A partir desse momento ele só cambaleava.

— O que ele diz não passa de asneiras de um bêbado. O senhor não está levando a sério esse falatório dele, não é verdade? — perguntou-me Thorwell.

— Claro que não!

— Mas por que, então, o senhor pediu que ele escrevesse o nome da planta naquele cartão?

— Eu queria simplesmente saber como se escreve buganvília.

— Não acredito. Desculpe-me, mas essa não é uma razão muito plausível!

— Na verdade não é.

— O senhor coleciona autógrafos?

Não lhe respondí. Agora eu já tinha as caligrafias de Hilde Hellmann, Seeberg, Trabaud e Kilwood.

— Por que o senhor coleciona autógrafos?

— Por prazer — respondi-lhe simplesmente.

— Ah, sim! Quem sabe o senhor quer ter também um autógrafo meu?

— Com muito prazer!

Todas as lâmpadas no terraço se achavam ocultas entre os arbustos e por isso projetavam sombras bizarras sobre nós.

— Que devo escrever? — perguntou-me, enquanto pegava o meu cartãozinho e minha caneta.

— Escreva: “Eu não assassinei Hellmann”.

— Realmente não fui eu quem assassinou Hellmann.

— Se tivesse sido o senhor, não seria a mim que confessaria o crime.

— Sim. Está certo. — Sorriu e, numa atitude de indivíduo mulherengo, perguntou-me:

— Que doçura de mulher a Pasquale dentro daquele vestido Pucci, não é verdade?

— Realmente uma verdadeira doçura.

— Sempre dou sugestões às mulheres que conheço, para a escolha dos seus vestidos. O senhor nem imagina como quase todas elas se sentem inseguras com relação ao tipo de vestido mais adequado para realçar-lhes o porte. E elas quase nunca têm bom gosto. Por exemplo, aqui nesta reunião, Angela tem bom gosto; Pasquale também. Mas observe bem Bianca, que está ali! Que descalabro!

— Observar quem?

— Bianca Fabiani. Ela está ali do outro lado, de pé junto ao marido, aquele pobre imbecil. Todo mundo sabe que ela o trai constantemente. Ela foi outrora *revue-girl*, no Lido, em Paris. Observe só aquele seu vestido de brocado de seda! Dá até vontade de derrubá-la a tiros! Só porque tem uns seios lindos e vistosos ela acha que nas reuniões sociais deve mostrar tudo. O senhor não está vendo as tetas dela?

— Não. O senhor está exagerando — respondí.

— Não estou exagerando coisa nenhuma! Estou vendo ambas as tetas. Pequenas e rosadas! Olhe agora, que ela está se inclinando um pouco para a frente! Bem... mas voltemos ao assunto do crime. Evidentemente o senhor quer encontrar o assassino. Posso garantir-lhe que não é Kilwood, esse pobre beberrão, que merece a compaixão de Deus. O senhor sabia que Fabiani transferira para a Alemanha um montante absurdo em liras, que ficou depositado no banco de Hellmann, só porque 'ele supunha que em breve essa moeda iria sofrer uma queda brusca na Itália?

— Não, eu não sabia nada disso.

— Ele achava que a lira iria sofrer brevemente uma estrondosa queda, mas o fato é que até agora ela continua mantendo o seu valor. E Fabiani está precisando que seu dinheiro volte para a Itália com a máxima urgência. Ouvi dizer que Hellmann se encontrava em sérias dificuldades financeiras, provocadas pelo caso das libras esterlinas, e que não podia, portanto, efetuar esse pagamento para reconversão em liras. Segundo os comentários que se

espalharam por aí afora, o vultoso negócio que Hellmann e Fabiani estavam efetuando era ilegal.

— Que tipo de negócio?

— Uma fraudulenta e delicada negociata com divisas. Ora! Mas o senhor não se surpreende em saber que o maravilhoso Hellmann, o corcel favorito da sua pátria, o banqueiro *made in Germany*, não se achava em condições de devolver a Fabiani o dinheiro que este havia transferido da Itália e depositado no seu banco? É bem provável que, ante a insistência de Fabiani, Hellmann lhe tenha feito a ameaça de tornar pública essa negociata. Neste ponto, para que nos entendamos melhor, é bom que se explique: esse negócio deles era ilegal, na Itália, mas na Alemanha, não. Que poderia acontecer a Fabiani se Hellmann realmente cumprisse a ameaça? Naturalmente, o que estou lhe dizendo não passa de simples hipótese, de mera suposição. Mas... quem é aquele homem de aspecto jovem e de boa aparência que está ali do outro lado?

— É Paul Seeberg, o procurador-geral do banco de Hellmann — expliquei-lhe.

— Realmente ele sabe como um homem deve vestir-se. Tem bom gosto. Desculpe-me, *Monsieur* Lucas, preciso agora apresentar-me a esse Seeberg. Indiscutivelmente ele é um jovem de ótima aparência.

Os Fabiani e os Tenedos estavam juntos quando me aproximei deles. Interromperam bruscamente a conversa.

Depois começaram a falar todos ao mesmo tempo. Realmente notavam-se as glândulas mamárias de Bianca Fabiani. Thorwell até que não havia exagerado muito. Ela se achava vestida de maneira pouco apropriada para realçar seu porte, muito embora seu vestido talvez tivesse custado uma pequena fortuna. Não havia ainda perdido totalmente aqueles modos peculiares à sua antiga profissão de *revue-girl*, revelando uma espécie de faceirice bem coquete.

— É o senhor que anda procurando o assassino do pobre *Monsieur* Hellmann? — interrogou-me Bianca, sorrindo sem motivação aparente.

— Sim — respondí.

— Qualquer um de nós poderia ter sido o assassino

— continuou o grego, cuja cabeça, em virtude do pescoço curto, parecia ter sido simplesmente colocada sobre os ombros. Enquanto ele falava, não parava de acariciar o braço da sua boneca. — Todos nós tínhamos motivos para liquidar Hellmann. Se ele quisesse, teria podido me arruinar ou, pelo menos, destruir minha boa reputação. Eu teria tido, portanto, minhas razões. Fabiani também devia ter as suas, não é verdade?

— Sim — respondeu este, conservando-se sempre sério. — Nem é preciso dizer-lhe quais as razões que eu teria para cometer esse crime, pois Thorwell acabou de explicar-lhe tudo.

— Quem foi que lhe disse isso?

— Ele lhe contou tudo, quando o senhor conversava com ele, antes de vir para a nossa roda.

— Ele me contou tudo?!

— Não procure dissimular fazendo essa encenação, *Monsieur* Lucas! Notamos como ele nos olhava, a mim e a minha mulher.

— Esse pacote de carne que anda sempre fungando com falta de ar — disse a antiga bailarina do Lido, hoje Signora Fabiani, uma das mulheres mais ricas do seu país.

— Corromper jovens como um verdadeiro depravado é só o que ele sabe fazer. Já devia estar trancafiado na cadeia por causa disso. Por isso e também por causa do assassinato. Quem poderia ter melhor razão do que ele para cometer esse crime?

— Como assim? — interroguei.

Tomando a palavra, Tenedos responde:

— A filial inglesa da Kood pertence quase exclusivamente a Thorwell. E essa filial, por causa da negociata de divisas entre Hellmann e Kilwood, foi forçada a requerer falência. Então, não é uma razão ponderável?

— Sem dúvida — respondi. — Esse fato poderia perfeitamente ter sido uma das razões. Eu julgava que todos os senhores fossem bons amigos.

— E somos, de fato, bons amigos! — retrucou Melina Tenedos. — Mas nada nos impede de brincar de cometer crime, não é verdade?

Ela riu. Todos riram. Eu também.

— É claro. Todos nós podemos brincar de crime — obtemperei.

Um criado encheu novamente os copos com champanha. De um momento para outro, meu trabalho tornara-se mais fácil: Melina Tenedos, a boneca *baby face*, propôs que iodos juntos escrevessem uma carta à pobre Hilde Hellmann, que andava tão doente. Pasquale foi buscar o papel. Deixei Tenedos escrever em primeiro lugar. Ele rabiscou duas linhas. Depois Fabiani. Seguiu-se, então, Sargantana, que parecia ter estado a domar potros chucros poucas horas antes. Escreveu apenas algumas palavras. Em seguida as mulheres assinaram, inclusive Pasquale.

Desse modo, como portador da carta, fiquei com a caligrafia de todos.

— Despacharei esta carta lá do meu hotel — disse enquanto a enfiava no bolso interno do *smoking*.

— Então venha visitar-me amanhã sem falta — disse-me José Sargantana, que fora o último a falar comigo. — Acho que tenho algo muito importante para dizer-lhe.

Todos nós conversávamos em francês. Alguns dos presentes não podiam evitar um sotaque terrível. Sargantana deu-me seu cartão, dizendo-me:

— Aqui nada direi sobre esse assunto. Não posso fazer isso em casa de amigos.

— Mas de que se trata?

— O senhor está procurando um assassino, não é verdade?

— Sim.

— Pois bem... — Fez uma reverência inclinando-se profundamente para beijar a mão de Pasquale, que, nesse instante, se aproximava de nós.

— Minha queridinha, como você está maravilhosa! — exclamou. Em seguida, voltando-se de novo para mim, disse:

— Amanhã às nove horas o senhor poderá dirigir-se ao endereço indicado. Estarei esperando.

— É muita gentileza da sua parte — disse-lhe.

Angela encontrava-se sozinha na escada que, do terraço, dava acesso ao jardim escuro. Segurava o copo de champanha e fumava.

Fui para perto dela.

— Então, como é? A reunião está sendo proveitosa para você? Fez alguns progressos nas suas investigações? — perguntou-me Angela.

— Está tudo confuso e atrapalhado, mas vou prosseguir com meu trabalho.

— Muito bem!

— Que é que você tem? — perguntei-lhe. Com aquele vestido branco quase tocando o chão e aqueles cabelos louros, ela parecia uma encantadora mulher artisticamente pintada num quadro, tendo como fundo, em magnífico contraste, o jardim escuro.

— Não tenho nada. Por quê?

— De um momento para outro você ficou diferente, Angela.

— Eu fiquei diferente?!

— Sim. Por quê? Será que fiz algo?...

— Não, Robert, você absolutamente não fez nada.

— Então por que você está assim?

— Por causa de Pasquale. — Ela fumava continuamente, sem poder ocultar seu nervosismo. — Sei que ela não fez por mal. Contudo, o. que ela disse foi muito desagradável para mim. Estou me referindo ao que ela disse com relação a nós. Não nego que ela seja uma boa amiga. Só quer me ver feliz. E ela gostou muito de você. Mas, mesmo assim, não havia nenhuma razão para nos apontar logo como namorados e apaixonados.

— Não — obtemperei. — Lamentavelmente ainda não há razão para que ela nos considere namorados. E você é de opinião que isso jamais acontecerá?

— Robert, você me havia pedido que eu providenciasse esta recepção. Minha intenção não foi outra senão ajudá-lo.

— Você me ajuda sempre. Responda à minha pergunta, Angela!

— Pasquale nos convidou para um passeio amanhã no seu iate. Às

onze e meia, devemos estar em Port Canto. Ela é uma verdadeira caftina.

— Portanto, sou apenas eu que a amo. Pelo que vejo, você não quer admitir a existência do meu amor, não é verdade?

— Sim, Robert. É exatamente assim. Com relação ao amor, já tive as minhas experiências na vida, como você bem sabe. E não foram experiências muito boas. Por isso hoje em dia prefiro ter um novo amigo muito bom, a um novo amor que poderá terminar mal.

— Mas essa sua suposição é falsa! — exclamei. — Como é que Pasquale ficou sabendo tantas coisas a meu respeito? Quem foi que lhe disse que eu a amo imensamente?

— Fui eu — respondeu-me Angela, demonstrando um certo abatimento. — Eu lhe havia explicado tudo pelo telefone. Conversamos durante mais de uma hora depois que você viajou para Dusseldorf. Parece-me que... — Angela voltou o rosto para mim e sorriu. Então surgiram de novo nos seus olhos lindos aqueles dois pontinhos dourados que luziam como duas diminutas fagulhas. — Parece que sem me dar conta eu disse a ela uma porção de coisas a seu respeito.

— Ah... Agora compreendo — respondi, já sentindo que uma nova onda de felicidade me invadia. — Bem... sendo assim, de amor não se fala mais, nunca mais!

— Nunca mais! — repetiu Angela, fitando-me com um sorriso nos lábios, que me pareceu um tanto brejeiro.

Ela continuou me fitando. Passei, então, a refletir que, para conceber perfeitamente a magnitude da félicidade, a gente deve imaginar tê-la perdido completamente, para recuperá-la depois. Como é óbvio, uma reflexão desse tipo permitir-nos-ia formar uma ideia mais significativa das experiências vividas e sentidas, especialmente nas dolorosas fases em que nos sentimos infelizes.

— Que pena! — exclamei.

— É mesmo uma pena, não é verdade?

— Então amanhã iremos passear de iate?

— Foi o que prometi a Pasquale. Tem algum outro compromisso

para amanhã?

— Posso distribuir melhor o meu tempo...

— Você é gentil, Robert. Muito gentil.

— Eu amo você. E quando a gente ama de fato a prática da gentileza não passa de um brinquedo de criança.

Nesse momento, o louro Seeberg se aproximou de nós. Com uma das mãos segurava o copo de champanha e com a outra o cigarro. Também ele trajava um *smoking* branco.

— Não venho perturbá-los?

— Oh, absolutamente não! — respondeu Angela.

— Mas é claro que o senhor vem nos atrapalhar — retruquei.

Então rimos os três.

— Quero apenas cumprimentá-los da parte da Sra. Hellmann — disse Seeberg, fitando-me com os olhos cheios de frieza, enquanto falava com um sorriso nos lábios. — Ela pediu-me para transmitir-lhe os mais cordiais cumprimentos, Sr. Lucas. E à senhora também, *Madame* Delpierre. A Sra. Hellmann sentiu muito por não ter podido vir a esta reunião devido ao seu estado de saúde... Ao que me parece, os distintos senhores aqui presentes estão desempenhando um estranho papel... e falam do assunto em voz alta.

— É verdade — respondi. — Trata-se do papel de assassino. Quem cometeu o crime? Cada um aqui presente é de opinião que foi o outro.

— Não será algum deles de opinião que o criminoso seja eu?

— Não. Ninguém suspeita do senhor — retruquei.

— É bastante estranho! Então ninguém suspeita de mim?

— Foi realmente o senhor quem cometeu esse crime? — interroguei.

— Eu teria confessado imediatamente minha culpabilidade ao senhor se tivesse sido o criminoso. Seria uma atitude decente... Mas posso lhe assegurar que eu seria incapaz de cometer um crime dessa natureza.

— E de quem, na sua opinião, se deve suspeitar? — indagou Angela.

— *Madame*, uma pergunta tão direta merece indubitavelmente uma resposta idêntica. Que acha a senhora do seu amigo Claude Trabaud? Será que desconhece suas transações com o banco de Hellmann?

— Como poderei saber? É de praxe, no banco dos senhores, revelar publicamente assuntos que, pela sua natureza, devem ter um caráter sigiloso? — inquiriu Angela.

— Ouvi quando alguns dos cidadãos aqui reunidos << « montavam esse fato, invocando até o meu testemunho.

— Bem... Se é assim...

— É como estou lhe dizendo. Sr. Lucas, que acha dessa suspeita'que estou levantando?

— Há uma porção de suspeitos. A confusão está se tornando cada vez maior — respondi-lhe. — E fico mais confuso ainda porque foi o próprio Trabaud quem me falou dessas transações com o banco de Hellmann, um pouquinho antes da sua chegada.

— Então deve ter resolvido fazer apenas alguns comentários superficiais sobre esses negócios. Bem, deixando de lado esse assunto... tirou algum proveito da minha caligrafia?

— Não compreendo a que o senhor está se referindo.

O cãozinho Naftali, com suas perninhas tortas, passa por nós bem devagarinho.

— O senhor me mandou escrever o nome da água-de-colônia que uso. *Grès pour Homme*.

— Ah, sim, agora me lembro. Realmente, Sr. Seeberg, logo se nota que o senhor lê romances policiais.

"Você não permite que ninguém lhe fale. Você é inexorável. Não tem pena de ninguém. Por isso, ninguém tampouco terá compaixão de você. Pessoa alguma, por estúpida que seja, deixa arruinar-se na vida sem reagir e defender-se. Você devia saber que não havia nenhum bobo ao seu lado, Herbert. E sabia muito bem."

Essas frases, em francês, achavam-se escritas a mão numa folha de papel branco, lisa, que o baixinho Louis Lacrosse me havia mostrado na primeira vez em que estive no seu gabinete.

— Revistamos e vasculhamos todo o palacete de Hellmann, especialmente seu quarto. Hilde dos Brilhantes não se opôs a isso. Então, na gaveta de uma das mesas, encontramos este papel. Sem dúvida é um bilhete simulado, mas mesmo assim não podíamos desprezá-lo.

— E não foram encontradas impressões digitais?

— Nem o mínimo vestígio. Apanhamos esta folha de papel sem dizer nada a ninguém. Será muito mais difícil para nós obter as assinaturas, ou, melhor ainda, algumas frases escritas, de todas as pessoas suspeitas de cumplicidade, a fim de serem examinadas por um perito. Você pode encarregar-se disso?

Aceitei a incumbência. Já possuía a caligrafia de todos os homens e mulheres apontados como suspeitos. Não! De todos, não. Faltava a de Herbert Hellmann, bem como as dos casais Bienert e Simon, precisamente as vítimas da catástrofe. Seria absurdo querer conseguir a caligrafia deles, pensei.

Mas seria mesmo um absurdo?

— Ora, eu pergunto: por que devem ser sempre os vestidos de Pucci? Ele cria sempre os mesmos tipos. Pois eu, pelo mesmo preço, posso adquirir dois magníficos vestidos de Nina Ricci.

— E, agora, a Conferência do Plano Salt! Que foi que aconteceu realmente? Você sabe tão bem quanto eu que os americanos e os russos continuam fazendo pesquisas subterrâneas em série, com o emprego de foguetes atômicos.

— Eu garanto, meu amor, que ela tem um *casinho* com o chofer dele... Isso é mais do que certo.

Conversinha de mesa...

Com a maior cortesia, os três criados serviam carne, verduras, arroz e salada.

— Os Trabaud é que são felizes — disse Melina Tenedos, dirigindo-se a mim. — Estes sim é que são criados verdadeiros! Num pessoal assim a gente pode ter confiança. Mas nós... Que coisa horrível! Lá em casa... só com uma geladeira dentro do piano e um revólver engatilhado sobre a mesinha-de-cabeceira... para evitar que essa corja mate algum de nós!

— Sim, uma situação dessas é realmente horrível — disse eu.

Ela meneou a cabeça, como que a confirmar minhas palavras.

Senti novamente que a ponta do pé de Angela batia no meu sapato. Nunca, antes, mulher alguma fizera uma coisa dessas comigo. E essa atitude me deixava um pouco atrapalhado. Angela conversava com Paul Seeberg, que estava à sua direita.

— Prestem atenção todos, por favor! — disse Angela, quase gritando. — É muito interessante o que o Sr. Seeberg c-stá contando aqui.

Houve então um profundo silêncio em torno da inesa. O próprio John Kilwood, que não comera quase nada, bebendo uísque sem parar, levantou os olhos demonstrando atenção. Parecia até que ainda não havia começado a beber.

— As Nações Unidas estão realizando em Santiago do Chile uma

conferência sobre desenvolvimento e comércio — explicou Seeberg. — Eu estive lá. A conferência estava em franco andamento, quando se deu a catástrofe, obrigando-me a tomar o avião direto do Chile para cá, a fim de prestar minha assistência à Sra. Hellmann. Mesmo assim, antes de embarcar, tive a oportunidade de ouvir uma porção de discursos, inclusive o pronunciado pelo presidente da União Internacional dos Sindicatos Livres. Acho que devemos nos ocupar mais dessa gente. É imprescindível que nos inteiremos imediatamente das suas atividades.

— Preocuparmo-nos com o sindicato?! — perguntou Melina Tenedos, apavorada.

— Fique, quieta! — ordenou-lhe o marido.

— Que é que desejam, pois, os sindicatos? — indagou John Kilwood, falando, para surpresa de todos, com a voz clara.

— Prestem bem atenção no que vou dizer — prosseguiu o elegante Paul Seeberg, expressando-se num francês quase sem sotaque: — O tal presidente declarou enfaticamente: "Os sindicatos consideram uma perigosa ameaça ao pleno exercício dos seus direitos as atividades que as empresas multinacionais vêm desenvolvendo no plano internacional, com o processamento da transferência de fundos".

— E de que outra maneira poderiam elas desenvolver suas atividades? — resmungou Sargantana.

— Ele não se referia especificamente às operações de transferência de capital — explicou Seeberg. — O orador declarou de modo explícito que o perigo reside principalmente no fato de tais empresas se julgarem isentas da obrigação de se submeterem fielmente às leis de qualquer país, como também o fato de se esquivarem, seja lá de que maneira for, a um controle democrático das suas operações, a fim de se eximirem de toda e qualquer responsabilidade de caráter social.

— Mas esse tem sido o assunto martelado pelos sindicatos em todos os países — argumentou Fabiani, ao mesmo tempo que, com um sorriso nos lábios, dizia ao criado que se encontrava atrás dele com uma bandeja nas mãos:

— Não, muito obrigado. Já estou satisfeito.

Seeberg prosseguiu:

— Estou evidentemente acima de qualquer suspeita de ser um mediador que intercede a favor dos sindicatos...

— Por que o senhor se julga, então, acima de qualquer suspeita? — interrogou Bianca Fabiani, alteando a voz.

— Fique calada! — rosnou, ralhando, seu marido.

Fitei Bianca nesse instante. Seu vestido estava realmente muito decotado.

— Perdão, *madame*! Eu disse isso a título de simples informação — explicou Seeberg com uma voz calma. — Não estamos mais vivendo sob o capitalismo do século XVIII. O mundo se encontra numa fase de profundas transformações. Os sindicatos estão se unindo e formando um potente bloco. E eu sinceramente temo que eles saiam vitoriosos, se não formos bem sucedidos ao tratar com eles.

— A menos que os dirigentes dos sindicatos sejam uns corruptos — retrucou Bianca Fabiani com um sorriso aparvalhado —, não será difícil tratar com eles. Mas não vamos também ao cassino depois do jantar?

Os criados encheram os copos com champanha. Kilwood agarrou outro copo de uísque. As chamas das velas nos candelabros bruxuleavam levemente.

— Sim, ainda vamos ao cassino, Bianca — respondeu Tenedos. — Mas os sindicatos não são corruptos. Absolutamente. Seeberg tem razão: a gente deveria tratar com eles.

— Tratem vocês com Satanás, se quiserem! — rosnou John Kilwood.

— John! — bradou Thorwell, enfurecido. — Você não passa de um bêbado bobalhão. Você é um grande tolo sanguinário. Então acha que devemos esperar de braços cruzados, até que surjam os acontecimentos que os sindicatos predizem com muita razão?

— Na verdade, é o que me pergunto também, considerando a situação — prosseguiu Seeberg. — Foi por isso que citei aqui a conferência de Santiago. Peço desculpas às distintas senhoras aqui presentes pelos aborrecimentos que causei.

— No jogo, sempre a mesma repetição: o zero e os dois números próximos, o da esquerda e o da direita. O número 29 também. — Era Bianca Fabiani quem falava. Ela já se achava um pouco bêbada.

— Amanhã, no iate! — lembrou-me Pasquale. — Vocês dois têm uma aparência maravilhosa!

— Por favor, Pasquale, pare com isso! — exclamou Angela.

Pasquale riu.

— Angela ficou vermelha. Bem vermelha mesmo. Ela niiida fica vermelha. Como eu gostaria também de poder ficar assim! Oh, Santo Deus do céu, qual foi mesmo a última vez em que fiquei?

Novamente senti a ponta do sapato de Angela batendo no meu.

Cerca das onze horas, a reunião terminou. Angela explicou-me:

— Daqui vamos ao Municipal. Fica na extremidade oeste da Croisette, lá no antigo porto. É o local do assim chamado cassino de inverno. No verão, a partir de junho, começa a funcionar o Palm Beach, o cassino de verão, que lica além de Port Canto, na outra extremidade da Croisette.

— No Municipal, o ambiente é muito agradável. E a gente pode comer muito bem no Ambassadeur. *Monsieur* Mario, o *maître* do restaurante, é simplesmente fantástico — disse Bianca Fabiani.

Encontrávamo-nos no saguão. As senhoras vestiam seus casacos de peles e colocavam as estolas. Angela havia trazido uma estola branca de pele de marta. Os convidados começaram a se dirigir aos respectivos carros. Já à saída, virei-me com uma nota de cem francos na mão.

— O que é que o senhor está procurando?

— Eu teria imenso prazer em deixar esta nota para o pessoal.

— Coloque-a naquele prato — disse-me Claude Trabaud, fitando-me de maneira estranha.

No prato que estava sobre uma velha cômoda, já havia algumas notas. Pus ali a minha também.

— O senhor é o único! — declarou-me Trabaud.

— Repita, por favor. Acho que não entendí bem.

— Eu disse que o senhor é o único que deixa gorjeta para os empregados. As outras notas que estão no prato foram colocadas por mim mesmo, a fim de salvar as aparências diante do meu pessoal.

— Então o senhor já previa que nenhum desses multimilionários daria...

— Nenhum deles. É por isso mesmo que eles se tornaram multimilionários. Um desses cidadãos... que se encontrava aqui conosco... cujo nome não quero declarar, compareceu muitas vezes às nossas recepções, convidado por nós, sem nunca deixar nem mesmo um centavo de gorjeta para os

empregados. Numa de nossas recepções, Pasquale lhe disse: "Os empregados já andam comentando que você nunca lhes deixa gorjeta. Por isso dei-lhes cinquenta francos e disse que você me havia entregue esse dinheiro para tal fim". Esse cidadão quase teve um acesso de raiva e gritou: "Cinquenta francos?! Você devia ter dado cem francos, Pasquale! Agora eles vão dizer que sou pão-duro e miserável!" — Rimos ambos. — Ela devia ter dado cem francos, como o senhor. O senhor jamais se tornará um homem rico.

— O senhor tem razão. Temo que nunca me tornarei rico.

— Mas sem dúvida será sempre feliz... assim lhe desejo.

Em seguida fui ter com Angela, e ambos saímos. Alguns choferes particulares seguravam abertas as portas de Rolls-Royces, de um Jaguar de seis cilindros e de um Mercedes. Os convidados dos Trabaud iam entrando nos seus carros. O pátio de estacionamento e o caminho que conduzia à porta de entrada se achavam fortemente iluminados, com as lâmpadas colocadas sob os ramos das plantas.

Angela me disse:

— Aqui em Cannes praticamente o único lugar a que se pode ir são os cassinos. É verdade que existem os *night clubs*, mas são locais mais apropriados para os jovens.

— Mas como isso é possível numa cidade como Cannes?

— Os cassinos, em todas as partes do mundo, têm um poder enorme. Praticamente, eles podem conseguir tudo o que querem e impedir o que não querem. Impedir a concorrência, por exemplo. Aqui também não é diferente de outros lugares. Mas o que se pode fazer? — Angela fez o carro arrancar, rodando através daquele caminho de saibro, seguindo atrás do Rolls-Royce dos Fabiani. — Essas lâmpadas ocultas na folhagem dão um aspecto romântico ao ambiente, não é verdade?

— Muito romântico, realmente.

— E como são gentis os Trabaud!

— São de uma gentileza cativante. Então você perdeu Pasquale?

— Oh, Robert! —[1] exclamou Angela e depois ficou calada até atingirmos a estrada.

— Então, conseguiu fazer alguns progressos nas suas sindicâncias? — perguntou-me em seguida.

— Creio que sim... e pretendo, muito breve, obter melhores resultados.

— Que bom! — Ela tocou minha mão. — Robert?

— Sim?

— Sabe o que também é muito bom?

— O quê?

— Nossa vida, pelo fato de termos sido pobres outrora.

— *Le 4, pair, noir et manque!*

— *Le 31, impair, rouge et manque!*

— *Le 7, impair, rouge et manque!*

O crupiê cantava em voz alta os números que iam saindo. Faziam-se jogos em diversas mesas. O amplo salão, em estilo aparatoso, dotado de todos os requisitos de conforto, estava apinhado de gente. Um italiano baixote gritou o mais alto possível em sua língua: "Felicidade e bênção!" Ele havia ganho. Vi quando lhe pagaram uma quantia bem grande.

— Mas ele grita também quando perde — explicou-me Angela. — Ele vem aqui todas as noites, e isso meses a fio. Com a mulher e os amigos. São eles que fazem os jogos para ele. Ele só joga o máximo.

— Floje à tarde ele perdeu seiscentos mil francos, jogando até há pouco — informou-nos um atencioso cavalheiro, que se aproximara sem que se notasse. Inclinou-se respeitosamente diante de Angela, dizendo: — Boa noite, *Madame* Delpierre.

Angela nos apresentou. Esse homem cortês e delicado era um dos muitos comissários qué ali, como é de praxe em todos os cassinos, estava de serviço, prestando atenção nos jogadores. Angela conhecia a maior parte deles.

— Esse homem — disse-me Angela, apontando com os olhos o tal cavalheiro que andava por ali disfarçado com uma aparência modesta — tem uma filhinha que parece um anjo de Botticelli. Certa vez ele *a trouxe a Cannes e eu pintei o retrato dela. Retratei-a gratuitamente, por prazer. Em retribuição, ele plantou as flores que cobrem a parede de treliças lá no meu terraço. É um ótimo jardineiro e sempre cuida das minhas flores.

As pessoas em companhia das quais havíamos entrado no cassino se dispersaram logo em seguida. Cada qual jogava isoladamente. Até mesmo os casais estavam jogando separados. Observei que Bianca Fabiani, em dado momento, investiu furiosa contra o marido, que estava sentado à beira de uma das mesas verdes, só porque ele não lhe quis dar alguns *jetons*. Depois ela se aproximou de nós com a face desfigurada de tanta raiva.

— Observem aquele miserável pão-duro, o meu marido, puuuh! — disse ela. — Ele me deu só duzentos francos. Estou dura e quero jogar. Mas

ele perde milhares de francos. A gente devia fazer como Maria...

— Como é que ela faz? — perguntei.

— Maria usa sempre aquele tipo de vestido de sarau que tem no corpete uma saliência ou dobra caída para a frente, como vocês viram, não é? Pois bem, eu posso dizer isso porque sei. Certa vez ela me mostrou como faz. Atrás, oculta por um pano, está uma bainha cheia de dobras formando bolsinhos. Maria enfia tudo o que ganha dentro desses bolsinhos. É assim que ela esconde tudo do marido. Depois, de vez em quando, ela se senta perto dele fazendo uma boquinha de quem vai começar a chorar. Ele não pode vê-la chorando. Então lhe dá mais dinheiro. Vocês nem imaginam quanto dinheiro Maria já surripiou desse jeito. O homem é mesmo um bicho bobo!

Em seguida, saiu correndo em direção a uma das mesas e se enfiou no meio das filas de jogadores.

— Você está vendo aquela coisa ali em cima? — perguntou-me Angela, apontando para o teto. — É uma câmera de televisão. Em toda parte existem aparelhos de vigilância desse tipo. Os frequentadores estão sendo constantemente observados por uma central localizada lá fora. Eventualmente, quando é preciso, os frequentadores são até filmados.

— E eu penetrei aqui sem nenhum cartão de entrada...

— Sim, mas você entrou porque está em minha companhia — disse-me ela com um sorriso astuto nos lábios. — Eu já não lhe disse que sou uma *descoberta* do Syndicat d'Initiative?

O edifício cor-de-rosa do cassino de inverno, com seus salões de jogo, seu teatro e o Restaurante Ambassadeur, achava-se localizado no limite inferior do Quai Albert-Édouard, bem nas proximidades do antigo porto, onde Lacrosse tinha seu gabinete e onde se encontrava a Gate Maritime, ponto de partida das *vedettes* para as diversas ilhas.

— *Le 10, pair, noir et manque*.

O italiano baixote, praguejando, soltou um berro raivoso.

— Você não quer jogar? — perguntou-me Angela.

— Não gosto muito de jogo. Mas naturalmente, às vezes, também jogo um pouquinho.

Acompanhei-a, então, até a sala de controle das ligações eletrônicas, nos fundos da qual havia um espaçoso compartimento com muitos armários de aço. Angela tirou da sua bolsinha uma chave.

— Volto logo. Só vou buscar um pouco de dinheiro.

— Onde?

— No meu cofre. Meu cofre está aqui mesmo. — Ela sorriu. — Eu guardo nele meus documentos, minhas jóias, meu dinheiro, enfim, tudo! Ontem à tarde estive aqui para buscar estas jóias que estou usando. Para que gastar dinheiro alugando um cofre-forte num banco, se aqui não pago nada?

Ela saiu.

Troquei cem francos por dois *jetons* de cinquenta. Sinceramente nunca tive prazer em jogos. A roleta, especialmente, me aborrecia logo. Trata-se de um tipo de jogo em que a sorte provém exclusivamente... exclusivamente do acaso, nada adiantando a inteligência e o raciocínio para orientá-lo. Fui passando através do grande salão. Entre as mesas de jogo e o comprido bar, estavam colocadas as mesas de um pequeno restaurante, onde algumas pessoas ainda estavam comendo. No bar, sozinho, John Kilwood, sentado a uma das mesas, continuava tomando uísque. Mesmo bêbado, me reconheceu e acenou. Correspondí ao seu aceno. Alguns segundos depois, divisei o vulto de Maria Sargantana. Surpreendi-a exatamente no momento em que enfiava uma série de *jetons* nas bolsinhas formadas pelas dobras do vestido. Fiquei, então, imaginando como os ricaços são realmente criaturas esquisitas e, quem sabe, até mesmo criminosos excêntricos.

Aproximei-me de uma das mesas de jogo e notei que Angela se encontrava do outro lado. Ela estava fumando, sentada, e anunciava ao crupiê os lances-que iria jogar. Concentrei-me na contemplação do semblante de Angela, chegando quase a me esquecer do lugar onde estava.

Em seguida, ocorreu-me que eu havia encontrado Angela num dia 13, e que precisamente nesse dia começara para mim uma nova vida. Resolvi, portanto, experimentar a vontade de Deus, a fim de comprovar se minha suposição correspondia de fato aos seus desígnios. Se tivesse sorte, ele estaria me protegendo.

Curvei um pouco meu corpo por cima de uma das senhoras que estavam sentadas e coloquei os dois *jetons* de cinquenta francos sobre o 13. Em qualquer hipótese, ganhando ou perdendo, eu não queria ficar gastando meu

tempo jogando.

Fitei mais uma vez o rosto de Angela, e ela deve ter percebido, pois levantou a cabeça. Nossos olhares se cruzaram. Tive a súbita impressão de ter sido inundado pela luz do sol ao despontar no horizonte. Permanecemos nos fitando durante algum tempo, parecendo até que nenhum de nós poderia desviar o olhar para outro ponto. Cheguei a ficar um pouco tonto, tendo que me apoiar no espaldar de uma cadeira. Além disso, a algazarra de toda aquela gente — americanos, holandeses, ingleses, italianos, franceses, alemães — deixava-me com a mente embaralhada.

— *Monsieur*!

Assustei-me.

O crupiê, que estava de pé ao meu lado, tinha se voltado para mim. Ele batia com a sua pazinha nos dois *jetons* que se encontravam no 13.

— São seus, estes lances?

— Sim.

— O 13 com cem francos é aqui para *monsieur* que está ao meu lado — disse ele.

Outro crupiê, postado no centro*da mesa, com a vasilha de fichas, e que fazia os pagamentos, empurrou na minha direção duas pilhas de fichas. Eu havia ganho três mil e quinhentos francos.

— Cem francos para os empregados — disse eu.

"Eu quis experimentar a tua vontade, Deus, e tu me compreendeste. Acabas de me dizer: Sim! Permite agora que eu verifique, Deus, se de fato compreendi bem os teus desígnios."

Em seguida anunciei meu novo lance. Arrisquei ainda no 13, fazendo o lance máximo de mil e quinhentos francos.

"Mostra-me, agora, Deus, se eu te compreendí!"

A esfera começou a rodar. Eu não a olhei. Permanecí com os olhos fechados até o momento de ouvir a voz do crupiê anunciando:

— *Le 13, impair, noir et manque!*

O 13 saiu pela segunda vez.

Produziu-se um certo alvoroço entre os jogadores.

Desta vez o monte de fichas que recebi foi maior; eu havia ganho cinquenta e dois mil e quinhentos francos.

Dei quinhentos francos aos empregados e passei a jogar, agora, os três *chevaux*, os dois *carrés*, ambas as transversais e, naturalmente, o número 13, fazendo em tudo o lance máximo. Coloquei fichas até sobre colunas, cores e dúzias. Outros jogadores também tentaram o mesmo número.

E não é que deu o 13 pela terceira vez!

O italiano baixote, que nessa rodada não havia jogado, ficou como louco. Aproximou-se de mim e esfregou as costas das mãos no meu casaco, a fim de captar — conforme dizia ele — um pouco da minha sorte. O chefe da mesa aproximou-se do crupiê que efetuou os pagamentos e ambos ficaram, então, durante um bom tempo, fazendo os cálculos necessários. Em seguida o crupiê tirou de um compartimento fechado da mesa fichas bem grandes — as chamadas *plaques* — para entregar-me. Antes explicou-me detalhadamente quanto eu havia ganho em cada jogada, bem como o montante global atingido. Esse montante era de duzentos e trinta e cinco mil e quinhentos francos. Distribuí cinco mil francos entre os empregados e agarrei todas as fichas. Eu tinha ganho bastante. Não conseguia levar todas aquelas fichas. Um empregado, trazendo uma caixinha, veio em meu auxílio. Quando nos dirigíamos ao caixa pagador, vi Angela. Ela também estava acompanhada de um outro empregado, que transportava a caixa com suas fichas.

— Você também jogou no 13? — perguntei.

— É claro! — Ela estava radiante de alegria. — Joguei exatamente no número do seu palpite. Você não notou?

— Não.

— Eu joguei...

— Eu joguei...

Estávamos falando ambos ao mesmo tempo.

— Por favor, fale, Robert!

— Não. Fale você primeiro, Angela!

— Então falemos juntos. Tenho o pressentimento de que vamos dizer a mesma coisa.

Falamos em coro:

— Joguei no 13 porque foi num dia 13 que nos vimos pela primeira vez.

Os olhos de Angela se tornaram cintilantes.

— E afirmo também que vai surgir um grande amor entre nós — disse eu.

Ela não respondeu.

Num dos guichês, o crupiê repassou os cálculos da quantia que ela ganhara, perguntando-lhe se queria trocar logo todas as fichas.

— Sim, todas — confirmou Angela.

Enquanto ela, levando muitos maços de notas, se dirigia à sala onde estava o seu cofre, o caixa ficou contando o dinheiro para me pagar. A ele também dei uma boa gorjeta e pedi-lhe que fizesse um pacote bem amarrado, pois o dinheiro era muito e eu não podia enfiá-lo no bolso.

Angela voltou, sem parar de sorrir de tão contente.

— Vamos até o bar. Estou com sede. Você não me convida para um drinque?

— Com muito prazer, *madame*! Estou só esperando que meu dinheiro seja empacotado.

O italiano chegou em disparada, suando, para perto de Angela e colocou uma ficha grande — uma dessas tais plaques — sob o seu nariz.

— Que é que ele quer? — perguntou-me Angela.

— Ele quer que você cuspa sobre a ficha para dar-lhe sorte. Eu também devo cuspir nela — expliquei-lhe, traduzindo as palavras do homem.

Então ambos cuspimos simbolicamente na ficha. O homem

inclinou-se para nós fazendo mesuras:

— *Grazie, signora, grazie, signore, grazie molto tante...*

E voltou suarento e ofegante para uma daquelas mesas de jogo.

— Esse italiano — explicou-me Angela — constrói possantes locomotivas na Itália. Um dos meus amigos que se encontrava entre os comissários foi quem me revelou isso há pouco. Talvez o efeito dos nossos cuspes dure tanto tempo quanto se leva para vir de Ventimiglia a Cannes.

O caixa já havia terminado de fazer meu pacote.

— Já vou indo para o bar — disse Angela.

Fiquei observando o jeito como ela caminhava através do salão de jogo. Pude admirar, assim, os movimentos elegantes dos seus quadris e a pele das costas amorenadas pelo sol que o decote do vestido branco deixava expostas. Também me encantavam seus lindos cabelos louros. Muitas mulheres não apresentam um aspecto elegante quando caminham, especialmente para quem as observa pelas costas. Mas Angela era realmente magnífica. Conservava o torso ereto, com uma postura elegante, caminhando sem afetação. Eu me comprazia em observá-la.

Notei que no bar Angela se dirigiu à senhora idosa que estava sentada atrás da caixa registradora. Muitos garçons atendiam os fregueses naquele local. Angela conversou um pouco com aquela senhora, que a ouviu com a máxima atenção. Depois marcou dois lugares no balcão e saiu para sentar-se bem no meio do bar.

Finalmente, concluído o empacotamento do meu dinheiro, apressei-me em ir para junto de Angela. Empurrei um banco para sentar-me ao seu lado no balcão. Quando ela chegou para postar-se ao meu lado, falei:

— O 13 nos deu felicidade!

Angela levantou o seu copo dizendo:

— Com este brinde proclamo o 13 o número da nossa felicidade!

— De pleno acordo!

— E também proclamo o dia 13 como o nosso dia natalício. Vamos comemorá-lo todos os meses daqui por diante!

Ela reparou a expressão do meu semblante e emendou:

— Talvez... no próximo mês você ainda esteja em Cannes no dia 13. Naturalmente você estava pensando quanta coisa pode acontecer-lhe no decurso de um mês, não é verdade?'

— Eu estava imaginando o que poderá acontecer em cada mês da minha existência a partir de agora, Angela.

— Não! Por favor, Robert, não pense em coisas desagradáveis. Nós estávamos tão alegres até há pouco...

— Bem... então quer dizer que tudo ficou novamente em ordem conosco agora?

— Em ordem?! Absolutamente não! — retrucou, tornando-se subitamente triste.

— Bebamos, então, à saúde daquilo que nós mais desejamos na vida. Não há necessidade de dizer o que é. Simplesmente bebamos à sua saúde. Não está bem assim?

— Sim, Robert, está bem! Você é tão gentil...

— E você é tão bela! Tão querida! Tão amável!

— Nada disso, por favor. Bebamos!

Bebemos.

Depois Angela disse ao chefe dos *barmen*, que se encontrava à sua frente:

— Aceita uma taça, Paul?

— Beberei, então, à saúde dos senhores.

Costumo dizer que os garçons e dirigentes de bares, com raras exceções, se mostram sempre gentis e amáveis. Paul era um dos mais gentis que conheci.

— À saúde dos senhores! Que todos os seus desejos se realizem plenamente!

— Paul — perguntei-lhe —, qual é sua marca de champanha preferida?

— Comtes de Champagne, de Taitinger.

— Permita-me, pois, que eu lhe presenteie uma garrafa dessa marca. Nós precisamos do seu augúrio de felicidades.

A senhora idosa que estava à caixa registradora subitamente começou a chorar. Paul dirigiu-se a ela apressadamente.

— Que foi que houve? — perguntei a Angela.

— Oh, nada... nada... Venha comigo, agora. Vamos dar uma espiada nos que estão jogando.

— Não! Quero saber por que essa senhora está chorando.

Paul voltou, postando-se novamente no lugar em que estava, e fitou Angela com um certo acanhamento.

— Paul, que há com a senhora da caixa registradora?

— Não lhe diga nada! — ordenou Angela.

— Diga, sim, Paul — insisti.

— Então vou sair daqui de perto! — disse Angela.

— Eu também sairei sem demora.

Ela, de fato, se retirou.

— Então, Paul... Que foi que houve?

— *Monsieur* — começou o chefe dos *barmen*, falando baixinho, como se ninguém mais a não ser eu devesse escutar as suas palavras —, *Madame* Lorand, nossa caixa, já é uma senhora muito idosa. Quantos anos o senhor calcula que ela tenha?

Lancei um olhar para *Madame* Lorand, que, sentada no seu banquinho junto à registradora, continuava chorando. Entretanto, mesmo com lágrimas nos olhos, ela me fez um aceno e sorriu.

— Ela deve ter um pouco mais de sessenta anos.

— Ela já anda beirando a casa dos oitenta!

— Não! Não pode ser! — exclamei, admirado.

— É como estou lhe dizendo, *monsieur*. E ela também trabalha aqui enquanto o cassino funciona durante o inverno. Depois que o cassino fecha e o Palm Beach, que é o cassino de verão, inicia suas atividades... o que se dará no próximo mês... então vamos todos, toda a equipe, para Deauville. Todos os anos é assim. Evidentemente *Madame* Lorand nos acompanha sempre. Apesar dos seus oitenta anos, ela fica sentada atrás da caixa registradora diariamente até quase as três horas da madrugada. A direção do cassino permite que ela continue trabalhando. Neste ponto o cassino não lhe tira o amparo social. Se ela trabalhar mais um ano conseguirá as maiores vantagens que um funcionário da sua categoria pode obter. Ela possui uma casinha aqui em Cannes. Mas é uma casinha miserável, que não dispõe de calefação, como bem sei. E aqui o inverno é quase sempre muito rigoroso. *Madame* Lorand sofre muito com o frio. Mas agora *Madame* Delpierre deu-lhe o dinheiro necessário para instalar o aquecimento na sua casa. Mas, por lavor, *monsieur*, não comente com ninguém o que lhe contei.

— Pode ficar tranquilo! Não direi nada a ninguém. Ofereça também a *Madame* Lorand uma taça de champanha.

— Ela prefere tomar cerveja.

— Ofereça-lhe cerveja, então.

Lancei meu olhar para Angela. Ela ficara me observando de longe. Quando percebeu que eu estava olhando, bateu enraivecida com o sapato sobre o tapete e virou-se para o outro lado.

Apressei-me em ir para junto dela.

— Angela...

Mais uma vez ela virou-me as costas, dizendo-me:

— Eu lhe pedi insistentemente que não perguntasse nada a Paul...

— Você é maravilhosa, Angela!

— Não sou maravilhosa nada!... E você também não é gentil... Você não é nada gentil... Eu me havia enganado com você.

— Então ambos nos enganamos.

Ela virou-se para mim e sorriu. Mais uma vez senti meu coração palpitar aceleradamente, quando nossos olhares se cruzaram. Ficamos nos fitando durante alguns segundos, parecendo que nenhum de nós se dispunha a despregar o olhar ...

Agarrei a mão dela e beijei.

— Embora eu também tenha ganho tanto assim...

Ela interrompeu logo a frase. Com uma voz que soava como se tivesse levado um susto inesperado, perguntou-me apontando para o chão:

— Mas que significa isso, Santo Deus?!

Diante de Angela estava ajoelhado Kilwood, *exemplarmente* embriagado, tentando morder o seu vestido. Como que balbuciando, ele dizia:

— Oh, mulher! A mais maravilhosa entre todas, minha princesa, deixe-me beijar a bainha do seu vestido... Só a bainha... Um beijo, pelo menos... Eu sou um beberrão, um criminoso... E você é tão formosa, minha princesa...

— Trate de retirar-se daqui, e deixe-a em paz! — disse-lhe eu.

— Distinto senhor, tenha compaixão de um cachorro sarnento...

Ele não parava de comprimir o pano do vestido contra seus lábios. Dei-lhe, bem de leve, um pontapé. Perdeu o equilíbrio, caindo para trás, e me fitou, demonstrando perfídia nos olhos umedecidos.

— Desapareça daqui! — ordenei-lhe alteando a voz. — E imediatamente! Solte esse vestido! Solte! Solte logo, senão vai se arrepender!

Ele se levantou, vacilando.

— Que *gentleman*! — grunhiu ele. — Que intrépido cavalheiro!

Dali, sempre cambaleando, dirigiu-se a uma das mesas de jogo.

— Ele perdeu o juízo — disse Angela, tomada de pasmo.

— Venha comigo! — disse eu. — Agora quero ver e ouvir tudo o que esse sujeito diz e faz.

Fomos então para perto de Kilwood, eu sempre segurando o meu pacote de dinheiro.

Kilwood se postara atrás de Thorwell, cujos ombros ele alisava. Ouvi-o dizer ao seu amigo:

— Aceite as minhas reverências, Alteza Real! Ó grande senhor, Vossa Alteza é um amigo dos homens. Sempre tão generoso... Sempre tão modesto... Sinto-me deveras feliz por ter Vossa Alteza como amigo...

— Deixe de dizer besteiras e desapareça daqui imediatamente! — rosnou Thorwell, enfurecido.

Kilwood então, caminhando quase aos trambolhões, foi IMira perto de Trabaud, que, não muito longe dali, permanecia de pé, atrás dos jogadores que estavam sentados.

Ele disse a Trabaud:

— Você também é um *gentleman*, um cidadão fino, o meu melhor amigo...

Tentou beijar a face de Trabaud, que, com rapidez, se retirou daquele lugar.

Sempre cambaleando, Kilwood foi parar perto da mesa em que estava sentada Bianca Fabiani, abraçando-a e dando-lhe um beijo no pescoço. Ela não se conteve e soltou um grito histérico... Kilwood passava a mão pelo seu decote, enquanto dizia com uma voz surpreendentemente clara:

— Oh, a mais bela de todas as mulheres do mundo! Maravilhosa criaturinha! Como me sinto feliz em poder dizer que sou seu amigo!

— Retire-se daqui imediatamente! — gritou Bianca, indignada.

Depois, gritando mais forte ainda, chamou o marido, que veio logo em seguida, deixando a mesa do outro lado, onde estava jogando.

Giacomo Fabiani agarrou Kilwood pela gola do *smoking*. Entre os jogadores surgiu um verdadeiro alvoroço.

— Que é que esse sujeito estava fazendo?

— Oh, nada, nada, meu soberano!

A voz de Kilwood, de um momento para outro, tornou-se cínica e seus olhos relampejaram cheios de malícia. Ele tinha a boca torcida num sorriso diabólico.

— Não estou fazendo nada... Eu respeito todas essas magníficas criaturas... E você está zangado comigo por causa disso? Vocês todos são criaturas magníficas. Vocês são a nata da sociedade, *la crème de la crème*...

Ele engoliu a saliva. Vendo que se aproximavam Athanasios e Melina Tenedos, dirigiu-se a eles, sempre cheio de malícia:

— Distintíssimos senhores! Vocês também são meus amigos... Os meus amigos mais queridos... Realmente vocês são umas criaturas maravilhosas!

Dando umas palmadinhas, ele acariciou a face de Tenedos e inclinou-se tão profundamente diante de Melina que quase caiu no chão.

— Oh, meus distintos senhores, como me sinto feliz por encontrar-me no meio de vocês!

Inesperadamente avançou em direção a Melina e deu-lhe um beijo bem na boca.

— Eu tinha que fazer isso, ó magnífica dama, a mais brilhante e valiosa peça da nossa coleção!

A essa altura havia parado completamente o movimento daquela mesa de jogo, perto da qual se encontrava Kilwood. Todos os jogadores presenciavam a cena em silêncio.

Nisso notei que alguns homens vinham se aproximando rapidamente do local. Certamente eram os comissários de polícia. Kilwood aparentemente não observava nada. Bruscamente irrompeu em choro e começou a dizer:

— Vocês todos são maravilhosos. Vocês todos são dignos e sem mácula. Eu... eu sou um verdadeiro idiota, um velho imbecil... um porco bêbado...

Senti que Angela agarrava minha mão.

— Eu sou um criminoso!

— Contenha-se, maluco bobalhão! — disse-lhe Tenedos, falando

baixo, mas com um olhar ameaçador.

— Conter-me?! Como posso conter-me neste círculo de distintíssimos cidadãos que podem andar de cabeça erguida e que de noite conseguem dormir um sono tranquilo? Eu... eu sou a imundície das imundícies, o tipo mais ordinário e mais baixo... Eu...

Prendeu um pouco a respiração e bruscamente gritou como um louco:

— Eu sou um assassino!

Nas diversas mesas os jogadores se levantaram. O movimento paralisou-se por completo. Todo mundo observava John Kilwood. Os círculos formados sob os olhos, através dos quais escorriam suas lágrimas de bêbado, escureceram. Sua face inchada começou a adquirir a tonalidade violeta. Ele oscilava constantemente, mas suas pernas ainda o sustinham de pé.

Suas palavras, pronunciadas em francês, ecoaram pela sala:

— Assassino! Sim, assassino!

Com o semblante denotando agora falsidade e malícia, prosseguiu:

— Não somente eu! As divertidas princesas, os honrados cidadãos, a nossa distintíssima sociedade, todos nós somos assassinos! Todos! Assassinos!

Notei que também Trabaud e Seeberg se dirigiram para perto dele. O comissário já estava postado à sua frente. I le empurrou todos para os lados e depois encarou-me grilando:

— Esses nobres senhores que me cercam, bem como eu próprio, o bêbado imbecil, que nos encontramos aqui na sua presença, *Monsieur* Lucas, somos todos assassinos... Sim, assassinos!....

— Santo Deus! Que será que houve com ele? — perguntou Angela, profundamente chocada.

— Bem que eu gostaria de saber — respondi-lhe.

Observei, também, que todos os indivíduos do seu círculo o cercavam, com exceção de José Sargantana, que permanecia afastado, sentado numa cadeira de espaldar, fumando e observando tudo calmamente. Não fez sequer menção de se aproximar de Kilwood. Os outros faziam tentativas para

acalmá-lo, falando um após outro:

— Cale a boca, John!

— Bêbado idiota!

— Não há nenhum motivo para alvoroço, meus senhores. Este homem está simplesmente embriagado.

— Sim, estou embriagado, está certo! Exatamente como está certo que todos nós somos assassinos. Nós todos, iodos, todos. — Kilwood já estava gritando.

Sentia-me estarrecido. Muito embora aquele salão estivesse quente, perpassou-me pelo corpo um verdadeiro calafrio. Parecia-me estar vendo e ouvindo Hilde Hellmann, em sua cama, naquele palacete semelhante a um castelo de fantasmas, toda ornada de jóias, completamente doida. Doida? Eu tinha a impressão de estar ouvindo a sua voz: "Não faça essa cara de inocente! Não procure dissimular! O senhor bem sabe que foram todos eles juntos que o mataram... "

Ate que ponto se poderia afirmar que Hilde Hellmann estivesse louca e que John Kilwood estivesse embriagado?

Tentei infiltrar-me no meio dos homens que seguravam Kilwood, puxando-o para retirá-lo dali. Comecei a dizer-lhe:

— Um momento, Mr. Kilwood, preste atenção...

Entretanto, Tenedos, com brutalidade, empurrou-me para o lado, exclamando:

— Retire-se daqui, homem!

Vacilei e dei um encontrão num dos comissários, batendo-lhe no braço.

— Nada de escândalo, por favor, *monsieur* — disse-me ele em voz baixa. — O homem está embriagado e deve ser retirado do salão imediatamente.

Tenedos e Thorwell agarraram Kilwood pelas axilas.

— Vamos embora... Depressa... Venha conosco, John...

— Você está bêbado!

— E daí? Estou bêbado, mas estou dizendo a verdade! Tudo começou com aquele argelino de La Bocca...

Os homens puxavam e empurravam Kilwood, que já estava perdendo o equilíbrio. As lágrimas escorriam pelo seu rosto e caíam sobre o tapete.

Tenedos e Thorwell, levando-o a reboque, arrastaram Kilwood através do salão, passando no meio dos jogadores espantados e dos crupiês aborrecidos.

Será que a câmera de televisão instalada no teto não teria focado essas cenas?, pensei comigo mesmo. Não seria importante que eu anotasse tudo o que presenciei e ouvi?

Os comissários, dando-se as mãos, passaram a formar, agora, um cinturão em torno de Kilwood.

Os crupiês voltaram para suas mesas e fizeram soar suas vozes:

— *Faites vos jeux, mesdames et messiears!*

— *Faites vos jeux!*

Na porta de saída o grupo dissolveu-se. O italiano baixote, com aparência de maluco, que fabricava locomotivas, parou à minha frente, dizendo-me umas palavras em voz alta.

— Que foi que ele disse? — perguntou-me Angela.

— Ele me disse que agora vai apostar no número 23. ·

:— Por quê?

— Porque houve lágrimas. Quando brotam lágrimas, 23 é o número que deve ser jogado.

Interroguei Angela:

— Que você acha de todas essas cenas? Que significa a expressão: "Nós todos somos assassinos"?

— Os homens são realmente esquisitos — respondeu-me Angela. Observando de longe, vi Trabaud falando com um dos comissários. — É bem provável que um terrível sentimento de culpa esteja martirizando Kilwood. E ele, por isso, expressa seu tormento dessa maneira pavorosa. Meu açougueiro em La Californie é um indivíduo muito religioso. Você sabe o que ele faz? Ele costuma brandir o machado sobre a cabeça do animal que ele quer abater, cantando sempre um hino sacro. Tive a oportunidade de presenciar isso outra vez. Ele rebentou a cabeça de um cordeiro enquanto cantava: "Bendito seja o cordeiro". Neste mundo há de Indo.

— Que é La Bocca, Angela?

— É um pequeno bairro de Cannes. Fica pelas bandas do porto antigo, na direção oeste.

— Há muitos argelinos lá?

— Oh, sim. Trata-se de uma região com casas um tanto rústicas e grosseiras. Ali moram pequenos funcionários dos Correios, pessoas que vivem de parcos rendimentos, argelinos ...

— Kilwood disse: "Tudo começou com esse argelino que mora em La Bocca... "

Inopinadamente, o italiano começou a berrar e a dançar, parecendo ter ficado mais doido do que nunca. Ele havia jogado no número 23 porque, *quando brotam lágrimas,* o 23 é que deve ser jogado. E não é que na sua mesa deu o 23!

Estávamos nos dirigindo para casa.

Eram duas horas da madrugada.

Como sempre, era Angela que dirigia.

Para seguir até sua residência, era preciso subir um determinado caminho estreito. Em poucos minutos, aproximamo-nos dos trilhos da via férrea. A cancela, na passagem, estava baixada. Angela buzinou. Em seguida, numa guarita que ficava ao lado da estrada, um homem girou uma roda. A cancela levantou-se.

— Essa cancela fica sempre fechada à noite. A gente tem que buzinar — explicou-me Angela. — Só assim não há perigo de acontecer algum desastre, mesmo que o vigia esteja dormindo.

Depois de termos subido aquela encosta íngreme, à luz dos faróis do carro, passei a ver muitas palmeiras e ciprestes nos jardins daquelas *villa*s localizadas nos contornos da estrada. A própria claridade do luar as iluminava. Eu segurava, apoiado sobre os joelhos, o pacote com duzentos e trinta e cinco mil francos.

Angela conduziu o carro para a garagem, onde o deixou. Nessa zona de maior altitude, o ar estava mais fresco. Surpreendeu-me o fato de não me sentir cansado.

Subi com Angela pelo elevador até o quarto andar.

No pequeno elevador, nossos corpos se tocaram mais uma vez. Ficamos nos olhando como que extáticos. Diante da porta do seu apartamento, Angela levou um bom tempo para encontrar a chave da porta na sua bolsinha. Depois que entramos, fiquei indeciso por alguns momentos: Angela pegou minha cabeça com ambas as mãos e beijou-me na face. Eu também a agarrei e, apertando-a fortemente contra meu corpo, comecei a beijá-la na boca. Ao agarrá-la, notei, através do vestido, todos os contornos das linhas do seu corpo... e ela deve ter percebido o meu estado de excitação. Inicialmente ela conservava os lábios comprimidos, mas subitamente abriu a boca, que estava macia e maravilhosa como nunca. Ela começou a gemer baixinho. Mas nesse momento, num impulso brusco, empurrou-me para trás.

— Não! — exclamou ela. — Não, Robert, meu querido Robert.

Por favor, acabe com isso. Eu não gostaria...

— Você não gostaria que acontecesse tão cedo o que fatalmente terá que acontecer, não é verdade?

Ela só me fitou, sem dizer nenhuma palavra.

— Então está bem — disse eu. — Amanhã antes do meio-dia terei alguns trabalhos para fazer. Irei de táxi a Port Canto. Encontrar-nos-emos depois no iate dos Trabaud.

— E será que você poderá localizar o iate?

— Qual é o nome?

— *Shalimar*.

— Sabendo o nome será fácil localizá-lo.

— Você tem calção de banho?

— Não.

— Vou comprar-lhe um. Levarei toalhas de banho e óleo para pele. Também vou levar um boné para você. O sol, no mar, é sempre muito forte.

— Nem sei — ponderei — se devo tirar a roupa para vestir o calção de banho... Vocês todos têm a pele morena, queimada pelo sol... E o meu corpo é completamente branco...

— E você sente vergonha por isso?! Nós todos tínhamos a pele bem branca antes. Não seja ridículo!

— Sou ridículo, não é verdade?

— Absolutamente não!

— Todo homem que começa a amar intensamente torna-se ridículo.

— Mas não você!... Pelo contrário, sempre se porta com muita seriedade. Você me fez lembrar agora de um compositor que residiu aqui em Cannes há alguns anos. Ele era muito conhecido em toda a França. Vivia

constantemente atormentado por escrúpulos e receios como você. Sempre dizia que se encontrava num dilema. Qualquer bagatela, para ele, fazia surgir um dilema. E sabe com que alcunha o povo o batizou?

— Qual? — perguntei, sentindo o suave odor da sua pele fresca.

— Dilema-Joe.

— Por que ele saiu de Cannes?

— Aqui ele encontrou o grande amor de sua vida: uma inulher! Ela curou a sua mania de dilema. Casaram-se e foram morar num país longínquo, nem sei bem onde... Ouvi dizer que eles vivem muito felizes.

— Boa noite, Angelà! — disse.

Ela me beijou mais uma vez na boca com muita ternura.

— Boa noite, Dilema-Joe! Vou telefonar para pedir-lhe um táxi. Tome cuidado para não se deixar enganar: daqui até o Majestic o motorista não pode cobrar mais do que doze francos pela corrida. Mesmo que ele exiba qualquer tabela, reaja e não pague mais do que essa quantia.

— Está bem, *madame*!

— Encontrar-nos-emos amanhã no *Shalimar*. Não se esqueça.

Feita essa recomendação, ela fechou a porta. Tomei o elevador e desci. O pacote de dinheiro balançava na minha mão de um lado para outro.

Dilema-Joe. Cômico, não é? Muito cômico, mesmo. Mas o fato é que eu me encontrava realmente num dilema: tinha uma esposa, andava doente, mas, para ser justo com Angela, devo dizer que ela não sabia nada disso. E, na minha obstinação, decidi que ela de forma alguma deveria tomar conhecimento desses fatos. Nunca?! De que modo poderia ocultar-lhe eternamente a verdade? Dilema-Joe. Realmente, uma situação muito cômica.

O táxi chegou. Ao atingirmos o leito da ferrovia, o carro teve que parar porque o portão da passagem estava fechado. Felizmente o vigia nos atendeu sem demora. O motorista, notando que eu era estrangeiro, depois que freou o carro em frente ao Majestic, começou a puxar do bolso uma tabela para calcular o preço da corrida, mas eu, tomando uma atitude até meio grosseira, disse-lhe que a corrida não custava mais de doze francos. Ouvi-o dizer qualquer coisa com relação a *estrangeiros sujos* logo que o carro começou a arrancar.

No hotel tomei um banho e atirei-me na cama ainda nu. Deitado, pareceu-me estar vendo Angela ao meu lado, também nua. Não demorou muito e minha imaginação voou para a contemplação da figura da minha mulher... Eu tinha a impressão de a estar vendo completamente nua também. Com isso fiquei tão nervoso que me levantei da cama e fui procurar minha carteira de cigarros. Não havia fumado durante todo o dia. Entretanto, ali no quarto, a essa hora, fumei três cigarros, um atrás do outro. Como um verdadeiro idiota passei a examinar atentamente os dedos do pé esquerdo.

Enfiei um roupão e fui sentar-me na sacada, onde fiquei contemplando a vista noturna da Croisette e o mar. Comecei, então, a meditar sobre meu futuro com Angela. Carros-pipas munidos de mangueiras lavavam as ruas, lançando água em fortes jatos. Fui ficando cada vez mais apreensivo e nervoso. Lá pelas quatro horas da madrugada não pude mais conter-me e resolvi telefonar para Angela. O telefone dela deu sinal de ocupado. Tentei outra vez: ocupado ainda. Depois de alguns segundos, disquei mais uma vez: continuava ocupado. Então desisti. Acendi outro cigarro e continuei sentado na sacada. De repente o telefone toca.

— Aqui é Lucas.

— Robert!

Era Angela. Ela falava como se estivesse esbaforida.

— Com quem você estava falando durante tanto tempo, Robert?

— Com ninguém.

— Mas o seu telefone nas vezes em que disquei estava sempre ocupado.

— Ora, era porque eu estava tentando ligar para você. Seu telefone também só dava sinal de ocupado.

Ouvi a risada dela.

— E dizer que eu insistia em ligar para você!

— Por quê?

— Porque eu... eu... tinha algo para dizer-lhe, Robert.

— O que é? — perguntei-lhe, ansioso.

— Muito obrigada!

— Obrigada por quê?

— Você já me enviou um cartãozinho...

— No qual está escrito: “Muito obrigado por nada”!

— Sim, isso mesmo. Deve fazer uns três dias... milhares de anos... uma eternidade que isso aconteceu... Mas agora quero realmente agradecer-lhe...

— Agradecer por quê? — insisti perguntando.

— Por você ter se comportado muito bem hoje quando nos despedimos... na hora de você sair daqui de casa.

— Que outra coisa me restava fazer senão ter um bom > omportamento?

— Oh, não fale assim! Não é bem como você está dizendo... E sei que você me compreendeu perfeitamente... Se tivesse insistido comigo... eu teria permitido que você passasse a noite aqui. E isso não teria sido nada bom...

— Realmente não teria sido nada bom — confirmei, |á sentindo voltarem ao meu espírito a paz e o sossego. — Você tem razão. Foi melhor assim.

— Claro! A coisa não deve pegar fogo muito ligeiro. Não há tanta pressa... Tem sido tão bela a nossa vida nesses poucos dias decorridos desde que nos conhecemos...

Deixemos a coisa prosseguir devagar para que tudo saia · erto. Não é assim que você também quer, Robert?

— É exatamente assim que eu quero.

— Você é inteligente. Você não é nenhum Dilema-Joe. Kcfleti bastante depois que você saiu. Certamente você também tem os seus problemas.

— E quem não os tem?

— Mas você os resolverá satisfatoriamente, Robert...

— Assim espero.

— Aproveito agora a mesma frase que você escreveu naquele cartãozinho e lhe digo: Muito obrigada por tudo! Você já jogou fora aquele cartão?

— Eu o trago sempre comigo na minha pasta de couro.

— Conserve-o sempre na sua pasta. Qualquer dia, mais Iarde, nós o leremos novamente e então teremos oportunidade de rememorar como foi que tudo começou...

— É verdade.

— Boa noite, Robert! Durma bem!

— E você também. Boa noite, Angela!

Coloquei o fone no gancho e desliguei a luz. Deixei aberta a porta de acesso à sacada. Os carros-pipas continuavam a lavar as pistas da Croisette. Eu ouvia o chiado característico dos jatos de água que eles lançavam.

O pequeno Louis Lacrosse e o corpulento Comissário Roussel da Polícia Técnica de Nice, com as espessas sobrancelhas pretas e os ondulados cabelos brancos, ouviam calados o relato que eu fazia. Explicava-lhes tudo o que ficara sabendo em Dusseldorf, através das informações que me foram prestadas pelo Diretor Ministerial Friese e pelo caçador de sonegadores de impostos, Kessler.

Enquanto eu falava, não parava de contemplar através da janela a Gare Maritime, onde as *vedettes* deslizavam sobre a água num vaivém contínuo. Eu observava, também, os pescadores que regressavam dos seus trabalhos da noite anterior, com os barcos bem limpos e as redes estendidas. Ao longe, alguns velhos, na sombra, estavam jogando *boule*. Seriam quando muito oito horas da manhã e a essa hora ainda não fazia muito calor em Cannes.

— Essa atitude de Kessler — comenta por fim Roussel — é, para mim, muito obscura. Ele nos deu uma versão dos fatos que está em flagrante contradição com o que você acabou de nos relatar.

— Talvez se trate de uma versão que ele deu com o intuito de despistar — ponderei. — A propósito, devo dizer-lhe que fui convidado por Trabaud para dar com ele, hoje, um passeio de iate pelo mar. Acompanhar-nos-ão, também, a senhora dele e *Madame* Delpierre. Talvez Trabaud me revele algo de importante que poderá servir para a elucidação desses pontos obscuros. Trabaud é um homem que me causou uma boa impressão. E Kessler encontra-se realmente aqui em Cannes?

— Sim, ele está de novo aqui. Já nos telefonou. Mas até o momento ainda não compareceu neste gabinete. Agora estamos aguardando a chegada do perito em finanças' que deverá vir de Paris. Kessler, ao que parece, deseja trabalhar entrosado com ele. Você não foi informado disso?

— Não. Mas essa informação, no nosso caso, não teria nenhuma importância. Conforme o combinado, eu e Kessler só procuraremos nos pôr em contato quando for terminantemente necessário. Do contrário, teremos que fingir que não nos conhecemos.

Tirei do bolso um envelope, entregando-o a Lacrosse.

— Que é isso? — perguntou ele.

— São as caligrafias que você me havia pedido.

— Oh, você já conseguiu todas? Que bom! Vou entrega-las imediatamente ao nosso grafólogo. Talvez... — Sua voz nesse ponto pareceu ter sumido por completo.

— O que você tem?

— O meu filhinho está com sarampo — respondeu-me Lacrosse.

— Normalmente todas as crianças têm sarampo — disse-lhe.

— Mas é uma doença que não deixa de ser perigosa.

— Ele tem um grande amor pela família — disse Koussel. — Não é verdade, Louis?

Calado, ele confirmou com um meneio de cabeça.

— E você não ama sua família? — perguntei ao comissário.

— Eu não tenho família. Vivo só. É a melhor coisa que um homem pode fazer. Não amando ninguém, não corro o perigo de passar por sofrimentos...

— Mas também não terá felicidade em sua vida — disse, interrompendo-o.

— Apenas alguns diminutos períodos de felicidade é ludo quanto se pode conseguir na vida — prosseguiu o comissário. — E mesmo assim nem sempre. Quando preciso de alguns momentos de felicidade, procuro meter na cabeça, sugestionando-me, a ideia de que estou feliz com alguma coisa... Mas sei perfeitamente que tudo não passa de mera suposição. Portanto, não tenho motivos para ficar aborrecido depois que esses momentos de suposta felicidade passam. Mas, voltando ao nosso assunto, devo dizer-lhe que eu e meu pessoal teremos que permanecer aqui em Cannes até que se esclareça o assassinato de Viale. Nosso alojamento aqui, por enquanto, é o Comissariado Central.

As redes úmidas dos pescadores luziam, refletindo a luz daquele sol matinal.

Eu vestia, nesse dia, uma camisa esporte branca e uma calça igualmente branca. Brancos eram, também, os meus sapatos. Trazia comigo a pasta de couro que Angela me presenteara. Vindo do antigo porto, eu descia a passos lentos a Croisette. Passei em frente ao meu hotel e fui direto à filial da Joalheria Van Cleef & Arpeis.

Desde o momento em que ganhara aquela enorme quantia no cassino, já sabia o que devia fazer com o dinheiro.

A loja de Van Cleef não era muito ampla, mas tinha ar-condicionado e estava arrumada com ótimo gosto. Um homem muito mais jovem do que eu, trajando calça branca com camisa azul e usando um cinto de couro de crocodilo e sapatos azuis, apressou-se em vir me atender. Ele tinha uma ótima aparência. Quando sorria, a gente também tinha que sorrir. Até então eu nunca tinha visto um indivíduo assim.

Expliquei-lhe que estava interessado na compra de um par de brincos de brilhantes que se encontrava exposto na vitrina. Ele saiu da loja comigo e, em frente à vitrina, mostrei-lhe os tais brincos, os quais, naquele dia em que fomos almoçar no Félix, Angela contemplara como que embevecida. Sem dar demonstração alguma, eu havia observado o seu enlevo ao admirar a preciosa jóia.

— Ali estão os brincos! — disse, apontando para dentro da vitrina.

Então entramos novamente na loja e ele tirou os brincos do lugar em que estavam expostos.

Eu lhe disse meu nome e ele me disse o seu. Ele era o gerente dessa filial da Van Cleef & Arpeis e chamava-se Jean Quémard. Vinda do escritório, que se encontrava nos fundos, apareceu no salão da loja uma mulher loura, que Jean Quémard me apresentou.

Madame Quémard era tão simpática e amável como seu marido. Seu nome era Monique.

— Escute, *Monsieur* Quémard, eu gostaria de saber se uma determinada dama já esteve aqui indagando sobre esta jóia e demonstrando desejo de adquiri-la.

— Isso talvez eu não deva e não possa declarar-lhe — ponderou-

me ele sorrindo.

— O senhor pode declarar-me, sim. Trata-se de *Madame* Delpierre.

— Oh, *Madame* Delpierre!

Ela era muito conhecida também nessa joalheria. Evidentemente era o que eu supunha ao mencionar seu nome. Com toda a probabilidade ela havia adquirido ali as suas jóias ou, pelo menos, grande parte delas. Quémard prosseguiu:

— Sim, *monsieur*, *Madame* Delpierre entrou certa vez nesta joalheria e pediu-me que lhe mostrasse esses brincos. Ela gostou imensamente deles.

— Eu sei — respondi-lhe.

— Esses brincos são os mesmos... quero dizer, são do mesmo tipo de confecção daqueles que usava Martine Carol, ,i ..iiidosa artista cinematográfica — disse *Madame* Quémard.

Quémard consultou um catálogo.

— Cento e quinze mil francos, *Monsieur* Lucas.

E *Madame* Quémard emendou:

— O senhor é estrangeiro. Caso pretenda exportar essa jóia, declarando seu valor no posto alfandegário da fronteira, o senhor fica isento do imposto incidente. Em tal hipótese, o custo dela será vinte por cento mais barato.

— Não quero levá-la para fora do país — disse, sentindo-me um pouco tonto ao refletir sobre a enorme quantia que devia desembolsar. Mas não era o dinheiro da rolei a? Eu não o havia ganho apostando no 13, o nosso número da felicidade?

— Evidentemente o senhor deseja um certificado de qualidade, com a fotografia da jóia e contendo a sua fiel e minuciosa descrição. Tal documento servirá para segurá-la em qualquer companhia. Para onde devemos remeter isso?

— Para o Majestic. Os brincos, eu gostaria de levá-los comigo imediatamente.

Madame Quémard saiu a fim de providenciar um finíssimo estojo e fazer o pacotinho. Abri a pasta de couro e paguei os cento e quinze mil francos a Quémard, gastando, assim, parte do dinheiro que ganhara na roleta. Sobraram-me ainda cento e dezenove mil francos. Quémard contou as notas de quinhentos francos que se achavam atadas em marinhos de dez notas cada um. *Madame* Quémard entregou-me o estojo num lindo pacote feito com papel azul-escuro, todo salpicado de estrelinhas douradas e devidamente lacrado, línfiei-o na minha pasta de couro.

— Agora será muito difícil explicar a *Madame* Delpierre que esses brincos já foram vendidos... — disse Quémard.

— Mas eu os comprei precisamente para presenteá-los a *Madame* Delpierre — disse, e logo em seguida me dei conta (mas já tarde demais) de que tal declaração poderia ser comprometedora.

— Evidentemente... Eu já havia percebido, *Monsieur* bucas... Perdoe-me essa brincadeira tola — disse Quémard.

— O senhor vai fazer *Madame* Delpierre muito feliz com esse presente — emendou *Madame* Quémard.

— Será uma grande satisfação para mim — respondi-lhe.

— Agradecemos pela preferência que o senhor nos deu, *monsieur* — disse-me Quémard, que, com sua mulher, me acompanhou até a porta.

— O senhor deve agradecer ao cassino — retruquei-lhe.

Depois que saí da loja, tudo o que via lá fora me parecia completamente irreal. Em frente ao Félix, no lado oposto da rua, encontrava-se um jovem pintor, que exibia os seus quadros pendurados entre os ramos de palmeiras. Era exatamente o mesmo artista que havíamos observado quando almoçamos no Félix e que, consoante afirmação de Angela, nunca era bafejado pela sorte. Aproximei-me dele e dei-lhe quinhentos francos. Ele julgou que eu tivesse cometido um engano e recusou-se a pegar o dinheiro, pois não havia comprado nenhum dos seus quadros.

— Não importa, pegue o dinheiro — insisti. — Você já almoçou hoje?

Constrangido, ele meneou a cabeça negativamente.

— Então vá depressa almoçar. Você precisa comer. Agora, durante alguns dias, faça regularmente as suas refeições. Ninguém pode sentir-se feliz com o estômago vazio.

— Agradeço-lhe muito, *monsieur*. Um caso desses nunca me aconteceu.

— A mim também nunca aconteceu — respondi-lhe.

Lançando meus olhos para o mar, notei que os destróieres americanos haviam levantado âncora durante a noite.

José Sargantana recitava um trecho, expressando-se no deficiente alemão que havia aprendido no colégio:

— "Quando o rinoceronte, tão malvado na sua sanha assassina, quer te comer, procura salvar-te a tempo trepando na árvore mais próxima. Do contrário, terás muitos dissabores." Eu aprendi o trecho todo. Aliás, ainda o sei de cor. Wilhelm Busch. É um autor que sempre me causou admiração.

— E o senhor, agora, quer trepar em alguma árvore próxima? — perguntei.

— É claro — respondeu-me ele, voltando a falar em francês. — É o que tenho a fazer. Odeio dissabores.

Faltavam quinze minutos para as dez e eu já me encontrava no portentoso gabinete de trabalho do magnata argentino de carnes em conserva, na Résidence Bellevue, localizada na Avenue du Prince de Galles, no bairro La Peyrière.

Tratava-se de uma das mais belas e caras mansões de Cannes. A Résídence Bellevue era cercada por um magnífico parque coberto de palmeiras, ciprestes e pinheiros europeus. Viam-, se ali diversas piscinas gigantescas. Era sem dúvida a maior mansão da cidade.

Esse homem, com um aspecto que facilmente se podia classificar de rude e que me fazia evocar a figura típica do gaúcho, esse homem, que outrora (assim se podia imaginar) conduzira, trabalhando como peão de estância, enormes rebanhos de bois através das vastas planícies da sua terra natal, já fazia muito tempo que havia começado o seu trabalho, quando ali cheguei.

Fui recebido por um criado, que me conduziu ao seu secretário particular. Este levou-me para uma espécie de sala de espera contígua ao escritório do homem, onde me fez sentar. Não demorou muito e Sargantana surgiu à minha frente.

Observei atentamente e vi cinco moças sentadas às suas mesas, todas muito ocupadas — datilografando correspondência, telefonando ou lidando com a máquina de telex.

— O senhor tem um amplo escritório aqui — disse-lhe, perplexo.

— São dois salões. Nos fundos deste ainda se encontra outro, com sete secretárias. Em toda parte, tenho meu escritório próprio. Sou obrigado a trabalhar em toda parte e devo, portanto, propiciar meios para facilitar qualquer comunicação comigo. Mas acompanhe-me, quero mostrar-lhe os aposentos. Não todos, pois minha senhora ainda está dormindo. Ela precisa dormir bastante.

Então esse homem de rosto moreno queimado pelo sol, de olhos aguçados que piscavam com muita frequênria, conduziu-me através da sua mansão.

Sargantana, vestindo só calça e camisa, estava descalço. Explicou-me que, propriamente falando, eram três residências de dois andares o que ele estava me mostrando. Ele comprara as três, fundindo-as numa única:

— Cada residência dispunha de nove quartos. Custaram-me cerca de cento e setenta mil dólares. Minhas transações se efetuam preferentemente em dólares. E foi em dólares que paguei. — Era de se imaginar, pensei com meus botões. — E esta quantia corresponde apenas a parte dos gastos, pois, sendo os apartamentos de dois andares, tive de mandar construir escadas e elevadores próprios para cada um deles. Também mandei demolir as paredes e retirar as colunas e escoras existentes, a fim de conseguir maior espaço para os aposentos sociais, que ficaram bem amplos.

Conduziu-me através de todos os aposentos. A biblioteca e a sala de recepção (onde se podiam servir refeições) eram certamente de dez a quinze vezes maiores do que as salas desse tipo que existem normalmente em todos os apartamentos. Podia-se dizer que a sala de estar de qualquer burguês abastado correspondia, na mansão de Sargantana, a uma simples sala de vestir, com armários embutidos e espelhos.

Sargantana explicou-me, orgulhoso, que todos os pisos eram de mármore de Carrara, bem como os azulejos e as banheiras dos banheiros. Mostrou-me um deles. As torneiras e as guarnições de ferro haviam sido substituídas por outras de ouro puro. De resto, tudo ali se encontrava bem arrumado e com muito bom gosto. Predominavam os móveis de estilo antigo, e pelos soalhos estendiam-se valiosíssimos tapetes. As janelas tinham as mesmas dimensões das paredes exteriores: três metros de altura por até quinze metros de comprimento. E evidentemente não faltavam ali as instalações adequadas para refrigeração e calefação do ambiente. Todas as salas de recepção e de trabalho se encontravam no pavimento térreo, e era no primeiro andar que ficavam os quartos privativos da família de Sargantana, precisamente onde Maria continuava dormindo. Das janelas podia-se contemplar o mar.

— Quantas peças tem essa mansão? — perguntei-lhe.

— Vinte e duas! — respondeu-me com a satisfação própria de uma criança à qual se dá um presentinho bonito. — Eu preciso de muito espaço. Em Buenos Aires possuímos uma *villa* com trinta e dois quartos. Bem... voltemos, agora, ao meu gabinete.

Seu gabinete achava-se localizado entre os dois escritórios onde trabalhavam suas secretárias e era pintado de verde-escuro, em contraste com o castanho-escuro dos móveis. A imponente escrivaninha estava completamente vazia. Sobre ela encontrava-se apenas um aparelho de telefone, certamente com extensões para as diversas salas.

Logo que entrei, levantou-se um homem, que, sentado numa cadeira em frente à escrivaninha, aguardava a chegada de Sargantana. Era um indivíduo de boa estatura, com cabelos louros bem ralos e que tinha uma cicatriz no lado esquerdo da testa. Esse homem era Otto Kessler, o caçador de sonegadores de impostos, de Bonn.

— Que surpresa agradável! — exclamei.

— Também me alegro. — Kessler era um homem sem inclinação para a ironia. — Pretendia telefonar-lhe para saber se você fez algum progresso nas suas sindicâncias. Teríamos, então, que marcar um encontro em qualquer lugar.

— Espero que os senhores não discutam aqui as suas sindicâncias — disse Sargantana, que estava sentado atrás da escrivaninha, sob um quadro de Monet, que eu conhecia através de um livro de arte. — Pedi ao Sr. Kessler que também comparecesse aqui esta manhã porque tenho um assunto a tratar com ele e porque tudo o que vou declarar é interessante para ambos.

— Hoje estou convidado para dar um passeio de iate com *Monsieur* Trabaud — disse dirigindo-me a Kessler. — Mas já estive conversando com Lacrosse e lhe comuniquei tudo o que fiquei sabendo.

— Então irei até lá depois — disse-me Kessler, que me dava a estranha impressão de estar completamente distraído, com a mente bem longe. — Obtive do Senor Sargantana a maior parte das informações relacionadas com a Kood, da Floresta Negra, e com as transações em libras esterlinas efetuadas por Mr. Kilwood e o Sr. Hellmann, conforme o relato que lhe fiz em Dusseldorf. Como é óbvio, examinei cuidadosamente uma por uma todas essas informações a fim de comprovar sua autenticidade. Fiz isso não por desconfiar da sua pessoa, Senor Sargantana, mas simplesmente porque era do meu dever proceder assim.

— Evidentemente. Eu mesmo não me esquivei de dar-lhe todas as referências necessárias — disse o argentino.

— De resto, Kilwood ontem à noite tomou mais um daqueles seus terríveis pileques — disse Kessler.

— Sim, foi lá no cassino — disse eu, com o simples intuito de corroborar suas palavras.

— Foi o que ouvi dizer. Um dos comissários que trabalham naquele local é meu amigo. Conforme ele contou, Kilwood fez uma cena desagradável. Quem foi que o levou para casa?

— Fabiani e Tenedos — disse o argentino. — Mas se os senhores pensam que foi só lá que ele fez uma cena desagradável, enganam-se

redondamente. Antes de sairmos para a recepção dos Trabaud, Maria e eu, Kilwood esteve aqui, já completamente embriagado. Não parava de dizer que ele tinha necessidade de me contar tudo o quanto antes, que era a mim que ele conhecia melhor e que já não mais podia suportar...

— Suportar o quê? — interroguei.

— A culpa. A terrível culpa que o atormentava.

— Mas que culpa?

— Pela morte de Hellmann — respondeu-me José Sargantana.

Foi depois dessa conversa que ele começou a recitar o trecho do poema do rinoceronte.

— E o senhor agora quer trepar na árvore mais próxima para salvar-se? — perguntei.

— É claro — respondeu-me José Sargantana. — É o que tenho que fazer. Odeio os dissabores.

Depois, voltando-se para Kessler, prosseguiu:

— Já lhe disse tudo o que suspeitava. O senhor mesmo comprovou o acerto das minhas suspeitas. Contei-lhe também que Kilwood é um beberrão perigoso. Pela maneira como vem se comportando nos últimos dias, não se pode mais dizer que ele bebe simplesmente por prazer. É muito mais do que isso o que ele faz. O senhor mesmo presenciou o comportamento dele ontem à noite — disse Sargantana dirigindo-se a mim com um movimento de cabeça. — Se os senhores acenderem um fósforo nas suas ventas, ele é capaz de explodir. — Sargantana frequentemente esfregava o queixo enquanto falava. — E, agora, não é muito fácil alcançar alguma árvore para trepar. Como estão as coisas, poderá surgir a qualquer momento um verdadeiro escândalo, seja lá qual for a minha atitude. Não somente eu era amigo de Kilwood, como também mantinha com ele, como aliás ainda mantenho, negócios em comum. Contudo, em qualquer hipótese, a verdade será descoberta. Kilwood se encontra dominado pela incontrolável ânsia de querer confessar tudo. Eu diria mesmo que ele se acha impelido por um furioso e incontido desejo de fazer sua confissão. Ontem mesmo, quando esteve aqui, não falava de outra coisa. Primeiro, manifestou o desejo de se dirigir diretamente à polícia. Mas eu lhe tirei essa ideia da cabeça.

— Por quê?

— Como lhe disse, gostaria de estar trepado numa árvore. Sinceramente, só assim poderia me sentir seguro quando o rinoceronte, isto é, a lei, a justiça ou seja lá o que for, aproximar de mim para me comer. Pensei então comigo mesmo: Vou *vomitar*, vou entregar aos senhores o que consegui captar de KiKvood através das suas próprias palavras. Julguei que de forma alguma deveria me pôr em contato direto com a polícia. Isso é só para... — Ele demonstrou neste ponto da conversa um visível constrangimento, e, pela primeira vez desde que o conheci, pareceu-me uma figura simpática. — Quando um homem da minha posição se vê envolvido numa tramóia dessas, forçosamente tem que se valer dc amigos, de homens que lhe possam servir de intermediário, de modo a ficar sempre relegado a segundo plano, li tanto quanto me for possível, envidarei todos os esforços para ficar em segundo plano. Os senhores

poderão se comunicar com a polícia francesa, prevenindo-a de antemão sobre o que poderá acontecer. Poderão tranquilamente declarar à polícia que telefonei para os senhores a fim de comunicar-lhes tais ocorrências. Os superiores hierárquicos desse *Monsieur* Lacrosse seguramente compreenderão. Entre minhas organizações industriais e o governo francês, atualmente estão em curso negociações de vulto. A França vai fazer investimentos na Argentina. Preciso dar maiores explicações?

Kessler e eu meneamos negativamente a cabeça. Pensei: "Só assim se poderá começar a fazer algo, mexendo desde logo no círculo social dessa gente". Kessler não demonstrou o mínimo resquício de surpresa. Parecia até que já havia sido inteirado previamente dessas informações de Sargantana.

— E então? — interrogou Kessler.

— Como já lhes disse, Kilwood esteve aqui. Não parava de chorar. Eu o trouxe exatamente a este gabinete. Ele só tinha uma ideia fixa: fazer o quanto antes sua confissão! Ele teve mesmo uma ideia, que julgou formidável: convocar a imprensa internacional! Fazer isso seria a última coisa que me passaria pela mente. E creio mesmo que uma ideia dessas não brotaria da cachola de ninguém. Funcionário algum lá do seu ministério, Sr. Kessler, seria capaz de imaginar isso.

Kessler, calado, balançou a cabeça. Ele trajava uma roupa tropical e calçava sandálias.

— Mas, afinal, que foi mesmo que disse Kilwood? — perguntei.

Sargantana comprimiu, na sua imponente escrivaninha, um botão, e imediatamente um compartimento com o formato de uma prateleira, contendo um gravador de som, saltou para cima. De uma das gavetas tirou uns papéis — o original acompanhado de diversas cópias, que passou às nossas mãos.

— Inicialmente, para acalmar Kilwood, eu lhe disse que ele devia falar gravando sua voz na fita magnética. Depois, então, transcrevi tudo o que ele havia declarado. Eu mesmo datilografei — e os senhores terão que me desculpar os erros de datilografia, pois de forma alguma eu poderia me valer do serviço de uma secretária para tal fim. Depois que lhe prometi entregar tudo à polícia (os papéis e a fita gravada), ele assinou o original, bem como as respectivas cópias.

— Por que não se dirigiu ele próprio à polícia? — interroguei.

— Sentia-se muito acovardado. Ele queria fazer essa confissão e

depois suicidar-se. O homem, na verdade, se acha quase à beira do *delirium tremens*. Em todo caso, já falou ontem à noite aqui mesmo neste gabinete, e os senhores podem acompanhar suas palavras confrontando-as com o que se acha transcrito nesses papéis.

Sargantana ligou o gravador para reproduzir a voz de Kilwood.

"Aqui é John Kilwood que... que... está falando... E o que eu digo é... é... é uma confissão... Eu declaro sob juramento solene que fui eu quem . . quem... forçou José Sargantana... (besteira minha)... quem forçou Herbert Hellmann a praticar o suicídio.

O gravador rodava. A voz de Kilwood, bêbado, soava através do gabinete. Eu e Kessler, lendo, acompanhávamos suas palavras. Lá fora, o verdejante parque parecia luzir com a policromia das mais variadas flores e o sol brilhava lançando seus raios através de um lindo céu sobre o mar de águas azuladas.

"Eu tra... tra... trabalhei durante muitos anos com Hellmann... Sim... ele era... era o meu banqueiro... Nós tínhamos na... na Alemanha... a Kood. E durante anos fizemos nossas negociatas e tram... tram... trambiques... correndo tudo muito bem..."

Passou, então, a enumerar detalhadamente as negociatas que efetuara com o banco de Hellmann, sobre as quais Kessler já me havia dado amplos informes em Dusseldorf.

Essa declaração levou um tempo relativamente longo e ocupou bastante espaço no papel datilografado. A voz de Kilwood concluiu assim o relato dessas transações ilícitas:

.. então... então veio a história das libras inglesas... Eu... eu transferi libras por intermédio do... do banco de Hellmann e o incumbi de... de conceder empréstimos . . também... em libras esterlinas... num montante de... num montante de. .

Nesse ponto começou a pronunciar as palavras em balbuceios ininteligíveis. A voz de Sargantana fez-se ouvir bem nítida:

"Faça um esforço, John! Diga de uma vez tudo com clareza!"

Passando, então, a falar com a voz mais clara, Kilwood prossegue:

"...no montante de quinhentos milhões de marcos alemães... Eu... eu tinha um plano... muito... muito bem engendrado... Teria dado bom resultado... mesmo sem essa atitude louca de... de Hellmann... Mas ele se assustou e correu para cá e... e exigiu que eu fizesse a *coverage*... Ele tinha... tinha perdido quarenta milhões de marcos no... no negócio... Tudo por culpa dele mesmo..."

— Essa foi uma das minhas conjeturas, conforme lhe declarei — disse Sargantana, dirigindo-se rapidamente a Kessler, que concordou com um meneio de cabeça.

"Ele... ele... queria *coverage*... cobertura do... do... prejuízo de oito por cento... com que ele tinha... tinha que arcar... Eu... eu... não podia ajudá-lo. Eu não... não... tinha o dinheiro... em disponibilidade... Meu dinheiro estava todo aplicado no momento... Não... não é... não é verdade..."

Durante cerca de um minuto só se ouviram suspiros. O gravador continuava rodando. O sol brilhava intensamente lá fora. Os pássaros cantavam pelo parque florido.

"É... é... é mentira... A verdade é... é... que eu queria... arruinar Hellmann! Eu queria... rebentá-lo... Eu... eu... queria possuir o banco dele... Sim, isso mesmo! O banco dele era o que eu queria... Por isso não lhe dei nem sequer um dólar. Aí ele... ele me disse que... que ia se matar... Suicidar-se... Eu lhe respondi... respondi que era uma brilhante ideia... e o aconselhei a provocar a... a explosão... do... do seu iate... para dar a impressão de ter havido um acidente... Dessa maneira ele... ele conservaria a... a... imaculada candura do... do... seu colete branco... Ele me respondeu que... que... iria refletir seriamente nisso... E eu lhe disse... disse... disse que esperava que ele estivesse falando sério mesmo... E de fato ele tinha falado sério... pois deu cabo da sua vida e... e de outros também. Se ele, pelo menos, tivesse acabado só... só com a sua vida... sem levar à morte outras pessoas inocentes... É isso que está me deixando louco!"

Neste ponto começou a gritar.

"Isso me faz perder completamente a razão! A culpa! Eu poderia perfeitamente tê-lo ajudado!... Todos nós poderiamos tê-lo ajudado! Toda a nossa súcia! Tínhamos bastante dinheiro! Ele... ele... Eu não tenho muita certeza se ele procurou também os outros para ajudá-lo. Sargantana me disse não ter sido procurado por Hellmann... Não me leve a mal, José, mas eu não... não acredito em você... Um homem na... na situação de Hellmann se agarra a qualquer pedaço de pau. Com toda a certeza posso dizer isso! Mas ninguém... ninguém quis ajudá-lo... E por isso não sou eu propriamente o seu assassino... Todos nós somos assassinos... Todos nós... Mas eu... eu sou quem tem realmente esse peso na consciência... Esta... esta é a minha confissão... Hoje é segunda-feira, 15 de maio de 1972. São dezoito horas e vinte e cinco minutos. Eu me chamo John Kilwood. Juro que... que... eu declarei a verdade... a pura verdade... e que Deus me ajude..." Ele parou de falar e a fita continuou rodando sem nenhuma voz gravada.

Li mais uma vez na folha datilografada a sua última frase: “E que Deus me ajude...” Embaixo estava a assinatura de Kilwood, em rabiscos quase ilegíveis. Sargantana desligou o gravador.

— Tudo isso deve ser encaminhado imediatamente à polícia — disse Kessler.

— É exatamente com essa finalidade que estou passando tudo às mãos dos senhores.

Sargantana deixou a fita magnética rodar até o fim e entregou o cassete a Kessler, dizendo:

— Pegue, por favor. Os superiores hierárquicos de Lacrosse saberão o que devem fazer e como. Acho que agora consegui trepar numa árvore.

— Ontem lá no cassino, em pleno salão de jogos, ele não parava de gritar que todos os senhores são assassinos — disse eu lentamente.

— Bem... agora na fita gravada ele explica perfeitamente o que queria dizer e como pensava...

— Mas as suas palavras na gravação soam de maneira muito diferente — ponderei, não ocultando minha falta de convicção e meu desagrado.

— O senhor acha?! —perguntou-me Sargantana, numa atitude rompante, cheia de soberba.

— Sinceramente, é o que acho. E isso declararei se me for perguntado. Ou melhor: terei que declarar esta circunstância, mesmo que ninguém me faça qualquer pergunta. Em ambas as hipóteses. E devo acrescentar ainda que, lá no cassino, Kilwood, antes de ser levado embora, fez referências a um certo argelino que mora em La Bocca, com o qual tudo começou. Que será que ele queria dizer com isso?

— Não faço nenhuma ideia.

— Realmente nenhuma ideia? — interrogou Kessler.

Sargantana sacudiu os ombros.

— A mim, particularmente, Kilwood declarou primeiro que havia cinicamente recomendado a Hellmann contratar um especialista americano em

náutica, que lhe prepararia devidamente o seu iate para tal fim, porque ele próprio, Hellmann, não saberia fazê-lo. Uns dez minutos depois, passou a afirmar que sugerira a Hellmann mandar vir um indivíduo qualquer do submundo de Paris. Já ontem à noite, ele deu uma nova versão ao fato, mencionando um argelino que mora em La Bocca. Que posso dizer-lhes, portanto? O homem está atacado de uma terrível psicose. Já nem sabe o que diz.

"Oh", pensei, "foi-se o tempo em que eu acreditava em tudo o que ouvia!"

— Mas estaria ele sabendo o que dizia quando fez essa gravação?

— Apesar de tudo o que o senhor possa supor, eu acho que sim — respondeu-me Sargantana, revelando frieza no olhar. — Mas, afinal, que é que o senhor quer insinuar com essa pergunta, *Monsieur* Lucas?

— Trata-se simplesmente de uma pergunta.

— O senhor formula umas perguntas esquisitas, *Monsieur* Lucas!

— E o senhor também apresenta histórias esquisitas, Senhor Sargantana!

— Quer dizer então que não acredita em mim?

— No senhor, eu acredito. Entretanto, não sei se devo acreditar em Kilwood.

— Mas eu não duvido das palavras de Kilwood — Interveio Kessler. — E tudo isso será entregue imediatamente a Lacrosse e a Roussel. Que belo escândalo vai haver! Além do mais, suas declarações ficarão encobertas, pode ficar tranquilo, Senor Sargantana. O senhor já está a salvo em sua árvore. Rápido, Lucas, venha! Você está de carro?

— Não.

— Então mande chamar um táxi. Dentro de um quarto de hora estaremos novamente no gabinete de Lacrosse. Cada um de nós leva uma cópia da confissão. Leve você, Lucas, o cassete com a fita gravada. Senor Sargantana, o senhor não deverá sair da Europa antes do esclarecimento desse caso.

— É claro que não! — respondeu o argentino. — Eu ficarei no alto de minha árvore.

Fazia muito calor nesse dia.

No gabinete de Lacrosse estavam girando três ventiladores. Os velhos, que de manhã estavam jogando boule, já tinham ido embora. Também os pescadores haviam desaparecido. Deixaram seus barcos na praia, e as redes, já completamente enxutas, estavam brancas como cal.

Eu e Kessler entramos e nos sentamos no gabinete de Lacrosse. Nesse momento ele e Roussel estavam telefonando para Paris. Exigiam a presença de representantes do Ministério da Justiça e do Ministério das Finanças, munidos de amplos poderes, bem como solicitavam informes junto à embaixada americana.

Depreendi dessa conversa telefônica que eles encontravam uma tenaz resistência por parte das autoridades de Paris. Roussel tornava-se cada vez mais irredutível nos seus propósitos. Ameaçava, caso não fosse atendido, agir por conta própria, provocando um enorme escândalo, que poderia facilmente ser evitado.

Kessler perguntou-me:

— Situação delicada, a desses homens, não acha?

— E você pensa que a nossa é muito diferente?

Ele não me deu nenhuma resposta e começou a bater fortemente com os dedos sobre a mesa, como era do seu hábito.

Policiais daquela repartição entravam e saíam. Era Lacrosse quem falava com eles, transmitindo ordens. O baixinho, agora, estava mais enérgico, e aquela expressão de tristeza se dissipara do seu semblante. Ao que parece, tratava-se de policiais que vigiavam a casa onde residia Kilwood. A residência dele achava-se localizada em Mougin, que distava dali cerca de oito quilômetros. Consoante informações prestadas por esses policiais, Kilwood estava cozinhando o seu porre como um morto. Sua governanta informou que ainda bem cedo pela manhã ele ingerira forte dose de soporífero. A sua vílla estava sendo rigorosamente vigiada, declararam os homens. Kilwood não tinha nenhuma possibilidade de sair dela sem ser visto. Na hipótese de tentar a fuga, podia ser impedido a qualquer momento mediante uma citação judicial que, para tal efeito, já se encontrava devidamente despachada no gabinete de Lacrosse. E

ele não se arriscaria a tanto... Mas...

— Eu só espero que esse sujeito fique dormindo até recebermos ajuda de Paris — disse o baixinho, substituto do *administrateur-chef*.

— E quando chegará tal ajuda? — indaguei.

— Não será antes do anoitecer. Por quê?

Mencionei mais uma vez o encontro que eu deveria ter com Trabaud no seu iate.

— Você pode ir tranquilamente. Quando regressar desse passeio, indague no Majestic se não existe algum recado para você. Se não houver nada, é porque continuamos no mesmo pé.

— Muito bem! — disse eu. — Mas como vai o seu I ilho?

— Não está passando bem. Lamentavelmente não. O médico disse que, para as crianças atacadas de sarampo, os primeiros dias são sempre os piores. E o coitadinho tem que ficar na cama com esse calor...

— Há três tipos de pessoas com as quais é muito bom travar relações — dizia-me Trabaud. — As que são intrinsecamente fortes, as sinceras e as que aprenderam muito na vida.

Estávamos sentados, um ao lado do outro, num banco colocado na popa do *Shalimar*, e bebíamos gim-tônica. Atrás de nós balouçava, crepitando pela força do vento, uma bandeira francesa. Na popa, estava preso o barco que servia para o embarque e desembarque dos passageiros. Víamos, também, os dois cabrestantes destinados a movimentar a âncora.

À frente, na proa do iate, Angela e Pasquale, de pé, riam por um motivo qualquer. Ambas tinham os cabelos protegidos contra o vento por uma espécie de turbante.

Pasquale, cujo porte esbelto e elegante traía ainda a sua condição de ex-manequim, usava um biquíni verde de diminutas proporções. Angela vestia um maiô feito em filó bem tênue, quase da cor da pele, no qual estavam pregadas rendas brancas na altura dos seios, do abdome e na parte inferior das costas. Sobre essas rendas, viam-se flores artisticamente recortadas em tecido. Olhando a uma certa distância, tinha-se a impressão de que ela estava usando só aquelas flores sobre a pele.

— Por isso — prosseguiu Claude Trabaud —, foi com imenso prazer que procuramos travar relações com Angela. Ela aprendeu muito na vida, sempre foi sincera e é uma pessoa de firmeza de caráter, isto é, intrinsecamente forte. Compreendo perfeitamente as razões pelas quais o senhor ama Angela, *Monsieur* Lucas.

Ambas as mulheres, passando entre a saliência da estrutura e o corrimão, vieram até nós, oscilando com o movimento do iate. Eu vestia um calção estampado, preto e branco, que Angela havia comprado para mim. Trabaud usava um calção azul. Todos eles estavam com a pele bem amorenada pelo sol. Apenas eu tinha a pele branca e por isso me sentia um tanto envergonhado. Tiramos os sapatos antes de entrar a bordo. Tratava-se de um hábito saudável, conforme Angela me explicou. Na popa, diante do banco onde estávamos sentados, havia uma pequena mesa fortemente parafusada e três cadeiras de convés.

— Estamos com calor — disse Pasquale — e queremos tomar alguma coisa.

— Pierre! — gritou Trabaud.

Tinha de gritar para ser ouvido, pois o ruído do vento abafava-lhe a voz, assim como o barulho da hélice, o crepitar da bandeira e o marulhar da espuma branca, que borbulhava rastreando o iate.

Um marinheiro descalço apareceu, atendendo ao chamado. Era um jovem de bela aparência, que antes estava postado ao lado do capitão, um homem um pouco mais velho que ele, e que, sentado em sua cadeira alta, manejava o leme e lidava com os aparelhos náuticos.

— Que é que vocês querem beber? — perguntou Trabaud às mulheres.

— O que é que vocês estão bebendo? Gim-tônica? Para nós também. Está de acordo, Angela?

— Ótimo!

— Por favor, Pierre, mais dois gins-tônicas — ordenou Trabaud.

— Imediatamente, *monsieur*!

Pierre, vestido todo de branco como o capitão, saiu logo. As mulheres sentaram-se nas cadeiras do convés. Todos haviam passado no corpo uma espessa camada de óleo para proteger-se contra o sol. Angela untara-me cuidadosamente para evitar queimaduras. Estendemos toalhas de banho sobre o assento do banco para não manchar de óleo o estofamento. Angela me havia comprado, também, um boné branco.

Naftali, o *terrier* filho de Israel, aproximou-se de nós todo desengonçado e começou a esfregar-se na perna de Pasquale. Depois, muito satisfeito da vida, colocou-se aos pés da dona, cujas unhas estavam pintadas de vermelho.

— Sobre o que vocês estavam falando? — perguntou Pasquale.

— Sobre Angela — respondeu-lhe o marido.

— Que estavam dizendo sobre ela?

— Eu estava dizendo a *Monsieur* Lucas por que gostamos dela — disse ele pegando a mão de Angela e beijando-a.

— Oh, por favor! — disse ela, percebendo que eu a fitava. Então ela também me fitou e sorriu. Seus olhos luziram, parecendo lançar chispas douradas. O turbante dela era de um tecido branco.

Pierre chegou com os dois drinques, colocando-os sobre a mesa.

Bebemos. Depois de dar uma grande volta, Max começou a aumentar a velocidade do iate. O vento quase arrancava meu boné da cabeça. A espuma chegava a saltar para a popa onde nos encontrávamos.

Nesse momento eu via apenas sol e mar! Invadiu-me uma sensação de grande calma e de indizível felicidade... Jamais em minha vida tivera sensação igual.

— À nossa frente está Nice — explicou-me Claude Trabaud.

Do gabinete de Lacrosse eu havia ido diretamente ao Majestic, onde redigi e cifrei um telegrama para Gustav Brandenburg. Comuniquei-lhe tudo o que havia sucedido em Cannes. Foi um telegrama muito extenso. Pedi-lhe instruções sobre como deveria proceder na hipótese de tentarem abafar o escândalo ocorrido com Kilwood ou de se esquivarem de tomar qualquer medida contra ele. Do Majestic segui diretamente para Port Canto. No convés o pessoal aguardava minha chegada para fazer o iate partir. Uma espécie de pinguela ainda se encontrava armada no cais e eu tinha que caminhar sobre ela para subir a bordo.

— Tire os sapatos — gritou-me Angela.

Com os pés descalços, cheguei ao convés. Naftali saudou-me com latidos de alegria. Trabaud, enquanto nos dirigíamos às cabinas para tirarmos nossas roupas e vestirmos os calções, ia me mostrando seu iate, que, deslizando sobre a água, já começava a sair do porto. A embarcação possuía dois motores General Motors, de 283 HP cada um, e um gerador Diesel para fornecimento de corrente elétrica a bordo. O iate tinha dezoito metros de comprimento por cinco de largura. Com suas quarenta e cinco toneladas de peso, podia atingir a velocidade de dezoito nós horários. Uma escada ligava a popa à primeira parte do camarote superior. À direita ficava a cabina do capitão, diante de uma enorme janela de vidro. À esquerda ficava o aparelho de radar. Entre a cabina e o aparelho de radar, uma escada conduzia à sala de recepção embaixo, uma sala em madeira escura com móveis revestidos de azul e guarnecidos por tiras de metal amarelo bem polido. Descendo-se mais alguns degraus, deparava-se com duas cabinas destinadas aos convidados e mobiliadas com beliches e lavatório. Angela ficou em uma e eu na outra. Foi ali que mudei de roupa. Em frente das

cabinas ficava a cozinha com fogão elétrico. Mais à frente encontravam-se os camarotes dos dois jovens, o capitão e o marinheiro. Num bloco da extremidade do iate, sob a popa, havia uma outra cabina mais ampla, com camas duplas, estante de livros, guardarroupas e um telefone especial para as embarcações desse tipo. Era ali que dormiam os Trabaud quando faziam uma viagem longa. Dentro do iate um cheiro de lona e de piche atacava as narinas. Trabaud tinha orgulho do seu iate. Eu também teria...

— À nossa frente está Nice — disse-me Claude Trabaud. O iate ia descrevendo uma curva bem acentuada e avançava, aproximando-se cada vez mais das praias de Nice. Bem à frente dos meus pés vi um caixão. Explicou-me Trabaud que aquilo era uma espécie de *ilha de salvamento*. Uma vez atirado ao mar, transformava-se, com o desdobramento de uma possante câmara de ar, num bote dentro do qual poderiam caber até doze pessoas. Nesse bote haviam sido colocadas provisões de alimentos e de água, além de pistolas com cartuchos de explosão luminosa. Não faltavam ali também um transmissor para pedido de socorro urgente e tintas especiais para tingir a água, tornando-a luminosa, a fim de facilitar aos aviões verificar das alturas a posição em que se encontrava. À esquerda da entrada para a cabina do capitão, estava pendurada uma bóia bem grande, sobre a qual se lia a palavra *Shalimar* em letras azuis. Os pranchões do iate também estavam pintados de branco. Uma escada ligava a popa ao convés, que ficava acima da cabina do capitão, onde se podia ficar completamente nu.

As praias de Nice já estavam bem próximas. Eu via muitos iates e pessoas na água.

Foi nesse lugar que observei os conjuntos habitacionais mais horríveis que já vi em minha vida — verdadeiras malocas em forma de arranha-céus. Eram dois edifícios enormes, amplos na base e que se estreitavam gradativamente para cima. Tinham um aspecto triste e desumano. E dizer que era o lar de milhares de pessoas! Não consegui contar o número de andares nem a quantidade de janelas. Cada um desses edifícios parecia uma reprodução da Torre de Babel.

— Que acha disso? — perguntou-me Trabaud.

Respondi-lhe externando o meu pensamento sem rodeios.

Pasquale riu.

— Por que está rindo?

— Porque Claude gastou muito dinheiro com a construção desses

dois monstros — respondeu-me. ·

— Também acho que essas edificações têm um aspecto horrível — disse Trabaud. — Mas tenho de vendê-las com lucro. E isso não é difícil. Por toda essa costa irrompeu um verdadeiro *boom* no que diz respeito às propriedades imobiliárias. Quem quiser aplicar bem o dinheiro que faça edificações aqui. Não há melhor local.

— Eu... — comecei a falar, mas interrompi a frase porque ouvi uma risadinha de Angela.

— Desculpe-me — disse Trabaud. — Tenho mania de estar sempre pensando em negócios...

— Ah, mas Robert também é um homem rico. Sabem que ontem ele ganhou bastante dinheiro no cassino? — disse Angela.

"E você não sabe o que fiz com a maior parte desse dinheiro. Você nem imagina o que está dentro da minha pasta lá na cabina", pensei comigo mesmo.

Trabaud prosseguiu:

— Aliás, tenho que lhe pedir desculpas, *Monsieur*

Lucas, por não lhe ter dito a verdade ontem à noite. Realmente eu lhe menti.

— Mentiu? Quando?!

— Quando disse que também tinha uma razão muito plausível para assassinar Hellmann, por haver efetuado com ele transações escusas.

— E o senhor não fez nenhuma transação dessa espécie?

— Nunca! — respondeu-me Trabaud, com firmeza e convicção. — Eu jamais seria capaz de fazer negócios desse tipo. Sempre me vali de créditos em conta corrente no banco de Hellmann. Tenho até o momento uma operação vincenda naquele banco. Nada mais!

— Não compreendo — redargui — por que o senhor se culpou a si próprio.

— Eu estava fazendo um teste. Veja: eu e Hellmann éramos

realmente muito amigos. Sua morte comoveu-me profundamente. O senhor não imagina como eu gostaria de descobrir quem leva na consciência o peso de um crime tão hediondo. Por isso passei a culpar-me perante toda essa gente do meu círculo de amizades. Queria observar se algum deles me retrucaria e qual seria sua reação. Nenhum deles me retrucou. Eles reagiram de maneira muito estranha, o senhor não acha?

— Realmente — confirmei. — Principalmente o Procurador-Geral Seeberg. Ele teve forçosamente conhecimento de toda a trama e sabia, portanto, que o senhor estava se culpando indevidamente. Entretanto, não emitiu uma palavra sequer de protesto.

— Seeberg é um homem muito inteligente. Não quis provavelmente declarar diante dos outros que eu estava mentindo. Ou talvez tenha estranhado minha atitude e por isso procurou sondar tudo a meu respeito, na esperança de descobrir quais eram minhas intenções. Sobravam-lhe razões para assim proceder. Mas não se esqueça de que, quando a catástrofe ocorreu, Seeberg estava no Chile. Portanto, nem por brincadeira se pode dizer que ele tenha mandado liquidar o seu chefe. Seja lá como for, é bom que o senhor saiba que nunca efetuei negócios escusos ou enrolados com Hellmann. Nunca! Eu, o imbecil, ganho meu dinheiro com dificuldade e honradamente.

— Lembra-se do que eu lhe disse ontem com relação à nossa vida? — interrogou-me Pasquale.

— Sim, lembro-me de tudo.

— Então está tudo bem. Agora proponho (inclusive a Claude e Robert) que nos tratemos todos por você. Quem tiver alguma objeção, levante a mão!

Ninguém levantou a mão.

— Alô, Robert — disse-me Claude Trabaud, que estava usando um boné de capitão já desbotado.

— Alô, Claude! — respondi.

— Muito bem! Vocês estão com fome?

— Com uma fome danada! — exclamei.

— Então a mamãezinha aqui vai logo para a cozinha. Angela quer

mostrar-lhes as ilhas de Lérins ou, pelo menos, Saint-Honorat ou Sainte-Margueritte. Saint-Honorat é mais interessante e mais bela.

— Mas também é a menor — emendou o marido.

— Vamos ancorar nela para almoçar — prosseguiu Pasquale. — Teremos pimentões recheados, que preparei hoje cedo. Só falta esquentá-los. Levante-se, Naftali, filho de Israel!

Coçou delicadamente o cãozinho e depois subiu a escada que conduzia ao camarote do capitão com a esbelteza e a desenvoltura de uma jovem elegante.

— Vou com você para presenciar seu trabalho na cozinha — disse Claude.

— Ótimo! Assim você deixará os felizes jovens um pouquinho a sós. Mandaremos trazer para vocês mais dois gins-tônicas de aperitivo, OK?

— OK, Pasquale! — respondi.

Angela arrastou o banco para meu lado e coloquei meu braço em torno do seu ombro. O iate ia deslizando novamente em pleno mar aberto.

— Não acha que são magníficos? — perguntou-me Angela.

— Sim, eles são realmente maravilhosos.

— E você está feliz, Robert?

— Muito feliz! — respondi, apertando-a contra mim.

— Que bom! — exclamou ela. — Você nem imagina como estou satisfeita por vê-lo feliz.

— Você — disse-lhe, sentindo na boca o gostinho da água salgada —, você é a única criatura que poderia me fazer feliz. Aliás, você já conseguiu isso.

— E vou conseguir muito mais ainda...

Um possante iate passou por nós. As ondas rebentaram de encontro ao *Shalimar*, que começou a jogar, oscilando fortemente. Eu segurava Angela apertada contra meu peito.

Estávamos no barco. Nas minhas mãos encontrava-se a amarra cuja extremidade Pierre segurava. Depois que o barco se aproximou a uma distância razoável do ponto escolhido para desembarque, ele pulou e começou a puxá-lo para bem perto. Em seguida ajudou-nos, a mim e a Angela, a saltar para terra. Disse-nos que permaneceria nadando perto do barco e que não havia necessidade de nos apressarmos.

O *Shalimar* ficara ancorado no mar. Pasquale, completamente nua, estava deitada no tombadilho, onde não podia ser vista. Claude deitara-se no leito da sua enorme cabina. Ambos faziam a sua sesta habitual, com uma boa soneca. Era um dia muito quente, mas amenizado pela brisa suave.

Angela estava com uma calça azul e sapatos combinando com a roupa. Ela pegou a minha mão e fomos caminhando até chegar diante de um enorme portão antigo, já em ruínas. Essa ilha de Saint-Honorat teria, no máximo, uma área de um quilômetro e meio de comprimento por meio quilômetro de largura. Viam-se ali pinheirinhos, eucaliptos, roseiras, margaridas e gladíolos.

— É sempre com prazer que visito esse lugar. Cada vez que venho aqui, subo até a torre do *château* — disse-me Angela. — Já pintei muitas telas dali de cima. Você sabe que durante séculos foi Cannes que pertenceu a essa ilha e não ela a Cannes, como atualmente? Com acerto pode-se dizer que foram os habitantes dessa ilha que fundaram Cannes, talvez há uns quinze séculos.

Atravessamos o portão e penetramos numa espécie de alameda cheia de eucaliptos. Sobre o portão, lia-se a inscrição *"L'Abbaye"*. Essa ilha chamava-se Lérins em virtude do templo dedicado a Lero, outrora construído no outro extremo.

— Quem foi Lero?

— Um deus grego, uma espécie de Hércules mitológico. Creio que foi somente por volta de 400 d.C. que se edificou o claustro dedicado a Saint-Honorat, que já estamos avistando à nossa frente.

Prosseguíamos caminhando de mãos dadas e falávamos em alemão. Quando estávamos a sós, falávamos invariavelmente em alemão, mas na presença de outras pessoas nos expressávamos só em francês.

Meu pé esquerdo começou a doer. Mas para mim, no momento,

isso pouco importava, pois Angela segurava minha mão e estava caminhando ao meu lado. Sentia uma imensa satisfação em ouvir sua voz.

Atingimos a extremidade da alameda através da qual seguíramos caminhando e fomos dar exatamente em frente ao claustro do mosteiro. Observei que a edificação não fora restaurada com muita felicidade. Apenas o claustro propriamente dito, com suas celas, parecia conservar o esplendor da sua primitiva beleza.

No jardim inçado de plantas daninhas, observei vestígios de diversos monumentos de pedra, bem como a metade de uma coluna romana. Dois monges, com seus hábitos religiosos bem brancos, um deles baixinho e bastante obeso e o outro, alto e magro, estavam jogando peteca. Sorrindo como crianças, eles corriam de um lado para outro, sempre batendo na peteca e atirando-a para o ar. O gordinho suava e arquejava ofegante. Logo que viram Angela, correram ao nosso encontro e nos cumprimentaram delicadamente. Angela estendeu-lhes a mão e fez minha apresentação. Eu também estendi-lhes a mão. Ambos demonstraram uma grande alegria por reverem Angela.

— *Madame* é uma mulher muito linda — disse o gordinho. — Por causa dela a amendoeira floresceria cada semana.

— Que amendoeira? — interroguei.

O magro passou, então, a explicar-me:

— Consoante a lenda, Saint-Honorat tinha uma irmã: Sainte Margueritte. Ela se estabelecera na ilha que fica do outro lado, a ilha de Sainte Margueritte, em companhia de outras virgens cristãs. Ela queria muito bem ao seu irmão. Entretanto Saint-Honorat não permitia de forma alguma que qualquer mulher, fosse ela quem fosse, pusesse os pés na sua ilha. Ele mesmo visitava a irmã somente uma vez por ano. O santo homem prometera à irmã que todos os anos, na época em que a amendoeira estivesse florida, iria visitá-la. E ela, que amava tanto o irmão, suplicou a Deus um milagre e o Todo-Poderoso permitiu, então, que a amendoeira florescesse a cada mês. Desse modo Saint-Honorat podia mensalmente visitar a irmã, sem quebra do juramento feito... Mas se ele tivesse conhecido *madame*...

— ... não teria se tornado um santo — concluí, cortanclo-lhe a frase. — Até que os senhores, como religiosos, vão longe em seus admiráveis colóquios...

Ambos riram. O gordinho disse:

— Um momento, por favor!

Saiu correndo até desaparecer no interior do claustro. Olhando-o a certa distância, tinha-se a impressão de que era uma possante bola branca que rolava sobre aquele chão coberto de areia.

— A senhora certamente deseja mostrar o *château* a *monsieur*, não é verdade? — perguntou o monge magro e alto a Angela, que com a cabeça respondeu afirmativamente.

— Não posso permitir a entrada no interior do claustro. De resto, com o correr dos séculos o mosteiro ficou muito empobrecido. Nos últimos tempos viviam aqui somente quatro monges. A ilha foi posta à venda em hasta pública. Foi comprada sucessivamente por diversas pessoas: inicialmente, a atriz Sainval, que foi a primeira intérprete da Condessa na opereta cômica *Bodas de Fígaro*, de Beaumarchais; depois, os bispos de Fréjus, que a venderam aos dominicanos e estes, finalmente, aos cistercienses.

O monge gordo e baixote, que parecia uma bola rolando, vinha de volta. Trazia na mão uma garrafa verde.

— É para *madame* e *monsieur* — disse ele.

Tratava-se de uma garrafa de licor de lerina, bebida que os próprios monges fabricavam naquela ilha. Depois ele disse:

— *Madame* pintou e nos deu de presente alguns quadros com vistas da ilha, do mosteiro e do *château*. Nós os penduramos nos mais belos lugares do claustro. Por isso lhe daremos a quantidade de lerina que quiser.

— Muito obrigada! — respondeu Angela. — Vamos tomar um gole agorinha mesmo. Mas como conseguiremos arrancar a rolha?

— Também pensei nisso — disse o gordinho. — Trouxe um canivete munido de saca-rolhas.

Ele próprio abriu a garrafa, que imediatamente passou a correr de boca em boca. Angela bebeu em primeiro lugar e eu logo em seguida. O licor tinha um sabor um tanto adstringente, mas muito agradável. O monge alto e magro, quando chegou a sua vez, levantou a garrafa dizendo:

— Faço votos que os senhores possam viver um longo período de paz e de tranquilidade.

— Muito obrigado! — disse, puxando do bolso uma nota de dinheiro. — Não sei se me é permitido deixar um pequeno óbolo em benefício do claustro...

— É permitido, sim — respondeu o gorducho, muito contente. — O senhor pode dar o que quiser, *monsieur*.

Nós não somos ricos. Agradecemos-lhe imensamente. E que o senhor passe um dia feliz, com um lindo passeio.

Então, novamente de mãos dadas, eu e Angela fomos seguindo adiante. A dor no meu pé esquerdo ia se tornando cada vez mais forte.

Parei um pouco e virei-me. Os dois monges nos acenaram sorrindo. Correspondi ao aceno deles. Eu segurava numa das mãos a garrafa.

— Aqui está Le Château — disse-me Angela. — Está localizado bem próximo ao claustro. Era neste *château* que os monges se recolhiam sempre que percebiam a aproximação de qualquer navio suspeito. Essa construção foi erigida lá pelo ano 1100... precisamente como proteção contra as incursões de piratas. O *château* não é propriamente um castelo. Melhor seria designá-lo como torre de uma fortaleza.

A dor no pé estava se tornando cada vez mais importuna. Eu já fazia um tremendo esforço para suportá-la a fim de que Angela nada percebesse e não ficasse apreensiva.

O andar térreo da torre estava em ruínas. Tinha a forma de um quadrilátero e dispunha de um pátio interno. Seus muros dourados pelo sol pareciam resplandecer sobre o rochedo, entre a borda do mar e os pinheiros.

Aproximadamente a quatro metros do nível do chão, estava a torre. Um plano inclinado conduzia até ela.

— Outrora não existia esse plano inclinado — disse-me Angela, que caminhava ao meu lado. — Os monges se serviam de uma escada móvel. Eles a retiravam logo que pressentiam a aproximação dos sanguinários sarracenos. A primeira coisa que eles faziam era acender um fogo para advertir do perigo os vigias que se encontravam na torre sobre o monte Chevalier.

Passando através da torre, penetramos numa capela totalmente em ruínas.

— Aqui a atriz Sainval tinha a sua sala de recepção — disse-me Angela.

Lancei o olhar, através da janela, para o pátio interno. Via-se ali uma cisterna romana. Sobressaíam também galerias de dois andares, que talvez outrora tenham servido de claustro para os monges. Nos fundos da capela existia um salão de enormes dimensões.

— Todos os habitantes da ilha frequentemente refugiavam-se aqui — continuou Angela a explicar-me. — Por isso o salão devia ser bem amplo.

Ouvi o ronco dos monges que dormiam lá em cima.

Uma escada bem larga, em espiral, conduzia ao segundo andar. Caminhando ao longo de celas vazias e com cheiro de mofo, atravessamos o salão da antiga biblioteca. Já estava quase perdendo o fôlego, e meu pé, de tão pesado, parecia de chumbo. Arfava um pouco.

— Você acha que estou andando muito depressa, Robert?

— Não — respondi-lhe.

E assim fomos subindo ao terceiro andar e depois ao quarto. No terceiro andar, disse-me Angela, residia o abade e no quarto se alojava o pessoal encarregado dos serviços do mosteiro, bem como os soldados da vigilância. Subimos até o pavimento de cobertura, provido de ameias.

— Diversos estilos arquitetônicos — prosseguiu Angela — se acham aqui desordenadamente misturados, pois no decurso de tantos séculos o *château* tem passado por constantes reformas em seu interior.

Finalmente, nos encontrávamos no ponto culminante da ilha, vislumbrando o mar sob um sol radiante, que nos batia em cheio.

— Venho aqui com frequência — disse-me Angela, enquanto me encostava no parapeito a fim de aliviar a dor do pé. — Observe bem, agora, Robert: lá do outro lado fica Cannes. — Ela apontou com a mão. Divisavam-se perfeitamente os contornos da cidade ao longo do mar, bem como as íngremes colinas crivadas de imponentes *villa*s e *résidences*. — É exatamente lá em cima que eu moro... lá, bem atrás daquelas palmeiras altas. Adoro aquele recanto. Por minha livre vontade, eu não escolheria nenhum outro lugar para morar. Embora também conheça a face sombria e triste de Cannes, mesmo assim não desejo sair daqui.

— Eu também gostaria de permanecer sempre aqui — disse.

O sol estava deslumbrante. Seus raios se refletiam nas milhares de vidraças das casas e edifícios. Era um dia em que por toda aquela costa se via uma porção de barcos a vela. Provavelmente havia uma regata. A dor no meu pé se tornara tão importuna que eu tratei logo de engolir, ocultamente, dois comprimidos. Mas Angela percebeu que eu havia posto algo na boca.

— Que é que você tem?

— Oh... são os comprimidos que tomo habitualmente depois do almoço.

— Não é verdade, Robert! — retrucou ela num tom incisivo. — Você está sentindo alguma dor, Robert. Eu noto isso em você. Por favor, diga-me o que você tem, Robert! Diga-me, sim?

— Não estou sentindo nada. Absolutamente nada! — disse, mas quase no mesmo instante tive que me sentar por não poder suportar essa dor infame.

— Robert! — Angela, apreensiva, abaixou-se, postando-se ao meu lado com os joelhos no chão.

— Bem... realmente estou sentindo uma dorzinha... mas não é nada de grave. O médico disse que é provocada pelo cigarro.

— Dor no coração?

— Não, no pé. No meu pé esquerdo.

— Descalce logo o sapato, então!

— Não, não quero. Já está passando, Angela. Talvez...

Mal acabei de falar, e ela já havia tirado meu sapato.

Examinou atentamente o meu pé e depois, apoiando-o sobre o regaço, começou a fazer massagens com as mãos enxutas e frias. Eu estava sentado com as costas voltadas para as ameias e ela permanecia com os joelhos no chão, na minha frente, alisando e esfregando meu pé.

— Não se assuste! — disse. — Não é nada, absolutamente nada. De vez em quando essa dorzinha me ataca. O médico afirmou que não há perigo

nenhum.

Dizendo isso, menti mais uma vez. Disse outra mentira à mulher que eu amava.

Angela disse-me:

— Você vai consultar um especialista, Robert. O melhor especialista que temos aqui. Você me promete?

— Sim.

— Você tem que me jurar.

— Juro.

E esse juramento, depois, me deu muito que pensar.

— Isso não devia acontecer a você... E logo agora depois que nos conhecemos. Meu Deus, seria pavoroso!... Seria horrível!...

— Mas não está acontecendo nada! — exclamei.

Era um dia de sol radiante. Ouvi a risada de dois monges que se encontravam a alguma distância daquele ponto.

— Se houver algum sofrimento ou alguma doença, então que recaia tudo sobre mim. Você não deve sofrer nada...

— Angela! — retruquei-lhe. — Pare de dizer absurdos!

Ela levantou meu pé e, comprimindo-o contra o peito, prosseguiu fazendo a massagem. Passei a notar que a dor ia diminuindo gradativamente.

— Já passou — exclamei. — Essa dorzinha sempre passa logo.

Angela continuava apertando meu pé contra o seu peito e não parava de esfregá-lo com seus dedos frios. E, de fato, a dor desaparecera completamente.

— Você está se sentindo melhor, agora?

Meneei a cabeça afirmativamente e levantei-me.

E ali mesmo, naquela ilha em pleno mar, sob a abóbada de um

céu azul infinito que encobria aquela antiquíssima fortaleza, nos abraçamos e nos beijamos!... Parecia que nosso beijo nunca mais se acabaria... Esqueci, por um momento, tudo o que me acontecera durante minha vida... Jamais enquanto viver, enquanto não exalar meu último suspiro, poderei esquecer aquele beijo naquela tarde de um dia tão esplendoroso, ali no pavimento de cobertura de Le Château, em Saint-Honorat, a menor das duas ilhas de Lérins.

Finalmente, nossos lábios se desgrudaram.

— É um beijo que deve ser sempre lembrado — disse eu.

— É verdade — respondeu-me Angela, com o semblante sério.

— E lembrado durante toda a nossa vida — emendei.

Angela abaixou-se e apanhou do chão a garrafa verde.

Depois de ter tirado a rolha, entregou-me a garrafa para que eu bebesse. Depois bebeu com sofreguidão e deixou cair no chão liso a garrafa, que se estilhaçou, derramando o resto da bebida.

— É para os deuses que habitam debaixo da terra. Você também conhece essa simpatia, não é verdade?

— Sim, conheço.

Passei, então, a refletir que uma criatura nunca se aproxima tanto dos deuses como quando torna feliz o seu semblante. Lembrando-me da lenda da amendoeira florida de Saint-Honorat, disse a Angela:

— Para nós a amendoeira florescerá cada dia, cada noite...

— A cada hora, a cada minuto, sempre, continuamente, Robert... Enquanto vivermos...

Nesse instante notei que sobre uma das ameias se encontrava uma lagartixa. O bichinho estava completamente imóvel e parecia fitar-nos com seus olhinhos redondos.

— Empresas multinacionais — dizia-me Claude Trabaud. — Que significa tal designação? Trata-se simplesmente de sociedades ou empresas que operam em diversas nações. Seus esquemas de investimentos e de produção variam em cada país de acordo com as vantagens oferecidas...

Claude permanecia sentado, tendo uma das suas pernas nuas apoiada a uma cadeira de bordo. Segurava um copo de uísque. Encontrávamo-nos na popa do iate, que oscilava suavemente. Eu estava sentado na frente dele. Fazia poucos minutos que eu e Angela havíamos regressado do nosso passeio à ilha de Saint-Honorat.

Angela e Pasquale a essa hora estavam deitadas no tombadilho, completamente nuas, apanhando sol. Seriam aproximadamente quatro e meia da tarde, e o mar estava calmo. Max e Pierre se haviam recolhido ao camarote. Eu também tomava uísque, em pequenos goles. A água estava tão clara que se podia enxergar o fundo do mar. Viam-se rochas, algumas plantas marinhas e uma infinidade de peixes, de todos os tamanhos.

— Todas as empresas multinacionais são muito ricas. Algumas têm uma produção que ultrapassa o montante da renda total dos habitantes de uma cidade relativamente grande. Por exemplo, o movimento comercial da General Motors é maior do que o produto nacional bruto dos Países Baixos. A Standard Oil, a Royal Dutch e a Ford, juntas, efetuam um volume de negócios cujo valor é muito superior ao montante do produto nacional bruto de países como a Áustria e a Dinamarca. A General Electric tem um movimento que supera a produção da Noruega. O da Chrysler se sobrepõe à da Grécia. As empresas multinacionais anglo-holandesas Unilever podem muito bem confrontar o volume dos seus negócios com a produção na Nova Zelândia. A estrutura administrativa dessas empresas está arranjada de tal forma que se torna praticamente impossível determinar o lugar exato em que se encontra o seu principal órgão diretivo. Mesmo num país industrializado como a Inglaterra, os trustes internacionais controlam mais de vinte por cento das indústrias-chave. Aproximadamente um terço das cem maiores organizações industriais da Alemanha, em última análise, são dirigidas e controladas por grupos que se encontram fora daquele país. E trata-se de empresas realmente poderosas...

Naftali subiu lentamente para a popa e veio postar-se ao lado de Claude Trabaud. Ouvimos as risadas das duas mulheres que se encontravam lá em cima. Soprava, nesse momento, uma brisa suave. O iate começou a oscilar com maior ímpeto.

— Mas hoje em dia torna-se praticamente impossível, mesmo para os governos, acabar com tais empresas ou neutralizar sua ação. A coisa chegou a tal ponto que, para conseguir isso, seria necessária a implantação de uma nova ordem sócio-econômica, apesar das mais tremendas resistências. E, convenhamos, uma transformação tão radical chega a ser inconcebível. Na verdade, são muitos os aspectos pelos quais se evidencia que as atividades das empresas multinacionais não são nada desejáveis, nem do ponto de vista político de cada nação nem quanto às.suas relações com as classes que lhes prestam serviços. São elas próprias, essas empresas multinacionais, que escolhem, ao seu livre-arbítrio, os lugares onde pretendem operar, desenvolver as suas pesquisas e incrementar a sua produção. São elas próprias que fixam o quantum a ser produzido em cada país. E elas dispõem de força para impedir que inventos inovadores sejam utilizados, se forem suscetíveis de vir em detrimento das suas conveniências. Pode-se afirmar que o portento e a elasticidade de tais organizações tornam praticamente improfícuas as pressões contra elas exercidas por parte dos governos. O seu poderio financeiro e a firmeza da sua estrutura, considerando-se as peculiaridades do sistema empresarial, lhes asseguram uma solidez inabalável. Além disso, elas podem exercer ponderáveis influências para neutralizar toda e qualquer ação de concorrentes, impondo sua vontade mesmo nas altas esferas governamentais. Bem... acho que nada mais preciso dizer-lhe... Você mesmo pode inferir o resto... Eu e meus sócios, que participamos da cadeia de hotéis, estamos convencidos de que a pressão exercida contra a libra esterlina foi engendrada por empresas desse tipo. Realmente, nós nos encontramos em face de um poder que é capaz até de abalar o próprio mercado monetário internacional. É evidente que, com o enorme poder de deliberação de que elas dispõem, não há possibilidade de submetê-las ao controle legal.

— Quer dizer que nada se pode fazer contra elas? — interroguei.

— Enquanto os governos não estiverem capacitados para se defender, essas empresas monstros continuarão intocáveis e infensas a quaisquer medidas punitivas. Finalmente, elas conduzirão as nações a um caos total. — Trabaud, neste ponto, fitou-me e sorriu. — Talvez você se admire de um homem como eu falar assim. Entretanto, posso ganhar bastante dinheiro sem deixar de ter uma ideia social bem elevada, você não acha?

— É claro.

— Eu não participo de nenhuma organização multinacional. Minha cadeia de hotéis se desenvolve sempre num trabalho conjunto com os países onde nos estabelecemos. Além do mais, entre todas aquelas pessoas que lhe foram apresentadas ontem, sou o único elemento que realmente pode dizer o que

estou dizendo porque não participo de nenhuma empresa desse tipo.

Eu estava quase cochilando e tinha que me esforçar para conservar as pálpebras abertas.

— Então, qual é sua opinião com relação a tudo isso?

— Bem... o que eu penso, você já sabe... Ou será que ainda não sabe?

— O quê?

— Pelo que vejo, não sabe nada mesmo. Fabiani, Thorwell, Sargantana, Tenedos e Kilwood formam uma empresa multinacional, com ramificações em todo o mundo, inclusive na sua pátria. A Kood pertence a todos eles. Compreendeu bem, agora?

Eu apenas consegui responder afirmativamente, com um meneio de cabeça. O iate começou a oscilar com mais força.

A Kood pertence a todos eles... Vejam só!... Assim sendo, ela não pertence somente a Kilwood, mas também a Tenedos, Sargantana, Fabiani e Thorwell.

— Com o banco de Hellmann deve ter ocorrido algo de anormal. Não imagino o que possa ter acontecido. Se Hellmann estivesse metido em empreendimentos de vulto, ele teria a cooperação de toda essa gente, que poderia perfeitamente ajudá-lo nas suas dificuldades. É uma gente que dispõe de poderes praticamente ilimitados. Entretanto, o que aconteceu foi o assassinato de Hellmann.

— É verdade — respondi. — E ninguém sabe por que ele foi assassinado.

— Realmente, ninguém sabe.

— Claude, você nem imagina quanto me auxiliou com essas suas declarações.

Por volta das sete horas da tarde entramos novamente em Port Canto. Seguindo um velho hábito, Claude queria permanecer no camarote da sua tripulação, para conversar e tomar mais alguns drinques. Entretanto Pasquale o dissuadiu dessa ideia dizendo:

— Pense bem... não podemos abandonar nossos dois convidados. Faça um esforço e tome sozinho o seu pileque...

Meu corpo chegava a arder, queimado pelo sol. Minha pele estava bem vermelha, apesar da enorme quantidade de creme e óleo que havia passado. Também no rosto eu apanhara muito sol. Agradeci imensamente a Pasquale pelo maravilhoso dia que nos proporcionaram.

— Bobagem! Nada de maravilhoso! Fazemos esses passeios com frequência. Você é amigo de Angela, portanto é nosso amigo também. Mas o que é que há, Naftali?

O *terrier* estava latindo. Despedimo-nos de Pierre e de Max, aos quais dei gorjetas. Segurando nossos sapatos, passamos sobre a pinguela e atingimos o cais. Dali nos dirigimos ao local onde Angela estacionara o Mercedes, que estava próximo de um muro do cais, onde se via escrito em letras garrafais o seguinte cartaz de propaganda: “Proletários de todos os países, uni-vos!”

Eu segurava a maleta de Angela, na qual ela havia enfiado as toalhas, o seu maiô e o meu calção de banho. Ela se apoiou em mim para calçar os sapatos. Depois também calcei os meus.

— Você não sente mais aquela dorzinha? — perguntou-me Angela.

— Não estou sentindo absolutamente nada!

Os Trabaud, de pé no iate, ficaram nos acenando até que Angela fez o Mercedes arrancar, saindo do estacionamento no porto.

— Estou com sede — disse ela. — Vocês, homens, beberam bastante, mas eu fiquei lá em cima com Pasquale apanhando sol. Espere, garotão, agora a mamãezinha aqui também vai tomar alguma coisa.

E dizendo isso, ela virou o volante e dirigiu o carro diretamente ao Club House Port Canto.

Atravessamos um saguão bem fresquinho e nos dirigimos a um pequeno bar. Uma orquestra composta de três elementos estava executando músicas suaves numa espécie de terraço sombrio, que ficava do lado de fora.

Sentamo-nos a uma mesa pequena, próxima à parede divisória do terraço, onde se podia ouvir bem a música. Poucas pessoas frequentavam o bar a essa hora. Pedi champanha, de que Angela tomou logo uma taça, numa sofreguidão de pessoa sedenta. Enchi novamente sua taça.

Lá fora, a luz de minuto em minuto ia mudando a sua tonalidade e a brisa parecia acariciante. Através da porta aberta, fui até o terraço e, depois de ter dado uma boa gratificação aos músicos, pedi que eles executassem *Blowin' in the wind*. Voltei de novo à nossa mesa, de onde Angela ficara me observando.

— Que é que você foi fazer?

— Nada.

Começamos a beber. Nesse momento ecoaram os primeiros acordes de *Blowin' in the wind*.

— Nossa canção! — exclamou Angela.

Ela se levantou da cadeira e saiu correndo através do bar, indo postar-se perto do alto-falante, no terraço quase vazio. Em seguida começou a cantar ao microfone. Sua voz, impregnada de ternura, soava como um murmúrio suave. E a letra da canção brotava dos seus lábios, ora cantada, ora murmurada, como um sopro ciciante.

"Quantos caminhos, neste mundo, não são caminhos de lágrimas e de sofrimentos? E quantos mares, neste mundo, não são verdadeiros mares de tristeza?"

O piano. A bater ia. O saxofone em surdina. A voz de Angela. Apoiei-me no espaldar da cadeira e comecei a beber. E os meus pensamentos começaram a voar para tão longe... tão longe...

Eu havia afirmado que não era casado. Mentira a Angela... A minha atitude fora muito baixa.

"Quantas mães não se encontram há já tanto tempo sozinhas, esperando... esperando!..."

Meu corpo ardia. Não era somente por causa do sol nem do

champanha.

"Você sabe muito bem por que seu corpo arde. Você mentiu a Angela. Você tem uma esposa em casa. Você não é um homem livre e desimpedido. Não, desimpedido você não é... "

"A resposta, meu amigo, só o vento sabe... Só o vento sabe a resposta", cantava Ângela em suaves murmúrios.

De um momento para outro cheguei a perder a noção de culpabilidade e passei a raciocinar como um indivíduo sem consciência. Ora, que deveria eu fazer para enfrentar uma situação dessas? Sou livre e desimpedido! O amor que existia no meu casamento já morreu! Tão-somente num papel é que está escrito que Karin é minha mulher. Mas a mulher que realmente amo, a minha mulher, encontra-se aqui bem perto de mim e ela se chama Angela.

Angela continuava cantando:

"Quantos homens ainda existem hoje em dia que não são livres e que teriam imensa alegria em se verem livres da escravidão? Quantas criancinhas, à noite, não vão para a cama atormentadas pela fome?"

Eu não quero dizer a verdade. Essa verdade eu não revelarei. Vou rezar para que nenhuma outra pessoa lhe revele algo a respeito da minha situação... Só eu mesmo é que devo esclarecer-lhe meu caso. Tenho que trabalhar. Tenho que ganhar dinheiro. Não posso falhar de modo algum.

"...a resposta, meu amigo, só o vento sabe... só o vento sabe a resposta..."

Eu devo... eu devo... eu devo fazer o quê? Será que jamais poderei ter um pouquinho de felicidade na minha vida? Durante toda a minha existência só conheci o peso das minhas responsabilidades.

Meu estado de excitação ia aumentando cada vez mais, precisamente porque, a cada momento que passava, mais consciente me tornava de não ter agido com correção quando me esquivei de dizer toda a verdade a Angela.

Mas eu não podia dizer-lhe a verdade! Se lhe dissesse a verdade, estaria irremediavelmente perdido...

"Que enormes quantidades de dinheiro não gastam os homens

com bombas, foguetes e aparelhos mortíferos?" Era a voz de Angela no alto-falante. "Quantos homens não existem por aí que soltam da boca para fora palavras pomposas, mas que não podem suavizar as misérias de ninguém?"

Eu não quero perder Angela! Nunca! Para mim seria o fim, seria o desfecho fatal da minha existência...

"Quantas desgraças ainda acontecerão neste mundo até que a humanidade se resolva a mudar de ideia? A resposta, meu amigo, só o vento sabe. Só o vento sabe a resposta... "

A voz de Angela calou-se. Lentamente, com uma expressão melódica bem triste, o saxofone executou os derradeiros acordes da canção.

Enquanto Angela cantava, eu havia aberto o pacote da jóia comprada na Joalheria Van Cleef. Coloquei os dois magníficos brincos de brilhantes dentro do copo de Angela, que ainda estava com champanha até a metade. Ela voltou radiante para a nossa mesa.

Eu me levantei e disse-lhe:

— Muito obrigado! Muito obrigado, Angela, por esses momentos de enlevo que você me proporcionou!

— Nossa canção! — exclamou ela. — Nossa igrejinha! Nossa canção! O nosso cantinho lá no terraço do Majestic. E ele se tornará cada vez mais nosso. Perdoe-nos, querido cantinho, se hoje fomos desleais para com você, procurando outro lugar! Amanhã visitaremos você de novo!

Sentamo-nos.

— Puxa, como faz calor aqui! Vamos beber um pouco mais de champanha? — perguntou-me Angela.

— Sem dúvida.

Angela soltou um gritinho. Ela estava com os olhos fixamente cravados em sua taça.

— Acho que estou ficando louca! — exclamou. — Estou enxergando brincos de brilhantes dentro do copo! Brincos do mesmo tipo daqueles de Martine Carol. Devo estar bêbada.

— Eu também! — respondi-lhe. — Estou vendo também uns

brincos dentro do seu copo. Tire-os, meu amorzinho, senão você é capaz de engoli-los!

Angela, com a pontinha dos dedos, tirou a magnífica jóia de dentro do copo.

— Coloque-os nas orelhas — disse eu.

O semblante de Angela modificou-se bruscamente. Ela ficou séria, parecendo que queria censurar-me.

— Você está realmente bem embriagado. Nunca poderei aceitar isso! Que ideia você faz de mim?

— Só sei dizer que você é a mulher que eu amo.

— Mas isso é uma loucura! Você não deve dispor de tanto dinheiro assim!

— Mas é claro que disponho desse dinheiro. Do contrário, não poderia ter comprado esses brincos. Transmito-lhe, também, as lembranças de *Madame* e *Monsieur* Quémard.

— Não, eu não vou aceitá-los! Em hipótese alguma! Eu teria a impressão de estar agindo como uma prostituta.

— Doce e sublime prostituta! Neste caso sinto uma alegria enorme por estar loucamente apaixonado por uma prostituta — exclamei.

— *Le chaim, ma poule!* — Virei-me, falando com o garçom. — Por favor, mais champanha!

— Imediatamente, *monsieur*!

Angela não parava de observar os brincos de brilhantes.

— Mas, de onde...

— Ora, do cassino! Você se esqueceu de quanto eu ganhei?

— Quer dizer que você gastou imediatamente tudo o que ganhou nesses brincos?

— Tudo não. Também não gastei imediatamente. Foi só hoje de

manhã que fiz isso. Desde aquele dia em que observei você, como que enlevada, contemplando esses brincos, a vontade de adquiri-los para você não me largou mais. Mas eu não podia comprá-los. Então, aconteceu aquele caso com o número 13, que deu três vezes em seguida, como você bem sabe. E não seria isso, porventura, um sinal evidente de que eu deveria comprá-los para presenteá-los a você?

O próprio *maître* do bar veio até nossa mesa trazendo a garrafa de champanha e encheu nossos copos.

Angela fez a nossa apresentação. Ele se chamava Jacques.

— Muito prazer, senhor! — disse-me Jacques.

— Igualmente — respondi-lhe. — Por favor, traga-nos mais uma garrafa de champanha, *Monsieur* Jacques.

Eu me sentia um tanto comovido e alegre. O chefe do bar saiu da nossa mesa.

— Não, não e não! — exclamou Angela. — Não quero esses brincos! Irei com você à Van Cleef para fazer a devolução.

— Eles não receberão a jóia de volta. Joalheria alguma procede desse modo.

— Mas Quémard, sim. Nós somos amigos.

— Eu também sou amigo dele. Ele não receberá os brincos em devolução. Ele me jurou de mãos juntas. Experimente se quiser.

Ela fitou-me com os olhos bem abertos.

— O que você fez não passa de uma loucura! — exclamou ela. — E isso pode acabar mal... — prosseguiu, depois de uma certa pausa.

— Sim, é uma doce e agradável loucura. A única coisa que você tem que fazer, agora, é experimentar os brincos.

Ela sorriu.

— Você é impossível, Robert! Ganha um montão de dinheiro... E que faz?

— Que faz? — repeti a sua própria interrogação.

Fiquei observando todos os seus movimentos, enquanto ela colocava os brincos crivados de brilhantes nas orelhas pequeninas. Depois, mirou-se atentamente no espelhinho do seu porta-pó.

— Mas não são mesmo maravilhosos?!

— Maravilhosa é você! — respondi-lhe.

— Ah, Robert! — Ela pegou minha mão, deixando exposta diante dos meus olhos aquela manchinha branca nas costas da sua. — Robert, eu... eu agradeço a você... Você nem pode imaginar o quanto eu desejava possuir estes brincos!

— Eu sei. *Monsieur* Quémard e eu... Bem, nem aos irmãos de sangue, nem aos melhores companheiros a gente deve dizer o que fica sabendo através de pessoas amigas. Beba! Vamos abrir a garrafa. Hoje para nós é um dia de festa e temos que comemorá-lo condignamente.

Jacques já havia trazido a garrafa de champanha dentro de um balde prateado cheio de pedrinhas de gelo. Eu mesmo tirei a rolha e enchi nossos copos, que batemos em brinde antes de começarmos a beber. As luzes se acenderam. Uma infinidade de lâmpadas brilhava no mar, em terra, ao longo do sopé do monte Esterel.

— À nossa saúde! — disse.

— À nossa saúde! — repetiu Angela. — Até hoje homem algum me fez presente de qualquer jóia. Você é o primeiro.

— Você está me dando uma informação muito agradável.

— Robert...

— Sim?

— Qualquer mulher pode amar muito você...

— Mas eu não quero qualquer mulher. Eu só quero você!

Sua mão continuava agarrada à minha. Os brincos luziam com um brilho intenso nas suas orelhas pequeninas. Juntamente com Claude Trabaud eu havia bebido bastante lá no iate. Notei que estava ficando bêbado aos poucos e

que me tornava mais brando e meigo.

— É só a você que eu quero, Angela — disse, beijando a palma da mão que tinha a manchinha branca.

Um grupo de gente bem expansiva e alegre, fazendo um vozerio danado, apontou no terraço. Ao que parecia, tratava-se de artistas de cinema. Eles se sentaram a uma certa distância da nossa mesa. Falavam italiano. Eram, ao todo, seis homens e uma jovem mulher.

— É Claudia Cardinale — disse-me Angela. — Vire-se para vê-la.

— Não!

— Vire-se, homem, e observe-a! Ela é muito linda. Eu gosto muito de ver os seus filmes. Ela é maravilhosa.

Angela também já estava meio bêbada.

— Não tão maravilhosa quanto você! — exclamei. — Por que você quer que eu vire meu rosto? Será que você não sabe que é somente você que eu quero ver e contemplar? Você e ninguém mais!

As luzes se acenderam também no terraço. O brilho das lâmpadas refletia-se nos brincos de Angela.

Dali tomamos o rumo da residência de Angela. Nem é preciso dizer que era ela quem estava ao volante. Ela levava os brincos nas orelhas. O rádio do carro estava ligado na estação de Monte Carlo. John Williams cantava *Merci, Dieu, merci...* Passamos novamente na esquina daquele beco antigo, com as casas desaprumadas, onde se via uma infinidade de cartazes rasgados, colados aos muros. À luz dos faróis do carro, vislumbramos o vulto de um homem que, todo encolhido, estava agachado à beira do meio-fio, com a cabeça entre os joelhos.

Angela freou o carro, parando bruscamente. Ela saiu e eu a segui. Postou-se diante do homem e começou a falar com ele.

— O senhor está se sentindo mal? Está doente?

O miserável ficou um longo tempo sem responder. Finalmente, resolveu levantar a cabeça. Era um velho, e na sua boca via-se uma erupção cutânea, uma espécie de pústula, que parecia ser de caráter maligno.

— Sou jardineiro — disse ele, falando baixinho. — Trabalhei a vida toda num lugar bem perto daqui. Numa dessas *villa*s cujo nome não quero mencionar. O meu nome também não quero dizer. A distinta senhora minha patroa me mandou embora hoje de tarde.

— Por quê?

— Observem bem a minha boca! Como ela está horrível com essa ferida! Não sei como foi que eu peguei isso. Deve ter sido ocasionado provavelmente por alguma espécie de inseticida empregado para proteção das plantas, pois, já faz algumas semanas, uns pingos desse tipo de veneno saltaram para o meu rosto. A patroa sentia repugnância ao ver minha cara. Essa ferida me repugna também, mas que é que eu posso fazer?

— E então? — perguntou-lhe Angela, já acocorando-se perto dele e falando baixinho também.

— Nada mais tenho a dizer. Que posso fazer, agora? Onde um velho da minha idade poderá encontrar trabalho por aqui? E, ainda mais, com esta repelente ferida na boca! Muito melhor teria sido para mim se tivesse sido atropelado. Só assim eu teria esticado as canelas para sempre. Mas nem essa felicidade eu tive.

— Vou até meu carro — disse Angela. — Volto num momento.

Eu entrei no Mercedes, de onde, sentado, observei Angela conversando com o velho e entregando-lhe todo o dinheiro que ela trazia na sua bolsinha. Só depois disso é que voltou para o carro. Vi quando o velho se levantou para ir embora. Angela tomou o seu lugar ao volante. Não trocamos uma palavra até atingirmos o leito da via férrea, com o seu portão sempre fechado à noite. Ali, tivemos que esperar um pouco.

— Eu dei ao velho um endereço — disse-me ela. — O dos Lavais. Eles também moram aqui. Possuem um parque muito grande e estão precisando de um jardineiro com urgência. E expliquei, também, ao homem qual o médico que ele deveria procurar para tratar da sua pústula. Eu já vi certa vez um jardineiro que tinha isso. E esse médico deixou-o em perfeito estado. Tais erupções cutâneas devem ser ocasionadas realmente pelos inseticidas.

O portão se abriu.

Angela fez o carro arrancar, rumando diretamente para casa.

Diretamente para casa!

Só agora escrevo, pela primeira vez, essas palavras. Como se fosse também a minha casa! E, naquele momento, pareceu-me de fato que a casa de Angela era também a minha, que o apartamento dela era também o meu e que o lar dela não podia deixar de ser o meu próprio lar, um ambiente onde nada de mau nos poderia acontecer.

Um bilhete havia sido enfiado por baixo da porta. Esse bilhete estava rabiscado numa verdadeira garatuja:

"Rezo todas as manhãs pela felicidade de vocês dois, na igrejinha de Sainte Gertrude. Alphonsine Petit".

— A igrejinha de Sainte Gertrude fica nas proximidades da estação ferroviária — explicou-me Angela. — Alphonsine mora por aqueles lados.

— E é naquela igreja que sua arrumadeira vai rezar?

— Sim. Todas as manhãs.

Permaneci de pé na saleta, segurando o bilhete, e Angela foi ao quarto para trocar de roupa, não sem antes ter ligado os aparelhos de televisão, que se encontravam na cozinha, na sala de estar e no jardim de inverno. Ainda dava tempo para pegar o segundo noticiário da noite.

Angela voltou de novo à saleta, mandando-me entrar. Vestia um roupão curto e chinelos. Estava usando os brincos. Tirei minha camisa, descalcei os sapatos e fiquei sentado no banquinho da cozinha, observando como ela, com desembaraço e rapidez, preparava uma salada de arenques à Bismarck. Sempre se movimentando entre o terraço e a cozinha, não parava de ouvir o noticiário. Ajudei a preparar a mesa e depois passei a contemplar aquele verdadeiro turbilhão de luzes que iluminava a cidade e as embarcações no mar. Eu não podia falar com Angela enquanto ela estivesse ouvindo o noticiário, pois parecia estar engolindo com avidez as palavras do comentarista. Na verdade, eu também estava interessado nas notícias: o assunto predominante era a desvalorização da libra esterlina. Como consequência disso, os países industrializados, inclusive os Estados Unidos, exigiam a imediata valorização do marco alemão. A Bolsa de Valores do Japão manifestou uma grande reação. A da Itália também.

Eu havia telefonado de Port Canto para o Majestic. Não havia nenhum recado ou telegrama para mim. Lacrosse não me fizera nenhuma comunicação.

Que teria acontecido? Kilwood estaria ainda curtindo o seu porre? As *feras* de Paris já teriam chegado?

Angela, sempre caminhando apressada e com desenvoltura, se movimentava de um lado para outro, entre os aparelhos de televisão. Seu roupão curto estava aberto na frente e pude observar suas lindas pernas. Para acompanhar a salada de arenques, ela serviu novamente *bâtard*, assim como pão branco e cerveja Kronenbourg bem gelada. Comíamos sentados no terraço do seu apartamento, sempre com os olhos pregados um no outro.

Nesse momento, a televisão começou a transmitir um *show*. A música característica soou nos três aparelhos.

— Mas não são mesmo bonitos estes brincos? — perguntou-me Angela, movendo a cabeça de um lado para outro, a fim de fazer luzir os brilhantes. — Não são realmente maravilhosos?

— Você é que é maravilhosa!

No *show* que estava sendo transmitido, executavam um bom número de antigas canções sentimentais. Eu e Angela retiramos a mesa e começamos a dançar no terraço, sob aquela fraca luz da sala, que inundava o ambiente e caía sobre a folhagem.

Dançávamos lentamente, agarradinhos. Ela conservava os dois braços em torno do meu pescoço e, enquanto nos movíamos, acompanhando o ritmo da música suave e terna, não parávamos de nos beijar.

— Foi muito bom termos comido arenques hoje — disse ela.

Ela permanecia de pé. Seus beijos eram ardentes e impetuosos. Percebi logo que nesse dia ela estava disposta. Em seguida apossou-se de mim uma vontade incontrolável de dizer-lhe toda a verdade.

"Não posso continuar mentindo a essa mulher! Não devo esperar nem mais um segundo para esclarecer-lhe minha situação." Então, segurando-a nos meus braços, disse-lhe:

— Eu nunca lhe contei a verdade a meu respeito, Angela! Eu sou

casado!

Ela ficou estarrecida, o seu semblante tornando-se bruscamente como que petrificado. Devagarinho, como que maquinalmente, foi se desprendendo de mim e saiu para desligar todos os aparelhos de televisão.

Depois voltou ao terraço e sentou-se numa cadeira de vime. Eu estava sentado na cadeira de balanço. Permanecemos calados.

— Infelizmente sou casado — repeti finalmente.

— Sim — respondeu ela continuando completamente imóvel na sua cadeira. — Todos os homens infelizmente são casados. Casado era também aquele por quem... — Ela interrompeu a frase. — Infelizmente ele também era casado, de maneira...

— Mas eu sou realmente casado!

— Pare com isso! — disse-me ela.

— Por favor, Angela...

— Quero que você pare com essa conversa. Não gosto de tratar de assuntos desta natureza com homens casados. Foi até muita gentileza da sua parte ter-me revelado a verdade ainda a tempo. Agora, portanto, vamos colocar um ponto final em tudo. Eis aqui os brincos! Leve-os dé volta!

— Não!

— Mas eu exijo!

— Não!

Ela correu para a saleta onde minha camisa estava pendurada, enfiou os brincos dentro da minha pasta e voltou ao terraço. Eu prossegui:

— Vou falar com minha mulher. Quero me separar dela. Era isso que eu tinha necessidade de dizer a você, ainda hoje, Angela. Vou pedir o divórcio a minha mulher. Ela é mais jovem do que eu. Ela não me ama mais, se é que de fato me amou alguma vez.

— Conversa! — exclamou Angela, deixando o torso cair para trás na cadeira. — Conversa! Palavras ocas e nada mais!

— Estou falando sério, Angela! Nunca na minha vida falei tão sério assim. Tomarei amanhã o avião para Dusseldorf, a fim de tratar da nossa separação. Eu quero você. Somente você e mais ninguém. Eu preciso tanto de você como preciso do ar para respirar.

— Saia! — disse Angela, virando-me as costas. — Vá embora, por favor! — Ela parecia estar contemplando, extática, as luzes lá embaixo.

— Angela, acredite em mim...

— Só quero que você vá embora! — gritou ela, tornando-se repentinamente áspera e com um aspecto selvagem. Depois, como que murmurando suplicante, disse-me:

— Por favor, Robert, eu lhe peço! Deixe-me só, agora!

Que situação esquisita!

Eu lhe disse ainda algumas palavras, mas ela não me deu resposta. Não parava de olhar a cidade e o mar, sempre esquivando-se de me fitar diretamente.

— Muito bem! — disse eu por fim. — Vou embora!

Ela não me respondeu nada.

— Mas voltarei novamente quando já estiver divorciado da minha mulher.

Não houve resposta.

— Boa noite! — disse eu.

Ela não correspondeu à minha despedida.

Dirigi-me à saleta e vesti a camisa. Tendo notado que os brincos se encontravam dentro da minha pasta, voltei ao terraço. Angela deu-me as costas. Permanecia tão imóvel que, na sua cadeira, parecia estar sem vida. Então saí do apartamento.

Ela usava excesso de pintura. Tinha uns seios possantes e o traseiro era igualmente avantajado. A boca, grande e vermelha, parecia uma ferida exposta.

— De que é que você mais gosta? — perguntou-me a morena de cabelos pretos. — Eu faço de tudo. Basta você pagar. Se você tem um *gostinho* todo especial, eu posso satisfazer perfeitamente o seu desejo. Mas... deixe-me passar a mão sobre a calça... Barbaridade, como já está esticado, tinindo que nem aço!... Você é um cão de tão sensual e fogoso, queridinho!

Essa cena se passou num bar na Rue du Canada. Mas só fiquei sabendo disso mais tarde, quando foram me buscar. O bar estava localizado num desses hotéis de alta rotatividade. Quando ali entrei, desconhecia também esse pormenor. Pretendia voltar a pé do apartamento de Angela ao Majestic. Entretanto, devido ao meu estado de espírito, perdi completamente a orientação. Notei que nessa Rue du Canada muitas meretrizes estavam fazendo o *trottoir* e que havia um grande número de bares. Observei, também, a presença de uma porção de turistas americanos.

O fato era que eu queria me embriagar e por isso entrei naquele bar cujo letreiro a neon era mais vistoso. Sentei-me próximo ao balcão e pedi uísque. Foi aí que apareceu a tal morena de seios grandes que se postou junto a mim, quase agarradinha, e começou a me *cantar*... Ela não parava de alisar as minhas coxas... Nesse bar só se viam prostitutas e a música tocava muito alto. Pessoas entravam e saíam constantemente. Diversos indivíduos já estavam bêbados. Todavia, o ambiente estava calmo e as coisas pareciam estar em ordem. Contrastando com a intensa iluminação da fachada, dentro do bar havia pouca claridade.

De repente, pareceu surgir à minha frente o vulto de Angela, exatamente como eu a deixara no terraço do seu apartamento. Percebi logo que eu não tinha outro remédio senão começar a beber bastante para afugentar, sem mais tardar, esses pensamentos e esquecer Angela. Nem sempre a gente devota um amor constante e inabalável a uma determinada pessoa: às vezes, pode-se também converter esse amor em ódio. Pude compreender perfeitamente essa ideia paradoxal um pouco mais tarde.

Para começar, pedi logo um uísque duplo. A morena preferiu champanha, pois disse-me que não andava bem do estômago e que o uísque não lhe fazia muito bem.

— Mas não peça uísque escocês! Eu odeio os ingleses. Você não é inglês, não é verdade?

— Não.

— Que é que você é? — insistiu ela enquanto eu enfiava a mão por dentro da sua blusa.

— Alemão! — disse eu e bebi de uma só vez todo o copo, pedindo logo outro, também duplo.

— Eu gosto dos alemães.

— É claro...

Senti que o álcool já estava fazendo efeito, mas mesmo assim não parava de pensar em Angela. Só que agora meu sentimento não era mais de compaixão, mas sim de raiva. Ora bolas, eu fui sincero com ela. Se eu continuasse mentindo, não teria havido o que houve. Eu não devia ter lhe revelado nada. "Não!", refleti em seguida. "Foi bom ter dito a verdade!"

Tomei o segundo uísque duplo. Aí então me dei conta de que não devia beber muito para me *garantir* na cama.

Todavia, meu temor era infundado. A morena me arrastou para o seu quarto no andar superior e tirou a roupa imediatamente. Eu também me despi bem depressa e me atirei sobre o corpo dela. Eu agia como um doido. Eu a puxava e a apertava fortemente contra meu corpo, segurando-a pelos ombros, como se estivesse tentando estuprá-la. A cama, ringindo, chegava a estalar. E, tanto quanto meu estado de embriaguez me permite lembrar, ainda pensei comigo naquele instante: "Angela, desgraçada, estou farto de você! Que o diabo a carregue! Vá para o inferno!"

Eu estava bêbado, de fato.

Em dado momento a morena começou a gritar. Gritava tanto que chegaram a bater na parede do quarto contíguo. Ordenei-lhe que calasse a boca, mas ela me respondeu que eu havia metido com muita força. Explicou-me que havia ingerido qualquer medicação para combater a fadiga e que por isso estava com o corpo muito sensível. Além disso, eu não tinha nenhuma delicadeza ao lidar com ela, procurando fazer tudo com um ímpeto brutal.

Daí, então, procurei *fazer a coisa* com cuidado, agindo da melhor

forma possível. Fizemos tudo o que me deu na cabeça. Ela estava sempre pronta a satisfazer meus desejos, exigindo, apenas, para cada novo tipo de sacanagem uma quantia a título de honorário extra. Ela não era das piores e era jovem ainda. Não devia ter mais de vinte e cinco anos. Tinha a pele bem lisa. Por fim, completamente extenuado, espichei-me na cama, onde fiquei deitado de costas enquanto ela se lavava no bidê.

Depois ela me apontou o lugar onde ficava o *water closet*. Saltei da cama completamente nu e saí caminhando através de um pequeno corredor.

No *water closet* vomitei e, logo em seguida, lavei minha boca com fortes jatos de água. Depois voltei para o quarto. Ela se achava estendida na cama lendo o *Nice-Matin*.

— A libra esterlina foi desvalorizada em oito por cento — disse-me ela. — Acabei de ler isso agorinha mesmo no jornal. E essa desvalorização não é boa para os ingleses, você não acha?

— Não é nada boa mesmo.

— Alegro-me com isso. Merda!

— Merda o quê?

— Foi lá pelo começo do mês de julho, ou seja, um pouco antes do dia comemorativo da independência americana, que os navios de guerra da frota dos Estados Unidos estiveram neste porto pela última vez. Aqui neste hotel os americanos foram muito festejados, sabe? Mas não sei o que está acontecendo agora. Nos anos anteriores, os navios americanos vinham com muita frequência. Por que será que nos últimos tempos só raramente eles aparecem?

— Deve ser porque há muitos navios russos no Mediterrâneo.

— Ora bolas, mas os russos também sempre nos visitam. Tanto os russos quanto os americanos. Principalmente os jovens. E sabe que os russos avançam logo nas mulheres com uma fúria danada? Naturalmente eles não chegam a ser tão fogosos como você... Bem, os americanos também não ficam muito atrás e gastam todo o soldo deles em bebidas, e na cama com as mulheres. E isso eu posso afirmar porque os marinheiros, depois que desembarcam, vêm sempre aqui. Eu não gostaria de ser um marinheiro. Passar meses e meses sem mulher, tendo que se valer das mãos por não poder trepar... Ora, você não acredita mesmo que os russos também nos visitam?

— Não. Sinceramente não acredito.

— Então onde é que eles vão trepar? Eu acho que não podem só ficar aí rodando pelo Mediterrâneo. Eles também devem desembarcar em terra, não é verdade?

— Você tem razão — respondi-lhe.

— E isso faz parte da boa política, não é?

— É.

— Política de merda! — exclamou a morena. — Política que está fazendo quase ir à breca o nosso negócio.

— Sem dúvida.

Eu não pensava mais em Angela e, de um momento para outro, passei a sentir-me extremamente exausto. Eu só queria dormir.

— Como você se chama?

— Adolf. E você?

— Jessy. Se você está cansado, pode dormir. Vou desligar a luz daqui a pouquinho. Só quero ler ainda a página de esportes do jornal. Especialmente boxe, sabe? Hoje já capinei bastante na minha roça. E você já me pagou por toda a noite. Amanhã cedo prepararei qualquer coisa de bom para comermos.

Nem sequer pude ouvir suas últimas palavras por já ter caído no sono. Ressonei profundamente e não me recordo de ter tido sonho algum. Jessy despertou-me uma só vez, batendo nos meus ombros.

— O quê? O que é que você quer comigo?

— Adolf, meu jovem, você anda doente?

— Por que pergunta? — gaguejei, completamente tonto de sono.

— Você grita dormindo. Será que você não é doido?

— Não. Eu às vezes grito mesmo dormindo. Só não grito quando me deito de lado.

— Então fique quieto agora, porcaria! — ralhou Jessy quase gritando, com o visível intuito de dar satisfação a alguém que havia batido na parede do quarto ao lado, reclamando contra o barulho. Depois, à luz da lâmpada de cabeceira, ela examinou atentamente o meu rosto e perguntou-me impressionada:

— Você a amava muito, não é verdade?

— O quê?!

— Bem, chega de conversa. Continue dormindo. Mas, por favor, deite-se de lado.

Não sei se realmente dormi de lado, mas, em todo caso, não gritei mais. Algum tempo depois, quando tive que falar, já me encontrava bem desperto: alguém, batendo na porta do quarto, me chamava pelo nome.

— Sim, estou aqui! — respondi em voz alta.

Jessy, que estava deitada ao meu lado, acordou e pulou da cama sobressaltada.

— Fique quieta! Calma! — disse-lhe. — É a mim que estão chamando.

— Abra a porta, *Monsieur* Lucas! A polícia está aqui.

— Que foi que você fez? — interrogou-me Jessy, fitando-me com o semblante assustado. — Por essa janela você pode atingir o telhado e de lá de cima...

— Não! Nada disso! Eu quero abrir a porta.

Minha cabeça doía tanto que parecia estar a ponto de rebentar. Enquanto vestia a cueca e a calça, respondi:

— Um momentinho, por favor!

Em seguida dirigi-me à porta e abri.

Dois indivíduos em traje civil entraram no quarto. Ambos tiraram o chapéu.

— Somos da polícia criminal. Roger e Cadrut, do Comissariado

Central — disse, apresentando-se, o mais idoso.

Os dois exibiram-me suas credenciais, que examinei cuidadosamente.

— Temos que pedir que o senhor nos acompanhe.

— Para onde? — perguntei estupefato.

— Para Mougins. Não é muito longe daqui. O Comissário Roussel pediu que o senhor fosse para lá imediatamente.

— Sem dúvida. Estou às suas ordens — respondi-lhes, enquanto terminava de me vestir.

Não me lavei nem fiz a barba, mas isso pouco me importava. Jessy permanecia sentada na cama exibindo os seus volumosos seios, sem nada entender do que conversávamos.

— Uma porção de funcionários da polícia está tentando localizar o senhor há muito tempo — disse-me o comissário mais jovem, enquanto eu ajeitava a gravata. — O senhor vinha sendo observado por nós, como bem sabe...

— Sim, sei.

— O nosso homem que o seguia ontem à noite perdeu a sua pista exatamente nas imediações desta quadra. Já estivemos no apartamento de *Madame* Delpierre, mas ela não soube dizer onde o senhor poderia ser encontrado. Então visitamos todos os hotéis e casas de pernoite. E não são poucos, *monsieur*.

— Mas que foi que aconteceu? — perguntei pressuroso.

— Não temos a mínima ideia — respondeu-me o policial que se chamava Roger. — Viemos diretamente do comissariado para cá. Estamos de carro. Vamos levá-lo a Mougins.

A menção do nome de Angela fez brotarem lágrimas dos meus olhos.

— O senhor está sentindo algo?

— Deve ter sido algum cisco que entrou no meu olho — respondi, enxugando-me com um lenço. Mas as lágrimas não paravam de escorrer.

— *Adieu*, Jessy!

— *Adieu*, Adolf! — respondeu ela, atirando-me um beijo com a mão.

Descemos a estreita escada do hotel. Não demorou muito e estávamos os três sentados num Peugeot, com Roger ao volante. O sol estava tão ofuscante que meus olhos chegavam a doer. Eu me sentia um tanto indolente. Quando já íamos entrando na Croisette, Roger perguntou-me:

— A *coelhinha* lá no hotel chamou-o de Adolf?

— Sim.

— Por quê?

— Porque eu havia dito a ela que meu nome era Adolf.

— Ah, sim. Eu estava pensando que tivessem tido alguma rixa...

O rosto de John Kilwood, redondo como um balão, achava-se tão intumescido que parecia prestes a rebentar. A língua, com a cor arroxeada, pendia para fora da boca e os olhos davam a impressão de terem saltado das órbitas. Uma corda de náilon estava enrolada no seu pescoço. Essa corda achava-se fortemente presa num gancho bem alto no seu banheiro e era nesse gancho que John Kilwood estava pendurado. Ele vestia somente uma calça de pijama, que se encontrava manchada de fezes.

Tal era a cena que uma das fotografias coloridas tiradas no local reproduziu ante meus olhos. Havia ainda outras fotografias de bom tamanho, igualmente coloridas, tiradas com perfeita nitidez. Eu as observei todas e comecei a me sentir mal. Era o próprio Comissário Roussel quem me mostrava as fotos, passando-as às minhas mãos uma após outra. Nós nos encontrávamos no primeiro andar da residência de John Kilwood em Mougins. Íamos ter de novo um dia muito quente. No pavimento em que nos encontrávamos, viam-se muitos homens entrando e saindo continuamente. Os funcionários da polícia postavam-se em torno de Roussel e de mim. John Kilwood, o homem que fizera uma minuciosa confissão declarando ter sido ele próprio o verdadeiro assassino de Herbert Hellmann, já não estava entre os vivos.

— Enforcou-se? — perguntei.

— Não podemos ainda afirmar nada com segurança — respondeu-me Roussel. — Praticamente não sabemos nada. Todavia, de uma coisa estamos certos: não se trata de suicídio! John Kilwood foi assassinado.

A pequena localidade de Mougins tinha cerca de três mil habitantes e estendia-se sobre uma colina de onde se divisavam as paisagens de toda aquela zona situada entre Grasse e o mar. Penetramos na cidadezinha através de um portão. Viam-se ali ruínas de antigas fortalezas. Passamos em frente ao busto de um homem que, consoante a explicação de Roger, era o Comandante Lamy von Vaury, nascido em Mougins, que pelo início do século tombara numa expedição ao Saara. A casa de John Kilwood denominava-se Plein Ciei. Era uma residência relativamente pequena, localizada numa travessa bem estreita, nos fundos de uma pracinha cheia de plátanos e palmeiras, que ficava em frente a uma linda igreja antiga. A casa tinha três andares e em todas as janelas, que ficavam bem altas, viam-se cortinas de seda com uma tonalidade vermelho-escura. Aliás, o exterior da edificação também estava pintado de vermelho.

Além de Roussel, Lacrosse, Kessler e dos funcionários da

secretaria da polícia criminal e do serviço de reconhecimento do Comissariado Central da Polícia Técnica, encontravam-se, também, no local, mais três homens. Roussel me apresentou a eles. O primeiro chamava-se Maurice Farbre e fora enviado de Paris a Cannes pelo Ministério do Interior. Ele parecia estar investido de funções de elevada categoria, embora permanecesse ali quase completamente calado, observando o andamento das investigações. O segundo homem, também vindo de Paris, fora mandado pelo Ministério das Finanças e chamava-se Michel Ricard. Tinha os cabelos pretos, embaraçados, em completo desalinho. Da mesma forma, ele também quase não falava. O terceiro homem pertencia ao consulado americano de Nice e se achava no local porque Kilwood era americano. O nome dele era Francis Ridgeway. Encontrava-se entre eles também o médico-legista Dr. Vernon, que eu já conhecia. Só a principal personagem da cena, o próprio John Kilwood, não estava mais ali. Já havia sido transportado dentro de uma banheira ao Instituto Médico-Legal. Os peritos que examinavam os vestígios deixados no local, bem como o pessoal do Serviço de Reconhecimento, andavam incessantemente por toda a casa e espalhavam pó de grafite nas bordas das mesas, copos e garrafas com o fim de constatar se havia impressões digitais ou quaisquer outros vestígios importantes. Foram ainda tiradas muitas outras fotografias.

O pessoal falava francês. O funcionário do consulado americano expressava-se com muita dificuldade nesse idioma e não conseguia compreender quase nada. Nenhum dos presentes prestou atenção à minha aparência. Eles tinham muitas outras coisas com que se preocupar. Um policial se movimentava continuamente pela sala e ia servindo cafezinho aos homens. Só depois de ter bebido três xícaras foi que me senti um pouco melhor.

Lacrosse, ao me cumprimentar, disse-me que estavam à minha procura desde as cinco horas da manhã. Exatamente às cinco horas foi que ele e Roussel resolveram ir à casa de Kilwood, para despertá-lo, pois temiam que o homem pudesse ter ingerido uma dose excessiva de soporífero — dose talvez fatal para um corpo cheio de uísque. E encontraram o beberrão pendurado no gancho ali no seu banheiro.

Indaguei-lhe:

— Vocês haviam estado aqui antes?

— Diversas vezes. Ora vinha eu, ora o comissário — respondeu-me Lacrosse.

— Eu também estive aqui — disse Kessler.

— E que foi que notaram?

— Kilwood continuava dormindo. A governanta saíra às oito horas da noite. Ela chegou hoje de manhã bem cedo para iniciar o seu trabalho diário. Nós a interrogamos, mandando-a embora depois.

— Ontem, durante o dia, alternadamente um ou outro de nós teve que comparecer à justiça por causa daquela confissão de Kilwood que fora entregue no gabinete de Lacrosse — disse Roussel. — No outro lado está o Hotel de France. Também montamos ali uma espécie de quartel-general. Estávamos aguardando a chegada dos funcionários enviados de Paris. Mas já nos havíamos comunicado anteriormente com o consulado americano. Mr. Ridgeway chegou por volta das vinte e duas horas.

— Eu também já havia estado algumas vezes aqui e observei que Kilwood dormia — disse Ridgeway, expressando-se no seu péssimo francês.

— Como já lhe disse, comparecíamos aqui continuamente — prosseguiu Lacrosse.

— Por que não despertaram Kilwood e não o prenderam?

— Na realidade, ele não podia ainda ser preso. Não havia nenhuma razão juridicamente fundamentada para a sua prisão. Cabia, no caso, ser feita tão-somente uma intimação policial, e esta nos foi trazida apenas agora pelos dois cidadãos que vieram de Paris.

Farbre, do Ministério do Interior, começou a falar:

— Levou muito tempo até que chegássemos a um perfeito acordo com relação à maneira de procedermos. Tínhamos que executar os nossos planos em combinação com o embaixador americano.

Ricard, do Ministério das Finanças, disse por sua vez:

— Foi difícil encontrar um avião para nos transportar. Finalmente um aparelho da Força Aérea se dispôs a trazer-nos a Nice. De lá viemos de carro. É uma lástima que essa viagem não tenha sido tão rápida como deveria ser. Teriamos tido uma grande oportunidade...

— Eu sei — disse eu, interrompendo-o.

— Eu também já conversei com *Monsieur* Ricard — disse Kessler.

Ambos dispensavam-se reciprocamente as altas considerações devidas a colegas.

Roussel prosseguiu:

— De forma alguma Kilwood poderia fugir. Sua casa estava sendo vigiada por policiais. Teoricamente é bem provável que alguém tenha penetrado furtivamente através do jardim e subido pela parede da casa revestida de trepadeiras. Todavia essa hipótese não é muito aceitável. O mais provável mesmo é que alguma pessoa tenha se introduzido ocultamente na casa desde cedo. No momento oportuno, executou o crime e depois sumiu. Não posso imaginar outra explicação mais convincente.

— Eu também não — emendou Lacrosse. — Mas tínhamos tantas tarefas a executar em tão curto lapso de tempo: despertar Kilwood, aguardar a chegada dos funcionários de Paris, atender o expediente de rotina no gabinete...

— De resto eu estava na companhia do pessoal que encontrou o cadáver — declarou Farbre, que apresentava o rosto amarelado, certamente por efeito da bílis.

— Eu também estava junto com os colegas — afirmou Ricard, do Ministério das Finanças, fitando diretamente Kessler.

— Como você chegou à conclusão de que se trata de um crime e não de um suicídio? — perguntei a Roussel, que continuava conversando enquanto me mostrava as novas fotografias, que já haviam sido reveladas e ampliadas.

— Foi o doutor aqui quem declarou isso.

Todos nós convergimos nossos olhares para o médico-legista, mais baixo ainda do que Facrosse.

O Dr. Vernon levantou os seus pequenos braços:

— O que eu disse, até uma criança pode notar, Monsieur Fucas! Percebi logo que desenganchamos o corpo. Não havia absolutamente nenhuma dúvida. Kilwood já se encontrava morto quando foi pendurado no gancho pela extremidade da corda de náilon que estava enrolada no seu pescoço.

Facrosse, no intuito de esclarecer melhor a opinião do médico-legista, passou a explicar-me:

— O doutor acha que Kilwood foi sufocado com uma corda de náilon enquanto estava dormindo.

— Ele foi estrangulado, meninos. Estrangulado! — repetiu o baixinho.

— Então o senhor quer dizer que ele foi realmente estrangulado?

— Quem poderá saber com toda a certeza? — Vernon levantou de novo os braços. Segurando a xícara de café, ele caminhava de um lado para outro dentro do banheiro, que era bem amplo e comportava folgadamente todos os que lá estavam. Ele tomava o café em pequenos goles, como se estivesse saboreando a bebida. — Como disse, antes da autópsia não poderei declarar a *causa mortis*. Assim sendo, só posso dizer que tudo indica que Kilwood foi estrangulado antes de ter sido pendurado no gancho.

— Ah, compreendo — disse eu.

— Entretanto, essa minha suposição nada significa. Para poder emitir uma opinião concreta, terei que abrir o cadáver. Pois saibam, crianças, que também pode tratar-se de um caso de estrangulamento simulado. Pode ser até que a morte de Kilwood tenha sido ocasionada por envenenamento. Além disso, não está fora de cogitação a hipótese de um colapso cardíaco nem a possibilidade de ele ter morrido de susto ao perceber que ia ser estrangulado.

— Mas de qualquer forma ele foi transportado para este banheiro a fim de ser pendurado no gancho, não é verdade?

— Evidentemente, crianças, evidentemente. — Vernon segurou o policial que andava pela sala servindo o cafezinho. — Quero mais um, por favor! Muito obrigado! Ah, esse cafezinho chegou em boa hora. Se Kilwood foi efetivamente estrangulado, a autópsia revelará sintomas de asfixia. Digo-lhes mais: o rosto lamentavelmente não permite chegar a nenhuma conclusão positiva. Portanto, praticamente nada se pode afirmar. Nos casos de estrangulamento obstroem-se as veias e artérias do pescoço, mas não as da coluna vertebral. Em consequência dessa obstrução, congestiona-se o rosto, que fica inchado e adquire a tonalidade arroxeada ou azulada, bem como...

— Mas o rosto dele se encontra inchado e azulado — argumentei.

— Entretanto mesmo alguns dias antes o rosto dele já estava assim. Era o efeito da bebedeira. Nós todos sabemos que Kilwood bebia demais. Todavia, é importante esclarecer que o rosto dele não estava tão inchado nem tão

azulado como normalmente se apresentam os das pessoas mortas por estrangulamento.

— Então quer dizer que ele não foi estrangulado, não é verdade?

— Quem poderá afirmar uma coisa dessas? — O médico-legista baixinho soltou uma risadinha abafada. — Talvez o rosto do homem se tenha arroxeado e intumescido por efeito do álcool. O assassino forçosamente teve que afrouxar o nó da corda de náilon, quando arrastou Kilwood para o banheiro a fim de pendurá-lo pelo pescoço, e essa circunstância pode modificar certos aspectos, fazendo mesmo desaparecer a cor azulada que o estrangulamento provocaria.

— Que Deus me perdoe! — exclamou o homem do consulado americano. — Até parece briga de cachorros!

— Por que teria o assassino procurado simular estrangulamento se agiu, ao que tudo indica, como um inexperiente amador?...

— No modo de ver do criminoso, ele não agiu como inexperiente. Supôs ter feito tudo com elevado grau de perícia. Todavia, o trabalho dele não foi tão perfeito assim. Evidentemente, ele não dispunha de conhecimentos de medicina legal. E, na verdade, é um dos ramos mais difíceis da medicina.

— Mas o senhor parece demonstrar absoluta certeza de que Kilwood não praticou o suicídio.

— Estou absolutamente convencido de que ele não se suicidou!

— Mas por que motivo tentaria alguém matar Kilwood? Depois daquela confissão que ele fez, não havia qualquer razão plausível para isso — disse eu.

— Mas teria, de fato, alguma pessoa tomado conhecimento prévio dessa confissão? — Vernon, fazendo uma pose de indivíduo que conseguiu um grande triunfo, lançou o olhar em redor. — *Eh, voilà!* A criatura que penetrou sub-repticiamente nesta casa e se escondeu em algum canto... devo excluir apenas a hipótese de ter sido algum dos senhores aqui presentes quem assassinou Kilwood, eh, eh, eh... seguramente não sabia da existência dessa confissão.

O Dr. Vernon parecia estar se divertindo com o caso. Prosseguiu:

— Se Kilwood foi realmente estrangulado, a autópsia deverá revelar que houve hemorragia nas conjuntivas e no couro cabeludo. Na verdade

uma hemorragia muito intensa. Ou, então, nenhuma hemorragia.

— Que significa essa sua expressão: *ou, então, nenhuma hemorragia?* — interrogou Lacrosse com um meigo sorriso de sofredor nos lábios.

— Esse homem está me deixando louco! — exclamou o alto funcionário do Ministério das Finanças, falando baixinho no meu ouvido enquanto enxugava com o lenço o suor que lhe escorria pela fronte.

— Tudo depende. Tem café aí? Ótimo! Mais uma xícara, por favor! Tudo depende de saber se o objeto usado no estrangulamento, nesse caso a corda de náilon, foi apertada com força e permanentemente mantida apertada ou se ela, a curtos intervalos, foi afrouxada. Muito obrigado pelo café, minha criança.

— Na hipótese de a corda ter sido mantida bem apertada, a autópsia forçosamente deverá revelar uma intensa hemorragia... — disse eu.

Vernon soltou mais uma daquelas suas risadinhas abafadas.

— Muito pelo contrário! Se a corda foi mantida apertada, tendo sido inicialmente puxada com um impulso brusco e seco, não se produzirá absolutamente nenhuma hemorragia.

— Huuuummm! — fez o homem do consulado americano.

— Que é que tem esse cidadão?

— Ele está resfriado — respondeu Roussel. — Mas por que não se produz nenhuma hemorragia em tal caso, doutor?

— Simplesmente porque os vasos sanguíneos sofrem uma brusca obstrução, o que impede o sangue de subir. Minha explicação não lhes parece clara como a luz do sol, crianças?

— Clara como a luz do sol — confirmou Roussel. — Desculpe-me. Mas talvez a corda não tenha sido suficientemente apertada. Talvez Kilwood nem tenha sido estrangulado na cama (se é que de fato ele foi estrangulado), mas aqui mesmo neste banheiro. Observem bem essas manchas de fezes ao lado da banheira. Na sua cama não encontramos nenhuma dessas manchas. Essa circunstância comprova que a morte teve lugar neste banheiro, pois foi aqui que ele evacuou pela última vez. O assassino procurou cautelosamente retirar as

fezes. Todavia, não foi suficientemente cuidadoso no seu trabalho.

Vernon sorvia o café dando estalidos com a língua. Depois, com ares de catedrático que pontifica numa faculdade, explicou:

— É bem provável, também, que a sua laringe tenha sofrido alguma lesão

— Ah, ah — fiz eu.

— Mas isso não é possível! Como se diz habitualmente, o estrangulamento é coisa muito séria... se é que houve estrangulamento. Devo admitir que efetivamente existem alguns indícios que corroboram essa suposição, pois encontrei sinais profundos e sensíveis de estrangulamento. Esses sinais estendem-se horizontalmente, tornando-se visíveis com maior nitidez nas proximidades da nuca. A autópsia talvez revele algumas rupturas das cartilagens...

— Ótimo! Ótimo! — exclamou Lacrosse em tom de ironia.

— ...contudo, isso é pouco provável. Na quase generalidade dos casos, tais rupturas não se verificam...

— *This guy is driving me nuts*[1](1 "Esse cara está me deixando biruta." (N. do E.) — disse o homem do consulado americano.

Vernon dirigiu-lhe um sorriso quase infantil.

— Esqueça por um momento a *causa mortis*, doutor, óue é que o senhor nos diz com relação à hora exata em que ele morreu? — perguntou Roussel.

— Bem... esse já é outro aspecto. Difícil... difícil...

— Difícil por quê? O senhor chegou aqui às cinco e meia. Estava ou não rígido o corpo de Kilwood quando o senhor o examinou?

— Pode me arranjar mais um pouquinho de açúcar?... Obrigado! Ele se encontrava apenas parcialmente rígido. A rigidez havia atingido somente os músculos dos maxilares. O pescoço, os braços, as pernas e os pés ainda não estavam enrijecidos.

— Então não havia decorrido mais de cinco horas que Kilwood

estava morto quando o senhor aqui chegou.

— Aí é que está a dúvida!

— Dúvida por quê? — interrogou Roussel com ares de afetação. O baixinho dava a impressão de não possuir nervos. — Depois de cinco horas qualquer cadáver se torna completamente rígido.

— Isso é o que o senhor diz. Outros pensam de maneira diferente. Mas num ponto estou de acordo: numa temperatura normal a rigidez total se manifesta depois de decorridas cinco horas. Apenas acontece que nesta residência a temperatura não estava normal, especialmente aqui no banheiro. E os senhores terão que admitir que aqui dentro está muito quente, não é verdade? Talvez já fizesse cinco horas que Kilwood estava morto quando cheguei, mas a rigidez completa não havia ainda atingido todo o corpo por causa do calor, crianças. Além disso, a rigidez não começa nos maxilares, mas sim no coração. E como posso constatar isso sem fazer a autópsia?

— De qualquer forma, sabemos que Kilwood às cinco horas da manhã já estava morto. Foi exatamente a essa hora que encontramos seu cadáver. O senhor chegou aqui às cinco e meia. Como estavam as manchas do cadáver? — interrogou Lacrosse.

— Não descobri nenhuma.

— Então não fazia ainda três horas que Kilwood...

— Um momento, crianças, um momento! Nos casos de morte rápida, mesmo quando ocasionada por estrangulamento, o sangue se coagula mais depressa. Entretanto, no decurso das primeiras vinte e quatro horas, ele se liquefaz e por isso as manchas do cadáver só se manifestam mais tarde, muito embora, em compensação...

Ricard, do Ministério das Finanças, soltou um profundo suspiro.

— Não deixa de ser boa a sua explanação — disse Roussel delicadamente. — Contudo, apesar das devidas ressalvas e levando em conta a necessária margem de precisão, diga-nos: entre que horas, aproximadamente, Kilwood já estaria morto?

— Não posso absolutamente determinar-lhes uma hora suficientemente precisa. Ninguém poderia determinar isso!

— Refiro-me à hora aproximada.

Vernon rosnou:

— Aproximada? Quer dizer, então, que o senhor me permite uma hora como margem tolerável de erro no meu cálculo?

— Sim.

— Nesse caso eu diria que Kilwood não morreu antes de meia-noite e meia nem depois de uma e meia da madrugada. Isso significa, portanto...

— Que ele às onze e meia poderia já estar morto, ou mesmo que a sua morte só tivesse ocorrido às duas e meia da madrugada, considerando-se a margem de erro tolerável, conforme ficou combinado, caro doutor — concluiu Roussel.

— *I'll be a son of a bitch*[1] — exclamou o americano.

[1] "Vou ser um filho da puta!" (N. do E.)

Vernon, que não sabia nada de inglês, fez, com a cabeça, um alegre movimento afirmativo, sorrindo-lhe amavelmente.

Lacrosse disse-me em particular:

— De resto, devo informar a você que já encaminhamos ao nosso perito em grafologia todas as caligrafias que você me entregou.

— E qual foi o resultado?

— Ele formulou a hipótese de que aquela carta de ameaças deve ter sido escrita com uma caligrafia diferente, ou tão bem disfarçada que dificulta a sua identificação.

Virei-me repentinamente e, saindo daquele banheiro, atravessei a sala e dirigi-me a uma sacada. Respirei profundamente o ar puro. Estava com tontura e tive que me apoiar no parapeito. Se tivesse permanecido ainda alguns segundos conversando no banheiro de Kilwood teria desmaiado. Procurei contemplar lá embaixo o vale cheio de verdor que se estendia pelas encostas de Grasse. Naquela atmosfera transparente as próprias flores dos canteiros nas vizinhanças das fábricas de perfume pareciam cintilar, brilhando numa profusão de cores: violeta, vermelho, amarelo, azul, branco e laranja.

Que panorama encantador se descortinava diante dos meus olhos!

E, apesar disso, como eu me sentia infeliz!

— Karin — disse eu a minha mulher —, você me daria o divórcio?

— Repita mais uma vez o que você disse.

Ela vestia simplesmente um roupão, estava com o penteado em desalinho e não usava pintura. Não fora avisada da minha chegada nesse dia e, por isso, preparara para o jantar apenas uma travessa de queijo, pão e cerveja. Estávamos sentados na sala de jantar, em frente à espaçosa sala de estar. Seriam, quando muito, nove horas da noite. Na sala de estar achavam-se acesos diversos abajures de pé, todos com cúpulas de seda cor de mel.

Repeti-lhe:

— Karin, você pode me dar o divórcio? Sinto muito em fazer-lhe esse pedido, mas não a amo mais e, portanto, não posso mais viver em sua companhia. Tenho que me separar de você.

— Por causa'de outra mulher?

— Por causa de outra mulher.

— Você tem um farelinho de queijo bem na bochecha. Retire-o. Eu já previa isso desde a última vez em que você esteve aqui. Você nunca me enganou.

— Eu amo essa mulher realmente, Karin — disse, expressando-me com sinceridade e firmeza.

No mesmo instante tive a impressão de ter-me tornado um indivíduo diabolicamente infame. Sim, minha atitude não deixava de ser muito baixa e infame, mas não podia agir de outra forma. No avião, durante a viagem, eu havia pensado muito no que deveria dizer-lhe. Repeti mais uma vez:

— Sim, eu amo essa mulher realmente!

— Que graciosa porcaria não deve ser ela!... Metendo-se na vida de um homem casado.

— Ela não sabia que eu era casado. Só contei a ela algum tempo depois.

Karin esvaziou de uma só vez o copo de cerveja, enchendo-o de novo. Acendeu um cigarro e ficou me observando com um olhar extremamente desconfiado.

— Então ela disse a você que, se não viesse logo aqui tratar do caso com esta velha tonta, sempre passada para trás, e não pusesse tudo em pratos limpos, mais tarde eu atrapalharia vocês, não é verdade?

— Nada disso, Karin.

— Ah, não me venha com conversa mole, cachorro covarde!

— Não é nada disso. O caso se deu de maneira muito diferente.

— Como? Como? Como poderia ser tão diferente?

— Não importa saber como. Só sei dizer que é diferente do que você pensa.

— Você... você acha tudo muito fácil na vida.

— Não. Não considero nada fácil. Se eu tivesse achado isso muito fácil, já estaria separado de você há muito tempo.

— Mas por quê?

— Porque já faz muitos anos que nada mais existe entre nós. Porque não a amo mais. Por outro lado, também já faz muito tempo que você não me ama. Tenha a dignidade de confessar isso!

— Eu sempre amei você! E hei de amá-lo até o fim da minha vida, embora você seja um porco.

— Não é verdade o que você está dizendo.

— É verdade, sim!

Então ela começou a chorar baixinho. Fumava e bebia continuamente, mas as lágrimas não paravam de escorrer pela sua linda face. Não falávamos muito alto.

— Será que você sabe o que se passa no meu íntimo e será que pode avaliar o quanto eu o amo? E você não se aflige nem um pouquinho com a sua atitude? Ah, mas que boba eu sou fazendo uma pergunta dessas! Você agora

só se aflige e se preocupa com aquela porcaria. Você agora só pensa naquela puta lá de Cannes, não é verdade?

— Essa senhora mora realmente em Cannes.

— Mas o que foi que você achou de especial nessa tal puta de Cannes? Ela é fantástica na cama? É muito melhor do que eu?

— Eu ainda não dormi com ela.

— Mentiroso! Você ainda não dormiu nenhuma vez com ela, mas já quer separar-se da sua verdadeira mulher. Essa é boa! Que espécie de feitiço tem ela? Que misteriosos movimentos ela faz com o corpo? Engraçado! Só agora que você já está alquebrado e velho é que achou de se meter com um troço desses. Oh, sim, agora é que você está na idade própria para se lançar numa aventura tão louca assim! Pois então desembuche logo e diga que espécie de sacanagem gostosa essa tal puta fez com você. Que diabo de campainha mágica faz tilintar essa desgraçada?

— Ainda não dormi nenhuma vez com ela.

— "Ainda não dormi nenhuma vez com ela!" — repetiu Karin, remedando-me com a boca completamente torcida. — Que anjinho inocente você é! Foi ela mesma que proibiu você de dizer que já dormiram juntos, não é verdade?

— É verdade.

— Verdade! Era o melhor que ela poderia exigir. Que bonito! Você caidinho de amores por uma puta diferente! E como você anda louco por ela! Quando você, nessas suas viagens porcas, andava com as outras putas por aí afora, chegava a casa bem quietinho sem dizer nada. Mas desta vez a coisa mudou!

— Desta vez a coisa mudou! — confirmei. — E essa dama não é nenhuma puta!

— Olhem só!... O fidalgo cavaleiro com a sua reluzente armadura pretendendo lavar a honra de tão nobre dama! — disse Karin, tirando da testa um cachinho de cabelos louros encaracolados e alisando-os para trás. Ela continuava chorando, mas falava calmamente. — Ah, desta vez não é nenhuma puta! Repentinamente, de um momento para o outro, assim sem mais nem menos, as putas desapareceram da sua vida. Até parece que tudo foi bem calculado. Então

não existe nenhuma puta, não é?

— Não.

— Ah, é? Nenhuma puta? Mas eu sei que é uma puta que está metida nisso. Puta! Puta! A puta de Cannes!

— Pare com isso! — ordenei-lhe.

— Eu é que tenho que parar?! E se eu não parar? Que é que pode me acontecer? Você vai me bater? Você vai me matar? Uma merda que eu vou parar! Ela é mais bonita do que eu?

Não lhe dei resposta.

— Eu perguntei a você se ela é mais bonita do que eu.

— Sim — respondi simplesmente.

— Ótimo! Ela é mais jovem do que eu?

— Isso não tem nenhuma importância.

— Bem... E sabe o que você é? Você é o maior bosta que Deus botou na face da terra! Não se lembra há quanto tempo estamos casados? Dez anos! — Eu já sabia que Karin não deixaria de dizer isso. — Eu dei a você os melhores anos da minha vida.

— Sim, você me deu os melhores anos da sua vida.

— É isso mesmo! Os melhores anos da minha vida! — repetiu ela, começando bruscamente a gritar como uma louca. — Dei de presente a você os melhores anos da minha existência! Quem é que permanecia aqui cuidando dos seus interesses, zelando pelas suas coisas e aguardando a sua chegada daquelas viagens que quase sempre duravam meses? E agora você quer me largar como se eu fosse um tareco qualquer, não é verdade? Quem foi que sempre respondeu NÃO a uma porção de cavalheiros distintos e gentis só para ficar com você? E você bem sabe que havia muitos homens dignos que me queriam. Eu fiz isso! Eu! Eu conservo a aliança no meu dedo. Foi você mesmo que a enfiou nele. E você jurou viver sempre comigo, nos bons e nos maus momentos, nas fases de sofrimento e de misérias, até...

— Não! Nós não nos casamos pela igreja — retruquei-lhe. — Só nos casamos pelo civil. Karin, por favor!

— Nós nos casamos somente pelo civil porque você não quis se casar pelo religioso. Você nem mesmo quis usar aliança. Agora é que estou compreendendo tudo! Meus pobres pais sempre me advertiram do tipo de homem que você era. Especialmente papai. Agora eles já não existem mais. Já não tenho mais ninguém. A única pessoa que eu tinha era você. Mas, falando com sinceridade, nem mesmo com você eu podia contar. Você permanecia quase sempre longe de mim, a várias milhas de distância, e isso sempre me atormentou. Em todo caso, de tempos em tempos você vinha para casa e a gente da vizinhança via que você se encontrava aqui e que eu possuía um marido. Um marido que viajava muito, que não tinha saúde e que gritava quando dormia. Agora, sim, compreendo por que você grita dormindo!

— Deixe de dizer bobagens! Faz anos que tenho esse hábito de gritar dormindo! E essa senhora, conheci há pouco tempo, lá em Cannes.

— Como ela se chama?

Não respondi.

— Hei de descobrir o nome dela. Não será muito difícil.

— Não, não será muito difícil.

— Hei de descobrir o nome dela! — repetiu Karin. — E eu mesma vou me arranjar com essa puta, posso garantir a você. Eu vou tratar tão direitinho do caso que ela terá que sair de Cannes.

— Como você fará isso?

— A maneira de agir é *problema meu*. Um matrimônio destruído! Essa grande puta!

— Mas eu já lhe disse e continuo afirmando que ela não sabia que eu era casado e que nunca dormi com ela.

— E eu também vou estragar sua vida. Com Gustav. Lá na companhia! Lá é que vou fazer o diabo! Então quero ver se você continuará nesse seu trabalho, nessa sua atividade porca de só lidar com putas por esse mundo afora.

— Você não pode estragar-me sem estragar-se a si própria. Você quer viver, não é verdade? Mas para vivermos, juntos ou não, precisamos de dinheiro. Ou vai querer passar fome?

— Animal ordinário! Odeio você! Eu o odeio com todas as minhas forças e conservarei esse ódio até a minha morte!

— Deixe-me livre, por favor, Karin! Suplico-lhe! Já não existe uma vida matrimonial entre nós. Pensando bem, o que podemos dizer que ainda existe entre nós capaz de prender-nos um ao outro? Comprometo-me a sempre cuidar de você e eu...

— Oh... você vai cuidar de mim. É muita nobreza de sua parte! Caramba! Essa é de tirar o chapéu! Você ainda pretende cuidar de mim, seu porco? Então quer dizer que você acha a coisa mais fácil deste mundo abandonar-me assim sem mais nem menos e sumir daqui como quem diz: procure achar um lugar para viver, você ainda é jovem, tem saúde e pode trabalhar...

— E você bem que poderia trabalhar, se quisesse — respondí.

— Mas por que devo trabalhar? Eu não cometi nenhuma falta. É você quem quer separar-se de mim. E além do mais existem as leis para isso.

— Eu bem sei que existem as leis.

— Graças a Deus ainda existem leis que protegem as mulheres.

De Mougins, daquela casa que cheirava a morte, tomei um carro e voltei a Cannes. No Majestic encontrei um telegrama de Gustav Brandenburg, ordenando-me que fosse imediatamente a Dusseldorf. Tomei banho, fiz a barba e em seguida arrumei minha mala de viagem. Vesti uma das roupas leves que Angela me havia comprado. O avião seguinte para Dusseldorf, com escala em Paris, só partiría dali a três horas e meia, e por isso, depois de pronto, fiquei - sentado no terraço do hotel, que a essa hora se encontrava completamente vazio. No local achavam-se abertos diversos guarda-sóis. Os raios solares batiam em cheio naquele *nosso cantinho* — o cantinho onde eu e Angela havíamos sentado naquele dia. Bebi uma garrafa de champanha, mas fiquei mais indisposto ainda. Não pude permanecer por muito tempo no *nosso cantinho* e resolvi dirigir-me ao salão do hotel, com a intenção de telefonar para Angela. Mas não telefonei.

Permanecí sentado no salão durante duas horas sem que a ideia de telefonar para Angela saísse da minha mente. Na verdade, faltou-me coragem. Os brincos de brilhantes estavam enfiados no bolso do meu casaco. Brinquei com eles. Cheguei a ter vontade de jogá-los fora. Sentia-me arrasado. Chamei logo um táxi e dirigi-me ao aeroporto de Nice, onde, enquanto aguardava a hora da partida do avião, fiquei bebendo mais champanha.

Para tomar a camioneta que conduzia os passageiros até o aparelho, saí cambaleando, visivelmente embriagado. Olhava para cima, feito um bobo, a fim de verificar se Angela se encontrava na sacada do aeroporto. Quando desci da camioneta, tropecei, quase caindo. Toda aquela gente notou que eu estava bêbado. Dentro do avião os passageiros continuaram ainda a me olhar, muito embora eu permanecesse sentado bem quieto, sem beber mais nada. Um só pensamento me dominava durante toda a viagem: separar-me de Karin. Mas aquela gente não parava de me olhar. Talvez eu tivesse alguma sujeira no rosto.

Em Dusseldorf tomei um táxi e fui diretamente para casa. Telefonei para Gustav. Ele se encontrava ainda no seu gabinete e ordenou que me apresentasse no dia seguinte às nove horas da manhã. Então eu e Karin comemos pão com queijo e bebemos cerveja. Depois dessa refeição, passei a confessar-lhe que amava outra mulher e que, portanto, queria divorciar-me dela. Foi a partir daí que surgiu a discussão do caso, conforme já relatei. Em Dusseldorf fazia muito calor. Era uma noite abafada e por isso havíamos deixado a janela aberta.

Karin tirou um lencinho do bolso do roupão e começou a enxugar as lágrimas. Depois assoou o nariz e começou a falar, revelando mais objetividade nas suas palavras.

— Como é que você encara essa situação do ponto de vista financeiro?

Vejam os leitores: um estranho pensamento invadiu minha alma. Chegara a casa atormentado por um forte sentimento de culpa, e foi nesse estado de espírito que dei início à nossa conversa. Eu sabia perfeitamente que minha atitude era a de um porco sem-vergonha e descarado que queria abandonar a mulher por causa de outra. Só um tipo muito baixo seria capaz de proceder assim. Mas não tinha outra alternativa. Tão grande era o meu amor por Angela que eu não suportaria mais passar uma noite sequer sob o mesmo teto com Karin. E devo acrescentar que antes dessa nossa conversa eu tinha um medo irreprimível: medo de que pudesse haver um ataque de histerismo, balbucios de palavras amorosas entrecortadas de fortes suspiros, súplicas, choros e juramentos. Parece-me que os homens em geral fazem uma ideia completamente falsa acerca das mulheres com as quais, por infelicidade, estão casados. A primeira coisa que pensam é que suas mulheres, na hipótese de se verem abandonadas por causa de uma rival, tentam cometer suicídio, desmaiam e, dominadas pelo desespero, caem logo na rua da amargura, atirando-se nas sarjetas como qualquer aviltada prostituta. E pensam isso porque supõem que suas esposas continuam a amá-los. Todavia parece-me que nem sempre, na

realidade, a coisa se desenrola dessa maneira.

— Como é que você encara essa situação do ponto de vista financeiro? — perguntou-me Karin, revelando mais objetividade nas suas palavras e falando com certa frieza.

Dissipou-se bruscamente do meu espírito aquele sentimento de culpa.

— Evidentemente terei que lhe deixar o apartamento. Vou me mudar.

— Para onde?

— Para qualquer outro lugar. Talvez para um hotel. Não sei ainda. — Eu bem sabia para onde queria ir, mas nada disse porque a essa altura meu comportamento diante dela era bem diverso. — Disponho de três mil marcos que posso entregar imediatamente a você. Continuarei pagando o aluguel, seguro, luz e gás, e você receberá o bastante para levar uma vida boa e folgada, até conseguirmos legalmente o divórcio.

— Que significa conseguir *legalmente o divórcio?*

— Quero dizer a nossa separação definitiva em sentença proferida pelo juiz.

— Mas quem foi que disse que eu quero me divorciar? Você, sim, é quem está querendo o divórcio, com grande satisfação. Mas perante o juiz eu direi: não! Absolutamente não quero o divórcio. Primeiro devo falar com meu advogado. Antes disso nada posso dizer. Mas quanto é mesmo que você vai me dar?

— Em relação aos meus proventos, eu lhe darei uma quantia razoável.

— Isso não passa de uma fatia de pão com manteiga. Com essa importância não posso concordar. Assim eu ficaria com uma mesada de fome. Sei que com a sua puta de Cannes você bota fora pela janela em dois dias a quantia que pretende me deixar para o mês inteiro.

— Eu só conto com o meu ordenado.

— Você tem uma conta bancária, também.

— Você bem sabe qual é o montante que eu tenho depositado.

— A conta está em seu nome. Eu só tenho autorização para assinar as retiradas que faço. Que faria você se eu sacasse todo o saldo dessa conta?

— Você não faria isso — respondi-lhe. — Você não seria tão boba assim de praticar um ato ilegal em seu detrimento.

Enquanto eu falava, ocorreu-me que no dia seguinte bem cedo a primeira coisa que eu deveria fazer era cancelar a autorização dada a Karin para sacar da minha conta.

— Você também possui ações na Suíça, das quais a metade me pertence — prosseguiu ela. — Eu poderia tomar um avião para Zurique a fim de vender essa metade.

— Claro que você pode fazer isso — concordei.

Para mim pouco importavam essas ações na Suíça. Eu só tinha em mente, naquele instante, procurar meu advogado, que era também meu amigo. Fazia vinte anos que eu me valia dos seus serviços profissionais. Tinha necessidade de consultá-lo. Karin continuou:

— Nada mais posso dizer. Não sou tão boba para deixar que você me atraia para um abismo. Antes de mais nada, terei que falar com meu advogado. Ele é que me dirá como devo proceder. Que é que você pensa de mim? Que eu iria responder sim, amém! facilitando tudo para você se casar com aquela puta de Cannes? Você de mim não arrancará nem uma palavra. Eu tenho que pensar na minha vida. Pelo menos devo conseguir segurança. O dinheiro que nós possuímos é nosso e não apenas seu.

— Está certo. Estamos casados em comunhão de bens. Da mesma forma o seu dinheiro não é só seu. É nosso.

Quando começamos a falar em dinheiro, nosso diálogo passou a tornar-se mais objetivo e calmo. Pronunciávamos as palavras sem nos encararmos.

— E então, seu porco, que é que você pensa fazer agora?

— Vou me mudar agora mesmo.

— Que engraçado! E as suas coisas?

— Vou levar o que é meu. Só as coisas mais necessárias.

— Como?

— No meu carro.

— No nosso carro — gritou Karin.

Levantei-me.

— Que vai fazer?

— Vou preparar minhas malas. Já está bastante tarde.

Ela desandou a chorar novamente. Saiu apressada para o seu quarto e bateu com força a porta. Eu a ouvia soluçar. Ficou chorando e soluçando, trancada no quarto durante todo o tempo em que permaneci em casa.

Fui ao quarto onde se encontrava meu guardarroupa, carregando três malas para colocar o que pretendia levar. Ainda no avião, havia preparado uma relação: elefantes — cavalinhos sicilianos — máquina de escrever — ternos

— roupas de baixo — gravatas — abotoaduras — guias telefônicos — talões de cheques — meus documentos e papéis — sapatos — apólice de seguro — despertador ·— um rádio portátil — capa de chuva.

Era um rol até bem engraçado, mas empacotei tudo. Depois de pronto, ficou um montão de coisas. Cada vez que eu fazia uma pequena pausa, ouvia os soluços de Karin. Fiz com cuidado todos os pacotes e arrumei as malas. Meu carro achava-se estacionado em frente ao edifício. Utilizei-me do elevador e coloquei as malas no porta-malas. A máquina de escrever e uma mala pequena ficaram no assento traseiro. O pacotinho com os elefantes, coloquei no assento dianteiro, ao lado do volante. Para transportar os volumes, tive que subir e descer no elevador uma porção de vezes. Quando, pela segunda vez, eu saía do apartamento, a porta da residência do vizinho que morava em frente se abriu, surgindo o vulto da Sra. Hartwig.

— Boa noite, Sr. Lucas!

— Boa noite — respondi secamente, tentando seguir na direção da porta do elevador, mas ela se aproximou de mim.

— Que é que o senhor está fazendo? Está se mudando?

— Sim, por uns tempos, Sra. Hartwig.

De onde estávamos, ouviam-se perfeitamente os soluços de Karin. Nesse momento ela chorava convulsivamente.

— A coitada da sua mulher...

— Queira me dar licença, Sra. Hartwig. Tenho muito que fazer ainda.

— É uma injustiça o que o senhor está cometendo, Sr. Lucas. O senhor tem uma esposa tão boa...

— Sra. Hartwig?

— Sim, Sr. Lucas.

— Cuide da sua vida e...

— Que sem-vergonha! — exclamou ela, entrando. Notei que ficou me espiando através do olho mágico. Finalmente, acabei de transportar todos os meus pacotes, que eram bem pesados. Minha camisa ficara banhada de suor. Meu pé e minha perna começaram a doer. Tomei imediatamente umas drágeas do meu remédio. Estava tão afobado que nem notei quantas drágeas havia engolido. Eu não podia descansar. Pendurei os cabides com as roupas, no carro. Minha roupa, banhada de suor, grudava-me na pele. Depois de tudo arrumado no carro, subi mais uma vez ao apartamento e atirei dois mil e oitocentos marcos sobre a cômoda. Karin, deitada na cama, continuava chorando.

— Aqui está a primeira parte do dinheiro. Logo que eu souber, comunicarei a você meu endereço.

Ela não respondeu.

— Passe bem, Karin, e perdoe-me, se você puder.

Minhas palavras não tinham nenhum sentido. Tinha que procurar sair dali o mais depressa possível. Dirigi-me à porta. Aí, então, ouvi Karin gritar bem alto:

— Fique aqui! Não vá embora! Você não pode fazer isso comigo!

— Vou fazer, desculpe-me — retruquei, já saindo.

A porta do apartamento de frente se abriu de novo e mais uma vez apareceu a Sra. Hartwig. Karin percebeu isso e levantou-se da cama, gritando com toda a força dos seus pulmões:

— Sra. Hartwig, meu marido quer me abandonar!

Depois, sempre chorando convulsivamente, atirou-se nos braços da sua amiga, que disse:

— A gente nota logo que ele está indo embora. Mas a senhora aqui não está só. A senhora tem amigos. Eu e meu marido somos seus amigos, pobre Sra. Lucas. E seu marido ainda terá o que merece.

Apertei o botão do elevador. Antes que eu entrasse na cabina, Karin voltou-se para mim, dominada por um brusco ímpeto de raiva, e disse-me:

— Assassino! Porco! Miserável cachorro! Você quer me fazer sofrer, não é? Mas vou arrancar até a última camisa que você possui, seu cachorro!

Depois, a Sra. Hartwig também começou a gritar, mas não entendi o que ela disse. Eu ofegava. O suor escorria pela minha fronte. A dor no meu pé estava se tornando quase insuportável. Essa foi a última vez que estive no meu apartamento.

Procurei dirigir com muita cautela, pois estava nervoso e tinha medo de provocar acidentes. Segui na direção do Aeroporto Lohausen, nas proximidades do qual se encontrava o Hotel Intercontinental.

A Global encaminhava sempre para lá seus visitantes e hóspedes. Eu conhecia seus diretores e porteiros. Logo depois do meu desembarque do avião, havia telefonado dizendo que pretendia separar-me da minha mulher e pedindo um apartamento com sala, quarto e guardarroupa, por um tempo indeterminado. Havíamos combinado o preço 'também. Os criados me ajudaram a arrumar todas as coisas no quarto. Havia espaço suficiente para colocar tudo. A gerência mandara colocar sobre a mesa da sala duas garrafas de conhaque. Eu não tinha vontade de beber conhaque, por isso pedi que me trouxessem uma garrafa de uísque, soda e gelo. Fiquei bebendo enquanto desempacotava minhas coisas. Despi-me, ficando nu no quarto. Coloquei os elefantes e os cavalinhos sicilianos numa reentrância de uma parede na sala.

Separei os documentos e papéis mais importantes para guardá-los no cofre do hotel na manhã seguinte. Eu teria que tirar dinheiro do banco e mandar cancelar imediatamente a autorização dada a Karin para sacar da minha conta. Nessa noite bebi bastante. Cheguei a ficar embriagado. Eu só tinha um pensamento: divorciar-me de Karin. Depois, então, telefonei para ela. Atendeu logo ao telefone. Pude ouvir a voz da Sra. Hartwig e do marido, que sem dúvida lá estavam para consolá-la.

— Karin, estou morando no Intercontinental — disse-lhe eu.

— Entendido — respondeu-me, e desligou imediatamente.

Sentei-me na sala perto da janela e fiquei observando a noite lá fora e contemplando o aeroporto. Aviões aterrissavam e decolavam continuamente.

Já fazia muito tempo que os programas de televisão haviam terminado. Liguei então o rádio portátil e a primeira coisa que ouvi foi a voz de Bob Dylan:

"The ansiver, my friend, is blowin' in the wind. .

Desliguei rapidamente o rádio e continuei a beber uísque. Eu só pensava em Angela. Comecei a sentir tanta saudade dela!

Pelas quatro horas da madrugada estava completamente bêbado. Pedi então uma ligação para Cannes. Quando Angela, depois de um certo tempo, atendeu, comecei a falar com dificuldade, mas surpreendentemente claro. No início ela não manifestou contentamento.

— Não tenho mais nada a tratar com você. Onde você está? No Majestic? Por que está telefonando a essa hora?

— Estou em Dusseldorf — respondi.

— Onde?!

— Na Alemanha. Em Dusseldorf.

— Você não está em Cannes?

— Não. Tive que voltar para cá.

— Por que não me telefonou antes?

— Não tive coragem para tanto.

— Os funcionários da polícia estiveram aqui. Estavam à sua procura. Disseram-me que você havia desaparecido depois que saiu daqui. Onde estava?

— Num bar. Depois fui dormir com uma prostituta. Kilwood foi assassinado.

— Eu já sei. Você nem faz ideia do rebuliço que está havendo nesta cidade. Só se vêem repórteres e mais repórteres. De todas as partes do mundo. Elementos da polícia americana. Advogados de Kilwood. As investigações estão sendo efetuadas muito em segredo. Os jornais comunicaram apenas o assassinato. Naturalmente estão procurando evitar um escândalo. Oh, Robert, mas por que você me mentiu?

— Eu não menti. Eu disse a verdade.

— Mas só no fim. No princípio você me mentiu.

— Mas de agora em diante não lhe mentirei mais, Angela. Eu já não estou vivendo mais com minha mulher. Eu a abandonei...

— Oh, Santo Deus! — exclamou ela.

— ...e agora estou lhe falando de um hotel.

Dei-lhe o número do meu telefone e prossegui:

— Abandonei minha mulher e quero que você compreenda que estou lhe dizendo a verdade. Faz muito tempo que não a amo mais. Ainda hoje vou falar com meu advogado a fim de providenciar o divórcio. Naturalmente deverei ser considerado como culpado no processo.

Angela ficou calada durante tanto tempo que pensei que ela tivesse desligado o aparelho.

— Angela?

— Sim? — Sua voz soou tão abafada que parecia um sussurro.

— Volte, Robert!...

— Sim, Angela... Sim...

— Quando vai voltar?

— Ainda não posso dizer.

— Vai demorar muito?

— Não sei, mas voltarei logo que puder. Telefonarei novamente a você amanhã de noite, pode ser?

— Você pode telefonar-me quando quiser: de manhã, de noite, de madrugada. Estarei ansiosamente aguardando o seu telefonema. Como é que você se sente?

— Num estado horrível, mas ao mesmo tempo muito feliz. As duas coisas ao mesmo tempo.

— Eu também, Robert. O que estamos fazendo não está direito.

— Não está direito por quê? Meu casamento não passava de uma farsa.

— Sim, agora eu acredito. Do contrário eu não quereria de modo algum tratar desse assunto com você. Mas o que estamos fazendo é uma injustiça.

— Não! — respondi-lhe com firmeza.

— Julgue como quiser — retrucou-me ela —, mas Deus nos castigará por isso.

— Só porque nos amamos, Angela?

— Você bem sabe o motivo. Tratar com Deus não é jogar dados.

— Mas não posso agir de maneira diferente do que estou agindo. Desde que a conheci, Angela, essa foi a deliberação que tomei. Sinceramente, não vejo outra maneira de proceder.

Novamente verificou-se uma longa pausa e depois fez-se ouvir a voz de Angela:

— Meu procedimento, também, não pode ser outro, Robert... Só posso agir como estou agindo.

— Mas não tenha dúvida, tudo terminará bem.

Ela ficou calada.

— Você não acredita, Angela?

— Não! Mas gostaria de poder acreditar. Você bebeu um pouco, não é verdade?

— Sim, bebi muito.

— Eu também desejaria estar embriagada neste momento. Bem... então até amanhã à noite. Ficarei aguardando sua chamada, Robert. Eu...

A ligação interrompeu-se bruscamente. Fiquei sentado no mesmo lugar com os pés sobre a mesa, observando as luzes do aeroporto que me faziam lembrar a iluminação de Cannes.

33

A campainha do telefone tocou. No meu sono atrapalhado e pesado, passei a sonhar de modo confuso que ouvia um telefone tocar. Nesse exato momento eu estava sonhando com cobras — uma porção de serpentes enormes contra as quais eu lutava, encontrando-me em perigo de vida. As cobras estavam a ponto de me sufocar. Um telefone tocou. Não, não foi no sonho que ele tocou. Bruscamente despertado, sentei-me na cama. Eu não sabia onde me encontrava, nem que dia e mês do ano era. Nem mesmo sabia quem eu era. Se alguém me fizesse alguma pergunta, eu não saberia responder. Um telefone tocou. Eu não conseguia ver o aparelho, pois as cortinas da janela estavam bem fechadas. E continuava dominado pela impressão de que as cobras iriam esmagar meu corpo. Meu rosto e meus cabelos estavam banhados de suor. Quem era eu? Onde estaria esse maldito telefone? Comecei a tatear sobre a mesinha-de-cabeceira e derrubei um copo cheio de água, molhando a minha mão. Finalmente toquei algo mais duro... o aparelho. Levantei o fone, com as mãos trêmulas.

— Sim?!

— Bom dia, Sr. Lucas! — saudou-me uma jovial voz feminina. — O senhor nos pediu para despertá-lo. São sete horas da manhã.

— Sete horas — repeti como um bobalhão.

Tentei colocar o fone no gancho, mas não acertava. Com ambas as mãos, procurei o interruptor da lâmpada de cabeceira e acendi a luz. Só então recobrei completamente os sentidos e fiquei sabendo onde estava. Sim, era o meu apartamento no Intercontinental. Sabia que, se não levantasse logo em seguida, pegaria no sono de novo. Vi que a água derramada manchara o revestimento do soalho. Respirei profundamente e saltei da cama. Cambaleava e por um triz não caí. Minha cabeça doía. Era o efeito do uísque que eu tomara. E ainda continuava bêbado. Caminhando sem firmeza nos pés, fui até a janela e abri as cortinas. A fulgurante luz do sol, que me bateu em cheio no rosto, por um instante ofuscou-me a visão. Coloquei ambas as mãos sobre a fronte à guisa de anteparo e olhei para fora. Lá estava o aeroporto.

Quinta-feira, 18 de maio. Era o dia em que estávamos. O dia que, para mim, marcaria o início de uma nova vida. Era o que eu esperava ardentemente.

Estava com dor de cabeça. Fiz a barba, tomei banho e molhei a

cabeça com água fria. Mas a dor não passava. Pedi um chá e um comprimido de Alka-Seltzer. O chá e o Alka-Seltzer me fizeram bem. A dor passou e comecei a me sentir mais disposto. Tinha que fazer muita coisa nesse dia. Primeiro telefonei para o Dr. Paolo Fontana. Expliquei-lhe tudo o que havia acontecido e disse que necessitava falar-lhe com urgência.

— Quando? — perguntou-me ele. Sua voz soou calma e amável como a voz de um médico. Aliás, era do seu hábito falar sempre assim.

— Não sei bem ao certo a que horas poderei estar aí, Paolo. Primeiro tenho que ir até a minha companhia. Pode acontecer que Brandenburg me mande a algum lugar. Mas, de qualquer maneira, hoje à noite o mais tardar. Se não puder, telefonarei a você antes.

— Está bem. Entre pela secretaria. Eu terei que ficar aqui despachando alguns documentos. Seguramente estarei aqui até a meia-noite.

— Obrigado, Paolo.

— Farei o possível para auxiliá-lo. Você está passando por uma fase bem difícil.

— Mas essa fase passará depressa...

— É o que você pensa. Teremos que esperar bastante.

— Esperarei até morrer. Pouco me importa. Eu quero me separar definitivamente de Karin. Amo outra mulher e ela me ama.

— Suas palavras são belas e comoventes, mas pouco nos ajudam. Envidarei o máximo dos meus esforços para tornar tudo mais fácil. Mas você, para isso, deverá me ouvir e seguir rigorosamente minhas instruções.

— É exatamente por isso que eu quero falar com você o mais depressa possível.

— Muitos vêm falar comigo e depois não fazem o que mando. Qual é a situação da sua conta bancária?

— Figura no meu nome, mas Karin tem autorização para retirar dinheiro com a sua assinatura.

— Então você deve cancelar imediatamente essa autorização.

— Eu já tinha pensado nisso e é o que vou fazer ainda hoje.

— É claro. Sua mulher fará todas as tentativas para prejudicá-lo e procurará obter todas as vantagens possíveis.

— Ela já me declarou gritando que iria arrancar-me até a iiltima camisa.

— Então tome cuidado! Uma mulher abandonada torna-se capaz de tudo. O sentimento de ódio é mais forte do que o de amor. Karin não tem uma conta bancária também?

— Sim. Noutro banco. Já há alguns anos ela mantém essa conta. Não sei qual é a importância.

— Você também tem autorização para fazer retiradas da conta dela?

— Não.

— Estarei esperando você hoje à noite. Antes de falar comigo, não faça nada, a não ser cancelar a autorização dada a Karin para sacar da sua conta e pedir que toda a sua correspondência seja remetida ao Intercontinental. Você me promete isso?

— Prometo. Transmita meus cumprimentos a Vera.

— Serão transmitidos.

Vera era a mulher com a qual ele estava casado havia dezessete anos. Eles tinham duas filhinhas e eram muito felizes. Um casal ideal. Ora, é claro que devem existir casais ideais neste mundo. E espero que eu e Angela também formemos um par ideal...

Vesti-me e dirigi-me à recepção do hotel, onde aluguei um cofre para a guarda dos meus documentos e papéis. Dentro de um envelope coloquei também cento e dezenove mil francos, o restante do dinheiro que havia ganho na roleta em Cannes. Depois fui até o banco, onde falei com Kresse, o funcionário encarregado do controle das contas de clientes, o qual me conhecia há muito tempo. Disse a ele que eu queria cancelar a autorização dada à minha mulher. Ele me fez preencher um formulário especial, único requisito exigido para tanto. Dei-lhe então meu novo endereço, no Intercontinental, com a recomendação de encaminhar para lá toda a minha correspondência.

Saí do banco sentindo-me um pouco tonto. Verifiquei que o saldo da minha conta era de cento e noventa e dois mil quinhentos e quarenta e dois marcos e cinquenta *Pfennige*, dos quais cento e cinquenta mil provinham de juros. Esse foi o dinheiro que ganhei durante dezenove anos de patifaria para a Global. Não se podia dizer que eu era um milionário, mas também não estava na miséria. Quanto teria que dar a Karin?

Sem mais perda de tempo, fui à repartição dos Correios e comuniquei meu novo endereço.

— Robert — disse-me Gustav —, devo dar-lhe um abraço de felicitações!

Assim que me viu entrar, o baixote, com sua careca retangular, saltou da sua mesa de trabalho e veio receber-me de braços abertos, colocando-os em torno dos meus ombros e batendo nas minhas costas. Sua camisa estava banhada de suor, e o cheiro de charuto que saía da sua boca era quase insuportável. Estava com o estômago sensível essa manhã. Tentei afastar-me, mas ele me segurou com força, erguendo bem a cabeça para poder fitar-me, pois era muito mais baixo do que eu. Tinha restos de pipoca nos cantos da boca. Seus astuciosos olhos de porco expremiam comoção. Para espanto meu, notei que eles se achavam um pouco úmidos.

— Você é um bom sujeito, Robert. Finalmente está fazendo o que devia ter feito há muito tempo. Você nem imagina quanto eu me sinto feliz com isso, Robert! Afinal de contas, você para mim é como um filho...

Começou de novo a bater nas minhas costas e eu tinha que suportar o cheiro de charuto e suor. Aí, então, passou a dizer-me que já sabia que eu estava enamorado de uma senhora de Cannes.

— Como é que você ficou sabendo disso?

— Karin me contou tudo. Ela me telefonou hoje cedo. E ela é uma mulher capaz de tudo. Ela pretendia dirigir-se à administração superior da Global com o fim exclusivo de prejudicar você.

— Bonito! — exclamei.

— Seria uma boa merda para você! Mas se ela realmente tivesse feito isso, os diretores já me teriam telefonado. Como você bem sabe, estou sempre do seu lado. Além do mais, você já encontrou o seu grande amor, em Cannes.

— É verdade.

— Alegro-me bastante com isso e felicito-o.

— Obrigado.

Comprimindo um botão na mesa, ordenou à secretária que

trouxesse a garrafa.

— Que garrafa? — perguntei.

— De bebida, para comemorarmos. Não podemos deixar passar esse grande evento sem comemorarmos. Eu disse à sua mulher que sou seu amigo. Ela fez toda a sorte de ameaças. Vomitou uma infinidade de queixas contra você e jurou que iria prejudicar sua vida profissional. E, como você bem pode imaginar... não parava de falar da mulher que você conquistou em Cannes. Ela a conhece?

— Não.

— Chamava-a continuamente de "sua puta de Cannes".

A secretária de Brandenburg, uma senhora bem madura, trouxe uma bandeja com uma garrafa de conhaque e dois copos. Bebemos. O conhaque estava quente. Batemos nossos copos em saudação.

— Já tomei conhecimento de tudo o que se passou em Cannes — disse Gustav. — Esse tal Kessler telefonou ontem a seu chefe Friese em Bonn. Um telefonema que durou quase uma hora. O aparelho dele tem um dispositivo que isola completamente a ligação, e assim ele pode falar à vontade, sem temer que sua conversa seja interceptada. Uma droga dessas é que eu gostaria de ter no meu aparelho. Será que conseguirei? Uma bosta é que vou conseguir! O único remédio é trabalhar sempre com os nossos códigos secretos. Então, quer dizer que acabaram com a raça desse pau-d'água, esse tal Kilwood, não é verdade? Ele devia ser um tipo de aspecto bastante nojento.

— Muito nojento mesmo.

Não deixava de ser estranho o fato de Brandenburg achar que outra pessoa tivesse um aspecto nojento... O macaco nunca olha para o seu próprio rabo...

— Quem cometeu esse crime?

— Não faço a mínima ideia. Você não sabe se, nesse meio tempo em que viajei para cá, o pessoal em Cannes chegou a alguma conclusão?

— Nada me comunicaram. Cannes está cheia de advogados, de policiais, de repórteres e de nem sei mais o quê. Todos eles estão de acordo num único ponto de vista: que se tratava de um dos homens mais ricos do mundo. Eu não queria estar na pele desse tal Lacrosse ou desse tal Roussel. Pobres cães infelizes! E se eles descobrirem algo, nada vai adiantar. Os jornais franceses' e alguns periódicos alemães de hoje fazem referências à morte de um multimilionário americano num crime misterioso. A imprensa nada deixou transparecer, tendo dado a notícia como um simples informe sobre crime. Portanto, admitem a hipótese de tratar-se de assassinato. Quem você acha que matou Kilwood?

— Alguém que tinha medo de que Kilwood falasse demais acerca do assassinato de Hellmann... Kilwood devia saber uma porção de coisas...

— É também minha opinião — disse Gustav, fazendo saltar da boca farelinhos de pipoca. — Mas como pôde o assassino de Kilwood penetrar na casa? Kessler informou que a casa vinha sendo rigorosamente vigiada desde o dia anterior.

— A hipótese mais aceitável é a de que o assassino ficara oculto dentro de casa desde o dia anterior. Depois, no auge da confusão com a descoberta do cadáver, ele fugiu.

— Pode ser que sim, mas também pode ser que não.

— Que quer dizer com isso?

— Uma porção de policiais vigiava a residência dele, não é verdade? De tempos em tempos eles entravam na casa para dar uma espiada. Então, só pode ter sido um deles.

— Essa suposição é absurda.

— Não tanto como pode parecer...

— Pensando bem, você tem razão! Não se pode excluir essa hipótese também. Qualquer indivíduo que tivesse recebido bastante dinheiro para isso...

— Exato! Não há dúvida de que alguém deve ter recebido também uma boa grana para liquidar Viale. E muito dinheiro também foi pago para matar aquelas doze pessoas, se é verdade que Hellmann não se suicidou.

— Se é verdade que Hellmann não se suicidou, a Global terá que desembolsar quinze milhões de francos — concluí. — Mas você não me enviou a Cannes a fim de que eu envidasse todos os esforços no sentido de provar que houve suicídio?

Gustav começou a mordiscar seu charuto, encarando-me com um olhar perscrutador.

— Que está acontecendo agora? Não foi para esse fim que você me enviou? — insisti na pergunta.

— Sem dúvida. Mas às vezes a gente pode fazer alguma suposição, você não acha? Tudo é possível nessa atrapalhada de merda. Talvez até não haja só um, mas sim diversos assassinos, sem que isso impeça que Hellmann tenha praticado o suicídio.

— Então você continua admitindo a hipótese de suicídio?

— Eu acredito nessa hipótese. Tenho que acreditar nela. Foi por isso que mandei você a Cannes. Contudo... com um pouquinho de boa vontade, a

gente também pode admitir que houve assassinato. Agora, Robert, você terá que viajar para Frankfurt no próximo avião.

— Que aconteceu lá?

— Antes que Friese me telefonasse comunicando o assassinato de Kilwood, eu havia recebido um outro telefonema. De um indivíduo que reside em Frankfurt. Ele queria falar-me com urgência... ou, melhor dizendo, queria falar com você, pessoalmente. Trata-se de assunto muito importante e urgente. Ele só conhece você de nome e sabe tudo acerca das suas atividades. O que ele sabe só declarará pessoalmente a você e a ninguém mais. O nome dele é Fred Molitor...

— Um momento, por favor. De onde esse tal...

— Molitor. Fred Molitor. Aqui está um papel com o nome, endereço e o número do telefone dele. Alexanderstrasse. Fica na parte oeste. Nas proximidades da Lorscherstrasse.

— Mas de onde é que ele me conhece?

— Através de Seeberg.

— Mas isso parece absurdo!

— É muito fácil de compreender: enquanto todas essas coisas se passavam em Cannes... assim declarou-me Molitor pelo telefone... ele se comunicou com Seeberg, que se encontrava naquela cidade, perguntando-lhe o que devia fazer.

— Fazer com quê?

— Com a informação que ele tinha para vender. Eu também não sei o que é. E Seeberg disse-lhe que ele deveria contar tudo a você, porque você era o homem que estava lidando com esse caso.

— Mas que resultado se pode esperar da entrevista com esse homem? Tudo isso está me parecendo fantástico. Muito fantástico mesmo.

— Não deve ser muito fantástico... especialmente quando se considera que ele está exigindo muito dinheiro para revelar o que sabe.

— E você acha que Molitor, agora, vai nos esclarecer todo o caso?

— Talvez não todo... mas poderá fornecer-nos uma boa pista, que nos permitirá elucidar certos fatos.

— Que fatos?

— Por exemplo, que Hellmann era um grande porco e que ele teve que se suicidar porque, com as suas transações, meteu-se num beco sem saída...

— Alô, *oui*!

— Angela, aqui é Robert!

— Mas é espantoso! É incrível!

— O quê?

— Faz quase uma hora que estou sentada aqui perto do telefone olhando fixamente para ele e dizendo-lhe em tom de súplica: Robert tem que me telefonar agora!... Eu quero que ele me telefone! Sim, eu quero ouvir a voz dele! Não posso esperar até a noite! Eu preciso saber o que aconteceu com ele. E no exato momento em que acabei de proferir tais palavras tilintou a campainha! Que houve com você, Robert?

Eu lhe telefonava de uma cabina da agência postal localizada no aeroporto de Dusseldorf. Expliquei-lhe que iria tomar o avião para Frankfurt, mas que regressaria nesse mesmo dia para, logo mais à noite, falar com meu advogado.

— E você me telefonará em seguida comunicando-me o que ele disser, não é verdade?

— Claro!

— Quando você estará de volta?

— Ainda não sei.

— Oh, que tormento!

— Talvez possa dizer-lhe logo mais à noite.

— E se você tiver que ficar ainda durante muito tempo aí?

— É o meu trabalho, Angela. Que posso fazer?

— Compreendo, Robert... Eu não consegui dormir a noite passada. O que estamos fazendo é uma loucura.

— Sublime loucura!

— Triste loucura, Robert! Não acredito que possamos contornar a situação, dando ao nosso caso a aparência de uma causa justa. O que estamos fazendo é proibido.

— Proibido por quem?

— Vamos fazer mal a uma outra pessoa. Deus proíbe isso. E nossa atitude...

— Para mim pouco importa o que Deus...

— Deixe-me continuar, Robert! O que eu tenho a dizer é terrível.

— Que é que você tem a dizer?

— Que para mim também pouco importa. Absolutamente não faz diferença alguma. Será que você compreende quão grande é o amor que dedico a você, uma pessoa que, falando a pura verdade, nem conheço direito ainda?

— Eu...

— Telefone-me logo depois de ter falado com o seu advogado, sim? Estarei aqui esperando sua ligação, ainda que seja às cinco horas da manhã. Você vai me telefonar?

— Sim...

O alto-falante já estava chamando os passageiros que se destinavam a Frankfurt. Coloquei o fone no gancho. Saí correndo até uma casa que vendia flores. Dei o endereço de Angela à jovem florista e pedi que ela telefonasse à Floreal em Cannes, instruindo-a para que enviasse *sonjas* ao apartamento dela. Paguei duzentos marcos e deixei escritas as palavras que deveriam ser transcritas no cartão. Quando voltei, um steward já estava à minha espera. Mal entrei no aparelho, ele decolou.

Gustav dissera-me que era nas proximidades da Lorscherstrasse. Tomei um táxi para lá. Passamos por uma zona em que se viam edificações gigantescas e praças ajardinadas bem amplas. Bruscamente o carro dobrou, penetrando numa zona onde havia uma confusão de becos e ruelas. Parecia um labirinto. Surgiram então à nossa frente umas casas inclinadas, tortas e muito antigas. Tive a impressão de ter retrocedido no tempo e penetrado no longínquo passado.

Numa dessas velhas casas da Alexanderstrasse morava Fred Molitor.

Uma mulher alta e obesa abriu-me a porta. Tinha certamente seis queixos e fedia a chucrute. O cheiro de chucrute, aliás, se espalhava por toda a casa.

— Eu sou a Sra. Molitor — disse-me ela com uma voz de contrabaixo que chegou a me espantar. — Desculpe-me por estar de avental. Estava lavando os pratos. Nós sempre almoçamos muito tarde, sabe? Fred tem que dormir bastante. Por favor, venha sentar-se na sala. Dentro de alguns segundos Fred estará aqui. A esta hora ele sempre tira uma sonequinha, mas me pediu para despertá-lo quando o senhor chegasse.

Então entrei e sentei-me naquela sala de estar, um pequeno cubículo com a parede revestida de papel florido, móveis frouxos e desconjuntados e uma mesinha redonda coberta por uma toalha bordada. Algumas fotografias colocadas em pequenas molduras estavam sobre o aparelho de televisão. A cristaleira estava cheia de bonecas que ostentavam os mais diversos tipos de trajes, dessas que são vendidas nas lojinhas dos aeroportos ou nas casas de *souvenirs*. Viam-se ali uma espanhola, uma saxônia e uma holandesa, todas ainda embrulhadas nos seus invólucros de celofane. Sentei-me num sofá. As molas estalaram. Na janela estava pendurada uma gaiola com um papagaio. O papel de revestimento das paredes apresentava entalhes e calombos bem salientes. Devia ser uma casa muito úmida.

A porta se abriu. Um homem de cerca de cinquenta e cinco anos entrou na sala. Era magro, muito pálido e, como a maioria dos indivíduos que trabalham de noite, tinha as faces encovadas e os olhos fundos. Fred Molitor (como um tipo assim poderia ter tal nome?) usava roupão e calçava chinelos. Nos seus olhos notava-se um visível sinal de cansaço. A mão que ele estendeu parecia estar dormente. Quando entrou na sala, fez ranger o soalho com seus

passos. Quando lá fora passava um veículo, toda a casa tremia.

— Um traguinho? — ofereceu-me Molitor, que, ao contrário da mulher, falava com uma voz bem aguda. — Um licorzinho, Sr. Lucas?

— Não, obrigado.

— Mas é claro que o senhor vai aceitar um licorzinho. Eu ficaria ofendido se o senhor não aceitasse.

De um pequeno armário colocado ao lado do aparelho de televisão ele tirou uma garrafa e dois copos, que encheu completamente. O licor era muito adocicado. Depois de tomar um gole, Molitor lambeu os beiços.

— É uma delícia, não é verdade? Eu sou doido por esse tipo de bebida.

— Sr. Molitor, o Sr. Seeberg pediu que o senhor me contasse tudo o que sabe, não é verdade?

— Exato. É sobre o Sr. Hellmann, que Deus o tenha na sua santa glória!

Seus olhos cansados adquiriram uma momentânea vivacidade e ele passou a me examinar com uma certa desconfiança.

— O pobre Sr. Hellmann... naquela ocasião ele chegou a me dar dinheiro para que eu guardasse segredo sobre o caso...

— E mesmo assim o senhor deixou de guardar o segredo prometido, falando sobre ele com o Sr. Seeberg.

— Mas esta é outra história. O Sr. Seeberg pertence ao banco. Era do meu dever falar com ele.

— E, agora, falar comigo é também do seu dever?

— Eu acho que não. Também nada quis contar à polícia. E se vou comunicar tudo ao senhor é porque o Sr. Seeberg me disse que eu devia proceder desse modo. Mas não sei se está direito ou não.

— Mesmo tendo o Sr. Seeberg mandado que o senhor me revelasse tudo o que viu, o senhor ainda tem dúvidas, não é verdade?

— Na companhia encarregada dos serviços de vigilância ganho muito pouco. Ganho um salário de fome. Veja o senhor em que tipo de casa estou morando! Minha mulher sofre dos rins. Eu próprio, por quanto tempo poderei trabalhar ainda? Sou um homem pobre, Sr. Lucas.

O tesoureiro-chefe da Global, por ordem de Brandenburg, havia me dado dinheiro. Atirei sobre a mesa duas notas de mil marcos.

— O Sr. Hellmann deu-me cinco mil marcos — disse-me ele choramingando, com sua voz de falsete.

— Só posso dar-lhe dois mil marcos. Se o senhor não quiser revelar-me o que sabe, informarei à polícia que o senhor está silenciando algo importante...

— Mas, nesse caso, o senhor está me fazendo uma extorsão!

— É verdade — respondi-lhe simplesmente.

— Então fica por três mil, Sr. Lucas. Um homem pobre também tem direito de viver.

—' Dois mil e nada mais. Caso encerrado!

Um caminhão carregado passou por aquela rua estreita fazendo tremer toda a casa.

— Eu pensei que o senhor fosse mais humano, Sr. Lucas.

— Mas eu não sou. Que foi que o senhor ficou sabendo? Fale agora!

— Bem... Vá lá que seja, se é só esta pequena importância que agora posso ganhar com toda a minha honestidade ... —-O roupão de Molitor estava cheio de resíduos de comida e com as mangas remendadas. O par de chinelos que ele usava era velho, estando todo torto e rebentado. — — Tive muitas despesas! E além do mais, tive que telefonar ao Sr. Seeberg em Cannes, pois ele não pode sair de lá por enquanto. E como saiu caro o telefonema!

Coloquei sobre a mesa mais uma nota de quinhentos marcos.

A expressão do seu rosto tornou-se mais amável, embora de uma amabilidade um tanto viscosa.

— Eu sabia que o senhor era um homem de bom coração. Mais um licorzinho? Não diga que não, por favor! Faço questão.

Ele trouxe de novo a garrafa e encheu nossos copos. Eu não bebi mais. Ele esvaziou seu copo avidamente.

— Ah, isso me faz um bem! Especialmente depois do chucrute. Faz-me arrotar continuamente. Bem... já faz nove anos que fui destacado para os serviços de vigilância no banco do Sr. Hellmann. Com mais três colegas. O nosso serviço começa às seis da tarde e vai até as sete da manhã. Nos fins de semana e nos feriados há uma outra turma de vigias para substituir-nos. Temos o nosso horário certo e cada um de nós se ocupa de um andar. Durante todo o tempo que dura o serviço, estamos sempre andando de um lugar para outro dentro do banco. E, como não podia deixar de ser, lá temos revólveres, bombas de gás lacrimogêneo e outras coisas assim. O senhor conhece o edifício do banco?

— Conheço.

— É um gigantesco caixão, não é verdade? Andando dentro dele, qualquer um se cansa. De manhã, quando chega a hora de largar o serviço, estou mais morto do que vivo de tão cansado... E numa casa de merda como esta a gente nunca pode dormir direito. Durante todo o santo dia os caminhões de carga fazem um barulho infernal nesta rua. Faz dois anos que o tráfego foi desviado para cá. Tenho uma vida de cachorro e o meu coração...

— Sr. Molitor, não se desvie do assunto!

— Preste atenção: o fato aconteceu na noite de 25 de abril. Foi bem no meio da noite. Com mais precisão se pode dizer que foi no dia 26, pois o Sr. Hellmann só apareceu no banco à uma e meia da madrugada. Era uma quarta-feira...

— E daí?

— Bem, como já disse, nessa quarta-feira, lá pela uma e meia da madrugada, soou a campainha no corredor lateral. Nessa noite eu estava encarregado do térreo. Quando ouvi a campainha, fui espiar através do olho mágico da porta de ferro e vi que lá fora estava o Sr. Hellmann, de *smoking*, sobretudo, chapéu e uma echarpe de seda branca em torno do pescoço. Ele estava muito nervoso e esfregava as mãos. Nenhum de nós deixava de abrir a porta ao Sr. Hellmann quando ele vinha ao banco de noite. E naturalmente eu também abri a porta para ele nessa noite. Eu tinha três chaves especiais, o senhor sabe como é o serviço nos bancos, não é? Ele entrou, mas estava tão nervoso que

quase não podia falar. Aí ele disse que queria trabalhar.

— À uma e meia da madrugada?

— Sim. Eu também achei estranho.

— Ele fazia isso frequentemente?

— O quê?

— Costumava aparecer muitas vezes tarde assim da noite para trabalhar?

— Essa foi a única vez que o vi aparecer lá a essa hora. Pois, como lhe disse, o homem parecia que ia ter um ataque, um infarto. Todo o corpo dele tremia.

— Ele estava bêbado?

— Eu conheço uma pessoa quando bebe e posso lhe garantir que ele não havia tomado absolutamente nada. Ele só estava assustadoramente nervoso. Quase não conseguia falar. Falava baixo, como que resmungando. Logo que chegou perguntou: "Onde estão seus colegas?" Eu respondi que estavam nos outros pavimentos. Aí ele me colocou na mão cinco mil marcos. Eu disse cinco mil marcos, Sr. Lucas!

— Eu ouvi. Prossiga!

— Bem, está certo... Ele me deu os cinco mil marcos e disse que era para que eu não falasse a ninguém que ele tinha vindo trabalhar àquela hora e para que eu vigiasse os meus colegas que trabalhavam nos outros pavimentos. Eles também não deviam ficar sabendo que o Sr. Hellmann tinha estado no banco. E eu nunca devia contar isso a ninguém. O homem parecia que não estava no seu juízo perfeito, Sr. Lucas. Eu conhecia bem o Sr. Hellmann. Ele era uma pessoa calma e ponderada. Mas nessa noite... parecia um louco...

— Continue!

— Então ele se enfiou por um corredorzinho que existe ao lado da entrada lateral e eu subi para falar com meu colega — Ernest Trost, que nessa noite estava trabalhando no segundo andar — e pedi que ele trocasse de lugar comigo. Como o senhor sabe, no andar térreo existem bancos para sentar por toda parte, e eu disse a Ernest que estava tão cansado que a toda hora tinha que me sentar num daqueles bancos e quase pegava no sono. Mas no segundo andar

não dá para fazer isso. Lá a gente sempre tem que ficar de pé e andando. Ernest me respondeu que para ele tanto fazia trabalhar num ou noutro pavimento e desceu para o térreo. Enquanto isso, o Sr. Hellmann subiu por uma escada que fica perto da porta lateral. Ninguém viu o homem. Assim, ele foi para o segundo andar, onde se encontra o seu gabinete, e eu também fiquei por ali fazendo a minha ronda. Mas, que é que tenho para dizer ao senhor agora? O Sr. Hellmann não foi ao seu gabinete. Ele se dirigiu imediatamente ao gabinete do procurador-geral, o Sr. Seeberg, que fica na seção de câmbio. Um banco como aquele é uma empresa gigantesca. Praticamente nenhuma seção fica em contato com a outra. Fiquei com a pulga atrás da orelha quando, ao passar por ali, notei que o gabinete do Sr. Hellmann estava todo escuro e que havia luz no do Sr. Seeberg. A porta do gabinete do Sr. Seeberg não estava completamente fechada. Havia uma pequena abertura. Naturalmente eu não sou curioso, mas vendo isso fiquei assustado. Fui caminhando na ponta dos pés e espiei para dentro. E que vejo eu lá? O Sr. Hellmann na mesa de trabalho do Sr. Seeberg. O homem naturalmente tinha um chaveiro com chaves para todas as fechaduras. A mesa de trabalho do Sr. Seeberg estava aberta e o Sr. Hellmann tirava das gavetas papéis e documentos e tantas coisas mais que eu nem sei explicar. Tinha à frente dele um montão de papéis que folheava e lia. Ele havia tirado o sobretudo e o paletó do *smoking*. O homem estava tão absorto no trabalho que eu tenho a impressão de que ele diria: "Entre!", se naquele momento ouvisse a explosão de uma bomba atômica. Como estou lhe dizendo, era de assustar, Sr. Lucas. Era pavoroso!

Noyamente passa um caminhão de carga fazendo a casa tremer.

— Parece que o senhor não quer mais licor — disse Molitor.

Ele encheu mais uma vez seu copinho e bebeu todo o conteúdo de um só gole. Depois tossiu e limpou a boca com as costas da mão.

— Dali a pouco, quando passei de novo rondando por ali, o Sr. Hellmann já tinha aberto o arquivo de documentos do gabinete do Sr. Seeberg e lia atentamente todos os papéis. No meu terceiro giro notei que também o cofre estava aberto. Naturalmente o Sr. Hellmann conhecia a combinação do cofre. E lá estava ele com o suor escorrendo pela testa...

— Sim, sim, continue!

— Quero cair morto aqui se não é verdade o que estou lhe dizendo. Tanto suor assim escorrendo pela fronte de uma criatura eu nunca havia visto antes na minha vida, Sr. Lucas! O homem estava branco que nem cal, juro-lhe. E ele estava lendo os papéis que havia tirado do cofre. E cada vez que eu passava

por ali na minha ronda, ele parecia mais abatido, mais apavorado e mais desesperado. Eu logo matutei cá comigo que alguma coisa de horrível estava se passando, mas o quê? Com o banco do Sr. Hellmann? Mas com esse banco nada de mal pode acontecer. Fiquei muito assustado. O senhor me acredita?

— Sim. Onde estava o Sr. Seeberg nessa ocasião, quero dizer, nessa noite?

— Ele tinha ido para um congresso na Argentina. Não, espere um pouco... Era um congresso em... em... Que diabo, não há jeito de me lembrar agora!

— Santiago do Chile.

— Exatamente! Acho que depois disso o congresso ainda durou bastante tempo.

— Até o dia 19 de maio.

— Exatamente. Mas o Sr. Seeberg, logo que soube da morte do Sr. Hellmann, naquela desgraça com o iate, tomou o avião do Chile e foi para Cannes a fim de dar assistência à irmã do Sr. Hellmann. Ela havia telefonado para ele. Estava completamente transtornada. Além do mais, alguém tinha que tomar conta dos negócios do banco, não é verdade?

— E quem foi que ficou dirigindo os negócios?

— O Sr. Seeberg. Não como antes. A polícia não o deixa sair de Cannes. Ele determina tudo por telefone e por telex. Agora é o Sr. Grosser quem está provisoriamente dirigindo os negócios. Ele é o primeiro-procurador, mas não tem os mesmos poderes do Sr. Seeberg. Foi por isso que eu tive que telefonar ao Sr. Seeberg em Cannes e não falei com o Sr. Grosser.

— Por quanto tempo o Sr. Hellmann ficou lá remexendo os papéis?

— Como já lhe disse, ele ficou durante toda a noite. Até as seis e meia da manhã. Então, de repente apareceu o Sr. Hellmann no corredor... parecia um fantasma, garanto-lhe. Ele me pediu que abrisse a porta para sair, mas que eu tivesse o cuidado para que os outros vigias não o vissem. Fiz tudo direitinho como ele mandou. Depois ent rei no gabinete do Sr. Seeberg. Lá estava tudo completamente em ordem de novo. Ele tinha colocado novamente os papéis nos seus lugares. Só o cinzeiro é que estava cheio de pontas de cigarros. O Sr. Hellmann não parava de fumar durante o trabalho, se é que se pode chamar de

trabalho o que ele estava fazendo. Também encontrei três caixinhas de fósforos vazias. Eram fósforos do Frankfurter-Hof.

— Como é que o senhor ficou sabendo disso?

— Estava escrito nas caixinhas.

Molitor ficou calado durante um certo tempo, como se estivesse fazendo reflexões, depois prosseguiu:

— É tudo o que sei, Sr. Lucas. Nada mais vi. Só ouvi dizer no dia seguinte que o Sr. Hellmann estava completamente abatido e desesperado. Na quarta-feira seguinte ele tomou o avião para Cannes.

— Quem foi que lhe disse?

— Os colegas. Era o que se comentava por lá, nas horas de serviço. Diziam que ele parecia um louco... um homem completamente liquidado.

— E que foi que o senhor concluiu de tudo o que presenciou?

— Deveria eu tirar alguma conclusão?

— Naturalmente o senhor deve ter formado alguma ideia...

— Claro que também fiz minha suposição. Eu achei que alguma coisa devia ter saído errada nos negócios do Sr. Hellmann, mas não compreendo bem como. Alguma coisa importantíssima, sem dúvida. O Sr. Seeberg pensa assim também. Foi por isso que ele mandou que eu contasse tudo para o senhor. Não à polícia, porque poderia prejudicar o banco.

— E o que o Sr. Seeberg pensa que poderia ter deixado o Sr. Hellmann tão abalado?

— Ele não tem a mínima ideia do que possa ter sido.

Molitor soltou um enorme arroto.

— Desculpe-me. O chucrute sempre me faz arrotar. Não devo comer chucrute. Para mim é um veneno. Mas é o meu prato predileto. É por isso que a minha Clara, coitadinha, de vez em quando tem que prepará-lo para me regalar. O diabo é que depois ele me faz mal...

Dirigi-me ao Hotel Frankfurter-Hof. Molitor havia chamado um táxi. Fazia muitos anos que eu conhecia o Frankfurter-Hof e era bem relacionado com o pessoal da recepção, com os porteiros, com o chefe do restaurante e com os garçons. Eu já me hospedara por diversas vezes nesse hotel e gostava muito dele. Todo o pessoal era muito amável e prestativo. Por sorte, o chefe da portaria se encontrava no local. Ficou radiante quando me viu. Eu o chamei de lado para falar-lhe em particular.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa, Sr. Lucas?

— Acho que sim — respondi-lhe. — Você já me tem ajudado tantas vezes. Se eu tiver sorte, desta vez também ser-me-á muito útil a sua ajuda.

— De que se trata? — interrogou-me ele.

Estávamos ambos de pé na porta de saída do Lipizzaner-Bar. Ao longo da escrivaninha da sala de recepção e da portaria comprimiam-se os mais variados tipos de hóspedes: brancos, pretos, indianos, japoneses. Ouvia-se ali um burburinho de vozes confusas nos mais diversos idiomas. Ninguém podia nos ouvir, pois falávamos bem baixinho, quase cochichando.

— Preste bem atenção! — disse-lhe eu. — Será que você poderia averiguar se neste hotel não se realizou no dia 25 de abril alguma reunião, alguma conferência especial de banqueiros ou coisa semelhante?

— Dentro de alguns minutos já teremos a resposta — respondeu-me, solícito.

Retirou-se, desaparecendo atrás de um dos balcões da recepção. Não levou dois minutos e já estava de volta.

— Nos dias 24 e 25 de abril tivemos aqui efetivamente uma verdadeira aglomeração de banqueiros, que se achavam reunidos para um congresso. Havia banqueiros da República Federal da Alemanha, da França, da Inglaterra, da Suíça, da Suécia, da Áustria e da Itália.

— De que assunto eles trataram?

— Evidentemente, isso não posso saber. Esses senhores ocuparam o grande salão de conferência, que é de caráter privativo. Só sei dizer que ficaram o tempo todo absorvidos pelos trabalhos da reunião. Na tarde do dia 25,

que era uma terça-feira, o Sr. Hellmann fez uma conferência.

— Sobre o quê?

— Isso deve constar de nossos registros. Parece-me que ele se referiu à responsabilidade dos banqueiros com relação às empresas industriais. Em seguida todos eles se reuniram no bufê existente naquele salão. Na quarta-feira foram embora. O Sr. Hellmann, na verdade, não se hospedou aqui.

— Conseguiu averiguar quantos banqueiros tomaram parte nesse congresso?

— Sim, Sr. Lucas.

— Quantos?

— Se o senhor quer mais referências com o nome exato dos elementos que aqui compareceram, será difícil fornecer-lhe tais dados. Incluindo o Sr. Hellmann, estiveram presentes sessenta e três cidadãos. — Ele me fitou apreensivo. — Não foi uma boa informação?

— Ainda não posso julgar. Mas veremos em breve.

Era um sujeito muito cortês, esse chefe da portaria. Eu gostava muito dele. Ele tinha confiança em mim e eu nele. Inopinadamente ocorreu-me perguntar-lhe:

— Você não acha que seria possível, por seu intermédio, conseguir uma lista com o nome e o endereço desses banqueiros?

— Vou sondar junto à administração do hotel. Geralmente é muito difícil a obtenção de informes dessa natureza. Mas o senhor poderá estar certo de que eu lhe encaminharei uma lista detalhada se a administração dispuser desses dados.

— É um grande favor que você me faz. E se a administração resolver atender ao meu pedido, peço a fineza de enviar os dados com a maior rapidez possível... por telefone, por telex... à minha companhia. Você deve chamar o Sr. Gustav Brandenburg. A secretária dele tomará nota de tudo.

— Então, ao fazermos a transmissão desses informes, teremos que nos identificar?

— Sim, evidentemente. A identificação é muito importante.

— Tratando-se de assunto do seu interesse, faremos tudo o que nos for possível, Sr. Lucas — disse-me o chefe da portaria.

— Sessenta e três banqueiros de sete países!

— O artigo 48 da Lei do Divórcio reza: "Na hipótese de que, desde três anos antes, se ache suspensa a união matrimonial e desde que se considere impossível, em virtude de irremediável perturbação nas relações conjugais, restabelecer a vida conjugal, que é um requisito essencial para caracterizar o matrimônio, qualquer um dos cônjuges pode requerer o divórcio. Na hipótese de entrar com a petição o cônjuge que total ou preponderantemente é o responsável por tal perturbação, não deve ser concedido o divórcio contra as refutações do outro cônjuge, o que vale dizer, para ser deferida a petição deve-se comprovar que falta ao cônjuge refutante a vinculação ao matrimônio e a necessária disposição de dar continuidade à vida conjugal". É o que está escrito aqui.

Meu amigo, o' advogado Paolo Fontana, deixou cair sobre a mesa o livro volumoso que estava lendo. Depois afundou-se na poltrona e passou a fitar-me por cima da sua escrivaninha. Fumava cachimbo. Ele tinha aproximadamente a minha idade. Seu rosto pequeno permanecia sempre impassível, encobrindo os mínimos resquícios de emoção. Seus cabelos castanhos estavam penteados para trás. Era muito cotado entre as mulheres e sempre teve boas oportunidades para fazer estrondosas conquistas, mas nunca as aproveitou. Seu espaçoso escritório achava-se localizado no segundo andar de um edifício na Freiligrath-Strasse. Nas estantes viam-se pilhas de livros jurídicos e de processos. Além disso, sua escrivaninha achava-se atopetada de papéis e documentos. Era uma noite quente e abafada, mas o céu estava estrelado. A lua brilhava com aquela sua luz de um misterioso palor. As moças, caminhando pela calçada, soltavam gostosas e inocentes gargalhadas. Carros trafegavam ininterruptamente. O ruído de uma buzina insistente feria nossos ouvidos. Vindo de algum lugar ali por perto, um suave som de jazz invadiu a sala. Na rua, os homens pareciam divertir-se ao conversarem ani*madame*nte... conversas próprias das noites que marcam o começo da época estivai...

Foi às vinte e duas horas que entrei no escritório do Dr. Fontana. Ele já tinha dado por encerrados os seus trabalhos desse dia. Trajando só calça e camisa, a gravata completamente desatada e o colarinho desabotoado, com uma pose de fanfarrão, apoiado comodamente na cadeira, ficou me observando calado durante um certo tempo. Eu também trajava só calça e camisa.

Como eu não entrara em maiores detalhes ao formular minha consulta, ele passou a me fazer perguntas sobre certos aspectos relacionados com meu caso, tais como a data da minha mudança do apartamento, em que condições foi feita essa mudança, qual foi a reação de Karin quando lhe declarei

que queria divorciar-me dela. Foi só aí, então, que leu o artigo 48 da Lei do Divórcio e, depois de ter acendido o seu cachimbo, disse-me:

— Você mesmo pode ver que, lamentavelmente, a coisa não é tão fácil como você imaginava.

— Mas eu tenho que me separar de Karin! Já faz muitos anos que nossa vida conjugal praticamente não existe e você bem sabe disso. Ficarei completamente arruinado ou morrerei, se tiver que continuar vivendo com Karin, especialmente agora que encontrei outra mulher.

O semblante do advogado não denotou o mínimo movimento ou contração. Com a voz calma e ponderada obtemperou:

— Está certo. Compreendo o seu desejo. Mas nas circunstâncias atuais nada se pode fazer. Então você acha que terá que esperar uma eternidade até que uma nova lei do divórcio, já esboçada num anteprojeto, seja posta em vigor? Consoante as disposições da lei ora vigente, você poderá... se tiver muita sorte... conseguir o seu divórcio na primeira ou na segunda instância — o que acho muito pouco provável —, mas, se não for favorecido pela sorte, terá que se sujeitar a vários julgamentos em diversas instâncias para a regularização dos alimentos, divisão dos móveis, fixação da importância para o aluguel da casa... E não são muito raros os indivíduos que têm percalços dessa natureza...

— Mas isso é um absurdo! — gritei.

— É realmente um absurdo. Os socialistas estão cogitando da promulgação de uma nova lei do divórcio com um só julgamento por um único juiz, que deverá proferir a sentença definitiva depois de inteirar-se de todos os aspectos do caso. Pela nova lei você poderá conseguir o divórcio após a separação de dois anos, e não de três, conforme determina a lei atual. Mas a nova lei não foi ainda promulgada. Ninguém sabe quando ela será posta em vigor. Não quero roubar seu tempo discorrendo sobre as situações trágicas surgidas com a aplicação das normas obsoletas da atual legislação, conforme eu próprio pude verificar no exercício das minhas atividades profissionais...

Sobre a mesa encontrava-se uma garrafa de Rémy Martin e dois copos. O homem encheu nossos copos e eu me apressei em tomar um gole bem grande. E não era para menos. Eu tinha necessidade de beber nesse momento.

— Pobre homem! — exclamou Fontana. — Você está doidamente apaixonado por essa tal Angela, não é verdade?

— Amo-a mais do que você pensa.

— E dizer que milhares de quilômetros separam vocês... e que, como você viu, de nada adianta o amor que vocês dedicam um ao outro...

— Mas não quero mais voltar a viver com Karin! — exclamei num tom incisivo e bebi outro gole bem grande. — Não haverá algo que se possa fazer para contornar a situação? É claro que sempre se poderá dar um jeitinho. E você, rábula do inferno, deve encontrar esse jeitinho, pois essa é a sua profissão!...

Fontana sacudiu os ombros.

O cachimbo estava entupido. Ele bateu-o para retirar os resíduos de fumo e a cinza e depois com seus dedos hábeis encheu-o novamente com fumo dourado, que retirou de uma caxinha de porcelana holandesa.

— Devemos considerar o fato tal qual ele se apresenta diante de nossos olhos, Robert. De acordo com a nova lei, já configurada num anteprojeto, o princípio de culpabilidade (adultério, etc.) não constituirá mais o requisito fundamental para a concessão do divórcio, mas única e exclusivamente a existência efetiva de uma *situação de conflito* na vida conjugal. Fazendo seu pedido de divórcio agora, você corre o risco de jogar com a sorte: talvez a nova lei seja posta em vigor logo. Mas também pode ser que não. Talvez você consiga o divórcio com brevidade. Mas, se não for assim, você terá que enfrentar diversos julgamentos num processo que poderá arrastar-se durante anos. Terá sua Angela bastante disposição de espírito para suportar essa demora?

— Ela tem. Eu é que não poderei suportar tanto tempo.

— Ela também não poderá suportar a demora — ponderou Fontana, já acendendo o cachimbo e lançando no ar grossas baforadas de fumaça, que recendiam a alcatrão e mel. — Quanto a você, nota-se logo sua impaciência. Você já tem a aparência de um verdadeiro destroço humano. Eu o conheço muito bem. Outros talvez não possam notar seu estado de espírito. Mas notei logo que apertei sua mão. Você se encontra dominado por tão terrível inquietação que, desse jeito, não poderá resistir nem mais um ano sequer.

Um ano? Será que a solução deste caso ainda vai levar um ano?, pensei comigo mesmo. Será que o meu estado de saúde vai piorar? Será que vou ficar mais doente ainda ou será que minha saúde vai permanecer como está? Quem sabe se não morrerei antes mesmo de poder juntar-me a Angela como seu marido? E será que Angela, por seu turno, poderá também suportar uma

espera que, conforme prognostica Fontana, se prolongará por muito tempo? Na verdade, já estou reduzido a uma verdadeira pilha de nervos. Fontana lem razão.

— Mas é um ato desumano querer obrigar a viverem juntas, como que acorrentadas, duas criaturas que de fato há muito tempo já se acham separadas.

— Não discordo. Trata-se de uma lei desumana.

Quando Fontana falava, quaisquer que fossem os conceitos que emitisse, sua face não sofria a mínima contração e sua voz permanecia inalterável. Com essa peculiaridade pessoal a reforçar-lhe o talento, ele já havia ganho muitas questões. Falando calmamente, prosseguiu:

— Por isso sou de opinião que você não deve formular agora seu pedido de divórcio. Você não poderá atingir seu objetivo sem ter que tomar uma atitude baixa contra Karin... pois ela não quer o divórcio.

— É, ela me disse que não quer o divórcio.

— É claro que ela não quer o divórcio! E ela nunca vai querê-lo. Ela nunca entregará você como um presente a outra mulher, especialmente depois que você, como um verdadeiro idiota, lhe declarou que está caído de amores pela sua nova predileta. Ela se comprazerá em ver você esticar as canelas por causa desse seu amor. Eu disse: esticar as canelas. Você deve verificar se ela de fato o ama ou se está propensa a ceder-lhe. — Como já disse, o advogado falava com o semblante impassível, expressando-se com naturalidade e sem alterar o tom da voz. — Que idade tem Karin?

— Trinta e oito anos.

— Por que você não contrata algum detetive? O trabalho de um detetive não é muito barato, mas talvez valha a pena. Pode ser que ele a surpreenda em algum flagrante com outro indivíduo. Então teríamos um motivo ponderável para entrar com o pedido de divórcio.

— Karin jamais seria capaz de procurar outro homem. Tenho absoluta certeza disso.

— Contudo... Admitamos que por qualquer razão ela venha a ter algum encontro fortuito...

— Ela jamais faria isso. Ela não é mulher desse tipo.

— Mas tal circunstância nada tem a ver com o tipo de mulher. Trata-se, antes, de uma imposição das próprias condições anormais da vida conjugal. Você mesmo já disse que Karin não é suficientemente esperta para agir com grande discernimento.

— Eu não espero nenhum resultado positivo com a contratação de um detetive.

Angela! Angela! Achei que seria tão fácil a solução de meu caso! Entretanto, como ele parece difícil e intrincado agora!

Na rua lá embaixo, uma moto fazia ruídos estrepitosos, seguida de uma extensa fila de carros.

— Sempre rabos-de-saia! — exclamou Fontana.

— O quê?

— Não, nada! Já que você não consente, não se fala mais na contratação de um detetive. Tenho apenas a obrigação de dizer o que você deve fazer. Se você age ou não, é problema seu. Eu quero ajudar você. Sou seu amigo.

— Foi por isso mesmo que vim aqui.

— Contudo, seja lá qual for sua ideia, não deixe de pensar na possibilidade da contratação de um detetive. Sua mulher tem saúde. Ela ainda é bastante jovem e pode trabalhar para ganhar dinheiro. Você já mandou cancelar a autorização que lhe concedeu para sacar da sua conta?

— Já-

— Você ainda lhe deu dinheiro ontem?

— Sim.

— Quanto?

Hesitei em responder ao advogado.

— Eu perguntei quanto dinheiro deu à sua mulher ontem.

— Dois mil e oitocentos marcos.

— Oh, grande estúpido! — exclamou ele com brandura na voz. —

E não esqueça de enviar-lhe amanhã cedo também um buquê de rosas vermelhas. Você pensa que a obtenção do divórcio é coisa tão fácil e rápida?

— Foi, na verdade, um erro da minha parte. Mas me achava dominado por um forte sentimento de culpa e...

— Proíbo-lhe, deste momento em diante, sentir o mínimo resquício de culpa que seja!

— Para você é bem fácil fazer-me essa proibição. Enquanto, não posso dissipar da minha mente a ideia de que tenho culpa.

— Você não deve deixar que essa ideia se apegue à sua mente. Do contrário, você jamais conseguirá tornar-se um homem livre. Pense no inferno que vem atormentando sua vida nesses últimos anos. Você não deve nunca esquecer como tem sido o comportamento dela e acho mesmo que deve estar farto dos dissabores que ela lhe vem ocasionando incessantemente. Você não deve lhe dar nem mais um centavo.

— Mas isso eu não posso fazer — gaguejei um tanto espantado. — Como poderá ela viver? De que maneira conseguirá pagar o aluguel?

— Qual é o valor do aluguel?

— Mais ou menos setecentos marcos.

— Então pague o aluguel, mas não lhe dê mais nada. Ela também dispõe de uma conta. Trata-se de dinheiro que ela conseguiu de você mesmo, subtraindo das importâncias entregues para as despesas da casa. Fome ela não vai passar. E ela terá que trabalhar também.

— Ela não aprendeu nenhuma profissão...

— Não importa. Existem atividades para as quais não há necessidade de muita aprendizagem. — O advogado, agora, passou a falar com voz mais baixa. — Só assim talvez... eu disse *talvez*, note bem... você poderá conseguir que, compelida pela raiva, ela própria peça o divórcio. Mas ela só tomará essa atitude quando perceber que não lhe resta nenhuma outra esperança. E sou de opinião que você poderá viver em concubinato com sua Angela até que surja a solução definitiva do seu caso. Ninguém poderá impelir vocês de, livremente, levarem a vida juntos. O máximo que poderá acontecer é que você seja considerado culpado no processo de divórcio. Creio que para sua Angela pouco importa essa circunstância... ou?

— Evidentemente, para ela tanto faz.

— Muito bem. Então fica combinado que daqui por diante você não dará mais dinheiro à sua mulher. Pagará somente o aluguel. É uma imposição minha. Você poderá também pagar o seguro. Só o seguro de vida e por doença.

Batendo com a ponta do cachimbo no meu peito, perguntou-me:

— O telefone está em seu nome?

— Está.

— Então você terá que providenciar imediatamente o cancelamento desse registro. Vou relacionar numa lista uma série de coisas que você terá ainda que fazer. Quanto é que você ganha na Global?

— Sete mil e quinhentos marcos. Líquidos.

— Com o divórcio, você pode calcular que deverá dar à sua mulher aproximadamente um terço dos seus proventos e das suas posses, incluindo sua conta bancária. Você poderá arcar com essas responsabilidades sem que seja afetado o seu equilíbrio financeiro?

"Assim sendo, eu terei que me contentar apenas com dois terços dos meus proventos e das minhas posses. Dá para fazer face às principais necessidades da vida."

Eu estava refletindo sobre este ponto quando Fontana me perguntou:

— Angela também ganha com seu trabalho, não é verdade?

— Mas não posso e não devo contar com o dinheiro dela. Pelo contrário, ela é que deverá viver do meu ganho.

— Você poderá arcar com todos esses gastos? A vida em Cannes não é sopa.

— Se lá não der para viver, teremos que nos mudar para outra parte. De qualquer forma, trabalhando na Global, que está sediada aqui em Dusseldorf, não poderei residir em Cannes.

Ao declarar isso, ocorreu-me que Angela me havia dito que de

forma alguma pretendia viver em outro lugar a não ser em Cannes.

Fontana pareceu ter penetrado o meu pensamento e disse:

— Angela talvez não queira sair de Cannes. É lá que ela tem mais probabilidade de ganhar dinheiro com suas pinturas. Sinto muito, Robert, mas não posso esquivar-me de focar também esse aspecto: o amor, por intenso que seja, morre quando falta o dinheiro.

— Eu.... eu...

— Diga logo! Ande!

— Eu não tenho saúde, Paolo.

Passei, então, a relatar-lhe tudo acerca do meu estado de saúde. Depois que concluí o relato, pedi-lhe que não dissesse nada a ninguém.

— Angela sabe disso?

— Ela acha que estou apenas um pouco doente, com uma dorzinha qualquer no pé e nada mais. Se eu piorar, terei que me aposentar e viver da minha aposentadoria...

— Dando um terço dos seus proventos a Karin?! E note que depois da aposentadoria você passará a ganhar muito menos.

— Está certo. Mas nesse caso poderei ficar vivendo em Cannes mesmo e lá seguramente encontrarei algum trabalho. Tenho certeza! Eu falo bem francês. Com muita facilidade, encontrarei emprego naquela cidade.

Repentinamente tive a impressão de me sentir mais aliviado, como que totalmente livre de temores. “Sim, sim, tomara que essa minha *claudicatio intermitens* tenda a se agravar. Sim, sim, tomara que eles me concedam de uma vez a aposentadoria!”

Depois dessa divagação declarei ao advogado, pondo um tom de veemência nas minhas palavras:

— Eu não quero martirizar Karin nem fazer chicanas com ela! Seria uma atitude ignóbil da minha parte. Só quero entrar com meu pedido de divórcio agora, sem demora.

— Mas continuo mantendo minha opinião de que ainda não é o

momento oportuno para entrar em juízo com a sua petição de divórcio. Com que fundamento ela poderá ser formulada agora? Por enquanto não há nenhuma razão plausível para isso.

— Ora, então não sei que há razão de sobra? Cada vez que chego a casa, até parece que entro num inferno. Minha mulher é hostil e agressiva. Já não se pode mais dizer que estamos levando uma vida de casados. Não pode começar com tais alegações?

Ele, contrariado, sacudiu os ombros.

— Mas tudo isso é muito pouco. Deixe que ela reclame, deixe que ela...

— Não! — interrompi-o e comecei a falar com mais veemência. — Eu quero que meu pedido de divórcio seja encaminhado agora, custe o que custar! Recuso-me terminantemente a causar a Karin qualquer aborrecimento ou humilhação e também não pretendo ofendê-la. Quero separar-me dela, mas agindo, tanto quanto possível, de maneira decente.

— Está bem. Então teremos que redigir um documento no qual você declara expressamente que, contrariando meus conselhos, me forçou a encaminhar agora a petição do seu divórcio. Você deverá assinar essa declaração. Sou seu

amigo, mas também sou um advogado e não posso deixar de tomar precauções para salvaguardar minha reputação.

— Assinarei com prazer essa declaração.

— E também a procuração.

Ele preencheu um formulário especial, que passou às minhas mãos. Assinei tudo.

— Portanto, encaminharei logo sua petição, mas, conforme já o adverti, é uma loucura o que você está fazendo. Você de maneira alguma quer ouvir meu conselho?

— Não, não quero ouvir o seu conselho neste ponto. Perdoe-me, Paolo. Quanto tempo levará até que tenhamos alguma notícia sobre o andamento do processo?

— Algumas semanas. O juiz deverá expedir o competente aviso a

Karin e ela naturalmente terá que contratar um advogado também. O advogado a orientará sobre como deve proceder e depois se comunicará comigo.

— É verdade. Tem que ser assim mesmo.

De um momento para outro invadiu-me uma sensação de calma e de íntima satisfação. Era como se meu divórcio já tivesse sido determinado sem entrave de espécie alguma.

— Você obstinadamente não quer seguir meu conselho — disse Fontana, ainda contrariado. — E essa sua atitude não é nada boa.

A música que vinha de algum lugar ali perto soava mais forte nesse instante. Era uma melodia de ritmo lento, repassada de melancolia.

Meia hora após a meia-noite entrei no meu quarto no Intercontinental. Sobre a mesa havia um vaso com rosas vermelhas — *sonjas*. Contei-as: eram treze. Um envelope pendia do vaso. Abri-o deixando cair sobre a mesa o cartãozinho que estava dentro. Lia-se nele a seguinte frase escrita com a caligrafia canhestra de algum empregado de qualquer uma dessas floriculturas:

"Je t'aime de tout mon cœur et pour toute la vie — Angela".

Segurando ainda o cartão, caminhei até a janela e descerrei as cortinas. Então passei a contemplar o aeroporto de Lohausen com suas luzes brancas, verdes, vermelhas e azuis girando ininterruptamente. Depois procurei sentar-me perto do telefone numa posição tal que me permitisse segurar as rosas bem junto de mim e divisar lá fora o aeroporto.

Eu ainda segurava na mão o cartão quando disquei para a central telefônica a fim de pedir uma ligação para Cannes. Não parava de ler aquela frase garatujada: "Eu amo você de todo o meu coração e por toda a minha vida — Angela".

Meu pé esquerdo começou a doer um pouquinho.

A campainha do telefone tilintou.

— Aqui é de Cannes. Para o Sr. Lucas. Queira atender, por favor!

— Angela!!

— Robert!! Finalmente! Faz horas que estou esperando.

— Não me foi possível telefonar antes.

— Mas eu não me incomodaria em esperar mais ainda. Durante toda a noite se fosse preciso. Estou aqui no terraço sentada na cadeira de balanço. Faz muito calor aqui, Robert. Ah, se você estivesse perto de mim! Que noite magnífica! E eu sinto... eu sinto tanta saudade de você!

— Eu também sinto saudade de você, Angela.

Meu pé parecia pesar como chumbo. Nesse instante comecei a sentir o agradável perfume das rosas.

— Muito obrigado pelas *sonjas*, Angela. E obrigado também pelas lindas palavras escritas no cartãozínho.

— Eu é que agradeço a você pelas suas rosas, pelas suas palavras.

— Você está contemplando as luzes da cidade?

— Além das luzes da cidade, contemplo também as luzes sobre os navios que estão no mar e as que iluminam as estradas que margeiam o sopé do monte Esterel.

— E eu aqui contemplo as luzes do aeroporto. Faço de conta que são as mesmas luzes de Cannes e assim tenho a impressão de estar junto de você.

— Luzes queridas! — exclamou Angela. — Que enorme quantidade de luzes possuímos, não é verdade? Dispostas em fileiras uma após outra. Elas preludiam a nossa felicidade e se encarregarão de unir nossos pensamentos cada noite em que nos comunicarmos por telefone, até que você venha para cá para ficar bem pertinho de mim.

— É mesmo, Angela.

— Quando você regressará?

— Ainda não sei ao certo. Desta vez parece que vai demorar um pouco.

Nenhuma resposta.

— Angela?

— Sim?

— Você está me ouvindo?

— Estou.

— Por que não responde, então?

— Não posso. Eu... eu tive que chorar. Na verdade, Robert, eu gostaria de ter sido mais corajosa para poder sufocar a minha emoção no momento em que você disse que demoraria um pouco para voltar. Sabia que

desta vez você não poderia vir tão depressa.

— Sabia como?

— Eu fico sabendo facilmente tudo sobre você. Bem que gostaria de ser forte em tais circunstâncias e mostrar-me alegre para não entristecer você. Mas não consigo, Robert.

Exatamente nesse instante, em frente à minha janela, cruzava os ares, lançando sinais luminosos, um avião que, descrevendo uma trajetória bem inclinada, se projetou nas alturas.

— Neste momento um avião está decolando aqui.

— Aqui também. Exatamente agora. Ele ainda está voando baixinho e se encontra próximo. Será que podemos considerar isso um bom sinal para o nosso amor? E para o nosso futuro? Devemos acreditar que Deus já nos perdoou e que está nos protegendo?

— Temos que acreditar.

— Robert...

— Sim?

— Eu o previno de que você jamais se livrará de mim. Nunca mais. Hei de amar você até o momento de exalar meu último suspiro. Somente você e mais ninguém. Mas que foi que disse o advogado? Conte-me.

— O caso é muito difícil, Angela.

— Eu já previa que não poderia ser tão fácil assim. Qual é a opinião do advogado? ,

Passei, então, a relatar-lhe tudo o que Fontana me dissera. Terminei perguntando a Angela:

— Você não havia previsto que este caso fosse tão difícil assim, não é verdade?

— Julguei até que pudesse ser mais difícil. Mas onde está a dificuldade, Robert? O advogado, que é seu amigo,

disse que ninguém poderá proibir de nos amarmos nem de

vivermos juntos. E, para nós, isso não é o mais importante? Não é isso o que mais nos interessa?

— Mas com o meu trabalho não poderei ficar sempre em Cannes, Angela. Nós ainda não havíamos pensado nesse particular...

— Eu, sim, já havia pensado nisso. Irei com você para onde você for.

— Mas você me havia declarado que jamais concordaria em sair de Cannes...

— É que até então não existia você em minha vida. Cannes agora para mim pouco importa. Eu posso trabalhar em qualquer parte. Em qualquer grande cidade onde haja gente rica. Não existem muitos ricos em Dusseldorf?

— Claro que sim.

— Então irei para Dusseldorf. Não tenho medo da sua mulher. Nem me assusta o fato de ela também viver nessa cidade.

— Por enquanto você deve ficar em Cannes. Eu voltarei para junto de você. Aqui procurarei evitar que Karin leve tantas vantagens.

— Não!

— Não o quê?

— Não diga isso! Seu advogado pode ter razão, mas você não deve fazer isso à sua mulher. Não use de chicanas com ela nem deixe de dar-lhe dinheiro. De forma alguma consinto que você proceda com ela conforme recomendou seu advogado. Claro que... concordo... que algumas coisas devem ser tiradas dela como, por exemplo, o telefone, o direito de sacar da sua conta bancária e outras parecidas... Mas sem dinheiro você não deve deixá-la.

"Oh, Angela!", pensei, logo que Fontana acabou de me fazer tais recomendações, "eu próprio, no meu íntimo, tomei a resolução de não proceder de maneira tão rigorosa assim contra Karin. E eis que agora você, a única que teria motivos para ser da mesma opinião de Fontana, manifesta-se exatamente favorável ao meu intento de não desamparar Karin!"

— Você deve pagar-lhe o aluguel, o seguro e mandar creditar na conta dela todo o dinheiro necessário para que ela possa viver bem. Você tem que me prometer que fará isso. Quanto você ganha, Robert?

Disse-lhe o montante do meu ordenado.

— Então, além do pagamento dessas despesas, mais mil e quinhentos marcos.

— Mil e quinhentos marcos? Essa quantia, somada com a do aluguel e a do seguro, ultrapassa o montante de três mil marcos. É muito! Desse modo ela jamais concordará com o divórcio — respondi-lhe com satisfação por também ter pensado bastante na importância que deveria dar a Karin.

— Se você lhe der essa quantia, ela concordará mais facilmente com o divórcio, por ver que você não é nenhum patife que pretende abandoná-la à sua própria sorte. E você vai ficar com dinheiro suficiente para todas as suas necessidades.

— Mas o dinheiro tem que ser suficiente para mim e para você — disse eu alteando a voz.

— Eu tenho dinheiro. Eu trabalho. Eu ganho. Uma situação dessas é muito comum em diversos casais. Juntos, teremos dinheiro suficiente. Mil e quinhentos marcos, Robert! Por favor, prometa-me que você vai dar-lhe essa quantia!

— Prometo! — confirmei, já pensando em ocultar isso a Fontana. Contudo, mais dia menos dia, forçosamente ele viria a descobrir essa minha determinação e ofender-se-ia. Seria bem provável mesmo que a concessão dessa soma de mil e quinhentos francos viesse contribuir para aumentar a minha infelicidade, dificultando tudo. Por outro lado, também não deixei de refletir que, se eu não a concedesse, talvez nunca mais viesse a ter sossego.

— Agradeço a você. Tudo vai dar certo. Estou convencida disso. Ando cheia de otimismo. Mas venha logo que puder. Fico esperando ansiosamente por você. No momento, tenho muito serviço e isso ajuda. É uma distração para o meu espírito. Trabalho só de dia. De noite, não.

— Não, não trabalhe de noite, Angela.

— E essa fase será superada em breve. Depois, permaneceremos sempre juntos. Futuramente, quando nos lembrarmos da situação que ora estamos vivendo, perguntaremos um ao outro: lembra-se daquela época quando estávamos longe um do outro e tínhamos que nos comunicar por telefone? Imagine você o que seria de nós se não existisse o telefone. Portanto, apesar de

tudo, ainda somos felizes, você não acha?

— Sim, Angela, somos felizes.

— Você vai me telefonar amanhã?

— Naturalmente.

— Aguardarei sua chamada. Como sempre. Mesmo que demore bastante.

— Boa noite, Angela!

— Boa noite!

Continuei calmamente sentado no mesmo lugar, aspirando o suave perfume das rosas e contemplando o aeroporto. O luar inundava todos aqueles recantos com um brilho que parecia irreal. Eu tinha a impressão de que as árvores^, os arbustos, o aeroporto, o hangar, a torre de controle, enfim, tudo o que eu via apresentava um aspecto de imaterialidade, de coisa etérea que não poderia projetar sombras.

— Aqui está a relação — disse Gustav Brandenburg, passando às minhas mãos duas folhas de papel que se encontravam sobre a sua mesa emporcalhada. — Trata-se de uma relação que foi enviada hoje expressamente. Gente muito distinta essa que se reuniu lá no Frankfurter-Hof!

Examinei a relação. Sessenta e três banqueiros haviam participado da reunião. Um deles, Hellmann, já estava morto. Os nomes e os endereços dos restantes sessenta e dois figuravam nas duas folhas de papel que se encontravam na minha mão. Achavam-se relacionados somente nomes de cidadãos bem conhecidos que viviam em Munique, Hamburgo, Bremen, Berlim, Frankfurt, Hannover, Stuttgart, Zurique, Basileia, Berna, Londres, Viena, Paris, Roma e Oslo.

— Vamos começar com os banqueiros da Alemanha — disse Gustav, gemendo e fungando. — Nos próximos dias você terá que se movimentar um bocado, meu caro. Não vai ter tempo nem para se coçar. Mas que fazer? Não é sempre que a coisa corre bem. Se tiver sorte, o primeiro sujeito que você visitar desembuchará tudo o que precisamos saber. Mas se o azar montar na sua cacunda, só o último.

— Ou talvez nenhum deles — retruquei.

— Ou talvez nenhum deles — concordou Gustav. — Mas o que há com sua mulher?

— Que eu saiba, nada.

— Você já pediu o divórcio?

— Já-

— Ótimo. Então vamos começar logo o nosso trabalho.

Ele passou a dar ordens à sua secretária para que o

pusesse em contato telefônico com os banqueiros alemães, um após outro. Esse trabalho se processou com relativa rapidez, pois os homens com os quais ele queria falar já se encontravam nos seus gabinetes. Gustav possuía uma maneira especial de conversar que nunca falhava: era uma espécie de fusão da oratória sacra, própria de um sacerdote que leva vida contemplativa, com a fluência verbal de um advogado afeito às arengas forenses.

Ele conseguiu telefonar para todos os banqueiros. Nenhum deles se recusou a receber-me. Todos eram homens muito corteses e polidos. Declararam que eu podia visitá-los quando bem quisesse. Antes do meu comparecimento ao seu escritório, Gustav já havia delineado um plano de viagem para mim. Eu devia começar pelo norte da Alemanha, Hamburgo, e depois, então, dirigir-me para o sul. Em seguida teria que visitar os banqueiros do exterior. Enquanto ele me explicava todo esse roteiro, comecei a refletir que por muito tempo eu não poderia ver Angela. Por isso fiquei triste e com raiva. Por sorte, a maior parte desses banqueiros vivia na mesma cidade. Só em Hamburgo, por exemplo, residiam três deles.

Gustav determinou que eu me dirigisse nesse mesmo dia a Hamburgo, já que os homens estavam dispostos a atender-me imediatamente. E para mim essa decisão calhou perfeitamente, pois eu não pretendia permanecer inativo um momento sequer. Tomei logo o avião para Hamburgo, onde cheguei aproximadamente às duas horas da tarde.

Antes de dirigir-me ao escritório de Gustav Brandertburg, eu já havia estado no banco e autorizei Kresse, o funcionário encarregado das contas correntes, a creditar mensalmente na conta da minha mulher a importância de mil e quinhentos marcos. Eu não sabia o número da conta dela, mas pedi que ele lhe telefonasse para perguntar.

Lá mesmo, no meu escritório na Global, redigi uma carta ao Departamento de Serviços Telefônicos pedindo o cancelamento da ligação do telefone em meu nome. Aproveitei também a ocasião para escrever cartas pedindo o cancelamento da minha assinatura do jornal e da minha matrícula no Departamento de Serviços de Televisão, bem como para tomar uma série de outras providências que me haviam sido recomendadas por Fontana.

Uma série de outras providências contra Karin e, paradoxalmente, a autorização para, a meu débito, creditar na

sua conta mensalmente a importância de mil e quinhentos marcos. Vejam só!

O aluguel há muito tempo vinha sendo pago automaticamente. Da mesma forma, o seguro de vida e por doença. Não tomei senão providências de pequena monta. O mais importante mesmo em tudo isso foi a minha atitude, contrariando as determinações de Fontana, de mandar creditar dinheiro na conta de Karin. Se ele soubesse disso ficaria furioso.

Enquanto voava para Hamburgo assaltaram-me terríveis dúvidas:

certamente eu agi de maneira errada. Mas cada indivíduo só deve fazer o que sua consciência manda. E deixar Karin sem dinheiro era uma coisa que eu não poderia fazer facilmente.

Em Hamburgo o tempo estava fresco e nublado.

Visitei imediatamente o primeiro banqueiro da lista, cujo nome, por motivos fáceis de compreender, deixo de mencionar. Ele recebeu-me no seu magnífico escritório todo revestido de finas tapeçarias. Tratava-se de um cidadão polido e calmo. Aliás, devo de antemão declarar aqui que todos os escritórios que visitei posteriormente se achavam arrumados com muito bom gosto e com um luxo pomposo. Também os cidadãos que entrevistei eram polidos e corteses. Embora com palavras diferentes, todos eles diziam quase sempre a mesma coisa.

Nas entrevistas que fiz, os diálogos eram sempre pouco extensos. O relato do primeiro serve para dar uma ideia de como foram os outros.

— Estou investigando certos aspectos relacionados com o acidente em que perdeu a vida o Sr. Hellmann. Sei que nos dias 24 e 25 de abril o senhor e outros cidadãos, seus colegas, participaram de um congresso realizado no Frankfurter-Hof, ao qual o Sr. Hellmann também compareceu. Sei ainda que o Sr. Hellmann, depois de terminada a última reunião, ficou excessivamente nervoso e, de maneira inexplicável, se mostrou desesperado ou enfurecido, ou, melhor dizendo, desesperado e enfurecido ao mesmo tempo, assim permanecendo até que tomou o avião para Cannes. Poderia o senhor imaginar alguma razão plausível para essa brusca mudança do seu estado emocional?

— Não, Sr. Lucas.

— Aconteceu, nesse congresso, algo que pudesse excitar de tal modo o Sr. Hellmann? Houve desentendimentos? Discussões ásperas?

— No nosso círculo ninguém costuma ter discussões ásperas nem rixas, Sr. Lucas.

— O Sr. Hellmann talvez estivesse numa situação aflitiva.

— De maneira alguma! Se assim fosse, nós o teríamos sabido. Ficaríamos sabendo um do outro sem demora.

— O senhor considera possível que o Sr. Hellmann tenha efetuado certo tipo de transação incompatível com a sua fama de banqueiro honrado?

— Essa é uma hipótese que deve ser excluída.

— Como explica, então, o seu estado de excitação logo após a conferência que ele proferiu no encerramento desse congresso?

— Nada posso explicar.

— Tratava-se de uma conferência de caráter especial, quero dizer, envolvendo razões significativas que pudessem ocasionar esse descontrole emocional?

— Não, absolutamente não. Nós fazemos normalmente nossos encontros em reuniões desse tipo duas ou três vezes por ano. Trata-se de um contato feito com a finalidade de trocar informações e consultas sobre a realidade política e econômica predominante no momento. Somos uma espécie de grande família, Sr. Lucas.

— Então, quer dizer que em uma grande família todos se mantêm unidos e nunca deixam transparecer aos espectadores qualquer ocorrência desagradável, não é verdade?

— Essa pergunta... desculpe-me a franqueza, Sr. Lucas... foi formulada sem muito tato. Se eu realmente soubesse por que o Sr. Hellmann — conforme o senhor mesmo afirma, pois estou me baseando exclusivamente nas suas palavras — ficou tão nervoso, após o término da nossa reunião, eu lhe diria sem constrangimento.

— O senhor diria mesmo?!

— Evidentemente. O senhor não acredita em mim?

— Não. Como teria sido ocasionada a morte de Hellmann? Acidente, assassinato ou suicídio?

— Acidente ou assassinato. Suicídio é uma hipótese que eu excluo. Não havia nenhum motivo para tanto, salvo se o Sr. Hellmann se encontrasse atacado de uma doença incurável. Mas essa é também uma hipótese muito remota, pois, nesse caso, ele seria incapaz de dar cabo da vida dessa maneira, ocasionando igualmente a morte de muitas outras pessoas.

— O senhor não tem conhecimento de algo relaciona

do com a tragédia do Sr. Hellmann que sirva de subsídio para a minha investigação?

— Antes da sua chegada, eu havia vasculhado os escaninhos da minha memória para tal fim. Sinto muito, mas a resposta é não.

O que acabo de transcrever, embora esteja um pouco resumido e um tanto estilizado, traduz o conteúdo essencial do diálogo da minha primeira entrevista. As outras foram mais ou menos semelhantes.

Sempre conseguia visitar no mesmo dia bancos alemães sediados numa mesma cidade e ainda regressava a Dusseldorf viajando em qualquer avião que houvesse antes do anoitecer. Nessa primeira viagem, fiquei quase morto de cansaço e não tinha nenhum apetite. A dor no pé recrudescera. Ainda nesse mesmo dia telefonei a Brandenburg, do Intercontinental, dando-lhe ciência dos resultados negativos de minha primeira visita.

— E daí? — respondeu ele, notando meu cansaço e desânimo. — Ainda não foram concluídas todas as visitas. Você terá que entrevistar todos eles. Quem sabe se um desses sujeitos não vai abrir o bico, fornecendo-nos uma pista segura? Portanto, vá dormir e amanhã cedo tome de novo o avião para prosseguir seu trabalho. Soube de alguma coisa a respeito de Karin?

— Nada. Nenhum bilhete, nenhuma palavra, nenhum telefonema.

— Ótimo! Você já está conseguindo dobrá-la. Conserve sempre a cabeça erguida, rapaz! Mas, voltando à vaca fria, eu lhe garanto que mais dia menos dia descobriremos a verdade. Agora vá para a cama. Boa noite!

— Boa noite, Gustav.

Mas não fui logo para a cama. Estava muito nervoso. Pus-me debaixo do chuveiro e tomei um banho empregando alternadamente água quente e fria. Depois, então, tratei de telefonar para Angela. Finalmente chegara para mim o momento mais feliz. Era o momento ansiosâmente aguardado por mim durante todo o dia. Falei com Angela dizendo-lhe que nesse dia o meu trabalho fora infrutífero. Ela não se mostrou impaciente nem insistiu para que eu regressasse logo. Pareceu ter compreendido que no momento eu não podia voltar a Cannes. Todavia um certo tremor na voz traía o seu nervosismo. O fato era que ambos já não podíamos suportar por muito tempo ficar longe um do outro.

Em certo momento ela me disse:

— Ontem à noite aconteceu algo importante com relação a você, Robert!

— O quê?

— Depois da nossa conversa pelo telefone, fui dormir. Lá pelas três ou quatro horas da madrugada despertei e quis pegar sua mão, mas você não estava perto de mim. Eu quase nem podia acreditar que você. não estivesse na minha cama, pois, não sei por que estranho fenômeno, eu acordara absolutamente convencida da sua presença. Eu não tinha a mínima dúvida sobre isso.

— Antes você havia sonhado comigo?

— Não. Até parece loucura, não é? Então levantei-me e fui procurar você na sala, supondo que talvez eu estivesse roncando e que, por isso, você tivesse ido dormir no sofá.

— Mas você estava realmente de pé?

— Ora, foi como estou lhe'dizendo!

— Oh, Santo Deus! Era só o que faltava, você andar perambulando de noite como uma sonâmbula!

— Não foi sonambulismo, homem! Eu me encontrava bem desperta. Mas nem na sala você estava. Então comecei a gritar, chamando você, e a procurá-lo por todo o apartamento. E fiz isso porque, acredite ou não, eu estava convencida de que você se encontrava aqui comigo. Como não encontrei você, voltei para a cama e comecei a chorar, pois naquele instante invadiu-me um triste pensamento: eu tinha a impressão de que você havia ido embora, abandonando-me para sempre. Fiquei chorando até pegar no sono de novo. Hoje de manhã doíam-me todos os ossos do corpo.

— Meu pobre tesouro! — exclamei.

— Eu não sou pobre. Eu sou amada — retrucou ela.

Ambos fumávamos excessivamente nesses últimos dias.

Angela havia pegado aquela tossezinha seca que sempre ataca os fumantes e procurava mil e uma desculpas para justificar seu vício.

Ambos percebíamos que tal situação nos acarretava sofrimentos; contudo, nenhum de nós disse uma palavra de queixume. Quando nos telefonávamos, ficávamos sempre sentados naquela posição que nos permitia contemplar as luzes — eu, as do aeroporto, e ela, as de Cannes. As luzes eram o

nosso único consolo. Maravilhosas luzes!

Munique, Bremen, Berlim, Stuttgart, Frankfurt!

Cada uma dessas cidades foi visitada num único dia.

Sempre diálogos que afinavam pelo mesmo diapasão. Nenhum resultado. Absolutamente nada de positivo.

Semblantes corteses. Frases e mais frases, mas nenhuma indicação. Nenhuma pista.

— Na verdade, Sr. Lucas, sinto muito, mas não posso auxiliá-lo. '. .

Terminadas as visitas aos banqueiros alemães, tomei o avião para Viena. Não poderia desincumbir-me da minha tarefa ali num único dia. Hospedei-me no Imperial. Da Áustria também não era possível fazer discagem direta para Cannes. Da mesma forma que em relação à Alemanha, só era possível fazer discagem direta da França para a Áustria. Fm Cannes já havia começado o festival de cinema, e Angela sem dúvida devia andar muito atarefada, participando das recepções oficiais, das exibições de películas e dos *parties*. Combinamos por isso fazer uma alteração nas nossas chamadas telefônicas. Como não poderia saber exatamente onde se encontraria à noite, ela se encarregaria de discar para o meu hotel, evitando desse modo que eu pedisse uma ligação sem encontrá-la no seu apartamento.

Os três banqueiros por mim visitados em Viena não tinham mais coisas a declarar do que os seus colegas alemães.

Nessas minhas andanças pela Europa, eu já me havia hospedado por diversas vezes no Imperial e gostava muito desse hotel. Todas as noites fazia minhas refeições nos fundos de um dos dois restaurantes ali existentes. Nessa noite, depois do jantar, fui sentar-me no pequeno bar revestido de tapete vermelho, onde permaneci tomando alguns drinques e fumando para passar o tempo, pois Angela me avisara de que só poderia telefonar tarde da noite. Eu já me sentia exausto efetuando tantas viagens infrutíferas. A dor no pé aumentara e eu tinha a impressão de que minhas pernas mal podiam carregar-me. Não deixava de tomar as drágeas receitadas pelo Dr. Betz, mas elas já não adiantavam muito.

Entretive-me, nessa noite, conversando com o Sr. Franzi, um dos *barmen*, que eu conhecia há muitos anos. Falou-me do seu jardim e de sua vinha,

dizendo-me que já havia começado a produzir um pouco de vinho — só para o seu consumo e para os amigos. Prometeu enviar ao meu endereço algumas garrafas no outono seguinte.

Fiquei ali no bar conversando com ele até a uma da madrugada, quando minhas pálpebras começaram a cair de tanto sono. Então dirigi-me ao meu quarto e atirei-me sobre a cama. Esperaria a chamada de Angela deitado. E se eu pegasse, no sono, a campainha do telefone despertar-me-ia sem dúvida. Comecei a dormir e tive um sonho pavoroso. Sonhei que havia perdido Angela e que por causa disso não tinha mais interesse algum pela vida. Então saí correndo como doido, na contramão, por uma estrada coberta de gelo, destinada ao tráfego de carros durante o inverno. Eu corria ao longo da pista sob uma neblina bem espessa. Fazia um frio de gelar e comecei a tremer, apavorado. Mesmo assim não parei de correr, esperando que algum carro se aproximasse e passasse sobre meu corpo, já que a densa neblina impediría o motorista de divisar meu vulto a tempo de frear.

A muito custo consegui despertar quando o telefone tocou. Tão sonolento estava, que demorei para encontrar o interruptor da lâmpada sobre a mesinha-de-cabeceira. O fone chegou a escorregar da minha mão, úmida de suor. Verifiquei a hora no meu relógio de pulso: eram três e quarenta e cinco da madrugada. Coloquei o fone no ouvido.

— Alô...

Comecei a ouvir música... Uma melodia que me era bem conhecida... Uma voz masculina, grave, cantava: *"Blowin in the wind... "*

— Robert? ...

— Angela! — Pigarreei. — Angela!

— Ora, acordei você, coitadinho!...

— Não.

— Acordei, sim. Percebo pela sua voz.

A voz masculina continuava cantando e a melodia ecoava no meu ouvido.

— Bem, tenho que concordar, você me despertou. Mas como fiquei contente com isso! Quem é que está cantando aí? Onde está você?

— Depois da *avant-première* de um filme, houve ainda um baile de gala aqui no Ambassadeur, o restaurante do Municipal, você se lembra dele, não é?

—· Sim.

— Muita gente famosa. Gente rica. Consegui três pedidos de retratos, Robert!

— Meus parabéns!

— Obrigada. E você? Quais foram os resultados aí em Viena?

— Infrutíferos.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela baixinho.

A música e a voz masculina tornaram-se nesse instante mais fortes. Após alguns segundos, soou novamente a voz de Angela. Notava-se o seu esforço para demonstrar um tom alegre e esperançoso.

— Esta fase difícil passará, Robert.

— Seguramente!

-— Você acha que devo ir à Alemanha?... Para ficar junto de você? Eu posso viver em qualquer lugar. E nós poderemos nos encontrar secretamente.

— Sua ida à Alemanha não teria nenhuma razão de ser por enquanto, pois eu me encontro cada dia em um lugar diferente. A minha próxima viagem será à Inglaterra. Depois, à Suíça. Tenha um pouco de paciência, por favor.

— É claro que terei paciência. Ficarei esperando até que seu trabalho esteja concluído. O principal é podermos dizer que pertencemos um ao outro. Você está ouvindo a canção? A nossa canção?

— Sim. Mas como foi que você arranjou isso? Acho que a orquestra deve estar no restaurante, mas eu estou ouvindo a música tão bem como se ela estivesse perto do fone.

— Mas eu estou aqui no restaurante, Robert! O baile de gala já terminou. Pedi aos músicos que permanecessem ainda um pouquinho aqui e eles

me atenderam. Você nem imagina o que eu fiz: trouxe o aparelho de telefone aqui para o restaurante! Um eletricista me ajudou, providenciando a extensão dos fios. E agora o telefone se encontra exatamente em frente à orquestra. Aqui no restaurante estamos só nós, eu e os músicos. A maior parte dos convidados já foi embora. Os poucos que ficaram estão nas salas de jogo. Expliquei à gerência do hotel que precisava fazer algo urgente. E eles se convenceram de que o meu pedido era urgente mesmo, quando lhes disse que queria mandar executar a canção preferida para o homem que eu amo.

— Mas você disse isso?

— E por que não?! A França é muito diferente da Alemanha.

"...the answer, my friend, is blowin in the wind, the answer is blowin' in the wind... "

Era uma voz masculina que cantava.

— Angela?

— Sim?

— Essa fase há de passar. Depois, então, viveremos felizes. — A canção terminou nesse exato momento. — Você realmente me fez uma surpresa maravilhosa. Muito obrigado, Angela!

— Eu é que devo agradecer a você, Robert.

— Por quê?

— Por tudo o que você é e faz por mim. Tenciona voltar logo a Dusseldorf?

— Não. Daqui de Viena devo tomar o avião diretamente para Londres. Amanhã à noite você estará no seu apartamento?

— Sim. Como sempre, esperando seu telefonema.

— Você vai permanecer ainda aí no restaurante?

— Que tenho a fazer aqui? Vou imediatamente para casa. Eu também estou cansada. Espero ter um sono reparador e sonhar bastante com você.

— Eu também espero sonhar com você, Angela. Boa noite!

Interrompeu-se a ligação. Desliguei a luz e deitei-me de costas, tentando pegar no sono de novo. Entretanto, não conseguia adormecer. Fiquei espichado na cama. Comecei a sentir aquela dor importuna no pé, uma espécie de distensão muscular. Milhares de pensamentos invadiram minha mente.

Depois de ter permanecido três dias em Londres, tomei o avião para Zurique. Tampouco naquela cidade me seria possível fazer todas as entrevistas num curto espaço de tempo. Hospedei-me no Dolder. A Global era bem liberal com os gastos de viagem para conforto dos seus funcionários, isso não se podia negar. Durante os dezenove anos em que desempenhei funções dessa natureza, sempre me hospedei nos hotéis mais finos e mais caros do mundo. Como era maravilhoso o Grand Hotel Dolder, no alto da montanha! Com o orvalho da manhã, o verde tapete do gramado que fazia parte integrante do campo de golfe parecia cintilar. E como era suave a brisa! Os hóspedes do hotel continuavam tão internacionais e tão comunicativos como sempre.

Da janela do meu quarto podia vislumbrar os contornos da cidade e contemplar o mar. Era sempre com grande satisfação que eu me hospedava no Dolder, embora dessa vez me sentisse esgotado e oprimido pelo pessimismo que me invadia.

Eram três os banqueiros que eu deveria visitar em Zurique. Concluída essa tarefa, eu teria entrevistado apenas quarenta e uma pessoas das sessenta e duas constantes da relação. E sem obter nenhum resultado positivo até agora.

Eu procurava conformar-me com a situação refletindo que tais insucessos surgiam sempre como ossos do ofício. Confortava-me apenas a ideia de que a qualquer momento poderia ocorrer um milagre, com o aparecimento de uma boa pista. Os dois banqueiros que visitei no primeiro dia expressaram-se praticamente da mesma forma que os seus colegas visitados anteriormente. Mas que fazer?

Acho que à noite, quando telefonei para Angela, não pude me conter e manifestei-lhe abertamente o meu desespero e o meu acabrunhamento. Ela me confortou bastante. Disse-me que esperaria até que eu concluísse todas as investigações. Tivemos a nossa conversa mais ou menos às dez horas da noite. Às onze, eu já me encontrava deitado na cama, farto dessas minhas andanças inúteis. Às quatro e vinte da madrugada o telefone tocou de novo:

— Robert!...

Desta vez não havia nenhuma manifestação de alegria nem de tranquilidade na voz de Angela. Suas palavras já não eram de encorajamento como antes...

— Querida... querida, que é que houve com você?

— Meu Deus, fui despertar você, que tanto precisa repousar!

— Bobagem. Eu pegarei no sono logo depois.

Cheio de temor, perguntei-lhe:

— Aconteceu algo a você?

O meu temor aumentou quando ouvi Angela chorar.

— Que tem você, queridinha? Fale, Angela, por favor!

Nesse momento eu já me encontrava sentado na cama,

bem desperto.

Soluçando e fazendo um enorme esforço para dominar-se, ela falou:

— Eu amo você imensamente, Robert!

— Eu também amo você doidamente, Angela, meu amor! Que é que você tem?

— Preocupações..-, preocupações e saudade. Depois

da nossa conversa desta noite pelo telefone, ainda fiquei de pé olhando para fora da janela. Percebi que ia ficando cada vez mais nervosa. Para... para acalmar-me tomei um copo de champanha. Mas continuei bebendo... Esvaziei uma garrafa inteira... Depois passei a beber cerveja. E não parava de fumar. Não podia ficar sentada em lugar nenhum de tão inquieta que fiquei depois da nossa conversa... Você parecia estar tão cansado e desiludido. Robert. ; . acho que você já notou que eu tomei um pileque... Não, não é bem isso... Eu estou bêbada mesmo! Fazia anos que eu não bebia tanto assim.

Percebi que ela havia começado a chorar novamente. Depois prosseguiu:

— Perdoe-me. Estava chorando de saudade de você. Mas agora não estou chorando mais. Já assoei o nariz.

— Mas por que você não foi para a cama?

— Não pude. Depois do noticiário da televisão, eu me sentei no sofá... você sabe qual é... e comecei a pensar em você... Eu... eu mesma procurava me sugestionar para dormir, mas não conseguia... Nunca me aconteceu uma coisa assim. Comecei então a pensar o que seria de mim se você não mais voltasse. Tudo aqui estava tão calmo, tão sem vida. Então comecei a beber, sentada aqui neste sofá... durante muito tempo... sem levantar-me, sempre pensando no nosso amor. E agora, não aguentando mais, despertei você...

— Mas isso não importa! Fiquei muito contente com sua chamada, digo-lhe com toda a sinceridade, Angela. Sempre que você se encontrar numa situação dessas, telefone-me logo. Se eu, por meu turno, em algum momento me sentir no mesmo estado, não deixarei de ligar para você.

— É o que você deve fazer também, Robert... Robert?...

— Sim!

— Estou vivendo momentos horríveis. Só que agora eu tenho com quem desabafar. Antes de conhecer você, nenhuma pessoa ficava sabendo o que realmente se passava no meu íntimo. Desde que conheci você, tornei-me completamente diferente... Mas eu acordei você...

— Pare com isso, Angela!

— Hesitei mais de uma hora em telefonar-lhe... Eu pegava o fone e largava... Por fim criei coragem e disquei seu número... Mas você não está zangado comigo, não é verdade?

— Zangado?! Estou feliz com seu telefonema!

— Ambos somos como uma única pessoa... O que acontece para um de nós acontece também para o outro... Eu fico imaginando como você deve estar aborrecido por ter que andar por esse mundo afora, longe de mim, fazendo suas investigações, sem nenhum resultado satisfatório.

— Angela, deve chegar o momento em que concluirei meu trabalho. Depois, então, nos veremos novamente. E, naquele seu terraço cheio de flores, passaremos juntos horas felizes...

— Neste meu terraço — repetiu ela. — Sim, sim, aqui bem juntinho de mim... Temos que achar um meio, Robert... Para mim a vida nada significa sem você... Absolutamente nada! Você não acha que foi uma coisa muito ruim eu ter perdido o ânimo?

— Ora, Angela, eu perco o ânimo diariamente e depois o recupero de novo.

— Tenho que ouvir a sua voz, Robert. Tenho que ouvi-la.

— Compreendo... compreendo muito bem o seu estado de espírito... Só peço que você me prometa agora não beber mais e ir para a cama imediatamente.

— Vou tomar um calmante e beber o resto de cerveja que está no meu copo para esvaziá-lo. Depois vou ficar mais sossegada. Mas perdoe-me, Robert, perdoe-me por ter despertado você. — Notava-se que ela estava realmente embriagada. — Boa noite!

— Boa noite.

Depois de largar o fone, observei que as faixas brilhantes do sol, que já estava despontando, penetravam no quarto através das cortinas.

O terceiro banqueiro entrevistado em Zurique manteve comigo um diálogo que não diferia substancialmente dos outros. Tratava-se de um cidadão idoso, de cabelos brancos, e que tinha também suíças brancas. Já bem no fim da entrevista, ele me declarou algo que julguei um tanto estranho:

— Sr. Lucas, sei que o senhor está se desincumbindo das obrigações inerentes ao seu cargo, mas eu, se estivesse no seu lugar, recomendaria à empresa a que o senhor per

tence terminar com essas investigações, dando o caso por encerrado.

— Por quê?

— Porque a verdade nunca será descoberta.

— Como pode o senhor fazer tal afirmativa com tanta certeza?

— Talvez o senhor consiga descobrir a verdade — prosseguiu ele mudando de atitude, como que reconsiderando as palavras proferidas —, mas de nada lhe adiantará essa descoberta. Aliás, de nada adiantaria a ninguém desvendar esse caso.

— Como foi que o senhor chegou a essa conclusão?

— Não lhe posso revelar. Mas acredite em mim. Envelhecí lidando com bancos. Trata-se de uma atividade de caráter todo especial que dispõe também de leis especiais.

— Mas não pode haver uma lei especial só para bancos com o caráter, por assim dizer, de um código secreto de ética — retruquei.

— Pense como quiser, mas essa lei existe, Sr.. Lucas. — Ele começou a alisar a barba. — Se o senhor insistir em dar prosseguimento às suas investigações... e pelo que vejo o senhor não tem nenhuma intenção de desistir delas...

— É claro que estou firmemente decidido a prosseguir com elas!

— ... então posso garantir-lhe que haverá muitas infelicidades. Não me refiro a infelicidades do ponto de vista financeiro, mas humano.

Fitou-me com olhos cheios de rugas, cansados e tristes, e depois prosseguiu:

— Em nenhuma ocasião a gente deve condenar o semelhante, seja ele quem for. A gente sempre deve abrandar qualquer ímpeto de ódio, perdoar, desculpar...

— O quê?! — exclamei alteando a voz, quase gritando, mas ele, parecendo não ter percebido minha atitude, prosseguiu:

— ... pois se cada um de nós ficasse sabendo tudo com relação ao outro... facilmente e até com grande satisfação nos perdoaríamos mutuamente. E assim não haveria no mundo orgulho nem vaidade, nem tampouco seria necessário recorrer à justiça. A justiça, Sr. Lucas, é uma coisa abstrata.

— Não! — retruquei-lhe em tom incisivo. — Sinto muito ter que discordar do senhor. A justiça não é abstrata. A justiça é concreta!

Ele fitou-me, calado, durante um certo tempo, depois sacudiu os ombros e se retirou.

No Grand Hotel Dolder deram-me um recado: eu devia comunicar-me imediatamente com Gustav. Ele já me havia telefonado duas vezes e aguardava ansiosamente minha volta ao hotel. Não levou mais de dois minutos para me pôr em contato com ele pelo telefone.

— E então? — soou aquela voz de indivíduo astuto e velhaco. — Conseguiu descobrir algo?

— Absolutamente nada! — respondi-lhe. — Mas também deve-se considerar que o banqueiro que visitei hoje é apenas o quadragésimo primeiro da lista.

— Acho que você não precisa mais visitar os restantes. Tome o primeiro avião para Frankfurt. O seu amigo, o chefe da portaria do Frankfurter-Hof, me telefonou. Ele disse que tem algo importante para você. Você deve ir falar com ele sem demora. Telefone-me antes de partir comunicando a hora da sua chegada.

— Mais um alarme falso! — exclamei.

— Não. Dessa vez não se trata de um alarme falso. Estou farejando coisa. Por enquanto, esse soa como o mais importante sinal de alarme. Venha imediatamente, Robert.

Sem demora tomei o avião. Mais ou menos às três horas da tarde já me encontrava no Frankfurter-Hof. O chefe da portaria ficou radiante quando me viu no saguão.

— Oh, mas até que o senhor veio ligeiro! Vou logo avisar Kalling. Ele ainda está esperando, mas parece que não quer revelar nada aqui no hotel. Ele é um bom indivíduo, mas muito medroso.

— Quem é Kalling?

— Um sujeito ainda relativamente jovem. Desde que o senhor esteve aqui a última vez, não parei de sondar o pessoal do hotel. Finalmente, ao que me parece, descobri algo importante.

— O quê?

— O próprio Kalling vai contar-lhe tudo. Agora são três horas. Às

quatro e meia o senhor deverá encontrar-se com ele em frente da banca de jornais na estação ferroviária de Frankfurt.

— Agradeço-lhe muito.

— Não há o que agradecer. Para o senhor, faço tudo o que é possível, o senhor bem sabe. Mas ainda não se pode dizer que Kalling lhe dará uma boa pista. É muito cedo para agradecer-me, Sr. Lucas.

— Como poderei reconhecer Kalling?

— Ele estará lendo a página esportiva do *Abend Zeitung* de Munique, encostado à banca. A estatura dele é aproximadamente igual à sua. Seus cabelos são castanhos. Aparenta estar beirando os trinta e cinco anos. Rosto pequeno e pálido. Ele estará fumando.

— Sr. Kalling?

O homem de cabelos castanhos e rosto pequeno que, apoiado na banca, lia o *Abend Zeitung* de Munique na estação ferroviária de Frankfurt tirou o cigarro da boca, examinou-me bem e depois disse:

— Boa tarde, Sr. Lucas!

Havia muita gente na estação a essa hora, especialmente na plataforma. A todo momento soavam vozes estridentes nos alto-falantes. Composições de trens saíam e chegavam ininterruptamente. Grande barulho. Muita gente aglomerada. Ninguém nos observava.

— O chefe da portaria disse que o senhor tem algo para contar-me. Naturalmente, terei o prazer de dar-lhe uma boa gratificação pelos informes...

— Absolutamente! Só lhe contarei tudo se o senhor não falar em gratificação. O senhor é amigo do nosso chefe da portaria. Prestarei ao senhor qualquer obséquio que me for possível, mas por prazer e não mediante dinheiro ou gratificação. Tire essa ideia da cabeça.

Uma coisa dessas nunca me acontecera antes!

— Pois então está bem.

— A minha declaração — começou Kalling, enquanto uma multidão apressada passava por nós, crianças choramingavam, locomotivas apitavam e pneus chiavam sobre o asfalto — está relacionada com aquele congresso dos banqueiros que se realizou no salão de conferências do hotel nos dias 24 e 25 de abril. Na última noite, o Sr. Iíellmann pronunciou um discurso. Em inglês.

— O senhor poderia me dizer precisamente que assunto ele abordou?

— Ele falou sobre a ética e o dever dos banqueiros na moderna sociedade industrial — respondeu-me Kalling, chupando o cigarro. — Ao lado do elevador encontrava-se um quadro-negro. Quero dizer, lá no hotel. Nesse

quadro-negro eles sempre escreviam os assuntos que iam ser debatidos. É por isso que sei o título da conferência do Sr. Hellmann. Deve ter sido um discurso bem humano e inteligente. Foi o que pude deduzir do comentário de outros banqueiros que se reuniram no salão de banquete, onde havíamos preparado uma mesa de frios e um bar com bebidas. Eu estava servindo na mesa de frios. E, como é natural, podia ouvir tudo o que eles conversavam, não é?

— Evidentemente.

— Todos escutavam o Sr. Hellmann com muita atenção e pareciam demonstrar entusiasmo por suas palavras. Seu discurso foi calorosamente discutido. E deve ter sido mesmo um discurso muito lindo. Também é preciso que se diga que o Sr. Hellmann era um dos mais estimados e prestigiosos banqueiros do país, não é?

— Sem dúvida.

Uma voz no alto-falante anunciava nesse momento que o trem para Dortmund provavelmente deveria sofrer um atraso de quinze minutos.

— Mas nem todos os banqueiros estavam muito satisfeitos com o discurso.

— O quê?! — interroguei.

— Não, não quero dizer que foram muitos, mas pelo menos um deles não ficou contente. E a conversa dele ficou gravada na minha cabeça. Explico: numa reunião em que o senhor só ouve elogios e louvores, quando, de repente, surge uma voz destoante que diz o contrário, o senhor começa a prestar mais atenção, não é verdade?

— Seguramente.

— O Sr. Hellmann veio também para a mesa de frios acompanhado de um outro cidadão. Lá, cada um escolhia o que queria e eu servia os pratos.

— Como estava vestido Hellmann?

— De *smoking*, como todos os outros.

— O senhor já o conhecia de vista?

— Conhecer?! Fazia muitos anos que ele era frequentador do nosso

restaurante francês.

— Sim, e daí?

— Ambos estavam à minha frente. O outro escolheu primeiro os frios. Depois o Sr. Hellmann. Enquanto eu colocava os frios no seu prato, disse-lhe esse outro cidadão: "Que magnífico discurso você pronunciou, meu caro! Suas palavras tão cheias de sentimento humano e de generosidade fariam chorar até as pedras. .

— E o senhor gravou na memória com exatidão as palavras que esse outro cidadão pronunciou?

— Sim. Posso garantir que foi mais ou menos assim que ele falou. Pode ser que a ordem de colocação das palavras não fosse bem essa, mas o elogio malicioso, feito em tom de ironia, estava bem claro. E as expressões *sentimento humano* e *generosidade* eu ouvi perfeitamente. Tenho absoluta certeza porque foi por causa delas que se deu o incidente.

— Que incidente?... Perdoe-me a interrupção! Relate o fato como o senhor bem quiser, Sr. Kalling.

— Está bem. Pela ordem das ocorrências, então. O Sr. Hellmann fitou o outro cidadão, sem ter compreendido nada, e perguntou-lhe: "Que é que o senhor quer dizer?" Foi mais ou menos essa a pergunta. Ou, melhor: "Que significam essas suas palavras?" Ou, talvez...

— Já compreendi, Sr. Kalling. Prossiga.

— Então o outro encarou o Sr. Hellmann com uma expressão de... de verdadeiro asco, pronunciando as seguintes palavras, que gravei na memória: "Mas, agora, pelo amor dos céus, não vá também representar uma comédia! Ninguém melhor do que você sabe o que está fazendo. Pois faça, então, o que estiver de acordo com sua consciência. Mas vá para o diabo e não venha nos fazer um discurso tão besta, que só serve para deixar a gente apatetada!"

— O tal cidadão disse mais ou menos isso ou essas foram realmente as suas palavras?

— Essas foram textualmente as suas palavras, Sr. Lucas.

— E que foi que aconteceu depois?

— O outro cidadão sem mais nem menos deixou o Sr. Hellmann

ali, de pé, e retirou-se com o prato cheio de frios. O Sr. Hellmann ficou tão desconcertado que nem viu quando eu lhe entregava seu prato. Ele se apoiou na mesa de frios. Então pensei cá comigo: esse homem vai perder o equilíbrio e cair no chão. Fiquei com medo e chamei-o em voz alta, uma, duas, três vezes, mas ele não me ouvia. Ele tremia e cerrava os punhos. Em seguida, saiu do salão sem mesmo olhar para mim e eu fiquei ali segurando o prato dele.

— E ele deixou o salão de banquetes saindo antes do lunpo?

— Sim. Isso eu posso jurar. E não voltou mais. Essas informações podem adiantar-lhe alguma coisa?

— Acho que elas me serão de grande utilidade. Esse outro cidadão, o senhor se lembra bem como ele era?

— Parecia ser italiano. Mas poderia ser, também, de outra nacionalidade. Falava inglês com sotaque. Era um tipo que não chamava muito a atenção. Mais jovem do que o Sr. I lellmann. Depois disso não o vi mais. Talvez ele tenha deixado imediatamente o hotel ou tenha se hospedado em outro lugar.

— Quando foi que eles tiveram essa conversa?

— Devia ser meia-noite ou um pouco mais tarde.

À uma e meia, conforme declarou Fred Molitor, do serviço de vigilância, o Sr. Hellmann se apresentou no seu banco completamente perturbado, parecendo até que iria ter um ataque nervoso.

— Q senhor me ajudou bastante, Sr. Kalling. Eu não posso simplesmente aceitar esses informes sem, pelo menos, dar-lhe uma pequena gratificação...

— De maneira alguma! — retrucou ele em tom incisivo. — Mas, já que o senhor insiste tantó, sabe o que poderia fazer? Eu tenho uma filhinha que sempre me pede uma bonequinha para brincar. Lá do outro lado da rua existe uma loja de brinquedos.

— Eu sabia! — berrou Gustav Brandenburg. — Bem que eu sabia! Não lhe disse que havia cheirado alguma coisa? Vejam só como é este mundo! O nosso bom e distinto amigo Hellmann metido numa sujeira das grossas! Um dos seus colegas ficou sabendo de tudo. Por isso ele perdeu a cabeça... e depois... Uma coisa se encaixa perfeitamente na outra. É bem como eu lhe vinha dizendo desde o princípio: foi suicídio. Já pisamos no rastro!

— Mesmo assim ainda precisamos de algumas provas.

— Você deve regressar imediatamente a Cannes — disse Brandenburg, com a camisa aberta na frente mostrando a pança.

— Eu devo fazer o quê?

— Não há mais necessidade de entrevistar outros banqueiros. Já descobrimos o suficiente. Não faz ainda três horas que Friese me telefonou. Kessler, que está trabalhando em Cannes, permitiu que seu amigo Lacrosse utilizasse a ligação telefônica do ministério. E Lacrosse pediu a Friese que tentasse uma comunicação comigo para que eu avisasse você.

— Avisasse de quê?

— De que eles precisam de você lá. Imediatamente. Trata-se do caso com um argelino... um dos muitòs que moram em La Bocca. Você sabe o que é. Kilwood não gritou que tudo começara com um argelino?

— Sim, e daí?

— Eles pretendem fazer uma caçada policial imediatamente, a fim de esclarecer o caso. E se eles conseguirem pegar logo esse tal argelino e ele desembuchar tudo o que sabe, talvez possamos dar o caso por encerrado. O que acha você do meu trabalho?

— Seu trabalho é magnífico! — exclamei.

Eu só pensava em Angela. Finalmente eu teria a oportunidade de voltar para junto dela agora.

— Seguirei imediatamente. Há ainda hoje algum avião para lá?

— Sim. O diabo é que está tudo uma merda.

— Que é que você quer dizer?

— A greve — respondeu Gustav. — Os ferroviários franceses estão em greve. Os empregados dos aeroportos franceses também estão em greve. Você não pode ir de trem nem de avião.

— Angela!

— Robert! Sua voz soou tão alegre. Aconteceu algo bom?

— Sim, Angela. Vou voltar para junto de você!

— Quando?

— O mais breve possível. Já é muito tarde para tomar as providências hoje. É quase meia-noite. Mas depois de amanhã ao meio-dia estarei aí com você.

Depois de amanhã — um sábado, 13 de junho. Fazia treze dias que eu estava ausente. Treze dias! Pareciam-me treze anos! Toda a minha vida! Finalmente agora... agora...

— Meu Deus, Robert, aqui há uma greve geral. Uma das maiores greves dos últimos tempos. Você não poderá vir de avião. De trem também é impossível.

— Sim, sim. Eu já sabia e estudei um meio para viajar imediatamente. Na Alemanha e na Itália não há greve alguma. Nesses países, os trens estão circulando normalmente. Você terá que ir com seu carro esperar-me na fronteira da Itália com a França. Em Ventimiglia. Daqui eu partirei de trem. De Ventimiglia você me transportará no seu carro até Cannes. Que tempo levará para fazer esse percurso?

— Não mais de duas horas, Robert. Eu trarei você a Cannes. A que horas você chegará a Ventimiglia amanhã?

— Não amanhã. Depois de amanhã! Às doze e cinquenta e cinco. Mas note bem: estou me referindo ao horário de verão adotado na Itália.

— Eu estarei na plataforma aguardando a sua chegada, li quando vir você, gritarei tão alto que todo mundo vai se assustar. Depois de amanhã eu partirei daqui bem cedinho para chegar a tempo em Ventimiglia.

Na tarde do dia seguinte compareci mais uma vez à Global e Gustav me transmitiu novas instruções e me entregou mais cheques de viagem. Minha mulher não havia telefonado nem a mim nem a ele. Depois de ter deixado nosso apartamento, nada mais fiquei sabendo a respeito dela. Telefonei também

ao meu amigo Paolo Fontana e dei-lhe autorização para diariamente mandar um dos seus empregados buscar na Global toda e qualquer correspondência a mim endereçada. Poderia muito bem aparecer qualquer comunicação oficial do juiz, talvez até marcando a data da primeira audiência, e eu não poderia absolutamente deixar de comparecer, caso contrário seria proferida a sentença estando eu ausente. Fontana, ao telefone, falou comigo quase que só por monossílabos.

— Abrirei todas as correspondências oficiais. Dê-me seu endereço em Cannes.

— Hotel Majestic, Croisette.

— Trate de agir direito — disse ele, e desligou.

No Intercontinental avisei também que viriam buscar toda a minha correspondência. O quarto do hotel ficou reservado em meu nome. Nessa mesma tarde tomei o expresso para Stuttgart. Dali, fiz baldeação para o trem direto para Ventimiglia. A Global já havia mandado reservar uma cabina individual no carro-dormitório. Nem me causou surpresa o fato de essa cabina ter o número 13. Peguei no sono logo que o trem começou a andar e só acordei quando ele se aproximava de Milão. Meus ouvidos estavam tapados e doíam um pouco. Durante a noite, o trem trafegou sempre sobre o Gotthard e eu sentia o efeito da diferença de altitude. Não parava de bocejar. Finalmente, com um estalido, desapareceu a minha surdez.

Na Itália brilhava um sol radiante. A cada quilômetro que avançávamos, penetrando naquela região bendita do sul, eu me sentia mais feliz. Em Gênova tivemos uma longa demora. O carro-dormitório, o último da composição, ficou parado dentro de um túnel, de cujas paredes negras escorria água. Finalmente o trem se pôs de novo em movimento. O camareiro veio arrumar minha cama. Sentei-me à janela e fiquei tomando um forte *espresso*. Com o movimento não muito acelerado do trem, a partir da estação de Gênova eu podia contemplar os gigantescos navios ancorados no cais. Nesse ponto, o leito da ferrovia se aproximava bastante do porto. Um pouquinho mais adiante deu para enxergar o mar. Podia-se contemplá-lo quase continuamente durante todo o trajeto até a fronteira. O trem seguia sua marcha ao longo da Riviera italiana. No mar eu via navios. O sol continuava radiante. As praias principais estavam cheias de banhistas. Surgiam ante meus olhos palmeiras, eucaliptos e laranjais. O trem fazia uma pequena parada em todas as estações e muitos passageiros desciam um pouco. No carro-dormitório havia poucos ocupantes. Eu só pensava em Angela. Nunca na minha vida eu tivera sentimento de amor tão impulsivo como

esse. Nem eu nem ela sabíamos o que nos reservaria o futuro. Eu não fazia a mínima ideia de qual seria a atitude de Karin. Eu não podia prever se o meu estado de saúde pioraria ou melhoraria. A única coisa que sabia era que estava a caminho para encontrar-me com Angela. Essa viagem ao longo do mar parecia-me um sonho cheio de felicidade. Ao simples pensamento de que dentro de pouco tempo estaria contemplando aquele sorriso amoroso de Angela, meu coração inundava-se de alegria. Ocorreu-me, então, que o bom Deus dá às criaturas, como compensação pelas suas atribulações, sofrimentos e misérias, três coisas: o sorriso, o sono e a esperança.

Aquela vez no aeroporto de Nice, havíamos corrido um ao encontro do outro. Em Ventimiglia, naquela gigantesca e horrível estação ferroviária, tudo aconteceu de maneira diversa. Desci do carro-dormitório. O camareiro tirou minha mala, deixando-a na plataforma. Eram poucos os passageiros com passagens diretas até a fronteira. O camareiro, gritando, procurava um carregador para levar minha mala enquanto eu permanecia de pé na plataforma, já quase completamente vazia. O sol intenso ofuscava a vista. Ansioso, olhei em torno. Na outra extremidade, quase perto da locomotiva, vi Angela de pé, como que perdida no meio daquela gente. A primeira coisa que vislumbrei foram os seus brilhantes cabelinhos louros. Medeava um bom pedaço de plataforma entre os lugares em que nos encontrávamos. Angela estava de blusa azul e calça branca. Nesse instante, ela também me viu, mas não esboçou nenhum sinal de movimento: continuou parada, olhando-me.

Mais tarde comentamos esse fato e perguntamo-nos por que ficamos parados, olhando extáticos um para o outro. Disse-me ela:

— Fazia já algumas horas que eu estava na plataforma. Havia saído de Cannes às nove horas com medo de chegar atrasada. Nessa manhã eu só agia como uma marionete e não como uma pessoa. Quando vi você, não consegui mover-me. Tive a impressão de ter ficado paralítica de repente. Mas eu sabia que nada de mal se passava comigo. Só não pude fazer o que queria: correr imediatamente para lançar-me nos seus braços e beijá-lo. Não consegui deslocar-me do lugar onde estava. A minha saudade e o meu contentamento eram tão fortes — e aqui está o aspecto mais estranho do caso — que eu cheguei a ficar triste naquele momento em que vi você, precisamente o momento em que deveria desmanchar-me de tanta alegria. Sim, fiquei triste e muito séria, querido.

Comigo aconteceu mais ou menos a mesma coisa. Até hoje não pude compreender por quê. Naquele momento senti também uma tristeza imensa e permaneci imóvel na ensolarada e horrível estação de Ventimiglia. Nem sequer tive forças para levantar o braço a fim de acenar para Angela. Ela também não se movia.

Um carregador italiano se aproximou de mim com seu carrinho. Pegou minhas duas malas e minha valise dizendo que ficaria me esperando perto do portão de saída da estação. Ele saiu logo empurrando o seu carro. E Angela... lá estava ela imóvel... Então decidi-me a sair caminhando sobre a plataforma, até onde ela estava. O carregador entrou num elevador destinado a transportar

cargas e volumes. Fui avançando... avançando... até que finalmente cheguei bem pertinho de Angela. Seu semblante demonstrava que ela fazia um grande esforço para conter a emoção. Nesse instante ficamos sozinhos na plataforma. Estava tudo calmo. Ficamos nos fitando um ao outro. Refletido nos seus grandes olhos vi meu rosto em diminutas proporções. Não pronunciamos uma palavra sequer. Calados, abraçamo-nos fortemente. Angela pegou minha mão e, sempre sem dizer uma palavra, fomos caminhando em direção à escada que terminava quase na boca de um túnel. Penetramos numa passagem sob os trilhos, que conduzia ao edifício da estação. Via-se por ali muita sujeira e o cheiro de desinfetante era insuportável. Sempre fitando-nos, calados e sérios, seguimos caminhando até atingirmos outra escada, que subimos. Passamos pela borboleta e penetramos no *hall*. Dali fomos diretamente ao local onde Angela havia estacionado o carro. O carregador estava nos esperando. Por causa do abrasante calor dessa hora do dia, quase não se via ninguém nas ruas. As venezianas das janelas, na sua maior parte pintadas de branco e verde, se encontravam fechadas, como proteção contra os raios do sol. Do outro lado da estação havia um hotel e um café onde, numa espécie de terraço, se encontravam algumas mesas. Espichado, bem junto à parede, dormia um cachorro com os pelos desgrenhados. Um silêncio de morte parecia invadir o ambiente. Sentamo-nos ao balcão. Nesse momento, comecei a pensar na morte. A morte devia ser mais potente do que o próprio amor. Não há ninguém neste mundo que não tenha a sua hora. Com a morte, tudo termina, até mesmo os grandes amores. Entrei no carro sentindo resignação pela minha própria sorte. Nunca mais estive em Ventimiglia.

Angela dirigia o carro calmamente e com muita segurança, como fazia habitualmcntc. Passamos primeiro pelo porto aduaneiro italiano e depois pelo francês. Os funcionários, por causa do calor, permaneciam ao ar livre e usavam calças e camisas esporte, sobre as quais se notavam manchas de suor. Eram muito corteses e nos desembaraçaram logo. Tanto os funcionários italianos como os franceses procuraram discretamente flertar com Angela, mas quando perceberam que ela não lhes correspondia pararam logo. Fomos seguindo pela rodovia principal. Angela parou o carro num posto, onde pagou o pedágio. O ar parecia fervilhar. Tirei o paletó e a gravata, colocando-os no assento traseiro. Ainda não tínhamos falado um com o outro. Angela fazia o carro avançar em boa velocidade. Depois de cinco minutos, cia diminuiu a marcha e entrou num pátio amplo de estacionamento, onde parou o carro. Ali começamos a nos abraçar e beijar, apertando com toda a força os nossos corpos um contra o outro. Parecíamos doidos e desesperados. Estávamos tão agarrados como se um fosse o único ponto de apoio para o outro. E, na verdade, na nossa vida era assim mesmo: um era o sustentáculo do outro. Só então foi que conseguimos falar.

— Angela!...

— Meu amor... sinto-me tão feliz!...

— Eu também!...

Enquanto falávamos, não parávamos de nos beijar. Beijávamo-nos nas faces, na testa, nos olhos... Ficávamos com nossos lábios colados durante longo tempo.

— Finalmente, Robert, você está junto de mim de novo! Eu já tinha a impressão de que, longe de você, eu iria perder o juízo.

— Felizmente estamos juntos e vou permanecer aqui!

— Oh, Robert — exclamou ela —, naquela estação ferroviária de aspecto horrível eu repentinamente tive um pavoroso pensamento...

— Qual?

Com as minhas mãos alisava seu rosto, seus cabelos, seus braços, suas costas...

— Eu... eu meditei muito e cheguei à conclusão de que só uma

coisa poderá nos separar... Mas essa única coisa acontece a todo mundo. Chegará o dia em que ela fatalmente acontecerá para nós também. E, então, nos separaremos. Um de nós terá que continuar vivendo sozinho. Fiquei pensando que, se a sobrevivente for eu, não resistiria ao impulso de ir logo para junto de você, pois nunca mais, nunca mais, nunca mais poderei viver sem você, sem o seu amor.

Ela teve o mesmo pensamento que eu. Que estranho fenômeno!

— Mas agora — prosseguiu ela — tudo já passou. Tudo ficou maravilhoso de novo. — Ela sorriu. — Estamos juntos, Robert! Encontramo-nos novamente no nosso paraíso.

De um momento para outro ela ficou completamente mudada. Desapareceu aquela sua aflição e, já agora com o semblante desanuviado, mostrava-se alegre e feliz.

— Você está com fome? Nem precisa responder, é claro que você deve estar com fome. Eu... eu estou com uma fome danada! Por causa do meu nervosismo, nem café tomei hoje de manha. Primeiro, vamos tratar de comer qualquer coisa, e depois continuaremos a viagem, você não acha melhor assim?

— É claro.

— Conheço por aqui um bom restaurante num local bem aprazível. Vamos para lá.

Ela sentou-se ao volante e fez o carro arrancar bruscamente. Os pneus chegaram a ranger. Olhei para trás: a poeira que se havia levantado empanava o ar. O pára-brisa e os quebra-ventos do carro estavam abertos. Eu permanecia sentado ao seu lado, bem juntinho dela, e sentia-me orgulhoso por ver que essa magnífica mulher me amava tanto quanto eu a amava. Não, não era propriamente orgulho o que eu sentia: era um indefinível sentimento de gratidão o que me dominava. Gratidão à vida, a Deus ou a quem quer que fosse que me havia propiciado esse amor. Olhei as mãos de Angela. Elas haviam ficado mais brancas. Isso significava que nesse meio tempo em que eu estive ausente ela não havia tomado sol.

— Estamos indo para Eze — disse ela.

Para nos dirigirmos a Eze, tínhamos que sair daquela rodovia principal. Por aquelas encostas em declive estendiam-se paralelamente três estradas. Angela tomou a do meio, denominada Moyenne Corniche, que era muito poeirenta. Não demorou muito e penetramos em outra estrada mais estreita e mais poeirenta, quase em acentuado declive. A localidade de Eze ficava bem no cimo da montanha. No começo do povoado, havia um pátio de estacionamento. Deixamos o carro ali e começamos a subir uma rua estreita muito íngreme, que passava entre os rochedos. As casas eram encravadas na rocha e muito velhas. Uma achava-se pegada à outra e o declive da rua era tão acentuado que muitas vezes a porta de entrada de uma casa ficava quase na mesma altura da janela de outra. Sem dúvida, essa localidade deve ter tido a sua origem na Idade Média.

Próximo ao pátio de estacionamento estava montado uma espécie de bazar onde se vendiam *souvenirs*. Uma infinidade de quadros pendia das paredes. Naquele local vi pintores, sentados, aguardando pacientemente o aparecimento de algum freguês.

Dispostos naquelas casas havia os mais variados tipos de comércio: sapataria, alfaiataria, armazém de comestíveis. Havia principalmente muitas lojas de artesanato. Fabricavam vasilhas de cobre, estatuetas da Virgem, canecos, esculturas em madeira e uma enorme quantidade de cobertas de rendas e bordados. Na sua maior parte, todos esses objetos eram oferecidos à venda na própria rua. O povoado era pequeno, com as ruas bem estreitas e muito íngremes. Pelas suas proporções diminutas, essa localidade poderia ser chamada de liliputiana.

A brisa corria pelas paredes rochosas e estava fresco. Por todo aquele recanto montanhoso não deviam morar mais do que cinquenta — quando muito sessenta — pessoas nativas do lugar. Era um ponto muito procurado por turistas. A rua estendia-se até o cimo do monte. Eu e Angela caminhávamos de mãos dadas. Alguns homens, postados à porta das suas lojinhas, nos sorriam. As mulheres também. Era uma gente muito amável. Em pouco tempo, atingimos um ponto em que a rua fazia uma curva e deparamos com uma edificação de consideráveis proporções no estilo arquitetônico peculiar da região.

— É esta a região — disse Angela. — Aqui é o Chèvre d'Or. — No seu interior, o Chèvre d'Or estava repleto de raras antiguidades. Atravessando diversas salas, dirigimo-nos a um refeitório dotado de todos os requisitos modernos. Vários séculos separavam o estilo deste aposento do aspecto

acentuadamente medieval das outras salas.

Ocupamos uma mesa próxima à janela. O *maître* do restaurante anotou nosso pedido. Ficamos sentados um ao lado do outro, sempre de mãos dadas, contemplando o panorama que se vislumbrava lá fora. Eu observava o mar, que, dali, parecia ter uma amplidão imensa como jamais vira em nenhuma outra parte do mundo. Era como se eu estivesse divisando todo o Mediterrâneo. Lá embaixo, estendiam-se as três pistas da rodovia costeira, uma das quais era a Petite Corniche. Os carros pareciam ser pequenos, e ainda de menor tamanho, proporcionalmente, se apresentavam as pessoas na praia localizada entre penhascos.

— Não é lindo este lugar?

— Muito lindo, Angela!

— Quero mostrar-lhe tudo, especialmente o que há de mais belo. Eu já vim com essa intenção desde que saí de Cannes.

Coloquei um dos braços em torno do seu pescoço e dei-lhe um beijo. Seus lábios se abriram. Coloquei em seguida o outro braço. Ela também abraçou-me com força. Nossas línguas se tocaram. Angela gemeu baixinho.

— Alô, Sr. Lucas!

Eu e Angela nos assustamos. Levantei os olhos. Diante de nós encontrava-se um casal: o Sr. e a Sra. Dreyer, de Dusseldorf, amigos de Karin. Ilse Dreyer era provavelmente a sua melhor amiga. Tratava-se de uma loura beirando os trinta, elegante e não desprovida de dotes de beleza, mas que revelava no movimento dos lábios inconfundíveis traços de amargura por desejos não suficientemente satisfeitos. Dreyer era visivelmente mais velho, tinha os cabelos ralos e uma pança bem volumosa. Ambos usavam trajes de verão, exageradamente elegantes. Eles não gostavam muito de mim e eu lhes retribuía na mesma moeda.

— Céus! — exclamou Ilse. — Não estamos aqui para importuná-lo. Estávamos passando em frente a sua mesa quando o vi. Então disse a Franz: "Olhe ali o Sr. Lucas!" Como vai, Sr. Lucas?

Levantei-me e respondi:

— Muito bem, obrigado.

— Nota-se logo — emendou o Sr. Dreyer, com sua voz de trovão e sorrindo.

Ilse Dreyer fitou fixamente Angela, que lhe retribuiu o olhar, sem tanta afetação.

Verificou-se uma pausa. De resto, eu não tinha muita coisa a dizer-lhes e os Dreyer não eram também muito expansivos.

— Permitam-me que eu os apresente...

Fui dizendo os nomes deles. O nome de Angela, propositadamente, não pronunciei com clareza.

Ilse Dreyer, sorrindo, dirigiu-se imediatamente a Angela:

— Como é mesmo o seu nome, por favor?

— Eu me chamo Delpierre, Angela Delpierre, *Madame* Dreyer — respondeu-lhe Angela sem titubear, com voz clara e sorriso nos lábios.

— Muita satisfação em conhecê-la, *Madame* Delpierre.

— Igualmente, *Madame* Dreyer.

— A senhora é conhecida do Sr. Lucas? Ele nunca nos falou da senhora — disse Ilse.

Notava-se que seu marido demonstrava constrangimento.

— Por favor, cale-se, Ilse! —'disse ele.

— Por quê? Então não é mesmo engraçado o fato de lermos encontrado aqui o Sr. Lucas? Estamos fazendo uma excursão. Encontramo-nos hospedados em Juan-les-Pins. Meu marido tirou antecipadamente as férias este ano. Devemos permanecer na França mais catorze dias ainda. Como é bonito este país!

— Realmente é um país encantador — emendou Angela, sempre com um sorriso nos lábios.

— Mas não queremos importuná-los por mais tempò — disse o Sr. Dreyer, já começando a empurrar a mulher e insistindo para sair dali.

Ilse não lhe deu atenção, parecendo não ter ouvido as suas palavras.

— Sabe, *Madame* Delpierre, nós somos conhecidos do Sr. Lucas ou, explicando melhor, somos grandes amigos da mulher dele, especialmente eu. A senhora conhece a Sra. Lucas?

— Não, *Madame* Dreyer — respondeu Angela.

Eu já estava cheio!

— Não queremos detê-los por mais tempo. Foi uma grande satisfação tê-los encontrado aqui — disse eu.

— Teve mesmo uma grande satisfação, Sr. Lucas? — perguntou Ilse.

— Certamente — respondi-lhe.

— Também para mim foi um grande prazer tê-los conhecido — disse Angela.

— Então adeus! — exclamou Ilse.

Seu marido inclinou-se um pouco, muito tenso. Sua face ficou vermelha e ele tratou de retirar a mulher da nossa mesa dando-lhe delicadamente um empurrão.

Até o instante de sair do salão ela não parou de olhar para trás a fim de nos observar.

Sentei-me ao lado de Angela.

— Que você acha? — perguntou-me ela. — Esse encontro não foi bom para você, não é verdade, Robert?

— Não faz absolutamente a menor diferença. Eu já havia declarado a Karin que em Cannes mora a mulher que amo. Fiquei até muito contente por os Dreyer nos terem visto juntos. Que poderá acontecer? Talvez isso venha até contribuir para que Karin tome a resolução de concordar mais depressa com o divórcio.

— Tomara que seja mesmo assim! Ah, Robert, como seria maravilhoso se ela tomasse tal decisão! Como é grande o meu desejo de ver

você ao meu lado como meu marido!

— Eu também não desejo outra coisa, Angela.

— Mas... mesmo que seja difícil por enquanto conseguir isso... não posso deixar de viver com você... como sua amante!

Beijei a mão dela.

Um sujeito se aproximou da nossa mesa rodando um carrinho. Enquanto Angela, que estava com muita fome, ia escolhendo os pratos da sua preferência, lancei meu olhar para fora para contemplar, desta vez, as montanhas. Divisava-se, não muito longe do restaurante, um grande jardim de cactos, no meio do qual via-se a ruína de um antigo castelo. Os abrasadores raios do sol inundavam todas as coisas, parecendo dar-lhes contornos luminosos numa profusão de cores.

Sobre a mesinha-de-cabeceira de Angela estava um aparelho de rádio transistor com a antena bem estendida. Já havíamos chegado a casa. Depois dessa viagem eu estava ansioso por tomar um banho. Angela foi até o banheiro para preparar-me a banheira. Fiquei no quarto, andando de um lado para outro. O sol, que penetrava por uma das janelas, lançava uma intensa luminosidade. Passados alguns minutos, Angela voltou ao quarto.

— Não demora muito e a banheira estará cheia — disse-me ela.

Só então ela se deu conta de que eu não parava de observar o pequeno rádio.

— À noite eu consigo pegar Munique.

— Então quer dizer que você ouve transmissões da Alemanha, não é verdade?

— Sim, todas as noites. Depois da meia-noite eu pego o noticiário alemão.

— Mas você já não tem muito que se preocupar com as transmissões dos noticiários franceses, Angela?

— Não. Além do mais, você se encontrava na Alemanha.

Eu já havia telefonado a Lacrosse diretamente do restaurante de Eze, e ele me dissera que só no dia seguinte talvez pudéssemos contar com os resultados das investigações que estavam sendo efetuadas pela polícia, a fim de constatar qual dentre os sete argelinos que moravam em La Bocca estava efetivamente relacionado com a explosão do iate e a morte de Hellmann. Expliquei-lhe que, em caso de necessidade, ele poderia encontrar-me, telefonando diretamente para o apartamento de Angela.

Logo que cheguei a Cannes, a primeira coisa que fiz foi dirigir-me ao Majestic, onde me receberam, dessa vez, como um bom amigo e cliente tradicional. Deram-me de novo o mesmo quarto. Ali também avisei que, na hipótese de ser procurado, eles deveriam procurar-me no apartamento de *Madame* Delpierre e dei-lhes o número do telefone. Nesses poucos dias em que estive ausente de Cannes, a Croisette se transformara num verdadeiro mar de flores ondulando sobre os canteiros que se estendiam ao longo das pistas. O tráfego também se tornara mais intenso. O apartamento de Angela, localizado

naquela altitude, era mais fresco e agradável do que nessa parte baixa da cidade.

— Às vezes, eu não conseguia dormir durante a noite. Então ficava ouvindo os noticiários alemães. Eu não compreendia tudo o que os comentaristas diziam, mas nunca deixei de ouvir as notícias. Ou melhor, eu compreendia perfeitamente as palavras, mas meu cérebro não as registrava. Só ficava pensando em você enquanto ouvia o rádio.

— E eu, lá na Alemanha, ficava dormindo...

— Bem, agora você pode ir tomar seu banho. Espere um momento que eu vou colocar na água um sal que a torna admiravelmente fresca.

Atirou na água uma substância que produziu bastante espuma e exalou um suave aroma.

Em seguida, como doida, agarrou-me apertando fortemente o seu corpo contra o meu.

— Tome logo o seu banho! — balbuciou ela. — Não demore. Já esperei tanto tempo!...

Ela saiu logo do banheiro. Tirei a roupa e me lancei na banheira. Só então é que pude notar como estava excitado. Tomei o banho o mais depressa que pude, saltei para fora da banheira e me enxuguei com uma toalha grande. Estando ainda ali sentado à beira da banheira, ouvi quando Angela baixou as persianas do quarto.

Saí do banheiro completamente nu. O quarto de dormir parecia estar envolto em penumbra. Angela, também completamente nua, já se encontrava estendida sobre a cama. Seu corpo, amorenado pelo sol, parecia bem escuro devido àquela fraca luz difusa. Tinha as pernas compridas e de lindo formato. Os contornos das coxas eram maravilhosos. Os quadris eram relativamente pequenos. Nos seus seios de mulher já feita, os mamilos bem salientes pareciam estar circundados de grandes halos. Há quanto tempo vinha sonhando exatamente com o que agora eu via diante de mim!!

Angela fitou-me sorridente. Ijjnfiei-me na cama ao lado dela e começamos logo a nos acariciar. E como nos beijávamos! De tanta ânsia, ela chegava até a perder a respiração. Com as mãos ela agarrava os meus cabelos. Sua pele, lisa e macia, parecia um pêssego. Nossos corpos ficaram enrolados. Pronunciávamos um para o outro as mais belas palavras de amor e fazíamos tudo... tudo o que um homem e uma mulher podem fazer a fim de aumentar a

excitação. Levamos seguramente um quarto de hora desse jeito. Finalmente, num tom de voz misto de raiva e vergonha, exclamei:

— Vamos parar! Não vou conseguir fazer nada!

Embora tivesse saído do banheiro daquele jeito, decidido a possuir Angela, vi que me era impossível fazer amor. Fiquei deitado de costas e me lembro perfeitamente de que eu só lhe dizia:

— Perdoe-me! Perdoe-me!

Angela inclinou-se para mim, beijou minha testa banhada de suor, os meus olhos e a minha boca, dizendo-me:

— Louquinho! Tontinho da cabeça! Que significa esse seu pedido de perdão? Você simplesmente está nervoso.

— Isso nunca me aconteceu, Angela. Nunca na minha vida! Eu... eu não sei o que é...

— É por causa do longo percurso que você fez de carro hoje. E você tem trabalhado muito com essas suas intermináveis viagens. É puro nervosismo... Nervosismo e nada mais, é o que você tem, querido.

Sua voz era amável. Em seguida ela saltou da cama dizendo:

— Além do mais, eu também não me acho em bom estado. Desde o almoço venho sentindo uma sede horrível. Temos tempo, Robert! Todo o tempo do mundo. Venha, vamos beber algo!

Ela correu para a cozinha. Eu ainda continuei na cama por alguns momentos e notei que, se por um lado me haviam faltado as forças, por outro, meu corpo chegava a explodir de veemente desejo erótico. Levantei-me e fui até a sala de estar, onde, nu mesmo, sentei-me no sofá. Por causa do meu fracasso eu me sentia envergonhado e ridículo.

Angela aproximou-se de mim com um comprimido. Ela trouxe, também, uma garrafa, copos e uma jarra cheia de gelo.

Ela falava com a maior naturalidade deste mundo enquanto preparava nossos drinques.

— Vou preparar dois Ricards para nós. É a melhor bebida para combater a sede.

Com toda a calma verteu o líquido da garrafa nos copos e juntou a quantidade de gelo necessária. A bebida, depois de preparada, tomou um aspecto leitoso. Seu pequeno e bem-proporcionado abdome subia e descia continuamente sobre o sofá. Eu sentia os seus lindos cabelinhos louros roçarem meu corpo. Ardia-me uma forte volúpia, mas ao mesmo tempo eu me sentia impotente para realizar meu desejo. Angela absolutamente não observava o meu corpo. Depois de termos tomado o primeiro drinque, ela preparou outra dose. Em seguida, foi até um toca-discos colocado ao lado do aparelho de televisão e perguntou-me:

— Que música vamos ouvir agora? Você gosta das composições de Gershwin?

— Muito!

— Então vamos ouvir o *Concerto em fá*.

Retirou da prateleira uma série de discos, que empilhou e colocou na vitrola. Eu a observava. Tinha as mais lindas costas que eu jamais vira. Sua linda pele amorenada pelo sol era sedosa e, de tão lisa, parecia refletir o brilho da luz que penetrava na sala através da janela. Soou a melodia do *Concerto em fá*. Sentados no sofá, fumávamos e nos fitávamos calados enquanto ouvíamos as maravilhosas melodias daquele gênio incomparável, que teve que deixar tão cedo este mundo em consequência de um tumor cerebral. De maneira desconexa, ocorreu-me a lembrança de um jornal que eu lera no carro-dormitório. Eu o havia lido todo, inclusive a seção desportiva e os anúncios fúnebres. Entre estes últimos havia um bem grande, que me chamou a atenção: um general que só na avançada idade de noventa e dois anos teve o seu passamento! Gershwin morreu com trinta e nove anos. Sua música inundava a sala e penetrava no terraço cheio de flores. Estávamos sentados bem juntinhos, roçando nossos corpos nus, eu e Angela.

E dizer que eu não consegui fazer amor com aquela mulher... a mulher que eu mais amava neste mundo, entre todas as que havia conhecido!

— Você nem imagina como me sinto feliz com o que aconteceu!

— Aconteceu quando?

— Agora, conosco.

— Feliz com o que aconteceu?!

Respondendo afirmativamente com a cabeça, ela passou a

explicar:

— Você me ama de maneira excessiva. Eu já tenho ouvido falar a respeito de casos idênticos. Exatamente pelo fato de você me amar em demasia é que não pôde ainda fazer amor comigo. Mas tudo vai dar certo depois. Se, para você, eu importasse tanto quanto qualquer outra mulher, você teria conseguido na cama fazer tudo o que quisesse. E é por isso que agora eu o amo muito mais ainda.

— Angela, eu lhe juro... eu...

— Pssst! — Ela colocou um dedo nos lábios. — Não diga nem mais uma palavra. Fique só escutando a música. Não é maravilhosa esta melodia?

— Sim, é maravilhosa.

Continuamos sentados no sofá. Angela estendeu-me a mão, que agarrei. Ela apertou tanto a minha que chegou a doer. Acendemos mais um cigarro e tomamos mais uma dose de Ricard.

O *Concerto em fá* terminou e um novo disco começou a rodar. Tratava-se de um dos melodiosos *Evergreens* compostos por Gershwin. Surgiu inicialmente a melodia *A foggy day in London town*, lenta, sentimental. Um pistão em surdina soltava notas pulsantes. Angela levantou-se convidando-me:

— Venha, vamos dançar!

Levantei-me e abracei-a. Acompanhando o ritmo lento da música, começamos a girar. Nossos corpos, no começo, mal se tocavam, parecendo que a timidez nos dominava. Um pouco depois, lentamente, fomos nos encostando cada vez mais. Finalmente, passamos a dançar bem agarrados, comprimindo nossos corpos. Angela colocou os braços em torno do meu pescoço. Fechou os olhos conservando a boca levemente aberta. Dançávamos bem agarradinhos, e revoluteando na sala, A essa primeira canção, seguiu-se *The man I love*.

— O homem que eu amo é você mesmo! — murmurou ela,

E eis que inopinadamente deu-se o milagre! Percebi que o sangue pulsava nas minhas veias. Recobrei a coragem e agora me sentia completamente desinibido para fazer com Angela na cama o que bem quisesse. Quanto tempo não fazia que eu vinhà esperando ansiosamente a chegada desse momento? O sangue parecia martelar no meu crânio.

Tentei puxar logo Angela para o quarto, mas ela, falando baixinho, me disse:

— Devagar, Robert... Por favor, não se apresse...

Então continuamos dançando. Sempre revoluteando ao ritmo da canção, fomos nos deslocando pouco a pouco da sala para o quarto. Na verdade, foi ainda dançando que nos atiramos sobre a cama. Percebi que eu havia me tornado novamente um homem. Sentia-me como um jovem. Já fazia mais de vinte anos que eu não me mostrava tão impulsivo assim. E na cama, dessa vez, não perdemos tempo fazendo aquela espécie de carinho para provocar a' excitação... A coisa saiu bem depressa.

Logo que possuí Angela, ela, que parecia uma mocinha de tão estreita e apertada, soltou um grito, uma tomada de alento, talvez. Minha cabeça parecia retumbar com as fortes pulsações. Diante dos meus olhos, girava vertiginosamente um turbilhão de chispas, de um vermelho incandescente. Nossos corpos ficaram colados como se fosse um só... Um só corpo no desejo e na voluptuosa sensação do gozo...

E, como é natural, atingimos perfeitamente o clímax gozando juntos, ao mesmo tempo. Não falávamos. Fazíamos amor com os olhos, com as mãos, com a boca... Exsudávamos amor por todos os poros. Nossos corpos pareciam ter-se fundido num só para o gozo.

Mas não parou aí. Não deixei Angela descansar. Nossa doce loucura parecia não ter mais fim. Recomeçamos tudo.

Angela cravava as pontas das unhas em minhas costas e dava-me mordidinhas no braço. Acabamos juntinhos mais uma vez.

Eu já não era nenhum jovem, mas uma coisa assim nunca acontecera em minha vida. Continuei agarrado em Angela. Mexe daqui, mexe dali, ficamos preparados para a terceira investida. Dessa vez demoramos bastante tempo. Lá na sala de estar ecoou a melodia da canção *Rhapsody in blue*. Finalmente, depois de termos gozado pela terceira vez juntos, Angela soltou um gemido de alívio. Conservei-a ainda durante algum tempo apertada nos meus braços. Depois, cautelosamente, fui me retraindo. Ficamos, então, deitados na cama, imóveis, olhando para o teto. A vitrola continuava tocando as melodias de Gershwin. Angela deu-me um cigarro já aceso e acendeu outro para ela. Eu segurava-lhe os seios e ela apalpava minha mão. Sempre calados, continuamos ouvindo a música de George Gershwin. Mais tarde um pouco, não me lembro bem quando, tocou a campainha da porta do apartamento. Angela enfiou o

roupão e foi atender imediatamente. Eu a ouvi conversar. Ela voltou para o quarto segurando na mão um buquê de rosas *sonja*. Deve ser lembrado que estávamos num sábado e eu havia autorizado a Floreal a remeter a Angela, todos os sábados à tarde, um buquê de treze *sonjas*, pois foi num sábado que nos conhecemos.

Eu me dispus desde o início a fazer esse relato minucioso objetivando que ele pudesse representar para Angela um *seguro de vida*. Eu me achava também compenetrado do dever de, com a ajuda de Deus, concluí-lo à risca no devido tem^o. Não se trata da questão de saber o que dizer. Eu sei perfeitamente tudo o que fiz com Angela. Trata-se, isso sim, de uma questão de tempo.

Com fidelidade e exatidão, tomei nota aqui de todas as experiências que vivi com ela, descrevendo-as uma por uma. Só deixarei de relatar um tipo de experiência: o que Angela fazia comigo nos seus impulsos de erotismo, proporcionando-me as mais indescritíveis sensações de volúpia. Creio que trairia Angela se anotasse tais ocorrências da nossa intimidade e me dispusesse a relatar tudo o que fazíamos com tanta frequência naqueles dias e naquelas noites. Uma só coisa posso declarar: ela gozava e sabia provocar o gozo do amor como nenhuma outra mulher deste mundo. Nada mais posso dizer. Todo o resto constitui o nosso segredo e como tal deve ser guardado. Eu jamais poderia imaginar que uma mulher seria capaz de fazer amor desse jeito, com tal transbordamento de volúpia. Para mim, ela constituía um milagre. O meu milagre. O milagre, a felicidade e o amor que preenchiam minha vida.

A vitrola continuava girando. O último disco já havia tocado pela terceira vez quando me levantei, da cama.

— Aonde você vai?

— Volto logo, sem demora.

Fui ao banheiro e tirei do bolso do meu paletó os brincos de brilhantes que havia comprado para Angela e que ela me devolvera. Segurando na mão essa jóia, sentei-me na cama, onde ela estava esticada. Ela compreendeu logo o que eu havia ido buscar. Entreguei-lhe os brincos, que ela sem nenhuma hesitação foi prendendo nas orelhas. Saímos juntos para o banho. Nem para entrar na banheira ela tirou os brincos. Debaixo da água, parecia estar usando um finíssimo vestido de *soirée*, todo confeccionado de branca espuma. Depois do banho, Angela vestiu um roupão bem leve e eu me enfiei num elegante pijama. Ela tirou da geladeira uma garrafa de champanha e fomos para o terraço, onde nos sentamos nas cadeiras de balanço. Como já era do nosso hábito, passamos a contemplar o mar e a cidade enquanto sorvíamos lentamente a bebida e fumávamos. Já estava anoitecendo. As tonalidades do céu e da terra cambiavam a cada momento. Observávamos novamente os gigantescos aviões aterrissando no aeroporto de Nice, ou decolando para sumir nas alturas. De repente, naquele céu que se apresentava como um vaporoso dossel, surgiu a primeira estrela.

— Você é tudo na vida para mim! — exclamei.

— E também você para mim! — repetiu ela, beijando-me a palma da mão.

Os brilhantes dos brincos luziam refletindo a luz. Sem falar, permanecemos ali sentados durante muito tempo. Apenas nos beijávamos carinhosamente e cheios de ternura.

— Já estou começando a sentir fome — disse ela, quando já estava escuro. — Venha comigo, Robert, meu amor!

Agarrados como duas criancinhas, fomos para a cozinha. Lá, sentei-me outra vez no banquinho e fiquei observando Angela preparar nossa refeição. Ela fritou os bifes que já havia deixado preparados desde a véspera e fez uma salada. Como num sonho, via nesse momento concretizado tudo o que

desejava... tudo o que eu esperava como suprema manifestação da felicidade neste mundo.

— Já está quase na hora do noticiário — disse ela ao mesmo tempo que ligava o aparelho Sony que estava na cozinha! Em seguida correu para ligar o outro aparelho grande que se encontrava no quarto. Voltou imediatamente e começou a preparar a salada na mesa. Em dado momento, foi passando a sua mão de leve pelo meu corpo. Depois me agarrou com força e, quase aos arrastões, foi me levando para o quarto.

Sempre balbuciando como uma doida, atirou num canto o seu roupão e puxou meu pijama.

— Venha... Venha ligeiro! — exclamou ela, dando a impressão de que estava gemendo.

E foi assim que mais uma vez fizemos amor. Estávamos ofegantes. Inebriados de tanto gozo e de tanta volúpia, parecia que nos havíamos tornado cegos e surdos. Finalmente, com grande alívio, nos espichamos na cama, um ao lado do outro.

Angela interrompeu o silêncio dizendo:

— Sou uma verdadeira louquinha, não é verdade?

— Você é amada — retruquei-lhe. — E conseguiu fazer de mim o homem mais feliz deste mundo.

— E você também fez de mim a mulher mais feliz deste mundo... Mas, meu Deus, e os bifes?!...

Os bifes ficaram um pouco passados. Preparamos nossa mesa de refeição na sala de estar. Comemos salada com bastante fiambre e *bâtard*. Nem dessa vez faltaram aquelas fatias de pão torrado e o bom *rosé*. Perdêramos o primeiro noticiário da noite. Angela deixara os aparelhos ligados, mas sem som.

Depois do jantar, ajudei a lavar os talheres e a pôr a cozinha em ordem. Angela achou que podíamos tomar mais uma garrafa de champanha. Enquanto íamos esvaziando nossos copos, lentamente, fiz a Angela um pequeno relato dos meus trabalhos nos últimos dias. Ela passou, então, a me contar que a morte de Hellmann e o assassinato de Kilwood constituíam realmente o assunto do dia em todas as rodas. Em Cannes formigava uma verdadeira multidão de advogados e policiais. Altos funcionários de diversos ministérios se encontravam também na cidade. Todavia, Angela achava que aquela gente fazia todo o possível para não se envolver no caso. Todas aquelas pessoas com as quais ela me havia posto em contato na casa dos Trabaud ainda se encontravam em Cannes. Angela confidenciou-me ter ouvido comentar que elas — isoladamente ou na maioria das vezes juntas — tiveram diversos encontros com o Procurador-Geral Seeberg. Ela conseguira uma série de pedidos de trabalho. Fomos até seu estúdio, onde, orgulhosa, me fez ver o quanto havia sido diligente durante a minha ausência.

Depois de termos voltado à sala, ela disse:

— Robert, eu me havia proposto fazer algo. E tenho que satisfazer esse meu propósito ainda hoje. E deve ser exatamente agora!

— O quê?

— Eu pertenço a você e você a mim. Portanto você tem o direito de saber que tipo de vida eu tenho levado.

— Fique quieta aí!

— Não, não quero ficar quieta. Naturalmente, eu já tive outros homens na minha vida...

— Eu já sei. Por favor, Angela, pare de falar!

— Deixe-me continuar! Nenhum desses homens era como você. E não foi a partir de hoje que me dei conta disso: eu havia pressentido tudo desde a primeira vez que você entrou neste apartamento.

— Quando estive aqui com uma roupa malconfeccionada, tão abatido como se estivesse desiludido da vida, não é verdade?

— Sim, Robert. Exatamente como você diz. Logo tive o pressentimento de que você seria o homem que eu iria amar como nunca amei antes. Por isso, de você não quero ocultar nenhum segredo. Nada quero ocultar depois... dessa tarde que passamos juntos! Não quero dizer com isso que foi um grande número de homens que entrou na minha vida, absolutamente. Eu sempre tive mais propensão para uma vida honesta, na minha casa. Vou contar-lhe tudo o que se passou.

— Não! — retruquei-lhe em tom incisivo. — Você não terá que me contar nada! Absolutamente não me interessa saber o que houve na sua vida. Nem quero saber. Para mim não tem nenhuma significação. Naquela época não nos conhecíamos. Jamais poderiamos ter imaginado que viriamos a nos conhecer. O que houve antes simplesmente não pode ter nenhum significado para o presente. Esqueça, portanto, o que você queria me dizer.

— Oh, Robert! — exclamou ela. — Robert... nunca... nunca... nunca poderia imaginar que viesse a amar tanto! -

— Nem eu!

— Foi você que me ensinou a amar com tamanha intensidade. É só a você que devo agradecer por estar amando tanto assim.

Ela atirou-se no meu colo e passou a acariciar a minha face e alisar os meus cabelos.

— Para mim tudo está bem assim mesmo — disse.

— E nada jamais poderá nos separar.

— Nada jamais poderá nos separar, Angela — repeti.

— Só... só aquela única coisa — disse ela soluçando.

Novamente o pensamento da morte... pensamento este que já havia surgido em nossas mentes durante o dia.

— Fique quieta! Deixe de pensar nisso — pedi-lhe, mas ela continuou:

— Se um de nós morrer, o outro deverá acompanhá-lo em breve,

você não acha? Pois parece que nenhum de nós poderá viver sem o outro. Você não acha que é assim mesmo, Robert?

— Sim, Angela. Penso que é assim mesmo.

Ela levantou-se e foi buscar um livro que estava sobre uma mesa. Eu já disse no começo deste livro que havia esquecido o nome do autor da obra que Angela me mostrara. Só sei que era um americano, porque ela me disse.

— Aqui está a tradução alemã dos poemas. Entre eles encontrei um que li repetidas vezes nestes últimos dias — disse-me ela, sentando no sofá e colocando os óculos.

Nua mesmo, tendo apenas os óculos sobre o nariz e os brincos de brilhantes fixos nos lóbulos das orelhas, ela passou a ler o seguinte poema:

— "Completamente livre de selvagens inclinações, de temores e de esperanças, agradece à divindade — seja lá qual for o teu deus — por dar ele um fim a cada vida e não permitir a nenhum morto que volte a este mundo. Até o rio mais vagaroso encontra o seu caminho para o mar".

Ela tirou os óculos e deixou o livro cair sobre as pernas.

— Por que você lê uma coisa assim, Angela? Por quê?

— Acalme-se... acalme-se, querido. Eu leio esse tipo de poemas porque agora eu quero viver! Eu quero viver intensamente a vida! É só por isso. Como é óbvio, às vezes tenho que pensar *naquela coisa* também. Acho esse poema maravilhoso. Um poema tão consolador e que nos traz tanta tranquilidade, Robert. E se Deus permitir, hei de amar você cie maneira muito melhor... depois desta vida...

No relógio pendurado na parede, os ponteiros marcavam uma e meia da madrugada.

Havíamos perdido também o último noticiário da noite. Lá embaixo, distantes, brilhavam milhares de luzes das mais diversas cores.

Já passava de uma e meia da madrugada e nenhum de nós se decidia a ir dormir. Continuamos ouvindo discos, fumando e bebendo. Bebíamos e fumávamos demais. Angela colocou um candelabro de três braços sobre a mesa e desligou a luz elétrica. Agora, num ambiente iluminado pela luz das velas, ficamos ouvindo música. Permanecíamos sentados no sofá, bem agarradinhos. As chamas das velas de vez em quando bruxuleavam e bizarras sombras projetavam-se pela sala.

Em certo momento, Angela começou a dormir nos meus braços sem que eu notasse. Sua respiração era tão calma! Deixei-a dormir e fiquei ouvindo o seu ressonar e as músicas de Rachmaninoff. Também rezei um pouquinho. Angela não chegou a dormir uma hora.

— Por que você não me despertou quando peguei no sono? — interrogou-me ela com um tom de repreensão na voz.

— Não quis despertá-la. Fiquei contemplando o seu rosto enquanto você dormia. Ele é tão lindo e mais lindo fica quando você dorme. Não quero cometer nenhum pecado ao dizer isso agora, mas o seu rosto é tão lindo como o de qualquer madona. Ainda hei de conseguir fotografá-lo em algum momento em que você estiver dormindo para que você mesma veja como o seu semblante é maravilhoso e como ele irradia uma indefinível sensação de paz.

E o que eu dizia era a pura verdade. Nada havia neste mundo que pudesse irradiar tanta paz como o rosto de Angela, quando ela dormia.

— Mas você não pode me deixar dormir — bradou ela. — Cada vez que eu pegar no sono você deve despertar-me. Você promete?

— Prometo. E a mim também, você me despertará se eu começar a dormir.

— Sim.

— Nós não devemos dormir muito — prossegui. — Enquanto dormimos, não podemos nos ouvir um ao outro nem nos contemplar mutuamente. Enquanto dormimos, cada um de nós deixa de fruir a sensação da presença do outro.

— Na verdade só devemos dormir um pouquinho — disse Angela.

— Estar dormindo é como estar morto — disse eu, com essa ideia de morte mais uma vez se introduzindo no meu cérebro. — A maioria das pessoas desperdiça o seu tempo como se elas tivessem uma existência eterna.

Meu pé esquerdo começou a doer levemente. Continuei:

— Ninguém sabe quanto tempo de vida ainda lhe resta... se um ano, se cinco, se um minuto...

— É verdade, meu amorzinho... Robert?

— O quê, meu coração?

— Venha para a cama. Já estou sentindo novamente um desejo tão grande...

E assim fomos para o quarto e mais uma vez fizemos amor. Depois do gozo, acendemos nossos cigarros e ficamos conversando um pouco. Por fim, Angela não conseguia falar de tão sonolenta. Levantei-me e abri um pouco a vidraça da janela, empurrando-a para o lado a fim de permitir que o ar fresco entrasse para arejar o quarto. Depois, voltei a deitar-me ao seu lado.

— Abraçe-me! — exclamou ela. — Sempre, sempre dormiremos abraçados, não é verdade?

Ela falava com a língua tão pesada que eu mal podia compreender suas palavras. Abracei-a e assim ela pegou no sono conservando nos lábios um sorriso misteriosamente encantador, que parecia iluminar o seu semblante meigo. Nossos corpos nus sobre a cama formavam um só corpo. Eu continuei desperto e pus-me a contemplar mais uma vez o rostinho de Angela e com isso fiquei muito comovido. Finalmente, apoiei-me no cotovelo e fumei mais um cigarro, pois não tinha sono.

Entre o mar e a cidade estendia-se o leito da ferrovia, e durante toda a noite fiquei ouvindo o barulho dos trens. Assim permaneci até algum tempo depois de clarear o dia. Então levantei-me. Através de uma fenda da janela passei a contemplar a cidade que começava a despertar e a observar o mar que parecia estender-se até o infinito. Encantava-me ver como a tonalidade do céu mudava a cada minuto, com a aproximação do dia. Dei mais uma olhadela no rosto de Angela. Ele me lembrava realmente o rosto de uma madona. Não conseguia despregar meus olhos do rosto dela.

O barulho de um trem que passava feria meus ouvidos nesse

instante.

Angela dormia profundamente quando me dirigi ao banheiro. Vesti a roupa e deixei-lhe um bilhete: "Às dez horas estarei de volta. Eu a amo. Robert".

Coloquei esse bilhete sobre a mesinha-de-cabeceira, ao lado do rádio transistor.

Na sala telefonei chamando um táxi para levar-me ao Majestic.

O porteiro, entregando-me a chave do quarto, sorriu amavelmente. Não fez nenhum gesto capaz de deixar transparecer alguma insinuação pelo fato de eu ter passado a noite fora. Como são felizes e magníficos os franceses! Não havia no hotel nenhum recado para mim.

Peguei o elevador e fui ao meu quarto. Tomei um banho e fiz a barba. Em seguida vesti a calça branca e a camisa esporte azul. Calcei também os sapatos brancos. Eram as roupas que Angela me havia comprado alguns dias antes. Tinha a impressão de que fazia anos que ela saíra comigo para fazer essas compras. Pedi um chá e tomei a refeição matinal. Depois, fiquei esperando até as nove horas. Então saí do hotel e dirigi-me à filial da Van Cleef & Arpeis. Lá, a minha presença estava sendo aguardada por *Monsieur* Quémard e um empregado. Eu já me havia comunicado por telefone com Quémard a fim de lhe perguntar se ele, nesse dia, um domingo, poderia atender-me na sua loja. Sem demonstrar a mínima hesitação, deu-me uma resposta afirmativa.

Logo que me viu, mandou abrir a porta de vidro. Alegrou-se sinceramente com a minha visita. Eu levava francos franceses comigo e disse que queria comprar uma aliança.

— Uma aliança, *Monsieur* Lucas?

— Sim. Por que o senhor pergunta?

— Nós temos também anéis para noivos. É hábito aqui na França presentear a noiva com um anel incrustado de brilhantes. As alianças, pelo contrário...

— Nada de anel de noivado — disse. — Quero mesmo uma aliança.

— Muito bem, *monsieur*!

Fez-me um aceno com a cabeça, demonstrando ter ficado radiante. Mandou logo o seu empregado trazer um estojo revestido de veludo azul com amostras de diversos tipos de aliança.

— Qual deve ser o tamanho? — perguntou-me.

— Deste mesmo tamanho — respondi-lhe, tirando do bolso um anel pertencente a Angela, que eu havia apanhado da sua mesinha-de-cafcfeceira.

Quémard tirou a medida. Verificou, então, que dispunha de alianças exatamente desse mesmo tamanho. Gostei especialmente de uma com pedrinhas talhadas obliquamente. Custava vinte mil francos.

O próprio Quémard embrulhou-me o estojo com o anel e depois telefonou para chamar um táxi.

Voltei imediatamente à Résidence Cléopâtre. Eu havia levado comigo a chave do apartamento para, no caso de Angela ainda estar dormindo quando eu retornasse, poder entrar sem despertá-la. Mas ela já tinha se levantado. Quando cheguei, estava no terraço tomando café numa xícara grande.

— Robert! — exclamou ela, dando um pulo da cadeira. — Onde você estava? Eu tive tanto medo!...

— Eu lhe deixei um bilhete sobre a mesinha-de-cabeceira.

— Isso não impediu que sentisse um medo horrível quando notei que o seu lugar na cama estava vazio. Só um pouquinho depois foi que encontrei o bilhete. Onde foi que você esteve?

— Feche os olhos!

Ela me obedeceu. Tirei a aliaiiça do estojo e disse-lhe:

— Dê-me sua mão esquerda.

Enfiei a aliança no seu dedo.

— Posso abrir os olhos agora?

— Pode.

Ela abriu os olhos cravando-os na aliança cujas pedrinhas de

brilhantes luziam com todas as cores do arco-íris. Murmurou:

— Robert!...

Passei a explicar-lhe:

— É uma loucura, eu bem sei. Ainda estou casado com outra mulher e já lhe presenteio uma aliança. Mas, refletindo bem, não se trata de nenhuma loucura, pois você é a mulher que quero desposar. Posso dizer, portanto, que você é a minha mulher.

— E você é o meu marido! Agradeço-lhe, Robert. Agradeço-lhe imensamente. Esta aliança já é para as nossas núpcias.

— Sim.

Na sala o telefone começou a tocar.

A torre era estreita e bem alta, tendo o aspecto de uma peça saliente que remata o cimo de uma gigantesca coroa. Bem no topo da torre, em torno de uma cabina de pequenas dimensões, haviam sido colocados possantes refletores para iluminar, à noite, as imediações do armazém da estação ferroviária. Essa torre havia sido erigida isoladamente no meio de um parque cimentado. Dentro da cabina, um policial enfiou rapidamente o cano de uma arma através da janela e começou a detoná-la. As balas batiam contra uma janela fechada no primeiro andar de uma casa localizada num beco do outro lado do portão de entrada para a estação. Na frente desse portão viam-se somente duas casas e algumas palmeiras com as folhas empoeiradas. Uma das casas estava pintada de cor-de-rosa e a outra de verde. Tratava-se de construções de um só pavimento, já bem estragadas, com o reboco caindo. Atrás da janela fechada, que recebia os impactos das balas, alguém se moveu e começou a revidar aos tiros do policial. Vi lampejar momentaneamente o cano de uma espingarda colocada no canto de uma outra janela disposta ao lado da que vinha servindo de alvo, cuja vidraça, a essa altura, já havia sido reduzida a estilhaços pelas balas. Essa outra janela estava aberta. Não se podia divisar o ponto exato em que estava entrincheirado o indivíduo que revidava aos tiros. Ele metralhava não somente o abrigo do policial no topo da torre, mas também as imediações da estação, os vagões e os trilhos. Muitos policiais, munidos de pistolas automáticas, abrigavam-se atrás dos vagões, onde ficavam agachados. Eu pulava como uma lebre de um vagão de carga para outro, pois, quando cheguei ao local, as balas cruzavam por mim assobiando. O homem que atirava daquela janela parecia ser um assassino louco ou um louco assassino.

Todo o quarteirão estava cercado por policiais e por carros da polícia. Atrás dos cordões de isolamento, comprimia-se uma multidão de curiosos: pescadores, velhos, crianças, mulheres que traziam consigo bolsas de compras. Gente pobre de uma zona miserável. Só consegui atravessar o cordão policial depois de ter pronunciado o meu nome a um oficial de alta patente e de lhe ter explicado que Louis Lacrosse me havia telefonado pedindo-me que comparecesse ao local. Esse oficial já me conhecia de nome através de Lacrosse. Apontou com a mão um vagão, explicando-me que Lacrosse estava do outro lado. Ao correr para o ponto indicado, senti um medo horrível, mas não parei de seguir o meu rumo.

Os policiais entrincheirados nos vagões e nos depósitos de mercadorias, bem como o que se encontrava sobre a torre, davam-me cobertura atirando contínua e ininterruptamente contra a janela daquela casa da Avenue

Pierre Semard. Viam-se policiais por todos os lados. Eles fervilhavam nas proximidades daquela estação comprida e de aspecto grotesco. Muitos deles iam se aproximando da casa para formar o cerco, e era provável que alguns já houvessem a essa hora penetrado nela. Estavam fortemente armados e usavam capacetes de aço. A horrível Avenue Pierre Semard começava na Avenue Francis Tonner, na parte norte, e, estendendo-se quase em linha reta na direção sul, vinha desembocar, lá embaixo, no Boulevard du Midi, ao fim do qual começava o mar. A Avenue Pierre Semard tinha apenas algumas edificações com as fachadas para o lado leste, achando-se completamente aberta no seu lado esquerdo. É ali que se encontra a enorme gare dos armazéns de mercadorias, num verdadeiro emaranhado de trilhos e de pavilhões de depósitos. Essa estação, destinada ao embarque de mercadorias, é a mais horrível e deprimente que vi na minha vida. O Boulevard du Midi, atrás dela, estendia-se paralelamente à plataforma até o mar, que não distava dali mais de cem metros. Naquela zona, tudo era simplesmente imundo e sujo, até mesmo os leques das palmeiras.

Consegui chegar até o vagão que o oficial me apontara. Então vi o baixinho Louis Lacrosse, em traje civil, como era do seu hábito, mas segurando também uma pistola automática.

— Bom dia! — disse-me ele.

Sua voz e sua atitude espantaram-me. Já não era mais aquele funcionário da polícia medroso e submisso. Tornara-se um indivíduo raivoso e dotado de energia para o comando.

— O senhor não tem nenhuma arma?

— Não.

— Mas que idiotas do inferno! Por que não lhe entregaram uma arma? Aqui não estamos brincando de *farwest* num ataque de índios.

Enquanto conversávamos, as armas de fogo detonavam, as balas pipocavam, vidraças se estilhaçavam, mulheres gritavam desesperadamente, homens vociferavam. Era uma confusão dos diabos.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei.

— Eu já lhe havia dito pelo telefone que ainda não tínhamos certeza de qual seria o argelino suspeito entre os mencionados pelo comando policial. Pretendíamos fazer essa busca com o máximo de cautela possível. Cautela uma ova!

Ele escarrou sobre o pó dos trilhos. Sua roupa estava tão suja como a minha calça. Ambos estávamos banhados de suor. O sol estava abrasador.

— Hoje, lá pelas oito horas, saíram diversos funcionários da polícia criminal para fazer sindicâncias a respeito dos argelinos, visitando as suas residências. Esses funcionários formavam sempre duplas e se achavam munidos da competente ordem para dar buscas. A dupla que se dirigiu a essa casa tocou a campainha na porta do maldito argelino. Ele — que se chama Argouad — estava em casa, mas não quis abrir a porta. Nossos homens disseram-lhe que eram da polícia. Ouvindo tais palavras, Argouad resolveu reagir e começou a vociferar.

— Dizendo o quê?

— Dizia que não acreditava em nenhuma das palavras ditas pelos dois homens, que eles não eram da polícia e que, por isso, ele não permitia que dessem busca na sua casa. Em seguida, com a sua arma, deu um tiro através da porta fechada, acertando um dos funcionários no abdome. Esse cachorro do inferno!

Lacrosse deu mais uma cuspida.

Nesse instante ele deyia ter vislumbrado algo naquelas janelas do primeiro andar, pois fez pontaria com a pistola e apertou o gatilho.

— Nada! — disse ele, depois de ter atirado.

— E que aconteceu com o funcionário que foi baleado?

— Levaram-no para o hospital. Teve que se submeter a uma operação de emergência.

— Será que ele se salva?

— Assim esperamos. Ainda estão operando. Em todo caso, isso provocou um estrondoso alarme. Todos os suspeitos que encontrarmos serão detidos para averiguações. Roussel também se encontra aqui. Ele está atrás daquele vagão frigorífico.

Eu não podia vê-lo, mas logo sua voz soou através de um megafone: “Argouad! Argouad! Preste bem atenção! Já estamos fartos disso. A casa está cercada. Se você não se entregar, não sairá vivo daí. Os policiais se encontram enfileirados por toda a escada, desde a entrada até sua porta. Você já acertou um deles. Será que quer piorar ainda mais a situação para você? Jogue

sua arma pela janela e saia com as mãos atrás da cabeça".

A voz ecoava por todos aqueles recantos ensolarados. Como resposta às palavras de Roussel, veio mais um tiro.

Lacrosse levava consigo um aparelho transmissor e receptor portátil. Segurando o microfone perto da boca ele disse:

— Letouche, você está me ouvindo aí na torre?

— Sim, estou ouvindo — respondeu uma voz no aparelho.

— Agora, gás lacrimogêneo. Pela janela.

— Está bem!

Coloquei a mão sobre um trilho, mas tive que retirá-la bem depressa, pois o ferro estava tão quente que quase me queimou. O suor escorria abundantemente pela minha face e pela de Lacrosse. De tão molhada, minha camisa colava-se à pele.

Não demorou muito e uma densa nuvem de fumaça branca começou a despontar da janela estilhaçada. De repente, ficou tudo em silêncio. Silêncio durante um minuto... Dois minutos... Então soou uma voz no aparelho de Lacrosse:

— Ele resolveu entregar-se, comissário.

Em resposta, fez-se ouvir a voz de Roussel:

— Sejam cautelosos, tomem muito cuidado! Não o matem. Ainda vou precisar muito dele. Se ele atirar, atirem também, mas sem matá-lo.

— Entendido, chefe!

Depois de uma pausa de quinze segundos, a voz prosseguiu:

— Ele está saindo com as mãos atrás da cabeça... Já o agarramos, chefe! Já o agarramos!

— Venham todos! — ordenou Lacrosse e saiu correndo.

Ele atravessou os trilhos e avançou em direção à Avenue Pierre Semard.

Tropecei num dormente e caí. Começou a sair sangue da minha mão, que ficou um pouco esfolada. Num impulso, levantei-me e saí correndo para alcançar Lacrosse. Tínhamos muita dificuldade em passar no meio daquela multidão de curiosos. Como por milagre, meu pé dessa vez não doeu absolutamente nada. Os policiais deixaram-nos transpor o cordão de isolamento. Só quando nos aproximamos da porta da tal casa, foi que vi Roussel, vindo do outro lado. Com uma carabina nos ombros, ele me fez um aceno. Dois policiais surgiram no portão empunhando armas. Seguindo-os, apontou, com as mãos algemadas atrás das costas, para um homem com a camisa para fora das calças. Ele tinha o rosto magro, de aspecto quase cadavérico e a tez acentuadámente escura. Usava bigode e seus cabelos eram bem pretos. Seu comportamento era o de um indivíduo completamente fora de si. Outros dois homens empurravam-no.

— Não me matem! Deixem-me viver! Seus cachorros, não me matem! — berrava Argouad, tropeçando como um cego.

Seus olhos estavam vermelhos e lacrimejavam. Enquanto gritava, tossia tanto a ponto de sufocar-se. Devia ter aspirado uma grande quantidade de gás.

Os homens que o conduziam empurraram-no para dentro do carro da polícia.

Roussel entrou também no carro, postando-se atrás de Argouad. A sirena começou a estridular. Sem pestanejar, o motorista fez o carro arrancar bruscamente, partindo em alta velocidade. Apavoradas, as pessoas atiraram-se para os lados a fim de dar passagem ao veículo.

— Meu carro está lá do outro lado — disse-me Lacrosse.

Arquejando e com o suor a escorrer por todo o corpo, fui seguindo-o. Fazia um calor insuportável nesse dia.

Duas horas mais tarde...

Encontrávamo-nos numa das salas de interrogatório do Comissariado Central, eu, Roussel, Lacrosse, dois oficiais da polícia e Argouad. Este último estava sentado numa cadeira no meio da sala. Os demais permanecíamos de pé em torno dele. Um médico dera um calmante ao argelino e tratara dos seus olhos e da sua garganta. Depois disso, deixaram-no ficar sossegado na sua cela durante quase uma hora, isto é, até o momento em que o médico declarou que ele podia ser inquirido. Nesse meio tempo, telefonei para o Carlton a fim de comunicar-me com Kessler, mas ele não se encontrava no hotel e não havia deixado nenhuma comunicação do lugar onde poderia ser encontrado. Então pedi que lhe dissessem, quando chegasse, que deveria pôr-se imediatamente em contato com o Comissariado Central.

Roussel, Lacrosse e os dois oficiais da polícia conduziam o interrogatório. Começaram a metralhar Argouad com perguntas e mais perguntas. Ele quase não tinha tempo para respirar. Estava vestido só de calça e camisa, com os pés descalços. Na sua face, diversos músculos tremiam. Ele só repetia o que, no seu francês com sotaque, já havia dito uma infinidade de vezes.

— Eu não acreditei que os homens que bateram na porta da minha casa eram da polícia. Então atirei.

— Por quê?

— Porque eu não queria que atirassem em mim.

— Quem atirasse?

— Eles.

— Mas eles quem?

Nesse instante, observei que todo o corpo de Argouad tremia. Como todos nós, ele também suava em bicas. Naquela sala não havia boa ventilação. Argouad não respondeu à última pergunta. Dos seus olhos inflamados começaram novamente a brotar lágrimas.

—· Responda logo, cachorro miserável! — gritou Roussel.

— Eu... eu... não posso — dizia, gemendo, Argouad, cujo prenome

era Jussuf, conforme fiquei sabendo nesse meio tempo. Jussuf Argouad, trinta e cinco anos de idade, administrador de depósito de mercadorias, solteiro...

— Você não responde porque não quer, seu canalha.

— Não! Não! Não! Não posso.

As perguntas matraqueavam com mais rapidez do que os tiros na estação ferroviária. Sem a mínima comiseração, eles não davam a Argouad nem um segundo de descanso, pois ele havia atirado num dos seus colegas, deixando-o em perigo de vida.

— Por que você não pode dizer? — berrou Lacrosse.

— De medo... de medo... Se eu falar, eles me matarão. Eles me matarão em seguida... Eu já não podia mais dormir direito nem comer. Desde que aquele iate voou pelos ares, e principalmente nos últimos dias, com a morte do americano, nunca mais tive sossego. Disseram-me que ele havia falado de um certo argelino de La Bocca com o qual tudo começou.

— Quem foi que lhe disse isso?

— Nem me lembro mais... Foi um sujeito num *bistrot*.

— Mentiroso!

— Não estou mentindo. De fato não me lembro mais...

— Deixe de conversa mole. Você tem que saber!

— Já faz muitos dias que vivo com medo de ser morto. Eu tinha certeza de que de um momento para outro eles apareceriam para me liquidar. Aqueles porcos conseguiriam me liquidar com facilidade... Foi por isso que reagi.

— Que motivo eles tinham para liquidar você? — interrogou Lacrosse, apertando o queixo de Argouad e falando bem em frente ao seu rosto. — Qual era o motivo, Jussuf? Por que eles queriam matar você? Fale, homem!

— Porque eles tinham medo de que eu falasse demais. Mas eu não falei nada. Absolutamente nada. Mas agora...

— Agora você vai falar... Você vai falar de qualquer maneira, nem que isso seja a última coisa que você faça na sua vida — emendou Roussel, falando com veemência. — De um jeito ou de outro você está liquidado. Se o

homem que você baleou no abdome morrer, nem adianta você suplicar clemência... Nesse caso, seu pedido de clemência não lhe ajudaria uma merda. Está compreendendo bem qual é sua situação?

— Eu não queria... Eu nem mesmo sabia... Mas ele não morrerá! — gritou Jussuf Argouad, desesperado. — Eu não queria fazer isso!

— Não queria fazer mas fez, não é?

— Mesmo que eu não fale nada, vou ser condenado à pena máxima por ter atirado naquele policial — disse Argouad, que inopinadamente passou a falar num tom de voz mais baixo e calmo. — E se falar, eles me matarão...

— Enquanto estiver na prisão, ninguém matará você — disse Roussel.

— Mesmo assim eles conseguirão! Sempre conseguem matar qualquer indivíduo, esteja ele onde estiver. Eles têm gente espalhada por toda parte. Conhecem tudo. Não há nada que eles não descubram.

— Se você nos disser tudo o que sabe, será vigiado dia e noite na sua cela da prisão. Não ficará um segundo sem a nossa vigilância. Eu prometo isso a você. Entretanto, se continuar com a boca fechada, não desembuchando logo tudo o que sabe, prenderemos você e não o vigiaremos... Então, sim, poderá acontecer o que você teme... Afinal, pensando bem, aqui existe um montão de prisioneiros. Facilmente algum deles pode conseguir uma lima... ou dois deles, uma corda... Então, enquanto você estiver dormindo, ou na hora em que você for mijar...

— Parem com isso! — gritou o argelino. — Parem com isso! Tenham a bondade...

— "Tenham a bondade... " já está melhorando... — atalhou Roussel, que devido a sua altura tinha sempre que se curvar quando falava com o prisioneiro. — Se você não falar agora mesmo, vamos encarcerá-lo. Aí, sim, poderá acontecer que eles façam você esticar as canelas. Compreendeu direi tinho?

O argelino respondeu afirmativamente com um meneio de cabeça.

— Então?

— Eu vou falar — declarou Jussuf Argouad.

As fitas de um gravador colocado sobre a mesa da sala de interrogatório começaram a rodar. Argouad falava continuamente interrompido pela tosse que quase o sufocava.

— Um sujeito me procurou para falar comigo... Eu nunca o tinha visto antes... Aí ele disse que sabia que eu trabalhava na estação ferroviária como administrador do armazém de mercadorias... e que num dos depósitos estava guardada dinamite... para dinamitação de pedras no monte Esterel. Uma grande quantidade... E que eu devia arranjar-lhe dinamite. Ele, também, me deu dinheiro. Muito dinheiro.

— Quer dizer, então, que você lhe arranjou a dinamite, não é verdade? — interrogou Roussel.

— O dinheiro era muito. Eu sou pobre... Afinal, eu queria fazer alguma coisa diferente daquele trabalho infame lá da estação. E era mesmo muito dinheiro!

— Quanto?

— Cem mil francos. Francos novos. Ele prometeu me dar o dinheiro logo que eu lhe entregasse o que ele queria. Então roubei a dinamite. Era muito pesada. Todas as caixas estavam bem fechadas e marcadas. Eu precisei da ajuda de um colega. Mas ele não está mais aqui. Faz muito tempo que foi embora. Não sei onde se meteu. Quando recebi o dinheiro, dei-lhe vinte e cinco mil francos.

— Muito bem... Então você roubou uma caixa de dinamite...

— Juntamente com um colega.

— E entregou-a ao tal indivíduo?

— Sim.

— Quando?

— No dia 5 de maio. Era uma sexta-feira, dia em que recebo meu ordenado semanal. Por isso eu me lembro bem.

— E quando foi que o homem lhe falou pela primeira vez?

— Dois dias antes. No dia 3 de maio... Mas posso ter certeza de que vou ser bem vigiado na minha cela?

— Se você contar tudo, pode ter certeza. Do contrário, não.

— Eu vou contar tudo... Sim, eu vou contar tudo...

— Você agora já sabe para que fim o tal homem precisava da dinamite, não é verdade?

— Eu não sei nada.

— Jussuf, não nos venha com essa balela, sim? — disse Lacrosse, o baixinho Lacrosse, que se havia transformado de maneira inacreditável. Ele falava com uma voz ameaçadora. — O iate de Hellmann voou pelos ares. Você mesmo já se referiu a isso. E voou pelos ares em consequência de uma explosão de dinamite. Foi a dinamite que você arranjou.

— Não... não...

— Não diga que não! Você sabe perfeitamente que foi com essa dinamite que eles provocaram a catástrofe. O explosivo foi colocado dentro de um aparelho infernal. Você não lhe forneceu esse aparelho também?

— Não!

— Ou peças para fabricá-lo?

— Não! Não!

— Lindo! Mas você, embora como simples amador, não lhe teria prestado sua ajuda trabalhando para a construção do tal engenho?

— Não. Juro que não. Eu só arranjei a dinamite.

— E você tem coragem de jurar?

— É a pura verdade o que estou dizendo. Por que eu haveria de mentir nesta situação?

— Porque você é um patife, um crápula, um ladrão e um criminoso que agora está se cagando todo de medo!

— Exatamente porque estou me cagando de medo e porque serei

protegido, estou lhe contando tudo direitinho, senhor comissário.

— Muito bem. Então quer dizer que você só forneceu a dinamite.

— Só a dinamite. Eu juro...

— Cale a boca! E só com isso você recebeu toda aquela grana, não é verdade?

— Sim, recebi.

— Assim sendo, outra pessoa deve ter construído o aparelho...

— Sim, deve ter sido qualquer outra pessoa.

— Bem, agora diga-nos como se chamava o indivíduo a quem você entregou a dinamite.

— Não sei.

— Oh, claro que não! Como poderia ser outra a resposta?!

— De fato, não sei. Eqtão o senhor acha que ele iria me dizer o nome dele?

O telefone tocou.

Lacrosse levantou-se e atendeu, falando durante uns dois minutos. Dando a impressão de ter ficado mais aliviado, disse:

— Foi do hospital que telefonaram. A operação terminou. Se não sobrevier alguma complicação, o nosso homem escapará.

Argouad caiu de joelhos, exclamando em voz alta:

— Agradeço-vos, Alá! Agradeço-vos!

— Pare com essa encenação!

Lacrosse, puxando Argouad pela camisa, fê-lo sentar-se de novo, mas ele não parava de expandir sua satisfação.

— Pare com essa encenação, eu já disse! Você tem mais sorte do que juízo, seu saco de bosta!

— Ele vai escapar!... Ele vai escapar! — bradava Argouad. — Eu não o matei. Não sou um criminoso.

— Pare com isso! Está me ouvindo? Pare já! Ainda temos muito que conversar. Já que você não sabe o nome do tal homem, diga-nos, então, como era a aparência dele.

Argouad respondeu tremendo:

— Na realidade não era nenhum homem. Era uma mulher.

— Uma mulher?!

— Sim, sim, uma mulher.

— E, como era de imaginar, também o nome dela você não sabe, não é verdade?

— Claro que não.

— Então faça-nos a descrição de como ela era. Depressa! Descreva-a com todos os detalhes.

— É difícil — ponderou Argouad. — Foi de noite que nos encontramos. Mas tenho certeza de que ela não era daqui.

— Não era daqui? Como é que você poderia saber isso?

— Por causa do francês que ela falava. Tinha muito sotaque. Notei logo que ela não era francesa.

— E se ela não era francesa, de onde você acha que ela era?

— Da Itália. Eu tenho amigos que vieram daquele país e eles falam do mesmo jeito. De Milão ou talvez de Gênova. E... e... a aparência dela... Ela era corpulenta e tinha força... muito mais força do que eu... Estou dizendo a verdade... a pura verdade, juro por Deus! Ela era robusta e tinha tanta força como qualquer brutamontes, e nesse nosso encontro...

— Nesse encontro o que é que houve? — perguntou Roussel.

— ...coisa estupenda!... Enquanto, eu falava com ela, não podia deixar de pensar em minha mãe...

— Pensar em sua mãe? Por quê?

— Porque essa mulher era como uma mãe... uma mãe para todos... Ela possuía algo de maternal, o senhor me compreende?

Em dois carros rodamos para Cannes.

Aqui e ali pessoas atravessavam a rua. Os carros paravam nos sinais, não ultrapassando as faixas. Nossos carros, entretanto, avançavam o sinal vermelho. Eu estava sentado ao lado de Roussel. Lacrosse se postara no banco dianteiro, ao lado do chofer. Ocupávamos o primeiro carro. O segundo só transportava funcionários da polícia criminal.

Trafegávamos através das ruas calmas do bairro nobre Les Vallergues. Era ali que começava a propriedade de Hellmann, com seu muro bem alto encimado por uma cerca de arame farpado e pontiagudas setas de aço. Deparamos com o grande portão de entrada no parque.

Ambos os carros estacaram rangendo os pneus. O porteiro, que eu já conhecia, saiu de sua guarita. Ele continuava usando uniforme branco com botões de metal e galões dourados. O chofer do nosso carro buzinou.

O porteiro fez-lhe sinal para que descesse do carro.

— Ele não deixa nenhum carro penetrar no parque — expliquei.

— Ah, é assim?! — bradou Lacrosse, furioso. — Esperem um momento.

Ele desceu do carro e saiu correndo em direção ao portão. Exibiu ao porteiro as credenciais de funcionários da polícia e começou a vociferar com ele.

Não consegui ouvir o que ele dizia, mas suas palavras devem ter sido muito ameaçadoras, pois o porteiro, assustado, pôs-se a abrir o portão enquanto Lacrosse voltava para tomar seu lugar no carro.

— Cachorro estúpido! — exclamou.

Nosso chofer fez o carro arrancar. O outro carro seguiu-nos. Penetramos naquele parque com suas palmeiras, cedros, ciprestes e oliveiras. Atravessamos aquele túnel formado pelos galhos de velhas árvores frondosas. Ali estavam os bancos de pedra e as figuras talhadas igualmente em pedra, que apresentavam rachaduras. Mais uma vez surgiram à minha frente aquela piscina sem água, os canteiros cheios de flores perto da rampa de entrada, o gigantesco chafariz que formava um encantador arco-íris ao receber os brilhantes raios de

sol.

Nossos carros frearam, fazendo-ranger os pneus no chão de saibro.

Passamos entre as colunas da mansão, dirigindo-nos à entrada. A porta, da qual pendia uma pesada argola de metal, estava fechada. Lacrosse começou a dar pancadas na porta sem parar, com a argola. Não demorou muito e apareceu um criado, também todo de branco.

— Somos da polícia — rosnou Lacrosse.

— O porteiro já nos telefonou comunicando a chegada dos senhores — gaguejou o homem. — O que... o que significa isso? Os senhores não podem fazer tanto alarme. *Madame* está passando mal... muito mal.

— Onde está ela?

— Na cama. Lá no seu quarto.

— Conduza-nos até lá.

— Mas... não posso. Eles vão me botar para fora se eu...

— Ninguém vai botar você para fora do emprego. Ligeiro! Ande! Ligeiro! — ordenou Lacrosse.

Em poucos instantes, já nos encontrávamos no saguão. Vi quando os funcionários da polícia criminal saltaram do carro e começaram a cercar a casa. Só um deles se juntou ao nosso grupo. Postados nas diversas portas existentes ali no saguão, os empregados nos observavam cheios de curiosidade. .

— Vamos subir pela escada! — ordenou Lacrosse.

Fomos subindo, passando diante de quadros de Rubens,

Botticelli, El Greco, Vermeer van Delft e de enormes gobelinos. Comecei a sentir novamente o perfume de diversas llores. Lá estavam ainda as estatuetas de marfim nos seus nichos na parede. Passamos pelo corredor do primeiro andar, onde primeiramente se descia e depois se subia uma escadinha de três degraus e onde se viam muitos quartos de cada lado.

O criado, bastante nervoso, bateu na porta da ampla sala que eu já conhecia. Uma das mulheres encarregadas da limpeza e da arrumação, que eu

não vira quando lá estive da outra vez, abriu a porta.

— Estes senhores... — começou a falar o criado.

Lacrosse empurrou-o para o lado e passou a interrogar a mulher:

— Onde está *madame*? No quarto dela?

E, sem mais conversa, avançou em direção à porta do quarto da irmã de Hellmann. Antes de ter atingido a porta, esta se abriu, surgindo à nossa frente o vulto de Hilde dos Brilhantes, que parecia um macabro fantasma. Sua peruca, como da outra vez, estava fora do lugar. Ela estava pálida. Trazia, atirado sobre as costas, um casaco bordado, cor-de-rosa. Nesse dia, Hilde dos Brilhantes usava um antigo colar com o correspondente anel, no qual estava incrustado um enorme brilhante. Além desse, ela enfiara no dedo outro anel com uma grande pérola, acompanhada de mais dois brilhantes de considerável tamanho. Como a peruca estava deslocada para a frente, pude notar que a sua pele, atrás das orelhas, estava amarelada, franzida e cheia de pigmentos, como acontece quando o cirurgião, ao efetuar uma operação plástica no rosto, distende fortemente a pele, puxando o tecido cutâneo supérfluo para trás, onde ela cicatriza.

Aquele roupão cor-de-rosa combinava perfeitamente com os olhos com que Hilde, fora de si de tanta raiva, nos fitou quando entramos.

— Mas que desaforada falta de respeito é essa? Inspetor Lacrosse, o senhor ainda hoje vai ver com quem é que está se metendo e praticando confiadamente tais abusos! E o senhor também, Sr. Lucas. Vou telefonar imediatamente para Dusseldorf.

— Eu julguei que a senhora quisesse que eu continuasse investigando o assassinato do seu irmão — respondi-lhe.

— Ah, fique quieto, seu bobo! — gritou ela.

Depois, dirigindo-se ao corpulento Roussel, disse:

— E o senhor, *monsieur*, eu farei...

— A senhora não fará nada a não ser parar com essa gritaria. Não é sem razão que aqui estamos, *madame*. A coisa está ficando preta para o seu lado.

— Os senhores é que verão...

Bruscamente, Hilde dos Brilhantes começou a vacilar. Não fiquei sabendo se ela estava realmente tonta ou se estava fingindo.

— Estou passando mal — gemeu ela.

— Onde está a irmã-enfermeira?

— Anna?

— Sim, Anna. Onde está ela?

— Não sei.

— Mas que significa isso? A senhora não sabe onde ela está?!

— Depois do café dormi um pouquinho. Foi ela quem me acordou. Foi, portanto, só na parte da manhã que vi Anna. Depois ela se retirou para seu quarto. Ora, acordei às sete horas e agora são três da tarde.

Lacrosse interrogou a mulher que fazia a limpeza:

— Onde fica o quarto da irmã-enfermeira?

— No segundo andar, *monsieur*.

— Conduza-nos até lá!

Com a voz estridente, Hilde dos Brilhantes voltou a falar:

— Os senhores não podem fazer isso! Os senhores possuem uma autorização judicial para dar buscas na casa?

— Não — respondeu Lacrosse calmamente —, e estamos dando pouca importância a tal tipo de autorização.

Depois, dirigindo-se à mulher que fazia a limpeza, a qual, mostrando-se hesitante, não parava de olhar para Hilde, como que a suplicar ajuda, disse:

— Depressa, ande! Faça o que o comissário ordenou. Do contrário, pode lhe acontecer o pior.

— Bem, os senhores podem ir ao quarto dela, mas eu os acompanharei — disse a irmã de Hellmann, com os olhos faiscando de ódio.

— Mas acho que a senhora está passando mal — ponderei.

— E o que o senhor entende disso, Sr. Lucas? — Bruscamente sua voz começou a parecer-se com a de qualquer vagabunda do *basfond*. — Trate de cuidar das suas merdas e deixe os outros em paz. Vamos, sigam-me!

Ela amparou-se no meu braço. Fomos caminhando pelo corredor em direção à escada de mármore que conduzia ao segundo andar. Aí as portas dos quartos não eram muito altas.

— É aqui — disse finalmente a arrumadeira.

Roussel bateu na porta, chamando:

— *Madame* Anna?!

Nenhuma resposta.

— *Madame* Anna, por favor, abra a porta. É a polícia!

Não se ouvia o mínimo ruído lá dentro.

— Será que ela fugiu? — cochichei ao ouvido de Lacrosse.

— Toda a casa está cercada. Se ela se encontrava aqui quando chegamos, ainda deve estar aqui, não é, Jules?

O funcionário da polícia criminal que nos acompanhava avançou e começou a sacudir com força o trinco da porta.

— Está trancada — disse ele, e inclinou-se um pouco para espreitar através do buraco da fechadura.

— A chave não está na fechadura.

— Vamos arrombar a porta — ordenou Lacrosse.

— Que estúpida monstruosidade! — berrou Hilde dos Brilhantes.

— Fique quieta aí! — retrucou-lhe Lacrosse, o baixinho que outrora tinha tanto medo dos ricos e dos grandes.

O funcionário, um indivíduo robusto, lançou, com toda a força, o corpo de encontro à porta... uma... duas vezes... No terceiro impulso a porta voou, fazendo o homem cambalear para dentro do quarto. Nós o seguimos. Era um

quarto espaçoso, de estilo antigo, com janelas em forma de arcos. Mal Hilde dos Brilhantes colocou o pé dentro do quarto, soltou um grito de pavor. Perdeu o equilíbrio, ameaçando cair de costas. Num salto, aproximei-me dela, agarrando-a a tempo de evitar que tombasse íio chão. Ela desmaiara. Se essa atitude foi simulada, então deve-se dizer que ela representou o papel com o máximo de perfeição. Por não aguentar seu peso, deixei-a cair, apenas evitando que sofresse o impacto do baque.

— Caramba! — exclamou Lacrosse.

Numa cama bem larga estava estendido o corpo da irmã-enfermeira Anna, de Milão, aquela mulher forte e corpulenta, mas ao mesmo tempo de aspecto maternal. Achava-se vestida com o hábito branco — só que agora ele não era mais dessa cor. Nem tampouco seu semblante tinha aquele aspecto maternal. A cabeça da mulher estava caída de lado e os olhos pareciam estar contemplando fixamente a parede. A boca apresentava-se desmesuradamente aberta. O hábito branco, na parte superior, achava-se completamente ensopado de sangue. O cabo de um grande punhal cravado no seu peito estava à mostra...

Decorrida meia hora, os peritos criminais já se encontravam no local. Acompanhavam-nos o baixinho Dr. Vernon, médico-legista, e o caçador de sonegadores de impostos, Kessler. Este havia telefonado do Carlton para saber se havia algum recado para ele. Então, no Comissariado Central, informaram-no de que ele deveria vir até aqui. Kessler observou a irmã-enfermeira morta e ficou horrorizado.

— Quem poderia ter feito isso?

Lacrosse em rápidas palavras informou-o das ocorrências desse dia. Depois de ter feito um relato sucinto, passou a responder à pergunta de Kessler:

— Só podia ter sido alguém que queria calar a irmã-enfermeira antes que ela revelasse algo, especialmente agora que o argelino abriu o bico.

— Mas como o assassino poderia saber que o argelino havia falado?

— Ele poderia facilmente ter chegado a essa conclusão. Talvez tivesse até presenciado a caçada policial. Depois dessa caçada, fizemos ainda o interrogatório do argelino. O assassino teve, portanto, tempo suficiente para cometer o crime — ponderei.

— O argelino! — exclamou Kessler com ar meditati

vo. — Estive toda a manhã com Malcolm Thorwell no campo de golfe. Tentei espremê-lo como quem espreme um limão para que ele falasse sobre as suas relações de negócio com Kilwood, bem como sobre as relações de toda aquela gente com ele. Comentamos, também, a atitude de Kilwood, que se referiu, berrando, a um certo argelino de La Bocca. Thorwell respondeu-me que Kilwood não passava de um beberrão e que esse tal argelino nunca existiu. Entretanto, misericordioso Deus, agora sabemos que o argelino existe mesmo. Kilwood, o bêbado, disse a verdade!

— Ele realmente disse a verdade — repetiu Lacrosse, de mau humor. — E por isso foi morto. Porque alguém tinha medo de que ele viesse a revelar mais coisas ainda... Exatamente pelos mesmos motivos pelos quais agora a irmã-enfermeira foi assassinada.

Os homens da polícia criminal se movimentavam de um lado para

outro, tirando fotografias do cadáver e colocando pó de grafite sobre todos os móveis a fim de verificar a existência de impressões digitais.

Terminaram de examinar o cadáver na parte que lhes competia e, então, o médico baixinho deu início à sua tarefa.

— Não quero ser importuno nem insistente, mas não seria possível dizer-nos a que hora mais ou menos foi cometido o crime, Dr. Vernon? — interrogou Lacrosse.

— É evidente que ainda não, crianças — respondeu Vernon, soltando uma daquelas suas costumeiras risadinhas abafadas e enxugando o suor que lhe escorria pela testa.

— Apenas uma ideia aproximada da hora...

— À rigidez cadavérica já começou. Que horas são? Quatro e meia da tarde. Apesar do calor, já existe rigidez cadavérica. Mas deve-se levar em conta que o quarto dispõe de ar-condicionado. Muito bem, crianças... pois vocês não passam mesmo de umas crianças... sem compromisso e apenas com base na minha experiência, posso adiantar que essa mulher não foi apunhalada antes das dez horas nem depois das onze.

— Como o senhor bem pode ver, o assassino dispôs de tempo suficiente — disse Lacrosse a Kessler.

— Mas a porta do quarto estava fechada e não encontramos nenhuma chave — ponderei.

— É porque o assassino levou-a consigo. Ou a assassina. Num caso desses devemos considerar possível até as hipóteses mais absurdas — disse Roussel.

— É claro. Mas como poderia o criminoso ter entrado na casa? Especialmente numa casa como esta? — perguntei.

— Não sei — respondeu Roussel. — Talvez ele até se encontrasse aqui dentro.

— Algum empregado? — interrogou Kessler.

— É uma hipótese digna de se levar em conta. Ou a própria Hilde dos Brilhantes.

— Por que não poderia... — comecei, mas interrompi a frase.

— Sim, isso mesmo! — prosseguiu Lacrosse, balançando energicamente a cabeça. — Você queria perguntar exatamente isso: "Por que não poderia ter sido a própria Hilde dos Brilhantes?" Não era isso que você queria perguntar? Bem, agora eu mesmo pergunto: por que não poderia ter sido ela própria a assassina? Conforme verificamos, ela pode caminhar perfeitamente e não anda tão doente assim... Além do mais, a arma do crime é daqui da casa mesmo, pelo que ficamos sabendo agora.

Os policiais tinham constatado que o punhal estivera enfiado numa bainha muito velha e toda ensebada, que se achava pendurada na parede da escadaria.

— Que é que há com relação às impressões digitais? — perguntou Roussel a um dos peritos.

Sacudindo os ombros, ele respondeu:

— Evidentemente muitas impressões da morta e uma boa porção das de outras pessoas. Pode tratar-se de impressões da mulher que fazia a limpeza, dos criados ou de qualquer outra pessoa que tivesse entrado antes no quarto. Primeiro temos que examiná-las todas.

—: Que merda! — exclamou Lacrosse. — Este vai se tornar um caso igual ao de Kihvood, já estou prevendo.

O criado que nos introduzira na casa aproximou-se de nós.

— Desculpem-me, senhores, mas *madame* está se sentindo muito mal. Será que o médico-legista não poderia atendê-la bem depressa? Seu médico particular só chegará daqui a meia hora.

— Claro que sim, criança, claro que sim — cacarejou Vernon com uma aparência engraçada. — O bom tio doutor aqui já vai. Voltarei sem demora, meus senhores.

— E *Monsieur* Lucas poderia também ir até a presença de *madame*?

— Eu?! — interroguei surpreso.

— *Madame* pediu insistentemente que o senhor fosse ter com ela.

Então ambos descemos até o pavimento térreo. Hilde dos Brilhantes achava-se estendida sobre o seu leito estilo rococó, movendo a cabeça, irrequieta. Seus dedos deslizavam nervosamente sobre o cobertor. O perfume de diversas flores que invadia o quarto era sufocante. Enquanto o Dr. Vernon examinava Hilde dos Brilhantes, fiquei espreitando, através de uma abertura da veneziana, os canteiros de flores lá embaixo e lembrei-me, então, do momento da despedida por ocasião da minha primeira visita a essa casa. Seeberg acompanhou-me até aquele esquisito jipe que me aguardava para transportar-me até o portão de saída. Depois que o veículo já havia andado um pouquinho, virei-me e lancei o olhar na direção do primeiro pavimento. Postadas à janela — que devia ser esta mesma perto da qual me encontrava agora —, estavam duas pessoas segurando a cortina levantada, com o rosto comprido contra a vidraça: Hilde dos Brilhantes e a irmã-enfermeira Anna. Logo que notaram que eu as estava observando, deixaram cair a cortina com a rapidez de um raio. Eu nunca vira antes em minha vida rostos humanos tão desfigurados pelo terror como os daquelas duas criaturas. De que será que Hilde dos Brilhantes tinha medo? E por que razão a irmã-enfermeira também se mostrava tão apavorada? Estará também Hilde dos Brilhantes em perigo de vida devido a alguma ameaça? É provável que ela esteja correndo perigo idêntico ao da sua enfermeira, pensara, já que ambas revelavam, na expressão dos seus semblantes, compartilhar do mesmo temor. Não... essa minha suposição não pode estar certa. Ambas estavam com medo, mas só uma delas foi assassinada. Estará certo o meu raciocínio?

Ouvindo a voz de Vernon, virei-me.

— ...tudo está em ordem agora. Foi apenas um pequeno choque. Meu honrado colega que a atendeu ministrou-lhe um bom calmante de efeitb seguro. Sob a minha responsabilidade, antes mesmo da chegada do seu médico, tome estes dois...

Ele apoiou a cabeça de Hilde e segurou o copo com água, dando-lhe os dois comprimidos, que ela engoliu.

— A senhora verá como dentro de alguns minutinhos se sentirá melhor, *madame*.

— Por que será que assassinaram Anna? — murmurou ela. Na cama, ela vestia uma blusa de malha sobre a camisola. E estava com suas jóias, como era de prever.

— Nada sabemos ainda. A senhora tem alguma suspeita? — perguntou-lhe Vernon.

Ela meneou a cabeça negativamente.

— Bem... devo voltar ao meu serviço.

— Quero que o Sr. Lucas fique aqui comigo por uns minutos.

— Bem... se esse é o seu desejo... Mas a senhora agora não deve falar muito.

Vernon, estando já na porta para sair, voltou-se para mim e disse:

— Só cinco minutos!

Quando ficamos a sós, Hilde dos Brilhantes me fez um sinal para que eu me aproximasse dela. Então, como que cochichando, disse-me:

— Dois milhões?

— O quê?!

— Dois milhões de marcos. — Ela segurava apertadamente um botão da minha camisa. — Pagar-lhe-ei quando o senhor conseguir que toda essa gente seja passada no fio da faca...

Ali estava ela com aquela lengalenga de novo.

— Sim, Sra..Hellmann — respondi-lhe.

— Como o senhor bem pode ver, eu tenho razão para tanto. Essa gente não recua diante de nada. já liquidaram meu irmão, já liquidaram Kilwood, depois Anna. Amanhã será a minha vez. Eu tenho medo! Medo! — Ela puxava com força o botão da minha camisa, sacudindo-o quase a ponto de arrancá-lo.

Custei a desembaraçar-me dela.

— Farei todo o possível. A polícia também.

— Oh, a polícia! A polícia é que não vai fazer nada mesmo. Nada! O senhor, Sr. Lucas, é o único que poderá fazer alguma coisa. Faça algo antes que seja tarde demais, eu lhe suplico. O senhor quer o dinheiro já? O senhor aceita um cheque?

— Voltarei de novo — disse-lhe eu. — Primeiro tenho que falar

com o seu procurador-geral.

— Seeberg?

— Sim. Onde está ele?

— Ele viajou hoje cedo para Frankfurt. Foi solicitada com urgência a presença dele no banco. Obteve autorização da polícia para sair de Cannes. Dentro de alguns dias estará de volta. O que o senhor deseja de Seeberg?

— Direi a ele pessoalmente.

— Bem... bem... Então o senhor aceita minha proposta? O senhor vai liquidar esses brutos? O senhor terá cuidado para que não escape nenhum deles?

— Naturalmente, Sra. Hellmann.

O perfume daquela enorme quantidade de flores causava-me náuseas. Como podia uma criatura dormir num quarto assim?

A Roussel e Lacrosse competia proceder às sindicâncias de rotina com relação a esse novo assassinato. Entrei em entendimento com eles para que, de três em três horas, me pusessem a par do andamento das investigações, pois eu devia sair logo para dirigir-me à casa de *Madame* Delpierre.

Fiz esse pedido a Lacrosse, e ele concordou sem nenhuma expressão de desagrado. Um carro da polícia levou-me até o Majestic. De lá, expedi dois longos telegramas cifrados a Gustav Brandenburg. No primeiro, relatei o assassinato da irmã-enfermeira Anna Galina. No segundo, pedi que ele procurasse averiguar os seguintes fatos: a) se Seeberg se encontrava realmente em Frankfurt; b) em que avião ele havia chegado àquela cidade; c) finalmente, que procurasse obter informações sobre a data do seu regresso a Cannes.

Ora, Gustav sempre se gabava de conseguir subornar facilmente as pessoas. Que ele desse uma prova disso agora.

Passei os telegramas com a indicação de urgentes. No meu quarto mudei de roupa e telefonei para Angela. Em lugar dela, atendeu-me Alphonsine Petit, a arrumadeira do apartamento, que se mostrou muito cordial comigo.

— *Madame* esperou o seu telefonema durante muito tempo, *monsieur*. Agora ela já saiu. Há uns dez minutos, talvez.

— Para onde?

— Para a igreja. Ela mesma pediu que lhe comunicasse isso quando o senhor telefonasse.

— Obrigado.

Logo que larguei o fone, senti uma dor inesperada no lado esquerdo do peito. Tive que me contrair, mas ela não durou muito.

A pequena igreja russa estava escura e fresca. Depois que meus olhos se acostumaram com a penumbra, vi Angela. Estava sentada diante do ícone da madona, em frente do qual havia muitas pontas salientes para espetar as velas. E sem dúvida Angela já havia colocado e acendido uma vela, pois quando a vi ela estava olhando fixamente a chama com as mãos juntas, tal qual uma criança.

Fui para perto dela, sentei-me ao seu lado e dei um beijo nos seus cabelos. Ela não se mexeu. Seus lábios se moviam numa prece silenciosa. Eu não juntei as mãos, mas fiquei igualmente contemplando a chama da vela, a madona negra, e rezando. Dessa vez consegui rezar. Pedi a Deus que nos ajudasse e que dispusesse as coisas de tal modo que Karin concordasse com o divórcio imediatamente, a fim de que pudesse me casar com Angela.

Depois de ter feito minha prece, continuei sentado ao lado de Angela, que fechara os olhos e estava completamente absorta em meditação. Ouvi um ruído de passos atrás de mim, mas não me virei. Esperei até que Angela abrisse os olhos. Ela pegou minha mão e levantou-se. À porta de entrada da igreja um jovem sacerdote estava afixando avisos num quadro-negro. Dirigimo-nos a ele. Inclinou a cabeça para nós com um sorriso amável nos lábios.

Angela parou na frente dele, fitando-o durante algum tempo.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa, *madame*? — interrogou o jovem sacerdote delicadamente.

Usava uma batina bem comprida e os cabelos caíam-lhe até os ombros. Tinha olhos cinzentos e lindos. Sua voz soava repassada de bondade.

— Père? — exclamou Angela baixinho. — Vejo que é o senhor mesmo. Reconheci sua voz. Sim, não há dúvida, é o senhor mesmo.

— Quem a senhora está dizendo que eu sou?

Lá fora, no jardim coberto de inço e de capim, as crianças brincavam. Seus gritos alegres invadiam a igreja.

— Se eu lhe disser quem sou, certamente o senhor não se lembrará. Já faz três anos. Foi na noite de 10 para 11 de junho de 1969, para ser mais precisa. Naquela noite, lhe telefonou uma mulher que queria terminar com a vida. Não, o senhor não poderá lembrar-se disso.

— Eu me lembro perfeitamente — disse ele. — Essa mulher achava-se muito desesperada. Ela estava sozinha em casa. Tivera experiências dolorosas com um homem. Contou-me que era obrigada a frequentar a alta sociedade e participar constantemente dos bailes de gala por causa da sua profissão. Confidenciou-me que era forçada a apresentar-se sempre alegre perante a sociedade, sem nunca deixar transparecer seus cuidados e preocupações. Fiquei durante muito tempo aguardando a sua visita, *madame*.

— O senhor se lembra realmente?

— Como se fosse ontem. Durante todos esses anos, nunca deixei de pensar na senhora. Tinha a certeza de que a senhora apareceria algum dia. E eis que agora a senhora se encontra aqui na minha presença. E, pelo que vejo, está feliz.

— Mais feliz do que eu poderia esperar, père. E essa felicidade eu devo e agradeço ao senhor. Na ocasião, não o procurei porque tinha vergonha. Depois tomei a decisão de visitar esta igrejinha... porém só faria essa visita quando me sentisse feliz novamente, quando não mais me encontrasse tão sozinha no mundo.

— E agora isso ocorreu, não é verdade?

— Sim. Já não estou só. Agora encontrei o homem que amo realmente.

— E eu também amo esta mulher, padre — emendei.

— Meu nome é Ilja. Podem chamar-me de Irmão Ilja, pois sou ainda jovem.

Nós também lhe dissemos nossos nomes e ele apertou-me a mão.

— Alegro-me pelo fato de a senhora ter encontrado felicidade e paz, *Madame* Delpierre. — Ele falava fluentemente o francês, embora com um pouco de sotaque russo. — Como os senhores vêem, todo sofrimento passa. Deus ama as criaturas. Ele também precisa delas. Que seria dele sem as suas criaturas?

— Na verdade encontramos a felicidade, mas até agora não encontramos a paz — disse Angela. — *Monsieur* Lucas é casado.

— Oh! — exclamou o padre.

— Já vivo separado da minha mulher, mas continuo casado — expliquei-lhe.

— Compreendo.

Ele olhou as mãos e depois nos fitou.

— Digam-me algo mais a respeito dos senhores. Desejam que eu lhes manifeste a minha opinião, não é verdade?

— Evidentemente — respondeu Angela.

— Então devo conhecer melhor as circunstâncias que envolvem sua vida conjugal, *Monsieur* Lucas. Talvez o senhor ache mais fácil falar...

Contei-lhe tudo. O Irmão Ilja ouvia calado meu relato. De vez em quando manifestava a sua concordância com um meneio de cabeça. Por fim, respondeu-me:

— E o senhor tem algum sentimento de culpa com relação à sua mulher?

— Não, Irmão Ilja. Só antes de ter dito toda a verdade a minha mulher é que o sentimento de culpa me dominava. Depois disso nunca mais.

— E a senhora, *madame*?

— Comigo deu-se quase a mesma coisa...

Angela, então, passou a contar-lhe toda a sua história e concluiu assim:

— Como o senhor vê, Irmão Ilja, desejei a separação logo que fiquei sabendo da verdade com relação a *Monsieur* Lucas. Eu jamais poderia viver com ele como sua amante... amante que traía a sua verdadeira mulher. Entretanto, depois ele me esclareceu sua situação e eu realmente me convenci de que já fazia muito tempo que a sua vida conjugal não existia mais na realidade, a não ser perante a lei. Eu também agora não tenho mais nenhum sentimento de culpa. O senhor acha reprovável nossa conduta?

O Irmão Ilja sorriu.

— Devo eximir-me de expender qualquer comentário generalizado com relação ao aspecto moral do procedimento dos senhores. E os

senhores também não podem exigir de mim que eu proceda de outra forma. Posso apenas respon·der-lhes como uma pessoa que aqui se encontra para atender os seus semelhantes.

— E qual é sua resposta?

O Irmão Ilja prosseguiu:

— A senhora encontrou uma vida com novo conteúdo, *madame*. A senhora ama. Sente-se feliz. A vida, agora, para a senhora, tem uma grande significação e é bela.

— É verdade — confirmou Angela.

— E o senhor, *Monsieur* Lucas, viveu durante anos um matrimônio praticamente extinto. Certamente era infeliz. Mas agora o senhor não é mais infeliz. O senhor não teve filhos com sua mulher. Sem dúvida, providenciará para que ela não venha a passar necessidades, mesmo que o senhor a abandone.

— Certamente — confirmei.

Permanecíamos de pé diante do padre com as mãos dadas, como duas criancinhas.

— Considerado esse aspecto... falo-lhes assim porque sou jovem e liberal, embora outros sacerdotes talvez se pronunciassem de maneira diferente... seria, do ponto de vista teológico, meramente formalístico e falso condenar, proibir ou mesmo considerar pecaminosas as relações dos senhores, pois elas contribuem para dar a ambos um sentido mais significativo da vida. Não! — exclamou o Irmão Ilja com um ar meditativo. — Não poderia condenar a atitude dos senhores. Pensando como criatura humana, isto é, como criatura que tem sentimento, porém não me apegando às leis da Igreja, não posso dizer que haja pecado no comportamento dos senhores. Havia antes três pessoas infelizes. Agora, aqui se encontram na minha presença duas delas cheias de felicidade. O senhor, *monsieur*, jamais poderia dar à sua mulher aquela verdadeira felicidade que decorre de uma vida conjugal perfeita, se é que compreendi direito seu caso.

— Sim, o senhor o compreendeu perfeitamente.

— Então, pode-se afirmar que o senhor pôs fim a uma situação insuportável para o senhor e que também devia ser insuportável para a sua mulher. Correndo o risco de ser alvo de severas críticas, devo dizer que me alegro por ver que os senhores se amam mutuamente. Tomo uma posição

favorável aos senhores e se assim procedo é porque acredito que Cristo, antes de mais nada, era homem... na exata acepção da palavra. Nunca devemos deixar de ter em mente que os mandamentos da Igreja... não me refiro somente à nossa religião, mas também a muitas outras... consoante a sua definição intrínseca de pecado, se tomam mais aptos a proporcionar-nos uma vida feliz e agradável a Deus precisamente quando consideramos a humanidade como um todo. Em cada caso isolado, todavia, a faculdade de determinar se há culpa ou inocência fica adstrita ao juízo de Deus e não deve ser revelada aos homens. Seria nesse caso o mesmo que fixar leis ora num ora noutro sentido, para cada grupo isolado de diversas origens, como sendo leis definitivas.

Ele fitou Angela, depois prosseguiu:

— Como já lhes disse, sou muito jovem ainda. Talvez o que lhes afirmei seja falso e suscetível de induzir ao pecado, mas só devo dizer o que acho verdadeiro e correto. Qual será a decisão do juiz e a atitude de sua mulher, *monsieur*, não se pode prever. O futuro sempre fica na penumbra. Todavia, *madame*, como sacerdote, tenho a grande satisfação de declarar-lhes que tomo o partido dos senhores. Juntos, ambos poderão começar vida nova repleta de alegrias e de felicidade. A Igreja, o cristianismo, deve estar do lado das pessoas e não do lado da lei. Foi isso mesmo que declarou Jesus Cristo, embora com outras palavras.

Ele sorriu amavelmente, revelando-se um tanto constrangido.

Angela, então, disse-lhe baixinho:

— Obrigado, Irmão Ilja. Agradeço-lhe imensamente.

— E eu também — disse.

Fiz menção de tirar dinheiro da minha pasta, mas ele foi logo dizendo:

— Não, por favor, não! Agora não.

— Mas o senhor também precisa de dinheiro.

— Sempre precisamos de dinheiro. Entretanto, agora não nos ofereça nada, *monsieur*. Veja aquela caixinha perto da porta. Nela o senhor poderá colocar algum dinheiro sempre que quiser. Mas não agora. Acho que o senhor me compreende...

— Naturalmente — respondi-lhe, envergonhado. — Perdoe-me.

— Apareçam mais vezes — disse o Irmão Ilja. — Venham pròcurar-me sempre que estiverem tristes ou tiverem algum dissabor.

Despedimo-nos. Eu e Angela fomos caminhando em direção ao carro dela, que estava estacionado debaixo de velhas árvores e novamente se encontrava cheio de pólen caído das flores. Entramos no carro e Angela fê-lo arrancar em seguida. Na porta da igreja, ainda aberta, estava o Irmão Ilja. Acenamos-lhe e ele correspondeu ao nosso aceno. Dentro de poucos segundos, Angela já estava girando o volante para entrar na rodovia.

— Como. estou me sentindo alegre agora, Robert!

— E eu também, Angela.

— Ele nos compreende. Eu tinha certeza de que nos compreenderia. E ele disse que devemos procurá-lo sempre que tivermos algum dissabor ou tristeza. Você poderia imaginar que no mundo houvesse uma criatura assim para nos confortar?

— Não.

— Você precisa ir trabalhar agora?

— No momento, não. Tenho só que telefonar.

— Que aconteceu de novo?

— Leve-me ao nosso cantinho no Majestic. Vamos beber algo. Lá vou contar-lhe tudo o que aconteceu.

Mais uma vez começamos a subir a Croisette. Como sempre, à tarde começava a soprar uma brisa fresquinha. Serge, o amigo de Angela, pegou o carro e levou-o à garagem do subsolo. No terraço, o nosso cantinho estava vazio. Sentamo-nos e o *nosso* garçom veio atender-nos depressa. Pedi uma garrafa de champanha. Depois, dirigi-me ao saguão. O telegrama com a resposta de Gustav ainda não havia chegado. Telefonei para o Comissariado Central e pus-me em contato com Roussel. Ele me disse que as investigações estavam prosseguindo. Até aquela hora eles não dispunham de uma referência concreta para suspeitar de alguém. Disse-lhe que eu telefonaria novamente três horas mais tarde. Voltei ao terraço, que começava a encher-se de pessoas que vinham tomar aperitivos. Sentei-me ao lado de Angela, tomei um gole de

champanha e comi algumas azeitonas. Então passei a relatar a Angela a caçada policial levada a efeito em La Bocca e o assassinato da irmã-enfermeira Anna Galina.

— Santo Deus, a coisa está se tornando cada vez pior! — exclamou ela.

— É verdade — confirmei, e tive logo um pressentimento de que estávamos ainda muito longe da solução de toda essa trama.

Ela colocou a mão direita sobre a minha esquerda, que se achava estendida em cima da mesa. Olhando a mão dela, senti um repentino calafrio a perpassar-me pelo corpo. "É impossível que isso tenha acontecido!", pensei.

— Robert? — Ouvi a voz de Angela como que a me despertar de um devaneio. — Robert, que é que você tem?

Não fui capaz de pronunciar uma palavra.

Ela olhou para o mesmo ponto em que eu estava com o olhar fixo e soltou um gritinho.

— Não, não! É impossível que isso tenha acontecido! Robert, é impossível!

Uma indefinível sensação de doce alegria chegou quase a deixar-me tonto.

— Não é impossível, Angela. Ambos estamos vendo a realidade! Eu não lhe disse que algum dia a manchinha na sua mão desapareceria? E eis que o milagre aconteceu!

— Oh, Robert, Robert!

Devido à emoção, ela só conseguia falar com a voz como que sufocada. Comprimiu o braço contra o meu. Ambos ficamos contemplando o dorso da sua mão direita colocada sobre a minha. Aquela manchinha branca, que, como eu sabia, Angela tinha desde a infância e que nunca se tornava escura ou morena como as outras partes da sua pele, não existia mais.

Terceiro livro

1

Gaston Tilmant disse:

— Tudo o que acontece tem uma razão de ser bem determinada. Para nós muitas vezes é difícil, se não impossível, descobrir essa razão e então descambamos para a cólera e para a tristeza... exatamente como os senhores estão fazendo agora. Mas os senhores não devem proceder assim. Eu não vim aqui para consolá-los nem iludi-los com um discurso barato. Foi-me incumbida uma missão que a cada momento ameaça invadir meu espírito com tristeza e raiva. Todavia, devo desincumbir-me dessa missão, sejam quais forem os percalços, pois ela também tem sua razão de ser; o seu sentido determinado. Em minha imaginação, visualizo que cada folha de um livro... inclusive o livro da vida... tem dois lados. Num dos lados escrevemos nós, os homens, que estamos cheios de planos, convicções, esperanças, desejos e intentos. Mas no outro lado escreve o destino, isto é, o sentido oculto que fica atrás de tudo isso. E o que esse sentido dispõe raramente corresponde aos nossos planos. Todavia, não deixa de corresponder ao escopo ou finalidade da própria justiça.

Com ar acabrunhado, ele passou a mão pelos cabelos louros. Era um homem corpulento e cheio de vigor. Vestia-se com elegância, tal qual um fino diplomata (e ele o era de fato). Tinha o rosto redondo, com as faces rosadas. Seu semblante parecia irradiar infinita bondade. Com os olhos meigos e amáveis, olhava através das lentes de um par de óculos. Gaston Tilmant era um dos mais altos funcionários do Ministério das Relações Exteriores da França. Fora enviado a Cannes com instruções especiais e expressamente determinadas. Exatamente nesse momento, punha-nos a par de quais eram tais instruções. Estávamos sentados em torno de uma grande mesa no salão de conferências do chefe de polícia.

Ali reunidos, nos encontrávamos eu, o chefe de polícia, Lacrosse, Roussel, cerca de meia dúzia de dirigentes policiais e Kessler.

Gaston Tilmant, depois de um pigarro, acrescentou:

— Essa finalidade distanciada, de natureza teleológica por assim dizer, sempre convergirá para a justiça, embora muitas vezes nos pareça que ela não vá alcançá-la. A justiça, por fim, sairá sempre vitoriosa.

O pequeno Louis Lacrosse, com grande amargura na voz, obtemperou:

— Sim, a justiça vencerá por fim, *Monsieur* Tilmant. Mas quando? Daqui a cem anos? Daqui a mil anos? O senhor diz que leva muito tempo até que ela vença porque seu objetivo acha-se distanciado. E durante todo o tempo que medeia até que o objetivo seja atingido, quem é que vence? A justiça? *Monsieur*, eu abomino a injustiça. Todos nós sabemos que no caso de que nos ocupamos houve injustiça. Sabemos que houve crimes e que mais crimes talvez sejam perpetrados. Que tenho eu a ver com uma distanciada vitória da justiça se não puder vê-la concretizada? Como poderei levar em consideração essa tão longínqua vitória se durante o tempo da minha vida triunfa a injustiça e os criminosos permanecem impunes? Quando tomei posse do meu cargo, prestei o juramento de combater a injustiça com todas as minhas forças. Devo agora esquecer meu juramento? Será que já não tem qualquer valor na época atual, só porque cidadãos de elevada categoria em Paris conversaram com cidadãos de elevada categoria de qualquer outra parte e chegaram a um acordo?

Gaston Tilmant passou a responder calmamente:

— Já lhes declarei de início, meus senhores, em que estado de espírito aceitei esta missão. Eu o compreendi perfeitamente, *Monsieur* Lacrosse. Uma coisa, entretanto, posso garantir-lhe: aqueles que me enviaram não agiram leviana nem inconsideradamente. Quando alguém se defronta com um poder muito forte e quer combatê-lo, sempre deve agir com muita inteligência.

Estávamos no dia 9 de junho de 1972, uma sexta-feira. Passava um pouco das dez horas.

Gaston Tilmant chegara bem cedo a Cannes em um avião especial da Air France e se hospedara no Carlton. Sua vinda já havia sido anunciada no dia anterior. Portanto, já sabíamos de antemão que Gaston Tilmant nos iria falar às nove e meia no gabinete do chefe de polícia. Com aquela sua maneira afável e concisa, ele nos fez compreender qual era o objetivo da sua missão. Depois de minuciosas consultas dirigidas a categorizados elementos com influência nos mais elevados planos internacionais, chegou-se à conclusão de que seria imprescindível mudar de tática. Só por outros meios se procurariam esclarecer os acontecimentos de Cannes, a explosão do iate e as mortes de pessoas envolvidas no caso. Eliminar-se-ia, tanto quanto possível, a publicidade e ter-se-ia o máximo cuidado no tratamento a ser dispensado ao grupo de magnatas que sabidamente mantinha relações com Hellmann. Agindo abertamente contra esse grupo, paira o perigo de que a ação policial possa produzir umu curto-circuito e isso teria o efeito de uma verdadeira avalancha, principalmente se incutisse medo em qualquer um dos seus membros ou se os levasse a agir em represália uns contra os outros. Tratando-se dos poderosos das organizações multinacionais,

com os quais agora temos que lidar, o efeito de um curto-circuito poderá ocasionar um alarme de âmbito internacional, mormente se o público vier a saber algo sobre as monstruosas negociatas envolvendo operações com divisas estrangeiras e sua manipulação financeira. Qual seria, então, a reação de outras empresas, dos bancos e dos especuladores, bem como da Bolsa? Enorme seria o perigo de uma nova sexta-feira negra, de um gigantesco *crash* da Bolsa, se esse sindicato de criminosos, ao qual pertence também a Kood, viesse a quebrar. Por tais razões, tudo o que aconteceu ou está por acontecer deve ser tratado ou publicado exclusivamente como sendo decorrência de uma misteriosa sucessão de acidentes e de crimes. Para tanto, ficou combinado nos mais altos escalões de dirigentes que ficasse à testa dos trabalhos de averiguações e sindicâncias do caso, um homem ao qual incumbiría em caráter exclusivo prestar informações à imprensa, ao rádio, à televisão, bem como aos repórteres franceses e estrangeiros que se encontram em Cannes desde a morte de Kilwood. Também ficaria adstrito ao âmbito da sua incumbência impedir, com elevado tato diplomático, que qualquer membro das organizações dos super-ricos se melindre tanto a ponto de julgar-se violentamente atacado e tenha motivos de queixa. Tudo isso nos informou Gaston Tilmant. Sobre a maneira como, em tais circunstâncias, se poderiam levar avante ordenadamente as investigações dos crimes, ele próprio não fazia a mínima ideia e confessava isso abertamente.

Disse ele:

— Devemos todos juntos agir da melhor forma possível nesse caso terrível.

Tive pena de Gaston Tilmant. Achei-o simpático. Realmente sua missão não era das mais fáceis.

Roussel disse cinicamente:

— Está tudo muito claro. Podemos e devemos fazer tudo; exceto uma coisa: não devemos, de modo grosseiro, indagar desses multimilionários a origem das suas fortunas nem procurar saber quantas injustiças e sofrimentos eles praticaram para adquiri-las. Seria uma grande indelicadeza!

— O senhor está exagerando, *Monsieur* Roussel — disse Tilmant, enquanto alisava de novo os cabelos. — Comprove o senhor a culpabilidade de um desses homens e... — ele interrompeu a frase de modo a dar às suas palavras um efeito assustador.

— Sim, e aí, que poderá me acontecer? — insistiu Roussel.

— ...e teremos motivos para chamá-lo à responsabilidade — concluiu Tilmant e atirou a cabeça para trás.

— Mas os senhores fariam isso sem alarmar o povo? — interrogou Roussel.

— Sim, sem alarmar o povo — afirmou Tilmant.

— *Monsieur* Tilmant — disse Kessler, que até então permanecera calado, mas que agora se dirigia ao seu interlocutor de maneira tão agressiva que todos os olhares convergiram para ele —, nós todos fazemos parte do povo. Será que já não é exata a noção de que perante a lei todos os homens são iguais, de que perante a lei todos os homens possuem o mesmo direito à justiça e à informação?

— Essa noção continua exata, *Monsieur* Kessler — retrucou Tilmant.

O homem era dotado de uma paciência sem limite. Foi por isso sem dúvida que o escolheram para tal missão.

— A irmã-enfermeira Anna Galina também possuía esse direito — prosseguiu Kessler, e sua voz, agora, parecia cansada. — O Capitão-Tenente Viale também o possuía. Anna Galina tem parente em Milão. Viale deixou como sobrevivente sua velha mãe. Quer dizer, então, que na hipótese de descobrirmos os criminosos só poderemos prestar aos entes queridos dos mortos informações filtradas e distorcidas com relação à morte deles, não é verdade?

— Eu já disse, *Monsieur* Kessler, que nos lançaram numa empresa odiosa — ponderou Gaston Tilmant, ajeitando os óculos —, mas os homens que nos compeliram a isso não são estúpidos nem crápulas. Em tais circunstâncias, é melhor... lamentavelmente... que umas poucas pessoas diretamente interessadas no caso não venham a saber a verdade do que assustar e levar a um completo descontrole todo inundo com a propalação da realidade dos fatos. Também na sua pátria essa nossa opinião foi endossada, conforme certificou-me o Sr. Friese, respondendo à nossa consulta.

— Eu já sei — respondeu Kessler, irado. — Recebi um telefonema. do Sr. Friese. Estamos diante de um enorme escândalo e não pretendo desculpar-me pelo que possa acontecer. Aqui estamos nós, homens amadurecidos, sentados em torno desta mesa, sabendo o que aconteceu e como se desenrolaram os fatos. Além disso, temos noção dos motivos por que isso teve que acontecer e das razões por que os fatos se desenrolaram dessa maneira.

Culpados e inocentes perderam a vida, mas isso pouco importa. Eles morreram e outras catástrofes poderão se dar. E nós?... Nós agora temos a incumbência de comunicar a *Monsieur* Tilmant (nada tenho a dizer contra o senhor pessoalmente; sei que o senhor cumpre a missão que lhe foi imposta) todo e qualquer informe que obtivermos para que o senhor nos diga como devemos proceder, o que devemos fazer ou deixar de fazer.

Nunca antes eu vira Kessler tão exaltado assim. Ele me fitou dizendo:

— Diga algo também, criatura!

Passei então a falar:

— Estou aguardando um telegrama da minha companhia. Ela me dará as instruções que julgar convenientes, *Monsieur* Tilmant. Sou obrigado a fazer o que ela me ordenar.

— Mas a Global é uma empresa privada — exclamou Roussel em voz alta. — Será que o Estado pode pressionar uma organização desse tipo a influir no estabelecimento das suas diretivas? E como?

— Propriamente falando, ele não pode, mas é evidente que encontrará um meio para exercer tais pressões — disse Lacrosse antes que eu desse a minha resposta. — Entretanto, no seu caso, você teria a possibilidade de falar, de revelar a realidade dos acontecimentos. Por que não fala, Sr. Lucas?

— Porque eu, como *Monsieur* Tilmant, estou convencido de que por fim a justiça sairá vencedora... embora às vezes demore muito tempo. Ela sempre vence no fim. E não quero deixar de dizer que também contribuí para isso quando ela surgir vitoriosa.

O que eu disse não passava de uma deslavada mentira. A verdade verdadeira era o seguinte: se me recusasse a trabalhar sob a tutela de Tilmant, Gustav Brandenburg forçosamente teria que me retirar de Cannes para me dar qualquer incumbência. E, nessa hipótese, que seria de mim e de Angela? Eu me encontrava num estado de espírito tão confuso, que não era capaz de reconhecer que havia apenas encontrado uma solução temporária para o meu caso. Eu só pensava no dia de hoje. Não cogitava em outra coisa senão permanecer junto dela enquanto fosse possível.

Para minha surpresa, o chefe de polícia disse-me:

— Agradeço-lhe pelas suas palavras, *Monsieur* Lucas! Meus senhores, doravante estamos todos subordinados a *Monsieur* Tilmant...

— ...o qual jamais abusará arbitrariamente dos poderes que lhe foram conferidos — disse Tilmant em voz baixa, enquanto Lacrosse, com ar de desdém, bufava pelo nariz.

— Os senhores prosseguirão nas suas investigações como vinham fazendo até agora — continuou o chefe de polícia. — Só que agora elas deverão ser coordenadas por *Monsieur* Tilmant.

— Tenho ainda uma pergunta a fazer a *Monsieur* Tilmant — disse Kessler —, e suponho que todos os aqui presentes queiram fazê-la.

— Qual é especificamente a sua pergunta, *monsieur*? — interrogou Tilmant.

— Trata-se de algo que até agora nenhum de nós pôde esclarecer, pois todos os indícios desapareceram: o Sr. Hellmann, conforme se comenta, foi à Córsega a fim de encontrar-se, em Ajaccio, com amigos com os quais mantinha relações de negócios. — Percebi que a boca de Tilmant tremia. — Nenhum de nós sabe quais são esses seus amigos. Eles deviam ter estado em Ajaccio, partindo imediatamente após a visita de Hellmann. Quem eram eles, *Monsieur* Tilmant?

— Industriais franceses — respondeu simplesmente o alto funcionário do Ministério das Relações Exteriores.

— Mas que tipo de industriais? Como se chamavam? Onde se encontram eles agora?

— Não posso dizer, *Monsieur* Kessler — respondeu Tilmant, baixando o tom da voz.

— Por que não? — perguntou Roussel, perplexo.

— Porque o ministério me proibiu. Pelo menos por enquanto. Apenas posso assegurar a todos os senhores aqui presentes que esses industriais nada têm a ver com a série de crimes que foram perpetrados ou com quaisquer outros delitos relacionados com o caso que estamos investigando.

— Eles também devem ser protegidos — comentou Lacrosse.

— Sim, *monsieur* — confirmou Tilmant.

— No interesse do nosso país?

— No interesse de todos os países — respondeu Tilmant em tom incisivo, e olhou em redor. — Sinto muito pelo fato de o nosso trabalho ter que começar assim, mas nada posso modificar. Algum dos senhores tem ainda alguma pergunta a fazer?

Ninguém mais tinha perguntas a formular. Deu-se por encerrada a conferência. Todos os homens começaram a sair do enorme salão. Inesperadamente encontrei-me ao lado de Tilmant. Ele me segredou baixinho:

— Agradeço-lhe, *monsieur*, pelas palavras que o senhor pronunciou em meu apoio, nas quais nem mesmo o senhor acredita.

Fomos caminhando juntos um bom percurso.

— Quais palavras? — indaguei.

— Sobre a justiça. Que a justiça por fim sempre vence. O senhor acredita realmente nisso?

— Não. E o senhor, *monsieur*?

— Eu também não — respondeu-me Gaston Tilmant, e seu semblante tornou-se bruscamente abatido.

2

Uma menina com um vestido vermelho estava sentada na cadeirinha do estúdio de Angela quando entrei. Angela beijou-me. Ela usava um avental manchado com tintas de diversas cores e calçava chinelos. Em torno dos cabelos havia enrolado uma fita bem larga e os óculos pendiam de uma correntinha sobre o peito.

— Olhe bem! — disse-me Angela, ainda na sala de espera, apresentando-me a mão esquerda com a aliança de brilhantes. — É a mais preciosa jóia que eu jamais possuí na minha vida.

— E olhe agora aqui — disse-me ela, apresentando a sua mão direita.

As costas da mão estavam completamente bronzeadas pelo sol e daquela manchinha branca não havia nem vestígio.

— É um milagre! — exclamou ela. — E foi você quem fez esse milagre. Você é o maior milagre da minha vida!

Depois disso nos dirigimos ao seu estúdio. A menina levantou-se, fez uma pequena inclinação e deu-me boa-tarde, apertando-me a mão.

— Esta é Geórgia — disse Angela em inglês. — O pai de Geórgia, em Hollywood, faz grandes filmes. Ele é um famoso produtor. Atualmente ele e Geórgia estão de férias aqui.

— Só *daddy* e eu — acrescentou a menina. — Meus pais são divorciados.

— Sinto muito — disse.

— Eu também — prosseguiu Geórgia —, mas, por outro lado, é também divertido. Fico seis meses com *daddy* e seis meses com *mommy*. Não é mesmo divertido?

— Muito divertido — respondi, passando para o lado de Angela, que prosseguia no seu trabalho de pintura. O retrato já se encontrava em fase bem adiantada. Sentei-me num banquinho, acendi um cigarro e fiquei observando Angela pintar. De repente surgiu aquela dorzinha indefinível, que parecia doce e suave, perpassando por todo o corpo.

— Hoje à tarde vou de carro a Juan-les-Pins — disse Angela. — Comprei alguns vestidos, que mandei ajustar, e devo experimentá-los mais uma vez. Você tem algum trabalho hoje?

— Não. Disponho de tempo.

Falávamos, agora, em alemão.

— Então quer ir comigo?

— Naturalmente.

Ela virou-se para a tela e continuou pintando.

No dia anterior, já noite adiantada, bem como nesse mesmo dia bem cedo, haviam chegado diversos telegramas de Gustav Brandenburg. Dois deles se referiam ao Procurador-Geral Seeberg, que se encontrava efetivamente em Frankfurt, e que havia comprado passagem para regressar a Nice no dia seguinte. Gustav mencionou o nome da companhia de aviação, bem como a hora da chegada do avião a Nice. No tocante ao assassinato da irmã-enfermeira Anna Galina, Gustav, nos seus primeiros telegramas cifrados, avisava-me da vinda de Gaston Tilmant. Explicou-me que os diretores da companhia, obedecendo a determinações superiores, haviam dado instruções especiais segundo as quais todo e qualquer informe obtido nas minhas investigações fosse doravante também comunicado a *Monsieur* Tilmant e não somente a ele, Gustav. Adiantou-me que, adotando tal procedimento, evidentemente eu não deveria permitir que dificultassem meu trabalho. Apenas eu não tomaria nenhuma decisão importante sem ouvir a opinião de Tilmant, submetendo tudo ao seu prévio exame.

Lindo! Já na conferência realizada de manhã, sem saber de nada, eu me havia dobrado docilmente a tais ordens. Malditos multimilionários!

Depois de passadas umas duas horas, um chofer particular veio buscar Geórgia. Enquanto nos despedíamos da menina, Angela ficou agarradinha a mim.

Logo que sua cliente foi embora, ela começou a desabotoar a minha camisa e eu, ao mesmo tempo, me apressei em desabotoar seu avental, que caiu no chão. Por baixo, cia estava só de calcinha. Não fomos para o quarto. Fizemos amor ali mesmo, sobre o tapete do soalho. Só muito tempo depois de ter permanecido de cócoras perto de Angela, que estava completamente estirada no chão, foi que compreendí o que ela dizia:

— ...foi. O que é, meu querido? Eu disse que com nenhum homem neste mundo gozei como gozo com você...

— E eu com nenhuma outra mulher.

— Que é que você tem? Está sentindo alguma dor?

— Absolutamente nada. Que é que a levou a fazer essa pergunta?

— Você não ouvia o que eu dizia?

— Eu não podia ouvir.

— Por quê?

— Porque estava contemplando sua boquinha... e isso me impedia de ouvir o que você falava.

3

O carro rodava pela estrada que beirava o mar em direção a Juan-les-Pins. A pequena cidade já se encontrava repleta de turistas em férias.

Eu via muitos carros com placas da Alemanha. Inúmeras pessoas passavam por nós falando alemão. Juan-les-Pins dava-me a impressão de ser um gigantesco e desordenado parque de diversões. Passávamos de um local para outro, de uma casa comercial para outra, e víamos em toda parte um movimento febril e ruidoso.

— No inverno é triste aqui — disse-me Angela — e no verão é quase insuportável. Mas descobri nesta localidade uma loja que é uma das mais chiques de Cannes e por isso venho sempre aqui.

Pessoas se aglomeravam e a grande quantidade de carros dificultava o escoamento normal do tráfego. Tudo isso me fazia pensar em Las Vegas, Sankt Pauli e numa pequena cidade americana do oeste na época da corrida do ouro. Depois de estacionar o carro, fomos à Old England, uma casa de modas. *Madame* Gregoire, a proprietária e costureira, cumprimentou Angela, que me apresentou como seu futuro marido.

A Old England não era uma das maiores casas de moda, mas notei logo que Angela havia escolhido a melhor. Enquanto Angela foi experimentar os vestidos no pavimento superior, fiquei ali sentado no meio de peças confeccionadas e de tecidos. Uma moça serviu-me um copo de uísque. Estava ali sentado com o copo na mão quando uma aprendiz de costureira, parada no meio da escada, disse-me:

— *Monsieur*, pode, por favor, subir também? *Madame* quer ouvir sua opinião sobre os vestidos.

Dirigi-me, então, ao pavimento superior. Lá estava Angela só de calcinha. Sua pele sedosa, de um moreno bronzeado, parecia brilhar refletindo a luz.

— Eu comprei três vestidos. Quero que você veja todos eles, pois só quero usar vestidos que sejam do seu agrado — disse-me Angela.

Ela estava ali completamente desinibida na sua nudez quase total e as mulheres da loja não viam nada de estranho no fato de um homem estar sentado no meio delas, segurando um copo de uísque na mão.

Através de uma janela que havia atrás de Angela, divisei as árvores antigas e frondosas que ficavam em frente ao cassino e vi seu Mercedes estacionado lá fora.

O primeiro vestido que Angela experimentou era de um tecido de musselina verde todo fechado, com mangas brancas compridas.

— Agrada-lhe? — perguntou-me Angela.

— Muito. O verde assenta maravilhosamente em você.

As moças ficavam ali em redor fincando alfinetes em diversos lugares e sempre achavam algo para ajeitar. Eu Iornava meu uísque e contemplava Angela.

Depois que ela tirou o vestido, ficou novamente com o corpo quase nu. Ao vê-la assim, sentia-me excitado.

O segundo vestido era de seda preta, comprido até os joelhos, de gola alta e de mangas compridas.

Olhando para fora, observei que um homem trajando uma roupa cáqui aproximou-se do Mercedes de Angela e agachou-se em frente da roda esquerda da frente. Levantei-me, fui até a janela e passei a olhar com mais atenção lá para baixo. O homem era jovem ainda e sua fisionomia me era desconhecida. Depois, ele começou a mexer na roda. Eu estava a ponto de soltar um grito para que ele percebesse que eu o estava observando, quando ele, com a rapidez de um raio, em dois pulos sumiu entre os troncos das árvores.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou-me Angela, que se achava de costas para a janela.

— Não há nada — respondi-lhe, mas continuei postado de pé no mesmo lugar a fim de ver se o sujeito voltava.

O terceiro vestido era comprido e feito de um tecido de musselina cor de limão, com *volants* em forma de campânulas, que se abriam facilmente, sobrepostos uns aos outros.

— Este é o que mais me agrada — disse.

— Mas o mais lindo de todos é o curtinho preto — disse Angela. — No dia 13 de junho será o nosso aniversário, Robert.

Angela tirou o vestido que estava experimentando e vestiu o que vinha usando nessa tarde. Era um vestido de seda pura que apresentava motivos heráldicos, com as cores lilás e dourada, num fundo branco. Os que ela comprara deviam ainda ser ajustados e modificados um pouquinho.

Depois de prontos, eles seriam enviados para a residência de Angela. Exigi que me fosse apresentada a conta. Enquanto efetuava o pagamento, passaram por mim cambaleando três indivíduos cora as faces bem vermelhas, camisas de cores berrantes e bermudas de linho. Estavam embriagados e apoiavam-se uns nos ombros dos outros. Eles cantavam bem alto, como se estivessem berrando: "Por que lá no Reno é tão lindo?" *("Warum ist es am Rhein so schön")*

Começava a escurecer.

Nas proximidades do Voom-Voom, a famosa casa noturna, procuramos um recantozinho e fomos nos sentar à mesa de um desses assim chamados cafés de calçada. Bebíamos champanha enquanto observavamos as pessoas e os carros que passavam por nós. Eu continuamente lançava meus olhos na direção do Mercedes de Angela, embora o indivíduo que antes estivera mexendo na roda da frente não mais tivesse aparecido. Aí notei que Angela colocara na minha mão umas notas de dinheiro.

— Que é isso?

— A quantia que você pagou pelos vestidos.

— Sou eu quem paga os vestidos!

— Nunca! Não permito! Quem os encomendou fui eu. Deixei que você os pagasse lá na casa de modas porque você é meu marido. Mas agora faço questão de devolver-lhe a importância.

— Não aceito!

— Mas eu insisto.

Essa nossa discussão durou um tempinho, mas por fim Angela venceu e tive que enfiar o dinheiro no bolso. De repente, Angela tornou-se muito alegre. Eu a observei demoradamente e depois perguntei:

— Em que é que você está pensando?

— No Natal — respondeu ela prontamente.

Encarei-a com o olhar fixo:

— O quê?!

— Em qualquer época, penso no Natal, Robert. — Sorriu. — Você bem sabe que eu às vezes sou meio louca.

— Louvado seja Deus! — exclamei. — O que há com o Natal?

— Estive pensando que você estará aqui no próximo Natal. E

estará mesmo junto comigo, não é verdade?

Sua voz inopinadamente tornou-se trêmula e ela me fitou com uma expressão cheia de angústia.

— Naturalmente — respondí, convencido de fato de que passaríamos o Natal juntos.

Acontecesse o que acontecesse, eu tinha o firme propósito de passar o Natal com Angela.

— Será o mais belo Natal da minha vida! — disse Angela. — Eu sempre tive medo desse dia.

— Eu acho que nem sempre — retruquei.

— Uma vez ou outra eu tinha um pretendente no Natal, que depois desaparecia como fumaça. Na época do Natal ainda faz um calorzinho aqui, de modo que a gente pode sentar lá fora no terraço para apanhar um pouco de sol. Lembro-me de que, há dois anos, na época do Natal nevou um pouquinho.

Ela pegou minha mão e prosseguiu:

— No Natal faremos a troca de presentes, não é? Simplesmente alguns presentinhos. E eu... eu armarei uma arvorezinha bem enfeitada no nosso terraço. Você não está de acordo? Não acha que fica bem?

— Isso prova que você tem bom gosto.

— Vamos nos vestir bem nesse dia, não é? Depois i roçaremos os nossos presentes. Não cantaremos nenhuma canção de Natal, não tenha medo. Iremos ambos ao Ambassadeur, o restaurante do Municipal, não é?

— Sim, Angela — respondi, mas não podia deixar de pensar que estávamos apenas no mês de junho.

— Devo fazer previamente a reserva de uma mesa com Mario, o chefe do restaurante. Uma mesa para duas pessoas. *Une table pour les amoureux*. Para as duas criaturas mais enamoradas deste mundo. Você sabe que na França o Natal é uma das festas mais alegres? A gente dança, ri e joga confete.

— Faremos tudo o que você quiser.

— E para festejar a entrada do ano-novo, iremos ao Ambassadeur. À meia-noite eles apagam todas as luzes para que as pessoas se beijem. Oh, como nos beijaremos, Robert! Depois, num verdadeiro festival pirotécnico, soltam fogos de artifício das janelas. É uma cena de beleza indescritível. A gente tem a impressão de encontrar-se no meio de um vulcão. Nestas festas de entrada do ano-novo, se estou acompanhada de um homem que não amo, sempre choro. (Ihoro também quando estou simplesmente acompanhada de pessoas amigas. Ultimamente tenho vindo em companhia dos Trabaud. Sempre tinha que achar um pretexto para as minhas lágrimas: a luz intensa dos fogos de artifício, a forte iluminação do salão ou coisa semelhante. A passagem de ano sempre foi um momento difícil para mim. Você me compreende, não é? Mas no próximo ano não lerei mais dificuldades. Estaremos juntos. E o próximo ano será o nosso ano, não é?

— Sem dúvida!

— Mas no princípio certamente vou chorar um pouquinho ...

Dois indivíduos com as roupas esfarrapadas estavam perto da nossa mesa. Cada um deles tinha um cartaz nos ombros. Num dos cartazes estava escrito: “Todas as terças-feiras haverá corridas de cavalos no hipódromo de Cagnessur-Mer”. No outro lia-se: “Arrependei-vos, pecadores! Está próximo o fim do mundo”.

Esses dois homens se conheciam. Apertaram-se as mãos e começaram a conversar ani*madame*nte. Pude observar como riam com gosto.

Nessa noite o mar estava agitado, embora o vento estivesse calmo. Entramos no Tetou, onde nos sentamos e ficamos comendo *bouillabaisse* [1](1 Sopa de peixe, típica do sul da França. (N. do E.), pois Angela, quando saímos de Juan-les-Pins, me dissera que estava com fome.

— Você gosta de *bouillabaisse*?

— Gosto muito. Espere, então é melhor irmos ao...

— Ao Tetou — disse rapidamente, pois me ocorrera que no dia da minha chegada pela primeira vez a Nice o chofer do táxi que me transportou a Cannes havia recomendado esse restaurante. — No Tetou é onde se prepara a melhor *bouillabaisse* de toda a costa.

Angela fitou-me surpresa.

— Como é que você sabe?

— Qualquer pessoa culta sabe disso — respondí, e ambos rimos.

A barraca de madeira na qual fora instalado o Restaurante Tetou, construída bem à beira da praia, ao lado da estrada, estendia-se até quase dentro da água. Era simplesmente um casarão de madeira, muito limpo no seu interior e pintado de branco. Mas não passava de uma barraca. Angela disse que seus proprietários eram rudes e estúpidos no atendimento da freguesia. Todas as mesas estavam colocadas num enorme salão e estava muito quente no seu interior. O sol batia no madeiramento durante todo o dia. Contígua a esse salão, havia uma varandinha com janelas de vidro. Por estar muito próxima da água, ela fora construída sobre estacas.

Nessa varandinha estava mais fresco e foi ali que encontramos lugar. Angela estacionara o carro no outro lado da rua, num parque livre, coberto por esteiras amarradas em sarrafos fincados no chão, que evitavam que o sol batesse nos carros durante o dia.

Uma vidraça da varanda estava aberta. Ouvíamos uns fortes ruídos semelhantes a resmungos. Eles eram ocasionados pelas ondas que, avançando sobre a areia, vinham bater bem debaixo do lugar onde estávamos sentados. Um pouco antes, lá dentro do mar, eram gigantescos vagalhões com a crista coberta de espumas. Fiquei admirado em ver como a ressaca produzia

verdadeiros estampidos. O luar projetava-se sobre o mar revolto. Devido à agitação das ondas, os reflexos luminosos dançavam com grande rapidez sobre a água escura.

— Por que hoje a ressaca produz esses estrondos tão fortes? — perguntei.

— Ela os produz sempre — respondeu-me Angela.

— Não foi bem isso o que perguntei. Refiro-me a essas pequenas ondas que se estendem até aqui, vindo morrer debaixo dos nossos pés.

— Essas pequenas ondas de que você fala parece que não são perigosas. Entretanto, avançam com tanta velocidade e com tanta força que seriam capazes de derrubá-lo e arrastá-lo se você se envolvesse nelas. Mas não é lindo aqui?

— Sim. Mas devo dizer que quando você está perto de mim qualquer lugar é lindo.

Demorou um bocado de tempo até que nos servissem a sopa de peixe. Enquanto a esperávamos, ficamos comendo fatias de pão branco com manteiga e bebendo cerveja gelada.

Como já era do meu hábito, sentei-me ao lado de Angela e fiquei alisando as costas da sua mão direita, da qual havia desaparecido aquela manchinha.

— Aqui está um grande mistério da minha vida — disse ela. — Telefonei para um médico que conheço há muitos anos e ele me disse que não pode acreditar que a mancha tenha desaparecido. Ele não tem nenhuma explicação para isso.

— Mas nós temos uma, não é verdade?

— Sim.

Angela fitou-me e nos seus grandes olhos castanhos brilharam aqueles dois pontinhos dourados. Beijei a mão dela. Ela, levantando o copo, brindou:

— *Le chaim!*

— *Le chaim!* — correspondi.

Bebemos a nossa cerveja, que, de tão gelada, fazia doer os dentes.

Então, dando prosseguimento à nossa conversa, Angela passou a refletir que fora ótimo termos nos conhecido só agora, depois de contarmos com uma boa experiência da vida. Talvez, se tivéssemos nos encontrado antes, não fôssemos tão felizes assim.

Tínhamos que falar bem alto, pois as ondas faziam um ruído ensurdecedor.

Por fim ela me perguntou:

— Como vai seu pé?

— Perfeitamente bem.

E estava realmente bem, pois já fazia bastante tempo que não doía.

Por volta das dez horas entramos no carro para voltar para casa. Girando o volante, Angela dirigiu o veículo para a estrada, na qual o tráfego era ainda bem intenso. Os faróis dos carros que vinham em sentido contrário ofuscavam nossas vistas. À nossa frente seguia um Citroen a baixa velocidade, parecendo estar sendo dirigido com muita cautela.

— Esse sujeito me deixa doida! — exclamou Angela, procurando sempre ultrapassar o carro, mas em vão. — Sem dúvida ele deve estar bêbado e por isso dirige com tanto cuidado... Espere... parece que agora vai dar...

Quando nos encontrávamos quase emparelhados com o Citroen, este bruscamente acelerou a marcha. Um outro carro, vindo em sentido contrário, acendeu os faróis.

— Desgraçado! — bradou ela.

Angela pisou fortemente no freio. Então aconteceu o que tinha que acontecer. O Mercedes começou a derrapar, raspando de leve no Citroen, e descambou para a esquerda, em direção ao mar. Eu não pude dizer nenhuma palavra. Angela tampouco. Desesperada, ela girou o volante para um lado e depois para o outro. Mas não adiantou nada. O Mercedes continuou derrapando. Estava em alta velocidade. O carro que vinha em sentido contrário cortou a nossa frente, entrando na contramão, na direção do Citroen. O Citroen, por sua vez, fazendo uma curva fechada, tomou a pista interior, ficando também na contramão. Os dois carros passaram um pelo outro com as buzinas estridulando. Nesse instante o carro que vinha em sentido oposto ao nosso aproximou-se tanto do Mercedes que pude ver os três rostos apavorados dos seus ocupantes. Foi por um triz que não nos chocamos violentamente. O Mercedes projetou-se para a beira da estrada, de onde caiu na areia, ficando ao alcance tias ondas agitadas. O carro, sobre aquela areia que parecia desmoronar, foi ainda impelido fortemente para a frente. Então notei que a água ameaçava arrastar-nos. Angela desligou o motor. O carro era constantemente impelido para a frente e para trás. As ondas o atingiam a meia altura. Jatos de água batiam nos vidros das janelas.

— Saia! — gritei.

— Não consigo abrir a porta — respondeu-me Angela, estranhamente calma.

Eu também não conseguia abrir a porta do meu lado. A pressão da

água estava muito forte. Então apliquei toda a força do meu corpo de encontro à porta. Meu coração parecia saltar pela boca de tanto esforço que fazia. Abriu-se uma fenda na porta e a água começou a penetrar no carro. Mas pelo menos isso possibilitou abrir a porta.

Depois de ter saído do carro, agarrei Angela e tentei arrastá-la para fora, mas de repente ela caiu sentada completamente encurvada. As ondas atingiam a altura do meu abdome e conseguiram derrubar-me. Engoli uma boa porção de água salgada, mas pus-me novamente de pé. Onde estava Angela? Lá estava ela com a cabeça pendente para fora do carro, toda inundada pelas ondas. Perdera os sentidos. Tentei puxá-la e arrastá-la, mas não consegui, pois ela era muito pesada para as minhas forças. Com o embate das ondas eu caía continuamente. Segurava a cabeça de Angela bem levantada, mas comecei a notar que as forças iam me faltando. Lá na estrada frearam dois carros. Os homens, correndo e lutando contra as ondas, aproximaram-se do lugar onde estávamos. Juntos, felizmente conseguimos tirar Angela do carro e arrastá-la, através daquele chão em declive, até a beira da estrada. O homem de um dos carros que pararam para nos socorrer disse:

— Vou avisar a polícia no posto mais próximo — e saiu imediatamente.

Colocamos Angela no acostamento, deitada num cobertor que o homem que nos socorrera trouxe do carro. Não demorou muito e ela recobrou os sentidos.

— Robert! — exclamou com o semblante horrivelmente assustado. — Que foi que aconteceu? Eu pisei firme no freio e não entendo como pôde ter acontecido isso. Sou uma pessoa que sempre dirige com muita segurança. Até hoje nunca...

— Sim, Angela, eu sei... mas acalme-se... Tudo está bem agora!...

— Mas, Robert, se tivesse acontecido alguma desgraça? Eu poderia ter ocasionado a nossa morte!

Ela começou a tremer. Dobrei o cobertor em torno dela e fiquei alisando seus cabelos e sua face.

— Tudo já está bem agora — disse.

E tive que repetir essas palavras por diversas vezes.

Nesse meio tempo alguns carros pararam e muitos curiosos se aglomeraram em nosso redor. Levou mais ou menos dez minutos até que o carro da polícia de Cannes chegasse. Três policiais uniformizados saltaram.

— Como foi que aconteceu isso? — perguntou-me o primeiro deles.

O segundo policial permanecia de pé ao lado dele, enquanto o terceiro obrigava os curiosos a seguirem o seu percurso, pois a estrada era estreita.

Contei-lhe tudo o que sucedera.

— O senhor está bêbado?

— Não.

Então, entregando-me um tubinho de vidro ao qual estava adaptado um saquinho de plástico, disse-me:

— O senhor quer soprar ou acha que podemos fazer uma prova de sangue?

— Por mim eu sopraria, mas não era eu quem estava ao volante.

— Era esta senhora quem dirigia o carro? — perguntou.

— Sim — respondeu Angela prontamente.

O policial nos mandou soprar nos saquinhos. Depois colocou os tubinhos de vidro dentro dos quais havia cristais sob a luz de uma lâmpada de bolso.

— Uma leve coloração esverdeada em ambos os casos — disse o primeiro policial.

— Havíamos bebido cerveja no jantar — expliquei.

— Eu mesmo posso declarar que os senhores não estão embriagados. Mas como foi que aconteceu esse acidente?

— No carro — respondeu Angela —, no carro deve haver algo errado. Tudo estava em ordem até chegarmos ao Tetou. Depois, então...

Neste exato momento lembrei-me de algo e exclamei:

— O homem!

— Que homem?

Passei, então, a contar-lhe sobre o homem que vira mexendo na roda esquerda da frente do carro. Devia ter mexido no Mercedes enquanto almoçávamos; mas quem seria? A água escorria da minha cabeça.

— Mas por que ele faria uma coisa dessas? — perguntou-me o primeiro policial.

— Eu me chamo Robert Lucas.

— Sim, e daí?

— Será que o senhor pode avisar pelo rádio o Comissário Roussel do que se passou conosco?

— Roussel? O senhor, porventura, também está trabalhando nesse caso que...

— Sim.

— Caramba!

O policial dirigiu-se apressadamente ao seu carro e começou a falar ao microfone do seu transmissor. Depois de feita a comunicação aproximou-se de mim e disse:

— O comissário se encontrava ainda no Comissariado Central. Ele virá imediatamente.

Passados alguns minutos, chegou o carro-reboque. Dois mecânicos prenderam um cabo de aço ao eixo traseiro do Mercedes, que se achava profundamente imerso na água. Depois entraram no seu carro, no qual estava amarrado o cabo de aço, e puxaram o Mercedes para fora da água, arrastando-o até a estrada. Nesse meio tempo Angela refez-se completamente do choque e recobrou ânimo.

Embrulhada no cobertor, ela permanecia de pé ao meu lado. Exatamente no momento em que os mecânicos iam começar a examinar o Mercedes (os policiais também os ajudavam) parou no local um Peugeot preto

que vinha de Cannes. Roussel, Lacrosse e Tilmant, o homem do Ministério das Relações Exteriores da França, saltaram do veículo. Apresentei Angela a Tilmant e a Roussel. Lacrosse já a conhecia.

— Eu ainda me encontrava com Roussel quando chegou a comunicação do acidente — disse Lacrosse. — Telefonamos imediatamente a *Monsieur* Tilmant, que estava no seu hotel, e ele resolveu nos acompanhar.

— Não é um acidente muito comum — disse-lhes, e passei a contar mais uma vez a história do homem que eu havia observado em Juan-les-Pins.

Mal havia acabado de fazer meu relato quando um dos policiais, que juntamente com os mecânicos examinava o carro, aproximou-se de nós dizendo:

— Já descobrimos o defeito. Está na mangueira de óleo do freio dianteiro.

— Que houve com ela? — interrogou Roussel.

— Foi afrouxada com um alicate. Ela está pendurada. Qualquer indivíduo poderia fazer isso e com rapidez. A gente sai com o carro e não nota nada, pois não cai nem uma gotinha de óleo enquanto não se aciona o freio. Mas quando se pisa no freio todo o jato do esguicho vai para o ar e nem uma gota atinge a sapata da roda. O carro não pode ser freado e derrapa. Quem fez isso queria liquidar com os que estavam dentro do carro ou, pelo menos, provocar um terrível acidente.

Houve uma pausa um tanto prolongada.

Lacrosse e Roussel foram eles próprios examinar a mangueira de óleo do freio. Depois chamaram-me para mostrar-me o defeito. Então voltamos para junto de Angela e do calmo Gaston Tilmant.

— Bonito! — exclamou Lacrosse com uma voz de indivíduo decepcionado. — Tentativa de assassinato. Finalmente, mais uma bela novidade!

Durante alguns segundos a fisionomia de Tilmant apresentou uma expressão de tormento.

— Tentativa de assassinato... — Angela fitou-me. — Mas por quê, Robert? Por quê? O que foi que fizemos?

— Você, nada. Eu, muita coisa — respondi-lhe.

— Mas não digam uma palavra em público, compreenderam? — Lacrosse procurava atingir principalmente Tilmant com a sua pergunta. — Acidente de tráfego. Falhas técnicas. Felizmente não aconteceu nada de maior importância. Uma noticiazinha de três palavras no Nice-Matin e... caso encerrado!

— Caso encerrado, não — retrucou Tilmant. — Com a divulgação do fato, sua situação se tornaria ainda pior, *Monsieur* Lucas.

— Oh, pare com isso! — Lacrosse parecia estar fora de si. — Bem sabemos por que tudo o que acontece deve ser relatado com suavidade romântica. Como o senhor disse, vai indo tudo muito bem, *Monsieur* Tilmant! Se o senhor acha que essa é a maneira mais acertada, se acha que pode responsabilizar-se...

— Cale-se, Louis! — bradou Roussel. — *Monsieur* Tilmant, como você bem pode ver, não tem nenhum prazer com isso. Ele recebeu instruções para proceder assim.

— Não estou compreendendo nada — disse Angela. — Que significa toda essa conversa, *Monsieur* Tilmant?

Os policiais haviam mandado os últimos curiosos retirarem-se. Os carros passavam por nós ao longo das pistas. Ficamos só nós parados no local, formando um pequeno grupo.

— *Monsieur* Lucas lhe esclarecerá depois, *madame* — respondeu Tilmant. — Ele bem sabe que não posso agir de outra maneira. Seu carro será rebocado até a oficina Mercedes, em Cannes, e lhe será entregue, depois, em perfeito estado. A senhora tem certeza de que se encontra bem?

— Sim, sem dúvida. Só que estou começando a sentir frio.

— Agora um carro da polícia vai levá-la para casa. Espero contar com sua discrição sobre esse caso, *madame*, depois que *Monsieur* Lucas lhe der todos os esclarecimentos. Todos os que aqui se encontram presentes ficarão calados, não é verdade, meus senhores?

Ninguém respondeu.

Eu perguntei:

— Não é verdade que todos ficarão calados?

Pouco a pouco, mas com lentidão, os homens foram respondendo afirmativamente. Um após o outro e por último Lacrosse.

— Obrigado! — disse Tilmant.

Conduziram-nos ao carro da polícia. Ajudei Angela a subir e sentei-me ao seu lado. Depois que o carro arrancou, virei a cabeça e, através da janelinha traseira, vi Gaston Tilmant: ele se achava de pé... um pouco distanciado dos outros... sozinho. Ficou olhando nosso carro, que partia. Estava com os ombros caídos. Parecia a imagem viva da tristeza e da impotência.

— Eu compreendo Tilmant — disse-me Angela, que se achava estendida na cama. Eu estava nu, sentado perto dela. Logo que chegamos a casa tiramos nossas roupas molhadas. — Ele foi forçado a aceitar essa missão. Seus olhos têm uma expressão de bondade. Certamente ele é um homem bom, mas tem que se desincumbir dos seus encargos.

— É verdade — respondi. — Você já se esquentou de novo? Está sentindo frio ainda?

— Estou maravilhosamente bem, Robert... Tenho medo que lhe aconteça algo, Robert...

— Bobagem!

— Não, não se trata de nenhuma bobagem. Eles querem ver você morto. Oh, meu Deus! Se acontecer algo a você, que farei?

— Não me acontecerá nada! — disse, pensando: "Tomara que nada me aconteça mesmo!... Contudo, esta noite pouco faltou para que acontecesse..."

Repentinamente Angela sentou-se na cama e me abraçou.

— Eu tenho medo! Um medo horrível! Venha para bem juntinho de mim, Robert! Venha logo! Eu quero sentir o seu contato.

Atirei-me então sobre o corpo de Angela e fizemos amor com uma fúria selvagem. Por fim, separei meu corpo do dela e desliguei a lâmpada da mesa-de-cabeceira. Fiquei deitado no escuro com os olhos abertos. Eu ouvia o barulho dos trens que rodavam lá embaixo, perto do mar.

Peguei no sono e foi Angela quem me despertou. Ela apertou meu braço e me chamou pelo nome. Não foi sem dificuldade que consegui despertar.

— O que... o que é que há?

— Perdoe-me, meu amor, por ter despertado você. Mas tenho que lhe mostrar algo.

Ela estava de pé, nua, à beira da cama, e curvou-se sobre mim.

— Que horas são?

— Cinco e meia. Não pude mais dormir. Fiquei de pé caminhando no terraço. Foi então que vi uma coisa.

— O quê?

— Venha! Vou mostrar-lhe.

Pulei da cama e segui-a até o terraço, onde se via um mar de flores inundado pela fulgurante luz do sol, que já havia despontado. Lancei, então, meu olhar na direção da cidade e passei a contemplar, lá embaixo, aquelas casas brancas e o mar calmo.

— Não é lá para baixo que você deve olhar. Olhe ali para cima, naquela encosta — apontou com a mão —, perto dos ciprestes.

Sobre a íngreme encosta que ficava atrás do edifício vi o que ela me mostrava: uma amendoeira cpberta de flores vermelho-rosadas. A luz matinal dava-lhe um aspecto misterioso e encantador.

— Faz anos que observo essa árvore. Nunca a vi florescer no mês de junho. Mas agora ela se acha cheia de flores! Lembra-se dos monges que visitamos e da lenda da amendoeira de Saint-Honorat?

— Sim, lembro-me.

Ela correu para o quarto e voltou de lá trazendo uma máquina fotográfica.

— Tenho que fotografar essa árvore. Ela floriu para nós, Robert. Quero organizar um álbum contendo as fotografias das coisas que só para nós têm significação. E essa será a primeira fotografia.

Bateu a chapa e depois disse-me sorrindo:

— Agora volte para a cama... Bem ligeiro! Você sabe por quê...

A piscina vazia, sob a intensa luz do sol, parecia resplandecer na sua brancura.

Como eu, também Paul Seeberg estava de calça e camisa. Cada dia que passava, o calor ia aumentando mais. Caminhávamos de um lado para o outro sob um teto de folhagem, passando entre cedros, oliveiras e palmeiras. Era uma hora da tarde e reinava profundo silêncio no parque.

Praticamente surpreendí Seeberg com meu pedido para uma entrevista, logo após o seu regresso da Alemanha. Fu lhe telefonara com o espírito preparado: ele poderia recusar receber-me ou, talvez, só marcasse o, nosso encontro para alguns dias mais tarde. Entretanto, respondeu-me que teria prazer em receber-me imediatamente para responder iis minhas perguntas. Por isso tomei logo um táxi e dirigi-me àquela mansão.

Relatei-lhe o que me havia contado Fred Molitor, autorizado, ao que parecia, pelo próprio Seeberg. Não disse nada com relação às visitas que fiz a diversos banqueiros e nem que eu ficara sabendo do congresso de banqueiros realizado no Frankfurter-Hof.

Seeberg respondeu-me:

— Fred Molitor disse-lhe a verdade.

O procurador-geral do banco de Hellmann, mesmo trajando só calça e camisa, conservava o aspecto imponente de um banqueiro supercorreto que trata de todo e qualquer assunto com a máxima seriedade. Prosseguiu:

— Molitor telefonou-me contando o que presenciara e sugeri que ele relatasse tudo ao senhor. Foi de algum proveito para as suas investigações o que Molitor lhe contou?

— Ainda não posso dizer nada. Achei melhor falar com o senhor primeiro.

— Procurarei ser-lhe útil no que me for possível.

Ele continuava recendendo a *Grès pour Homme*. Tinha uma aparência jovial. Seus trabalhos em Frankfurt, as viagens de avião, a mudança de clima, ao que parecia não lhe ocasionaram o mínimo transtorno. Ele continuou:

— Não é preciso dizer-lhe o quanto me consternou a declaração de Molitor.

— Eu bem posso imaginar! Deve ter sido chocante para o senhor saber que o seu chefe revolvera as gavetas da sua mesa, o cofre, o seu armário de documentos, vasculhando a seção em que o senhor trabalha, como se o senhor fosse um criminoso.

Falei assim com o intuito de provocá-lo e ele, de fato, reagiu com veemência:

— Criminoso?! Por quê?! Não, não, eu absolutamente não penso assim.

— Permita-me...

— Não. Nada de "permita-me". Já imagino o que o senhor está presumindo. Peço apenas que atente bem para o que vou dizer: o caso não é bem assim como o senhor pensa. O Sr. Hellmann não tinha necessidade de esquadrinhar a minha seção para o fim que o senhor imagina, isto é, procurar documentos que eu, tal qual um criminoso, houvesse escondido por terem sido preparados sem o seu consentimento e dolosamente assinados. Em suma, ele não tinha necessidade de procurar nenhum tipo de papel relacionado com operações bancárias.

— Por que ele não tinha necessidade de fazer isso?

— O senhor não conhece o funcionamento de um banco, Sr. Lucas. Ele não tinha necessidade de remexer nos papéis em meu poder porque nada no banco podia ser feito sem que o Sr. Hellmann automaticamente tomasse conhecimento prévio. A ele é que cabia aprovar, ordenar, executar as operações. Eu sou, na verdade, um procurador munido de amplos poderes, mas não possuo um banco dentro do banco. A seção de câmbio pertence à casa como as demais seções. Assim sendo, o Sr. Hellmann não podia esperar encontrar algo dentro da minha seção que ele desconhecesse.

Seeberg permanecia de pé perto de uma coluna encimada por uma estátua de Jano, o deus bifronte, que com uma face contemplava o passado e com a outra o futuro.

— Mas não poderia desconfiar de que não iria encontrar nada? Explico-me: considerando que o vigia Fred Molitor me declarou que ele se achava excessivamente nervoso, não estaria ele suspeitando ou temendo que

qualquer documento tivesse desaparecido?

— Contemplando o passado... contemplando o futuro... É o que estou fazendo no momento — respondeu-me Seeberg, olhando, como que absorto, o busto bifronte de Jano. — Certamente o Sr. Hellmann poderia ter temores dessa espécie. Mas que tipo de documento seria esse? Na hipótese de tratar-se de papéis relativos a transações, acho até absurdo dar sumiço a documentos de que os clientes, como partes interessadas, dispõem de cópias. Isso parece-me óbvio.

— Sim. Mas admitamos, apenas para argumentar, que o senhor fosse um dirigente mal-intencionado que tivesse efetuado, em conluio com outros elementos, operações ilícitas sem o conhecimento do banco ou de Hellmann. Então...

— Mas essa é uma suposição ridícula — redarguiu Seeberg, interrompendo-me. — Além do mais, se eu tivesse algum documento para esconder, não o teria deixado no banco, mas o teria levado quando viajei ao Chile.

— Ah, é verdade, o senhor esteve no Chile.

— A fim de participar da Conferência Mundial de Comércio. O congresso começou no dia 13 de abril. Mas no dia 29 de março eu já havia tomado o avião para lá.

— Então o senhor só ficou sabendo dessa busca noturna de Hellmann na sua seção através do telefonema de Molitor?

— Exato. Assim que recebi a comunicação da morte dc Hellmann no acidente com o seu iate, tomei imediatamente o avião para Nice a fim de dirigir-me a Cannes e prestar assistência à Sra. Hellmann.

— Por que, então, o senhor ficou tão chocado... conforme o senhor próprio declarou... com as informações de Molitor?

— Santo Deus! — exclamou Seeberg, sentando-se num banco de pedra próximo à coluna encimada pela estátua de Jano. — O senhor me pergunta isso? Até o momento de receber esse telefonema, eu só admitia a hipótese de acidente ou de assassinato, aliás, como supunham todos aqui, inclusive a Sra. Hellmann.

— Mas eles continuam ainda acreditando que houve assassinato —

ponderei.

Ele não ouviu minhas palavras e começou a falar rapidamente:

— Depois do telefonema cheguei à conclusão de que só poderia haver uma explicação: o Sr. Hellmann não estava lá à procura de quaisquer papéis, mas sim para dar sumiço a alguns papéis.

— O senhor mesmo afirmou há pouco que são tiradas diversas cópias de todos os papéis relacionados com operações bancárias.

— Pode ser que ele estivesse tentando apanhar tais papéis para levá-los consigo a fim de encobrir algum caso. Talvez ele nada tenha conseguido. Talvez a tragédia se tenha verificado precisamente por isso.

— Quer dizer, então, que o senhor não acredita mais em assassinato nem em acidente?

— Exato, Sr. Lucas.

— Em que é que o senhor acredita agora? Explique-se, por favor!

— Em suicídio! — respondeu-me o procurador-geral do banco de Hellmann. — Suicídio por causa de uma situação irremediável e irreparável.

Seeberg disse-me:

— Não comuniquei nada à Sra. Hellmann por causa do seu estado. Mas, ao senhor, contarei toda a verdade. A verdade de tudo o que pude verificar em Frankfurt juntamente com o Sr. Grosser, o primeiro-procurador que ficará à testa dos negócios do banco até que eu possa voltar definitivamente para Frankfurt. E essa verdade não é muito bonita. Mesmo assim não me esquivarei de relatá-la ao senhor. Durante a minha ausência, o Sr. Hellmann e John Kilwood efetuaram compras de libras esterlinas e concederam créditos nessa moeda. Essas operações, efetuadas antes da desvalorização da libra, equivaliam a quinhentos milhões de marcos.

— É realmente uma revelação muito bonita. Kessler, o caçador de sonegadores de impostos, também descobriu isso.

— Então o senhor já tinha conhecimento desse fato?

— Sim.

— E o senhor ficou sabendo também que o Sr. Hellmann comprara as libras por ordem de Kilwood?

— Sim.

— E que ele, Hellmann, cometeu a inconcebível loucura de não transferir imediatamente as libras adquiridas ao Banco Central, sofrendo, por isso, um prejuízo de quarenta milhões de marcos com a desvalorização dessa moeda?

— Essa ocorrência também me foi revelada — respondi.

A essa altura do diálogo comecei a conjeturar que Seeberg talvez se mostrasse com tão boa disposição para prestar informações por ter chegado à conclusão de que não lhe restava outra alternativa.

— O banco, por causa disso, não irá sofrer qualquer abalo de monta. Para evitar qualquer descalabro, nesse meio tempo já tomei as devidas providências. Os negócios continuarão. Mas o senhor pode conceber a razão por que essas libras não-transferidas ao Banco Central estão em poder do banco? E o motivo da concessão de crédito em libras antes da desvalorização dessa moeda? Qual teria sido a intenção do Sr. Hellmann?

— Não sei. E na verdade sei menos do que o senhor.

— Oh! — exclamou ele. — Então o senhor quer dizer que eu sabia de algo antes? Mas o que o senhor pensa não está certo. Realmente eu nada sabia e nada sei... Ninguém sabe nada. Pelo menos ninguém entre as pessoas possuidoras de conhecimentos especializados sobre o processamento de tais modalidades de operação pode compreender isso.

— As pessoas possuidoras de tais conhecimentos especializados são o senhor, esse tal Primeiro-Procurador Grosser, Sargantana, Fabiani, Thorwell e Tenedos, não é verdade? Enfim, para resumir nossa conversa, Sr. Seeberg: eu também estou a par de que todos esses senhores, inclusive Kilwood, faziam parte de uma organização multinacional — a Kood, essa gigantesca empresa que se dedica ao ramo da eletrônica, a qual tem o banco de Hellmann como seu principal banco e converge para ele todas as suas operações.

— E que tinha John Kilwood como procurador munido dos mais amplos poderes — emendou ele.

— Exato! — disse, passando a observar a cabeça de Jano. Há quantos séculos ele existiu? Na verdade eu teria muito mais satisfação em contemplar o passado e o futuro do que em estar ali discutindo sobre as atividades do banco de Hellmann.

— Eu não estou lhe ocultando nada. Nem mesmo deixo de declarar que o nosso banco, por ordem de Kilwood, na sua qualidade de representante do grupo, com muita frequência fazia transações específicas em divisas, tais como a aquisição de moedas fracas antes da sua desvalorização. Entretanto, o Sr. -Hellmann sempre transferia imediatamente essas moedas ao Banco Central, evitando, desse modo, prejuízos que poderiam decorrer da sua oscilação.

— Diga-me conscientemente, Sr. Seeberg: do ponto de vista moral, o senhor acha lícitas tais transações?

— Trata-se de operações legais. E isso é o que importa. Um banqueiro não deve fazer o que não seja legal. O dinheiro tem a sua própria moral, garanto-lhe. Minhas palavras parecem cínicas, embora eu não seja nenhum cínico. E também não sou hipócrita.

— Ao contrário do Sr. Hellmann — acrescentei.

— Que é que o senhor está insinuando? Essa é boa! — Ele mordeu

os lábios. — Porventura o senhor ficou sabendo do discurso que o Sr. Hellmann pronunciou no Frankfurter-Hof exatamente naquela noite em que, como o senhor disse, ele vasculhou a minha seção lá no banco? O senhor sabe o que ele afirmou acerca da ética dos banqueiros e das suas responsabilidades perante a sociedade, ou coisa semelhante?

— Sei, Sr. Seeberg.

Ele calou-se. Esperei algum tempo, depois prossegui:

— O senhor não quer fazer nenhum julgamento com relação ao seu chefe, não é verdade?

— Nunca se deve falar mal dos mortos.

— Parece evidente que ele não deixava de agir com uma boa dose de hipocrisia quando fazia tais transações. O senhor mesmo me afirmou que o dinheiro tem a sua própria moral. Eu acho que as pessoas que fazem o dinheiro girar nos seus negócios se esquecem completamente de que o destino de milhões depende desse dinheiro. Para eles o dinheiro é uma coisa qualquer e uma coisa não tem moral alguma. No exercício das suas atividades eles automaticamente se tomam amorais. Afora esse aspecto, isto é, a sua htina em girar o dinheiro, eles podem ser bons ou maus... exatamente como são, falando de um modo geral, todas as pessoas. E muitas vezes até procuram compensar o desagrado que provocam no seio da coletividade humana. Fazendo lais citações, não posso deixar de pensar em Rockefeller, em (larnegie, bem como nos hospitais, nas escolas e nas coleções dc obras de arte que eles presentearam ao povo, agindo como verdadeiros mecenas e sentindo a necessidade de praticar algum bem. Mas só fora das suas atividades profissionais.

— Fale com calma e diga tudo o que o senhor pensa.

Iliem possível que o senhor esteja com a razão.

— Claro que estou! — respondi, dando ênfase às minhas palavras. — Qual é a hipótese que o senhor tem para explicar o comportamento do Sr. Hellmann após o seu discurso em Frankfurt, Sr. Seeberg?

— Posso fazer apenas uma vaga conjetura.

— Qual especificamente?

— Talvez ele tenha se sentido profundamente afetado por causa

dessas vultosas transações com Kilwood, passando a temer pela sua boa reputação.

— Boa reputação! — repeti. — Entretanto não é lá muito decente fazer o que o seu banco e o Sr. Hellmann faziam.

— Mas era legal.

— Isso é o que o senhor diz. O senhor, pessoalmente, acha isso decente. Mas, diga-me, orgulha-se desse procedimento?

— Não.

— Que é que o senhor está dizendo?! Estará agora se revelando como pessoa dotada de sentimentos morais?! Sr. Seeberg, até o presente momento eram muito convincentes as suas palavras.

— Eu sei. Agora elas deixaram de ser — respondeu ele simplesmente.

— Por que o senhor tenta impedir que se façam acusações contra o seu falecido chefe?

Ele sacudiu os ombros. Prossegui:

— Também com Kilwood deve ter-se passado algo, do contrário não teria se decidido a fazer auto-acusações num relato que lhe custou a vida, só porque alguém queria impedir... tinha forçosamente que impedir... que ele fizesse outras declarações dessa natureza. Quem, na sua opinião, poderia ser essa pessoa, Sr. Seeberg?

— Isso eu não sei, Sr. Lucas. Além do mais, fui solicitado a manter uma conversação hoje à tarde com *Monsieur* Tilmant, o representante do governo francês. E posso garantir-lhe que também a ele declararei as mesmas coisas que acabo de declarar ao senhor.

— Mas isso não será comprometedor?

— Pelo contrário, Sr. Lucas! *Monsieur* Tilmant foi enviado para cá com uma incumbência determinada, como o senhor bem sabe. Agora tenho apenas de pensar em manter o alto conceito do nosso banco. Precisamente por isso estou decidido a prestar todos os informes de que disponho a esse homem a quem o governo francês incumbiu a importante missão de evitar... com relação a este caso... todo e qualquer ato capaz de alarmar o público. Que poderei fazer de

mais sensato?

— O senhor tem razão — disse.

Ficamos nos fitando durante um certo tempo e então ambos passamos a olhar a cabeça de Jano. Seeberg contemplava a face que perscrutava o futuro e eu a outra, que projetava o seu olhar para o passado...

Nessa mesma tarde encontrei-me com Roussel, Lacrosse e Kessler, relatando-lhes toda a conversa que mantivera com Seeberg. Estávamos sentados no gabinete de Lacrosse, no antigo porto. Os ventiladores giravam furiosamente, mas mesmo assim o suor escorria pelas nossas frontes. Depois que terminei o meu relato, Roussel disse:

— Pobre Tilmant! Deram ao homem uma incumbência que é uma verdadeira merda. E esse tal Seeberg é uma raposa muito ladina. Praticamente ele tem força suficiente para obrigar o governo francês... e com isso também o governo alemão, bem como os de outros países... a proteger com blindagem o banco de Hellmann. Não há dúvida de que ele fará isso.

— Você descobriu muitas coisas, mas não tudo — disse eu a Kessler.

Ele reagiu de maneira agressiva:

— Eu havia falado com Kilwood! Ele confiou em mim. Espremi-o o quanto pude. Que posso fazer se ele não me contou tudo ou se, em parte, mentiu? Em resumo, em Dusseldorf eu já havia revelado a você, na sua essência, quase a mesma coisa que você acabou de dizer agora.

— Você não sabia nada acerca da empresa multinacional na qual se acha envolvida toda aquela turma, com exceção de Trabaud? — perguntei-lhe.

— Está certo! — Ele foi postar-se um pouco mais atrás. — Mas agora já sabemos de tudo. Portanto, todos eles são suspeitos.

— Sim, todos — confirmei. — Como vai sua filhinha, *Monsieur* Lacrosse?

— Oh, felizmente a fase pior da doença já passou! — respondeu-me, com uma expressão de amabilidade no rosto e meneando a cabeça. Depois ficou sério e prosseguiu:

— Temos aqui uma *cabale*. Sim, uma verdadeira *cabale*!

Tive dificuldade em captar o significado dessa palavra francesa, visto não existir em alemão um vocábulo correspondente. *Cabale*, naquele idioma, tem uma acepção de tal amplitude que poderiamos defini-la melhor

como: uma súcia de indivíduos misteriosos, cheios de segredos, obrigados por juramento a se manterem estritamente solidários em todas e quaisquer circunstâncias.

Lá pelas seis horas dirigi-me, de táxi, ao apartamento de Angela. Eu lhe telefonei, mas ninguém atendeu, muito embora ela me tivesse dito que permaneceria em casa trabalhando durante toda a tarde. Tive um mau pressentimento. Que poderia ter-lhe acontecido? Quando ela me abriu a porta, minha inquietação aumentou. Ela cumprimentou-me amavelmente, mas com frieza. Tentei dar-lhe um beijo na boca, mas ela virou o rosto. Fugiu de mim indo para o terraço. Segui-a. Ela sentou-se na cadeira de balanço. Fiquei de pé diante dela encarando-a, mas ela não pronunciou uma palavra sequer. Suas mãos, enquanto acendia um cigarro, tremiam um pouco.

— Que é que há com você, Angela?

— Hoje tive uma visita. Faz mais ou menos uma hora.

— Quem esteve aqui?

— A Sra. Inge Dreyer.

— Quem?!

— Você me entendeu bem. A amiga de sua mulher. Ela veio de Juan-les-Pins de carto, conforme me disse. Encontrou meu endereço na lista telefônica. Naquele nosso encontro no Chèvre d'Or, eu lhe havia pronunciado meu nome bem alto e com clareza, ao contrário do que você fez.

— Que você quer dizer com isso?

— Que você citou meu nome de maneira inaudível, falando entre dentes.

— Eu queria evitar possíveis incômodos a você.

— Sim, evidentemente. Foi isso mesmo o que pensei.

— Angela, por que está falando assim comigo?

Tentei abraçá-la, mas ela se esquivou, dizendo-me:

— Deixe-me, por favor!

— Realmente, não estou entendendo nada! Que queria essa mulher com você?

— Essa mulher — sua voz de repente adquiriu um timbre de tristeza, mas ela passou a falar sem raiva — telefonou à sua esposa logo depois do nosso encontro em Eze. Imaginei que ela iria fazer exatamente isso.

— Eu também. E o que tem isso a ver conosco? Para nós pouco importa...

— Sim?! — interrompeu-me Angela, com a voz quase sumida. — Para você pouco importa, não é verdade, Robert?

— Que é que você está dizendo, Angela? Por favor, Angela, o que foi que aconteceu?

— Sua mulher, pelo telefone, contou uma porção de coisas a seu respeito. Depois escreveu a ela uma carta bem explicativa. Expressa, via aérea. A carta chegou hoje. A Sra. Dreyer simpatizou muito comigo e por isso julgou do seu dever mostrar-me essa carta. Aliás, pode-se dizer que ela foi incumbida de fazer isso.

Angela enfiou a mão num dos bolsos do casaco.

— Aqui está a carta! — disse ela, entregando-me um envelope.

Reconheci logo a letra de Karin.

— Leia! — ordenou-me Angela com uma voz tão fraca, que mal soava.

Comecei a ler:

“Minha querida Inge!

Foi uma grande delicadeza da sua parte telefonar-me para me dizer que encontrou Robert em companhia de uma mulher e que ambos se beijavam e se abraçavam como um lindo e despreocupado par amoroso. Pelo telefone, só em rápidas palavras pude dizer-lhe o que se deve pensar de tudo isso e qual é minha opinião a esse respeito. Agora escrevo-lhe com mais detalhes para que você não se preocupe...

Muito diferente do que você e seu marido pensaram

— e forçosamente tinham que pensar assim ao ver Robert com tal comportamento — é a realidade do fato. Você compreenderá facilmente essa realidade depois de ter lido o que ora lhe escrevo.

Nós acompanhamos os tempos modernos e temos uma vida conjugal bastante feliz. Para tanto, nós há muito tempo combinamos que cada um seguisse livremente o seu próprio sistema de vida, mas que permaneceríamos sempre juntos, amando-nos mutuamente com um amor enraizado nas profundezas de nossas almas. Note bem, querida Inge: você e seu marido levam a vida habitual de um casal feliz, sempre em harmonia. Conosco é um pouco diferente. Quanto mais ficamos dependentes um do outro no plano espiritual (nada, nada e nada jamais seria capaz de nos separar e jamais eu trocaria Robert por outro, nem ele jamais me trocaria por outra), canto mais ficamos — que já contamos dez anos de casados — acostumados um ao outro no que diz respeito às práticas sensuais e eróticas. Continuamente procuramos novos meios para satisfazer nossos ardentes desejos. Precisamos constantemente experimentar coisas novas. Talvez você me condene pelo fato de eu estar lhe dizendo esta verdade acerca da nossa vida íntima e falando a respeito de nossas experiências eróticas constantemente renovadas e da nossa permanente necessidade de *experimentar coisas novas e estranhas*, mas devo dizer-lhe que tudo isso não tem a mínima influência negativa no nosso casamento. Pelo contrário, ficamos cada vez mais unidos um ao outro. Que pensa você? Você nem imagina como ficam ligadas duas criaturas quando, de comum acordo, se permitem tanta liberdade assim! Todos os homens que possuí não podem de forma alguma desbancar Robert e ele continuamente me diz que a mesma coisa acontece com ele com relação às mulheres ou moças que ele consegue. Quando ele regressa das suas viagens, conta-me suas aventuras, descrevendo nos seus mínimos detalhes até as mais íntimas situações na cama, com aquele seu humor que você bem conhece, minha amiga. Ele faz troça daquelas vacas bobalhonas, pobres buchos de rabo sujo, às quais ele, em todas as partes do mundo, sempre confessa o seu maior amor. Depois ele descreve para mim, com a força interpretativa de um grande ator, todas as cenas íntimas vividas no contato com essas coitadas. E você nem pode imaginar como, para mim, é tão excitante tudo o que ele me conta. Que prazer indizível sinto com isso! Eu também lhe descrevo minuciosamente todas as minhas experiências nos meus casinhos com homens. E isso nos deixa a ambos completamente loucos!”

Deixei, o papel cair no chão e fitei Angela, que desviou de mim o olhar e passou a observar lá embaixo a cidade e o mar.

— Angela! Mas isso é o cúmulo! É uma carta cheia de mentiras, maquinada com a finalidade única de me atingir em cheio... Ela foi escrita para

ser entregue a você, propositadamente — exclamei em altos brados. — Esta carta não tem uma única palavra verdadeira! Ela é a manifestação do ódio irreprimível de uma esposa abandonada. Angela, eu lhe peço...

— Continue lendo!

Continuei:

"Que pensa você então que se passa conosco, Inge, depois de fazermos todos esses comentários sobre os nossos experimentos? Poderão chamar a isso de perversidade. Muito bem! Mas eu lhe digo que para mim é a melhor coisa do mundo, pois passamos todo o dia na cama bem agarrados. Nós nos lançamos um contra o outro como dois animais que não podem conter o impulso dos seus instintos. Ah, minha cara Inge, bem sei que você tem um bravo marido, cheio de pujança máscula, e que você também é uma mulher sólida, capaz de satisfazer os desejos dele, mas acho que vocês não poderão compreender-nos. Entretanto, o que fazemos não passa da simples aplicação do método que resolvemos adotar desde o princípio para conservar intacta, como no primeiro dia, a nossa felicidade conjugal.

É claro que Robert já me disse que havia encontrado em Cannes essa tal Angela Delpierre e que tinha a intenção de repetir com ela um dos seus grandes shows — que é como chamamos tais encenações. Ele esteve aqui numa rápida visita, depois regressou a Cannes. Certamente ele já declarou a essa pobre mulher, a qual talvez seja linda e amável, que ela é seu único amor neste mundo!..."

Neste ponto, sem poder conter-me, bradei:

— Mas isso é uma infâmia! Uma grande infâmia!...

Prossegui a leitura da carta:

"Certamente ele já lhe disse que não poderá mais viver sem ela e que seu casamento há muitos anos está pratica mente desfeito. Enfim, é bem provável que ele já lhe tenha dito tudo o que se faz necessário para uma boa encenação, você me compreende, não? Quando você me disse ao telefone que a mulher lhe causou uma boa impressão, inicialmente nem quis dar-lhe ouvidos, pois já sabia há muito tempo como se passam as coisas. Entretanto, mais tarde, refletindo melhor, tive um certo escrúpulo. Esse tipo de representação combinada, como sempre fazemos eu e Robert, deve ter um limite! E esse limite situa-se exatamente no ponto em que outras criaturas começam a se tornar infelizes... Antes eu nunca havia pensado nisso. Já tentei telefonar a Robert

pedindo que ele acabe com essa comédia, mas você sabe como ele é. Ele me surpreendeu com uma daquelas suas anedotas cheias de espírito e bem apimentadas, e eu quase me rebentei de tanto rir. Por isso escrevo-lhe agora e peço que mostre esta carta à mulher com a qual Robert agora está representando uma das suas costumeiras comédias. Peço a ela que perdoe Robert como também a mim, pois não sou melhor do que ele. Não devo esperar que ela tenha compreensão por tudo o que Robert fez e está fazendo com ela, pobre coitada! Tenho pena dela e pela primeira vez sinto-me envergonhada com o que eu e Robert há muitos anos vimos fazendo. Mas temos que acabar com isso. Assim não pode continuar. Telefone-me, querida Inge, e transmita meus cordiais cumprimentos ao seu marido.

Desejo que tenham ainda uma boa estada por aí, gozando suas férias. Deve ser um passeio encantador, pelo que você me escreveu.

Abraça-a sua antiga amiga Karin."

— Angela — disse —, você não acreditou em uma só palavra desta carta, não é verdade?

Ela não me respondeu e continuou contemplando o mar.

— Angela, por favor!

— Essa Inge Dreyer deu-me a impressão de estar sinceramente angustiada com minha situação. Eu mesma conheço diversos casais que procedem assim.

— Mas eu não faria uma coisa dessas!

— Por que você está gritando?

— Eu tenho que gritar! Essa carta é um absurdo! Eu amo você, Angela. Somente você! Você é a razão de ser da minha vida. Será que não percebeu isso ainda? Será que você não tem sentimento? Não lhe tenho dado provas do meu amor? Já abandonei Karin e me retirei para um hotel...

— Sim... — disse ela, procurando pôr um tom de ironia na voz. — Quantas vezes você já fez isso em sua vida? Ou você já não se lembra mais?

— Você... você não pode acreditar naquela mentirosa — disse, cheio de pasmo. — Nem é possível que dê crédito a essas palavras. Angela, por favor! Será que depois dessa nossa convivência você ainda acha que deve

acreditar em tais mentiras?

— Ah, já sei... Tudo isso faz parte das suas encenações, não é verdade? Depois, quando você estiver em sua casa, vai descrever à sua mulher todas as cenas que se passaram conosco... O que fizemos e dissemos na cama... Como nos comportamos...

— Jamais voltarei para junto dela!

— Você está gritando de novo! — advertiu-me Angela., — Por favor, não grite. Eu também sou uma criatura humana.

— Angela, juro-lhe pelo nosso amor que se trata de uma mentira infame!

— Você sempre jura pelo seu amor, não é verdade?

— Eu só tenho um amor: você!

— Não é sempre assim que você diz?

Comecei a ficar furioso.

— Você, Angela, é uma mulher inteligente. Como é que acredita nas infâmias desta carta? Como pode duvidar de mim?

— Não sei.

— Mas você duvidou, não é verdade?

Ela não me respondeu.

— E você ainda duvida de mim, não é?

— Você bem sabe as dolorosas experiências que eu já tive com os homens. Depois de sofrer o que sofri, a gente duvida facilmente de qualquer um e fica sempre com medo. Ou a gente forçosamente terá que se tornar mais realista. Você não está fazendo uma das suas brincadeiras comigo, Robert?

— Angela — disse, já sentindo que o sangue me subia à cabeça. — Desse jeito não dá para conversarmos!

— Não?! Por quê? Você é tão sensível assim? Mas... um homem que tantas vezes já representou papéis dessa natureza, como pode ter tamanha

sensibilidade? Ah, eu havia esquecido, isso naturalmente faz parte das suas encenações.

Desta vez, quando chegar a casa, você terá uma porção de coisas para contar.

Fiquei muito aborrecido, mas não suportava mais ouvir Angela falando desse jeito.

— Angela, eu lhe suplico, seja sensata!

— Eu sou bem sensata — retrucou ela. — Não tenha medo, Robert, não vou atirar você lá para baixo. Deve ser na realidade bem excitante o seu sistema de vida com Karin.

— Se você disser isso mais uma vez, irei embora — disse, alteando a voz. — Você perdeu o juízo! Ou você me declara logo que notou que tudo isso é mentira e infâmia ou...

— Ou o quê?

— Ou irei embora realmente. Por você tenho feito tudo o que me foi possível. Não posso e não quero permitir que suspeitem de mim, que me tratem desse jeito.

— Fim do segundo ato!

Avancei rapidamente contra ela e dei-lhe um tapa no rosto.

— Sinto muito! — bradei no mesmo instante, desesperado. — Perdoe-me, Angela! Perdoe-me!

Tentei colocar minhas mãos sobre seus ombros, mas ela me repeliu com um empurrão.

— Agora você pode ir embora — disse ela.

— E vou mesmo — respondi-lhe com lágrimas nos olhos.

— Então saia imediatamente!

Ao retirar-me, tropecei num vaso em que estavam plantados gladíolos. As flores se espalharam pelo chão. No elevador desabafei-me chorando e meu corpo começou a tremer. O elevador chegou ao andar térreo,

mas não me animei a sair dele. Encostei-me a um canto. As lágrimas banhavam-me o rosto. Minhas pernas quase não me suportavam mais. Com o corpo todo contraído, agachei-me e comecei a bater na parede do elevador com os punhos. Eu só praguejava e dizia palavras obscenas. Sentia-me tão enfraquecido que não conseguia levantar-me, quanto mais caminhar.

Em seguida perdi completamente a noção de tempo. Não sei se fiquei ali agachado durante dois minutos ou se durante duas horas. Só sei que finalmente a porta se abriu.

Uma senhora idosa, de aparência distinta, entrou. Ao ver-me daquele jeito, ela se assustou e deu um gritinho. Saiu para avisar o zelador do edifício, deixando a porta aberta. Pensei comigo mesmo: "Tenho que sair... E bem depressa". Levantei-me oscilando. Minhas pernas tremiam, mas consegui ficar de pé. Notei que podia andar. Saí imediatamente. Já começava a escurecer e a fresca brisa da tarde, a essa hora, amenizava um pouco o calor. Mal dei o primeiro passo sobre o saibro da esplanada, meu pé esquerdo começou a doer fortemente. Parei com falta de ar. Com um lenço enxuguei o rosto e saí andando... Não! Saí coxeando, claudicando, pois aquela dor ia recrudescendo cada vez mais. Eis que sentia de novo meu pé pesar como chumbo. Tinha a sensação de que o pé não pertencia ao meu corpo. Sem tomar um táxi, de forma alguma conseguiria chegar ao Majestic. Com os dentes batendo como matraca, saí cambaleando em direção à estrada, onde fiquei parado. Muitos carros passavam por mim, mas nenhum táxi. Passaram-se cinco minutos... dez minutos... meia hora e nada de táxi. Estava muito nervoso e quase não conseguia compreender o que havia se passado comigo. Tinha batido em Angela. Angela! Até então eu nunca havia batido numa mulher em minha vida... E agora bater logo em Angela!...

A dor no meu pé esquerdo já estava insuportável. Lembrei-me de que foi com o pé esquerdo que eu havia batido naquele vaso de flores quando tropecei ao sair do apartamento de Angela. Talvez tenha sido por isso que a dor começou. Eu me comportara como um louco. Como um verdadeiro culpado. Que outra impressão poderia ela ter de mim?

Mas também é preciso que se diga que a carta de Karin estava cheia de infâmias e que Angela, na sua vida, tivera dolorosas experiências com homens. Maldita Karin! Carros e mais carros iam passando. Nenhum táxi. Nunca mais chegarei ao Majestic. Eu estava pensando em tantas coisas quando finalmente um táxi apontou entre os carros. Fiz sinal, ele parou e tomei lugar no banco traseiro.

— Ao Majestic, por favor!

Logo que o carro arrancou, passei a sentir, também, aquela dor no lado esquerdo do peito. Aquela dor que eu bem conhecia... fraca no início, mas

que ia aumentando gradativamente. Tirei do bolso os comprimidos de Nitrosteron, que sempre trazia comigo, engoli um rapidamente e comecei a mastigar o outro. Que deveria eu fazer depois de chegar ao hotel? Telefonar para Angela? Implorar, pedir, suplicar que ela acreditasse em mim? Não. Nada adiantaria. Mas que poderia eu fazer na vida sem Angela? A dor no pé agora estava horrível. E aquela sensação de aperto no peito também ia se tornando cada vez mais forte. Até o braço esquerdo começou a doer.

Angela! Angela! Eu não devia pensar nela para não enlouquecer. Mas como poderia deixar de pensar nela? Nessa manhã ela me mostrara a amendoeira florida. Nessa manhã ela...

Só então percebi que o motorista estava falando comigo e me observava. Ele já havia parado o carro na frente do Majestic... não sei quanto tempo fazia... — O senhor está passando mal, *monsieur*?

— Está tudo em ordem comigo — respondi-lhe enquanto pagava a corrida. Não foi sem dificuldade que consegui saltar do carro, pois quase não podia mover o pé esquerdo. O táxi foi embora.

Já estava quase completamente escuro. Devo ter permanecido muito tempo agachado naquele elevador. O engraçado é que ninguém antes daquela senhora idosa que saíra para chamar o zelador se utilizara do elevador. Depois de ter descido do carro engoli mais dois comprimidos de Nitrosteron. Claudicando, entrei no saguão do hotel. Poucas pessoas encontravam-se ali. Algumas começaram a me olhar, surpresas. Meu quarto... Eu queria ir para o meu quarto. Queria esconder-me como um bicho doente na sua toca. Já não tinha mais forças. Só dores e medo. E, além do mais, o desespero que, como a própria dor, aumentava de minuto em minuto.

— Sr. Lucas?!

Virei-me.

Amável como sempre, ali estava Gaston Tilmant. Seus olhos bondosos fitaram-me atentamente através dos óculos.

— Oh, boa noite, *Monsieur* Tilmant!

— Boa noite! Eu telefonei a *Madame* Delpierre. Ela me disse que o senhor já havia saído e que provavelmente se encontraria no hotel. Mas não tinha certeza. Por isso vim de lá do Carlton e fiquei aqui esperando o senhor.

— Por quê?

— O senhor hoje falou com Seeberg. Eu também falei com ele. Poderia agora também conversar com o senhor? Mas que tem o senhor? Não quer conversar comigo?

Refleti: "Se eu ficar sozinho, minhas dores e meu desespero poderão ficar mais fortes. Seria muito melhor não permanecer só, especialmente no caso de me acontecer algo de grave". Tilmant não pareceu ter notado o meu estado. Também, eu me contive o quanto pude.

— Mas é claro que tenho muito prazer em conversar com o senhor, *Monsieur* Tilmant. Aqui no bar? Ou ali no terraço?

— Aqui há muita gente. Alguém poderia nos espreitar. E não quero correr o mínimo risco. Aluguei um carro. Ele está estacionado em frente ao Carlton. Vamos caminhando até lá e depois sairemos pára dar algumas voltas de carro. Só assim poderemos ter a certeza de que ninguém nos espreitará.

Ir caminhando até lá!... Santo Deus! Era só o que faltava agora, andar a pé até o Carlton. A distância era irrisória, mas um homem no meu estado não poderia fazer isso. Eu não devia deixar-me dominar pela dor nem pelo desespero. Nunca! Respondi-lhe:

— Ok, vamos.

E fomos.

Nem sei como consegui caminhar até o Carlton. Meu pé doía muito mais que antes. A dor que havia começado no lado esquerdo do peito se alastrara pelo braço e já havia atingido a ponta dos dedos da minha mão. Eu sentia falta de ar. Muitas pessoas alegres passavam pela pista da Croisette. As vitrinas das lojas estavam fortemente iluminadas. Com a visão como que ofuscada pela luz das lâmpadas, eu quase não podia enxergar direito. Não conseguia sequer compreender o que Tilmant dizia. Tenho a impressão de que me falou de uma criação de trutas que possuía. Carros e mais carros passavam por nós... Pessoas e mais pessoas se movimentavam. Eu dava encontrões nelas. Elas me insultavam. Meu pé. Meu coração. Cada vez pior. Eu devia ter ficado no hotel. Foi uma loucura ter vindo em companhia de Tilmant. Nesse dia só fazia loucuras. Batera em Angela. Não, não devo pensar em Angela. Os malditos comprimidos não faziam nenhum efeito. Já não podia mais andar. Nem mais um passo. Mas andei. Consegui chegar até o Carlton... até o carro de Tilmant, um Chrysler preto e grande.

Ele fez o carro arrancar logo. Havia tantas filas de carros na Croisette que só conseguíamos avançar aos poucos. Continuamente Tilmant tinha que parar o carro. E a dor, tanto no pé como no peito, cada vez mais forte. Mas eu preferia ser um condenado a ter que dizer que estava sentindo dores. Quem sabe se Tilmant, assustado com meu estado, não me conduziría a um hospital? Ali, então, ele poderia ficar sabendo tudo acerca da minha saúde e fazer uma comunicação a Gustav Brandenburg, que me chamaria de volta. Mas, também, para que tanta preocupação agora? Com Angela estava tudo terminado.

Terminado?! Nunca!

— ...parece que é muito razoável...

Tilmant estava falando. Eu tinha que prestar atenção. Não ouvira o início da frase.

— Por favor, desculpe-me, *monsieur*, mas não ouvi bem.

Ele fitou-me durante alguns segundos, depois prosseguiu:

— Eu dizia que o que Seeberg me declarou a respeito do seu chefe Hellmann parece ser bem razoável. O senhor também não acha?

— Sim... Não!

Lá vinha aquele aperto danado no meu peito. Parecia que um torno estava me comprimindo. Santo Deus, não permita isso agora!

— Sim... não — repetiu Tilmant, balançando a cabeça. — É exatamente essa a resposta que me parece mais acertada. Hellmann pode ter feito coisas suscetíveis de destruir aquela imagem de um banqueiro perfeito e inatacável, se forem reveladas. E, ao que parece, elas já foram reveladas. Pelo menos, sabe-se que Hellmann, depois do seu discurso no Frankfurter-Hof, correu apressadamente ao seu banco e começou a vasculhar a seção de Seeberg.

— É verdade...

Nem mais uma palavra pude dizer. Parecia que o torno agora comprimia meu peito com mais força. Eu me esticava sobre o assento do carro e estava ofegante. Abri um pouco a janela. Ar!

— Mas também tudo pode ser muito diferente. Seeberg é ladino. Não se deve dar-lhe muito crédito. O melhor mesmo é não acreditar em ninguém.

— Exato...

Meu Deus, ajude-me! Eis que começou a me invadir uma sensação de aniquilamento. Parecia que eu estava sendo triturado. Sentia medo. Um medo terrível e louco. Minhas mãos seguravam com força o couro do assento do carro. Tilmant, sentado ao volante, tinha que prestar muita atenção na estrada e não em mim. Felizmente!

— Devemos aceitar como provável a suposição de que

Hellmann realmente procurava salvar sua reputação. Ele veio para cá a fim de falar com toda essa gente e compeli-la a prestar-lhe auxílio financeiro para cobrir os prejuízos sofridos com aquelas operações em libras. Mas nao lhe seria tão fácil conseguir isso... Note bem quais eram os poderosos que estavam envolvidos no negócio e reflita um pouco sobre o rigor da fiscalização do Banco Central da Alemanha. Hellmann tinha que salvaguardar sua reputação e tentar recuperar os prejuízos. Isso seria possível se todos o tivessem ajudado, o senhor não acha?

— Sim...

As luzes vermelhas dos carros pareciam executar diante dos meus olhos uma dança louca e desordenada. O torno! Eu vou morrer! Vou cair morto aqui ao lado desse homem tão amável que nada percebe do que está se passando comigo. Estou morrendo. Sim, sim, estou morrendo! O torno não pára de me apertar. Que medo horrível! Que dor insuportável! Não posso mais falar. Não consigo mais raciocinar. Morte. Morrer em Cannes! Na Croisette. Num Chrysler. As luzes vermelhas. Elas agora estão girando. Tudo roda. Eu me virei no assento com a mão no peito. Era muito difícil dirigir a essa hora. Tilmant, ao volante, tinha que. prestar muita atenção. Do contrário, poderia acontecer um acidente. A Croisette ia ficando cada vez mais congestionada.

— ...inicialmente com Kihvood. Este lhe disse que não o ajudaria. Depois, com os outros, os quais também lhe negaram apoio. Sem dúvida, eles tinham suas razões para proceder assim. Mas a gente já pode imaginar quais eram essas razões. Ou quem sabe o caso se passou de maneira diferente...

Ele, agora, continuava falando sem esperar pela minha resposta. Minha boca se enchia de saliva continuamente e eu não podia parar de engoli-la. O suor, escorrendo pela testa, entrava nos meus olhos. Estou morrendo! Eu amo Angela!

— ... assim sendo, é possível que Hellmann tivesse resolvido praticar o suicídio. Pelo menos, pode-se argumentar que quem lhe conseguiu a dinamite foi a irmã-enfermeira que trabalhava na mansão de Hellmann. Talvez ela fosse sua confidente. Ela foi assassinada. Viale foi assassinado. Kilwood foi assassinado. O senhor mesmo já foi derrubado a pancadas. E ontem tentaram sabotar o carro de *Madame* Delpierre para que o senhor sofresse um acidente fatal. Entretanto, tudo isso parece comprovar que não se trata de suicídio, mas sim de assassinato. Assassinato que alguém procura encobrir. É horrível! Nem sei o que dizer...

Vermelho... Tudo vermelho diante dos meus olhos! E Angela? E se Tilmant se der conta do meu estado? Não, não! Eu não devia tê-lo acompanhado!

— Veja o senhor, eu fui o homem escolhido para evitar um escândalo que Doderia ser de proporções internacionais...

— Ahhh!...

— O senhor bem pode imaginar como me sinto. — Ele não percebia que eu estava me contorcendo. Meu coração batia aceleradamente. Eu sentia fortes palpitações. — O senhor não é um criminalista. Os assassinatos e os ataques muitas vezes podem ter outros motivos. Como o senhor bem sabe, estou incumbido de uma missão. Tenho, portanto, uma pergunta a lhe fazer: o senhor não poderia... Mas não deixe de me ouvir, por favor, *monsieur*... senhor não poderia defender junto à sua companhia de seguros a versão de suicídio como única hipótese plausível?

Eu estava piorando cada vez mais. Piorando. Quase não conseguia respirar.

— Errr...

— Por favor, espere que eu conclua a minha argumentação. Faço esta proposta no interesse de todos nós. Nós dois sabemos, *monsieur*, que contra esse grupo nada se consegue. Quero que o senhor compreenda que estou fazendo essa proposta no interesse de todos nós. Se quisermos evitar mais mortes e mais desgraças, teremos que procurar acalmar a situação... E eu não vejo outra maneira... Com a versão de suicídio a sua companhia de seguros não será obrigada a pagar coisa alguma... *Madame* Hellmann não receberá o dinheiro do seguro do iate. E o senhor me prestará uma grande ajuda se conseguir convencer Kessler a também admitir a versão de suicídio. É da minha opinião que a teoria do suicídio nos dará a oportunidade de... *Monsieur* Lucas! *Monsieur* Lucas! O que o senhor tem? Não está se sentindo bem?

Branco. Tudo branco. Muita claridade. Procurei respirar lentamente. Eu estava cheio de medo. Percebi que respirava sem dificuldade. Já não sentia nenhuma dor. Meus olhos, que comecei a abrir cautelosamente, foram aos poucos se acostumando com a intensa claridade. Eu me achava estendido sobre uma cama, vestido, mas sem sapatos. Um homem corpulento de rosto largo e cabelos pretos ondulados estava sentado na beira da cama e me observava. Deveria ter uns cinquenta anos.

— Então? — perguntou-me.

— Quem é o senhor?

— Eu sou o Dr. Joubert. O senhor se encontra no Hôpital des Broussailles.

— Um hospital?

— Sim, *Monsieur* Lucas.

— Quem foi que lhe disse meu nome?

— O cidadão que o trouxe aqui.

— *Monsieur* Tilmant?

— Exatamente esse. Ele esperou um pouquinho, mas depois teve que sair por ter um encontro marcado. Depois disso já telefonou de novo. Foi no carro dele que o senhor...

— Sim, já sei. — Fitei Joubert. — Que horas são?

— Nove horas da noite, *monsieur*. O senhor permaneceu por muito tempo longe... longe... Tive que lhe dar uma injeção... para evitar o... o colapso. Mas tudo isso já passou, não é verdade?

— Sim.

— O senhor acha que pode se levantar?

— Não sei.

— Experimente.

Experimentei. Era como se eu nunca tivesse tido uma dor no pé... Como se eu nunca tivesse tido a ameaça de um ataque cardíaco. O Dr. Joubert observava-me sorridente.

— Maravilhoso!

— Realmente maravilhoso — repeti.

— *Monsieur* Lucas, esta não é a primeira vez que lhe acontece isso, não é verdade?

Notando que eu hesitava em responder-lhe, acrescentou:

— Não tenha medo. Eu tenho a obrigação de guardar segredo.

Esse médico captou logo a minha confiança.

— Realmente, não é a primeira vez — respondi-lhe.

Então passei a relatar-lhe como se deram os ataques que eu sofrera anteriormente. Disse-lhe que o Dr. Betz, médico em Dusseldorf, diagnosticara a minha doença como sendo *claudicatio intermitens*.

— Está certo — confirmou o Dr. Joubert. — E o senhor tem também um coração doente. Eu vi o medicamento que lhe foi prescrito. Encontrava-se no seu bolso. O senhor hoje teve um ataque bem feio.

— Realmente este foi o pior que eu tive até hoje, doutor.

Pensei comigo mesmo: "Que devo fazer agora? Será que minha doença se agravou muito?"

— O senhor teve muitas excitações nos últimos dias?

— Sim. Muitas. Também tenho fumado muito. Trabalhei excessivamente. E não posso interromper meu trabalho. Doutor... Por favor, ninguém deverá saber o que está se passando comigo! Ninguém! Nem mesmo *Monsieur* Tilmant, que me trouxe aqui.

— Eu já lhe disse que tenho a obrigação de guardar segredo. Sem a sua expressa aquiescência, não direi uma palavra a quem quer que seja.

Respirei aliviado.

— Então posso fazer-lhe um pedido?

— Sem dúvida.

— O senhor poderia examinar agora mesmo meu pé e meu coração a fim de dizer-me como eles estão?

— Era exatamente essa a proposta que eu tinha em mente fazer-lhe.

— Mas o senhor precisa dizer-me a verdade sobre o meu estado, Dr. Joubert. O senhor garante que vai dizer-me toda a verdade sem ocultar nada?

— Acompanhe-me.

Fui conduzido através do hospital até uma sala onde havia um aparelho de eletrocardiograma. Uma série de exames foi feita ali. O próprio Dr. Joubert examinou detidamente meu coração e meu pé. Auscultou com cuidado minha pulsação. Dali fomos para seu gabinete, onde, além da mesa de trabalho e de uma estante cheia de livros, só se viam duas cadeiras.

Mandou-me sentar.

— Que acha, doutor?

— O senhor quer mesmo saber a verdade, *Monsieur* Lucas?

— É claro!

— Toda a verdade?

— Toda a verdade!

— Mas será que o senhor pode suportar toda a verdade sobre o seu estado?

— Claro que sim. O que não posso mais suportar é a incerteza, a dúvida.

— Então... já que o senhor quer assim...

Ele fitou-me com aqueles olhos que inspiravam confiança. Depois, com uma expressão de seriedade no semblante, começou:

— O senhor está doente, *Monsieur* Lucas. Muito doente. Eu não

estou me referindo absolutamente ao seu coração, muito embora tenha notado um processo de *angina pectoris* já em desenvolvimento. Mas este mal pode ser mantido nos limites em que está com o Nitrost.eron, ou, caso seja necessário, com outros medicamentos. Realmente o que mais me assusta é a sua perna esquerda.

— Meu pé esquerdo?

— Não. Lamentavelmente a doença abrange toda a perna. Até a coxa. A irrigação sanguínea da sua coxa esquerda (e do seu pé esquerdo também) é tão deficiente que mete medo. Daqui por diante nem mais um cigarrinho!

— Sim, sim... Prossiga, doutor!

— Prosseguir... — Ele não parava de me encarar, como se quisesse verificar minha reação. — Prosseguir... Então devo dizer-lhe que sua perna esquerda está perdida...

— Que significa a expressão: "está perdida"?

Eu ouvia suas explicações completamente calmo.

— Essa expressão significa que não há outra alternativa senão amputar a sua perna esquerda... E essa operação terá que ser feita, o mais tardar, dentro de seis meses. Ou quem sabe até antes.

— Amputar?!

— O senhor me garantiu que suportaria toda a verdade.

— E eu a suportarei... Mas amputar... Será que não existe outro meio?

— Não, *Monsieur* Lucas. Mesmo se daqui por diante o senhor não fumar nem um cigarro. Mesmo se, tomando uma decisão bem sensata, fizer todo o esforço possível para evitar excitações... a dor no seu pé virá de novo. E cada vez com maior intensidade. O senhor chegará ao ponto em que não poderá mais suportá-la.

— Mas, quem sabe... talvez eu possa suportar...

— Não!

— Com medicamentos. Em doses bem fortes.

— Isso não teria cabimento. Sua perna terá que ser amputada. Não há outro jeito, *monsieur*.

— Mas por que será necessário fazer isso se eu conseguir suportar as dores com... o uso de medicamentos?

— Porque, nesse caso, sua perna irá definhar, apodrecer. Se ela não for amputada, o senhor morrerá por causa do seu apodrecimento, *Monsieur* Lucas.

Calei-me. Ficamos nos fitando mutuamente.

— É horrível, é brutal! — exclamou ele.

— Sem dúvida. Mas mesmo assim eu lhe agradeço, Dr. Joubert.

— O senhor me afirmou que poderia suportar toda a verdade, *monsieur*. *Voilà*! Eis a verdade!

— E o senhor me promete que não dirá nada a ninguém?

— Prometo-lhe.

O porteiro do Majestic tinha um recado para mim:

— *Monsieur* Tilmant pede que o senhor faça a gentileza de telefonar-lhe imediatamente.

— Obrigado.

Subi ao meu quarto. Também nessa noite fazia calor. Sentei-me perto do telefone e liguei para o Carlton. Tilmant atendeu logo. O timbre da sua voz traía o nervosismo que o dominava.

— Tive que sair urgentemente do hospital, pois havia marcado encontro com o chefe de polícia. Lá no hospital disseram-me que o seu caso poderia exigir bastante tempo. Mas, Santo Deus, que foi que aconteceu com o senhor?

Eu soltei uma risada.

— Nada. Absolutamente nada! Foi por causa do calor, disse-me o médico. Eu ainda não estou bem acostumado com o clima daqui. Um pequeno problema circulatório.

— Realmente é essa a verdade?

— Que está pensando? Claro que esta é a verdade! O Dr. Joubert examinou-me da cabeça aos pés. Deu-me um remédio e recomendou-me que evitasse apanhar muito sol. A não ser esse pequeno distúrbio, a minha saúde é perfeita.

— Só isso?

— Então o senhor não acredita em mim? Juro-lhe.

— Graças a Deus! Em todo caso, agora me sinto mais aliviado. Mas o senhor me deu um tremendo susto.....

— Agora o senhor pode ficar sossegado.

— Sim?!... Está bem. Realmente agora estou calmo.

Julguei que seria oportuno repisar o assunto que estávamos falando dentro do carro e que interrompemos quando o ataque me acometeu. Disse-lhe

então:

— Lá no carro não pude prestar-lhe a devida atenção a fim de manifestar-me sobre a sua proposta, meu caro Monsieur Tilmant. Compreendo perfeitamente a situação difícil em que o senhor se encontra. A gente logo percebe isso...

— Percebe-se mesmo isso em mim?

Sua voz parecia resignada.

— Sim. O senhor é uma pessoa decente demais para encontrar prazer no desempenho de uma missão dessa natureza. Sinto muito não poder satisfazer o seu desejo, mas eu também tenho os meus encargos. E, como o senhor, também possuo uma consciência. Não posso fazer o que o senhor me pediu. Julgo que não teria cabimento dirigir-me a Kessler com o propósito de convencê-lo a mudar de ideia. Ele não concordaria.

Seguiu-se um prolongado silêncio.

— *Monsieur* Tilmant, o senhor ouviu o que eu disse?

— Perfeitamente. O que lhe pedi seria uma tentativa. Na minha situação deve-se tentar tudo. Eu devia ter imaginado que o senhor não... — Tilmant soltou um suspiro. — O pior é que prevejo como a coisa poderá terminar...

— Como?

— Certamente não do modo como eu e o senhor desejaríamos, *Monsieur* Lucas. — Notava-se na sua voz um timbre de tristeza. — Mas sim como desejam aqueles senhores... Ou, melhor, como desejam certas pessoas. Eu prevejo as consequências. É por isso que quero ser bem sucedido no desempenho da minha missão. Quero ter um sucesso que eu próprio abomino. E o senhor, *monsieur*, o senhor terá... Bem, paremos com isso. Cada qual deve fazer o que acha que tem que fazer. Agradeço-lhe mesmo assim.

— Agradecer-me por quê?

— Pelo seu procedimento.

— Oh, o meu procedimento...

Depois desse telefonema tomei um banho, vesti o roupão e fui

sentar-me na sacada da ampla janela. Então comecei a refletir: “Eu ainda posso trabalhar e vou ganhar bastante dinheiro. Ainda possuo as duas pernas. Na minha conta bancária ainda disponho de um bom saldo. E continuarei recebendo meu ordenado”.

Ainda...

Mas deve-se considerar que tudo é determinado pelo destino: infelicidade, decadência, abandono, miséria, o fim da existência. Talvez tenha sido melhor mesmo que Angela acreditasse em minha mulher e não em mim e que ela tivesse terminado tudo por não ter confiança em mim. Quanto tempo ainda terei de vida? No máximo seis meses. Realmente não se vislumbra nenhuma solução para o meu caso. Entretanto deve existir um Deus que colocará tudo no seu devido lugar. Na maioria das vezes não compreendemos por que as coisas acontecem. Se Angela continuasse comigo e depois viesse a saber da verdade sobre o meu estado, como sei agora, será que teria coragem para suportar a situação? Talvez ela se comportasse com bravura e procurasse me consolar, prometendo-me que continuaria a devotar-me todo o seu amor, mesmo depois da amputação da minha perna. Isso ela poderia dizer-me, é claro, se ainda me amasse, se não tivesse rompido comigo. Mas por quanto tempo duraria a felicidade, vivendo com um homem que só tem uma perna? E, como é óbvio, nesse caso eu teria que me aposentar. Com Angela está tudo terminado. Já me mudei da minha casa, abandonando minha mulher. Eu preferia morrer a ter que voltar a viver com Karin. Os proventos da minha aposentadoria serão muito inferiores ao meu ordenado atual. E Karin terá que ter sua parte se ela não concordar com o divórcio. Provavelmente não quererá divorciar-se depois que ficar sabendo que a minha perna foi amputada... E ela, do seu ponto de vista, estará agindo muito bem, pois julgará que minha morte está próxima e então será a dona exclusiva de tudo: do aparta-, mento, dos móveis, do seguro de vida. Em hipótese alguma poderei continuar trabalhando na Global.

Já estava ficando muito tarde. Lá embaixo, sob os meus olhos, estendia-se a Croisette... E uma cadeia ininterrupta de pensamentos continuava a invadir meu cérebro... Ainda bem que minha perna não estava doendo... Aparentemente tudo estava em ordem comigo... Mas como era aterrador o pensamento de que dentro de seis meses ela teria que ser irremediavelmente amputada. Será que não haveria a possibilidade de fazer-se alguma prótese? Como sucedem coisas estranhas nesta vida! Por exemplo, o fato de desmoronar-se da manhã para a noite tudo o que há de mais caro na existência de um homem: o amor, a felicidade e — por que não dizer? — a própria vida considerada na sua essência.

Meditando sobre isso, meu corpo, com a intermitência de alguns poucos segundos, contraía-se convulsivamente, cheio de amor por Angela e desejando ardentemente o seu contato. Mas o Dr. Joubert talvez tivesse errado no diagnóstico... No entanto, um médico importante, quando demonstra tanta certeza ao falar, é porque chegou a conclusões que não são mais passíveis de dúvida. *Estou no fim!* Qual é mesmo a citação em Ricardo III? Ah, sim, é a seguinte: "Tu te desesperarás e atormentado pelo teu desespero morrerás".

Ainda não estou desesperado. Também a gente não morre só por causa de uma amputação. Na maioria dos casos as pessoas se salvam. Talvez haja a possibilidade de que a operação seja bem sucedida. No meu caso, entretanto, pouco importa. Dinheiro... As duas mulheres... Tantos pensamentos, tantas ideias... Mas eu devia repousar.

Atirei-me sobre a cama. Não consegui pegar no sono... Não podia deixar de pensar na minha situação irremediável. Amaldiçoava minha vida. Eu amaldiçoava Angela...

Malcolm Thorwell escolheu com cuidado o taco mais apropriado e passou a caminhar de um lado para outro. Visou a bola com calma enervante, como se todo o tempo do mundo lhe pertencesse, e depois de girar o taco bateu com força na bola. Esta voou, indo cair longe na grama bem-cuidada daquele terreno acidentado.

— Nada mau — disse ele, satisfeito.

Até que ele ficava bem elegante com aquela camisa de seda, a estreita calça de linho cinzento e o lenço colorido amarrado no pescoço. Caminhava balançando os quadris como uma mulher. Sua voz era cantante, melosa. Logo depois que deu a primeira tacada, fomos caminhando até o quarto buraco, perto do qual havia caído a bola. Um *caddy* seguia-nos empurrando um carrinho dentro do qual havia um saco com os tacos e as bolas de golfe de Thorwell. Esse *caddy* era um rapaz sardento que tinha, quando muito, catorze anos de idade. Ele só falava francês. Eu e Thorwell falávamos em inglês.

Estávamos numa terça-feira, dia 13. Eram nove e meia da manhã. Nesse dia eu telefonara a Thorwell bem cedo porque sabia que ele gostava de jogar golfe diariamente naquele lindo campo localizado nas proximidades de Mougins. Sabia também que ele, por causa do calor, só jogava antes do meio-dia.

Antes de ir ao campo, ele passou no Majestic para levar-me no seu Bentley. Durante a noite, eu não havia dormido mais do que meia hora. Contudo, sentia-me disposto e jovial. Não pensei em Angela nem na minha perna que deveria ser amputada. Não pensei? Eis que agora mesmo acabo de escrever uma mentira...

— Ele é encantador, não é verdade? — disse Thorwell olhando para o *caddy*, que, atrás de nós, vinha empurrando o carrinho. Thorwell, fitando o rapaz, sorriu-lhe e ele correspondeu ao seu sorriso com grande satisfação.

— Estou doidamente apaixonado por este rapazinho. Ele também está apaixonado por mim. Só quer ficar comigo e com mais ninguém, Ele caiu fundo no meu coração. É uma doçura esse garoto. E como são maravilhosas essas sardas que ele tem no rosto, não é?

— É verdade — respondi-lhe sacudindo os ombros.

Contei a Thorwell tudo o que Seeberg me declarara, ou seja, a

versão dele sobre o comportamento de Hellmann em Frankfurt, bem como as suspeitas que ele tinha com relação aos fatos lá ocorridos e que provavelmente compeliram Hellmann a praticar o suicídio. Terminei perguntando-lhe:

— O senhor acredita na versão dada por Seeberg?

— Qual?... Oh, naturalmente. Não, não acredito. É uma versão absurda, Mr. Lucas. Já fazia muitos anos que Hellmann vinha efetuando tal espécie de negócios conosco... e quando digo conosco quero dizer com Kilwood, que era o nosso representante. Esse tal Hellmann era um indivíduo dotado de um raciocínio frio. Medo de perder o prestígio? Atitude tomada em virtude de um repentino exame de consciência? Não creio. O senhor não sabe como são os banqueiros. Não é tão facilmente que eles se amedrontam. Todos possuem bons nervos.

— Então não acredita que tenha havido suicídio?

— Não. Como eu já havia dito antes, acho que foi assassinato.

Thorwell caminhava balançando os quadris e eu seguia ao seu lado. Meu pé estava bem e aquela dorzinha não se manifestou.

— Mas por que alguém deveria matar Hellmann?

— Não sei. Mas devemos dizer que tudo corrobora a hipótese de assassinato. Refiro-me aos fatos que ocorreram após sua morte. O senhor chega facilmente a essa conclusão considerando que uma pessoa como o pobre beberrão John Kilwood (o qual possivelmente tinha conhecimento da trama e portanto seria capaz de fazer alguma delação), ou pessoas que sabiam de algo, como esse tal Viale ou essa tal irmã-enfermeira, foram todos eliminados. Portanto, deve haver um assassino, não é verdade? E por que não poderia ter sido esse mesmo assassino quem liquidou Helímann? É evidente que depois, para sua proteção, ele teve que eliminar também as outras pessoas. Ouvi dizer que o senhor mesmo já foi alvo de um atentado.

— É verdade.

Nesse instante aproximávamo-nos da bola. Ela havia caído numa depressão com a forma de gamela, bem perto do buraco. Thorwell examinou cuidadosamente a sua posição e escolheu outro taco. Depois passou a alisar os louros cabelos do *caddy* e a acariciar as suas bochechas com palmadinhas leves. Aí, então, visou a bola e deu a tacada. A bola rolou para dentro do buraco.

— Bravo! — exclamei.

O *caddy* foi buscar a bola e colocou-a novamente na posição exata para ser arremessada. Thorwell não era o único jogador que ali se encontrava. Vi também muitos outros que estavam em pontos distantes. No campo de golfe reinava uma calma profunda.

— Mas quem teria cometido o crime?

— O senhor supõe que fui eu quem assassinou qu mandou assassinar essas pessoas. Não é verdade que o senhor pensa assim? — Ele sorriu-me afetuosamente. — O senhor não notou que o garoto tem umas pestanas sedosas? Até parece uma menina. Ele é belo, não é? Bem... Na verdade, eu poderia ter sido o criminoso porque, com a negociata de divisas efetuada por Helímann por ordem de Kilwood, a principal fornecedora britânica da Kood foi à falência. E essa firma inglesa pertencia quase que totalmente a mim. — Ele sorriu. — Mr. Lucas, naturalmente não é do meu agrado esclarecer-lhe este ponto, mas certamente o senhor já sabe que aquela firma inglesa era apenas uma das muitas que me pertencem.

— Eu já sabia.

— E talvez o senhor não acredite que essa falência não me causou absolutamente nenhum desespero.

— Acredito.

— Muito bem! — Ele se apoiou levemente num taco.

— Além disso, o senhor não deve esquecer que a própria Kood também me pertence... a mim e aos outros que agora se encontram aqui em Cannes. E devo dizer-lhe, também, que sempre concordei com as medidas postas em prática por Kilwood e Hellmann. Por fim, ocasionando essa falência, eles fizeram desaparecer uma grande fábrica fornecedora da Kood. Pior para mim. Mas não posso me queixar de Hellmann, pois indiretamente ele tinha também a minha autorização para proceder como procedeu. A Kood continua existindo. Sou um dos principais acionistas dessa firma. Existem os outros... Sargantana, Tenedos, Fabiani e Kilwood. Este último já está morto, mas tem herdeiros.

— Então o senhor quer dizer que nenhuma dessas pessoas tinha interesse em assassinar Hellmann?

— Exato.

— E mesmo assim o senhor acredita que houve assassinato?

— Mas eu lhe declarei que o assassino deve ser um de nós? Não, não creio que eu lhe tenha feito tal afirmação, Mr. Lucas. De que há um assassino, estou perfeitamente convencido; entretanto, ele não deve ser procurado no nosso círculo de relações. Ele se encontra do lado de fora. Por isso (considere o que aconteceu com Kilwood) todos nós estamos em perigo. Só espero que os senhores, todos os moços que estão investigando o caso, encontrem o bandido antes que ele liquide mais alguém, como liquidou o pobre John.

— John Kilwood inculpava-se do crime, embora de maneira um tanto obscura, dizendo: "Nós todos somos culpados!" O senhor deve lembrar-se perfeitamente disso.

— John era um beberrão incurável. Que Deus se apiede da sua alma!

— Ele falou do argelino de La Bocca com o qual tudo começou. E encontramos esse argelino. Foi ele quem forneceu a dinamite para aquele engenho infernal que fez voar pelos ares o iate de Hellmann. A irmã-enfermeira da Sra. Hellmann foi quem recebeu a dinamite.

— Isso foi o que o argelino disse...

— A irmã-enfermeira foi assassinada antes que pudéssemos inquiri-la.

Thorwell passou a ocupar-se da bola. Trocou duas vezes de taco e alisou carinhosamente a mão do *caddy*, que, andando de um lado para outro em frente da bola, orientava-o indicando-lhe o ponto a ser visado.

— É até possível que a irmã-enfermeira tivesse ligações com o assassino.

— Mas como poderia Kilwood ter sabido da existência do argelino de La Bocca?

— Talvez ele tivesse feito sindicâncias a respeito ou, então, soubesse mais do que nós, os outros.

— Ora, o senhor afirmou que ele era um beberrão incurável.

— Contudo, essa circunstância não o impediria de realizar sindicâncias.

Por fim, Thorwell deu uma tacada fazendo a bola voar longe. Seguimos de novo caminhando sobre o gramado.

Ele continuou:

— A polícia não descobriu nada. Os senhores também não chegaram a nenhuma conclusão. E deve-se dizer que são homens experimentados em lidar com casos dessa espécie. E sabe por que os senhores não chegaram a conclusão alguma?

— Por quê?

— Porque os senhores estão dominados pela ideia fixa de que foi um de nós... um da nossa súcia... quem cometeu o crime. Se os senhores não se desvencilharem dessa ideia, nunca descobrirão a verdade, Mr. Lucas. Os senhores estão criando um grande mistério em torno de nós. Nós não formamos nenhuma sociedade secreta de conspiradores. Nem tampouco pertencemos a alguma *cabale*.

Cabale!... Eis de novo a palavra. Ela existia também em inglês.

Cabale... Foi assim que o baixinho Lacrosse designara essa súcia de multimilionários. Ele era de opinião que eles formavam uma sociedade de conspiradores. Malcolm Thorwell fez troça dessa ideia e, rindo, avançou na direção da bola. Eu e o *caddy* o seguimos.

Como era encantador esse campo de golfe de Mougins. Eu procurava respirar profundamente aquele ar puro. A essa hora ainda soprava uma brisa suave. As tenras folhas cheias de seiva tremiam na ponta dos galhos daquelas velhas árvores frondosas. Olhando para o céu, notei que o sol já estava bem alto.

15

Cerca de onze horas voltei ao Majestic. Na enorme piscina que havia na frente do hotel alguns hóspedes estavam tomando banho. Outros se encontravam estendidos no chão para apanhar sol. Lançando'o olhar para aquele cantinho que era meu e de Angela, vi que Pasquale Trabaud se achava sentada à "nossa" mesa. Acenou-me com gestos expansivos. Ida trajava calça comprida e blusa de tecido fino, próprio para a estação. Naquele nosso cantinho ainda havia sombra.

— Faz duas horas que estou esperando você — disse-me ela, enquanto nos cumprimentavamos e eu procurava tomar assento ao seu lado.

— Eu não poderia supor que você estivesse aqui — respondi-lhe.

— Claro que você não poderia saber. Mas, se fosse preciso, eu esperaria mais duas horas. Ou até mesmo quatro. Mais cedo ou mais tarde você teria que voltar ao hotel.

Um garçom aproximou-se da nossa mesa.

— O que você quer beber? — perguntei a Pasquale.

— Gim-tônica.

— Eu também. Traga-nos dois gins-tônicas.

— Mas que há de novo, Pasquale?

— Angela!...

— Que aconteceu com Angela?

— Ontem à noite ela foi à nossa casa. Dormiu lá conosco, pois no estado em que se encontrava não podíamos deixá-la só. Hoje cedo Claude levou-a para ó seu apartamento. O carro dela se encontra ainda na oficina.

— O que você quis dizer com "no estado em que ela se encontrava"?

— Ela estava desesperada. Completamente desesperada. Contou-nos tudo o que se passou entre vocês. Refiro-me à carta da sua mulher. Ela me explicou a reação que teve e como você reagiu também. Disse-me que você

bateu nela e depois foi embora.

— Perdi o autocontrole. Mas pedi desculpas imediatamente. Senti muito, muito realmente, pelo que fiz.

— Eu sei. E Angela também sabe. Ela agora está muito sentida pela atitude que tomou.

— O quê?!

— Ela está sentida pelo fato de ter-se comportado assim e por ter acreditado na carta da sua mulher e não em você.

Oh, Deus! Exatamente quando já estava procurando conformar-me com a situação que me traçaste voltas a deliberar o contrário! Oh, Deus, que fazes tudo e que permites que os fatos aconteçam, tem piedade de mim! Estou doente e não posso suportar tantas coisas assim.

— Você não diz nada? — interrogou-me Pasquale.

—· Que devo dizer?

— A mesma atitude de Angela! Ela também não sabe o que deve dizer a você. Não ousa dizer-lhe nada. Robert, creia-me, nunca vi na minha vida uma criatura tão infeliz. Ela não sabe que vim aqui. Você precisa ir falar com ela, Robert.

— Não... Isso eu não posso fazer...

— Então não a ama mais?

Percebi que meus olhos ardiam. Olhei para a piscina. Nesse exato momento uma jovem se atirou na água, fazendo saltar pingos para todos os lados.

— Eu... eu a amo mais do que nunca. — Minhas palavras pareciam sair estranguladas. — Faça ela o que fizer, nunca deixarei de devotar-lhe o meu amor.

— Ela também o ama, Robert. Mas sente-se envergonhada. Acha que jamais poderá reparar a falta que cometeu. É por isso que você deve procurá-la.

Fiquei calado. Percebi que me voltava de novo aquela sensação de felicidade, mas, por estranho que pareça, essa sensação, que voltava aos poucos,

gradativamente, ocasionava-me tristeza. Se nosso amor terminasse agora, certamente eu teria que passar por uma fase dolorosa durante alguns meses... Mas depois me conformaria com a situação... e pronto!... Tudo acabado. Conformar-me-ia de fato? Nem por um segundo. Nem por um centésimo de segundo. Tu, oh Deus, se é que queres assim, permite que eu e Angela nos unamos novamente. Por algum tempinho, pelo menos. Só por um curto lapso de tempo. Em todo caso, não será muito o tempo que vamos ter.

— Robert, responda-me! Peço-lhe que me responda, homem!

Notei que o garçom vinha com a bebida. Nem esperei que ele chegasse até a nossa mesa. Levantei-me sem pronunciar uma palavra sequer e saí correndo pelo terraço. Todos me seguiram com o olhar. Serge, o chefe da garagem, fitou-me, perplexo, com o esbarrão que dei nele.

— Um táxi — disse-lhe. — Por favor, chame um táxi.

Ele saiu apressado para atender-me.

Fiquei parado, de pé, sob aquele sol abrasador, e passei a contemplar os enormes canteiros de flores. Minha respiração tornou-se acelerada, ofegante.

Angela. Angela. Oh, Deus do céu, Angela!

Parecia desesperada e abatida quando me abriu a porta. Pelo seu semblante via-se que andava tresnoitada. Notavam-se olheiras profundas sob seus olhos castanhos. Ela queria falar, mas da sua boca só saíam sons roucos.

Apertei-a nos braços e dei-lhe um beijinho terno na boca. Então ela começou a chorar.

— Angela, por favor!

Ela sacudiu a cabeça e, pegando-me pela mão, conduziu-me ao terraço, onde surgiu diante dos meus olhos um mar de flores e de brotos sob um sol intenso. Sentamo-nos à beira de uma cama bem larga, posta debaixo de uma espécie de marquise, dessas que, com uma manivela, se podiam enrolar e desenrolar. Durante um longo tempo não pronunciamos uma palavra sequer nem nos fitamos. Eu fiquei contemplando lá embaixo a cidade e o mar. De quando em quando olhava para o céu e observava os aviões. Parecia-me naquele momento estar contemplando todo o universo numa casca de noz, exatamente como dizia o poema: "Eu vejo Jerusalém e Madagascar, a América do Norte e a América do Sul..." A mão de Angela estava agarrada à minha. Não nos soltávamos mais. Ela permanecia continuamente com o olhar voltado para aquele tapume vivo de buganvílias. Mas eu tinha a impressão de que ela, absorta nos seus pensamentos, nada observava.

Por fim, disse-me, soluçando:

— Sinto muito, Robert. Você nem imagina como estou sentida pelo que aconteceu!

— Não falemos mais nisso! Tudo o que houve conosco já passou.

— Sim — repetiu ela, apertando minha mão —, tudo já passou, Robert, e nunca mais nos acontecerá coisa semelhante. Mas sinto-me assustadoramente triste. Como foi que aconteceu isso conosco?

— Não pense mais no que aconteceu!

— Não posso deixar de pensar... Não posso esquecer o que houve conosco. E não quero mesmo esquecer. Amo-o tanto quanto se pode amar neste mundo... E mesmo assim desconfiei de você, expulsando-o do meu apartamento e dando crédito ao que sua mulher escreveu...

— Você deu-lhe crédito simplesmente porque me ama.

No mar apareceu uma porção de veleiros. Desta vez, as velas eram das mais variadas cores. Disse a Angela:

— Se eu estivesse no seu lugar, teria procedido da mesma forma.

— Não é verdade. Você seria incapaz de duvidar de mim.

— Pense como quiser, mas eu também teria duvidado de você.

Então passamos a nos fitar novamente e nos seus olhos surgiu o brilho daqueles dois pontinhos dourados.

— O que aconteceu, Angela, foi apenas o começo. Devemos procurar não perder o controle dos nossos nervos. Podemos estar certos de que ainda lançarão sobre nós infâmias e calúnias às toneladas. Mas devíamos saber que coisas assim aconteceriam inevitavelmente. Você não acha? — Ela respondeu afirmativamente com um meneio de cabeça, encarando-me firmemente. — Ontem ambos havíamos perdido o autocontrole. Eu bati em você...

Ela colocou o dedinho nos meus lábios, mas eu o retirei e prossegui falando:

— ... eu bati em você e depois fui embora dominado pela cólera. Abandonei-a. Mas fato semelhante nunca mais haverá de acontecer conosco.

— Nunca mais!

Oh, Deus! Nesse instante pareceu-me ouvir o Dr. Joubert falando: "...dentro de seis meses. Esta é que é a verdade, *Monsieur* Lucas! O senhor queria saber toda a verdade... "

Pensei novamente: não é pelo fato de sofrer a amputação de uma perna que se morre. Naturalmente a amputação às vezes pode ser fatal... mas nem sempre.

— Fui muito injusta com você — disse Angela.

— Eu também lhe ocasionei um grande tormento.

— Não, você não! O que me aconteceu serviu-me de exemplo e não acontecerá nunca mais.

Depois, fechando os olhos, disse:

— Venha comigo, Robert.

Sentei-me no banquinho da cozinha e fiquei observando Angela preparar nosso almoço, já meio atrasado.

Os aparelhos de televisão na cozinha e na sala de estar encontravam-se ligados. Eu ouvia as notícias sem prestar a mínima atenção, pois só pensava em Angela, Angela, Angela. Como ela estava contente e feliz agora! Cada vez que passava por mim ela se curvava e dava-me um beijo.

Perguntou-me:

— A televisão ligada o irrita?

— Absolutamente.

— Oh, você diz isso porque é muito delicado.

— Eu disse a pura verdade, Angela.

— É que a maior parte do tempo, embora nem sempre, eu vivia tão sozinha, que peguei essa mania de televisão. Mas acho que você julga isso mais louvável do que se eu fosse uma notívaga que andasse perambulando por aí afora, não é verdade?

— Não. Eu preferiría que você fosse uma dessas mulheres que saem todas as noites e que vivesse chafurdando na lama do vício — respondi-lhe ironicamente.

Ajudei Angela a preparar a mesa no terraço. Almoçamos calmamente. Depois de termos retirado os pratos e os talheres, continuamos sentados à mesa, bebendo um pouco de conhaque em pequenos copos bojudos. Angela acendeu um cigarro, mas eu não quis fumar. A aliança continuava no seu dedo.

— Robert, hoje é 13 de junho: nosso primeiro aniversário.

— É verdade!

A agitação e a vigília da véspera manifestavam o seu efeito: eu estava me tornando sonolento.

— Angela, gostaria de festejar essa data de maneira especial.

Aliás, foi o que nos propusemos fazer sempre, não é verdade?

— Eu também gostaria de comemorar este dia. Acho que devemos ir ao L'Âge d'Or, de Nicolai. É um dos lugares que ainda tenho que mostrar a você.

— Está bem, mas antes tomaremos um aperitivo lá no nosso cantinho no Majestic.

— Naturalmente, meu querido.

— E vamos nos preparar de maneira bem chique. Você se vestirá elegantemente para essa comemoração, não é verdade?

— Sabe, o L'Âge d'Or é um local ótimo e muito afamado, mas os frequentadores não costumam vestir-se como para um baile de gala. Achariam ridículo...

— Que achem, ora! É nosso aniversário e nós o comemoraremos como bem entendermos. Fiquei encantado com aquele seu vestido preto, curto, que você comprou na Old England. Vista-o hoje. Coloque também aqueles brincos. Use as suas jóias. Eu também vou vestir o meu *smoking*.

— Mas você realmente quer festejar desse modo?

— Como não! Floje é um grande dia de festa para nós. E se nossos trajes não são apropriados a Nicolai, podemos ir a qualquer outro lugar.

— Ao restaurante de Nicolai, então! — exclamou ela. — E iremos vestidos com o máximo de elegância, como você quer. Vou procurar ficar mais bela...

— Você não pode ficar mais bela do que é.

— Mas acho que devo me pintar um pouquinho.

— Sim. Peço-lhe que você se pinte um pouco. E nada importa que aquela gente nos considere loucos.

— Realmente, pouco importa. E Nicolai compreenderá facilmente a nossa atitude... Logo que ele nos vir... perceberá o que se passa conosco. Robert?

Por causa da minha sonolência, havia deixado cair a cabeça. —

Sim?

— Noto que você está exausto...

— Nem tanto...

— Eu também me sinto um pouco cansada.

Ela levantou-se dizendo:

— Vamos deitar aqui. Dormiremos um pouco para, logo mais à noite, estarmos bem-dispostos.

Atiramo-nos sobre a cama, na qual cabíamos ambos perfeitamente. A fresca brisa que soprava parecia acariciar-nos, dando-nos uma sensação de bem-estar. Eu respirava o perfume da pele bronzeada de Angela. Só então pude perceber o quanto estava cansado.

Angela segredou-me:

— Sabe qual é um dos meus maiores desejos, Robert?

— Qual?

— Não para agora. Só mais tarde. Quando tudo estiver correndo bem conosco. Quando você tiver tempo e não estiver atormentado por preocupação de espécie alguma.

— Mas qual é esse seu desejo?

— Como eu gostaria de fazer uma viagem pelo mundo! ... — Sua voz, nesse instante, parecia-me vir de tão longe! — Viajar num grande navio. Como o *France*, por exemplo. Você não gostaria, também, de fazer uma viagem assim?

— Huuummm...

— Poderiamos partir daqui indo diretamente à África, a fim de conhecermos Casablanca, Cidade do Cabo, Dar-es-Salam. Depois, então, prosseguiriamos até Bombaim, Madrasta, Calcutá, Cingapura, Bangkok. Tenho visto muitos filmes e fotografias dessas cidades e gostaria de conhecê-las. Mas somente acompanhada de você. É esse o grande desejo que tenho. E mesmo que tais viagens pelo mundo custem caro, creio que poderiamos fazê-la...

— Nós a faremos — disse, já quase pegando no sono — e visitaremos todas essas cidades juntos, pois este é o meu desejo também. Eu já conheço muitas delas e mostrarei a você tudo o que há de interessante nelas.

— Oh, Robert! — Ela achegou-se para bem perto de mim. — Hong Kong, Manila, Taipé, Nagasáki, Yokohama, Tóquio...

Não consegui ouvir as últimas palavras com muita clareza ... Estava adormecendo... Sonhando, estava em Dar-es-Salam, na África, pechinchando com um vendedor para que ele baixasse o preço de um colar de pérolas que eu queria comprar para Angela...

No banheiro, ela sentou-se junto a uma pequena mesa sobre a qual havia um espelho de três faces. O espelho recebia a luz indiretamente. Angela usava uma calcinha cor da pele e nada mais. Em poucos minutos ela ajeitou o penteado. Depois começou a maquilar-se levemente, pois eu lhe havia pedido que se pintasse para a nossa festa. Antes havíamos tomado banho juntos. Depois do banho, ela friccionou o corpo com um creme especial que deveria ser retirado imediatamente. Explicou-me que precisava passar aquele creme na pele com muita frequência, pois ficara ao sol durante muito tempo e o ar de Cannes era demasiado seco.

Sentada na frente daquele espelho de três faces, ela limpava o rosto com uma esponja e um tônico para a pele. Sentado, permaneci imóvel ao seu lado.

— Acho que essa demora é irritante para a paciência de um homem — disse-me ela. — Saia daqui e procure ler algo ou vá tomar alguma bebida, Robert.

— Não. Quero ficar aqui contemplando-a.

— Mas isso lhe dá prazer?

— Nunca fiz isso antes com outras pessoas, mas, agora, tenho grande prazer em ficar aqui com você.

Fazendo movimentos circulares com a mão, ela começou a passar no rosto um outro tipo de creme, deixando-o atuar sobre a pele. Executava esse trabalho muito concentrada, mas sem deixar de me observar através do espelho. Não parávamos de nos fitar mesmo quando ela me dava as costas. Depois ela pegou um vidro contendo um óleo especial para *make-up* e começou a passá-lo em camadas uniformes sobre o rosto. Esse óleo era da mesma tonalidade bronzeada da sua pele.

— A cor desse óleo quase não faz contraste com a cor da sua pele, não é?

— É verdade. Tenho vários óleos desse tipo com tonalidades adaptadas ao grau de bronzeamento que o sol provoca na minha pele, conforme você mesmo pode verificar.

Pensei: “Não posso contar a ela que minha perna terá que ser

amputada. Entretanto, mais dia menos dia, terei que lhe contar a verdade. E qual será sua reação? Será que ela procurará consolar-me e ajudar-me? Que farei em tal circunstância? Ficar-lhe agradecido pelas palavras de conforto que ela me disser? Agarrar-me a ela como única tábua de salvação? Mas não seria muito egoísmo da minha parte exigir isso dela? Será que eu deveria desaparecer da sua vida precisamente pelo fato de dedicar-lhe um amor tão intenso? Fugir dela cautelosa, silenciosamente?" Meus pensamentos tão inconstantes oscilavam de um extremo ao outro. Tornei-me subitamente otimista e cheio de esperança novamente. Passei então a refletir que tal atitude não seria absolutamente egoísmo da minha parte, porque só assim não precisaria abandonar Angela. Muito pelo contrário, com tal procedimento eu poderia permanecer com ela. Eu... eu tinha a obrigação...

Nesse instante, Angela pintava as sobrancelhas com um lápis. Ela estava completamente absorvida no seu trabalho. Procurava tornar-se mais bela do que era só para me agradar, para atender ao meu pedido.

Não havia dúvida, portanto, de que por mim ela faria outras coisas mais. Faria tudo o que eu pedisse. Ela me prestaria seu auxílio até que, depois de feita a prótese, eu conseguisse caminhar sozinho.

Contrastando com os pensamentos pessimistas da noite anterior, passei agora a falar comigo mesmo dessa maneira: "Meu velho, foi uma grande felicidade você ter encontrado Angela na sua vida. Com ela você resistirá quando lhe arrancarem a perna. Mas será que depois disso você continuará a ser um homem capacitado e perfeito? Será que tudo vai correr bem depois? Continuará sendo, para uma mulher, um homem de verdade?"

Angela pegou um frasquinho, no qual mergulhou um pequeno pincel, e começou a pintar cuidadosamente o sombreado das pálpebras, dando-lhe uma tonalidade turquesa. "Escolheu essa tonalidade por causa do vestido preto", pensei. "Com outros vestidos, evidentemente ela emprega cores diferentes."

Bem, mas voltando aos meus pensamentos, é claro que, mesmo com uma perna só, continuarei um homem capaz... desde que eu viva com Angela. Por intermédio de Angela.

"Que indivíduo feliz você é, meu velho!"

Com um outro pincelzinho ela traçou sobre as pestanas linhas escuras, estendendo-as, também, para os cantos dos olhos. Sentado perto dela e observando seus movimentos, eu tinha a impressão de estar presenciando a coisa

mais interessante que já vira em minha vida. Uma sensação de calor perpassou-me o peito com o ímpeto de ondas revoltas. Refleti: "Ela terá que me ajudar também a encontrar trabalho. Meu Deus, tudo é tão fácil! Na noite passada tudo me parecia impossível. Que grande idiota você é! O eterno Dilema-Joe". Dilema-Joe é o nome que calha perfeitamente para mim. Como são enormes as possibilidades de encontrar trabalho para um homem nas minhas condições, depois de submeter-me a uma prótese perfeita! Eu falo diversos idiomas. Isso facilita muito, sem dúvida. Posso trabalhar, por exemplo, num escritório de advocacia ou num tabelionato. Angela conhece tanta gente em Cannes. Tenho absoluta certeza de que ela encontrará emprego para mim. E, desse modo, estará eliminado o problema do dinheiro. Ganharei o suficiente para mim, para Angela e também para Karin. Como seria maravilhoso se minha perna fosse amputada sem muita demora a fim de que eu pudesse permanecer em Cannes, não tendo mais necessidade de sair daqui! Este era o nosso maior problema, embora não tivéssemos ainda falado nele.

"Que idiota você é!"

Angela tinha cílios longos e pretos. Nesse instante ela os estava pintando.

Eu poderia permanecer em Cannes para sempre! Junto de Angela! "Ó, grande idiota, não percebe que a enorme avalancha de problemas que parecia rolar sobre você desapareceu bruscamente, como por encanto? Como pode duvidar de Angela? Que grande bênção é o fato de ela encarar tudo com otimismo, podendo, assim, contrapor-se a você, um pessimista tão infeliz que vê tudo através de óculos escuros! Você, o Dilema-Joe."

Lembrei-me, então, das seguintes palavras que ela me dissera numa dessas nossas conversas noturnas por telefone, ao manifestarmos um certo temor pelo nosso futuro: "Sempre adotei em minha vida o seguinte lema: ESPERAR SEMPRE QUE OS FATOS ACONTEÇAM... "

Esta seria a maneira mais acertada de pensar. Só que eu jamais teria força e coragem para pensar desse modo. Entretanto, com ela ao meu lado...

Angela, agora, usava um batom cor de laranja. Ela traçava o contorno da linha dos lábios com precisão e bem devagarinho, retocando-a levemente. Nunca, em minha vida, fiqueí tão sensibilizado como agora, contemplando esse corpo de mulher, com o busto saliente e de aparência tão delicada. E que encanto era a sua cabecinha com os cabelos louros!

Depois de ter pintado os lábios, Angela levantou-se e passou pelo corpo um pouco de perfume, que ela tirou de uma caixa de papelão na qual havia muitos outros frasquinhos.

— Sabe que desde que cheguei a Cannes nunca mais comprei perfumes? Nessas recepções de gala, diversas firmas dão de presente às damas vidros de perfume. Aos cavalheiros elas presenteiam outras coisas. Por que eu iria comprar perfumes? Como você vê, nem posso gastar todos os vidros que me foram presenteados. Não é bom este perfume? — Ela estendeu-me o braço.

— Magnífico! — exclamei, inclinando-me para ela e beijando-lhe o bico dos seios.

— Oh... Quem sabe você quer que fiquemos em casa, Robert?

— Não. Eu quero fazer a nossa comemoração!

— Então, não faça assim... Você bem sabe como eu fico... E não passe a mão na minha nuca nem nas minhas costas, pois já lhe disse que me excito com muita facilidade. Ajude-me a ajeitar o vestido.

O sutiã achava-se costurado no próprio vestido. Segurei o vestido e Angela entrou nele. Depois ambos o levantamos com jeito e eu puxei o zíper para fechá-lo. Sobre a cama estavam os brincos de brilhantes que eu havia presenteado a Angela. Viam-se ali, também, a aliança, um brilhante branco pertencente a ela, engastado num anel de platina, e uma pequena pulseira de brilhantes. Nessa noite ela usou todas essas jóias.

Depois, então, sentou-se mais uma vez e começou a pintar as unhas com um esmalte da mesma cor do batom.

— Eu sempre deixo a pintura das unhas para o fim. Elas secam rapidamente. Por favor, enquanto termino isso, pegue os documentos do carro.

O Mercedes, que havia sido levado para a oficina, lhe fora entregue na tarde desse dia e se encontrava estacionado na frente do edifício. Já eram quase sete horas. Angela, na minha frente, revoluteava lentamente, exibindo o lindo vestido de seda, comprido até os joelhos, guarnecido de pregas e com a gola fechada, da qual despontavam o pescoço e a cabecinha como se estivessem emergindo de um cálice.

— Estou bastante linda para você?

Só pude responder meneando a cabeça, pois não conseguia falar.

— Por favor, feche a porta do terraço.

Fechei a porta e eis que os pensamentos começaram a me assaltar de novo: “Sim, ela é a sua salvação, meu velho. Ela o ajudará e seu amor por você aumentará cada vez mais”.

De repente fiquei imóvel, com a mão no trinco da porta, como que estarrecido. E se meus pensamentos estivessem errados? E se tudo acontecer exatamente como imaginei na noite passada?

19

O carro rodava para o Majestic. Como sempre, eu ia sentado ao lado de Angela, que estava ao volante. Meu coração palpitava ante a contemplação de tamanha beleza. Atingimos a Croisette. O sol ainda ofuscava a visão. A essa hora, encontrava-se exatamente sobre o monte Esterel. Inopinadamente veio-me à lembrança o poema que Angela havia lido para mim aquela noite. Como era mesmo que começava o poema? — . .completamente livre do selvagem apego à vida, de temores e de esperanças..."

Livre de temores e de esperanças!

Louvado seja quem é livre dessas coisas! Não sou um desses felizardos. Vivo perseguido por esperanças, temores e um selvagem apego à vida. E o meu futuro, que pouco antes, enquanto eu observava Angela pintar-se e preparar-se, me parecia tão róseo, voltava a parecer-me, agora, completamente obscuro e impenetrável. De um momento para outro invadiu-me uma profunda tristeza.

— Em que é que você está pensando, queridinho?

— Em você, Angela — respondi-lhe.

— Você está feliz?

— Sim, estou muito feliz.

Enquanto Angela conversava em frente ao Majestic com Serge, o chefe da garagem, e se dirigia depois à nossa mesa naquele cantinho do terraço para pedir champanha, entrei no *hall.* Não havia nenhum recado para mim. Ainda bem. Subi até o meu quarto e vesti rapidamente o *smoking*. Depois tirei algo da gaveta do meio, na minha escrivaninha. Desci logo em seguida e dirigi-me ao terraço do hotel, que, como sempre acontecia a essa hora, já se encontrava repleto de pessoas alegres. Sentei-me ao lado de Angela. O *nosso* garçom abriu a garrafa de champanha e Angela convidou-o a beber um copo conosco.

— Estamos comemorando hoje uma grande data — disse ela.

O garçom, que se chamava Robert, foi buscar um copo e, depois que acabei de enchê-lo, ele o levantou em saudação, dizendo: — Bebo à saúde e à felicidade dos senhores, madame e *monsieur*! Os senhores são... perdoem-me a liberdade que tomo em falar-lhes desse modo... um par ideal.

— Obrigado — disse eu.

— Eu não sou a única pessoa que diz isso — emendou meu xará.

— Quem mais disse isso?

— Muitos senhores e senhoras que têm visto *monsieur* e *madame* frequentemente juntos aqui neste hotel.

Ele esvaziou o copo, inclinou-se respeitosamente e saiu.

— Somos um par ideal — disse Angela. — Finalmente você mesmo acabou de ouvir essa afirmação.

— É verdade. E isso foi dito por muita gente que nos viu juntos.

— Mas somos de fato um par ideal, Robert. Ou você acha que não? Eu me sinto orgulhosa de você. Você fica muito bem com esse *smoking*. Beije-me.

Inclinei-me para o seu lado e ficamos nos beijando durante um bom tempo, mesmo estando na presença de toda aquela gente. Ninguém estava nos observando. A única pessoa que lançou o olhar para nós sorriu-nos amavelmente. Que país extraordinário é a França!

— Por ser hoje o dia do nosso aniversário — disse Angela, enquanto remexia na bolsa —, você vai receber um presente também. Já faz alguns dias que o comprei... Mas depois fiquei com um terrível medo de que tudo estivesse acabado entre nós. Então que deveria eu fazer com esse presente? — Ela tirou da bolsa um pacotinho, que me entregou. Desenrolei o papel de seda e uma correntinha dourada, de comprimento regular, surgiu diante dos meus olhos. Presa à correntinha havia uma moeda de ouro. Propriamente falando, não era uma única moeda, mas sim duas, unidas pelos respectivos reversos. Num lado via-se o signo de Leão e no outro o de Aquário.

Angela pertencia ao signo de Leão e eu ao de Aquário.

— Agradeço-lhe, Angela.

— Você gostou?

— Muito.

— Eu o comprei quando você ainda se encontrava na Alemanha.

Foi *Monsieur* Quémard, da Van Cleef, quem me vendeu.

— Ah, sim, o bom *Monsieur* Quémard — disse eu, tirando por meu turno também um pacotinho do bolso do casaco do meu *smoking*.

— Aqui está o meu presente para você, Angela.

Ela retirou o papel e ficou segurando na mão também uma correntinha de comprimento regular na qual estavam presas duas moedas de ouro igualmente unidas pelos seus reversos. Um lado apresentava o signo de Leão e o outro o de Aquário.

— Nós estamos...

— ...nos oferecendo o mesmo presente. Eu também estive na joalheria de *Monsieur* Quémard. Foi logo após o meu regresso da Alemanha. Escolhi esse presente para você. *Monsieur* Quémard não disse uma palavra que pudesse trair o segredo da compra que você fez.

— Ele é um homem de caráter.

— E muito discreto.

— Um homem magnífico, não há dúvida — concluiu Angela.

Ela colocou seus braços em torno do meu pescoço e beijou-me novamente. Meu pé esquerdo começou a doer um pouco.

Meu Deus, não permitas que hoje me apareça essa dor!

Angela ergueu o copo dizendo:

— Ao nosso futuro! Que continuemos a nos amar tanto como estamos nos amando agora!

Bebemos. Robert, o garçom, aproximou-se da mesa e encheu de novo os nossos copos. Depois que ele saiu Angela disse:

— Cada um de nós tem agora um presente igualzinho ao do outro. Andarei com essa correntinha sempre pendurada no pescoço. Só vou tirá-la quando tiver que usar vestidos decotados.

— Eu também a usarei sempre. Mas qual é a minha e qual é a sua?

— Já as pegamos tantas vezes que nem sabemos qual foi a que você me presenteou e qual a que eu comprei para você. E isso é muito bom. Significa que nossas almas são tão semelhantes como os nossos presentes. Para mim não importa qual delas eu deva usar.

Ela passou por cima da minha cabeça uma das correntinhas, que enfiei por baixo do colarinho da camisa. As duas moedas unidas ficaram à altura do meu peito.

— Tomei o cuidado de ajeitar a moeda de modo que ela caísse com o signo de Leão virado para o seu coração — disse Angela. — E coloque agora a minha de modo que o signo de Aquário caia virado para o meu coração.

Fiz conforme ela mandou. A dor no meu pé estava aumentando.

— *Happy birthday to you, darling!* — exclamou Angela.

— *And a very happy birthday to you, darling* — disse eu.

— Você está com fome?

— Estou com uma fome danada.

— Então vamos logo ao restaurante de Nicolai. Ah, espere. Pegue o seu copo.

Derramamos, então, sobre o azulejo do terraço os restos de bebida que se encontravam nos copos.

— É para os deuses sedentos que vivem debaixo da terra — disse ela.

Serge, vendo que nos aprestávamos para sair, foi buscar o Mercedes, que se encontrava na garagem.

Enquanto ele conversava com Angela, engoli rapidamente dois comprimidos do meu remédio.

O sol já havia desaparecido atrás do monte Esterel. O céu ali parecia de ouro incandescente, ao passo que nas bandas do nascente ele se apresentava límpido e claro.

O L'Âge d'Or ficava localizado na Rue des Frères, que era um beco muito íngreme. Tratava-se de uma construção antiquissima. Salas bem espaçosas e teto baixo. Nos corredores e passagens o teto apresentava-se com a forma arqueada. Essa edificação servira outrora para um convento. Nos fundos via-se um grande jardim. Nas noites de verão, quando o calor é intenso, os fregueses são atendidos também lá fora, a céu aberto, disse-me Angela.

Penetramos naquele amplo salão em cujas paredes pintadas de branco achavam-se pendurados pratos de estanho, frigideiras e elmos de cavaleiros. Um indivíduo alegre, com porte de gigante, aproximou-se de nós com os braços estendidos. Cumprimentou Angela, que fez a nossa apresentação:

— Robert, este é Nicolai. Nicolai, aqui está o meu futuro marido.

— Já ouvi dizer que a senhora pretende casar-se, Madame Delpierre.

Nicolai usava uma camisa branca com a gola aberta e estava de mangas arregaçadas. Um avental vermelho achava-se amarrado à sua cintura. Tudo nele era de grandes proporções: as mãos, os braços, a cabeça, o rosto, os olhos, a boca.

— Mas quem foi que lhe disse que eu pretendia casar-me? — perguntou Angela.

— Já não me lembro mais. São tantas as pessoas que vêm aqui, que é impossível lembrar-me de todas. *Monsieur* Lucas, meus sinceros votos de felicidade!

— Obrigado, *Monsieur* Nicolai.

— *Monsieur*, não. Nicolai. Meus amigos chamam-me somente de Nicolai. *Madame* Delpierre ama o senhor. E ela me chama simplesmente de Nicolai porque somos amigos. E agora também nós somos amigos, *monsieur*.

Ele conduziu-nos a uma mesa colocada num canto do salão, sobre a qual estava estendida uma toalha vermelha de linho; em cima dela havia um vaso com rosas. Em cima de cada mesa do salão havia um candelabro no qual ardiam três velas. O ambiente era fresco e agradável.

— Veja, Nicolai — disse Angela, mostrando-lhe a aliança no dedo.

— Oh! — exclamou ele.

Angela começou a alisar minha face. Meu pé já não doía mais.

— Eu mesmo vou trazer a bebida. E não adianta retrucar, *monsieur*! Que é que os senhores querem beber? Vinho? Champanha?

— Champanha — respondeu Angela.

— E para a senhora a horta, como de costume, Madame Delpierre? — interrogou o alegre dono do restaurante.

— Sim, como sempre — confirmou Angela. — Nicolai é um cozinheiro magnífico. Você está vendo aquele fogão lá do outro lado?

Via-se no local para onde Angela apontava um enorme fogão aberto, com a forma de uma semi-esfera, que chame j a va.

— É ali que Nicolai assa a carne — disse ela. — O assado que ele faz é extraordinário. Ele prepara, também, um ótimo folheado de maçãs. Você tem que provar essas duas coisas.

— Sem dúvida, com prazer — disse.

— Como é que o senhor quer a carne, *monsieur*? No ponto ou passada? — perguntou-me Nicolai.

— No ponto — respondi-lhe.

— Voltarei logo trazendo o champanha — disse o sorridente gigante, dando-me umas palmadinhas nas costas. — *Monsieur* conquistou a melhor mulher do mundo!

— Eu sei — respondi-lhe.

Ele saiu.

— Mas que significa “a horta”? — perguntei a Angela.

— Daqui a pouco você saberá. Eu tenho uma novidade para você. Eu o amo, Robert!

Notei que Nicolai, postado atrás de uma espécie de barzinho de pedra, colocava discos na vitrola. Imediatamente soou a doce música de um

violino acompanhando uma grande orquestra.

— O sogro de Nicolai é um violinista muito afamado aqui na França. Ele se chama Grapelly — disse-me Angela. — Como ele toca bem, você não acha?

— É verdade.

— Nicolai é romano, sabe? Você mesmo pode notar o sotaque dele. Acho que foi em 1955'que ele veio para a França.

Meus olhos já tinham se acostumado à luz das velas. Percebi que os outros frequentadores do restaurante usavam simples trajes de passeio. Contudo, ninguém se preocupava em observar-nos. Nesse momento, penetraram no salão um homem e uma mulher, avançando na direção da nossa mesa. Reconheci o homem: era o Dr. Joubert, do Hôpital des Broussailles. Por que não poderia também o Dr. Joubert, nas suas noites livres, jantar no L'Âge d'Or?

Ele também reconheceu-me e parou. Notei que Angela ficou surpresa com a parada do médico. Entretanto, eu não podia fazer nada em tal circunstância, por isso levantei-me.

Ele aproximou-se da nossa mesa com a sua companheira, uma senhora baixinha, de aspecto amável.

— Boa noite, Dr. Joubert! — disse eu.

— Boa noite, *Monsieur* Lucas!

Fiz a nossa apresentação.

A mulher que o acompanhava era sua esposa.

Passei a explicar a Angela a razão do nosso conhecimento:

— O Dr. Joubert tratou de mim ontem.

— Onde? — interrogou-me Angela com os olhos arregalados.

— No Hôpital des Broussailles — respondi-lhe.

Expliquei, então, que no carro de Gaston Tilmant eu havia sofrido uma pequena indisposição. Tilmant assustou-se e levou-me ao hospital, onde o Dr. Joubert me tratou.

— Mas por que você não me disse isso antes? — perguntou-me Angela, muito preocupada.

— Não era coisa que valesse a pena comentar, não é verdade, doutor?

— Claro, claro — confirmou ele sorrindo.

— Mas que foi que você teve, Robert?

— Um pequeno distúrbio da circulação sem grande importância. Deve ter sido porque andei muito ao sol e fiz muito esforço. Mas depois de ter tomado uma injeção e de ter ficado deitado durante duas horas, fiquei completamente restabelecido.

— Realmente? — perguntou Angela ao médico.

— Realmente, *madame*. Como está passando agora, *Monsieur* Lucas?

O violino do sogro de Nicolai executava nesse instante uma melodia suave e triste.

— Sinto-me com excelente disposição, Dr. Joubert.

— Alegro-me com isso.

— E estou fazendo conforme o senhor me recomendou: cuido-me e evito apanhar muito sol.

— Ótimo! — disse Joubert. — Se acontecer algo ou se o senhor sentir-se mal novamente, já sabe onde poderá encontrar-me.

Ele inclinou-se diante de Angela e sua mulher fez um aceno com a cabeça. Em seguida retiraram-se ambos, indo para uma mesa distanciada da nossa, no outro canto do salão.

Angela encarou-me.

— Então você esteve no hospital?

— Não fique tão assustada assim! Eu estava na verdade muito nervoso, por causa daquele nosso desentendimento. Mas tive apenas uma pequena indisposição. Você mesma ouviu o médico declarar isso.

— Mas realmente não foi nada mais do que isso?

— Nada mais do que isso, Angela.

O violino continuava tocando...

— Ah, seu pé! — exclamou ela. — Foi o seu pé. E o seu coração.

— Não! — retruquei-lhe. — Não foi meu pé nem meu coração, Angela.

— Não acredito em você. — Ela parecia estar fora de si. — Você não quer me deixar assustada. Você não se lembra como sentiu-se mal naquele dia em que estávamos passeando na ilha de Saint-Honorat? E não se lembra de

que me havia jurado que iria procurar um especialista?

Respondi-lhe logo, sem titubear:

— Pois então posso acalmar você agora: cumpri o meu juramento.

— Quando?

— Ontem mesmo. Lá no hospital. Com o Dr. Joubert. Por coincidência, ele é o especialista que trata de distúrbios circulatórios.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que ele me fez um exame completo.

— E daí?

— E daí ele verificou que eu não tinha nada. Apenas, como já disse, um pequeno problema circulatório. Os comprimidos que eu trouxe da Alemanha são especialmente indicados para o meu caso. Devo tomá-los e deixar de fumar. Com isso, a dor no meu pé desaparecerá. Você mesma ouviu a opinião de um especialista. Satisfeita?

— Não! — respondeu-me ela, de maneira incisiva. — Por que você não me falou antes sobre esse exame médico?

— Eu ia falar. Agora, na hora do jantar. Era a grande surpresa que eu tinha para você. Era...

Ela não estava mais prestando atenção às minhas palavras. Levantou-se bruscamente e dirigiu-se à mesa onde estava sentado o Dr. Joubert.

O médico levantou-se eu fiquei observando como Angela conversava com ele. Ela parecia insistir, suplicar. Santo Deus! A conversa deles parecia não ter mais fim. Eu não estava aguentando mais. Estava fazendo menção de levantar-me a fim de ir para junto deles, quando notei que ela se despedia do médico e voltava para a nossa mesa. Tentei ler na expressão do seu semblante o que ela ficara sabendo, mas seu rosto parecia estar vazio de expressão. Ela caminhava olhando para o chão.

Quando chegou, levantei-me, e depois sentamo-nos. Angela contemplava as chamas das velas.

— E então? — perguntei-lhe.

Não me deu resposta.

— Angela, que foi que ele disse a você?

Ela começou a falar parecendo estar cochichando:

— Ele disse exatamente a mesma coisa que você me havia dito. O mal que você teve não é perigoso. Foi apenas um distúrbio circulatório e nada mais. E com seu coração nada há de anormal.

Eu te agradeço, ó Deus!

— Mas por que, então, você está com essa cara?

Ela pegou a minha mão e apertou-a contra a sua face. Depois começou a falar como que murmurando:

— Eu... eu preciso antes acalmar-me. Tive medo... Um medo horrível, Robert...

— De quê?

— De que você me estivesse mentindo para não me deixar nervosa e de que, na realidade, sua doença fosse muito grave. Tão grave que seria... seria preciso...

— Seria preciso o quê?

— Que seria preciso... que talvez houvesse necessidade de amputar o seu pé... ou até mesmo a sua perna...

— Sua voz, agora, tornou-se quase inaudível. — Mas agora acredito que não há nenhum perigo. Agora estou sossegada. Você não mentiu. Agora tudo está bem.

— Sim... Agora tudo está bem...

Uma garçonete jovem e bela trazia um grande cesto cheio de verduras. Havia raminhos de aipo, pepinos, tomates, cebolinhas com os talos, variados tipos de saladas, alcachofras, além de algumas hortaliças que eu desconhecia. Para acompanhar tudo isso ela trazia também ovos duros e uma boa quantidade de tempero, molho e coalhada feita em casa.

— É isso que costuma comer?

— E com um prazer extraordinário! Agora você compreende o que significa a horta. Nicolai cobra invariavelmente um preço único por refeição, não importando a quantidade que você peça ou coma.

A linda garçonete trouxe uma garrafa de champanha e encheu nossos copos.

Nicolai estava de pé na frente do fogão. As labaredas davam ao seu rosto um aspecto mágico. Nesse momento ele segurava, com habilidade e destreza, o comprido cabo de uma assadeira, sobre cuja chapa de ferro havia colocado o pedaço de carne que me deveria ser servido. Depois de assada a carne, ele mesmo a trouxe para a nossa mesa. Era um indivíduo magnífico e eu o elogiei dizendo isso na sua presença. Enquanto comíamos — eu, a minha carne assada, e Angela, as suas verduras —, ele ficou sentado à nossa mesa. Depois foi buscar outra garrafa de champanha e bebeu também. Então, passou a contar-nos que ele, ultimamente, vinha sempre ganhando no jogo de roleta, lá no cassino. Pela conversa depreendi que ele era um apaixonado jogador de roleta. À noite, depois de fechar o restaurante, ele muda de roupa e vai imediatamente para o cassino a fim de entregar-se ao vício. Ele insistia em explicar-me um método seu para jogar, que era infalível. Eu o ouvia com grande atenção, muito embora soubesse que para o jogo de roleta não existe nenhum método ou sistema possível. Todavia, Nicolai acreditava no seu método. E nós também não acreditamos quase sempre em algo, não importando se este algo existe ou não, se é possível ou impossível? E poderiamos viver se não procedéssemos assim?

Depois dessa conversa, Nicolai levantou-se e foi preparar o folheado de maçã, para Angela e para mim. Tratava-se realmente de um ótimo folheado. Tão bom assim eu ainda não havia experimentado em nenhuma outra parte. Nicolai voltou novamente a sentar-se conosco. Ele também bebia champanha. Demonstrou sua satisfação pelo fato de eu ter gostado do seu folheado de maçãs. Que felicidade seria poder viver num país como a França, onde as pessoas levam em tanta consideração o amor, a boa comida e a

amizade! Esvaziamos ainda uma terceira garrafa de champanha. Angela já estava levemente embriagada. E eu também.

— Os senhores parecem estar muito felizes — disse Nicolai. — *Madame* hoje tem um aspecto mais jovial e mais lindo do que tinha quando a vi da última vez. É amor, naturalmente.

— Sim, Nicolai — respondeu-lhe Angela, enquanto apertava minha mão. — É o amor.

Ela dirigia o carro com uma velocidade um tanto excessiva, mas com muita segurança, fazendo-o rodar através de uma estrada bem larga. No lado esquerdo da estrada viam-se cercas contornando diversas obras em construção.

— Sabe, estão querendo, agora, tornar todo o leito da via férrea subterrâneo — disse-me ela. — E também pretendem construir uma nova estação ferroviária. A estação velha é uma vergonha para esta cidade. É um verdadeiro caixão que foi construído no século passado. Agora vai aparecer aqui um gigantesco buraco para essas obras e a gente só poderá atingir o leito ferroviário através de um túnel. Desse modo, dentro de dez ou vinte anos todos os trabalhos estarão concluídos. Opa!

— O que foi?

— Hum... Você não notou nada?

— Não.

— Então o champanha já subiu à sua cabeça...

— Assim me parece. Mas que significa esse "Opa"?

— Nada de especial. É que eu só chego aos cruzamentos quando o sinal está vermelho. — O carro rodava na direção de La' Californie. — Você tem dinheiro na carteira?

— Sim.

— Quanto?

— Uns mil e quinhentos francos.

— Ótimo! — exclamou ela, e logo percebi para onde ela estava se dirigindo: à nossa igrejinha no Boulevard Alexandre III.

Estacionou o carro novamente debaixo daquelas lindas árvores antigas. Em seguida caminhamos até a porta da igreja, que estava fechada. Havia, pendurada na porta, uma caixinha, na qual estava escrito: "Para os nossos pobres". Juntei todo o dinheiro que pude encontrar nos meus bolsos: mil seiscentos e cinquenta francos, que entreguei a Angela. Ela enfiou tudo na

caixinha.

Sem mais demora voltamos ao local onde estava estacionado o carro, já resolvidos a seguir dali diretamente ao apartamento de Angela. Quando chegamos à passagem da estação ferroviária, o portão estava fechado. Angela teve que buzinar duas vezes antes que ele fosse aberto, pois o homem encarregado do serviço estava dormindo na sua guarita. Logo que o carro arrancou, Angela acenou-lhe e ele correspondeu ao aceno.

Em casa, Angela tratou logo de tirar todas as jóias, inclusive a aliança e a correntinha com as duas moedas juntas. Tirou também o lindo vestido e vestiu um robe. Tirei o casaco e desfiz o nó da gravata, afrouxando o colarinho. Já passava um pouco da meia-noite.

Angela tirou da geladeira mais uma garrafa de champanha. Abrimos novamente a porta do terraço. A essa hora já estava soprando a brisa fresca da noite. Angela trouxe um candelabro de seis braços e colocou-o sobre uma mesa perto da janela, através da qual ficamos contemplando a cidade. Acendeu todas as velas do candelabro e desligou a luz elétrica. Depois foi buscar no quarto o rádio transistor e sintonizou uma estação alemã que no momento estava transmitindo um jazz sentimental e suave.

Sentados no sofá, bem agarradinhos, sorvíamos o champanha e contemplávamos o mar e a cidade de Cannes. Notamos que lá embaixo umas luzes se aproximaram de outras e depois se distanciaram novamente. Eram dois navios que haviam passado um pelo outro.

— Até parece ridículo — disse, depois de termos ficado em silêncio durante um certo tempo.

— Ridículo o quê?

— Exatamente neste momento me ocorreu a ideia de que, por estranho que pareça, quase nada sei acerca da sua vida.

Ela fitou-me com o olhar enviesado.

— Você está com ciúmes? Alegro-me com isso!

— Não, não tenho ciúmes. Apenas...

— Compreendo — disse ela. — Aliás, eu já quis lhe contar tudo sobre minha vida, mas você não se dispôs a ouvir-me. Quer que eu conte agora?

— Conte, por favor.

— Muito bem. Você tem mesmo o direito de saber tudo...

— Mas se você não quiser, não precisa contar...

— Ora, é claro que quero! Eu sempre quis.

Ela passou, então, a me falar dos casinhos que teve na sua vida com alguns homens, procurando conscienciosamente mencioná-los todos sem omitir nenhum. Citou uns oito ou nove indivíduos. Realmente não eram muitos para uma mulher da sua idade e da sua aparência. Ela falava baixinho, apoiando a cabeça nos meus ombros. Por duas vezes chegou a cochilar um pouquinho, mas despertava logo e prosseguia no seu relato. Ao que me pareceu, ela teve os seus romances só com homens distintos, até que lhe apareceu um que lhe roubou dinheiro, e um outro que assumiu o compromisso de casar-se com ela, mas que já era casado. Eu mesmo odiava este último indivíduo porque foi por causa dele que Angela tentara suicidar-se.

— Sabe, Robert... e fatos assim você conhece também... às vezes a gente encontra homens distintos com os quais a gente se entende perfeitamente e julga tratar-se de amor. Mas, depois de decorrido algum tempo, percebe-se que tudo não passa de uma simples sugestão. Não é assim que às vezes acontece também aos homens com relação às mulheres?

— Exatamente da mesma forma.

— A gente quase sempre procura convencer-se de que é amor, embora sabendo de antemão que é só sexo e prazer, não é?

— É verdade.

— O gozo na cama e nada mais! Depois que o caso passa, a gente se considera simplesmente bons amigos. Ah, mas escute! Houve também na minha vida um tal Harry. Meu encontro com ele deu-se certa vez quando eu viajava de trem de Ostende a Paris...

Angela passou a contar tudo minuciosamente. Não parava de falar. Eu prestava atenção às suas palavras, mas não sentia ciúmes, pois tinha a absoluta convicção de que ela não dedicara a nenhum desses indivíduos o mesmo amor que me vinha dedicando. Da mesma forma, eu tinha certeza de que jamais havia amado outra mulher com um amor tão intenso como o que lhe dedicava. Quanto a mim, essa circunstância era bem fácil de se compreender: na verdade,

até então, eu nunca havia amado mulher alguma.

Soava a melodia lenta do jazz. O céu, nas bandas do nascente, começava a ficar claro. As horas fugiam. O sol, que começava a despontar no horizonte, parecia emergir do próprio mar.

Fazia um bom tempo que estávamos calados, sentados um ao lado do outro, contemplando a cidade e o mar. Inclinei-me para o lado dela e cochichei-lhe ao ouvido:

— Agora venha, Angela.

Beijei suas pálpebras.

Uma hora mais tarde ela estava dormindo nos meus braços. Postado de lado, fiquei contemplando-a, como já era do meu hábito. Observando-a de perfil, seu rosto parecia o de uma madona. Rosto calmo e sereno, que irradiava paz. Permaneci contemplando-a até que a luz do sol penetrou no quarto através das venezianas inclinadas. Eu ouvia o barulho dos trens.

Curd Jurgens contava casos fazendo uma grande encenação com gestos expansivos. Elizabeth Taylor, Richard Burton e as outras pessoas que estavam sentadas na mesa de Curd Jurgens riam a bandeiras despregadas. Numa outra mesa localizada mais adiante, o exilado rei dá Grécia e sua mulher conversavam com a Begum e com uma jovem dama. Na outra extremidade do terraço, Henry Kissinger, o conselheiro do presidente norte-americano, palestrava ani*madame*nte com uns homens que, calados, o escutavam com muita atenção. Toda essa gente estava sentada no terraço aberto, na borda do rochedo que ficava embaixo do Restaurante Eden Roc. Plavia ali muitos terraços e todos eles estavam repletos de gente, nessa hora da tarde em que o sol ia quase descambando. Lá fora, na enseada, achavam-se ancorados diversos iates. Eu e o casal Athanasios e Melina Tenedos tínhamos a nossa mesa no terraço superior. Como todas as pessoas que ali se encontravam, nós também tomávamos o nosso aperitivo. Eu havia solicitado a Tenedos uma entre vista e ele me propôs que fôssemos no seu Rolls-Royce de Cannes a Cap d'Antibes a fim de, nessa tarde, jantarmos no Eden Roc. Na realidade, quem fez essa proposta foi sua esposa, a mulher com rosto de boneca.

— Iremos a qualquer lugar. Aqui em casa é muito perigoso. O senhor bem sabe por quê, *Monsieur* Lucas.

Conversamos pelo telefone. Melina e Athanasios falavam comigo alternadamente. Eu havia telefonado do apartamento de Angela.

— Sim, sei — confirmei. — É por causa da criadagem. Os senhores têm medo daquele sujeito, Vittorio, o maoísta.

— Cuidado! Ele pode estar ouvindo nossa conversa. Como já lhe disse, aqui em casa não podemos receber ninguém. Parece ridículo, mas é realmente um perigo receber as pessoas aqui. Além do mais, suponho que o senhor deseja tratar conosco assuntos de negócio e Vittorio poderá ficar nos espreitando. Não, não e não! Terminantemente, aqui não dá — disse Melina com aquela sua voz de mulher tagarela. — Onde nosso chofer poderá encontrá-lo?

— No Majestic.

Eu ainda estava trajando o *smoking* e tinha que mudar de roupa.

— Muito bem. Depois, então, resolveremos para onde ir. Mas só poderemos sair de tarde. Às quatro horas, está bem?

— Às quatro horas — confirmei.

— E o senhor poderá usar um traje leve, *Monsieur* Lucas — disse Melina Tenedos. — Nós também sempre vamos assim. E desse jeito é mais seguro, não há tanto perigo.

— É verdade, *madame* — respondi-lhe.

— Eles, esses pobres multimilionários, têm um medo horrível dos seus criados — disse-me Angela, depois que coloquei o fone no gancho. Ela escutara toda a conversa na extensão.

Havíamos ficado durante muito tempo deitados na cama. Por fim, eu também consegui dormir um pouquinho. Depois nos levantamos e almoçamos ao meio-dia. Nessa tarde, Angela teria que trabalhar. Combinamos que, depois de terminada a minha entrevista, eu voltaria ao seu apartamento, mesmo que fosse tarde da noite. Ela queria passar a noite comigo e era isso mesmo o que eu também desejava. Quando saí, fizemos as nossas despedidas como se eu tivesse de me ausentar por uma eternidade. Nós nos beijamos e ela acompanhou-me até o elevador. Permaneceu ao meu lado com o semblante triste até que entrei no elevador. Fui ao Majestic de táxi. Lá ninguém se importou pelo fato de eu estar trajando *smoking* a essa hora do dia. Aliás, nessa cidade, habitualmente ninguém se preocupa com o que os outros fazem e disso eu tive uma prova cabal ao pedir ao chefe da portaria que enviasse ao apartamento de Angela uma das minhas malas, na qual eu iria colocar minhas roupas. Expliquei-lhe que dali por diante eu passaria a maior parte do tempo no apartamento de *Madame* Delpierre, mas que o quarto no hotel continuaria sob a minha responsabilidade, evidentemente. Pedi-lhe que me procurasse naquele endereço na hipótese de aparecer algum recado, telegrama ou telefonema para mim. Perguntei-lhe se isso seria possível e, na verdade, fiquei encabulado ao fazer-lhe tal pedido.

— Mas certamente, *monsieur*! — respondeu-me o chefe da portaria, solícito e com um amplo sorriso nos lábios. — O senhor está gostando de Cannes, não é, *monsieur*?

— Muito.

— Alegro-me com isso.

Depois, subi até meu quarto. Tomei um banho. Vesti somente calça e camisa e calcei um par de sapatos leves. Em seguida preparei a mala, enchendo-a com roupas. Um carregador veio buscá-la. Ele já tinha conhecimento do lugar para onde deveria levá-la. Dei-lhe uma gorjeta e, logo

que ele saiu, tive a impressão de que com essa pequena mudança parcial eu estava me aproximando um pouco mais de Angela.

O chofer de Tenedos apareceu pontualmente. Quando ele chegou, eu me encontrava sentado sozinho no nosso cantinho no terraço do hotel, tomando gim-tônica e pensando em Angela. Eu estava sempre na expectativa de que a qualquer momento pudesse aparecer aquela dor no meu pé, mas felizmente ela não veio.

O chofer usava um uniforme bege. Conduziu-me à *villa* dos Tenedos. O casal já estava me esperando no parque. Athanasios, com aquela cabeça em forma de cubo que se assentava sobre os ombros sem deixar vestígio de pescoço, trazia à minha lembrança a figura de Gustav Brandenburg. Ele também só usava calça e camisa e sua mulher trajava um vestido colorido barato, próprio para o verão. Foi assim que se apresentou na minha frente um dos maiores armadores do mundo, acompanhado da esposa.

Desci do carro e beijei a mão de Melina. Ela começou a casquinar e, sempre conservando aquele seu riso abafado de criança, disse-me que escolhera o Eden Roc.

— Lá finalmente poderemos jantar em paz, comendo o que bem nos apetecer. — Ela falava inglês. — O chofer é italiano e não compreende uma palavra de inglês.

Foi desse modo que se ensejou a oportunidade de nos encontrarmos, agora, no terraço superior do Restaurante Eden Roc. Melina, que parecia fortemente impressionada com o grande número de pessoas ricas e famosas ali reunidas excepcionalmente nesse dia, chamou-me a atenção para o fato.

— Lá embaixo, naquela mesa dos fundos, está sentado Juan Carlos, o pretendente ao trono espanhol. As outras pessoas da sua mesa são condes, barões, príncipes, princesas e condessas.

— Ah, sim! — exclamei.

— E lá no outro lado, aqueles homens que estão fumando são americanos. Industriais do aço. Conheço dois deles.

Tenedos acenou-lhes e os dois homens corresponderam ao aceno.

— Veja como nos conhecemos — disse Athanasios com orgulho.

— Mas o senhor tem uma falsa impressão de nós, *Monsieur* Lucas.

— Como assim?

— O senhor nos considera uns arrivistas, não é verdade?

— Por favor...

— É evidente que essa é a ideia que o senhor faz de nós — disse Melina, retomando o fio da conversa e movendo as pestanas.

Tenedos prosseguiu:

— Em Atenas eu comecei a minha vida como engraxate. O senhor não sabia disso?

— Não, eu não sabia.

Na água profundamente azulada da baía formavam-se estrias douradas.

— Mas Vittorio sabe. E" apesar disso, ele vê em mim um inimigo mortal. Nós todos temos a mesma chance na vida. Eu não tenho culpa se ele não soube fazer uso da sua. Tudo depende do destino. Poderia ter acontecido de ele estar aqui sentado conversando com o senhor, como um grande proprietário de navios, sendo eu o seu criado.

— Hoje eu só quero comer caviar — disse Melina. —

Vou comer caviar até estourar. E só quero beber Roederer. Pelo menos aqui podemos comer sem medo.

— Antes tomaremos um aperitivo — disse seu marido. — *Monsieur* Lucas tem algumas perguntas a fazer-me. Elas poderiam ser feitas antes do jantar. Que acha, *monsieur*?

Passei então a relatar a Tenedos — como já havia feito antes a Thorwell — tudo o que Seeberg me dissera. Ambos escutaram-me com muita atenção. Por fim Tenedos disse:

— Eu e Melina achamos que Hellmann foi assassinado.

— Mr. Thorwell pensa da mesma maneira.

— Mas note o senhor que ele não foi assassinado por nenhuma das pessoas do nosso círculo, ou seja, dos componentes do grupo ao qual pertence a Kood. Nenhum de nós tinha um motivo plausível para tanto... e o senhor tem de admiti-lo, *Monsieur* Lucas.

— Não vejo nenhum motivo. Mas o motivo talvez se encontre aqui mesmo, nesta cidade.

— Aqui não há nenhum motivo. Já faz bastante tempo que o senhor se encontra em Cannes investigando o caso. Se aqui houvesse qualquer coisa, o senhor e a polícia já teria.m descoberto. Deve haver algum assassino aqui, sem dúvida. Esta cidade constitui um ambiente próprio para os criminosos, como lhe disse na noite em que nos conhecemos na casa dos Trabaud, o senhor se lembra?

— Lembro-me perfeitamente.

Notei que lá embaixo Curd Jurgens e Burton deixavam a mesa e saíam do terraço.

— E realmente deve ter havido um assassino, mormente se considerarmos tudo o que aconteceu depois da morte de Hellmann. Não é verdade? Tenho uma ideia fixa — disse Tenedos.

— Qual? — perguntei.

— O assassino é desta cidade ou atualmente está nesta cidade. Entretanto, um pouco antes da morte de Hellmann, ele se encontrava em outro lugar.

— Onde?

— Na Córsega. Garanto que nenhum dos senhores havia pensado nesse lugar, não é verdade? Córsega! Foi na Córsega que colocaram ocultamente aquela bomba no iate. Foi na Córsega que o assassino cumpriu a tarefa que lhe fora dada.

— Por quem?

— Hellmann havia ido a Ajaccio encontrar-se com amigos com os quais tinha negócios. É o que andam dizendo por aí, não é verdade? Mas a polícia lhe disse alguma vez quem eram esses amigos de Hellmann?

— Não. A polícia nunca me disse nada a respeito.

— Então o senhor ainda não sabe quem são esses dois indivíduos?

— Sei. São industriais.

Tenedos esboçou um sorriso malicioso, depois prosseguiu :

— Foi o que lhe disseram, ah! ah! ah! O senhor não sabe mais nada?

— Nada mais.

— Nesse caso eu me permito sugerir-lhe, *Monsieur* Lucas, que o senhor ao conversar com esse tal *Monsieur* Tilmant, do Ministério das Relações Exteriores da França, que agora se encontra nesta cidade... Sim, sim, não me olhe tão admirado desse jeito, nós já tivemos conhecimento da vinda dele. Já fomos suficientemente informados de tudo... Mas, como eu ia dizendo, permito-me sugerir-lhe que ao conversar com *Monsieur* Tilmant o senhor procure informar-se bem acerca desses dois homens. Clermont e Abel são os nomes deles.

— Clermont e Abel — repeti.

— Exato. Pergunte a Tilmant quem são eles.

— E se Tilmant não quiser responder-me?

— Insista com ele. Insista energicamente. E, se mesmo assim ele não quiser falar, o senhor pode tirar suas próprias conclusões. Se ele falar, talvez o senhor venha a ter uma grande surpresa.

— Surpresa em que sentido?

— Não direi mais nada. Não, não e não! Pergunte a Tilmant. Se ele lhe revelar tudo, o senhor ficará embasbacado, meu amigo. O senhor terá uma grande surpresa.

— Caviar! Quero comer caviar até rebentar — disse Melina.

— Sim, meu tesouro, você vai ter a quantidade de caviar que quiser. Mas será que poderemos dar um passeiozinho antes do jantar?

Fizemos nosso passeio, os três juntos, ao longo de um caminho estreito com o chão de terra vermelha, que se estendia do restaurante até o ponto

de atracação dos barcos destinados ao transporte do pessoal para os iates. As orlas desse caminho estavam cheias de roseiras e cravos, além de viçosos arbustos com as folhas douradas, os quais eu ainda não conhecia. Viam-se ali, em cada margem, laranjeiras, limoeiros, pinheiros, palmeiras e eucaliptos. Alguns iates, depois de desembarcadas as pessoas, partiam de volta, enquanto outros chegavam cheios de gente. O céu e o mar cambiavam incessantemente de tonalidade. Aproximamo-nos da gaiola bem grande, pendurada à beira do caminho, na qual se encontrava o papagaio que, como todos ali sabiam, falava.

— *Bonjour*, Marcel — disse o papagaio, que a si próprio se chamava de Marcel.

— Não é engraçadinho? — interrogou-me Melina com sua carinha de boneca.

— *How do you do?* — perguntou Marcel.

— *All right, thank you* — respondeu Tenedos, sério.

Aliás, esse homem permanecia com o semblante sempre sério. Quando ele sorria, seu sorriso parecia forçado, fingido.

Não precisaria ter contado que começara sua vida como engraxate. Mas já que me falara sobre seu passado, senti-me na verdade um tanto compelido a olhá-lo com bons olhos. Talvez ele tivesse me contado essa particularidade da sua vida precisamente com tal intuito.

— *You are happy* — disse Marcel a Melina, que não cabia em si de tão encantada com o bichinho e que batia palmas na frente da gaiola como uma criança.

— *Thank you, Marcel, thank you* — respondeu ela.

— You are a wise man[1](1 “Você é um homem inteligente.” - N. do E.) — disse Marcel a Tenedos, que permaneceu calado.

— And you are a fool[2](2 “E você é um bobo.” - N. do E.) — disse o papagaio, dirigindo-se a mim.

— Thank you, Marcel — respondi-lhe.

Passei, então, a contemplar, lá embaixo no mar, o porto de Juan-les-Pins, pintado com cores vivas, e depois desviei meus olhos para a baía em

cuja orla se estende Cannes. Tudo o que eu via parecia vago e com contornos maldefinidos por causa da longa distância, mas o sol ardente projetava seus raios sobre as casas brancas fazendo com que milhares de janelas resplandecessem com um brilho dourado. Eu divisava Port Canto e o antigo porto, bem como os suntuosos hotéis da Croisette, os quais eu já conhecia muito bem. Eu via as luxuosas résidences espalhadas pelas íngremes encostas da cidade. Virei-me para a direita: surgiu diante dos meus olhos

La Californie. Ali estava a Résidence Cléopâtre. Era lá que estava Angela.

— *You lucky fool*[1](1"Seu bobo sortudo." - N. do E.) — disse Marcel.

Melhor assim...

Antes de dirigir-me à mesa para jantar com os Tenedos, telefonei para Angela, dizendo-lhe que iria chegar bem mais tarde, pois tinha muita coisa a fazer ainda.

— Não importa. Eu espero. Robert, a sua mala já foi entregue aqui. Já tirei tudo da mala e arrumei no guardarroupa. A pilha do aparelho de escovar dentes já estava muito fraca.

— É verdade. Eu sabia.

— Pois bem, fui à cidade e comprei uma nova. Eu tenho que cuidar de você... cuidar do meu maridinho. Mas você deverá ser tolerante para comigo se alguma vez a minha orientação do serviço da casa não funcionar direito... como, por exemplo, não servir a comida na hora certa, ou coisa semelhante. Não estou ainda acostumada a viver com um homem. Vivi sozinha durante tanto tempo! Praticamente durante toda a minha vida. Sempre andei vagando por esse mundo como uma cigana. Mas, daqui por diante, vou modificar-me, Robert. Tornar-me-ei uma dona-de-casa excelente e...

— Angela?

— Sim?

— Você deve continuar sendo o que é. Você absolutamente não deve modificar-se nem um pouquinho.

— Você é magnífico, Robert! Esperarei você...

Aproveitando a ocasião, logo em seguida telefonei para

Gaston Tilmant. Ele se encontrava no Carlton nesse momento. Solicitei-lhe que permanecesse no hotel, aguardando minha chegada, pois tinha necessidade de discutir um assunto com ele.

— Está bem! — respondeu-me.

Depois, então, entrei no salão de refeições do Eden Roc, onde havia um enorme bufê de frios. Sentei-me à mesa com os Tenedos. Começamos a comer. O grego disse-me com o semblante sério:

— O senhor nem faz ideia do que significa permanecer durante o

jantar, à noite, um bom tempo sem precisar temer os criados. Faz quase um mês que não me sinto tão bem como hoje.

— Mas o senhor pode fazer as refeições fora sempre que quiser — ponderei.

— Isso é exatamente o que não devemos fazer com muita frequência — interveio Melina. — Tal circunstância também serviria de motivo para que Vittorio instigasse os outros criados contra nós. Ficaríamos em maior perigo de vida ainda. Só uma vez ou outra podemos sair para comer... e assim mesmo sempre a pretexto de tratar de negócios.

Nessa noite Melina, de fato, só comeu caviar.

Gaston Tilmant deu um profundo suspiro. Tirou os óculos para limpar as lentes com o seu lencinho de bolso e ajeitou-os novamente sobre o nariz.

— Era de esperar que mais cedo ou mais tarde o senhor viesse a me fazer tal pergunta, *Monsieur* Lucas.

Estávamos sentados ao ar livre no terraço em frente ao bar do Carlton ç bebíamos uísque. Na Croisette, avançava com lentidão a comprida fila de carros. Eu relatava a Tilmant a entrevista que tivera com Tenedos. Perguntei-lhe quem eram Clermont e Abel.

Tilmant respondeu-me:

— Tenedos'agiu com muita inteligência procurando desviar sua atenção, para Clermont e Abel. Eu já imaginava que ele iria fazer isso. Parece-me, pois, que Tenedos é o mais inteligente de todos os componentes do grupo. Ou talvez os outros lhe tenham dado essa incumbência.

— Quem são Clermont e Abel, *Monsieur* Tilmant?

Em frente ao hotel algumas prostitutas faziam *trottoir*, caminhando de um lado para outro. Eram bem jovens. De vez em quando, um carro parava e uma delas subia ou ficava conversando com algum dos passageiros para fazer o necessário acerto. Certa vez, conversando com um dos porteiros do Majestic, ele me disse que as meretrizes que ali faziam o *trottoir* eram das mais baratas. Não ganhavam mais de quatrocentos francos para "servir" toda a noite e isso com o compromisso de fazerem toda e qualquer espécie de sacanagem. Para uma relação simples elas conseguiam, no máximo, duzentos francos. Todas as meretrizes de nível elevado possuem apartamentos próprios e não fazem *trottoir* na frente dos hotéis à procura de clientes. Habitualmçnte entram nos restaurantes, onde sempre se tolera um bom número delas, ou então permanecem nos seus apartamentos aguardando algum telefonema, pois os seus nomes e os números dos seus telefones podem ser fornecidos pelos próprios porteiros dos hotéis. Essas meretrizes de luxo chegam a cobrar de quinhentos a mil francos por uma noite inteira e dão nove francos de comissão ao porteiro. Disse-me que os porteiros só indicavam lindas mulheres. A maioria das prostitutas eram alemãs.

— Clermont e Abel são os homens que, com os seus nomes

acobertados, estão à testa do grande truste da indústria eletrônica na França — prosseguiu Tilmant. — O senhor não conhece esses nomes precisamente porque são mantidos em sigilo. Não teria nenhum sentido eu não.querer revelar-lhe toda a verdade a respeito deles, *Monsieur* Lucas. Se eu não procedesse assim, o senhor iria fazer enormes esforços procurando investigar tudo, sem outro resultado senão criar maiores inquietações. Esses dois gigantes da indústria, por diversas razões (o fornecimento de armas está evidentemente no primeiro plano, mas deve-se considerar também outros motivos), estão em estreita ligação com o governo. Clermont e Abel... eu os conheço pessoalmente e sei até de cor os respectivos dossiês... em virtude das maquinações e tramas da Kood, encontram-se numa situação financeira difícil. Também a colocação dos seus produtos no mercado está sendo muito dificultada. O governo só pode ajudá-los com dinheiro, mas não pode absolutamente modificar as condições do mercado em benefício de Clermont e Abel, já que a Kood está sempre fazendo concorrência, fornecendo seus produtos a preços mais baratos e procurando criar o monopólio do mercado em detrimento das demais empresas. Hellmann conhecia muito bem esses dois senhores. De fato eles eram amigos antes. Depois se inimizaram.

— Mas todos eles... refiro-me aos do grupo desses multimilionários envolvidos no caso... alegam que Hellmann viajara à Córsega precisamente com o intuito de visitar amigos com os quais mantinha relações de negócios — argumentei.

Uma prostituta lourinha e com a boca bem grande passava por nós pela terceira vez. Ela nos olhou sorrindo, sacudiu os ombros e foi andando.

— É preciso que se diga que muito poucas pessoas conhecem a verdade, *Monsieur* Lucas.

— Mas, então, que desejavam de Hellmann esses dois homens?

— Consoante o depoimento deles, fazia muito tempo que esse encontro havia sido marcado. Pretendiam pedir que Hellmann interferisse para acabar com essa perseguição, esse verdadeiro acossamento por parte dos elementos da Kood, de modo a dar-lhes também uma chance para novamente colocarem seus produtos no mercado. Conforme eles próprios declararam, chegaram até a apelar para a dignidade pessoal de Hellmann...

— O senhor mesmo inquiriu os dois?

— E minuciosamente! Entrevistei-os em Paris. E não tenho nenhuma razão para duvidar do que eles declararam. Quando Hellmann lhes disse que nada poderia fazer, apesar da sua boa vontade, eles se tornaram...

bem... eles se tornaram ameaçadores...

— Em que sentido?

— Exatamente como aquele banqueiro desconhecido que discutiu asperamente com Hellmann lá no Frankfurt-Hof. Da mesma forma que aquele homem, Clermont e Abel também tinham conhecimento das operações financeiras que Kilwood, em nome do grupo Kood, realizava com Hellmann. Eles então... Bem, falemos claramente, eles então ameaçaram tornar públicas essas transações se Hellmann não procedesse de maneira mais decente, assumindo, para tanto, o compromisso de debater amplamente o assunto com os seus parceiros. Afinal de contas ele era um homem livre. Não tinha a obrigação de só fazer o que Kilwood exigisse dele.

— E ele se recusou?

— Derramando lágrimas!

— O quê?!

— Clermont e Abel me disseram que ele chorou. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ele estava profundamente abalado. Declarou-lhes que, muito ao contrário do que eles supunham, ele vivia sob a constante pressão do grupo e tinha que fazer tudo o que Kilwood exigisse dele... tudo, tudo... e que por isso não podia auxiliá-los...

— Um momento, por favor! As dificuldades deles não terminariam absolutamente com a morte de Hellmann. Os herdeiros do banco de Hellmann e o pessoal da Kood continuariam com a mesma política, fazendo a mesma coisa...

— Bem, até agora eles nada fizeram — disse Gaston

Tilmant, lançando o olhar para a lourinha que mais uma vez passava por nós. — Que pena! Tão jovem. Tão bela. Tão sadia. Com a pele ainda tão cheia de frescor. Dentro de dez anos nem lavando com barrela! Ou estará doente ou morta.

— O senhor é muito sentimental — disse.

:— Não, sentimental não sou. Eu apenas gostaria de que todas as pessoas fossem felizes. Se eu pudesse, ajudaria todos os infelizes...

— Ajude pelo menos alguns dos infelizes.

Ele ficou calado durante um certo tempo; depois, meneando a cabeça, disse-me em voz baixa:

— Eu os ajudaria de bom grado na medida do possível.

— Então o senhor realmente está exercendo uma profissão errada, *Monsieur* Tilmant.

— É mesmo, não é verdade?

Em seguida, retomando o fio da conversa, prosseguiu:

— Como ia lhe dizendo, os elementos do grupo da Kood até agora não tomaram nenhuma atitude contra Clermont e Abel nem contra a sua empresa. Também o banco de Hellmann, através de Seeberg, o procurador munido dos mais amplos poderes, nada empreendeu em detrimento desses dois industriais franceses. Parece que todos eles pararam de fazer as suas chicanas.

— É evidente que, com essa nova atitude, eles pretendem dar a entender que agora Clermont e Abel sentem-se aliviados precisamente pelo fato de terem removido do seu caminho o teimoso e obstinado Hellmann.

— Isso é o que poderia parecer. Mas na realidade não é assim.

— Por que não?

— Clermont e Abel são homens de renome nacional, *Monsieur* Lucas. Acusá-los de assassinato seria o mesmo que acusar o próprio governo francês.

— Já houve precedentes que comprovam que essa gente é capaz de remover do seu caminho até mesmo homens com altos encargos governamentais.

— Sem dúvida — concordou Tilmant.

— E apesar disso os supremos escalões do governo francês concordaram em enviar um alto funcionário, ou seja, o senhor, para tratar desse caso da maneira mais discreta possível. E todos nós teremos que fazer o que o senhor nos ordenar. Essa é que é a verdade.

— Realmente é isso mesmo, *Monsieur* Lucas. Como já lhe disse,

Monsieur Tenedos é um homem muito inteligente... Fique sabendo que... desde que fui incumbido de tratar desse caso não posso deixar de pensar numa passagem dos escritos de um homem que muito admiro. Ele é alemão: Georg Christoph Lichtenberg.

— O que diz essa passagem?

— Diz o seguinte: "Choveu tanto que os porcos se lavaram, ficando limpos, e os homens se sujaram completamente". Este caso, *Monsieur* Lucas, é uma grande chuvarada, e eu já estou metido nela.

Eu estava sentado no sofá, ao lado de Angela, perto da janela. À meia-noite havíamos desligado o aparelho de televisão e ficamos bebendo Rémy Martin. Contei a Angela tudo o que havia feito depois da minha saída do apartamento.

— Sim — disse ela —, eu conheço Marcel, o papagaio que fala. Já estive algumas vezes no Eden Roc, acompanhada de amigos.

— O que você acha, Angela? Será que Tilmant está dizendo a verdade?

— Não o tenho visto com frequência e pouco falei com ele. Mas à primeira vista deu-me a impressão de ser um indivíduo absolutamente íntegro. Não acredito que seja um homem capaz de mentir... mesmo que se esforçasse para tanto.

— Eu também penso assim. Entretanto, minhas investigações, do jeito que vão, não progridem. Não consegui avançar um único passo sequer.

— E esse funcionário de Bonn, esse tal...

— Kessler? Ele também não fez muito progresso. Com permissão de Tilmant, telefonei para ele e para Roussel, falando-lhes de Clermont e Abel. Roussel continua muito enfurecido por causa dessa intromissão direta de Paris, pondo o caso sob a tutela de Tilmant. Kessler se mostra, agora, muito mais calmo. Como você, ele também acha que se deve dar crédito às palavras de Tilmant.

Ela começou a alisar os meus cabelos.

— Ora, veja só... Deve fazer muito tempo que você não faz uma limpeza em regra nos seus cabelos.

— Irei amanhã de tarde ao cabeleireiro.

— Eu mesma lavarei os seus cabelos.

— Você está louca?

— Ora, por quê?

— Até hoje mulher alguma lavou minha cabeça.

— Então você só deve ter convivido com mulheres muito ridículas. Eu quero lavar seus cabelos. Ou será que isso não é do seu agrado?

— Claro que não, Angela. Esse maldito caso! Não faço nenhum progresso com as minhas investigações. De Karin, nem notícias. Foi um grande erro da minha parte autorizar o crédito mensal de mil e quinhentos marcos na conta dela. Meu advogado tinha razão.

Angela permaneceu calada, contemplando a cidade.

— O que você acha, Angela? Não diz nada?

— Já refleti muito sobre isso depois que aquela tal Sra. Dreyer me trouxe a carta da sua mulher.

— E então?

— Acho que você não cometeu erro algum!

— Mas agora vou mandar suspender imediatamente essas consignações mensais a Karin.

— Seria a coisa mais fácil do mundo fazer isso. Depois então...

— Então o quê?

— Aquela carta demonstra que, apesar de tudo, ela ainda o ama, Robert.

— Que ela ainda me... Absurdo! Faz anos que Karin não me ama. A carta demonstra apenas que ela não recua nem mesmo diante dos mais torpes atos de baixeza. Afora isso, nada mais se depreende do que ela escreveu.

— Você pode chamar de baixeza a atitude dela... Talvez só agora, depois que perdeu você, ela se tenha dado conta de que o ama. Ou de que precisa de você. Nós sempre temos propensão para amar as pessoas de que precisamos. E numa situação como a dela, não há nenhum ato considerado torpe e baixo que se deixe de praticar...

— Um ato desses você jamais praticaria! — exclamei com veemência.

— Mas posso imaginar — respondeu ela simplesmente.

— Angela!

— Posso imaginar muito bem, sim. — Ela passou a falar ponderadamente e com calma. — Por isso refleti que a gente nunca deve pagar o mal com o mal. Se você mandar suspender agora o pagamento desse dinheiro, sua mulher se tornará pior ainda. Ela bem sabe que você quer o divórcio. E simplesmente fará uso do seu direito de não concordar com o divórcio se você tomar tal atitude. Mas se você continuar mandando fazer o crédito mensal dessa quantia na sua conta (para refletir melhor, coloco-me no lugar dela), então forçosamente ela terá que pensar assim: "A atitude dele para comigo é decente e vejo que eles realmente se amam porque, do contrário, aquela minha carta teria produzido um verdadeiro estardalhaço. Realmente eu já perdi Robert. Mas o perdi por causa de um novo amor que surgiu e não por ódio. Temos ainda a oportunidade de nos separarmos em paz e por bem. Ele não deixará nunca de zelar por mim. Deu provas disso e eu, portanto, tenho que lhe conceder a liberdade".

— Assim pensaria você, Angela! — disse, alteando a voz. — Você!

— Sim, eu.

— Mas você não é Karin. Karin não pensa como você. Eu a conheço muito bem.

— Então continue dando-lhe esse dinheiro, ainda que seja por pura superstição. Tenho o pressentimento de que tudo vai correr mal se você suspender o pagamento dessa importância a sua mulher.

— Eu também — disse, em voz baixa. — Realmente só por superstição é que não mandarei suspender esse pagamento.

— Então concorda comigo? — Ela deu-me um beijo na face. — Quer dizer que você mandará creditar na conta dela mensalmente esses mil e quinhentos marcos?

Respondi afirmativamente com a cabeça.

— Por superstição ou por outro motivo qualquer — prosseguiu Angela —, é a melhor coisa que você poderá fazer. Oh, Robert!...

Ela encostou-se em mim, enfiou a mão debaixo da minha camisa e começou a alisar meu peito e a brincar com a correntinha da qual pendiam aquelas duas moedas com os nossos signos.

— Eu fiz uma coisa... Espero que você não fique zangado comigo — disse ela.

— Eu jamais poderia ficar zangado com você por coisa alguma deste mundo.

— A minha cabeleireira telefonou-me. Já faz bastante tèmpo que ela me conhece. Foi ela a pessoa que me levou ao consultório daquela famosa cartomante de Saint-Raphaél, de quem já lhe falei. Pelo telefone expliquei-lhe que nós nos amamos... Perdoe-me, sim?... Ela só vive consultando cartomantes. Agora é cliente de outra: *Madame* Bernis.

Essa cartomante vem de Antibes para dar consultas nesta cidade uma vez por semana. Ela atende no Hôtel d'Autriche, no Boulevard Carnot. Minha cabeleireira afirma que ela é fenomenal. Você está rindo?

— Não, meu amor — respondi-lhe.

Angela, com suas ideias, era de amargar. Foi assim que começamos com esse negócio de cartomante.

— Você estaria disposto a acompanhar-me ao consultório de *Madame* Bernis?

— Por que não?

— Amanhã ela estará em Cannes. Posso marcar com ela uma consulta para amanhã de tarde?

— Sem dúvida.

Ela abraçou-me.

— Obrigada, Roberr! Eu bem sei em que você está pensando agora. Eu também penso do mesmo modo. Mas é preciso dizer que em nossa situação a gente tem que se agarrar a qualquer tábua de salvação. E, para dizer a verdade, a gente sempre gosta de ouvir coisas boas, coisas capazes de nos deixar mais esperançosos, não é verdade?

— É claro.

— Venha agora. Vou lavar sua cabeça.

Eram três horas da madrugada quando, puxando-me pela mão, ela levou-me até uma peça onde mostrou-me um armário embutido no qual havia arrumado cuidadosamente as minhas roupas que estavam na mala. Eram apenas dois ternos compostos de calças e camisetas esporte leves, próprias para o verão, e algumas cuecas.

— Aqui estão as primeiras coisas que você mandou. Graças a Deus o apartamento é bem grande. Eu já tive uma ideia que acho que vai dar certo: você vai ficar com este lindo quartinho exclusivamente para você. E poderá colocar todas as suas coisas neste armário.

Era de fato um armário bem amplo com portas corrediças. Com tão poucas roupas parecia até que estava vazio.

— Realmente é bem espaçoso — disse.

Em seguida ela me levou para mostrar-me um outro banheiro, que eu ainda não conhecia. Não era muito grande, mas confortável e bem arrumado.

— Ontem de tarde fui à Rue d'Antibes e comprei este armariozinho para você. Eu mesma pendurei-o na parede. Sou muito habilidosa, você não acha?

Abri o pequeno armário, onde encontrei o meu aparelho elétrico de barbear, vidros com água-de-colônia e alguns remédios.

— Agora tire a roupa — disse ela — e sente-se aqui. Vou buscar o xampu.

Ela saiu apressada. Tirei a minha roupa, ficando só de cueca, e sentei-me num banquinho que ficava em frente da pia. Angela voltou logo.

Ela lavou bem os meus cabelos e me fez massagens no couro cabeludo. Com isso eu tinha uma maravilhosa sensação de prazer. Por fim ela disse:

— Não se assuste, agora vou derramar água fria.

O jato de água fria causou-me um certo arrepio.

— Desse modo os cabelos adquirem um brilho todo especial.

Então ela passou a esfregar meus cabelos e depois penteou-os para trás, inclusive nos lados.

— Seus cabelos, nos lados, deveriam ser um pouco mais compridos — disse ela com senso crítico. — O corte de cabelo que você usa é tipicamente prussiano. Você tem que deixar seus cabelos crescerem bastante nos lados, a fim de que fiquem bem ajeitados e fixos quando os pentear para trás. Não se esqueça de observar isso quando for ao cabeleireiro. Você não precisa mais usar o cabelo repartido. Sua aparência ficará muito melhor sem repartir os cabelos. Mas, por favor, não se esqueça. Pense em mim quando você estiver no cabeleireiro. De maneira alguma...

— ...devo deixar que ele corte os cabelos nos lados — concluí. — Fique sossegada que eu não me esquecerei da sua recomendação.

Depois, com a seriedade de uma exímia profissional, colocou na minha cabeça uma rede. Logo que me levantei, ela, orgulhosa, mostrou-me, pendurados nuns ganchos de plástico, um roupão e um pijama.

— Também fui eu quem colocou esses ganchos. Venha agora para baixo do secador de cabelos.

Ela conduziu-me até o jardim de inverno e ali tirou de um cantinho o secador elétrico, com o formato de um enorme capacete. Sentei-me numa cadeira e ela ligou o secador. Um ar quente começou a circular sobre minha cabeça. Ao executar seu trabalho, Angela ficou com as faces vermelhas. Sentou-se à minha frente e acendeu um cigarro.

O Hotel d'Autriche era pequeno e antigo. Poder-se-ia classificá-lo como uma hospedaria. *Madame* Bernis havia marcado a nossa consulta para as quatro horas. Chegamos pontualmente, porém ela ainda estava atendendo clientes no seu quarto, conforme nos informou o porteiro. Tudo era apertado naquele hotel. Eu e Angela ficamos sentados numa sala com o ar tão viciado que quase nos deixava sufocados. Tentei abrir a janela, mas o ferrolho estava emperrado. Eu estava com dor de cabeça. Fazia uma tarde abafadiça de mormaço. Uma mosca bem grande zumbia, batendo continuamente na vidraça. Ia ficando cada vez mais nervoso, por isso resolvi espairecer um pouco no corredor. Ali, perguntei ao porteiro se ele podia trazer-nos alguma bebida. Respondeu-me que sim e pedi cerveja. Ele nos trouxe duas garrafas e encheu nossos copos. A cerveja estava morna. Quis reclamar, porém Angela me fez sinal com a cabeça para que não dissesse nada. Deixamos a cerveja nos copos. Minha dor de cabeça recrudescia a cada momento. Angela tirou a aliança do dedo e colocou-a na bolsa.

— A cartomante não deve ter nenhuma indicação ou sinal a nosso respeito — disse ela, com o semblante sério.

Finalmente lá pelas cinco e meia um parzinho desceu por um velho elevador que parecia pouco firme e frouxo, penetrando no *hall.* Julguei que ambos houvessem alugado um quarto para um encontro de poucas horas, mas, como o porteiro no mesmo instante nos convidou a subir, deduzi que deviam ser clientes de *Madame* Bernis. O porteiro nos fez entrar naquele elevador que balançava e fazia ruídos, cuja cabina parecia estar dentro de uma jaula preta de ferro, e acompanhou-nos até o quarto alugado por *Madame* Bernis. Nesse quarto também estava quente e o ar parecia irrespirável. Deitado na cama, via-se um enorme gato com o pelo cor de âmbar. *Madame* Bernis achava-se sentada atrás de uma mesa de forma oval, colocada bem no meio do quarto. Era gorda e tinha o aspecto de uma burguesa da classe média de porte avantajado. Sobre a mesa, estava uma bola de cristal bem grande. Na sua frente *Madame* Bernis tinha uma série de baralhos.

Eu e Angela sentamo-nos um ao lado do outro.

— Está errado dizer que sou uma cartomante — começou ela. — Isso todo mundo pode ser. Mas eu não o sou. Sou médium. Depois de uma inflamação na membrana do cérebro, que sofri quando ainda era menina, nunca mais pude fazer progressos no colégio. Eu era sempre a última da classe. Por fim tive que ser examinada por um neurologista, pois sentia toda espécie de

incômodos possíveis de imaginar. O neurologista disse, então, a minha mãe que eu possuía faculdades mediúnicas e que permaneceria com elas durante toda a vida. A idade não influi em nada sobre a capacidade mediúnica de uma pessoa. Tenho oitenta e seis anos. Os senhores diriam que tenho essa idade?

— De forma alguma! — respondeu Angela.

— O meu trabalho é muito penoso e fatigante — continuou *Madame* Bernis. — Não posso atender mais de quatro clientes por dia. Por hoje, os senhores são os últimos. Depois que terminar, terei que ficar deitada durante mais de uma hora.

Passou a mão pelas têmporas. Não lhe dissemos nossos nomes nem fizemos menção alguma acerca das nossas relações.

— Vamos começar com *monsieur* — disse *Madame* Bernis. — Por favor, coloque a mão sobre a mesa.

Fiz conforme ordenara. Ela fechou os olhos e começou a deslizar a mão sobre a minha durante um certo tempo. Percebi, então, que as veias das suas têmporas começaram a palpitar, como se estivessem latejando. Dali por diante ela prosseguiu seu trabalho conservando os olhos quase sempre fechados.

— O senhor não é daqui, *monsieur*, mas vai tomar a decisão de permanecer definitivamente aqui. Para sempre.

— Quando ele irá tomar tal decisão? — interrogou Angela, que se encontrava num estado de grande excitação.

— Por favor, calma, minha senhora! — disse ela, dirigindo-se a Angela. Mas não deixou de responder à sua pergunta. — Ainda neste ano se dará isso. O senhor não é homem desimpedido, *monsieur*... Vejo uma mulher numa cidade distante. O senhor é casado, não é verdade?

— Sim, sou casado.

O gato cor de âmbar ronronava. Lá de baixo chegavam até nós os ruídos do intenso tráfego do Boulevard Carnot.

— Mas o senhor já abandonou sua mulher... E nunca mais vai voltar para junto dela... E nunca mais o senhor a verá de novo...

Fitei Angela, mas ela estava tão fascinada com as palavras da cartomante, que nada notou. Ela observava com o olhar fixo *Madame* Bernis, que

falava com voz monótona.

— Não, nunca mais o senhor verá de novo sua mulher... Aqui existe outra mulher que está bem perto do senhor... Essa mulher o ama e o senhor a ama também... Ela e o senhor permanecerão juntos... sim... juntos...

Bruscamente ela parou de falar. Notei que a ponta dos seus dedos passaram a mudar de cor, adquirindo uma tonalidade azulada. Isso me impressionou... *Madame* Bernis, falando com dificuldade, prosseguiu:

— Nada no mundo poderá separá-lo dessa mulher que o senhor ama... Vejo muito dinheiro...

"Ora, até que não seria mau!", pensei comigo mesmo.

— ...Sim ...sim. O senhor vai ganhar muito dinheiro com um determinado negócio...

— Que espécie de negócio é esse?

— Está tudo muito obscuro... Não posso ver com clareza... Estou fazendo um esforço tremendo. — As veias das suas têmporas palpitavam agora com mais força. — Estou vendo fantasmas... Pessoas mortas... Pessoas assassinadas ... E no meio de tudo isso, muito dinheiro... Muito dinheiro para o senhor, *monsieur*... Vejo aventais brancos de médicos... Muitos aventais brancos... Ainda neste ano morrerá uma pessoa, e com isso o senhor terá a possibilidade de se unir ao seu verdadeiro amor... numa união tão firme que ninguém jamais poderá desfazer... Vejo felicidade... Uma felicidade muito grande... E vejo chuva... Uma forte chuva torrencial... Um cemitério... Mas não posso distinguir bem porque a chuva está muito forte... Alguém está sendo sepultado... O senhor está presente, *monsieur*, na chuva...

— E tudo isso deverá acontecer ainda este ano? — perguntei, mas logo me dei conta de que Karin gozava de boa saúde; só se ela resolvesse praticar o suicídio. Não. Não pode ser Karin. Morrerá alguém por causa de uma amputação da perna? Todavia, consoante as palavras da cartomante, eu serei feliz e depois que se der essa morte ficarei livre para me unir à mulher que amo. Portanto, não serei eu a pessoa que vai morrer. Nem tampouco poderá ser Angela.

— Mas quem é a pessoa que vai morrer? — perguntei.

— Isso eu não sei... — *Madame* Bernis começou mais uma vez a

alisar minha mão. — O seu trabalho tem algo a ver com a realização de investigações...

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Investigações semelhantes às que a polícia efetua... Só que o senhor não é da polícia.

— Está certo — confirmei.

— Mas o senhor não mais precisará efetuar investigações. Terá bastante dinheiro... Oh, sim... A pessoa que vai morrer. Espere!... Ali surge uma estrada... Um carro...

— Algum acidente?

Ela abriu os olhos. Seu semblante estava desfigurado.

— Não posso dizer-lhe. Desculpe-me, mas preciso fazer uma pequena pausa. Este trabalho está sendo muito penoso para mim.

Ela levantou-se. Pegou uma garrafa com água, que verteu num copo, e bebeu com sofreguidão. Passados alguns minutos, ela se refez, recobrando ânimo. As pontas dos seus dedos recuperaram novamente sua cor normal.

Chegou a vez de Angela colocar a mão sobre a mesa.

— *Madame*, a senhora é desta cidade mesmo... e nesta cidade permanecerá para sempre... Santo Deus!... A senhora é exatamente a mulher que se unirá para sempre ao *monsieur* aqui presente!

— A nossa união será ainda este ano?

— Ainda este ano — respondeu prontamente *Madame* Bernis. — Será uma união que durará para sempre... Vejo agora uma grande festa... Música... Pessoas trajando roupas finíssimas... Festeja-se algo... Fogos de artifício... Agora os estou vendo a ambos... Os senhores estão muito felizes... Os senhores fumam bastante, em demasia... Não se esqueça de prestar muita atenção quando chove, *madame*... Com chuva, qualquer um pode ser vítima de... acidentes.

— Com o carro?!

— Também com o carro... A senhora vive sozinha e não é casada... Eis que agora surge de novo a pessoa que vai morrer, mas não posso reconhecê-la... Vejo novamente muitos jalecos brancos de médicos... Uma sala de cirurgia... Uma pessoa morta que deixará o caminho livre para ambos. — Observei que as pontas dos dedos de *Madame* Bernis se tornavam novamente azuladas. — Vejo uma igrejinha... Os senhores estão dentro dela... Um carro está sendo tirado da água... Uma pessoa morta está sentada ao volante... É aquela mesma pessoa que... Não consigo distinguir... Muitos policiais... *Madame*, seu primeiro nome começa com A?

— Sim...

— Chuva... chuva... A senhora sempre deve tomar cuidado com a chuva... 13 é o seu número da felicidade...

Já era demais. *Madame* Bernis praticamente fez a Angela o mesmo vaticínio que me havia feito. Ainda neste ano ficaríamos unidos para sempre.

Por fim ela convidou-me a tirar cartas dos diversos baralhos que se achavam à sua frente.

— É apenas para o meu controle, a fim de que possa verificar se fiz as predições com exatidão.

Tirei as cartas dos baralhos, conforme ela mandara. Eram cartas que continham estranhos desenhos e símbolos que eu desconhecia. Uma determinada carta não deixou de sair em cada um dos baralhos. (*Madame* Bernis explicou-nos que era a carta da morte.) Angela também tirou repetidamente a mesma carta quando chegou sua vez.

Depois disso *Madame* Bernis deu por encerrada a sua "sessão". Pelo seu trabalho ela cobrou cinquenta francos. Despediu-se de nós como que maquinalmente. Dava a impressão de estar num deplorável estado de abatimento. Descemos por aquele elevador frouxo e vacilante. Em seguida entramos no carro, dirigindo-nos ao Majestic. Lá, naquele nosso cantinho, tomamos champanha, como fazíamos habitualmente à tardinha. Angela enfiou novamente a aliança no dedo.

— Fiquei bastante impressionada. E você, Robert?

— Eu também — respondi-lhe, lançando o olhar para a Croisette, com a sua enorme quantidade de palmeiras e de flores. Depois passei a observar,

ao longe, o mar.

Durante longo tempo permanecemos calados. Por fim Angela começou a falar:

— Ouvimos hoje coisas tão assombrosas! Parece que agora nossas vidas estão suspensas dos lábios de uma cartomante.

— Você tem certeza de que sua cabeleireira não havia contado nada à cartomante a nosso respeito?

— Eu lhe pedi que nada dissesse e ela deu-me sua palavra de honra. Não, *Madame* Bernis nada sabia a nosso respeito! E é exatamente por isso que estou tão impressionada. Por exemplo, como poderia ela ter conhecimento da sua profissão?

— Sim, como?

Começamos a beber e mais uma vez permanecemos calados até que Angela, com palavras quase inaudíveis, disse-me:

— Eu não deveria ter ido consultar essa mulher, Robert!

— Eu também não.

— Você também está se sentindo muito perturbado, não é verdade?

— Sim.

— Então você está como eu. Se para sermos felizes é preciso que ocorra a morte de alguma pessoa que deixará, ainda neste ano, o caminho livre para nossa felicidade, devo dizer que em tais condições só...

— Sim. É exatamente isso o que penso.

— Uma felicidade assim de forma alguma eu quero. Se realmente acontecesse uma coisa dessas, eu não poderia suportar! Eu... eu teria a impressão de ser a culpada pela morte daquela pessoa.

— Eu também. E é por isso que estou terrivelmente impressionado.

— Como poderiamos ser felizes algum dia se realmente

acontecesse como ela vaticinou? Não, Robert, eu não poderia suportar!

— Ora, mas não devemos acreditar no que ela disse! Embora você afirme o contrário, acho que sua cabeleireira traiu sua confiança. E a cartomante, então, procurou dizer coisas do nosso agrado. E ainda tivemos que lhe pagar.

— Algo do nosso agrado... — repetiu Angela, estremecendo com uns arrepios pelo corpo.

— Não devemos acreditar nela. Tudo o que ela disse não passa de embuste, não passa de mentira, Angela. Nós ainda seremos felizes vivendo juntos, sem que seja preciso que ocorra a morte de alguém e sem aventais brancos de médicos e enfermeiros.

— Foi um grande erro ter levado você para consultar essa cartomante. Mas não tinha a mínima ideia do que ela iria dizer.

— Procure esquecer tudo isso, Angela!

— É verdade — concordou ela. — Tenho que esquecer. Oh! Meu Deus! Como eu gostaria de poder esquecer, Robert!

Os Fabiani tinham a sua *villa* na Avenue de la Cava, no bairro de Les Gabres. A imponente mansão estava pintada de um amarelo vivo e situava-se no meio de um enorme parque ajardinado. Esse parque achava-se protegido contra os olhares dos curiosos por uma cerca-viva bem-podada e aparada, que se estendia ao longo da estrada. Tratava-se de uma mansão em estilo moderno cuja construção datava, no máximo, de dez anos. Tudo ali tinha o aspecto de novo, caro e pomposo. No meio de canteiros de flores via-se uma piscina em forma de rim. Toquei a campainha no portão de entrada e, comunicando-me através do interfone ali instalado, disse meu nome, explicando que o Signor Fabiani havia marcado uma entrevista comigo para as onze horas. Uma voz baixa, que parecia zumbir, saiu do interfone e disse-me que o portão estava aberto e que eu podia entrar. Então, dirigindo-me à mansão, fui caminhando através daquele parque no qual se sobressaíam belas e imponentes palmeiras. Um criado, todo de branco, veio ao meu encontro.

— Queira ter a bondade de ficar esperando perto da piscina, *Monsieur* Lucas. Dentro de alguns momentos será atendido.

— Quer dizer, então, que não posso entrar na mansão?

— Faça a gentileza de esperar ao lado da piscina.

Na verdade, não tive outro remédio senão concordar. Havia, ali, mesas brancas, cadeiras de vime e espreguiçadeiras. Sentei-me numa cadeira de vime e fiquei esperando. Esperei não por alguns poucos momentos apenas. Passaram-se uns vinte minutos antes que aparecesse alguém. E não foi Fabiani quem veio atender-me, mas sim Bianca, sua mulher, a corista de outrora. Com o caminhar elegante e com uma pose de mulher altiva e pretensiosa, aproximou-se de mim. Levantei-me e fui ao seu encontro. Bianca vestia um roupão de banho branco. Nesse dia ela não mostrava absolutamente aquela faceirice exagerada que parecia peculiar ao seu comportamento. Revelava no semblante uma frieza e arrogância ostensivas.

— Bom dia, *Monsieur* Lucas.

— Bom dia, maàame. Gostaria de falar com seu marido. Nosso encontro foi marcado para as onze horas e já são...

— Meu marido não pode falar com o senhor.

— O quê?!

Sem mais nem menos, ela saiu caminhando na direção da piscina. Eu a segui. Na beira da piscina Bianca tirou o roupão, passando a exibir um biquíni de diminutas proporções, confeccionado em tecido branco bem lustroso. Essa peça parecia ter um certo quê de obsceno. Sentou-se numa cadeira, puxou para perto de si uma das mesas providas de gavetas e rodízios. Em seguida abriu uma das gavetas e tirou de dentro dela um tubo com creme especial para proteção contra os efeitos dos raios solares. Enquanto falava, ia untando o corpo com camadas de creme, porém não de maneira a cobri-lo totalmente:

— Meu marido não vai recebê-lo, *Monsieur* Lucas!

Sua voz revelava a íntima satisfação de quem leva uma boa vida. Fazendo com os braços amplos movimentos circulares, ela passava óleo nos cabelos.

— Mas que significa isso?

— Significa que ele não manterá mais contato com o senhor. E eu tampouco, *Monsieur* Lucas. Foram essas as palavras que ouvi do meu marido.

Bianca pronunciava as palavras de tal maneira que elas pareciam desfazer-se ao saírem da sua boca. A pontinha do nariz tremia. Isso para ela... Bem, a sensação de um orgasmo poderia manifestar-se assim.

— *Madame*, escute, não é por meu gosto que aqui...

— Nem tampouco por meu gosto.

— ...estou, mas sim porque tenho que esclarecer a morte do Sr. Hellmann.

— Esse assunto é com a polícia. Se alguém da polícia vier aqui, meu marido o receberá. Mas não o senhor. Agora, esfregue minhas costas.

Pronunciou as últimas palavras como se estivesse dando uma ordem. Eu permaneci imóvel.

— O senhor não ouviu? Mandei que esfregasse minhas costas.

— Ouvi, sim — retruquei-lhe. — Mas não quero esfregá-las. Peço-lhe que me diga agora mesmo e sem evasivas o que foi que houve.

— Sim, sem evasivas e até mesmo com prazer responderei à sua pergunta: nós ficamos sabendo que o senhor é casado na Alemanha.

— Sim, e daí?

— E aqui em Cannes o senhor vive maritalmente com *Madame* Delpierre. Apresenta-se em toda parte com ela. — Agora a *Lido-girl* atravessa na minha frente. — O senhor se exibe publicamente com ela, presenteou-a com uma aliança, embora esteja ainda muito longe a consecução do seu divórcio. O senhor está morando no apartamento de *Madame* Delpierre. Todo mundo na cidade está comentando suas relações com ela. Se para *Madame* Delpierre isso pouco importa, é problema dela. Mas será que para a sua companhia de seguros isso tampouco importa?

— Para a minha companhia de seguros tanto faz — retruquei-lhe, notando que a caçada já havia começado.

— Não acredito que a sua companhia não se importe com isso. Se eu lhe pedir que me esfregue as costas o senhor o fará?

Peguei o tubo de creme e comecei a esfregar suas lindas costas lisas. Ela se esticava toda, espreguiçando-se prazerosamente. Ela vencera.

— Mas nós não somos tão carranças assim, tão apegados a preconceitos do passado, *Monsieur* Lucas. Nós nos alegramos com a sua felicidade.

— Ah, é? Os senhores se alegram de fato?

— Claro que sim! Especialmente eu. Qual a mulher que não teria compreensão para um grande amor? Mas isso corresponde à outra face da moeda. Meu marido não pode conversar com um homem que se acha tão comprometido com uma dama como *Madame* Delpierre. A sua elevada posição não permite isso.

— Oh, é a sua elevada posição que não lhe permite?

— É, sim, senhor!

— Mas o meu assunto se relaciona com um assassinato. Ou, melhor dizendo, com diversos assassinatos, *Madame* Fabiani.

— Exatamente por se tratar de um assunto tão grave, o senhor não poderá ser recebido por meu marido. O senhor já estragou não somente a sua

vida privada, mas também a sua vida profissional, *Monsieur* Lucas. Uma conversa com o senhor é impossível. Sim... Esfregue também mais abaixo um pouquinho... É bom...

Atirei o tubo de creme em cima da mesa. O sangue parecia subir-me à cabeça. Disse-lhe:

— Nesse caso terei que valer-me do Comissário Roussel ou do Inspetor Lacrosse, pedindo que um deles venha até aqui para falar com seu marido.

— Ninguém o impede de fazer isso.

Bianca puxou para baixo a parte superior do seu biquíni, pegou o tubo de creme e começou a passá-lo também pelo seio. O tênue tecido daquela parte do biquíni estava bem abaixado. Com os seios nus, ela sentou-se na minha frente — mas apenas por alguns instantes, pois logo em seguida levantou novamente a peça do biquíni que estava abaixada. Perguntou-me então:

— O senhor não viu nada, ou será que viu?

— É claro que vi! — respondi-lhe um tanto furioso.

— E que tal? Achou bonito ou não?

Bianca Fabiani, com os olhos semicerrados, fez uma expressão carrancuda. A mulher certamente queria valer-se do efeito da sua carranca para qualquer fim. E, como é óbvio, valeu-se dele para dizer-me alteando a voz:

— O senhor pode ir embora. Bom dia, *Monsieur* Lucas! Voltei-me sem me despedir e saí caminhando sobre a grama daquele chão arenoso em direção ao portão de saída. Depois de me ter distanciado um pouquinho, virei a cabeça e notei que Fabiani já se havia aproximado da mulher. Ambos observavam-me.

Bianca estava de novo com os seios de fora.

Segui caminhando por aquela rua em frente à mansão, até que cheguei a um barzinho e entrei. Pedi um Pastis e procurei telefonar para o Majestic.

— Algum recado para mim?

— Sim, *monsieur* — respondeu-me um dos porteiros com voz que denotava estranha excitação. — *Monsieur* Lacrosse telefonou. Pediu-me que lhe dissesse que é para o senhor se dirigir imediatamente ao antigo porto. Recomendou-me que lhe desse o recado logo que o senhor aparecesse.

— Devo dirigir-me ao gabinete dele?

— Não. O senhor deverá ir diretamente ao antigo porto. Lá o senhor verá logo para onde deverá dirigir-se.

— Que significa isso?

— Pelo que me foi dado ouvir, houve um acidente naquele local.

O porteiro dava a impressão de estar num indescritível estado de nervosismo.

Pelo telefone chamei um táxi. Mal acabara de beber o meu Pastis, um carro estava na frente do barzinho, de cuja porta pendia uma cortina de continhas, que tilintaram levemente quando a atravessei.

— Para o antigo porto — disse ao chofer.

— Muito bem, *monsieur*.

O antigo porto encontrava-se totalmente isolado pela polícia. Uma enorme multidão de curiosos se comprimia no local. Inicialmente os policiais não quiseram deixar-me passar. Disse-lhes o meu nome e mostrei-lhes o meu documento de identidade.

— Perdão, *Monsieur* Lucas! O pessoal está lá na frente. Faça o favor...

O caso ocorrera no lado oeste da bacia do porto, no Quai Saint-Pierre. Do outro lado, todo pintado de um vermelho vivo, eu divisava o edifício

do Municipal e o cassino de inverno — na verdade um pouco distante dali. O porto era bem grande. Dos pequenos quais, no seu interior, partiam barcos a motor, cheios de gente com destino às ilhas Lérins. Muitos barcos de pesca e navios se encontravam ali amarrados.

Observei que haviam transportado dois guindastes para o local do acidente. Os compridos cabos dos guindastes estavam imersos na água. Muitos carros da polícia achavam-se parados por ali em torno.

Num dos grupos, descobri Lacrosse, Roussel e Tilmant.

— Que foi que aconteceu? — perguntei.

Lacrosse precipitou-se para mim, abraçando-me comovido e exclamando:

— Graças a Deus! Você está vivo! Trata-se portanto de uma mentira.

— Que mentira?

Roussel e Tilmant também se aproximaram de mim. O semblante deles, igualmente, dava a impressão de um grande alívio.

— Recebemos um telefonema anônimo — disse Roussel.

— Sim, e daí?

— A pessoa que telefonou disse que você havia se precipitado na bacia do porto com seu carro.

— Eu?!

— Sim, você.

— Quem poderia ter inventado um boato desses?

— Não sabemos. Foi um homem. Com uma voz simulada, evidentemente. Mesmo assim, corremos para cá e começamos a procurar. A água está oleosa e turva, mas um carro se acha de fato submerso na água. Os homens-rãs descobriram-no.

Nesse instante emergia da água um homem-rã. Usava máscara e carregava nas costas um tubo de oxigênio. Era ele quem fornecia as indicações

aos operadores dos guindastes a fim de que pudessem deslocar os cabos de aço para o lugar apropriado.

— Finalmente, eles já devem ter conseguido amarrar os cabos — disse Roussel.

— Eles quem? — interroguei.

— Um homem-rã ainda se encontra sob a água. Os cabos de aço, em cada tentativa que eles faziam, sempre deslizavam e escapavam. É possível que desta vez eles tenham acertado.

O homem-rã submergiu novamente na água oleosa. Notava-se que os cabos distendidos estavam sendo puxados, pois os dois guindastes já haviam começado a funcionar. Tilmant permanecia de pé ao meu lado. Parecia estar muito abatido e não dizia uma palavra sequer.

Todos nós fixamos nossos olhares nos cabos de aço, que, agora, os operadores dos guindastes iam tracionando com muito cuidado. O capô de um automóvel já começava a despontar da água turva. Não demorou muito e o carro inteiro, pendurado nos ganchos do guindaste, ficou fora da água. Tratava-se de um Chevrolet antigo, verde-escuro. Os guindastes balançavam. O carro foi içado, ficando quase à altura das nossas cabeças. Os operadores em seguida foram baixando-o devagarinho, a fim de evitar um baque muito forte, até o chão do cais. A água não parava de escorrer do veículo recém-pescado. Dirigimo-nos apressadamente para o lugar em que ele fora colocado. A janela do lado do volante estava baixada. Com o tronco caído para a frente e a cabeça sobre o volante, estava um homem. Ele ainda conservava as mãos agarradas ao volante. Era um indivíduo baixote, com poucos cabelos. Notava-se perfeitamente na têmpora esquerda um orifício produzido por bala. O occipital, com a saída do projétil, ficara estraçalhado.

Ao ver esse crânio aberto, com a massa cerebral saltada para fora e suja pela água oleosa, comecei a sentir-me indisposto, mas não pude deixar de exclamar em voz bem alta:

— É Danon!

— Quem é ele? — interrogou-me Lacrosse.

— Alain Danon. Você deve se lembrar desse nome. É o sujeito da Résidence de Paris, que estava no apartamento que aquela tal Nicole Monnier me indicou para um encontro. Ela me disse que ele estaria aguardando minha

chegada.

Résidence de Paris! O lugar onde fui espancado. Nicole Monnier, a mulher que queria vender-me a “verdade”!

— Mas o senhor tem absoluta certeza de que é Danon?

— perguntou-me Tilmant. Falava devagarinho, como se estivesse cansado.

— Tenho absoluta certeza de que é Danon! — repeti.

— É o sujeito que sumiu com essa tal Monnier e que se encontrava desaparecido. Não se lembra, Lacrosse, de que você disse que seria praticamente impossível encontrá-lo?

— Lembro-me perfeitamente — respondeu-me o baixinho. — E agora aqui está ele, “sumido” de novo debaixo da água!

— É verdade — confirmou Roussel, que falava com o tronco curvado sobre a janela do carro. — Ele recebeu um tiro de bala dundum disparado por arma de grosso calibre, exatamente como Viale.

Depois, encarando Tilmant, prosseguiu:

— Para a imprensa este fato também deve ser considerado um pequeno incidente, não é verdade?

— Para a imprensa trata-se de um assassinato — respondeu-lhe Tilmant calmamente. — Um crime do submundo. Um rufião qualquer que recebeu um tiro. Provavelmente numa contenda entre rivais. Não basta isso?

— Basta — respondeu Roussel com um tom de amargura na voz. — Basta, *Monsieur* Tilmant! Cabe ao senhor dizer-nos do que se trata e nós passamos adiante as suas palavras.

Gaston Tilmant encarou-o até que Roussel, não podendo suportar seu olhar por mais tempo, virou a cabeça para o lado.

Aproveitei um carro da polícia, que me conduziu ao Majestic. Lá redigi um telegrama cifrado a Gustav Brandenburg relatando-lhe os acontecimentos mais recentes e pedindo-lhe instruções. Mal acabara de entregar o telegrama na central do hotel, fui chamado para atender ao telefone. Entrei na cabina e coloquei o fone no ouvido.

— Aqui fala Robert Lucas.

Ao telefone ouvi uma voz feminina muito trêmula. Foi com muita dificuldade que consegui entender quando a mulher se anunciou:

— Nós já nos conhecemos, *monsieur*. Certa vez eu quis vender-lhe algo... Foi aí no bar do hotel que conversamos... O senhor não se lembra?

Nicole Monnier! Eu não poderia reconhecer sua voz agora, se ela não fizesse tal referência.

— Uma rosa vermelha — disse eu.

— Exatamente! — Percebi que ela começou a chorar. — Já sabe o que aconteceu?

— As minhas condolências!

Seus soluços se tornaram mais fortes.

— E o senhor acha que agora tudo deve ficar por isso mesmo? Ele posto fora de circulação e eu sozinha no mundo... e pronto! Tudo terminado, não é? Não, não e não! O senhor ainda está interessado em comprar algo, *monsieur*?

— Naturalmente.

— Então terá de vir até onde me encontro. Venha o mais breve possível, pois não poderei permanecer aqui por muito tempo. Tenho que ir embora imediatamente... E para bem longe. Mas antes disso o senhor poderá obter a informação que deseja. Eu a tenho!

— Onde você se encontra?

— Em Fréjus. Tome um táxi para vir até aqui. Mas venha sozinho. Previno-o de que não deverá vir acompanhado. Se o senhor trouxer junto algum

elemento da polícia ou se eu notar que alguém o segue, não estarei mais à sua espera no lugar indicado. Estou falando sério. O senhor tem de vir sozinho.

— Irei sozinho.

— E também não deverá dizer a ninguém para onde vai.

— Não direi a ninguém. Para onde devo dirigir-me?

— Ao Boulevard Salvarelli, 121. Residénce Jules Lurey. Mas o senhor não deverá chegar com o carro em frente ao prédio. Diga ao chofer que o deixe na Plate-Forme. Fica um pouco antes da residência. O senhor conhece Fréjus?

— Não.

— Nesse caso terá que indagar. Não fica muito longe dessa cidade. Se o senhor não descer do carro na Plate-Forme, não me encontrará no local indicado. Acho bom preveni-lo disso mais uma vez.

— Sim. Já compreendi.

— Estou falando seriamente.

— Farei conforme você disse.

— E traga dinheiro, também.

— Quanto?

— Cem mil francos. Antes, nós queriamos muito mais: um milhão. Mas agora não posso mais esperar. Tenho que ir embora. Ficarei satisfeita com cem mil apenas... Para mim, agora que Alain está morto, tanto faz... Não preciso de um milhão.

Eu ainda conservava em meu poder os cheques de viagem que me haviam sido entregues por Gustav Brandenburg: cheques no montante de trinta mil marcos alemães fornecidos quando vim a Cannes pela primeira vez e no montante de cinquenta mil marcos entregues da última vez em que estive em Frankfurt. Expliquei à mulher:

— Só tenho cheques de viagem.

— Não serve — disse-me Nicole Monnier, que subitamente parara

de chorar. — Nada de cheques! Eu já lhe disse que tenho que ir embora desta cidade. O pagamento dos cheques pode ser cancelado a qualquer momento ou pode mesmo dar-se o caso de não haver fundos para o seu resgate. Exijo o pagamento em dinheiro. O senhor mesmo poderá trocar os cheques. Faça o que lhe digo ou não precisará vir até aqui.

— Mas a essa hora os bancos estão fechados. Somente lá pelas duas horas é que conseguirei trocar os cheques. Portanto, não poderei ir aí senão à tarde. Não fique tão impaciente...

— Não estou ficando impaciente. Devo adverti-lo de que, a partir de agora, cada passo que o senhor der será vigiado, *monsieur*. O senhor compreende, não é? Eu não quero que, como aconteceu a Alain... — Ela calou-se sem completar a frase.

— Compreendo — disse eu, pus o fone no gancho.

Refleti um pouco sobre o caso e depois resolvi dar um telefonema a Angela. Ela se encontrava no seu estúdio trabalhando.

— Floje, depois do meio-dia, tenho que fazer uma pequena viagem. Espere-me lá pela tardinha.

— A que horas?

— Ainda não sei ao certo.

— O serviço que você vai fazer é muito importante, não é verdade?

— Acho que sim.

— Tome cuidado, Robert, por favor! Muito cuidado!

— Não deixarei de ser cauteloso, fique sossegada. Então até logo mais! — disse, e em seguida desliguei o fone.

Antes do almoço saí para o terraço e sentei-me à mesinha do nosso cantinho, sob a sombra daquela possante marquise. Fiquei ali bebendo gim-tônica em pequenos goles. Eu tinha o pressentimento de que dentro de poucas horas finalmente iria descobrir a verdade sobre a morte de Hellmann, encerrando definitivamente o caso.

E por uns seis meses ainda, eu poderia contar com a minha perna

esquerda. Mas quantas coisas não aconteceriam ainda nesses seis meses?

Em Cannes já se propalavam as fofocas sobre minhas relações com Angela. É claro que Bianca Fabiani procurará por todos os meios possíveis atirar na imundície o nosso amor... À tardinha, quando eu chegar ao apartamento de Angela, terei uma porção de coisas para contar-lhe.

A bebida estava muito gelada, pois eu havia pedido que pusessem bastante gelo no copo.

Fréjus fica localizada a uma distância de cerca de trinta quilômetros de Cannes. O chofer do táxi entrou na rodovia Esterel—Côte d'Azur. O carro ia em marcha acelerada. De Cannes seguimos primeiramente na direção de Mandelieu, avançando até o vale de Argentière. Transpusemos as colinas que ficam entre Tanneron e Esterel. Depois começamos a descer a encosta, passando por uma represa muito grande.

O chofer virou-se um pouco para o meu lado e disse:

— Malpasset. O senhor se lembra?

— Em que época?

— Em 1959. Dia 2 de dezembro. Lá em cima rompeu-se um dique. Morreram mais de quatrocentas pessoas.

— Sim, agora estou me lembrando. Mas naquela ocasião só se falava na represa de Fréjus.

— Exato. Em poucos minutos estaremos em Fréjus.

O chofer era um indivíduo de aparência taciturna. Falava laconicamente.

Atingimos o vale do rio Reyron. A estrada, agora, estendia-se através da região montanhosa e erma do Esterel. Sob aquele sol abrasador, o penhasco vermelho parecia incandescente. Alguns quilômetros antes de Fréjus terminou a rodovia asfaltada e entramos numa dessas estradas bem largas, características das regiões interioranas. A cidadezinha estava situada cerca de vinte metros acima do nível do

Reyron e distava um quilômetro e meio do mar. Viam-se ali antigos palácios muito lindos e uma catedral gótica. O chofer estava com pressa. De repente, eis-nos passando por diversas ruínas, que provinham da época do Império Romano: um anfiteatro, um gigantesco aqueduto, seguramente com mais de vinte metros de altura, o qual passava por um corte do vale. Rodando sobre o terreno acidentado daquela região, o carro aproximou-se de um muro em ruínas, onde o chofer fê-lo estacar.

— *Eh, voilà, la Plate-Forme, monsieur!*

Paguei a corrida e desci do carro. Teria que tomar outro táxi para regressar a Cannes. O chofer fez votos para que eu encontrasse facilmente um táxi para voltar e o seu carro arrancou furiosamente.

De pé, fiquei esperando na frente de um muro em ruínas, onde não se via vivalma. Se pelo menos aparecesse outro carro; mas tudo por ali estava calmo. Não havia nenhum movimento. A essa hora todos faziam a sesta devido ao intenso calor. Caminhando a esmo pela estrada, retrocedi até o ponto onde uma tabuleta indicava o caminho para Cannes. Ali, sentado no chão, à sombra projetada por uma das casas, encontrava-se um aleijado ao qual faltava uma perna. Ele tocava violino. Ela via um gorro colocado na sua frente. Durante um certo tempo procurei verificar qual era a porção de perna que fora suprimida com a amputação, fazendo um confronto com a outra perna que estava espichada. Era a perna esquerda que lhe faltava. Atirei algumas moedas para dentro do seu gorro, que ainda se achava completamente vazio.

Pedi-lhe que me indicasse o caminho para o Boulevard Salvarelli. Sem interromper a execução do violino, forneceu-me a necessária explicação. Avancei um certo trecho seguindo pela estrada de Cannes, no sentido da cidade; depois dobrei à esquerda passando pelo Cours Paul-Vernet. Desse local vislumbravam-se o encantador panorama de Saint-Raphaêl e o Esterel. Meu pé esquerdo começou a doer. Parei um pouco e fiquei contemplando a linda vista que se descortinava à minha frente. Engoli dois comprimidos do meu remédio e segui caminhando, primeiro para a esquerda e depois para a direita, até chegar à Avenue de la Porte d'Orée. Entrei nessa avenida pelo lado direito. Bem no centro de uma pracinha do lado esquerdo estava a Porte d'Orée. Tratava-se indubitavelmente de uma portentosa obra arquitetônica muito antiga. O tocador de violino me havia falado sobre ela, explicando que fora construída no século IV, provavelmente pelos romanos. O porto localizava-se outrora exatamente no ponto em que se sobressaía o muro remanescente. Dali andei mais alguns passos e cheguei ao Boulevard Salvarelli.

Em todo o trajeto que percorrí, com exceção do aleijado, não vi mais ninguém. Só posso dizer que vi, também, dois cães e uma gata, que estavam deitados na calçada, descansando à sombra daquelas casas antigas. A gata permanecia completamente imóvel, mas os cães, com as línguas de fora, ofegavam e estavam inquietos. As venezianas das janelas de todas as residências achavam-se fechadas. Tive a impressão de ter penetrado numa cidade de mortos.

A casa número .121 tinha um só pavimento e estava pintada com uma cor verde que lhe dava um aspecto horrível. Uma tabuleta indicava

“Lavanderia a Vapor Lurey”. A porta estava trancada. Bati com força. O sol caía em cheio sobre as minhas costas. Com o lenço enxuguei o suor da testa e do pescoço. A dor no meu pé continuava. Já fazia quase cinco minutos que eu estava batendo quando comecei a ouvir os passos de alguém que se aproximava. Então soou uma voz de homem:

— Quem está aí? Diga o seu nome.

— Robert Lucas.

Uma chave girou na fechadura e a porta se abriu. À minha frente surgiu um jovem de porte gigantesco, um verdadeiro montão de músculos, de camiseta, cueca, meias e sapato.

— Robert Lucas e o que mais? — interrogou-me.

— Alguém que marcou encontro comigo deve estar me esperando aqui.

— Quem?

— Mademoiselle Monnier.

— Descreva-me logo como é essa pessoa.

Descrevi-lhe o melhor que pude o tipo da mulher. Depois que mencionei os dentes estragados, o gigante não fez mais nenhuma objeção.

— Venha comigo.

Ele trancou novamente a porta e, fazendo-me passar através de um pátio de forma quadrangular, onde se viam diversas calandras de passar roupa já enferrujada^ e um velho caminhão de carga, conduziu-me até o pé de uma escada, por onde se subia a um corredor que ficava no primeiro andar e que circundava todo o pátio. As portas e janelas de todos os apartamentos davam para o corredor.

— Ali em cima. A primeira porta seguindo pelo corredor. Bata três vezes: duas pancadas leves e uma forte.

Subi aquela escada de ferro toda enferrujada. As chapas dos degraus rangiam. O corredor era de pedra. Estaquei diante da primeira porta e dei duas batidas leves e uma forte. A porta se abriu imediatamente e apareceu diante de mim Nicole Monnier. Reconheci-a logo, mas tive que fazer um esforço

para ocultar-lhe o meu espanto. Ela estava sem pintura. Sua face mostrava uma palidez cor de cinza. Seus cabelos estavam caídos em madeixas. De tanto chorar tinha os olhos vermelhos e inchados, mas agora não estava chorando. Seu rosto parecia ter adquirido a rigidez de uma máscara. Tinha a aparência de uma velha. Seus lábios estavam quase brancos.

— Entre — disse ela.

Então penetrei numa cozinha pequena e suja, que se achava em completa desordem. Dali conduziu-me até um quarto, também sujo e desarrumado, no qual havia uma cama de casal. Na parede, sobre a cabeceira da cama, estava pendurado um óleo representando a crucificação de Cristo. Havia também nesse quarto duas cadeiras de vime, um armário e uma mesa. Com as persianas fechadas o quarto parecia estar na penumbra e o calor ali era insuportável.

Nicole estava usando uma camisola cinzenta e nada mais por baixo, conforme pude perceber. Ela andava com os pés descalços. Eu descalcei o sapato do meu pé esquerdo, que doía horrivelmente.

— Vamos sentar — disse Nicole.

Sentamo-nos, então, nas cadeiras de vime, perto da mesa e em frente à cama, a qual ainda não havia sido arrumada. Sobre a mesa viam-se algumas fotografias. Um pequeno gravador estava ligado à tomada.

— Sinceramente, sinto muito pelo que aconteceu — disse-lhe.

— Eu também sinto muito. Alain era um patife, mas eu sempre o amei. Agora ele está morto. E eu estou sozinha no mundo.

Ela, agora, não fazia esforço algum para esconder seus dentes estragados.

— Que pretende fazer?

— Ir embora. O senhor acha que vou ficar aqui esperando até que eles venham e me liquidem também? Os proprietários deste conjunto residencial são nossos amigos, mas mesmo assim eu não posso ficar mais aqui.

— Para onde pretende ir?

— Para qualquer lugar. Bem longe. Quero sair da França. Mas para isso preciso de dinheiro. O senhor trouxe o dinheiro?

— Sim.

— Quero ver.

Mostrei-lhe o maço de notas que eu havia colocado na pasta de couro que me fora presenteada por Angela.

— O senhor tem um cigarro?

— Deixei de fumar.

— Não tem importância. O cigarro também é uma porcaria. É uma merda. Mas vamos logo ao que interessa, pois o senhor deve estar com pressa, não é?

— Sim, estou.

— Eu também. Preste bem atenção: aquela vez no bar do Majestic eu lhe disse que poderia *vender-lhe toda a verdade* e não estava mentindo: era exatamente o que tinha a intenção de fazer. Nós já *possuíamos a verdade* naquela ocasião, eu e Alain. Foi Alain mesmo quem me mandou ao Majestic para falar com o senhor. Eu o teria recebido naquele nosso apartamento na Résidence de Paris para entrarmos em entendimento, se não tivéssemos visto o senhor sendo espancado.

— Então viram o que me aconteceu? Você e Alain?

— É como estou lhe dizendo! Aí Alain pensou: se ele agora entra aqui e toma conhecimento de tudo, estaremos perdidos quando ele soltar a bomba. Aí, sim, eles ficarão sabendo onde foi que ele obteve as informações.

— Eles quem?

— Os outros — respondeu-me simplesmente Nicole.

— Os outros quem?

— Santo Deus! Espere!

— Desculpe-me.

— Bem, não é nada. É que meus nervos estão em pandarecos. Os seus também, não é verdade?

— Sim.

— Eu imagino! — disse-me a mulher, que no nosso primeiro encontro havia achado até bonita, mas que agora, ali sentada na minha frente, tinha a aparência de um trapo humano.

Ela prosseguiu:

— Eu imagino! Ficou tudo cagado. Também para o senhor. E o que posso fazer? Tenho que ir embora. Mas para isso preciso de dinheiro. Do seu dinheiro. E o senhor também precisa da minha informação para saber a verdade. Mas, voltando ao assunto, naquela noite Alain disse: "Agora não dá. Eu recebo o homem. Para todos os efeitos você não está aqui". Eu estava dentro do guardarroupa quando Alain conduziu o senhor por todo o apartamento. Naquele guardarroupa com espelho, que estava no quarto. O senhor não se lembra?

— Mas eu inspecionei aquele guardarroupa e vi que estava vazio.

— No seu interior há uma porta corrediça pela qual se entra num pequeno compartimento secreto. O compartimento fica entre duas paredes.

— Se eu não tivesse sido espancado naquela noite, você conversaria comigo naquele mesmo quarto e Alain ficaria escondido dentro daquele compartimento, não é verdade?

— É verdade.

— Vocês faziam sempre assim quando recebiam os seus clientes?

— Sempre, não. Muitas vezes, sim. Especialmente quando queriamos extorquir dinheiro de alguém ou eu me sentia amedrontada. Falando a pura verdade, depois que o senhor esteve lá no apartamento, Alain ficou bastante assustado e achou melhor sumirmos por algum tempo. Andamos de um lugar para outro até que, por fim, viemos parar nesta cidade. Daqui, Alain se pôs em contato com o tal Seeberg.

— Com quem?

— Com Seeberg, aquele sujeito do banco de Hellmann. Eu sei que o senhor o conhece.

— É claro que o conheço. Mas não sabia que Alain também o conhecesse...

— Alain conhecia toda aquela cambada. Todos eles. E tenho comigo as informações que queríamos vender ao senhor. Ao senhor e não a eles. Alain sempre dizia que lidar com aquela gente era muito perigoso. Com o senhor... Com o senhor não há perigo. O senhor pagaria com prazer bom dinheiro pelas informações porque elas são do interesse da companhia de seguros para a qual o senhor trabalha. — Nicole passava a mão pelas madeixas caídas. — Isso era o que dizia Alain naquela ocasião. Mas depois ele começou a ficar com mania de grandeza. Queria a todo custo ganhar um milhão de Seeberg. Um milhão e nada menos! Conversou com Seeberg pelo telefone indicando-lhe o lugar onde ambos poderiam tratar do assunto. Ficou combinado que eles se encontrariam, ainda ontem à noite, no antigo porto. Naturalmente Alain não havia levado o material consigo. Essa é que é a verdade.

Nicole passou a olhar fixamente suas mãos. O esmalte estava descascado. Suas mãos estavam sujas.

A dor no meu pé diminuira um pouco.

— Então você acha que foi Seeberg quem atirou em Alain?

— Ele, certamente, não. Mas, para fazer isso, ele tem os seus homens, os seus capangas.

Ela curvou-se um pouco para a frente e prosseguiu:

— Veja, *monsieur*: Alain e Argouad eram amigos havia muitos anos...

— Alain e quem?

— Santo Deus! Argouad, o argelino de La Bocca.

— Ah, sim. *Pardon!* e daí?

— Então certo dia ele, Argouad, aproximou-se de Alain e disse: "Uma italiana veio falar comigo e quer que eu lhe arranje dinamite. Dinamite maciça. Ela paga cem mil francos". Dali por diante, Alain começou a interessar-se pelo caso.

— Já a partir dessa conversa com o argelino?

— Sim, senhor! A partir dessa conversa! Meu Alain conhecia muitas pessoas, refiro-me a indivíduos da mesma especialidade, o senhor me compreende, não é? Desde então, Alain começou a agir ocultamente,

procurando observar com atenção o que aquela irmã-enfermeira pretendia fazer com a dinamite. Logo no princípio ela não fez nada. O tal Hellmann veio a Cannes completamente arruinado. Alain passou a observá-lo também. Seguia-o quando ele dava os seus giros, sempre visitando as mesmas pessoas: Fabiani, Kilwood, aquele fresco de nome Thorwell, Tenedos, Sargantana. Sempre os mesmos.

— Eram só essas as pessoas que Hellmann visitava?

— O que o senhor quer dizer?

— Será que você não se esqueceu de nenhuma outra pessoa?

Ela refletiu um pouco e depois sacudiu a cabeça negativamente.

— Que me diz de Trabaud? — interroguei.

Ah, sim... esse homem também tinha negócios com Hellmann, mas ele nada tem a ver com este caso. Disso eu tenho absoluta certeza! Dentro de alguns segundos o senhor também compreenderá por quê. Bem, Hellmann andava inquieto, nervoso, sempre se movimentando de um lugar para outro. Visitava, também, o apartamento da sua amiga, *Madame* Delpierre. Ela igualmente nada tem a ver com este caso. Nada mais fez senão pintar um retrato de Hellmann. Mas, como já lhe disse, Alain conhecia muita gente. Conhecia, por exemplo, um italiano, o qual, por sua vez, era amigo do criado de Tenedos, aquele tal Vittorio. Desse modo, foi fácil para Alain conseguir falar com Vittorio, que odeia Tenedos.

— Sim, ele odeia Tenedos porque Tenedos é multimilionário.

— Não! — retrucou Nicole. — Não é por isso.

— Por quê, então?

— É porque Tenedos é um porco. Um porco assassino. Vittorio possui um notável senso para perceber o que é justo e o que é injusto e para distinguir o mal do bem. Por isso ele disse que iria ajudar Alain a liquidar Tenedos, aquele tubarão desgraçado que colocou uma geladeira dentro do piano da sala de estar, onde ele, altas horas da noite, tira caviar e champanha para comer e beber com a porca covarde da sua mulher. E aquele porco faz isso porque tem medo de que Vittorio venha a instigar os outros empregados da casa para matá-lo, se ele fizer ostentação da sua riqueza.

— Mas Vittorio teria mesmo alguma vez tentado instigar os criados contra seus patrões?

— Ele não teria necessidade de fazer uma coisa dessas. Que pensa o senhor? Todos eles tinham e têm o mesmo pensamento de Vittorio. Mas não há perigo: eles nunca matarão Tenedos. Nem Vittorio nem os demais criados são assassinos. Os verdadeiros assassinos são outros.

— Francamente não estou compreendendo nada — disse eu.

— Tenha paciência. Calma! Vou explicar-lhe tudo direitinho. Tudo, tudo. Vittorio colocou fios de telefone na sala de visitas da casa de Tenedos. Esses fios achavam-se ligados a um microfone que estava bem escondido. Então todas as vezes que Hellmann ia lá e ficava naquela sala conversando com Tenedos, Vittorio, no seu quarto (os fios iam até o seu quarto), fazia o gravador funcionar. O gravador é este mesmo que está aqui na sua frente. O cassete com a gravação já está colocado.

Ela ligou o aparelho e disse-me:

— Preste bem atenção agora. Falta a parte inicial, pois

Vittorio não pôs o gravador a funcionar no devido tempo. Mas, mesmo assim, o que ficou gravado é suficiente.

Ela apertou um botão e soou uma voz de homem:

"— ...eu já lhe disse duas, vezes e vou repeti-lo agora pela terceira: nada sabia com relação a esses negócios infames dos senhores. Já declarei isso a todos os outros, principalmente a esse tal de KiKvood. Até aquela tarde em que fiz a conferência, lá no Frankfurter-Hof, não sabia absolutamente de nada. Imediatamente, de noite mesmo, fui ao banco e examinei todos os documentos na seção de câmbio. Essa foi a primeira vez... a primeira vez, note bem, Tenedos!... que tomei conhecimento de que Kilwood, em nome de todos os senhores, com a conivência de Seeberg, fazia traiçoeiramente negociatas sujas que atingiam a casa dos bilhões. Ele fazia isso sem que eu soubesse de nada. Tais negociatas eram efetuadas em nome de todos os senhores. Foi por isso que vim a esta cidade. Seeberg, aquele patife, eu já queimei através de um telegrama. Lamentavelmente não posso tornar pública tal deliberação... "

— Essa é a voz de Hellmann — cochichou Nicole ao meu ouvido.

Explicação desnecessária, pois me encontrava com o tronco

curvado sobre o gravador. A voz que surgiu logo em seguida também me era conhecida: era a voz de Tenedos. Passo, agora, a descrever o diálogo por mim anotado, de acordo com a gravação:

"TENEDOS: — O que o senhor exige é uma loucura. Não se pode anular facilmente assim transações com libras sem que alguém note...

HELLMANN: — Mas eu posso anulá-las! Eu posso! (Sua voz parecia desesperada. Esse homem não acreditava ele próprio no que afirmava.) Tenho que fazer novos registros contábeis de todas essas importâncias, alterando toda a escrita. E, para isso, os senhores terão que me ajudar. Pois de forma alguma poderei permitir que os senhores destruam minha boa reputação.

TENEDOS: — E lhe digo que ninguém acreditará que o senhor nada sabia a respeito dessas transações.

HELLMANN: — Valer-me-ei de peritos de reconhecida competência. Em todas as partes do mundo tenho amigos que são banqueiros. Todos eles são homens de primeira plana. Eles poderão atestar que seria muito fácil para um patife' sem escrúpulos como Seeberg, dirigindo com autonomia a seção de câmbio de um banco do porte do meu, efetuar em qualquer época transações ilícitas dessa natureza, sem que o proprietário do banco tivesse conhecimento delas.

TENEDOS: — Não grite assim!

HELLMANN: — Gritarei muito mais alto ainda! Os senhores negaram-me a *coverage* para essas operações. Seeberg, revelando o máximo de baixeza na sua atitude, reteve propositadamente as libras negociadas, não as transferindo para o Banco Central. Os senhores queriam arruinar-me, essa é que é a verdade! Os senhores esperavam que eu, em desespero, estourasse os miolos com uma bala, quando viesse a descobrir toda a trama. Então o meu banco passaria para o controle dos senhores, juntamente com o porco do Seeberg, pois os senhores poderiam facilmente tomar da minha irmã as rédeas da administração. Mas exijo dos senhores, de todos os senhores juntos, a cobertura para as perdas e danos verificados. Foi isso que disse a Kilwood.

TENEDOS: — E que foi que ele respondeu?

HELLMANN: — Ele deu uma risada e disse que eu devia dar cabo da minha vida.

TENEDOS: — Só mesmo rindo...

HELLMANN: — Ah, é?! O senhor acha? Veremos quem vai rir por último! Digo-lhe pela última vez, Tenedos: exijo a cobertura em marcos alemães dos prejuízos verificados. E imediatamente! E de todos os senhores! Kilwood agiu em nome de todos os senhores quando deu suas instruções a Seeberg para que ele efetuasse os negócios.

TENEDOS: — Quarenta milhões não liquidam com um homem como o senhor.

HELLMANN: — Não. Mas são oitenta milhões! É esse o montante que terei que exigir quando lhes devolver as libras negociadas com base na sua antiga cotação e transferir para a responsabilidade dos senhores as operações de crédito que foram efetuadas. Não poderei suportar a perda de oitenta milhões. E, como é óbvio, não farei mais qualquer negócio com os senhores. A Kood pode procurar desde já um outro banco."

Nicole comprimiu o botão do gravador, dizendo-me:

— Agora a gravação continua durante um certo tempo com Hellmann gritando e Tenedos falando e esquivando-se, sem dizer sim nem não. De qualquer maneira, conforme o próprio Alain havia percebido, está fora de dúvida que Hellmann realmente nada sabia a respeito dos negócios que aquela cambada fez. A melhor prova disso é que ele estava muito nervoso.

Ligando novamente o gravador, Nicole deixou correr um pouco e, ao atingir o início de uma segunda conversa, comprimiu novamente o botão e disse-me:

— No mesmo dia em que Hellmann esteve lá conversando com Tenedos, o grego recebeu uma outra visita: Sargantana. Eles também conversaram na mesma sala. Mais uma vez Vittorio fez o gravador funcionar. Como aconteceu com a primeira gravação, também nesta falta o começo da conversa.

Ela ligou o aparelho e passei a ouvir o seguinte diálogo:

"SARGANTANA: — ...tudo saiu de acordo com os nossos planos, meu caro. Hellmann caiu na armadilha direitinho. A coisa não poderia ter funcionado melhor. Já discutimos bastante sobre o que nos resta fazer agora, mas vou repeti-lo apenas mais uma vez, porque o tempo de que dispomos está se escoando rapidamente: não negaremos agora em caráter definitivo nossa ajuda a Hellmann. Deixemos que ele faça primeiro sua viagem à Córsega. Vamos dizer-lhe que quando ele regressar dessa viagem nós lhe daremos a resposta definitiva.

TENEDOS: — Mas dessa viagem ele jamais regressará!...

SARGANTANA: — Assim espero, com a ajuda de Deus! Portanto a combinação é a seguinte: cada um de nós agora deve desincumbir-se da tarefa que lhe cabe neste 'negócio'. Você já conseguiu de um indivíduo de absoluta confiança a dinamite que a irmã-enfermeira foi buscar, conforme você mesmo disse. Agora lhe pergunto: será que esse indivíduo é mesmo de confiança?

TENEDOS: — Da mais absoluta confiança.

SARGANTANA: — Tenho que acreditar nas suas palavras. Agora só espero que cada um de nós procure valer-se dos serviços de homens da mais absoluta confiança ao executar a sua parte neste trabalho em comum. (— Neste crime em comum — disse eu. Nicole concordou com um meneio de cabeça.)

TENEDOS: — Meu técnico construirá um engenho que será uma máquina infernal. Ele fará tudo, inclusive a instalação elétrica. Thorwell se encarregou de arranjar o homem para colocar as peças e os acessórios da aparelhagem elétrica, deixando a coisa pronta para funcionamento. Temos que encarar também a possibilidade de que alguém, depois, tente abrir o bico, seja um de nós (não se ofenda por eu falar assim, pois o assunto é muito importante), seja um dos indivíduos que irão trabalhar para nós, pois eles não passam de uns gângsteres. Na verdade, essa possibilidade existe, tanto assim que você e Kilwood se encarregaram de arranjar um pistoleiro capaz de agir imediatamente para eliminar seja lá quem for que se torne perigoso para nós.

SARGANTANA: — E nós já encontramos o homem talhado para essa incumbência.

TENEDOS: — Quem?

SARGANTANA: — Não posso dizer-lhe o nome dele. Só posso garantir que é o melhor indivíduo que poderiamos encontrar para isso. E sobre ele jamais recairá a mínima suspeita. Mas o nome o senhor não ficará sabendo. Nem mesmo a mim disseram o nome desse homem.

TENEDOS: — Muito bem! Então mantenha em sigilo o nome desse merda! Só espero que ele saiba agir direitinho quando for preciso e que não falhe.

SARGANTANA: — Ele agirá sempre prontamente. Podemos pôr a mão no fogo por ele.

TENEDOS: — Que é que há com esses dois franceses com os quais Hellmann irá se encontrar na Córsega?

SARGANTANA: — Clermont e Abel?

TENEDOS: — Sim.

SARGANTANA: — Não há nada. Hellmann de forma alguma poderá fechar qualquer negócio com eles ou fazer-lhes qualquer promessa antes que seu assunto conosco fique resolvido. Ele mesmo nos concedeu todo o tempo até seu regresso dessa viagem para refletirmos sobre o caso. Mas depois que ele estiver em viagem não precisaremos mais nos preocupar com isso. Acidente, suicídio, assassinato... ninguém jamais poderá descobrir a causa do seu desaparecimento, se trabalharmos direitinho, cada um de nós desincumbindo-se perfeitamente da parte que lhe toca nesse servicinho, feito em conjunto. E que o pistoleiro mostre a sua eficiência, se for preciso! Então, sim, estará perfeito nosso plano de eliminar Hellmann!"

Nicole apertou o botão e desligou o fio da tomada.

— Uma súcia de criminosos — disse ela. — Sim, monsieur, é isso mesmo: uma súcia de criminosos! E como eles conseguiram fazer tudo direitinho! A explosão. O pistoleiro. Viale foi eliminado provavelmente porque descobrira a pista que conduziria a esse tal Argouad. A irmã-enfermeira foi assassinada porque havia o perigo de que ela pudesse falar. Eles liquidaram com a pobre mulher só porque já estava se tornando uma ameaça para eles. Depois que o meu Alain deu um susto em Seeberg, acabaram logo com ele. Eu sempre dizia a Alain que não devia lidar com aquela gente, que ele devia procurar o senhor para fazer esse negócio, embora contentando-se em ganhar menos. Mas Alain nunca quis me ouvir. Agora está morto...

Ela calou-se e passou a me fitar. Contudo, estava de tal maneira absorta que parecia não se dar conta da minha presença. Lá embaixo, no pátio, crianças brincavam. Eu ouvia suas alegres algazarras.

— Mas quais são as fotos que você disse que possui?

— Ah, sim! — Nicole começou a remexer num montão de fotografias. — Alain teve muito trabalho com esse caso. Conseguiu encontrar o homem que construiu a primeira parte da bomba que fez voar para os ares o iate de Hellmann, Atrás da fotografia está o nome e o endereço.

Ela passou às minhas mãos a foto e pegou uma outra.

— Este aqui fez a montagem elétrica. O nome e o endereço também estão anotados atrás da foto.

Em seguida ela atirou sobre aquela mesa suja uma série de fotografias e prosseguiu:

— Estas são as fotos dos encontros dos indivíduos que trabalharam fazendo o tal engenho numa oficina. Aqui estão eles levando o material. Alain fez um serviço que nem um louco se arriscaria a fazer.

— Que serviço?

— Ele chegou a dormir no *Moonglow* quando estava ancorado em Port Canto. Havia sempre dois homens que permaneciam a bordo. Alain arranjou prostitutas, que levou para o iate, e conseguiu fazer com que os dois marinheiros se embebedassem e dormissem com elas. Durante a noite Alain ficava oculto a bordo do *Moonglow* esperando a pessoa que devia trazer a máquina destruidora e montá-la dentro do iate. Teve que esperar durante três noites. Então apareceu alguém. Alain, só de meias nos pés, seguiu-o até a cabina das máquinas, que ficava embaixo.

— Mas na cabina certamente não havia claridade.

— A cabina estava escura, mas Alain tinha uma câmara de raios infravermelhos. A luz infravermelha não é visível, mas serve para tirar fotos com uma certa nitidez. Alain fotografou a tal pessoa que estava escondendo o engenho na cabina. Aqui está ela! — disse Nicole, entregando-me a foto.

Examinando-a, consegui distinguir perfeitamente, na cabina de máquinas de uma embarcação, Hilde Hellmann, Hilde dos Brilhantes, a irmã de Herbert Hellmann, ocupada na colocação de algo com o formato de uma caixa!

Às nove e meia da noite, cheguei de volta ao Majestic.

Aluguei um outro cofre bem grande e coloquei dentro dele todo o material que Nicole Monnier me havia vendido por cem mil francos. Coloquei a chave no outro cofre menor, que alugara antes. Como fazia habitualmente, entreguei a chave deste último cofre para ser guardada pelo porteiro, que, ao recebê-la, disse-me:

— Um telefonema de Dusseldorf para o senhor, Monsieur Lucas. Esta é a quarta vez que a pessoa telefona hoje, tentando falar com o senhor. Na cabina 3, por favor.

Dirigi-me à cabina e coloquei o fone no ouvido.

— Robert?

— Oh, Gustav! Eu tenho algo... — ia falar-lhe, porém, como que por efeito de uma premonição subconsciente, interrompí a frase bruscamente e fiquei calado durante alguns segundos. — Que é que há de novo? — perguntei-lhe, então.

— Você vai ter que voltar! — disse Gustav Brandenburg. Ele falava com um tom de frieza na voz. — No primeiro avião. E venha imediatamente aqui falar comigo.

— Por quê?

— Você já tirou proveito demais com esse caso.

— Mas por quê? — gritei.

— Angela Delpierre!

— Que é que há com ela?

— Você bem sabe o que há com ela.

— Ora bolas, você também sabe! Aí no seu gabinete, nós bebemos juntos à saúde minha e dela.

— Não me lembro...

— Gustav, ó homem!...

— Recebemos reclamações de certa gente. Gente de Cannes. Gente muito perigosa.

— Sim, já posso imaginar quem...

— Eles não se queixaram a mim, mas à diretoria, a qual julgou seu comportamento incompatível com as boas normas de vida que deve ter um funcionário incumbido de tal missão. Os diretores se desculparam perante eles e prometeram tirar você imediatamente desse serviço. E agora chegou a ocasião da sua aposentadoria, Robert. E praza aos céus que você a consiga! Num caso desses, você teria que ser demitido por um grave desleixo no cumprimento dos seus deveres.

— Gustav — disse eu —, será que você não se lembra de me ter dito: "Em mim você e sua amada podem confiar, haja o que houver, aconteça o que acontecer"? Será que você se esqueceu dessas palavras?

— Não me lembro de nada! — respondeu Gustav, meu bom amigo Gustav Brandenburg.

Comecei a gritar:

— E você disse também: "Não há nada que eu não possa fazer por vocês a fim de favorecer tão grande amor". Foi assim mesmo que você falou!

— Não grite comigo! — disse-me Brandenburg, soltando uma risadinha maliciosa. — Foi realmente isso que eu disse? E daí? Que é que tenho a ver com minha conversa fiada de ontem?

— Você, seu porco sujo...

— Cale essa boca! Você terá que vir no primeiro avião, apresentando-se imediatamente no meu gabinete. Compreendeu bem?

Desliguei o aparelho sem dar-lhe resposta.

Saí para o *hall* e passei a refletir como se tornara cômica minha situação. Eu me encontrava numa das mais ridículas situações de toda a minha vida. Cheguei a dar, sozinho, uma estrondosa gargalhada. Algumas pessoas que passavam por mim ficaram estupefatas. Pedi ao porteiro que me reservasse uma passagem no primeiro avião que partisse para Dusseldorf na manhã seguinte.

— Vai conservar seu quarto, *monsieur*?

— Sim — respondi-lhe quase maquinalmente. — Estarei de volta sem demora.

— Alegramo-nos com isso, *Monsieur* Lucas.

— Provavelmente hoje não voltarei mais ao hotel e amanhã cedo seguirei diretamente ao aeroporto.

— Está bem, *monsieur*. Boa viagem e feliz regresso! Oh, esqueci-me, há aqui uma carta para o senhor chegada com o correio da tarde.

Ele entregou-me um envelope no qual se via impresso o endereço do meu amigo e advogado Paolo Fontana.

Angela permanecia sentada bem perto de mim, no balanço armado num dos cantos do amplo terraço. A luz da sala de estar projetava-se sobre aquela infinidade de flores. Havia, também, bastante claridade para que eu pudesse ler a carta que segurava na mão. Eu esperara para abrir o envelope quando estivesse junto de Angela. Comecei a ler em voz alta:

"Muito estimado Robert:

Uso o tratamento *você*, mas — compreenda bem! — esta é uma correspondência de caráter oficial. Anexa à presente, estou lhe remetendo uma cópia da carta do Dr. Berchert. O Dr. Berchert é o advogado da sua mulher. Espero que no mais breve tempo possível você me procure no meu escritório para uma conversa. Atenciosamente,

(a) Paolo Fontana."

Onde está a carta que veio anexa? Puxei de dentro do envelope um papel mais fino, desdobrei-o e passei a ler:

"Muito honrado colega!

A Sra. Karin Lucas recebeu uma carta na qual V. S.ª lhe comunica que seu marido deseja divorciar-se dela, tendo já V. S.ª encaminhado ao juízo competente a petição de divórcio. Em nome da minha constituinte, cumpre-me declarar-lhe que ela em hipótese alguma concorda com o divórcio, sejam lá quais forem as circunstâncias alegadas. Tenho absoluta certeza de que o juiz, com base na situação ora citada, de forma alguma acatará a petição do seu constituinte, ainda que seja para efeito de verificar a possibilidade de discutir o caso.

Cordiais saudações,

Berchert

Advogado."

— É evidente que o bom Deus não nos ama — disse eu, deixando cair no joelho a mão que segurava a carta.

— Não diga isso! — reagiu Angela. — Nós estamos apenas no começo. E já previmos que iriam surgir dificuldades. Desde o princípio

admitimos isso, não é verdade? E então? Pouco importam essas dificuldades agora, pois já nos possuímos um ao outro. E ficaremos sempre juntos. Ninguém nos poderá proibir isso, nem mesmo sua mulher. Nem sua mulher nem juiz algum deste mundo pode forçá-lo a viver com ela.

— Vejo que você tem coragem para enfrentar a situação.

— Eu apenas encaro a realidade dos fatos. Para nós, já somos marido e mulher. Para tanto, nada mais nos falta senão um documento, um simples pedaço de papel. Sim, só um pedacinho de papel, Robert.

— É verdade. Hoje você pode dizer isso mesmo. Mas daqui a dois ou três anos...

— Mesmo então não passará de um simples pedaço de papel, que talvez possa ter alguma utilidade para nós. Talvez, não. Sua mulher também poderá mudar de ideia a qualquer momento. Na vida sempre acontece o contrário daquilo que se espera.

— Não no nosso caso. Não com Karin.

— Embora você não acredite que ela talvez possa vir a mudar de ideia, essa é uma hipótese que não excluo. Você, Robert, é muito pessimista. Não me retruque: pessimista é o que você é! E eu o amo também porque você é assim. Mas, agora que estamos vivendo juntos, você tem que se tornar mais otimista e adquirir mais autoconfiança. De uns tempos para cá você já adquiriu uma boa dose de autoconfiança. Mas terá que adquirir muito mais ainda.

— Como eu gostaria de ser corajoso como você! Mas lamentavelmente não sou.

— Pois então procurarei ser corajosa por dois.

— Depois de decorridos três anos, tendo muita sorte poderei me divorciar de Karin, mesmo contra sua vontade.

— Mas se você não tiver sorte, nunca poderá divorciar-se dela! E se realmente você nunca conseguir o divórcio? E se nunca na vida pudermos nos casar? Haja lá o que houver, sempre hei de amá-lo, Robert! Será que afinal você me compreendeu? Será que você não acredita em mim?

— Acredito.

— Portanto ficarei sendo sua amante por toda a minha vida, se

preciso for. Isso não me prejudica em nada. Absolutamente em nada! Desde que você também me ame, o resto pouco me importa. Parece até estranho que no seu idioma pátrio a palavra "amante" ("*geliebte*") tenha um sentido depreciativo. Mas poderá existir palavra mais bela? Diga-me!.

— Não, não existe.

— Sinceramente, Robert, eu ainda estou contando com o consentimento da sua mulher para o divórcio. Mas fica desde já declarado de uma vez por todas que essa circunstância de forma alguma terá qualquer influência sobre o meu sentimento com relação a você ou sobre o nosso amor.

Uma rajada de vento muito forte penetrou no terraço. Levantei os olhos. O céu já estava encoberto. Repentinamente esfriou. Pela primeira vez desde que cheguei a Cannes senti frio. Uma segunda rajada de vento seguiu-se à primeira. Então passamos a ouvir os bramidos de uma tormenta que estava ainda bem longe, mas que se aproximava com rapidez.

— Que é isso? — perguntei.

— É o Mistral. Venha, vamos para dentro.

Ajudei Angela a levar os cobertores e travesseiros para a sala de estar e voltei para abaixar o grande toldo do terraço movido a manivela.

A tormenta já havia atingido Cannes.

Ela murmurava e retumbava com uma fúria infernal. As venezianas das janelas batiam com força e as palmeiras íarfalhavam. A enorme quantidade de flores no terraço emaranhava-se com o vento. Tive dificuldade em fechar as grandes portas de vidro. Finalmente conseguimos ficar em segurança dentro do apartamento.

— Mistral?! — interroguei.

— Sim — respondeu-me Angela. — Às vezes ele passa também por aqui. Não é nada agradável.

— Por quê?

— Todas as pessoas se tornam nervosas e ficam com dor de cabeça. O Mistral é um vento frio do norte, que vem do vale do Reno. Mas, por favor, não faça uma cara tão triste assim, Robert! Você tem que acreditar no que eu lhe disse. Mesmo que tenha de viver sempre como sua amante, pouco me

importa. Que poderá haver de mais belo e encantador para mim?

Abracei-a e dei-lhe um beijo. Afundamo-nos no sofá. O Mistral agora bramia em torno do edifício. Ele sacudia as portas e janelas de vidro e fazia ringir a barra em que se firmava o toldo do terraço. O vento assobiava e uivava ao penetrar através dos buracos das fechaduras das portas e janelas.

Por fim, tendo tirado os meus braços do pescoço de Angela, notei que as lágrimas brotavam-lhe dos olhos, que enxuguei com meus beijos.

— Estou chorando porque me sinto muito feliz — murmurou ela.

— Sim, acredito. É só porque você está feliz — disse-lhe, e continuei a enxugar suas lágrimas com meus beijos, mas elas não paravam de brotar dos seus olhos.

O Mistral fazia um barulho estrondoso, investindo contra o nosso apartamento, o único lugar neste mundo em que nos sentíamos seguros.

Tomara que fosse assim!

Nessa noite quase não dormimos tampouco.

Bebíamos champanha e ficávamos observando, lá embaixo, o mar açoitado pela tormenta. Em Port Canto as luzes destinadas a indicar a posição dos iates pareciam dançar. Vimos um filme na televisão e escutamos o último noticiário da noite. Depois Angela colocou na vitrola os discos de Cole Porter. A cada instante a tormenta se tornava mais forte.

— Normalmente esse temporal dura três dias — disse-me Angela. — Você está com frio, meu amorzinho?

— Não.

Eu havia vestido o roupão e Angela, o casaco.

— Preciso viajar para Dusseldorf — disse.

Ela balançou a cabeça, concordando.

— Brandenburg quer falar comigo.

— Ah, sim, que foi que aconteceu esta tarde? Você conseguiu alguma coisa?

Eu escutava a música de Cole Porter, escutava os uivos e gemidos do Mistral. Depois de ter ouvido tudo o que Angela me dissera, ficou claro para mim qual o caminho que deveria seguir. Mais claro do que a água. Passei, então, a refletir bastante sobre esse caminho. Forçosamente teria que segui-lo. Não havia outro. E quero deixar aqui bem explicado que espécie de caminho era esse. Não me calarei e não ocultarei nada.

O que eu tinha em mente não era nada de bom. Não era decente. Não. Tratava-se de uma atitude criminosa, inescrupulosa. Nem sei como defini-la. Eu nunca fora assim antes daquela noite em que o Mistral bramia. A prolongada convivência com patifes fez com que também me tornasse um deles. Tornei-me, portanto, um criminoso, um indivíduo sem escrúpulos. Talvez eu tenha mesmo me tornado um tipo abominável.

Os leitores que acompanharam o meu relato até este ponto sabem perfeitamente o que foi que me aconteceu... De um momento para outro, sem mais nem menos, fui exonerado das minhas funções. Ando doente. O mais tardar

dentro de seis meses, deverá ser amputada uma das minhas pernas. Depois disso como ficará a minha situação? Angela é muito corajosa. Ela está disposta a permanecer como minha amante durante toda a sua vida, se minha mulher não concordar com o divórcio. Mas até este momento ela não sabe da necessidade de fazer a amputação da minha perna. Desconhece também minha situação funcional na companhia. Ela é o único grande amor da minha vida.

Contrariando meu pessimismo e o espírito de um Dilema-Joe que sempre me dominou, passei a ter a convicção de que Angela continuaria a dedicar-me o seu amor mesmo após a amputação. O importante era que eu fosse bem sucedido com meu plano.

Forçosamente eu tinha que tomar logo providências a fim de dar segurança a Angela na hipótese de eu não ser bem sucedido. E se conseguir realizar o meu intento, terei que tomar providências para a nossa segurança, minha e dela.

Como os leitores notarão em breve, eu já não mais agia levando em conta o costumeiro conceito de moral. Não mais podia pensar em moral depois de tudo aquilo que, nessa tarde, lá em Fréjus, eu ficara sabendo por intermédio de Nicole Monnier e depois daquele infame telefonema de Brandenburg. Além disso, contribuía para essa minha atitude a obstinada recusa de Karin em concordar com o nosso divórcio. Deixei de raciocinar como um homem decente sobre o que deveria fazer depois de ter descoberto tudo com relação ao objeto das minhas investigações.

Homem decente! Que significa essa expressão? Nesta cidade fui forçado a entrar em contato com um grupo dos assim chamados homens decentes, muito honrados e respeitados, temidos por todos e poderosíssimos. Mas na realidade eles não passavam de miseráveis criminosos e assassinos. Eram homens que faziam propagar por todo o mundo uma galopante inflação que tornava os pobres cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos. Eram homens que dispunham de muita força. Não se podia tocar sequer num fio de cabelo deles por grande que fosse o número de crimes que praticassem, porque, em se tratando de crimes tão hediondos e de criminosos tão potentes, não existiam crimes nem criminosos. Pois bem, agora eu queria ser como eles. Havia concebido mais ou menos a maneira como deveria agir a fim de, em qualquer eventualidade, garantir a segurança de Angela e a minha para sempre... para todo o tempo em que permanecéssemos sobre a face da terra. Tais foram os pensamentos que invadiram a minha mente naquela noite em que roncava o Mistral.

Que me condenem os leitores! Que se repugnem da minha atitude! Não tenho outro caminho a seguir... Mas talvez os leitores venham a ter um pouco de compreensão para comigo.

— Ah, sim — disse Angela. — Que foi que aconteceu esta tarde? Você conseguiu alguma coisa?

Notem os leitores que já vou começar a mentir.

— Estive em Fréjus. Na casa da amiga do tal Alain Danon, aquele sujeito que eles "pescaram" lá no antigo porto. Ela me disse que Danon havia praticamente descoberto toda a verdade e que por isso esfacelaram-lhe o crânio com um tiro. Ela conhece os homens com os quais Danon trabalhou. Ele vivia praticando extorsões. Evidentemente pretendia utilizar-se desses segredos, se é que de fato os possuía, para extorquir dinheiro dos culpados. Ou mesmo vendê-los a quem mais oferecesse. É isso que tenho que informar a Brandenburg. Será preciso muito dinheiro para pagar a esses homens. Talvez Brandenburg sozinho não possa tomar tal deliberação e tenha que consultar a diretoria. A companhia desembolsará um montão de dinheiro, mas, em compensação, a verdade surgirá... embora talvez seja muito triste a revelação que vamos ter: a verdade sobre Hellmann e sobre todos os seus amigos que se encontram nesta cidade.

Passei a ouvir, agora, o farfalhar das ramagens das árvores e os fortes bramidos do Mistral. Em algum lugar ali por perto as telhas faziam um ruído danado. Devia ser na antiga mansão Kazbek, que ficava lá embaixo, nas proximidades do nosso edifício, e que era o lugar onde outrora os príncipes russos davam suas pomposas festas, pois as résidences não dispõem de coberturas de telhas. Eu sentia a correnteza do vento que penetrava na sala. Parecia que o Mistral podia penetrar mesmo através das paredes de cimento, das chapas metálicas e dos vidros das janelas.

Felizmente Angela estava tão preocupada com a nossa própria vida, que parou de fazer indagações sobre os homens que "pretendiam vender a verdade". Prosseguindo, perguntou-me:

— Quando você vai partir?

— Amanha cedo no primeiro avião.

— E... quando estará de volta?

— Sem demora. Muito breve, minha queridinha.

— Por favor, não demore muito desta vez, Robert!

— Voltarei logo — disse-lhe, na certeza de que, de fato, eu podia prometer-lhe isso.

— Eu preciso muito de você!

— Eu também preciso de você. Fique sossegada que em breve estarei aqui de novo.

Ela se inclinou um pouco para a frente e deu um beijo naquelas moedas de ouro da correntinha pendurada no meu pescoço. Eu também beijei as moedas que se encontravam pendentes entre seus lindos seios. O contato da nossa pele deixou-nos a ambos excitados e fizemos amor ao som da música de Cole Por ter e dos uivos do Mistral, que fazia um estrondo de fim do mundo. Depois adormecemos agarradinhos, sob um cobertor de flanela.

Acordei às sete e meia da manhã. Não havia tirado o relógio do pulso. Notei que o céu continuava ainda cinzento e que o Mistral não parava de fazer estrondos. Lá fora, no terraço, as flores e os arbustos ficavam envergados com o vento.

Despertei Angela com muitos beijinhos suaves. Ao abrir os olhos, ela sorriu e me abraçou imediatamente. Bebemos somente chá. Tomamos nosso banho às pressas e vestimo-nos. Enquanto eu me barbeava, Angela fez a minha mala. Saímos do apartamento às oito horas. Angela havia resolvido levar-me de carro ao aeroporto de Nice. Vestiu uma calça marrom e um grande casaco cor de oliva em estilo militar. Parecia perdida naquele casaco largo. Angela fez o carro seguir pela pista ao longo da praia. As ondas inundavam diversos pontos da estrada. O Mistral dificultava muito o tráfego. O vento sacudia o carro. Tudo estava cinzento: a paisagem, a luz, o céu, o mar. Passamos pelo Tetou, o restaurante onde se comia a boa *bouillabaisse*. Ali o Mistral havia rompido uma parede lateral de madeira, forçando-a para dentro. Alguns homens se esforçavam para repará-la.

— Você está com dor de cabeça? — perguntou-me Angela.

— Sim, estou.

— Eu também. É mais uma coisa que temos em comum: quando você sente alguma dor, eu também sinto.

— É verdade, Angela.

No aeroporto, ela acompanhou-me até o ponto onde podia ir. Então

beijamo-nos ali mesmo. Apertei o seu rostinho frio entre as minhas mãos frias.

— Estarei na segunda sacada — disse-me ela.

Beijou rapidamente minhas mãos e saiu correndo, dentro do enorme casaco americano. Logo que pus os pés na esplanada do aeroporto, lancei os olhos na direção da segunda sacada. Uma única pessoa, nesse dia, se encontrava lá em cima: Angela. Com uma fúria selvagem, o vento puxava-lhe os cabelos e ela os segurava para que não se espalhassem. Com a mão livre ela me acenava e eu, cambaleando no meio da tormenta, correspondia ao seu aceno. Pensei comigo mesmo: se tudo der certo e sair de acordo com o meu plano, esta será a última vez em que teremos de nos despedir. Sim, a última vez!

Entrei no veículo que transportava o pessoal para o avião. O Mistral batia lateralmente com tal ímpeto nesse ônibus, que o chofer só a custo conseguia fazê-lo rodar na direção certa. Depois de ter descido do veículo, dirigi mais uma vez o olhar para a sacada: lá estava Angela. Pude contemplar mais uma vez seus lindos cabelos louros. Ela me acenava e eu, parado ali na pista de aterrissagem, fiquei correspondendo aos seus acenos até que a aeromoça, postada na extremidade da escada, convidou-me para entrar.

O avião levantou voo seguindo em direção ao mar. O piloto fez subir rapidamente e com acentuada inclinação o aparelho, que foi sacudindo com ímpeto ao atravessar as correntezas do Mistral. O sinal de "APERTEM SEUS CINTOS" não foi apagado. Permanecemos com os cintos afivelados. Foi, na verdade, um voo horrível. Muitas pessoas começaram a sentir-se mal. Mas eu estava calmo e confiante no futuro. Notem os leitores que quando um indivíduo toma a decisão de tornar-se um criminoso é porque seguramente ele já se tornou insensível a toda e qualquer espécie de remorsos e de tormentos de ordem moral. Depois de tomada uma tal resolução, desaparece a sensibilidade moral. E era exatamente a esse ponto que eu havia chegado. Nada mais me perturbava. Eu havia perdido o sentimento de culpa. Não sabia mais o que era decoro e dignidade. Eu havia tomado a decisão de ser como aqueles outros. E, por incrível que pareça, jamais em minha vida me sentira tão calmo como naquele momento em que já pretendia começar a prática de crimes.

— Fiz por você tudo o que podia fazer — disse-me Gustav Brandenburg, falando com a boca cheia de pipocas. — Cheguei a criar calos na língua de tanto falar com eles. Você nem pode imaginar quanta coisa eu tentei para acertar a sua situação. Esforço inútil! Sinto muito. Mas você também é um desgraçado de um idiota!

— Como assim?

— Com aquele negócio do seu estado de saúde, nós cagamos para a diretoria. E como se isso não bastasse, você se deixou fisgar pelo sorriso de uma mulher. Exatamente como um doido. Durante todo o tempo em que trabalhou comigo, você, tal qual um passarinho, pôde voar por todas as partes do mundo, gozando a vida, que era o que você mais desejava. Mas agora, pelo que vejo, surgiu um grande amor. Idiota! O mais idiota dos idiotas!

— Gustav?

— O quê?

Ele vestia uma camisa listrada com as cores laranja e azul.

— Cale essa boca! — disse-lhe baixinho.

— O quê?

Seus olhos de porco se tornaram maliciosos e traiçoeiros.

— Se já não consegue se lembrar de que, para esse amor, você já me havia desejado sorte e felicidades, tendo nos dado a sua bênção e dito que para o nosso bem — meu e dessa mulher — você faria tudo o que lhe fosse possível, agora pelo menos cale essa boca e deixe de dizer besteiras a nosso respeito. Falando a pura verdade, você não tem merda nenhuma a ver com isso.

Ele engoliu as pipocas que tinha na boca. Em seguida começou a tamborilar com os dedos grossos na mesa e, cheio de malícia, passou a examinar-me dos pés à cabeça.

— Você falou no tom exato. Minhas congratulações! Mesmo nessa situação, você se mantém altivo. Bravo! Você se conserva por cima. Eu nunca lhe disse que me sentia contente por causa desse seu novo amor. Nunca na minha vida!

— Mentiroso!

— E você, idiota, capacho das putas! Você pode me dizer os nomes que quiser. Comigo está tudo acabado. — Bruscamente ele começou a gritar: — Acabado! Você compreendeu bem?

Eis que meu velho Gustav mais uma vez mostrava as unhas.

— Já faz muito tempo que eu compreendi isso — retruquei-lhe.

Logo em seguida ele se tornou calmo de novo.

— A partir de agora você está livre dessa incumbência. Da primeira vez eu lhe entreguei, em cheques de viagem, trinta mil marcos e depois mais cinquenta mil. Onde estão os cheques?

— Estão aqui! — respondi-lhe, já colocando os talões dos cheques em cima da sua mesa.

Antes de dirigir-me ao gabinete de Gustav, eu havia estado no meu banco e entregara ao meu velho amigo Kresse um cheque para sacar oitenta mil marcos.

— Toda essa quantia? Que é que o senhor está cogitando fazer, Sr. Lucas? — perguntou-me Kresse, assustado.

Como todo funcionário de banco que lida com dinheiro, ele sempre se assustava quando um cliente sacava boa parte do depósito feito. Devia ser indubitavelmente uma espécie de sestro de natureza psíquica. Parece que esses indivíduos adquirem o hábito de cuidar do dinheiro alheio como se fosse deles.

— Não faça, agora, na situação pela qual o senhor está passando, nenhuma loucura. Lembre-se de que na sua vida sempre precisará de dinheiro. E se o senhor agora retira tal montante...

— Em breve esse dinheiro estará novamente depositado na minha conta, Sr. Kresse. Agora preciso de oitenta mil marcos para comprar cheques de viagem.

E foi o que fiz. Kresse tinha razão: eu estava retirando a maior parte das minhas economias. Mas tinha que proceder assim. Isso fazia parte do meu plano. Era evidente que Gustav exigiria a devolução dos cheques de viagem da companhia, e os primitivos cheques que ele me entregara eu já havia trocado

para pagar Nicole Monnier. Quando me dirigi ao gabinete de Gustav já tinha levado os novos talões.

— Aqui estão os cheques! — disse, ao atirá-los na sua frente, em cima da mesa.

Foi um momento perigoso, pois ele poderia dar-se conta de que não eram os mesmos cheques que ele me havia entregue. Mas é preciso dizer que Gustav também estava nervoso e muito indignado com o meu comportamento frio e grosseiro. Provavelmente ele esperava que eu chorasse e lhe fizesse súplicas, bajulando-o. Forçosamente nesse nosso encontro eu tinha que me comportar assim. Ele apenas lançou um olhar fugaz sobre os cheques de viagem e empurrou-os para o lado da mesa.

— Agora os documentos e os livros do código secreto de telegramas! — rosnou.

Entreguei-lhe tudo. De manhã, quando Angela me conduzia ao aeroporto de Nice, eu havia passado no Majestic para retirar do meu cofre pequeno toda a papelada. Entretanto Gustav nunca poderia imaginar que, no outro cofre grande que eu alugara no hotel, havia ficado guardada uma porção de coisas importantíssimas...

— Que é que vão fazer comigo agora? — perguntei, embora já soubesse de antemão qual seria a resposta. Eu queria apenas ver como o meu amigo Gustav a formularia.

— Você se arruinou com o que fez. A companhia não pode mais tolerá-lo. A gente que fez as reclamações aos nossos chefões disse que seu comportamento em Cannes foi escandaloso. A Global não pode tolerar um comportamento assim. Nós temos uma reputação sólida em todo o mundo para salvaguardar. Eu tinha você na conta de indivíduo inteligente. Mas veja que bela atitude a sua! Você nunca quis me ouvir. Se é que você já está farto...

— Gustav, escute, você não passa de um porcalhão.

— E você é uma negação. A mais completa negação que se possa imaginar. Uma verdadeira nulidade — retrucou ele, fedendo a suor, enquanto acendia um grosso havana.

E dizer que eu suportei um bosta desses durante dezenove anos! É inacreditável! Ele prosseguiu:

— Você só serviu para dissipar o tempo e o dinheiro da companhia. Você sempre teve toda a chance, toda a possibilidade, todos os meios para agir. E que foi que você descobriu para o nosso benefício? O quê? O que foi que você nos trouxe de resultado? Para nós todo o seu trabalho só resultou numa boa merda! O tempo admissível para as suas atividades na empresa já se escoou. Você está liquidado, Robert. Sua carreira já terminou. Não preciso mais de você.

Ele sorriu e eu sorri do mesmo modo. Fitamo-nos exatamente como dois namorados...

Sim, investigando o caso, que foi que eu descobri?... Ele continuou:

— Ou você tem uma opinião contrária ao que estou afirmando? Se tem, desembuche logo! Não pense que queremos fazer injustiça com você. Que foi que você conseguiu de positivo no caso? Diga!

— Nada! — respondi-lhe com uma expressão beatífica de pessoa arrependida e contrita, mas com o pensamento voltado para aquele *material* guardado no cofre do Majestic. — Absolutamente nada!

— Ao invés de cumprir suas obrigações, você não fez outra coisa senão dar as suas trepadinhas com essa...

— Gustav! — disse, interrompendo-o bruscamente. — Se você pronunciar mais uma palavra, vou quebrar com um soco esses seus dentes fedorentos!

Levantei-me. Ele passou a me olhar, parecendo não acreditar no que via e ouvia. Na verdade, ele nunca me havia visto desse jeito. O charuto lhe escorregou do canto da boca e ele o agarrou ainda a tempo de evitar que caísse no chão. As cinzas se espalharam sobre sua camisa horrível e imunda. Prossegui, dando um tom de veemência às minhas palavras:

— Você nunca mais falará uma palavra sequer a respeito dessa mulher! Se você falar, vai ter que gastar dinheiro com uma dentadura nova, porque vou rebentar-lhe a fuça, seu cachorro! Ainda que isso seja a última coisa que eu tenha que fazer neste mundo, ouviu?

Ele esboçou um sorriso amarelo e respondeu-me:

— Nem mais uma palavra com relação a essa dama! O amor é uma dádiva divina. Você agora terá bastante tempo para o seu amor. Posso transmitir-lhe a feliz notícia de que você desde já está dispensado dos nossos

serviços. A Global é decente e correta. Mais correta do que você foi para com ela. Ela não vai desmascará-lo. Vai conceder a sua aposentadoria com base no laudo médico do Dr. Betz e não porque você se comportou escandalosamente e negligenciou o cumprimento dos seus deveres, orientando mal os negócios de interesse da empresa. Não, ela não mencionará nada disso! Ela considerará exclusivamente os motivos de saúde. A carta comunicando seu desligamento já se encontra no gabinete da diretoria. Você pode recebê-la ainda hoje. Conforme ficou deliberado, você vai ter a sua aposentadoria e não trabalhará mais para nós. O dinheiro da aposentadoria será remetido a você mensalmente.

Calei-me. Ele continuou:

— Bem... pouco me importam as merdas das suas palavras. Saiba, Robert, eu já não podia mais suportar você!

— Eu também não podia mais suportá-lo, Gustav.

— Faz muito tempo que previ que iríamos acabar assim. Você morde a mão que bota a comida no seu cocho. Você não foi leal para com a Global. Deu motivo a que ela sofresse difamações. Eu sabia que, mais dia menos dia, você iria proceder assim.

— Então, se você pensava desse modo, tinha razão — disse eu.

Até aqui tudo estava correndo perfeitamente em consonância com meu plano. Exatamente conforme eu previra.

— Quem vai se encarregar do caso agora? Bertrand? Holger? — perguntei.

— Ninguém!

— Que significa isso?

— O caso está encerrado. Vamos pagar o valor do seguro.

Também isso se enquadrava perfeitamente no meu plano. Por uma espécie de sexto sentido que se manifestara em mim depois de dezenove anos de atividade, tinha a convicção de que aconteceria isso mesmo. Essa atitude da companhia veio a calhar perfeitamente: era excelente para o meu objetivo. Sim, sim, devo dizer que o bom Deus me ama! Entretanto, simuladamente passei a fazer uma espécie de encenação, mostrando-me indignado e gritando:

— Vocês vão pagar o seguro?! Será que vocês ficaram loucos?

Maldição! Por que é que vocês têm que fazer esse pagamento?

— Sente-se — disse-me Gustav.

Ele tinha uma aparência asquerosa. E dizer que durante dezenove anos suportei esse sujeito repugnante e de aspecto nada agradável! Depois que me sentei, ele prosseguiu:

— Você agora não tem mais merda alguma de interesse em saber se vamos *cuspir* quinze milhões de marcos ou se não vamos pagar nada. Pelo contrário, você deve ficar bastante satisfeito com o nosso prejuízo. — Disso não há dúvida, pensei com os meus bótões. — Temos que fazer esse pagamento externando, antes de mais nada, do fundo do coração nossos agradecimentos à sua inépcia. Você não conseguiu encontrar um resquício qualquer, por mínimo que fosse, capaz de indicar que houve suicídio...

— Está certo! — respondi-lhe. — Entretanto nada encontrei simplesmente pelo fato de que não se tratava de suicídio, mas sim de assassinato. E vocês aqui sabem disso tão bem quanto eu.

— Não se esquente de novo — disse-me Gustav, mastigando a ponta do charuto que já estava triturada. — Também é preciso que se diga que até agora não foi encontrado nenhum assassino. E, pelo que parece, nunca mais será encontrado. Se você já não estivesse caduco, teria pelo menos encontrado alguma razão plausível que nos permitisse ir preterindo esse pagamento... até mesmo por tempo indeterminado. Mas não foi isso o que aconteceu. O cidadão que a companhia mandou a Cannes ficou por lá dando as suas trepadas ao invés de trabalhar... O cidadão, esse cagou para nós, que lhe pagamos um bom ordenado... O cidadão...

— Ponha o rabo no meio das pernas e fique quieto! — disse, interrompendo-o mais uma vez. — Então quer dizer que vocês vão pagar mesmo os quinze milhões?

— Sim.

— Quando?

— Agora. Já. Imediatamente. Isso se já não foram pagos. Os advogados de Hilde dos Brilhantes se grudaram na nossa pele com uma gana infernal. — Que maravilha! pensei. — Já que a companhia enviou uma pessoa incompetente, ela não tem outro remédio senão pagar.

— Agora quero dizer algo a você, Gustav.

Nesse meio tempo eu ficara conhecendç muito bem todos aqueles poderosos lá em Cannes e passei a dar também a minha própria versão dos fatos, explicando a Gustav:

— Não foram somente os advogados de Hilde dos Brilhantes que se grudaram na Global, mas também outras pessoas muito diferentes. Pessoas ricas. Multimilionárias. Poderosas. Superpoderosas. É claro que elas não agiram diretamente, mas por intermédio dos seus advogados ou de terceiros. Talvez até mesmo uma porçãozinha da própria Global pertença a essas pessoas. Ou talvez elas sejam grandes seguradas dessa companhia. E essas pessoas, sejam lá quais forem, declararam: "Se vocês não pagarem o valor do seguro a Hilde dos Brilhantes, terão grandes incômodos e dissabores. Não só aqui, mas em todos os países. Terão contrariedades muito desagradáveis". Está fora de dúvida que se trata de assassinato. Não foi absolutamente por causa da incapacidade de um funcionário que não se pôde comprovar o suicídio, mas sim porque realmente não houve suicídio. Portanto a companhia terá que pagar o seguro... eu...

— Quanta besteira! — exclamou Gustav sem fitar-me, mas estendendo na minha direção o dedo com a unha preta de sujeira. — A Global não admite que alguém, seja ele quem for, pratique extorsão contra ela.

— Não?! Entretanto ela mandou interromper bruscamente as investigações e resolveu efetuar o pagamento do seguro. Em outros casos semelhantes, que são do meu conhecimento, ela levou anos e anos recusando-se a pagar, sempre com novos pretextos, com novos truques e com novos subterfúgios engendrados com grande sagacidade.

— Garanto a você que ninguém exerceu pressão contra a Global.

— Não, claro que não! — disse eu. — A Global é muito distinta e não quer se preocupar com negócios tão sujos assim. Por isso ela paga antes mesmo de o caso ficar esclarecido. Uma coisa dessas ela nunca fez até agora.

— Para nós o caso já está esclarecido: houve assassinato.

— Mas era você mesmo quem estava convencido de que se tratava de suicídio. Pois você não disse que havia cheirado isso no ar? Você não se lembra mais?

— Logo no início qualquer pessoa pode se enganar. Depois, a minha faculdade de percepção pouco pode me ajudar se eu só conto com a

cooperação de uma nulidade que é uma verdadeira decepção. Quinze milhões!!! Que eles enfiem no cu! — Ele, agora, fez uma cara de choro. Mas era sempre assim que ele fazia quando a empresa era obrigada a pagar o valor de um seguro vultoso. — Eu devia estar louco empenhando-me tanto a seu favor para que lhe fosse concedida a aposentadoria e você não fosse simplesmente queimado por ter tido um comportamento danoso aos nossos interesses no desempenho das suas funções. E tenho de penitenciar-me agora de meu erro! Que belo e comovente agradecimento estou recebendo! Mas está bem... O culpado sou eu mesmo: bem que eu devia saber que você não passava de um sujeitinho de merda!

— E você levou dezenove anos para descobrir isso? Sua vida durante todo esse tempo deve ter sido um verdadeiro inferno.

— E foi mesmo. Agora estou contente porque tudo acabou. Felizmente é o fim do meu tormento! Se há um nome que eu devo esquecer, esse nome é o seu.

— Veja só: comigo se dá, também, a mesma coisa. A recíproca é muito mais verdadeira ainda.

Pensei com os meus botões: o pessoal da diretoria deve ter passado uma boa carraspana nesse sujeito. Passei, então, a sentir-me aliviado e alegre. Fazia muitos anos que não me sentia desse jeito. Meu plano está funcionando! Meu plano vai dar certo!

— Não se incomode, fique sentado, Gustav — disse-lhe, já me levantando para sair. — E não é preciso deixar de segurar o charuto: não vou apertar a sua mão para despedir-me. E que você tenha uma vida repleta do santo temor de Deus, você que é a única preciosidade da Global.

Ele cuspiu sobre o tapete.

— Vá para o diabo! — disse-me ele. — Não levará muito tempo e você vai esticar as canelas. E nunca mais na sua vida se dê ao trabalho de vir aqui chorando miséria para pedir algum auxílio. Para mim, você já está morto. Meu Deus! Como respirarei aliviado se nunca mais enxergar a sua cara!

— A recíproca também é verdadeira, Gustav. A sua fuça é a coisa que menos desejo ver neste mundo! E ainda hoje de tarde quero todos os meus documentos e papéis lá no Intercontinental. Compreendeu bem? Ainda existe neste país um Tribunal do Trabalho.

— Isso é o que menos me preocupa, seu bosta. Depois de tudo o

que você fez... ocultando o que o médico de confiança da companhia declarou... E dizer que ainda ajudei você nessa trapaça! Que bobalhão fui! Mas é assim mesmo. Eu sempre tenho que fazer o bem. É a maldição da minha vida. Eu nunca faço outra coisa.

— E verdade. É uma sina muito diabólica, a sua.

— Já falei com o médico da companhia e ele acha que a sua perna deverá ser cortada. Você sabia que ela terá que ser amputada?

Virei-me e, caminhando sobre o enorme tapete, fui me dirigindo à porta de saída. Eu dava meus passos apoiando meu pé com firmeza e não senti dor alguma. Só o coração batia aceleradamente, por ver que uma das condições essenciais para a realização do meu plano (o pagamento do valor do seguro) me fora confirmada por Gustav. Eu ouvira essa declaração da sua própria boca. A luz do sol penetrava no gabinete através das janelas bem altas. Nesse dia fazia calor em Dusseldorf. Abri a porta, penetrando na ante-sala, e fechei-a novamente. Nem eu nem Gustav pronunciamos mais uma palavra.

E foi assim que deixei a Global depois de dezenove anos de patifarias, trabalhando para aumentar a riqueza de indivíduos que, falando a pura verdade, eu não conhecia. Pensando bem, até que minha saída da empresa foi perfeitamente legal. Na verdade, consideradas as características do nosso sistema empresarial, não é com chocolate e doces finos que eles tratam o indivíduo quando querem que ele vá embora, depois de tê-lo explorado e inutilizado.

Oh, não, não é com chocolate!...

— Que é que você pretende fazer, agora? — perguntou-me o meu amigo Dr. Paolo Fontana, meu advogado.

Eram sete horas da tarde desse mesmo dia quando cheguei ao seu escritório. O rosto pequeno e liso de Fontana nunca deixava transparecer o mínimo vislumbre dos seus pensamentos íntimos nem das suas emoções. Com a mão, ele alisava os cabelos castanhos penteados para trás. Falei da altercação que eu tivera no gabinete de Gustav Brandenburg e disse-lhe:

— Vou voltar para Cannes. Tomarei o avião para lá ainda amanhã. Vou apenas esperar receber os meus papéis e documentos da Global.

Ele ficou me fitando durante um bom tempo, depois disse:

— Robert, exatamente como Berchert previu, o juiz recusou-se a dar atendimento à petição de divórcio. Naturalmente, era o que já se poderia prever. Era o que eu temia. Você é um pobre-diabo.

— Oh, não — respondi-lhe.

— Oh, sim — confirmou ele. — Agora você vai ficar só com uma parte dos seus vencimentos. Você anda doente, conforme já me confessou. E o que se pode esperar do seu futuro... não me parece que seja muito bom. Como homem compreendo você, mas como advogado devo censurá-lo, porque você, contrariando o meu conselho, deu autorização para que mensalmente fosse feito um crédito na conta da sua mulher. Não me olhe com essa cara: eu sei de tudo! Foi o próprio advogado dela quem me disse isso.

— Bem... este é um assunto liquidado!

— Não... Não é um assunto liquidado! Você, por iniciativa própria, se antecedeu, estabelecendo, por assim dizer, a estimativa de uma importância que deveria ser estipulada pelo juiz. Você deve se lembrar que eu pretendia compelir sua mulher a aceitar o divórcio precisamente com alguma proposta de consignação mensal na conta dela. Mas agora não dá mais, pois você já lhe concedeu um crédito mensal de mil e quinhentos marcos, além de ficar pagando as prestações do apartamento e o seguro. Em todo caso, vou tentar em juízo, em virtude da diminuição dos seus vencimentos, a redução da importância mensal que você lhe concedeu espontaneamente. E tomara que, pelo menos, eu consiga isso! Como já disse, você mesmo se antecipou em fazer a estimativa de uma

quantia que deveria ser estipulada pelo juiz. E isso muito contribuirá para que sua mulher nem mesmo pense no divórcio.

Ele passou a revolver o fumo do cachimbo com um palito. Depois perguntou-me:

— Por que você fez isso, Robert, contrariando os meus insistentes conselhos?

— Por superstição. Angela também estava de acordo.

— Angela também? — Fontana passou a falar baixinho. — Não, não creio que tenha sido por superstição. Você procedeu assim porque é um indivíduo correto e decente... e essa mulher também. Vocês não podiam suportar o pensamento de que Karin...

— Pare com essa conversa, por favor! — exclamei.

— Mas por que, então, você contratou um advogado se não procede como ele manda? Fique sossegado, sou seu amigo e permanecerei seu amigo. Apenas devo dizer que desse jeito não posso ajudá-lo. O que poderá acontecer depois de decorridos esses três anos... só Deus sabe.

— Não tem importância. Nem para mim, nem para Angela. Para nós tanto faz. Já resolvemos viver juntos, de um jeito ou de outro.

— Ela disse isso? — perguntou-me Fontana, tirando a cinza e os resíduos do seu cachimbo e enchendo-o novamente com fumo.

— Sim, ela mesma disse isso.

— Então ela é uma excelente mulher, Robert!

— Tão excelente quanto a sua — respondi-lhe.

Fontana acendeu novamente o cachimbo e prosseguiu:

— Vou tentar conseguir a redução da importância consignada em favor de Karin. Se conseguir, o caso muda de figura. Provavelmente você terá que comparecer em juízo no dia aprazado. O juiz deve ouvir ambas as partes. O meu plano inicial você já torpedeou. Evidentemente, Karin jamais dará a sua aquiescência ao divórcio.

— Eu tenho outro plano — disse-lhe —, mas não posso falar sobre

ele agora.

— Eu não estou zangado com você. Apenas estou aborrecido por não poder ajudá-lo.

— Não fique aborrecido. Fique contente. Eu também estou contente. Coisas muito agradáveis para mim estão por acontecer.

— Ainda bem! — exclamou ele.

— É como estou lhe dizendo: coisas muito agradáveis para mim estão por acontecer — repeti.

A secretária trouxe a correspondência que, nesse meio tempo, havia sido remetida ao Intercontinental e de lá trazida ao escritório de Fontana num envelope de plástico. Até que havia bastante correspondência para mim. Lá no hotel eu insistira em que toda a minha correspondência fosse enviada ao endereço de Angela, em Cannes.

— Ah, lembrei-me agora: tenho ainda um pedido a fazer-lhe — disse eu. — Preciso de um escrivão em Cannes. Será que por acaso você não conhece um que seja bom e de confiança?

— Acho que posso indicar-lhe um exatamente como você quer. Espere um momento...

Fontana passou a folhear um volumoso livro de endereços e, em seguida, citou-me o nome e o endereço de um escrivão de Cannes. O homem chamava-se Charles Libellé. Tomei nota desse nome e do seu endereço. Por fim despedi-me de Fontana. Ele apertava minha mão enquanto me acompanhava até a porta.

— Quando nos veremos de novo? — perguntou-me.

— Quando eu tiver que me apresentar em juízo, certamente.

— Mas não é isso que quero dizer. Acho que você me compreende: refiro-me a uma visita sua a mim e à minha mulher, na minha residência, acompanhado da sua querida.

Fiquei calado.

— Acho que uma visita dessas nunca se dará — disse ele.

— Mas é claro que lhe faremos uma visita algum dia — respondi. — Ora, que é que você está pensando, Paolo? Não há dúvida de que ainda visitaremos vocês.

Eu disse isso, mas tendo quase a certeza absoluta de que nunca faríamos tal visita. A partir de então eu me sentia definitivamente desligado daquele ambiente e nada mais poderia prender-me ali. Não pretendia de forma alguma regressar à Alemanha. E me sentia muito feliz com tais pensamentos. Fontana acompanhou-me até o elevador. Até então ele nunca havia feito isso. Na sala de espera estavam sentados dois clientes.

— Felicidades! — disse-me ele. — Desejo-lhe muita felicidade, meu velho amigo! Mas nunca se esqueça de que muito poucos têm a felicidade de conseguir facilmente isso que você pretende. A maior parte fica esmagada debaixo das rodas. Será horrível para mim se você também se esmagar!

— Não há perigo! — disse eu.

O elevador surgiu atrás da porta corrediça de vidro. Abri a porta.

— Mais uma vez desejo-lhe toda a felicidade — repetiu Fontana com um tom de voz estranhamente caloroso.

Entrei no elevador. Ainda por um segundo pude ver Fontana com a sua aparência grandiosa, rosto pequeno e continuamente dominador. Sua face parecia estar palpitando. O elevador desceu.

Nunca mais tornei a ver Paolo Fontana.

Caminhei um bom pedaço através das ruas de Dusseldorf, observando tudo atentamente como um verdadeiro turista. Parecia que eu nunca tinha visto antes aquelas igrejas, bancos, museus, hotéis, teatros, praças, as grandes casas comerciais da Konigs-Allee, os elevados e as compridas fileiras de carros. Observava tudo isso e muita coisa mais. Ouvia vozes com o sotaque da Renânia e já sabia que, para o futuro, eu não mais veria essas coisas nem mais ouviria tais vozes... Não, nunca mais! Pois eu já havia tomado a decisão de não voltar a Dusseldorf nem mesmo para discutir em juízo o assunto do subsídio a ser concedido à minha mulher. Eu tinha, agora, um outro plano muito diferente. Por isso, nessa tarde, fiz minha despedida definitiva de Dusseldorf.

De tanto caminhar, fiquei cansado e tomei um táxi para ir ao meu hotel. Lá, disse a um dos porteiros que queria mudar-me no dia seguinte e pedi que ele me arranjasse uma empresa especializada nos serviços de mudança. Garantiu-me que arranjaria tudo conforme eu pedira. Dei-lhe o endereço de Angela em Cannes. Era para lá que deveria ser remetida também toda a minha correspondência.

— Muito bem, Sr. Lucas. Sinto muito que o senhor vá nos deixar.

Subi até o meu apartamento e fui sentar-me perto da grande janela da sala. Lancei o olhar para o aeroporto de Lohausen e fiquei observando o movimento dos aviões que aterrissavam e decolavam. Nessa tarde de verão estava demorando muito a ficar escuro. Pedi uma garrafa de uísque, soda e gelo e fiquei bebendo enquanto examinava a minha correspondência. Encontrei algumas cartas muito interessantes. Depois de tê-las lido, rasguei-as todas, pois não tencionava responder a nenhuma delas, especialmente agora que estava decidido a entrar numa nova vida. No meio de toda aquela papelada encontrei, também, diversos extratos da minha conta bancária. Pelo extrato que se reportava ao último débito da minha conta, pude verificar que, com a retirada dos oitenta mil marcos, o meu saldo ficara reduzidíssimo. Mas isso pouco importava, pois em breve eu faria um depósito de vulto que daria suficientemente para pagar a Karin qualquer importância que fosse adjudicada pelo juiz.

O porteiro telefonou avisando-me de que no *hall* do hotel se encontrava um mensageiro com um envelope bem grande para mim. Mandei que ele o fizesse subir ao meu apartamento. O rapaz entregou-me o envelope e eu lhe dei uma gorjeta. Tratava-se do documento relativo ao convênio sobre a aposentadoria em que a Global me agradecia pela minha fidelidade e pelo

espírito de sacrifício demonstrados durante muitos anos de serviço. Desejava-me toda sorte de felicidades e fazia votos, principalmente, para a melhora do meu estado de saúde. Indagava-me se a empresa poderia creditar na minha conta as importâncias relativas à minha aposentadoria. Declarava-me que, salvo manifestação expressa da minha parte, continuaria a proceder como vinha fazendo até então com relação aos meus vencimentos. Eu não tinha intenção alguma de escrever à Global.

Comecei, então, a rasgar uma carta após outra, pois não havia nenhuma que merecesse minha resposta. De um momento para outro, passei a refletir que, na Alemanha, eu nada mais teria a fazer. Em Cannes... sim... Lá eu teria algo importante a realizar. Aqui na Alemanha, que mais deveria eu fazer? Nada. Por fim veio ter às minhas mãos um cartãozinho com letras manuscritas. Um indivíduo do qual eu já não me lembrava mais comunicava-me ter contraído matrimônio. Tratava-se de uma comunicação discreta e muito distinta. Examinei o cartãozinho durante um certo tempo, depois rasguei-o também.

Em seguida, pequei o fone e pedi uma ligação para Cannes.

Angela atendeu sem demora:

— Robert! Você está bem?

— Excelente!

— Noto que você bebeu, Robert!

— É verdade — confirmei. — E vou beber mais ainda. É de alegria por tudo ter corrido bem aqui.

— Nos assuntos com a companhia?

— Sim.

— Certamente eles ficaram impressionados com o que você conseguiu descobrir nas suas investigações, não é verdade?

— Ficaram muito impressionados — respondi-lhe, falando com dificuldade. — Ficaram extraordinariamente impressionados. Eles me louvaram... elogiaram... Como é mesmo que se diz?

— Por favor, não beba tanto assim, Robert!

— Estou bebendo porque me sinto muito feliz, sabe? O que está

fazendo?

— Estou trabalhando nas minhas pinturas.

— Será que já lhe disse que a amo?

— Quando é que você vai voltar para casa?

Para casa, disse ela. Para casa...

— Tenciono tomar um avião amanhã de tarde.

— Não dá para você partir daí mais cedo?

— Não.

— Por quê?

— Terei que ficar esperando os empregados da empresa de mudanças. Vou mandar para Cannes todas as minhas coisas. Tudo, tudo o que retirei do meu apartamento. Posso endereçar a bagagem para o seu apartamento?

Ela soltou um gritinho de alegria.

— Oh, Robert, quer dizer, então, que você vem morar definitivamente comigo?

— Sim. Resolvi ir morar definitivamente com você. — Eu devia ser cauteloso ao me expressar, considerando o que eu tinha em vista fazer naquela cidade. — Isso significa que vou viver em Cannes. Quando eles me incumbirem de qualquer missão em outra localidade, terei que ir. Mas, uma vez concluída a minha tarefa, regressarei logo a Cannes.

— Para junto de mim?

— Para junto de você. Eu já esclarecí tudo à minha companhia e os dirigentes se manifestaram de acordo. Além do mais, por enquanto preciso continuar com as investigações do caso aí, não é?

— Sim, Robert, sim... Ah... Mas eu ando tão nervosa!...

— Você vai ficar em casa hoje?

— Sim. Por quê?

— Porque eu vou continuar bebendo. E bem que me poderá dar na veneta telefonar-lhe mais uma vez... ou duas...

— Telefone-me quantas vezes quiser. E você pode telefonar-me até mesmo de madrugada. Eu ficarei aqui aguardando seu telefonema.

Continuei sentado perto da janela e fiquei observando como o dia, aos poucos, se transformava em noite. Por todos os lados acendiam-se as lâmpadas da iluminação pública. Eu ia tomando meu uísque devagarinho enquanto refletia sobre o que pretendia fazer após meu regresso a Cannes. Até que não era muito difícil...

Pedi que servissem o jantar no quarto mesmo. Depois continuei bebendo. Telefonei mais uma vez a Angela. Nessa noite cheguei a ficar bastante embriagado; basta dizer que lhe telefonei quatro vezes, a última às três horas da madrugada.

No dia seguinte, às nove da manhã, vieram os homens da empresa de mudança. Eram três — dois dos quais estudantes —; arrumaram cuidadosamente as minhas roupas, os meus elefantes e todos os meus pertences, fazendo dois pacotes bem grandes. O terceiro era um indivíduo mais idoso. Ele teve que aprontar a minha documentação a fim de preencher as necessárias formalidades. Dei-lhe o endereço para onde deveriam ser remetidos os pacotes e tive que assinar diversos papéis e depositar uma certa importância em dinheiro. Mas todo esse serviço foi feito bem ligeiro. Os estudantes enrolaram os elefantes, para evitar que se quebrassem. Eram moços educados e distintos. Eu continuava um pouco tonto em consequência da bebedeira da véspera, mas me sentia animado.

Duas horas depois, os homens já tinham saído levando os pacotes. Guardei na minha mala as coisas que sobraram e tratei de me vestir. Ao meio-dia almocei no restaurante do hotel. Meu avião partiria às três e meia da tarde, com escala em Zurique. Entreguei ao chefe da portaria a chave e os documentos do meu Admiral, que se encontrava estacionado em frente do hotel, autorizando-o a vendê-lo. Disse-lhe que tirasse dez por cento do produto da venda para si, a título de comissão, e que depositasse o resto na minha conta bancária.

Dessa vez os pilotos não tiveram que fazer o avião decolar "de acordo com instruções especiais". Fizemos um voo magnífico. Em Dusseldorf fazia um sol esplendoroso. Em Zurique também o sol estava radiante. Mas em Nice o céu continuava encoberto e o Mistral rugia. Logo que desembarquei do avião, vi que Angela estava lá em cima, na segunda sacada do aeroporto. Saímos correndo através do amplo *hall*, um ao encontro do outro. Ficamos ofegantes.

Dessa vez Angela não tomou a estrada que margeava a praia, porque ela se achava coberta pela água. Seguimos pela rodovia. Tivemos que fazer uma parada num pequeno posto aduaneiro. O vento da tormenta batia com força contra o Mercedes, que por pouco não caiu na água. As palmeiras na beira da estrada estavam dobradas. A ventania quebrara muitas delas. Comecei a sentir dor de cabeça. Angela parecia estar tresnoitada. Notava-se que ela estava com os olhos fundos. Estava usando novamente a calça marrom e o casaco verde-oliva.

Chegamos a Cannes e fomos diretamente ao apartamento de Angela. Tirei minha mala do carro. O Mistral continuava roncando e rugindo. Exatamente como no primeiro dia, o vento penetrava em todas as salas. No terraço voavam folhas e flores impelidas pelo vento. O mar estava revolto. O céu

apresentava-se nublado e escuro. Com dificuldade, abri uma porta de vidro que dava para o terraço e saí. O vento quase me derrubou. Eu tinha que respirar profundamente. Então senti a mão de Angela colocada sobre meu ombro. Virei-me e notei que lágrimas escorriam pela sua face.

— Angela!... Angela!... — tive que gritar. — Que é que você tem, Angela?

Ela aproximou a boca do meu ouvido e respondeu-me:

— Nada... Absolutamente nada... É esse maldito Mistral... Eu já lhe disse que ele deixa as pessoas loucas...

Hoje é o terceiro dia... Oh, Robert, Robert... você nunca mais me deixará sozinha... nunca mais, não é verdade? Eu não poderei mais suportar a sua ausência...

Notei que o Mistral arrancava as plantinhas pela raiz.

Puxei Angela para a cama bem larga que estava colocada perto da parede do terraço. Ficamos logo excitados, como que fora de nós. De repente senti uma pontada no coração, mas não liguei.

— Eu sou uma mulher fraca e doente — disse-me Hilde Hellmann, queixando-se. — Não tenho prática de negócios. Por isso quero que o Sr. Seeberg fique aqui comigo.

— E eu quero que o Sr. Seeberg nos deixe a sós! — retruquei-lhe. — Sei que a senhora tem bastante prática do negócio que vou tratar com a senhora agora, Sra. Hellmann.

Estávamos numa segunda-feira, dia 26 de junho, às quatro horas da tarde. Eu havia regressado a Cannes no sábado. Passara o domingo com Angela. Ficáramos quase todo o tempo deitados no terraço, descansando.

O Mistral desaparecera e o céu apresentava-se límpido e azulado. Fazia calor novamente. No domingo mesmo, eu havia marcado essa visita a Hilde dos Brilhantes, dizendo que queria falar com ela em particular. No entanto, lá estava, sentado à beira da sua cama (ela, como da outra vez, vestia um casaco sobre a camisola de dormir), o Procurador Seeberg, com aquela expressão de frieza no olhar. Disse-me ele:

— Eu sou o confidente da Sra. Hellmann. Se o senhor não quiser falar com ela na minha presença, pode retirar-se, Sr. Lucas.

A época em que eu suportava um tratamento dessa espécie já havia passado. "Até que é bom não ter mais consciência", pensei com os meus botões.

— Se o senhor não se retirar imediatamente — retruquei a Seeberg —, eu não falarei com a Sra. Hellmann, mas sim diretamente com a polícia.

Fiquei esperando um pouco para ver o efeito da ameaça. Esse efeito não tardou.

— Deixe-nos a sós — disse Hilde dos Brilhantes, dirigindo-se a Seeberg.

— Muito bem, minha senhora — respondeu-lhe este.

— Depois a senhora poderá relatar-lhe a nossa conversa — disse eu, enquanto o jovem procurador saía daquele quarto que sempre recendia a um perfume de flores tão forte que me deixava narcotizado. — Naturalmente a

senhora terá que contar-lhe tudo. E não somente a ele. Para mim essa suposição é evidente. Mas primeiro quero falar só com a senhora.

— A respeito do quê?

— A respeito de crime. De diversos crimes.

Seus olhos albinos pestanejaram. Foi a única reação que ela demonstrou. Sentada na cama em estilo rococó, ela endireitou o tronco. Nesse dia ela usava um magnífico colar de esmeraldas e diamantes. Das suas orelhas pendiam brincos de esmeraldas em forma de pêra. Dessa vez a peruca estava bem ajeitada na sua cabeça.

— Mas de que crime o senhor está falando? — perguntou-me. — E quais são esses diversos crimes?

Sentei-me à beira da cama e passei a responder-lhe:

— Refiro-me ao seu crime, Sra. Hellmann. Aos seus diversos crimes.

Na manhã dessa segunda-feira eu havia estado no gabinete do escrivão Charles Libellé, que Paolo Fontana me indicara. Libellé era um homem de cerca de cinquenta anos. Tratava-se de indivíduo excepcional. Sério. Despertava confiança à primeira vista...

— *Maître* — disse-lhe eu —, só lhe declararei meu nome depois que o senhor me garantir que vai se encarregar do meu caso.

Seus olhos castanhos se ergueram.

— Essa é uma atitude que foge da nossa prática habitual, *monsieur*.

— Eu sei. Mas por obséquio escute-me: neste envelope encontram-se algumas fotografias e uma fita cassete. Será que o senhor precisa ouvir a gravação e ver as fotografias a fim de encarregar-se da custódia do material?

— Não.

— Muito bem. Eu desejaria então que ambos... eu e o senhor... lacrássemos e autenticássemos este envelope e juntos fôssemos alugar um cofre num banco para guardá-lo. Eu e o senhor ficaríamos cada um com uma chave do cofre, bem como uma autorização expressa permitindo a qualquer um de nós

isoladamente retirar do banco o envelope em qualquer época. Seria possível fazer isso?

— Sim — respondeu-me laconicamente Libellé.

— Muito bem. Dentro de alguns dias vou trazer-lhe um outro envelope contendo um manuscrito que também deverá ser guardado no mesmo cofre. Portanto, preste bem atenção, por favor: se eu for eliminado ou sofrer morte violenta provocada por alguém, o senhor irá buscar os envelopes no banco e levará tudo à cidade de Zurique. Lá o senhor convocará a imprensa internacional para uma conferência, exibindo-lhe todo o material. Só depois disso é que o senhor poderá entregar o conteúdo dos envelopes à Interpol. Está claro?

— Nada poderia ser mais claro do que isso, *monsieur*!

— Mas o senhor terá que esperar até obter a confirmação da minha morte. Morte ocasionada ou forçada por alguém. Se eu morrer de morte natural, o senhor não deverá fazer nada. Absolutamente nada, O material, então, ficará onde está.

— Para sempre?

— Para sempre. Não! Para sempre, não! Digo-lhe agora o meu nome: chamo-me Robert Lucas. — Ele arregalou os olhos. — Se depois da minha morte uma senhora chamada Angela Delpierre... — Citei-lhe o endereço dela, que ele anotou, conservando as sobrancelhas levantadas enquanto escrevia — ... sofrer nas mesmas condições uma morte violenta, então o senhor deverá proceder da mesma forma, levando ao conhecimento público o conteúdo dos envelopes, conforme já expliquei com relação à minha pessoa. Agora o senhor já sabe quem sou. E se o senhor tem acompanhado os acontecimentos que ultimamente vêm se desenrolando em Cannes, certamente deve ter ouvido tanto o meu nome quanto o de *Madame* Delpierre.

— Eu já tinha ouvido o seu nome, *Monsieur* Lucas, bem como outros nomes citados em conexão com tais acontecimentos.

— O senhor acha que podemos nos dirigir agora mesmo ao banco?

— Sim.

Libellé era um homem reservado e de pouca conversa.

A pé mesmo, nos dirigimos à agência da Banque Nationale de

Paris, que ficava na Rue Buttura, não muito longe, e alugamos um cofre em nosso nome. Cada um de nós ficou com uma chave. Enfrentando o calor, voltamos ao gabinete de Libellé, que era bem fresquinho e pouco iluminado. Lá, assinei a necessária procuração que para tal efeito lhe devia ser outorgada. Finalmente pedi-lhe que me fizesse mais um obséquio e ele se prontificou a atender-me. Só então foi que me dirigi à mansão de Hilde dos Brilhantes. Encontrava-me portanto sentado à beira da sua cama.

— Mas de que crime o senhor está falando e quais são esses diversos crimes?

— Refiro-me ao seu crime, Sra. Hellmann. Aos seus diversos crimes.

— Pelo que vejo, o senhor enlouqueceu!

— Não, não enlouquecí, Sra. Hellmann...

Nunca, antes, eu fora tão resoluto assim nas minhas atitudes... nem tão inescrupuloso. Prossegui:

— É mais provável que a senhora tenha enlouquecido. Ou que já esteja atingindo as raias da loucura. A senhora é louca por dinheiro, poder e riqueza. Não lhe basta o que já tem. A senhora quer sempre possuir mais, mais e mais. A senhora odiava o seu irmão...

— Odiá-lo?! Eu?! Eu sempre o amei! — interrompeu-me ela em voz alta, fazendo encenação.

— ...a senhora o odiava como quem odeia a peste. A senhora queria apoderar-se do banco dele. Queria tornar-se a dona absoluta de tudo o que ele possuía. Então ocorreu-lhe um plano. Tenho a certeza de que foi a senhora quem concebeu tal plano. Na pessoa do Procurador Seeberg, munido de amplos e irrestritos poderes, a senhora encontrou o parceiro ideal que obedecia docilmente aos seus desígnios. A senhora prometeu-lhe participação no banco. Os membros da Kood — Fabiani, Thorwell, Sargantana, KiKvood e Tenedos — acolheram com entusiasmo o seu plano. Fazia muito tempo que seu irmão, com o espírito ainda imbuído do antigo conceito de moral, se tornara um ossinho atravessado na sua garganta. Então Seeberg ainda fez aquela transação com as libras esterlinas... seguindo aquele velho critério de comprovada eficácia...

— Que quer o senhor dizer com a expressão “critério de comprovada eficácia”? — Sua voz se tornara estridente.

— Ah, sim... Preste bem atenção: nunca houve nem para a senhora nem para os seus amigos consciência da baixeza ou sordidez do que pretendiam fazer quando se oferecesse a oportunidade. Para os senhores nunca houve uma crise séria no mundo. Entretanto, é sabido que desde o término da guerra inúmeras foram as oportunidades e as crises que surgiram. Primeiro, o franco sofreu um verdadeiro abalo. Depois, a lira. O dólar pode-se dizer que anda sempre escorregando, com oscilações bruscas. E foi precisamente aproveitando-se do descalabro da desvalorização dessas moedas que os senhores conseguiram fazer as suas absurdas fortunas. — Contra a minha vontade, eu falava muito exaltado. — É admirável a maneira como amontoaram riquezas tão grandes provenientes da queda do valor das moedas nos países que sofreram abalo financeiro. Os trustes nos Estados Unidos só fazem o que os senhores querem. Os bravos cidadãos americanos que constituem a média dos homens comuns estão impedidos de adquirir ações de empresas alemãs. Para fazerem investimentos no exterior, eles teriam que pagar impostos absurdos. Todavia, tais restrições não atingem os senhores. Os senhores possuem a Kood, uma espresa multinacional, que se radicou em solo alemão, uma empresa que conta com uma infinidade de organizações subsidiárias em muitas outras nações. Desse modo conseguem... paradoxalmente mediante um procedimento legal... burlar a lei, contrapondo-se às disposições expressas relativas a operações de câmbio e transferência de divisas. Desse modo conseguem superar todos os obstáculos. E com isso seu irmão, Sra. Hellmann, deixara de ser um paradigma de dignidade e de distinção. Seu irmão jamais poderia fazer uma ideia do que estavam traiçoeiramente tramando contra ele. Tenho absoluta certeza disso. Ele só veio a se dar conta dessa traição quando descobriu o negócio efetuado com as libras. Aí, então, ficou desesperado. Tomou imediatamente um avião e veio para cá a fim de convocar todos os senhores para uma prestação de contas. Note bem: eu disse "todos os senhores" referindo-me, também, aos elementos da Kood e não somente à senhora, que era sua irmã. Acho que ele jamais poderia ter imaginado que a sua maior inimiga era precisamente a senhora, que, nesse meio tempo, havia maquinado um crime perfeito. A cada um dos senhores cabia o desempenho de uma tarefa especial. A irmã-enfermeira encarregou-se de conseguir a dinamite a ser utilizada naquela bomba. Tenedos arranjou um indivíduo para construir o engenho. Thorwell arranjou um outro indivíduo que se encarregou da instalação elétrica...

— O senhor está louco — gemeu Hilde.

As jóias que ela estava usando reluziam refletindo a luz quando ela movia a cabeça rapidamente. Ela continuou:

— Um verdadeiro louco é o que o senhor é! Vou mandar que o

ponham para fora. Vou avisar a polícia imediatamente...

Colocou a mão sobre o fone do aparelho que se achava perto da cama. Eu a encarei calmamente. Ela conservava a mão sobre o fone sem erguê-lo. E eu não deixava de olhá-la fixamente. Finalmente tirou a mão do aparelho.

— Assim é melhor. — Olhei as horas no meu relógio de pulso. Dentro de alguns minutos alguém deveria telefonar. Eu sabia. — Como eu ia dizendo, cada qual tinha que se desincumbir da sua tarefa. Até mesmo um assassino profissional, um pistoleiro, foi contratado. Mas para a senhora, a irmã de Herbert Hellmann, ficou reservada a missão de colocar aquela máquina infernal a bordo do iate.

— Isso é um absurdo! É uma loucura o que o senhor está dizendo!

— O que estou dizendo é a pura verdade! Posso provar com fotografias e conversas gravadas em fitas. Possuo até uma foto que mostra a senhora colocando o engenho dentro do iate.

Puxei do bolso uma foto, que deixei cair sobre o tapete. Com uma agilidade assombrosa Hilde saltou da cama, apanhou-a e passou a examiná-la detidamente. Tratava-se de um cartão-postal que mostrava uma vista panorâmica de Cannes. Hilde Hellmann soltou uma praga indecente e encarou-me com uma expressão de ódio no semblante.

— Eu só queria ver se a senhora estava realmente fraca e alquebrada, Sra. Hellmann. Mas vejo que a senhora anda muito bem. Tem mais saúde do que muita gente.

Ela subiu de novo na cama e cobriu-se com o cobertor.

— Seu porco ordinário! — exclamou.

A campainha do telefone tilintou. “Chegou a hora”, pensei. Ela pegou o fone e eu peguei também o outro fone da extensão.

— Aqui faia o escrivão Charles Libellé. É *Madame* Hellmann quem está ao aparelho?

— Sim... — gemeu ela.

— *Monsieur* Lucas encontra-se aí, *madame*?

— Sim...

— Ele me pediu para telefonar-lhe a esta hora. Fui incumbido de comunicar-lhe que ele me entregou, para custódia, uma série de fotografias, bem como uma fita gravada. Todo esse material encontra-se guardado no cofre de um banco. Em determinadas circunstâncias, com relação às quais *Monsieur* Lucas lhe prestará amplos esclarecimentos, terei a obrigação de, mediante compromisso formalmente assumido, entregar todo esse material depositado no cofre do banco (além do material que, nas mesmas condições, me venha a ser entregue no futuro) à imprensa internacional e à Interpol *Madame*, queira aceitar os meus protestos de elevada estima e consideração.

A conversa terminou.

Hilde encarou-me com o olhar fixo.

— Como é que posso saber se quem telefonou não é seu comparsa? Como é que posso saber se o senhor não está blefando?

— É muito fácil. Telefone ao escrivão Libellé. Se não acreditar no que estou dizendo, pouco importa, porque a coisa, então, será muito mais rápida...

— O que... o que é que mostram as fotografias?

— Mostram todos os senhores... E os homens que prepararam aquela bomba que ocasionou a explosão do iate. Especificamente uma das fotos mostra a senhora, em pessoa, dentro da casa das máquinas do *Moonglow*.

— Mas estava escuro naquela cabina — disse ela, mordendo a ponta dos lábios.

— O homem que bateu as chapas tinha uma câmara de raios infravermelhos — disse eu com um sorriso amarelo nos lábios.

— Oh! — exclamou Hilde. — Então quer dizer que o senhor quer extorquir dinheiro, não é verdade?

— É verdade, Sra. Hellmann!

— Acho que isso deve interessar à polícia e à sua companhia...

— Mas é claro! — respondi-lhe. — Disso não há dúvida alguma.

Peguei o fone e comecei a discar um número.

— Que está fazendo?

— Vou telefonar ao Comissariado Central.

Com um golpe brusco ela desfez a ligação que eu simulava estar fazendo.

Nos seus olhos albino-rosados surgiu aquela mesma expressão de pânico que eu já havia visto uma vez. Aquela indescritível expressão de terror. Ela gaguejou:

— O que é que o senhor exige?

— Uma confissão sua, por escrito, Sra. Hellmann. Com todos os detalhes e a citação de todos os cúmplices.

— Ah... mas isso eu não posso fazer!

— A senhora terá que fazer!

— Realmente, isso eu não posso fazer.

— Por que não?

— Porque não os conheço a todos... Eu não sei quem é o pistoleiro que Kilwood e Tenedos contrataram.

— Deixe de mencioná-lo, então. Mas descreva minuciosamente todos os outros. E comece imediatamente o seu trabalho. Cada dia que passa é importante e conta muito. Exijo sua confissão até a próxima segunda-feira. Mas antes disso também quero uma outra coisa.

— O quê?

— A Global vai fazer o pagamento do seguro do *Moonglow*. Quinze milhões de marcos alemães. Eu quero esses quinze milhões.

— O senhor está realmente doido... O senhor deve estar louco — gaguejou Hilde Hellmann.

Levantei-me e apertei o interruptor para acender a lâmpada que iluminava o retrato de Hilde Hellmann pintado por Angela.

Fiquei meditando então como era grande o meu amor por Angela e refleti que devia fazer tudo para protegê-la, até mesmo depois da minha morte. Para mim pouco importava a maneira de protegê-la.

No retrato, Hilde parecia viva e tinha no semblante uma expressão tão horrível, que chegava a causar arrepios. Contemplei o retrato e depois lancei o olhar para a verdadeira Hilde, que nesse momento estava com a cabeça afundada no travesseiro.

— Quinze milhões!... Onde o senhor vai guardar todo esse dinheiro? Vão perguntar-lhe onde foi que conseguiu tão enorme quantia. O senhor mesmo, caminhando com passos lentos como quem tateia no escuro, vai cair na armadilha.

— Oh, não, não há perigo — retruquei-lhe sem titubear.

— A luz! Por favor, apague essa luz.

Apertei o interruptor para apagar a luz que incidia sobre seu retrato e sentei-me novamente à beira da cama.

— Esse dinheiro irá para a Suíça, Sra. Hellmann. Para ser depositado numa conta numerada. Quinta-feira estarei em Zurique e lá esperarei receber o dinheiro.

— Mas o que está pensando? Uma quantia tão enorme assim! Como poderei arranjá-la sem chamar a atenção do pessoal?

— A senhora dispõe dos serviços de um hábil e competente procurador. Para ele será muito fácil arranjar tudo.

Quero depositar esses quinze milhões numa conta numerada, no mesmo banco onde a senhora mantém um vultoso depósito. Isso, para facilitar a operação. Não exijo absolutamente que levem esse montante em espécie para me ser entregue em Zurique. Nem tampouco quero que o Sr. Seeberg

compareça pessoalmente em Zurique para tal fim.

Antes de ir à mansão de Hilde dos Brilhantes, eu havia consultado uma tabela com o horário dos aviões. Prossegui:

— Na próxima quinta-feira, às dez horas da manhã, estarei esperando no Hotel Baur-au-Lac, em Zurique. Se a pessoa credenciada para entregar-me o dinheiro não comparecer até as onze e meia, a senhora poderá considerar desfeito o nosso negócio.

— Nosso trato não pode extinguir-se simplesmente por uma questão de tempo...

— Cale-se! — disse-lhe em tom enérgico. — Sim, senhora, o nosso trato ficará desfeito se o dinheiro não me for entregue no devido tempo. Sra. Hellmann, se a senhora não fizer exatamente como lhe digo, então a imprensa mundial tomará conhecimento do caso. E por mais ricos e poderosos que os senhores sejam... a senhora e os seus amigos... não mais poderão ocultar a verdade com ameaças e espalhando o terror, como vinham fazendo até agora. Alguns dos senhores irão passar o resto da vida atrás das grades, inclusive a senhora.

— Eu não irei para trás das grades. Prefiro matar-me!

— A senhora deve antes preferir pagar a quantia que exijo. Mas ainda não terminei de fazer todas as minhas exigências. Além desses quinze milhões, que considero um recurso para eventuais necessidades, quero que a senhora, a partir de agora, me pague mensalmente, até a minha morte, a quantia de quinze mil francos. A maneira como deverá ser-me efetuado esse pagamento a senhora ainda vai saber. Não admito atraso superior a dez dias. Se eu sofrer uma morte violenta ou se fizerem alguma tentativa para liquidar-me, a senhora já sabe o que vai lhe acontecer pela declaração de Libellé. Que são esses quinze milhões e essa pequena importância mensal para a senhora e para seus amigos? Poderão muito bem dividir todos esses gastos. Que podem representar esses montantes em confronto com o seu conceito, o do seu banco e da Kood? Em confronto com a sua liberdade? E além disso a senhora terá a possibilidade de continuar fazendo negócios sujos, como sempre fez até agora.

É evidente que daqui por diante seus negócios terão que ser mais sujos ainda.

— O senhor deveria morrer... Mas morrer lentamente, aos poucos... com bastante sofrimento. Deveria sofrer tanto como ninguém neste

mundo sofreu ainda...

— A senhora não deve desejar-me isso, Sra. Hellmann.

— Mas se por sua culpa acontecer isso... então, felizmente, ficará tudo acabado com o senhor.

Levantei-me e disse-lhe:

— Ficarei aguardando até amanhã de tarde o seu telefonema comunicando-me se a pessoa encarregada pela senhora irá ou não encontrar-se comigo quinta-feira às dez horas no Hotel Baur-au-Lac em Zurique. A senhora poderá telefonar para o Majestic. Ou mandar telefonar. Diga, apenas, que "permanece a combinação do ponto de encontro".

Hilde movia nervosamente as mãos sobre o cobertor. Conservava os olhos semicerrados e respirava pesadamente.

— No tocante aos pagamentos mensais, vou lhe dizer ainda como quero que eles sejam feitos... pelo menos com relação às primeiras parcelas, antes que tudo fique acertado definitivamente. Ah, sim, acabo de me lembrar: em Zurique, desejo que a pessoa incumbida pela senhora me entregue, primeiro, somente oitocentos mil marcos, com os quais abrirei a minha conta numerada. Depois, então, teremos que nos encontrar mais uma vez. No segundo encontro deverá ser feita a transferência dos restantes catorze milhões e duzentos mil marcos da sua conta para a minha.

— Por que isso?

— Porque da primeira vez eu não estarei só e não quero que a pessoa que me acompanha tome conhecimento do montante total que vou receber. No segundo encontro eu estarei sozinho.

— Ah, a tal Delpierre! — exclamou Hilde. — O senhor estará acompanhado dessa tal Delpierre porque vai abrir uma conta conjunta e ela terá que assinar também.

— É exato. Como os senhores todos sabem, e eu já comuniquei à minha companhia, eu e ela nos amamos. Eu não quero que *Madame* Delpierre venha a passar necessidade, caso me aconteça algo. Esse dinheiro é destinado a ela. Mas ela não precisa saber disso agora.

— O senhor é um demônio!

— E a senhora é uma assassina. Eu perdi o meu emprego, Sra. Hellmann. E não serei mais condescendente com ninguém daqui por diante. Não se esqueça de que na próxima segunda-feira a senhora terá que me entregar a sua confissão por escrito. Se eu não a receber, não ligarei nenhuma importância ao dinheiro depositado na minha conta e entregarei todo o material à Interpol. Eu não sei por quanto tempo a senhora poderá ainda viver atrás das grades. Muitas pessoas conseguem atingir uma idade avançada na prisão. Agora vou deixá-la. Mande chamar o Sr. Seeberg e conte-lhe tudo o que conversamos. Tenho a certeza de que ele recomendará à senhora, com insistência, que aceite a minha proposta. A senhora deve entender-se, também, com os seus amigos. E eles, sem dúvida, serão da mesma opinião. Ficarei, portanto, aguardando o seu telefonema no Majestic. Fica esclarecido desde já que eu, da mesma forma, darei conhecimento público do material em meu poder se tentarem comunicar a *Madame* Delpierre este nosso negócio. A senhora compreendeu bem?

Ela não me respondeu.

— A senhora deve responder-me se compreendeu bem ou não.

— Sim... compreendi. — Ela respirava com dificuldade. — Eu... eu odeio o senhor...

— Sim, sim, está bem — disse eu.

Bruscamente ela começou a gritar como se tivesse perdido a razão.

— Odeio muito o senhor... mas não tanto quanto eu odiava o meu irmão. Não. Tanto assim, não! Ninguém neste mundo odiou tanto uma outra pessoa quanto eu odiei meu irmão. Ninguém!

Apertava o peito com ambas as mãos. Parecia estar sufocada, sentindo falta de ar.

Seeberg entrou precipitadamente no quarto.

— Santo Deus! O que foi que aconteceu? — perguntou.

— A senhora lhe explicará tudo — respondi-lhe. — Bom dia, Sra. Hellmann! Bom dia, Sr. Seeberg!

Saí do quarto. Um criado taciturno conduziu-me através da mansão até a porta da saída, em frente à qual já se encontrava aquele jipe com

um baldaquino. Entrei no jipe e um outro criado, que estava sentado ao volante, fê-lo arrancar sem demora.

Como que a espreguiçar-me, encostei-me no assento traseiro. Ao passar pela estátua representando a cabeça de Jano, procurei contemplá-la mais uma vez. Um pássaro grande de plumagem colorida estava sentado sobre ela.

Eu permanecia sentado naquele banquinho na cozinha de Angela enquanto ela, postada de pé ao lado da mesa, com uma tesoura bem grande, dividia as lagostas em duas partes, cortando-as no sentido longitudinal. Os bichinhos rompiam-se com estalidos. Angela retirava cuidadosamente a carne branca da casca, colocando-a numa bacia. Ouvíamos a televisão. Não demorou muito e chegou a hora do noticiário do meio-dia. Angela fez uma salada de lagosta com maionese e tomates cortados em rodelas.

Preparamos a mesa no terraço. Na sala de estar achava-se ligado um outro aparelho de televisão. Desse modo conseguimos ouvir a parte final do noticiário enquanto saboreávamos a salada de lagosta acompanhada de torradas e bebíamos um vinho branco suave. A salada tinha um gosto excelente. Eu comi bastante e Angela também.

— Na quinta-feira tomaremos um avião para Zurique.

— Com que finalidade?

Mais uma vez preguei-lhe uma mentira:

— Há alguns anos recebi como legado uma herança. Oitocentos mil marcos. Vou depositar essa quantia numa conta numerada, a fim de evitar que Karin venha a saber da sua existência — disse eu, procurando falar de maneira tão vaga e imprecisa quanto possível. — Você sabe o que significa *uma conta numerada?*

— Ainda não consegui compreender o que significa isso.

"Ótimo!", pensei.

— Lá eles explicarão a você tudo direitinho. Você terá que me acompanhar porque quero que a conta seja conjunta. É preciso que você assine também e tome conhecimento do número da conta a fim de habilitar-se a retirar dinheiro em qualquer época, se me acontecer algo.

— Não diga isso, por favor!

— A gente deve pensar em tudo, Angela. Portanto, na quinta-feira cedo estaremos voando num avião da Swissair. Levaremos cinquenta minutos para chegar a Zurique. Regressaremos no mesmo dia. Você está de acordo?

— Sim. Será a primeira vez que viajaremos juntos de avião. Oh, há tanta coisa ainda que teremos que fazer juntos!...

— É verdade!

E pensar que dentro de seis meses o mais tardar minha perna deverá ser amputada! E se, por infelicidade, a minha *angina pectoris* se agravar? Mas é preciso que se diga que eu já estava tomando todas as providências a fim de poder viver com Angela sossegado, assegurando, na eventualidade de minha morte, que ela pudesse viver tranquilamente e sem preocupações.

— Robert, você hoje parece que está alegre e bem-disposto.

— Estou alegre realmente. Encontro-me junto de você e, enquanto não receber novas instruções de Dusseldorf, disponho de bastante tempo. E durante todo o dia poderemos fazer o que for do nosso agrado. Por exemplo, que é que você gostaria de fazer amanhã?

— Amanhã? Deixe-me ver. Amanhã é terça-feira. Nessa época, nas terças-feiras, há corridas no hipódromo de Cagnes-sur-Mer. Essas corridas são bastante atraentes. Será que poderemos ir ao hipódromo?

O hipódromo da Côte d'Azur, em Cagnes-sur-Mer, é uma construção gigantesca. Fomos até lá seguindo sempre pela rodovia principal. Policiais controlavam o tráfego no parque de estacionamento. As pessoas estavam comprimidas e se empurravam. Uns meninos gritavam oferecendo os jornais de apostas. Uma verdadeira multidão ia penetrando no hipódromo enquanto muitas pessoas ficavam paradas na frente do elevador do restaurante localizado no segundo andar e construído numa posição que confrontava com a reta de chegada. O restaurante achava-se disposto em forma de um amplo terraço. Uma porção de garçons atendia os fregueses. Também ali havia guichês de apostas, mas quem quisesse podia ficar tranquilamente sentado à mesa, esperando que se aproximasse uma das moças encarregadas de recolher as apostas e pagar os prêmios. Em toda parte, naquele local fortemente iluminado, viam-se aparelhos de televisão instalados nos tetos e nas colunas. Era no vídeo de tais aparelhos que apareciam os nomes dos cavalos dos próximos páreos, bem como a relação dos respectivos números. Depois transmitiam, também, a própria corrida e mostravam o cavalo vencedor, dando conhecimento do valor do rateio.

A pista de corridas, em formato oval, ficava embaixo e achava-se iluminada por uma infinidade de lâmpadas que projetavam uma luz forte como a claridade do dia. Quando chegamos, os jóqueis estavam fazendo os cavalos trotar para aquecê-los e deixá-los preparados para a largada. Todos os animais levavam o respectivo número no lado, abaixo da sela.

Tivemos que dar uma boa gorjeta para conseguir mesa num bom lugar. Vindo de baixo, ouvíamos o barulho ocasionado pela multidão, parecendo o ruído das ondas do mar.

Bebemos champanha com o jantar. Mas Angela estava irrequieta. Eu nunca a vira desse jeito antes. Demonstrava que sabia fazer previsão sobre as corridas tão bem como qualquer assíduo frequentador do hipódromo com prática em reconhecer os bons cavalos. Disse-me que sabia quais eram os favoritos e qual era o mais interessante dos dezoito cavalos que iriam correr no primeiro páreo. Mesmo enquanto comia, não parava de consultar o jornal de corridas e a lista com o nome dos cavalos, explicando-me quais eram os seus proprietários, quais os seus jóqueis e tratadores, e de que haras provinham. Disse-me que num dos páreos ela apostava habitualmente um *tiercé*.

— Que é um *tiercé*?

— Preste atenção: esta tarde, por exemplo, haverá seis páreos

diferentes. Às vezes correm doze cavalos, às vezes dezoito ou até mais. Em cada páreo você poderá escolher quantos cavalos quiser, declarando qual o vencedor ou a colocação deles, ou ambas as coisas. — Ela estava tão irrequieta como uma menina e a sua face ficava vermelha. — Esta é uma das modalidades de aposta. O *tiercé*, além das apostas normais, só existe num único páreo, em cada tarde. Geralmente só no quarto ou quinto páreo. Hoje excepcionalmente teremos o *tiercé* no primeiro páreo. Para participar do *tiercé*, você terá que declarar a outra moça o seu palpite, pagando-lhe o valor da aposta. O *tiercé* significa que você escolheu três cavalos. O bom seria que os três cavalos passassem pela baliza final na ordem exata citada por você ao fazer sua aposta. Isto é o que se chama *en ordre*. Nesse caso você ganhará um rateio de primeira categoria. Mas mesmo que os três não cheguem na reta final na ordem declarada, você terá direito a um rateio de segunda categoria que, às vezes, também rende bastante. *Mademoiselle*!

Uma das mocinhas se aproximou e Angela pediu que ela lhe arranjasse um binóculo. No hipódromo normalmente alugavam-se binóculos.

— Coma um pouquinho mais, Angela — disse eu.

— Agora não posso. Estou muito afobada. É ridículo, não é verdade? Mas sempre fico assim quando assisto às corridas de cavalos. Esta também é uma coisa que estamos fazendo juntos pela primeira vez: assistir a uma corrida no hipódromo.

Ela colocou sua mão sobre a minha. A moça trouxe-lhe o binóculo. Angela colocou os óculos que usava para dirigir o carro e fez uma aposta registrando oito números de cavalos do primeiro páreo, de dois mil e duzentos metros, o qual, conforme li, se denominava Prix du Mont-Agel. Angela ficou com a primeira via do recibo como comprovante, tendo a segunda via ficado com a moça que recebia as apostas.

— E você? — perguntou-me Angela.

— Eu não tenho a mínima noção...

— Você nunca assistiu a corridas?

— Nunca.

— Então ainda é virgem no assunto! Por isso você deve ganhar. Depressa, mencione alguns números que lhe derem na cabeça ou os nomes dos cavalos que mais lhe agradam!

Examinei a lista e gostei mais dos nomes Milopea, Brillant-Chef, Chant d'Arôme, Ardent Amour, Élan d'Or, Courageux, Pierre Pure e Linda Bell.

Correspondiam a esses animais os números 3, 4, 6, 8, 10, 11, 13 e 14, respectivamente. Para o *tiercé* apostei com uma outra moça os números 10, 3 e 13, colocados nessa mesma ordem. A aposta mínima era de dez francos. Como é natural, podia-se apostar mais, e foi o que fizemos.

Nesse meio tempo apareceram na pista, todos reunidos, os dezoito cavalos montados pelos respectivos jóqueis. Uma voz masculina que saía de diversos alto-falantes anunciava que estava se aproximando o momento da largada do primeiro páreo. Pela televisão eu já havia presenciado diversas vezes tais corridas. Depois que os animais começaram a correr e se distanciaram um pouco, fizeram com que a iluminação do restaurante se tornasse bem fraca a fim de permitir melhor visão da pista. Apalpei o pé esquerdo, que começara a doer. Angela levantou-se de um salto e começou a gritar bem alto, numa torcida doida, citando os números nos quais ela havia apostado:

— Corre, 3! Mais depressa, 10! Cuidado, 14! Três! Três! Dez! Dez! Treze! Treze! Treze!...

Ela não chamava a atenção de ninguém porque quase todos os que estavam no restaurante se comportavam da mesma maneira. A maior parte das pessoas que se encontravam perto de nós eram homens. Lá de baixo chegava até nós a gritaria da multidão. Os jóqueis faziam todo o possível para incitar os animais que montavam. Muitos gritos de exclamação eram até bem cômicos.

Passei a refletir nesse instante que, mesmo tendo só uma perna, eu poderia írequentar os hipódromos com Angela, já que ela adorava as corridas de cavalos. Tal pensamento trouxe-me uma certa calma. Os animais já haviam passado por nós uma vez e agora, depois de terem contornado a extremidade oval da pista, dobravam para enveredar de novo pela reta.

Quando os primeiros cavalos atingiram a baliza de chegada, explodiu um terrível berreiro da multidão lá embaixo. Até dentro do restaurante todos, inclusive Angela, portavam-se como loucos.

— O 3, o 10 e o 13! Eu apostei neles! Foi com eles que eu fiz o meu *tiercé*. Exatamente nessa ordem! — gritou Angela.

— Eu também apostei neles — disse eu. — Só que não fiz o meu *tiercé* exatamente nessa ordem.

— Não é magnífico? — Ela se pendurou no meu pescoço e me beijou. — Você tinha que ganhar porque é virgem neste assunto. Entretanto, o que há de mais grandioso nisso tudo é que ambos ganhamos...

Ainda dominada pela excitação ela sentou-se e tomou um gole de champanha. Nas diversas telas dos aparelhos de televisão surgiram os resultados. Acenderam novamente todas as luzes do restaurante. As moças se movimentavam de mesa em mesa. Angela, ao receber o seu rateio, ficou muito orgulhosa. Ambos, de maneira um tanto excêntrica, havíamos apostado em cavalos considerados ruins e por isso a cota que nos coube no rateio foi bastante elevada. Cada um de nós recebeu cerca de cinco mil francos. Com o seu *tiercé* Angela recebeu doze mil e quinhentos francos e eu, com o meu, seis mil duzentos e cinquenta francos.

— Que tal você achou? — perguntou-me Angela, enquanto a moça me pagava e eu lhe dava uma gorjeta. — Você achou ruim? Puuuu! Como está calor aqui! Há ainda um pouco de champanha na garrafa?

A garrafa estava vazia. Fiz sinal para o garçom.

Angela começou a fazer logo a sua aposta para o Prix du Mont-Perdu, que era o segundo páreo, de dois mil e cem metros, no qual tomariam parte vinte animais. Entre uma corrida e outra havia sempre um intervalo de cerca de meia hora. Uma espécie de gigantesco trator munido de cilindros que rolavam sobre o chão varria as pistas em pouco tempo, deixando-as lisas de novo. Sobre o hipódromo, a essa hora, o céu apresentava-se recamado de estrelas. O garçom, ao qual eu havia acenado, aproximou-se da nossa mesa trazendo dentro de um pequeno balde outra garrafa de champanha, colocada no meio de pedrinhas de gelo.

Nos fundos do hipódromo ficava o mar. Ele estava calmo. O reflexo da lua que nele se espelhava prateava a água.

No segundo páreo não ganhamos nada. Nem no terceiro. No quarto páreo ganhei dois mil francos. No intervalo do quarto para o quinto páreo, entraram inopinadamente no restaurante Pasquale e Claude Trabaud, que se dirigiram logo à nossa mesa. As mulheres se abraçaram e se beijaram. Os Trabaud perguntaram se podiam ficar conosco e nós os convidamos para que se sentassem.

— Telefonamos para você, Angela, mas ninguém atendeu. Então ocorreu-me que você me havia dito que viria para cá a fim de assistir às corridas — disse Pasquale.

— É verdade. Aconteceu alguma coisa?

Os Trabaud davam a impressão de estar oprimidos com algo que os atormentava.

— Pois fale de uma vez! — disse Angela a Pasquale.

— Já faz algum tempo que isso está se propalando, mas só hoje é que ficamos sabendo — respondeu Pasquale.

A moça com o seu tabuleiro aproximou-se da mesa, mas Angela delicadamente fez sinal para que ela se retirasse.

— Ficaram sabendo do quê? — insistiu Angela.

— É uma história nada agradável. Parece que essa conversa toda partiu de Bianca Fabiani. Mas agora é muito difícil averiguar isso. Esse fato já constitui o comentário obrigatório em todas as rodas da assim chamada "alta sociedade" de Cannes.

— A que se refere esse comentário? — perguntei.

— A vocês dois. Ao seu amor. Às suas relações. Seja lá quem for que se dispôs a espalhar essa conversa, não passa de um tipo infame e baixo. Nas rodas da alta sociedade, eles comentam que você é casado na Alemanha, que abandonou sua pobre mulher, deixando-a no desamparo, que descarada mente passeia por toda Cannes em companhia de Angela, que chegou até a comprar-lhe uma aliança e agora está morando com ela. Alegam, também, que você veio para cá incumbido por uma organização respeitável a fim de efetuar sindicâncias ouvindo pessoas da mesma forma altamente respeitáveis, circunstância essa que

para tais pessoas constitui uma escandalosa afronta... e... xiiiii!... tantas coisas mais...

A voz no alto-falante soou de novo e apagaram-se as luzes no restaurante. O quinto páreo havia começado. Acho que em nossa mesa ninguém, a não ser eu próprio, notou isso. Eu tinha a possibilidade de observar com calma tudo em nosso redor porque me encontrava com o espírito prevenido para enfrentar uma situação dessas, há muito esperada. Mas Angela dava a impressão de ter ficado muito perturbada e nervosa.

— Mas quem iria se dispor a praticar um ato de maldade tão ignóbil? Quem, nesta cidade, poderia ser tão infame assim? — perguntou ela, aflita.

— Qualquer um — respondeu Claude. — Até mesmo todas as pessoas. Elas só encontram prazer e satisfação quando presenciam um escândalo. Você bem sabe que terrível foco de escândalos Cannes realmente é e como aqui os escândalos são sempre esperados com ansiedade, Angela. Por isso devemos encarar o assunto com seriedade. Já comentam até que ninguém mais quer se dar com vocês. Não são muitos os que conhecem Robert. Mas a sua vida eles podem estragar, Angela. Eles acham que você tem grandes possibilidades de ganho com a pintura aqui em Cannes porque é benquista pela nossa *high society*.

— Bem... isso é verdade — confirmou Angela. — Mas por que as criaturas têm que ser assim, Claude? Por que invejam a felicidade dos outros? Por que será que se comprazem em espalhar maledicências? Robert, na verdade, abandonou a mulher, mas ele já pediu o divórcio e...

— Isso não interessa a ninguém. Propalar escândalos é o que eles querem — interrompeu Pasquale.

— É evidente que todas as pessoas cujos calos você pisa com a sua superioridade têm um especial interesse em fazer com que você seja considerada indesejável — disse Claude.

"E eles já conseguiram isso", pensei com os meus botões ... "E no entanto eu os tenho a todos seguros na minha mão... "

— Isso é evidente, Claude — disse eu.

Já havia terminado o quinto páreo. Angela não se dava conta de nada, absolutamente. Estava apavorada. Ela também não tomou conhecimento do sexto nem do sétimo páreos. Só ficava conversando acaloradamente com os

Trabaud sobre as consequências que poderiam ter na sua vida um boicote total da sociedade, e eles pareciam estar levando muito a sério tal fato.

— Pasquale e eu refletimos muito sobre uma coisa — prosseguiu Claude Trabaud. — Se o que pensamos der resultado (e terá que dar resultado indubitavelmente), então taparemos a boca de toda essa gente e vocês terão a sua paz de espírito sem que Angela precise ter receio de ficar sem trabalho.

E eu mais uma vez pensei com os meus botões: "Mesmo que não tiver sorte com o seu trabalho, ela, durante todo o resto da sua vida, não precisará pintar um único retrato sequer e poderá mandar às favas as encomendas". Depois, entretanto, refleti que ela gostava demasiadamente da sua arte, a pintura, e eu não deveria de forma alguma proibir-lhe o exercício da sua profissão.

Pasquale demonstrava o seu plano falando acaloradamente, enquanto a luz se apagava de novo no restaurante e o último páreo já começava.

— Como você sabe, Angela, no dia 4 de julho teremos o maior baile de gala do ano no Palm-Beach.

Angela dirigiu-se a mim, explicando:

— Para esse baile de gala sempre vêm a Cannes porta-aviões americanos. Comparecem a ele as pessoas mais importantes, mais famosas e mais ricas da cidade a fim de festejarem o dia da independência americana. É a oportunidade para uma das maiores festas.

— Compreendi — disse eu, e passei a observar, lá embaixo, os cavalos que já contornavam a extremidade da pista, os diversos aparelhos de televisão e as silhuetas das pessoas que, à nossa frente, haviam saltado das suas cadeiras. Eu ouvia uma enorme confusão de vozes, ao mesmo tempo que também feriam os meus ouvidos as palavras de Pasquale, que dizia:

— E nós podemos fazer isso não pelo fato de sermos ricos. Ou talvez seja por isso mesmo que podemos fazer. Claude bem que pode fazer algo. Ele, durante toda a vida, sempre trabalhou sem descanso...

— Durante toda a minha vida só tive felicidades — interrompeu Claude.

— Sim, sim, e daí? — insistiu Angela, revelando ansiedade.

— Nós recebemos um convite para ocuparmos uma mesa bem na

frente, em lugar de honra — prosseguiu Pasquale. — Como sempre acontece todos os anos. Exatamente no local onde ficam sentados os políticos de maior evidência, as elevadas patentes militares, os aristocratas, enfim, todo esse refugo de alto coturno, como você bem sabe, Angela.

— Sim, eu sei — respondeu ela.

— Pois bem, a nossa mesa tem quatro lugares. Poderemos levar conosco mais dois convidados. Então tivemos a ideia de convidar você e Robert para, com grande ostentação, nos apresentarmos os quatro juntos nesse baile. Não é por vaidade nem por pedantismo ou soberba, você me compreende, não é, Angela? Também não é por vaidade que sempre digo que Claude tem um nome de projeção em toda a França. Bem... como ia dizendo, se comparecermos os quatro, deixando-nos fotografar e fazendo com que todo o mundo nos veja dançar juntos, estou certa de que esse falatório terminará de uma vez por todas. Disso não tenho dúvidas.

A dor no meu pé começou a aumentar. Ocultamente engoli dois comprimidos e comecei a refletir que eu estava caminhando claudicante sobre um perigoso montão de musgos num pântano, depois da resolução por mim tomada...

— Angela procurará preparar-se do melhor modo possível, para ficar bem bonita — disse Pasquale. — Estou certa de que ela será a mais bela mulher do baile. Gostariam de aceitar nosso convite?

— Ora, como não! E com os nossos mais sinceros agradecimentos! Vocês são realmente nossos amigos. Só temos que agradecer do fundo do nosso coração, não é verdade, Robert?

— Sim, agradecemos muito a gentileza de vocês.

— Essa tal Bianca e toda aquela gentalha vão se arrebentar de raiva! — disse Pasquale.

— Pelo contrário — interrompeu Claude —, toda aquela cambada procurará imediatamente demonstrar a Angela e a Robert a mais requintada consideração. Aprenda comigo a conhecer as pessoas!

Ele levantou os olhos. As luzes se acenderam de novo no restaurante, que ficou intensamente iluminado.

— Parece que as corridas já terminaram — disse Claude.

Em torno de nós, os frequentadores iam deixando as suas mesas. As lâmpadas a gás que iluminavam o hipódromo já se encontravam apagadas.

Claude disse:

— Vamos tomar mais uma garrafa de champanha. É quase impossível sairmos agora com os nossos carros. Devíamos ter saído antes de terminar o último páreo.

Bebemos, portanto, mais uma garrafa de champanha. Pasquale e Angela começaram a falar baixinho sobre os vestidos que deveriam usar no baile de gala do *Independence Day*. Eu e Claude passamos a conversar um pouco sobre Hellmann. Ele deixava transparecer a sua descrença com relação aos fatos e circunstâncias. Deve ter tido a impressão de que estava por acontecer algo comigo. Finalmente, procuramos desviar o assunto e enveredamos nossa conversa para outro rumo, passando a falar das pessoas em geral. Lembro-me ainda de uma frase que Claude citou: "Sabe, Robert, à medida que vou ficando mais velho mais se enraiza em mim a convicção de que não se deve julgar os homens pelas suas ações, mas sim pelos motivos preponderantes que os levam a praticar essas ações".

Deixamos o restaurante quando ele se encontrava praticamente vazio. O grosso da multidão já havia ido embora. Caminhamos até o parque de estacionamento pisando num verdadeiro tapete de papéis, formado pelos milhares de jornais de corridas que haviam sido lançados fora.

Eu e Angela nos hospedamos no Baur-au-Lac só por um dia. Deram-nos dois quartos bem sossegados, de frente para o canal. Eram quartos um tanto escuros, mas não tínhamos a intenção de permanecer muito tempo no hotel. Na noite de terça-feira, depois de termos assistido às corridas em Cagnes-sur-Mer, voltamos para o apartamento de Angela e de lá telefonei ao Majestic perguntando se havia algum recado para mim.

— Sim, *monsieur*. Um senhor telefonou e mandou dizer-lhe que permanece *a combinação do ponto de encontro.*

Era exatamente essa a expressão combinada com Hilde dos Brilhantes para ser citada ao telefone, na hipótese de que concordasse com minha exigência.

Pontualmente às onze e meia tilintou a campainha do telefone do meu quarto no Baur-au-Lac.

— Sr. Lucas, um senhor de nome Lichtenstein está aqui. Ele disse que havia marcado este encontro com o senhor.

— Por favor, diga-lhe que nos dirigiremos imediatamente ao *hall.*

Angela vestia um costume branco de fios de estame e uma blusa com um grande laço nas cores amarela e ametista. O casaco era forrado com um tecido nas mesmas cores da blusa.

Lichtenstein era um jovem de semblante muito sério e que parecia ser refratário a qualquer tipo de emoções. Mostrou-me uma carta assinada pelo Procurador-Geral Seeberg, apresentando-o como a pessoa autorizada para realizar a transação que havíamos combinado.

Lichtenstein disse-me:

— Teremos que ir ao Schweizer Merkurbank. Fica na Bahnhofstrasse. É melhor irmos a pé mesmo.

Em Zurique brilhava um sol esplendoroso e fazia muito calor.

Lá no Schweizer Merkurbank subimos de elevador até o quarto andar. Ali, todas as paredes estavam forradas de mogno e grossos tapetes cobriam o soalho. Um empregado pediu que esperássemos um pouco. Saiu e

entrou num gabinete de onde voltou sem demora, acompanhado de um senhor mais idoso, corpulento e bastante simpático, que se apresentou como sendo o diretor, Sr. Ruth.

Ruth conduziu-nos diretamente ao seu luxuoso gabinete, onde nos sentamos todos.

Litchtenstein entregou a Ruth diversos papéis. Ambos falavam baixinho um com o outro.

— Quem é esse tal Lichtenstein? — perguntou-me Angela, também em voz baixa.

— É um representante do meu banco em Dusseldorf, onde se acha depositada a minha herança. Pedi-lhe que viesse até aqui. Seria mais difícil passar na fronteira com oitocentos mil marcos, você entende? Desse modo, de banco para banco, torna-se muito mais fácil a transferência. Além disso, a abertura de uma conta numerada seria bastante dificultada de outra maneira.

— Entendo — disse Angela, e agradeci aos céus por ela não ter continuado a formular perguntas.

Ruth levantou os olhos.

— Tudo em ordem. O Sr. Lichtenstein terá que nos deixar agora. Ele ainda tem que tratar de outros.assuntos. E, para o resto do negócio, não precisamos mais dele — concluiu Ruth, soltando uma risadinha: — Ah, ah, ah!

— Ah, ah, ah! — emendei, já levantando-me para apertar a mão de Lichtenstein, ao qual me dirigi falando entre dentes: — Às duas horas, em frente do banco com o resto do dinheiro!

Sempre conservando o semblante sério, demonstrou, com um movimento de cabeça, ter compreendido as minhas palavras. Um tanto embaraçado, beijou a mão de Angela e desapareceu. Sentamo-nos de novo, eu e Ruth.

O diretor apertou uma campainha e um jovem entrou no seu gabinete. Ruth entregou-lhe os papéis deixados por Lichtenstein, falando com ele também em voz baixa. Em seguida o jovem saiu do gabinete.

— Bem... então os senhores desejam abrir uma conta numerada em nosso banco, não é?

— Sim — respondi.

— Posso ver o passaporte dos senhores?

Mostramos-lhe os passaportes.

— É apenas para comprovar a identidade dos senhores — disse-nos, devolvendo-nos os documentos. — Ninguém, a não ser nós próprios, jamais ficará sabendo o que conversamos aqui hoje.

Retirou da gaveta um formulário com diversas vias, colocou papel carbono em todas elas e começou a escrever com uma caneta esferográfica.

— São entregues hoje oitocentos mil marcos. Esse montante corresponde a — calculou rapidamente a respectiva conversão à taxa do dia — 949 360 francos suíços. Já depositei a importância. Depois os senhores farão a fineza de dirigir-se ao gabinete do jovem que esteve aqui, onde ele autenticará essa quantia a máquina, certificando, desse modo, a sua contabilização. Também compreendí perfeitamente que o senhor, Sr. Lucas, e a senhora, *Madame* Delpierre, desejam abrir uma conta conjunta, sobre a qual poderão sacar juntos ou isoladamente. Isso significa que cada um dos senhores, em qualquer época, pode comparecer aqui e retirar a quantia que quiser. Da mesma forma, qualquer um dos senhores poderá depositar o montante que desejar. Está certo?

— É exatamente isso o que desejamos — confirmei.

— O endereço dos senhores, por favor.

Dei-lhe o endereço de Angela em Cannes.

— Telefone? Não que tencionemos telefonar-lhes com frequência. Mas pode dar-se o ,caso de aparecer alguém aqui, fazendo menção do número da sua conta ou de ser adulterada qualquer uma das suas assinaturas. Nesse caso teremos que consultar os senhores. A não ser em caso de necessidade, não telefonaremos nunca.

Angela deu-lhe o número do seu telefone.

— Além do mais — prosseguiu Ruth —, para todos os efeitos, esse negócio processou-se como se nunca nos tivéssemos visto e os senhores jamais ouvirão qualquer comentário da nossa parte. Quando quiserem dinheiro, basta vir aqui e retirar o montante que desejarem. Não há nada de imposto, nada com a polícia e ninguém neste mundo ficará sabendo da existência dessa conta. Agora,

por favor, Sr. Lucas, assine aqui: depois a senhora, maàame.

Assinamos. O diretor também assinou, para autenticar o papel. Com isso ficou tudo pronto. Ruth, então, conduziu-nos ao gabinete do seu secretário, que ficava ao lado do seu, e pediu-nos que esperássemos um momento. Expressou-nos a sua satisfação por contar-nos entre os clientes do seu banco. No gabinete do secretário não havia ninguém.

— Agora somos gente rica! — exclamou Angela.

— É verdade, meu coração.

"E se você realmente soubesse quão grande é a nossa riqueza!", pensei comigo mesmo.

— Eu jamais tocarei num centavo desse dinheiro — disse ela.

— Se me acontecer algo, você forçosamente terá que tocar no dinheiro, pois nesse caso ele pertencerá a você.

— Por favor, não diga isso! Não fale assim, Robert!

O jovem secretário apareceu e pegou o formulário que nos havia sido entregue por Ruth. Saiu mais uma vez, voltando alguns minutos depois com o registro do depósito, cuja contabilização, desse modo, ficara comprovada. A conta identificava-se por uma letra do alfabeto seguida de um número bem grande.

Agradecemos ao secretário de Ruth e nos retiramos do banco.

No Baur-au-Lac comemos lagostas. Então pedi a Angela que comprasse, para ela, numa das lojas da Bahnhofstrasse, alguma coisa bem linda que fosse do seu agrado. Dei-lhe dinheiro e separamo-nos. Às duas horas da tarde em ponto, eu estava diante do portal do Schweizer Merkurbank.

Passados dois segundos das duas horas, chegou também Lichtenstein, sempre com o semblante impassível. Subimos ao quarto andar e procuramos mais uma vez falar com o Sr.

Ruth. Lichtenstein trazia novos papéis e documentos. Obviamente Seeberg já havia comunicado a Ruth a transação. Mas, mesmo assim, ele ficou falando ao telefone durante bastante tempo antes de nos atender. E só poderia ter sido para comunicar-se com Seeberg. Finalmente ele se acalmou e mandou entrar o seu secretário. Repetiu-se a mesma tramitação da manhã desse dia.

Levou cerca de vinte minutos para ficar tudo pronto. Depois de decorridos esses vinte minutos, foi-me entregue um novo papel devidamente autenticado, confirmando a contabilização de mais uma quantia creditada na minha conta numerada. Tratava-se do depósito da importância de catorze milhões e duzentos mil marcos alemães, que correspondia a 16 851 140 francos suíços.

Enfiei os talões do depósito num envelope grande que o secretário de Ruth passara às minhas mãos. Ele próprio lacrou e autenticou esse envelope, que me foi entregue logo em seguida.

Eu e Lichtenstein saímos do banco juntos. Diante do portal ele inclinou-se um pouquinho e foi andando sem pronunciar mais palavra alguma.

Voltei a pé ao Baur-au-Lac. Ali, fui sentar-me no terraço, onde tomei chá e fiquei esperando Angela. Ela chegou lá pelas quatro e meia e disse-me que só em Cannes iria mostrar-me o que havia comprado.

Às cinco e meia tomamos o avião de volta. O Mercedes de Angela encontrava-se no estacionamento em frente ao aeroporto de Nice. Angela também tinha um cofre no Palm-Beach, o cassino de verão. O número desse cofre era 13. Disse-lhe:

— Devemos dar uma chegadinha no Palm-Beach. Você irá guardar no seu cofre este envelope com o certificado da nossa conta numerada. Lá ele ficará guardado com segurança.

E, na verdade, naquele cofre seria mais fácil para Angela apanhar tal documento se me acontecesse algo.

Dirigimo-nos, portanto, ao Palm-Beach, que se encontrava aberto desde as cinco horas da tarde. A essa hora havia jogo somente em duas mesas. Levando o envelope lacrado e autenticado, Angela desapareceu, entrando numa saleta que ficava nos fundos dos guichês de troca de fichas. Ela voltou logo em seguida. Dessa vez não fizemos nenhum jogo. Voltamos para casa imediatamente. No apartamento de Angela tiramos a roupa, tomamos um bom banho e vestimos nossos roupões. Depois fomos nos sentar no terraço no meio daquele mar de flores.

— Finalmente, chegou o momento de mostrar-me o que foi que comprou para você.

Ela saiu correndo para buscar o pacotinho.

Sentei-me no balanço, onde fiquei balançando-me devagarinho de um lado para o outro.

Como eu estava satisfeito com os quinze milhões de marcos alemães, que correspondiam a 17 800 500 francos suíços! Era sem dúvida uma quantia vultosa.

Angela voltou para perto de mim. Segurava na mão um pequeno estojo com revestimento azul.

— É para você! — disse ela.

— Como para mim? Eu disse que comprasse algo para você mesma.

— Ah, sabe, Robert, para mim não encontrei nada que me agradasse. Abra agora o estojinho.

Abri-o. Dentro havia um par de abotoaduras de platina cravejada de diminutos brilhantes.

— Com as minhas melhores e mais cordiais felicitações! — exclamou Angela.

— É verdade — disse eu —, a Global vai pagar o seguro do Moongloiv. Na verdade ela não deveria pagá-lo, pois o caso não ficou ainda esclarecido. Entretanto, com essa gentileza da nossa companhia de seguros, esperamos novas revelações, que deverão surgir com o desenrolar dos acontecimentos.

Conversávamos no gabinete de Lacrosse, no Comissariado Central, onde se efetuava uma das reuniões que Gaston Tilmant convocava com frequência. Além de mim, encontravam-se presentes também Roussel, Lacrosse e Kessler, o funcionário de serviço de repressão à sonegação de impostos de Bonn.

Lacrosse comentou com um tom de amargura na voz:

— Ainda mais essa! A companhia vai pagar o valor do seguro. Inegavelmente eu escolhi a profissão errada: assassino é o que eu deveria ser.

Notei que Tilmant me encarava de viés, com o semblante sério. E prossegui:

— É evidente que minha companhia poderá exigir a devolução da soma paga se ficar comprovado que de fato houve suicídio, Minha empresa espera que com tal procedimento os cúmplices agora fiquem sossegados e tenham a impressão de que, pelo menos no que lhes diz respeito, o caso está encerrado. Não era esse também o objetivo que o senhor tinha em mira, *Monsieur* Tilmant?

O homem de olhos tão amáveis e de semblante triste fitou-me calado durante um certo tempo. Depois, disse:

— É claro que esse seria um aspecto pelo qual se poderia encarar o caso. Contudo, haveria outro caminho a seguir. Só que esse caminho não seria viável para a Global, o senhor não acha?

— Não, não seria viável — respondi prontamente. — Acontece que agora resolvemos pôr em prática uma nova estratégia.

Eu mentia, tendo a inabalável convicção de que a Global, em hipótese alguma, iria propalar o escândalo que — segundo ela — eu lhe havia ocasionado aqui e que servira de pretexto para aposentar-me. Continuei:

— A Global vai até desobrigar-me de continuar investigando o caso, o senhor compreende? Para ela, trata-se de assunto encerrado. Pelo menos assim deve parecer. Se ainda permaneço nesta cidade é porque estou de férias. Isso é o que terei de dizer se alguém me perguntar. Mas acho que ninguém me perguntará nada. No entanto, é óbvio que não me encontro aqui em gozo de férias. Procedendo dessa maneira, poderei esquivar-me das perguntas indiscretas e acalmarei os elementos envolvidos no caso como cúmplices. E não é precisamente isso que o senhor considera o fato mais importante, *Monsieur* Tilmant?

Ele-fitou-me novamente de viés, balançando a cabeça.

Ocorreu-me, também, que poderia explicar a Angela essa nova "estratégia" como pretexto até que meu assunto com Hilde Hellmann ficasse completamente resolvido. Depois, então, poderia dizer-lhe que a Global considerou o caso encerrado, tendo-me desobrigado de prosseguir com as investigações. Só mais tarde diría a Angela que a Global, por causa das nossas relações amorosas, me havia aposentado, tendo pago, todavia, uma indenização bem elevada. Desse modo poderia ficar sempre em casa junto dela. E isso era o que ela mais queria... E teriamos dinheiro de sobra...

Kessler começou a falar:

— Quanto a mim, nem a força de dez cavalos conseguirá arrancar-me da porcaria desse caso. Vou ficar na dança até o fim... Até que possa fazer algo.

Ele falou expressando-se com ardor. Lacrosse e Roussel concordaram com ele.

Quando todos já íamos saindo, depois de terminada a reunião, Gaston Tilmant alcançou-me na porta e disse:

— Não acho que a sua companhia venha a ter bons resultados com tal procedimento.

Cheguei a assustar-me.

— Por que não? — perguntei.

— Os cidadãos componentes desse grupo sentem-se tão seguros, que já começaram a fazer de novo as suas chicanas contra a empresa de Abel e Clermont. E dessa vez estão agindo com maior ímpeto, criando toda sorte de

obstáculos. Eles se consideram como deuses e se julgam intocáveis. Acham que ninguém poderá compeli-los a comparecer diante de um tribunal.

— Contudo, mais dia menos dia, eles terão que enfrentar a justiça — disse eu, mas sem acreditar nas minhas próprias palavras.

— Nunca! — retrucou Gaston Tilmant com a sua voz cansada. — O que o senhor afirma não faz sentido. O dia em que essa gente será levada perante um tribunal... nunca chegará. Eu já percebi isso.

Ele falava de um modo tão desconexo, que parecia uma criança.

— O nosso mundo é mau, *Monsieur* Lucas. E permanecerá sempre mau.

No dia seguinte eu e Angela fomos à feira denominada Marche Forville, que se realizava todas as manhãs. Ali se podiam comprar por preço mais baixo diversas espécies de verduras e hortaliças, bem como carne e outros comestíveis. Havia, também, no mesmo local, um mercado de flores. Em nenhuma parte do mundo eu vira tantas flores. Era uma coisa estupenda. Mal podia acreditar no que meus olhos viam ao contemplar aquela infinidade de tipos variados e de eston-' teante beleza. Eu e Angela compramos comestíveis e plantas para o seu terraço. Colocamos nossas compras no carro e rumamos para Vallauris, onde compramos vasos comuns com terra para colocar as plantinhas, bem como vasos do tipo Ali-Babá, com a forma de botija. Dali, então, fomos diretamente para casa e tratamos de plantar logo os arbustos ornamentais que havíamos comprado. Com esse trabalho nos sujamos bastante. Tomamos um banho juntos e depois fizemos amor. Em seguida pegamos no sono. Quando despertamos, já eram cinco horas da tarde. Vestimo-nos e nos dirigimos ao nosso cantinho lá no terraço do Majestic, onde ficamos bebendo champanha. O tal cantinho, agora, ficava sempre reservado para nós. Ali sentados, de mãos dadas, contemplávamos o mar. Lá longe achavam-se ancorados dois gigantescos porta-aviões americanos e a cidade estava cheia de marinheiros americanos com os seus uniformes brancos. As prostitutas faziam o *trottoir*. Contei a Angela que a minha companhia tomara em consideração a exigência de Nicole Monnier e dos seus amigos, tendo resolvido despender bastante dinheiro na compra das suas informações, muito embora, ao que tudo indicava, o valor do seguro devesse ser pago logo a Hilde Hellmann. Muito em breve eu estaria em condições de dizer-lhe, também, qual a quantia que havia recebido para pagar esses informantes, detalhando-lhe a maneira e o local do pagamento.

Dali resolvemos voltar ao apartamento. Fomos seguindo através da Rue du Canada. Por ali fervilhavam os marinheiros americanos, misturados às meretrizes. Ocorreu-me, então, que aquela prostituta de nome Jessey tinha, agora, a sua tão almejada possibilidade de fazer *grandes negócios*. Era sábado, dia l.° de julho. Nem mesmo no terraço de Angela soprava alguma brisa. Permanecemos lá fora até de madrugada, contando nossas vidas um para o outro. O tempo, entretanto, não deu para contar tudo e uma boa porção de coisas ficou para outra oportunidade. Aliás, juntos iríamos ter muitas experiências da vida, pensei comigo mesmo. Depois comecei a pensar, também, na amputação da minha perna. E, como era óbvio, no que poderia resultar disso...

Na manhã do dia seguinte bem cedo chegaram dois caixotes contendo os meus pertences, trazidos pela empresa de mudanças. As minhas coisas empacotadas foram levadas para o apartamento de Angela. O transporte foi feito com rapidez surpreendente. Os próprios empregados da empresa esvaziaram os caixotes, receberam a gorjeta e foram embora.

Angela estava nervosa. Procuramos arrumar todas as coisas no armário que ficava no quarto que ela me reservara.

Ela ficou encantada com. os meus elefantinhos. Na prateleira onde estava colocada sua coleção de elefantes havia lugar também para os meus.

— Seus elefantinhos devem ficar misturados com os meus — disse ela —, pois agora todos eles nos pertencem. Formamos uma única família, nós e nossos elefantinhos.

Para os cavalinhos sicilianos ela encontrou lugar na estante de livros. Por fim ficou tudo arrumado direitinho.

Assustei-me ao notar que Angela, bruscamente, desandou a chorar.

— Que foi que houve? Angela, meu único amor, que é que você tem?

— Nada...

— Que é que você tem? Diga-me!

— Eu... eu me sinto tão feliz — respondeu ela com palavras entrecortadas de soluços. — Finalmente agora vejo que você realmente quer ficar morando comigo.

— É verdade! — respondi-lhe e, lançando meu olhar por cima dos seus ombros, passei a contemplar o mar repleto de luzes. — Finalmente vim para ficar definitivamente com você.

— A senhora mandou me chamar, Sra. Hellmann?

— Eu já preparei tudo. Está aqui mesmo — respondeu-me Hilde dos Brilhantes.

Como sempre, ela encontrava-se deitada no seu leito em estilo rococo. Nesse dia ela não usava jóias de espécie alguma. Dava a impressão de ter vivido momentos de sofrimento e de preocupações. Esse nosso encontro se dera nas primeiras horas da tarde de segunda-feira. Ela apontou-me um papel enrolado que se encontrava ao lado da sua cama.

Sentei-me e li a confissão de Hilde dos Brilhantes com muita atenção. Palavra por palavra, frase por frase. Realmente ela fizera um relato completo. Citou nomes e fez uma descrição das circunstâncias e do tempo em que os fatos se desenrolaram. Só omitiu o nome do pistoleiro profissional contratado. Na verdade, ao que me pareceu, ela não sabia quem ele era. Kilwood, um dos que o haviam contratado, já estava morto, e o outro, Sargantana, certamente se recusara a revelar o nome do tal assassino profissional.

— Satisfeito? — interrogou-me Hilde, não podendo ocultar o sentimento de ódio que a dominava.

— Sim.

— E quanto ao dinheiro que o senhor também exige em pagamentos mensais? Não quer recebê-lo agora?

— Eu ainda vou me comunicar com a senhora, para dizer-lhe como deve ser feito esse pagamento.

— Quando?

— Muito em breve, Sra. Hellmann — respondi.

Levando comigo a confissão de Hilde, dirigi-me ao gabinete do escrivão Charles Libellé. Colocamos esse documento num grande envelope, que lacramos e autenticamos, e em seguida nos dirigimos à agência da Banque Nationale de 'Paris, a fim de colocá-lo no cofre alugado.

Despedi-me de Libellé e segui caminhando pela cidade até chegar

à Croisette. Ali, postado de pé à beira da pista do passeio, fiquei contemplando os porta-aviões americanos. Então comecei a fazer as minhas reflexões e cheguei à conclusão de que eu não era melhor do que aqueles indivíduos culpados pela morte de Hellmann. Mas, apesar disso, parecia que eu havia agido com muita lógica e que fora bem sucedido. Vi novamente aquele jovem pintor com sua exposição de quadros. Ele reconheceu-me logo e cumprimentou-me com muita atenção.

Fui falar com ele e ele me disse que eu lhe dera muita sorte. Depois daquele dia ele conseguira vender quatro quadros.

— Ótimo! — exclamei.

Ele percebeu que eu estava olhando para o mar e começou também a fazer o mesmo.

— Que porta-aviões gigantescos, não é verdade?

— É — confirmei. — São tão grandes que dão arrepios.

O Cassino Palm-Beach, ao contrário do Municipal, é uma edificação moderna que se estende num grande raio de amplitude e que possui enormes salões. Nesse cair da tarde do dia 4 de julho, a fachada do Cassino Palm-Beach achava-se feericamente iluminada pela luz de possantes refletores. Carros e mais carros subiam a rampa da entrada. A polícia havia estendido um cordão de isolamento em frente ao edifício. Eu e Angela fomos no Rolls-Royce de Claude Trabaud. Os empregados do cassino mostravam-se muito gentis e solícitos, ajudando Pasquale e Angela a descerem do carro. Um deles levou o Rolls-Royce ao parque de estacionamento. Eu e Claude trajávamos *smokings* de paletós brancos. Pasquale exibia um lindo vestido lilás para soirée. Angela usava um vestido de musselina cor de limão, todo cheio de volants em forma de campânulas que se abriam facilmente. Tratava-se do vestido que ela adquirira na casa de modas Old England, em Juan-les-Pins. Pendiam das suas orelhas aqueles brincos que eu lhe havia presenteado. Usava também a aliança e mais um lindo anel no qual se achava engastado um brilhante de bom tamanho. Em torno do pescoço colocara o valioso colar de brilhantes adquirido com o seu trabalho.

A partir do ponto da rampa onde desembarcavam os convidados, haviam sido estendidos tapetes vermelhos. Caminhamos sobre eles ao nos dirigirmos ao passadiço do Palm-Beach. No lado esquerdo, formando fileira até a entrada, permaneciam de pé, imóveis, os policiais franceses, com seus uniformes azuis, perneiras, luvas e quepes brancos. No lado direito, igualmente imóveis, viam-se marinheiros americanos, com seus uniformes brancos. As luzes dos refletores ofuscavam a visão. *Flashes* espocavam ininterruptamente. As câmaras se movimentavam. Passamos entre as fileiras formadas por aqueles homens imóveis e, seguindo pelo interior do edifício, penetramos num amplo terraço. Ali, bem na frente do tablado, achava-se a mesa para a qual o *maître d'hôtel* nos conduziu. O terraço estendia-se até o ponto de ser alcançado pela água do mar que ficava nos fundos desse tablado e refletia as luzes dos holofotes e projetores. Sobre dois andaimes de madeira achavam-se montadas diversas câmaras de televisão. Três operadores, passando entre as mesas, se deslocavam de um lado para outro com suas câmaras portáteis. Também havia no local muitos fotógrafos.

Nessa noite estava reunido ali aquilo que se podia chamar de creme de la creme da sociedade da Côte d'Azur. Ficava tonto só em pensar que, considerada minha posição, eu estava sentado num lugar errado, mas ao mesmo tempo raciocinei que era necessário para mim e para Angela ficarmos na companhia de gente famosa, muito rica, poderosa e elegante.

Angela e os Trabaud iam me explicando quem eram as pessoas presentes: os prefeitos de Cannes e de Nice, políticos do sul da França, edis de diversos departamentos, aristocratas, pintores, músicos de renome, cientistas, industriais, banqueiros e, como não podia deixar de ser, também os Tenedos, os Fabiani, os Sargantana, Seeberg e Thorwell.

Achavam-se presentes também inúmeros oficiais militares franceses e americanos de alta patente. As mulheres usavam finíssimos vestidos de gala e os homens trajavam *smokings*. Os oficiais apresentavam-se com vistosos uniformes de gala, ostentando todos eles as suas condecorações. O valor de todas as jóias que eu vi nesse baile atingiria sem dúvida o elevado, montante de mais de cem milhões de francos.

Ao sermos conduzidos para a nossa mesa, cessou a enorme confusão de vozes que se verificava lá dentro, fazendo-se silêncio por alguns instantes. Notei, então, que muitas pessoas tinham os olhos voltados para nós. Era como se todas elas tivessem refreado a respiração por alguns momentos. Um *cameraman*, fazendo retroceder a sua câmara, filmou-nos. Bem sei que o que vou dizer poderá soar de maneira estúpida, parecendo inclusive um relato preconcebido. Entretanto, não há nada de preconcebido e o que eu digo reflete a pura realidade: de todas aquelas mulheres lindas que nessa noite ali estavam reunidas, Angela era a mais bela. Seus cabelos louros brilhavam. Seu semblante parecia resplandecer. A cor de limão do seu vestido fazia um contraste maravilhoso com sua pele amorenada.

Um chafariz luminoso, jorrando continuamente, iluminava duas bandeiras que se encontravam perto uma da outra: a bandeira americana e a francesa. A banda de música de um dos porta-aviões começou a executar a Marseillaise. Todos os presentes se levantaram. Depois da Marseillaise foi executado o hino nacional americano. Ouvimo-lo também de pé. Os americanos, quer em traje civil quer uniformizados, colocaram a mão direita sobre o peito. Então apareceu sobre o tablado uma orquestra. Inicialmente ela só executou melodias de operetas, mas depois fez soarem as músicas de *Jazz-Evergreens*. As câmaras de televisão não paravam de movimentar-se, mas os operadores conservavam continuamente nossa mesa no foco da objetiva.

— É isso mesmo que nós queremos, não é verdade? — perguntou-me Pasquale.

— É verdade. Muito obrigado, Pasquale — respondi.

Fazia muito calor naquele ambiente e não soprava nenhuma brisa,

nem mesmo para agitar um pouco as bandeiras, que ficavam caídas e imóveis.

Quando começaram a nos servir o jantar, chamou-me a atenção uma dama que estava sentada numa das mesas ao lado da nossa. Ela usava luvas compridas até os cotovelos e não as tirou para iniciar a refeição. Com os dedos enfiados nas luvas ela segurava as fatias de pão com manteiga que comia enquanto esperava os pratos que iriam ser servidos. Suas luvas deviam ter sido brancas outrora, mas agora se achavam completamente desbotadas, tendo adquirido uma tonalidade cinzenta. Também o aspecto geral da'mulher não era nada atraente. Pasquale percebeu a minha surpresa.

— Ocupa essas mesas somente a fina flor da aristocracia, que nós hoje aqui temos'quê aturar — explicou-me ela. — Aquela ali, que despertou sua paixão, é a princesa... — Ela citou o nome.

— Mas é sempre assim que ela come?

— Sim. Parece que é um hábito corriqueiro das famílias principescas. Pelo menos, da sua família. Ela também joga roleta sem tirar essas luvas. Todas as noites.

— E ela usa sempre as mesmas luvas?

— Sempre as mesmas. Talvez por superstição.

— Seja lá como for, ela se tem por muito asseada e muito limpa — comentou Claude. — Continuamente diz às outras pessoas que é uma prática pouco higiênica tocar nas fichas com os dedos nus.

Depois do jantar subiu no tablado um conjunto de *ballet* para executar suas danças coreográficas. Pendentes do teto, diversos refletores começaram a projetar luzes em diversas cores. O ambiente ficava banhado sucessivamente de azul, vermelho, amarelo e verde. A estrela da noite foi anunciada nesse momento: Esther Oíarim. Ela interpretou canções americanas, francesas e israelenses, tendo sido muito aplaudida.

Depois disso o amplo tablado ficou livre para as danças.

Como primeiro par saíram Trabaud e Angela, ininterruptamente seguidos pelas câmaras de televisão e pelos olhares dos presentes. Eu, então, comecei a dançar com Pasquale. Fomos filmados enquanto dançávamos. O tablado do palco ficou cheio de pares. Havia barulho e movimento. Foi com dificuldade que conseguimos voltar à nossa mesa. Depois de Trabaud, o

Procurador Seeberg saiu dançando com Angela. Foi desmanchando-se em cortesia e quase suplicante que ele a convidou para uma dança. Em seguida, também dançaram com ela Tenedos, Fabiani, Thorwell, Sargantana, o chefe de polícia de Cannes, o almirante americano e alguns oficiais.

Eu fiquei por uns momentos sentado sozinho à nossa mesa e de repente notei que à minha frente se encontrava Bianca Fabiani. Seu vestido, como sempre, deixava os seios quase totalmente à mostra.

— O senhor ainda está zangado comigo, *Monsieur* Lucas?

— Por quê? — perguntei, já levantando-me.

— Ora, o senhor bem sabe por quê. Eu me comportei de maneira ignóbil com o senhor. Sinto muito. Peço-lhe que me perdoe. Por favor, aceite as minhas desculpas.

— Mas é claro! O que houve já passou.

— Então quer dizer que não está mais zangado comigo?

— Nem o mínimo resquício de raiva existe em mim.

— Então, dance comigo, por favor.

Saí dançando com Bianca Fabiani, a *Lido-girl* de outrora. Ela comprimia o peito contra o meu. Mal podíamos nos mover no meio de tantos pares. As câmaras de televisão zumbiam e os *flashes* dos fotógrafos não paravam de piscar.

Em seguida Bianca levou-me para a mesa dos Tenedos e eu saí dançando com Melina Tenedos. Depois dancei com. Maria Sargantana. Só depois disso foi que consegui dançar com Angela. Estava sendo executada uma valsa e eu lhe disse: — E agora temos que mostrar algo a toda essa gente.

Começamos a fazer nossos revoluteios bem agarradinhos, como se estivéssemos a sós. As objetivas de todas as câmaras de televisão ficaram apontadas para o nosso lado e os *flashes* piscavam ininterruptamente. De repente todos os pares recuaram um pouco e ficamos dançando sozinhos sob as duas grandes bandeiras, tendo embaixo de nós a cintilante água do mar. Logo que a valsa terminou, as pessoas que nos cercavam começaram a nos aplaudir estrondosamente. As palmas mais fortes eram as de Bianca Fabiani e de Athanasio Tenedos.

— Ao que parece, o pessoal nos perdoou...

— É verdade — respondí, — Pelo menos é o que parece.

Passei a observar com atenção toda aquela gente — os multimilionários, os poderosos, os famosos, os elegantes, e lembrei-me das palavras de Gaston Tilmant: “O nosso mundo é mau. E ele permanecerá sempre mau”...

Mal chegamos à nossa mesa, apagaram-se todos os refletores. Ao nosso redor, irromperam fogos de artifício. Tínhamos a impressão de estarmos sentados sobre a cratera de um fumegante vulcão lançando lavas incandescentes. Os foguetes explodiam ininterruptamente e tapavam o céu, já escuro a essa hora da noite, com desenhos luminosos em todas as cores, configurando estrelas, feixes de espigas e luzentes esferas que se estilhaçavam numa infinidade de chispas luminosas. Um verdadeiro chuvisco de fagulhas caía sobre o mar, que refletia todo aquele imponente quadro pirotécnico.

Angela apertou meu braço e cochichou ao meu ouvido:

— É assim que eles fazem também na noite de Natal e na passagem do ano. Nós ainda teremos a oportunidade de presenciar juntos essa cena. Santo Deus, Robert! Eu jamais teria ousado sonhar que ainda viesse a viver momentos tão felizes e maravilhosos assim!...

Ela se curvou para o meu lado e deu-me um beijo. Ao nosso redor continuavam explodindo os fogos de artifício.

Como é natural, a maior parte dos convidados se dirigiu também aos salões de jogos, onde havia maior número de mesas do que no Municipal. Tratava-se de um cassino de verão bem montado. Angela jogou um pouco, mas perdeu. Eu não joguei. Fui sentar-me perto do comprido balcão do bar. Pedi uma taça de champanha. Em seguida, outra. Depois mais outra. Subitamente comecei a sentir-me exausto e triste. Pedi ainda mais uma taça de champanha. Percebi, então, que eu ficara um pouco embriagado, mas meu estado de abatimento melhorou. Passei a observar o movimento nas caixas e nos guichês que trocavam fichas. Nos fundos desses guichês estava uma pequena sala onde havia cofres de aço. Um deles, com o número 13, pertencia a Angela. E no cofre de Angela encontrava-se um envelope contendo os comprovantes de dois depósitos, no montante de 17 800 500 francos suíços efetuados num banco de Zurique. Achei até que essa foi uma boa lembrança que me ocorreu naquele instante para contrapor-se aos maus pensamentos que me invadiam. Por isso não parei de pensar nesse montante de dinheiro a noite toda.

Claude Trabaud aproximou-se de mim. Ele havia ganho no jogo e pretendia continuar jogando, mas estava com sede.

— Acho que tudo aconteceu como se fosse num conto de fadas — disse-me.

— Agradeço a vocês do fundo do meu coração, Claude.

— Ora, pare com isso. É preciso notar que os amigos de Bianca Fabiani são uma verdadeira cambada da ralé.

— Você acha? — perguntei-lhe.

Ele fitou-me franzindo a testa e sorrindo.

— Escute aqui — disse ele. — Será que vocês não gostariam de dar mais um passeio conosco no *Shalimar*? Pretendemos, eu e Pasquale, sair no iate depois de amanhã, e ela achou que eu deveria perguntar a vocês se não querem nos acompanhar.

— Com muito prazer! — respondi.

No mesmo instante ocorreu-me uma ideia e disse:

— Podemos ir até o Eden Roc. Convido vocês para o almoço lá.

— Ótimo! — exclamou Claude. — Bem, agora devo ir "trabalhar" de novo.

Ele esvaziou o copo e se dirigiu a uma das mesas de roleta. Vi Angela, que estava sentada perto de uma outra mesa mais adiante. Ela acenou-me e eu correspondi ao seu aceno.

Já eram duas horas da madrugada quando os Trabaud nos levaram para casa.

Vestimos nossos roupões e fomos nos sentar no sofá em frente à grande janela.

Os porta-aviões americanos achavam-se feericamente iluminados, com um aspecto festivo. Viam-se neles uma infinidade de lâmpadas configurando uma enorme guirlanda.

Contei a Angela que Claude nos convidara para darmos novamente um passeio no seu iate dali a dois dias, ou melhor, no dia seguinte, pois já passava da meia-noite.

Ela respondeu:

— Que bom! Mas o melhor mesmo foi esta magnífica noite que passamos juntos. Amanhã à noite o programa regional de televisão mostrará nossas figuras a todo o mundo. Talvez até sejamos mostrados no programa principal. Então toda essa gente ficará sabendo o que há conosco e ninguém mais falará mal de nós. Ninguém mais ousará fazer fofoca e nem dirá que eu não poderei mais encontrar trabalho aqui em Cannes. É muito importante que ninguém diga isso, você não acha? — Ela havia bebido um pouco. — E nos jornais aparecerão nossas fotografias. Foi o que eles me disseram. Você não acha bom?

— Muito bom!

— Você não viu como todos recuaram quando nós dançamos? Que coisa maravilhosa é dançar com você, formando um par completamente isolado, Robert!

— É maravilhoso mesmo, não é? — disse eu, mas logo invadiu-me o pensamento de que era pura sorte poder ainda contar com minhas duas pernas.

— Robert?

— Sim?

-— Eu tenho que perguntar algo a você. Mas, por favor, nada de gentileza, nada de cavalheirismo. Quero que você me preste uma informação leal e sincera. Você me ama?

— Não! — respondi-lhe.

— Então está bem — disse ela. — Muito bem! Mas quero ainda outra informação sincera.

— Diga, por favor!

— Você acha que, mesmo assim, sem me amar, poderá ir para a cama comigo?

— Acho que será possível.

Então fomos para a cama e, ao lado da sonolenta Angela, que logo adormeceu, fiquei deitado com os olhos bem abertos. Eu ouvia o barulho dos trens que rodavam entre a cidade e o mar.

“Patifão — trapaceiro — patifão — trapaceiro — paa-tifão — traapaceiro”, pareciam dizer-me as rodas deslizando compassadamente sobre os trilhos,

Vejam os leitores: desde que me encontrei com aquele jovem pintor na Croisette pareceu-me lógica e consequente a atitude que tomei. Mas quando me encontrei com ele era dia e estava bem claro. Agora, entretanto, era noite e só havia escuridão. E na escuridão da noite, a coisa parece muito diferente. Oh, sim, Santo Deus, muito, muito diferente mesmo!

Paa-tifão

Traa-paceiro

Paatifão — Traapaceiro!

"*Bonjour*, Marcel", disse o papagaio em sua gaiola pendurada à beira do caminho coberto de saibro, o qual, partindo do ancoradouro dos barcos, se estendia até o Restaurante Eden Roc.

Meu pé doía muito. Fazia um calor horrível, quase insuportável. Estávamos nas primeiras horas da tarde do dia 6 de julho de 1972, uma quinta-feira.

Eu e Angela permanecíamos de pé diante de Marcel. Claude e Pasquale Trabaud, nesse momento, pulavam do seu iate para o barco a motor que já nos havia transportado, a mim e a Angela, e voltara para buscar os Trabaud. Naftali, o cão, ainda excitado, corria de um lado para outro sobre o convés. Não soprava nenhuma brisa. Lancei os olhos para o mar e divisei ao longe, através de uma atmosfera esfumaçada pela constante evaporação, o antigo e o novo porto de Cannes. Vislumbrei, também, as palmeiras que margeavam a Croisette, bem como o hotel todo pintado de branco, que ficava um pouco atrás. No entanto, tudo o que via parecia-me fantástico e sem contornos definidos. Era assim que se apresentava diante dos meus olhos aquela parte da cidade com os seus edifícios, *villa*s e casas residenciais espalhados entre enormes jardins sobre a íngreme encosta que se estendia até a Super-Cannes. À direita, na parte leste de Cannes, despontava o bairro La Californie, onde Angela morava. Eu podia dizer que estava vendo a minha casa, o meu lar, pois Angela e a sua casa eram as únicas coisas que eu podia dizer que possuía neste mundo. Tudo isso e mais quinze milhões de marcos já convertidos em francos suíços... E ainda ia receber mais dinheiro...

— Já passam três minutos das duas. O tal homem está atrasado — disse Angela.

— Mas ele virá. Tenho certeza de que dentro de alguns segundos ele estará aqui. .O próprio Brandenburg foi quem me anunciou a vinda dele. Além disso, foi Brandenburg quem codificou, pessoalmente, em termos cifrados, as instruções que me foram transmitidas e entregou a esse homem o dinheiro para pagar meus informantes.

Essa foi a melhor versão que encontrei para dar a Angela uma explicação plausível.

No dia anterior eu havia estado mais uma vez na mansão de Hilde dos Brilhantes.

— Amanhã, quinta-feira, às duas horas da tarde, um mensageiro da sua confiança deverá levar-me a quantia correspondente à primeira parcela dos pagamentos mensais — disse à mulher de olhos albinos. — E esse mensageiro deverá levar o dinheiro ao Eden Roc, em Cap d'Antibes. Eu o estarei esperando diante da gaiola do papagaio. Exijo o montante que corresponde ao primeiro semestre: trezentos mil francos.

— Se Deus quiser, o senhor ainda vai esticar as canelas! — disse-me Hilde dos Brilhantes.

— Seguramente, cara senhora! — respondi-lhe. — Mas antes disso eu ainda terei um bocado de tempo para viver. A senhora já sabe o que acontecerá se o mensageiro, na hora marcada, não comparecer com o dinheiro no lugar designado, ou se a senhora fizer qualquer tentativa para eliminar-me, não é verdade?

Ela respondeu afirmativamente com um meneio de cabeça.

— Não basta balançar a cabeça — disse. — Quero que a senhora confirme com palavras.

Ela disse então:

— Eu sei o que acontecerá. Pode ficar sossegado, seu porco, o mensageiro chegará na hora marcada.

— Com os trezentos mil francos?

— Com os trezentos mil francos.

Nesse dia Hilde dos Brilhantes usava jóias de safira.

Eis, pois, que eu me encontrava diante da gaiola do papagaio e já passavam três minutos das duas, mas eu estava calmo. Completamente calmo. O mensageiro viria porque ele forçosamente teria que vir.

— Mas por que você tem que se encontrar com esse homem precisamente aqui, neste local? — perguntou-me Angela, que já se mostrava um tanto impaciente.

— Eu já expliquei isso a você, Angela. Depois do que nos sucedeu, queremos evitar todo e qualquer risco. Neste local, em plena luz do dia, com tantas pessoas andando por aí, pode-se excluir a possibilidade de uma tentativa de assassinato. Brandenburg quer sempre agir com segurança. E eu também.

— Esse homem vai trazer-lhe muito dinheiro?

— Sim, muito dinheiro. Meus informantes exigem muito dinheiro.

Dizendo isso, eu estava mentindo. Mas não me restava outra alternativa. Angela jamais saberia a verdade sobre esse encontro diante da gaiola de Marcel. Eu já estava decidido a dizer-lhe bem breve, talvez mesmo dentro de alguns dias, que a minha companhia resolvera pagar o valor do seguro a Hilde dos Brilhantes, tendo, portanto, me desobrigado de tratar do caso. Mais tarde um pouco eu lhe diria, também, que a Global me concedera uma aposentadoria com bons proventos e que eu ficaria vivendo em Cannes para sempre... Depois, então, teria que lhe falar sobre a amputação da minha perna. Não tinha ainda nenhuma ideia de como deveria agir para explicar a Angela todas essas coisas. Até agora tudo estava correndo muito bem. Eu já não era o mesmo homem de dois meses antes. Para mim pouco importava o fato de ter-me tornado *semelhante àquelas outras pessoas*. Absolutamente nada. Para mim uma única pessoa valia neste mundo sujo: Angela!

— Os Trabaud já vêm chegando — disse ela.

Realmente o barco, descrevendo uma grande curva, avançava na direção do ponto de atracação. Nesse instante cheguei a considerar uma felicidade ter marcado encontro com um mensageiro impontual, pois eu havia pedido a Claude Trabaud que, despistando e da maneira mais disfarçada possível, tirasse algumas fotos minhas e do mensageiro. Claude possuía uma ótima máquina fotográfica e eu queria obter um retrato do sujeito junto comigo, focando especialmente o momento da entrega do dinheiro. “Tudo sairá bem”, pensei com meus botões.

Eu estava dizendo a Angela:

— Eu a adoro! Se nesse instante tivesse que morrer, seria o mais feliz...

Não pude terminar a frase. Algo, com uma violência terrível, bateu nas minhas costas, um pouco abaixo do ombro esquerdo. Precipitei-me para a frente, caindo sobre aquele chão de terra vermelha. “Foi um tiro”, pensei. Mas eu não tinha ouvido nenhuma detonação de arma de fogo.

A única coisa de que tenho noção foi de ter ouvido Angela gritar desesperadamente, mas não pude entender nada do que ela dizia. Parecia-me bastante estranho o fato de não estar sentindo dor alguma. Em seguida passei a

ouvir, juntamente com a voz de Angela, muitas outras vozes de pessoas apavoradas que falavam alto. Repentinamente tudo ficou escuro ao meu redor. Eu tinha a sensação de estar me precipitando rapidamente, cada vez com maior velocidade, num imenso turbilhão, num verdadeiro redemoinho. Antes de ter perdido completamente a consciência, ainda pensei: é a morte!

Era o começo da morte.

Depois disso, por diversas vezes recobrei a consciência, embora sem ficar completamente lúcido. Já dentro de um helicóptero, vi os olhos castanhos de Angela, os quais jamais esquecerei. O rotor do helicóptero fazia um barulho muito forte e Angela tinha que colocar a boca quase colada ao meu ouvido para que eu pudesse entendê-la.

Com as lágrimas escorrendo pela face desesperada, ela dizia:

— Robert, eu lhe peço... eu lhe suplico, não morra, por favor! Você não morrerá se não quiser! Não deixe fugir o seu espírito. Você não deve morrer! Sou sua mulher e o amo imensamente, Robert! Pense em tudo o que ainda pretendemos fazer. Pense na nova vida que apenas está começando para nós. Você vai pensar na nossa nova vida, não é?

Só com grande dificuldade pude mover a cabeça um pouquinho, mas em seguida, completamente combalido, tive que fechar os olhos. Então comecei a perceber, como um caleidoscópio, uma franética avalancha de cores, vozes e vultos. Tudo parecia fluir passando por mim; as cores, os semblantes, os vultos, as vozes. E tudo o que ouvi e vi nas últimas semanas girou sobre mim. Minha mulher Karin, meu chefe Gustav Brandenburg. Os fogos de artifício no baile de gala do *Independence Day*, lá no Palm-Beach. Eu e Angela dançando no palco. Eu e Angela... como nos amávamos! As flores no terraço do seu apartamento. John Kilwood enforcado no banheiro. Jessy, a prostituta da Rue du Canada. Aquela velha na farmácia em Dusseldorf. Os ricos ficando cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Como podem acontecer coisas assim? Oh, a infelicidade não vem como a chuva, mas ela é ocasionada pelas pessoas que tiram proveito dela. O beberrão John Kilwood no salão de jogos... Assassinos!... Assassinos!... Nós todos somos assassinos! Malcolm Thorwell jogando golfe. Hilde Hellmann na sua cama estilo rococó. Nicolai, o dono do L'Âge d'Or. A filiai da Joalheria Van Cleef & Arpeis. Jean Quémard e sua mulher. A aliança! As luzes na cidade, no mar e ao longo da estrada no sopé do monte Esterel, contempladas do terraço de Angela a altas horas da noite. A caçada policial em La Bocca. Armas de fogo troando. O Irmão Ilja e sua moto transportando um cesto de verduras. A nossa igrejinha. A madona preta no seu

nicho, tendo à frente as velas acesas. O Chevrolet que foi tirado do fundo do mar no antigo porto. Sentado ao volante estava Alain Danon, assassinado. Sobre uma cama, Anna Galina, a irmã-enfermeira, assassinada com um punhal cravado no peito. Três aparelhos de televisão. Noticiários ouvidos em três aparelhos. A manchinha branca nas costas da mão de Angela. Meu advogado Fontana em Dusseldorf. O Dr. Joubert do Hôpital des Broussailles...

Essas e muitas outras coisas eu via e ouvia enquanto as cores cambiavam continuamente. Lembro-me de que o helicóptero aterrissou sobre a cobertura do hospital e de que me colocaram numa padiola. Um elevador. Um corredor muito comprido. E eis que inopinadamente surge a voz de Angela recitando com clareza: "Completamente livre do selvagem apego à vida, de temores e de esperanças... "

Da padiola fui transladado para uma cama. Algo rasgou-se ringindo: a minha camisa. Algo me ofuscava a visão. Uma vidraça enorme. As luzes de uma porção de lâmpadas de intensa luminosidade atingiram-me em cheio. Pessoas com máscaras e gorros brancos na cabeça. Eles se curvavam sobre mim...

Punção com a agulha no meu braço direito. Algo apertava as minhas faces. Sibilos bem leves, quase imperceptíveis, feriram meus ouvidos. As cores! As cores! Cores tão maravilhosas assim não existem neste mundo!

A voz de Angela estava agora bem fraca: "...até o mais vagaroso rio encontra seu caminho para o mar..." Os sibilos vão-se tornando gradativamente mais fortes. Repentinamente fiquei sabendo do que se tratava: via o mais vagaroso e cansado de todos os rios passando serpeante através de um prado florido. Sentia um dedo leve a deslizar pelo corpo. Algo frio e áspero tocou meu peito no lado esquerdo. Inopinadamente fiquei sabendo que espécie de rio era aquele: era o Letes, do mundo subterrâneo, que separa o reino dos vivos do reino dos mortos. O rio Letes no qual a alma dos mortos bebe o esquecimento. Admirado, observei que suas margens eram também ensolaradas.

Em seguida, com grande suavidade, meu coração começou a parar. Eu percebia isso. Depois, lenta e cautelosamente, foram desaparecendo as imagens do prado florido e do rio. As rutilantes cores também foram desaparecendo. Surgiu de novo aquele turbilhão escuro. Pela última vez, então, fui lançado na voragem desse imenso e turbilhonante mar de pretume. Resignei-me. Minha respiração, já bem fraca, começou a parar. Os sibilos terminaram. Meu sangue paralisou-se nas veias e artérias. Tudo tornou-se pretume, calor e paz.

Epílogo

1

Depois que morri, começou para mim, em sonhos, uma vida muito intensa que durou bastante. Sim, certamente foi isso mesmo que aconteceu comigo. Voltei a viver depois de um curto período de tempo, com relação ao qual não tenho noção alguma. Só sei dizer que, consoante as experiências por mim vividas nesse curto lapso de tempo, a morte não me pareceu ser outra coisa senão a passagem para "um certo estado de fraqueza".

Nessa "minha vida após a morte" eu me sentia completamente livre de preocupações e me achava unido a Angela para sempre. Nós nos encontrávamos a bordo do France, que, partindo de Cannes, iniciara uma viagem pelo mundo. Enleados em cobertores, passavamos as noites sentados em espreguiçadeiras colocadas no convés e ficávamos contemplando o céu escuro recamado de luzentes estrelas. Estávamos casados. Inopinadamente Karin havia resolvido concordar com o divórcio. As estrelas, com um brilho bem vivo, faiscavam ininterruptamente. Sobre nossas cabeças pairava uma lua bem grande com sua luz de um palor cor de mel. Permanecíamos bem quietos e não pronunciávamos uma palavra sequer. Não havia mais desespero, nem incertezas, nem pensamentos ruins.

Depois da minha morte, eu só sentia o prazer beatífico de ver a plena realização de todos os meus desejos. Não sei se a todas as pessoas que morrem acontece o mesmo. Mas comigo foi assim que se passou. Eu me sentia calmo, plenamente realizado no meu amor e cheio de segurança. Encontrava-me completamente *livre daquele selvagem apego à vida, de temores e de esperanças...*

E devo ter sentido tudo isso logo que o meu coração parou e fiquei morto. Clinicamente morto. Morto de fato.

Saído deste mundo. Na cobertura do Hôpital des Broussailles havia um local para aterrissagem de helicópteros. Quando o helicóptero que me transportara do Eden Roc aterrissou, a equipe de médicos do plantão de emergência já aguardava a minha chegada. Entre os médicos encontrava-se também o Dr. Joubert, que ficara sabendo do ocorrido.

Mais tarde, quando voltei à vida, ele contou-me o que aconteceu naquela ocasião, logo nos primeiros momentos após a minha chegada.

E aconteceu o seguinte: fui levado à mesa de operação já anestesiado. Os cirurgiões abriram meu tórax. Constataram que uma bala

disparada por arma de fogo lesara o pericárdio e o miocárdio. Havia o perigo de um bloqueio do pericárdio. Quando meu coração parou, deram-me uma injeção intracardíaca e, apesar do tamanho da lesão, tentaram ativar suas batidas por meio de um aparelho que provocava choques elétricos. O sangue derramado no pericárdio foi retirado por meio de sucção e o ferimento, saturado. Fiquei, todavia, morto durante tanto tempo — isto é, com o coração parado durante tanto tempo — que sobreveio a anoxia cerebral. A consequência disso foi que fiquei seis dias em completo estado de inconsciência, submetido a tratamento intensivo.

Que sabia sobre o que haviam feito comigo? Absolutamente nada.

A bordo do France eu viajava acompanhado de Angela pelo Mediterrâneo e passeava pelas ruas de Gibraltar. Fomos a Casablanca e à Cidade do Cabo, localidades que visitamos detidamente. Em todos os lugares fazia muito calor. Pareceu-me assustadoramente grande a montanha achatada no sopé da qual se estende a Cidade do Cabo. Eu havia comprado para Angela uma câmara de filmar, com a qual ela se entretinha prazerosamente e cheia de entusiasmo durante a viagem. Não parava de filmar, pois queria levar para casa películas com as cenas e as vistas dos lugares por nós visitados durante esse cruzeiro através do mundo. E sempre foi o sonho dela fazer uma viagem dessas.

A bordo do navio fizemos muitas amizades com pessoas importantes e afáveis: israelenses, americanos, suecos, holandeses e franceses. Muitas vezes, à noite, havia bailes de gala e Angela tinha a oportunidade de usar os seus mais belos vestidos e eu de vestir o meu *smoking*. Lembro-me perfeitamente de que, depois que terminava o baile, por mais tarde que fosse, nós ainda íamos para o convés e lá ficávamos durante muito tempo, apoiados no alambrado.

Talvez eu tivesse "vivido" tais situações (bem como outras que vou descrever ainda) apenas durante um milésimo de segundo da minha morte. Talvez eu as "vivesse" durante um segundo inteiro. Ou, quem sabe lá, talvez mesmo no decurso de todos os dias e noites em que permaneci inconsciente. O Dr. Joubert é de opinião que ninguém jamais poderá esclarecer isso. Disse-me que nunca na sua vida profissional lidou com um paciente como eu, um paciente que quando recobrou a consciência, voltando à vida depois de ter sido considerado clinicamente morto, se lembrava de tudo o que viu, disse e fez, num estado entre a vida e a morte. Acontecia, por exemplo, que durante um determinado tempo da minha morte, eu e Angela perambulávamos pelas ruas da Cidade do Cabo. Mais tarde chegávamos a Durban. Depois, encontrando-nos na antiga cidade de Dar-es-Salam, eu pechinchava com um negociante para que ele baixasse o preço de um colar de pérolas que eu queria comprar para Angela. É

bem provável que a ocorrência de tais situações se tivesse dado no exato momento em que os médicos colocaram um tubo em minha traqueia para provocar a respiração artificial com o auxílio de aparelho apropriado. É bem possível que no instante em que aportávamos em Karachi e Bombaim estivesse pendurado em mim um tubo de ar, despontando para fora no local da incisão praticada durante a operação, ou que se encontrassem presos ao meu cotovelo tubinhos de borracha adaptados a pequenas câmaras de ar. Ou, então, que eu me encontrasse atado para receber transfusões de sangue, por meio das quais ia sendo alimentado artificialmente. É bem provável, também, que nesse preciso momento se achassem grudados no meu peito e nas extremidades dos meus braços e pernas elétrodos para registrar o meu eletrocardiograma. É claro que os médicos controlavam também outras funções do corpo, tais como a temperatura, a pressão sanguínea. Entretanto, jamais se poderá saber como foi que tais ocorrências se desenrolaram. Na noite em que partimos de Bombaim, pensei comigo mesmo: "Você vai morrer. Vai morrer enquanto estiver fazendo amor". Mas quando foi que isso aconteceu? Quando? Qual é o significado específico da palavra "vida"? E o da palavra "morte"? Estarei mesmo vivendo enquanto escrevo essas frases? Quem sabe se já não faz bastante tempo que estou morto? Quem sabe se a morte não corresponde a uma nova forma de vida? Quem sabe se a morte não tem uma tão acentuada semelhança com a vida que não podemos dar-nos conta do limite entre ambas? Recordo-me de que em Bombaim, a estranha cidade que possui um reator nuclear e que, ao mesmo tempo, é a sede dos Adoradores do Fogo, adeptos da seita de Zoroastro, a cidade onde, no subúrbio Malabar Hill, se encontra o templo da Torre do Silêncio... precisamente nessa cidade irreal, nós, eu e Angela, postados fora do templo, conversamos com um hindu muito velho. Lembro-me perfeitamente das suas palavras: "O segredo da vida e o segredo da morte se acham guardados em dois cofrezinhos, contendo um a chave para abrir o outro".

Mas quem se arriscará a tentar abrir um desses cofrezinhos?

Ninguém.

Nem mesmo o Dr. Joubert.

Como já disse, talvez eu tenha vivido todas essas situações durante o espaço de tempo em que cintila uma faísca ou talvez durante dias e noites. Nada posso esclarecer porque eu me achava separado, isolado do mundo exterior, naquele quarto onde estava sendo submetido a tratamento intensivo. Ora víamos, eu e Angela, a imponente beleza ou a miséria chocante de Madrasta, Calcutá, Rangun e Cingapura, ora ficávamos estupefatos ante a contemplação da magnificência dos palácios reais de Bangkok. Angela filmou a visão

fantasmagórica e irreal dos templos dessa cidade fantástica. Em seguida já nos encontrávamos novamente em viagem, contornando o Vietnam e avançando em direção a Hong Kong, cidade que eu já conhecia e onde teria a oportunidade de mostrar tantas coisas a Angela.

Muito tempo depois, disse-me o Dr. Joubert:

— Só depois de decorridas quarenta e oito horas foi que começou a processar-se a sua respiração natural, mas mesmo assim ela continuou deficiente durante um bocado de tempo. E quando, depois de seis dias, recobrou a consciência, o senhor se mostrava inquieto e confuso, falava coisas incoerentes e devaneava muito.

— Que espécie de devaneios tinha eu, doutor?

— Bem... Ora o senhor dizia que se encontrava em alto-mar... Depois o senhor desembarcava sucessivamente em Manila, Taiwan, Nagasáki, Yokohama...

Oh, mas eu estive realmente nesses lugares, acompanhado de Angela!! Estive com ela também em Tóquio. E admiramos os castelos reais, os templos, as fábricas de seda, faianças e porcelanas. Visitamos uma exposição de arte japonesa antiga, onde comprei para Angela uma peça maravilhosa, toda envernizada: um-casalzinho de pombos. O macho era grande e a fêmea pequena. Eles estavam com as asas abertas.

Dois cofrezinhos fechados, contendo um a chave para abrir o outro...

De Tóquio, sempre a bordo do France, avançamos na direção sul, até atingirmos Sydney. Dessa cidade fomos a Wellington, na Nova Zelândia. Depois desembarcamos mais uma vez no Havaí, onde filmamos os vulcões já extintos, bem como os que se encontravam em atividade. Eu nunca antes estivera no Havaí, mas fui capaz de descrever minuciosamente ao Dr. Joubert os vulcões Mauna-Kea e Mauna-Loa, bem como a cratera Kilauea e o mar de lavas denominado Halemaumeru. Ele, consultando os livros, constatou que a minha descrição estava certa. Quem poderá explicar esse fenômeno?

Ninguém.

Depois do Havaí, chegamos a San Francisco, com a sua Golden Gate. Dali, após termos atravessado o Canal do Panamá, penetramos no mar das Caraíbas, com a intenção de regressarmos à nossa cidade passando por Gibraltar.

Era noite quando já íamos deixando para trás o mar das Caraíbas e eu me encontrava deitado na cama com Angela, na nossa cabine... Estava quase pegando no sono quando ouvi um ruído e abri os olhos. A primeira coisa que vi, depois que as minhas pupilas se acomodaram à claridade (como podia haver claridade se era de noite?), foram os olhos de Angela bem perto dos meus.

— Que é que há, amorzinho? — perguntei-lhe calmamente e com a voz bem clara. — Por que você acendeu a luz? Não consegue dormir?

— Eu não acendi nenhuma luz — respondeu-me Angela. — É o sol radiante que está brilhando e penetra através das persianas, Robert.

— Ah! — exclamei. — E onde estamos?

— No Hôpital des Broussailles. Hoje de manhã eles transferiram você para este quarto.

— Transferiram de onde?

— Da unidade de tratamento intensivo. Durante dez dias eu só podia ver você através de uma vidraça. Mas agora sua crise já se acha superada e você não precisa mais do tratamento intensivo. O médico-chefe deu ordens para que neste quarto fosse colocada uma outra cama a fim de que eu possa permanecer com você quanto tempo quiser. Agora posso dormir aqui no seu quarto. Você está vivo, Robert! Você está vivo! Você não morreu!

— Onde foi que você guardou o colar de pérolas? — perguntei.

— Onde guardei o quê?

— Não, nada — emendei, pois no mesmo instante percebi estar falando de maneira tão desconexa como uma criança e compreendi que havia sonhado. — Não, nada, minha queridinha. Realmente eu não morri. Pelo menos não permaneci morto durante muito tempo.

Comecei a olhar em torno de mim, virando um pouco a cabeça (só um pouquinho, uma coisinha de nada), e notei que me encontrava num quarto amplo e moderno, com bastante claridade e bem limpo. Isso não me ocasionou nenhum choque, mas produziu em mim um inexplicável sentimento de tristeza, por compreender que havia saído do mundo da fantasia e entrado no mundo da realidade. (Oh, seria mesmo real o que agora eu estava vendo?) Lembro-me de ter perguntado baixinho a Angela:

— Que dia é hoje?

— Domingo.

— Que dia do mês?

— Dezesseis de julho.

Dezesseis de julho!

Passei a refletir, falando comigo mesmo: "No dia 6 de julho você esteve no Eden Roc. No dia 6 de julho recebeu um tiro. Durou, portanto, dez dias a sua permanência num estado entre a vida e a morte. Dez dias sem ter consciência de nada, devaneando e delirando. Dez maravilhosos dias!"

Passando a falar com Angela, disse:

— Você sabe que permanecemos sempre juntos? Fizemos uma viagem pelo mundo, um verdadeiro cruzeiro, exatamente como você sempre desejou fazer. Foi uma viagem tão linda! Mas ainda vamos fazer realmente uma viagem dessas!

— Oh, sim! — respondeu-me Angela com os lábios tremendo.

Notava-se o seu estado de abatimento. Seu rosto pareceu-me muito desfigurado e pálido. Seus olhos estavam fundos.

O Dr. Joubert contou-me depois que durante esses dez dias Angela não arredara pé do hospital. Durante todo esse tempo ela só se ausentou dali por algumas horas. Dia e noite permanecia tanto quanto possível perto de mim. Não adiantava querer forçá-la a ir embora. Durante a noite ela se deitava num banco colocado em frente da sala de tratamento intensivo para dormir um pouco. Por fim, arranjaram-lhe um quarto vazio com cama, que era ocupado por uma das irmãs-enfermeiras. Mas ela só conseguia dormir, no máximo, uma hora por noite, afirmou-me o Dr. Joubert. Depois ela se levantava e ia postar-se de pé na vidraça da sala de tratamento intensivo, onde permanecia completamente imóvel e triste durante horas a fio a observar-me ali estirado sem consciência de nada, saindo lentamente e com dificuldade de uma morte feliz e radiante para entrar numa vida de obscuridades e incertezas.

2

Nesse dia compareceu o médico-chefe. Vieram também os cirurgiões acompanhados dos homens e mulheres que integravam a equipe de emergência para o tratamento cardíaco. O Dr. Joubert também esteve presente. Fui submetido a um exame rigorosíssimo e minucioso e, à vista dos resultados obtidos, os médicos foram de opinião que a fase perigosa já havia sido superada, muito embora perdurasse ainda o problema circulatório, que inspirava sérios cuidados, visto evidenciar a tendência para um colapso.

Dirigindo-se a Angela, que se achava também presente, disse o médico-chefe, um homem de estatura abaixo da média, que usava óculos com armação dourada:

— A senhora pode ficar aqui no hospital. Só posso esperar melhores resultados com isso.

— Obrigada! — respondeu-lhe Angela.

— Tenho que falar urgentemente com uma pessoa — disse eu, já que, tendo voltado à realidade, queria resolver alguns assuntos sem perda de tempo.

— Absolutamente impossível! — exclamou o médico-chefe. — Será que o senhor não compreende que é um grande milagre o senhor estar vivo ainda? Em noventa por cento dos casos iguais ao seu o resultado é fatalmente a morte. Não, não e não! Por enquanto, o senhor não pode falar com ninguém. Além do mais, já compareceram aqui duas pessoas que me afirmaram ter absoluta necessidade de falar com o senhor e eu lhes declarei que era impossível.

— Quem eram essas pessoas? — perguntei.

— Uma tal *Madame* Hellmann e um escrivão de nome Libellé.

— De fato eu preciso falar urgentemente com essas duas pessoas — ponderei.

— E eu lhe proibo de falar com quem quer que seja enquanto a sua pressão sanguínea se encontrar tão baixa assim. Dentro de uma semana... talvez!... eu poderei dar-lhe essa permissão. Aliás, foi isso mesmo que eu disse a essas duas pessoas.

— Quando?

— Antes de vir aqui. Elas comparecem diariamente ao hospital. Que é que o senhor deseja falar com elas?

— Ah, trata-se de um assunto privado. O senhor sabe quem sou e por que me encontro aqui em Cannes?

— Sim.

— Essas duas pessoas provavelmente estão preocupadas com o meu estado de saúde.

— Eu lhes direi que o senhor está passando bem e que, em circunstâncias favoráveis, ficará restabelecido dentro de pouco tempo. Com isso elas se acalmarão.

— Acho também que tal declaração lhes trará um grande sossego — confirmei. — E agradeço a todos, minhas senhoras e meus senhores, pelo grande esforço e trabalho que tiveram a fim de trazer-me de volta à vida.

Foi exatamente assim que me expressei, mas não tenho certeza se meu pensamento era sincero realmente. Logo em seguida passei a sentir um cansaço horrível e peguei no sono. Lembro-me de que mais uma vez sonhei com templos. Muitos templos com uma enorme quantidade de deuses de marfim. E os deuses tinham muitos braços.

3

No sábado, 22 de julho, o décimo sexto dia do meu tratamento, meu estado melhorou tanto que o médico-chefe permitiu que me fossem feitas visitas de curta duração. E, quando digo médico-chefe, refiro-me ao Professor Henri Brillet, o dirigente da Seção de Cirurgia, que também foi um dos médicos que me operou. O Hôpital des Broussailles — e isso eu sabia desde a primeira vez em que lá estive — é uma instituição hospitalar grande e moderna, com muitas seções.

Angela encontrava-se junto de mim quando Roussel, Lacrosse e Tilmant entraram no meu quarto. Ela havia recobrado um pouco de ânimo dormindo bem nas noites anteriores, mas continuava muito pálida ainda e com olheiras que denotavam o seu cansaço. Sentada na cama, ela ouvia calada a nossa conversa. Aos três homens fora concedida permissão para uma visitinha de cinco minutos. Como é óbvio, a primeira pergunta que me fizeram foi se eu tinha ideia de quem poderia ser, por qualquer motivo, o responsável pelo atentado de que fui vítima. Angela já lhes havia feito saber como se desenrolara o fato.

— Não faço a mínima ideia — respondi-lhes.

"Já estou salvo", pensei com os meus botões. "Já voltei de novo a viver e quero ter uma vida bem boa, com segurança e com muito dinheiro." Prossegui:

— Não tenho o mínimo indício para suspeita.

Lacrosse, encarando-me com uma expressão que parecia ao mesmo tempo suplicante e irada, perguntou-me:

— Será que você não está guardando segredo para encobrir-nos algum fato importante?

— Que fato importante deveria eu encobrir?

— Mas é claro que deve haver um motivo ponderável para que alguém tentasse matá-lo. Sem dúvida, você tornou-se um elemento perigoso... para aquela gente... Você descobriu algo importante, deixando transparecer àquela súcia a sua descoberta?

Que maldição! Não é que ele acertara em cheio?

— Não descobri nada! — retruquei-lhe. — Absolutamente nada!

Você deve lembrar-se muito bem de que já criaram, às ocultas, confusões no carro de *Madame* Delpierre e com isso quase conseguiram nos matar. Essa não foi, portanto, a primeira tentativa de assassinato praticada contra mim. E eu naquela ocasião também não tive a mínima ideia de quem poderia ter sido o criminoso.

Roussel começou a falar:

— Como é natural, já nos pusemos em contato com a sua companhia de seguros.

Isso era mau!

— Sim, é claro que os senhores teriam que proceder assim — disse.

— E os dirigentes da sua companhia garantiram-nos que você não está mais com a incumbência de investigar o caso. Aliás, informaram-nos, também, que a companhia desobrigou você de prosseguir fazendo qualquer sindicância...

Fiz apenas um ar de riso, pois eu me sentia mal quando ria. Percebi logo que, se Lacrosse e Roussel prosseguissem as suas sondagens, martelando insistentemente no assunto, mais cedo ou mais tarde viriam a descobrir a verdade no tocante à minha situação na companhia. Portanto, achei que seria melhor que eu próprio fosse o primeiro a abrir a boca para esclarecer o fato, mesmo porque na presença de Angela eu não deveria continuar mentindo.

— Tenho até mesmo outros esclarecimentos a prestar-lhes, meus senhores. A minha companhia foi muito discreta.

— Discreta como?

— Eu não somente fui desobrigado de prosseguir fazendo sindicâncias no caso do iate de Hellmann, mas também em qualquer outro caso para o futuro, pois não estou mais trabalhando para a Global.

— Robert! — exclamou Angela, levantando-se sobressaltada e vindo para perto da minha cama.

— Acalme-se, queridinha. Eu ia contar-lhe tudo. Não há nenhum motivo para esse nervosismo.

— Quer dizer, então, que o senhor não está mais trabalhando para

a Global? — perguntou Tilmant. — O senhor foi demitido da empresa?

— Sim — respondi-lhe, e passei a observar a expressão de seriedade nos seus olhos, julgando até que houvesse descoberto a minha intenção, bem como a minha manobra. — Ou, melhor dizendo, não fui demitido. Eles encontraram uma modalidade especial para dispensar-me: concederam-me a aposentadoria antecipada considerando os leais serviços por mim prestados à Global durante tantos anos, bem como meus elevados méritos.

— Mas que significa isso, Robert? Por que a aposentadoria antecipada? Será que foi por causa da sua perna? Diga-me, por favor!

Angela não podia conter-se. Tinha os olhos arregalados de espanto.

— Não há nada com a minha perna. Absolutamente nada. A minha perna foi o pretexto... aliás, um misericordioso pretexto... que eles encontraram para solucionar o meu caso.

— Que espécie de mal você tem na perna? — interrogou-me Roussel.

— Nenhum. Simplesmente um pequeno distúrbio circulatório. A Global lá em Dusseldorf tem um médico de confiança que é muito rigoroso e meticuloso e ela acata sempre sem reservas tudo o que ele atesta. Mas na verdade não fui dispensado da companhia por causa da minha perna (a qual antes havia sido examinada aqui neste hospital mesmo, conforme poderá atestar o Dr. Joubert), mas sim por causa das minhas relações com *Madame* Delpierre. As distintíssimas pessoas com as quais temos que lidar, à frente das quais provavelmente se encontra Hilde dos Brilhantes, se dirigiram à Global e a encostaram na parede, queixando-se dessas relações e declarando que iriam espalhar por todo o mundo que a companhia não era uma empresa séria e digna de confiança se não me demitisse e se não efetuasse logo o pagamento do seguro. Sinto muito, meus senhores, por não lhes ter dito a verdade na nossa última reunião. Todavia acho que lhes disse parte da verdade, pois a Global obviamente prosseguirá investigando o caso mesmo após o pagamento do seguro. Ela apenas foi compelida a dispensar-me do seu quadro de funcionários. Eu tencionava permanecer ainda por tanto tempo quanto fosse possível metido nesse negócio e por isso menti.

— Robert, foi por causa das nossas relações que você perdeu o seu cargo! E até agora não me disse nada, por quê? Você me disse que seu chefe iria mandar uma pessoa ao Eden Roc, com o dinheiro para que você pudesse pagar aos seus informantes.

Angela falou em voz alta, quase gritando. E logo numa hora dessas ela *vomitou* isso!

Mas já era de se esperar que, mais dia menos dia, também esse fato seria revelado. E a revelação saíra da boca de Angela. Depois que ela falou, verificou-se, durante alguns segundos, silêncio naquele quarto de paredes brancas. Então soou a voz baixa e cansada de Tilmant:

— Isso é verdade, *Monsieur* Lucas?

Respondi-lhe afirmativamente, balançando a cabeça.

— E é nesse fato que reside todo o seu segredo, não é verdade?

Desta vez sacudi a cabeça negativamente.

— Robert! — gritou Angela.

Eu achava que ela jamais deveria ter conhecimento desse fato, mas eis que agora eu me via forçado a falar sobre ele. Não tinha outra alternativa.

— Perdoe-me — disse.

— Por que o senhor mentiu a *Madame* Delpierre?

— Porque eu não queria inquietá-la dizendo a verdade.

— E qual é a verdade com relação a esse assunto? — interrogou-me Lacrosse.

Uma irmã-enfermeira nesse instante enfiou a cabeça para dentro do quarto e disse:

— Os senhores devem retirar-se, meus senhores. Já se passaram os cinco minutos permitidos.

— Sairemos sem demora, irmã. Mais dois minutinhos, por favor — disse Roussel.

— Bem, excepcionalmente mais dois minutinhos. Então, se os senhores não se retirarem, serei forçada a chamar o médico — disse a irmã-enfermeira, e desapareceu.

— A verdade, *Monsieur* Lucas! — insistiu Lacrosse.

— A verdade é que no dia 4 de julho, já bem tarde da noite, no salão de jogos do Palm-Beach, após o baile do *Independence Day*, fui chamado ao telefone. Você não viu nada, Angela, porque estava jogando.

— Quem telefonou? — perguntou Roussel.

— Um homem. Não sei quem era ele.

— Claro que não! — exclamou Roussel.

— Calma! — pedia Tilmant. — Prossiga, *Monsieur* Lucas.

— O tal homem disse que ele estava disposto a dar-me dinheiro, muito dinheiro, se eu me comprometesse a não mais continuar investigando o caso da morte de Hellmann.

— Então, ao que tudo indica, esse homem não tinha conhecimento da sua aposentadoria, não é verdade?

— É provável que não. A Global não costuma propalar esse tipo de coisa.

— Quanto ele prometeu lhe dar? — interrogou Lacrosse.

— Um milhão de francos novos.

— Então o senhor devia ter chegado a alguma conclusão, descobrindo algo que punha em perigo a vida de alguém.

— Pode ser.

— O que foi que você descobriu? — insistiu Lacrosse.

— Não tenho a mínima ideia. Mas numa situação como a minha, a gente aceita o dinheiro, não é verdade? Também eu tinha a curiosidade de ver quem iria levar-me o dinheiro. Eu esperava fazer uma importante descoberta.

— Robert, Robert, nem uma vez sequer você me falou a verdade! — gaguejou Angela.

— Não, nem uma vez. O homem exigiu que eu me calasse. Foi uma condição que ele me impôs. Recomendou-me, também, que a polícia não fosse envolvida. Deu-me a liberdade de escolher o local e marcar a hora do encontro. Como o meu amigo Trabaud, um pouquinho antes desse telefonema,

me havia convidado para, no dia 6 de julho, dar um passeio no seu iate, escolhi o Eden Roc como local do encontro. O homem aceitou. Cheguei ao local pontualmente, mas ele se atrasou. Recebi o tiro com atraso.

— Naturalmente o senhor não viu o tal homem! —· disse Roussel.

— Claro que não.

Novamente seguiu-se um pequeno silêncio.

— Eu não acredito no que o senhor acaba de contar

— disse Lacrosse, finalmente.

— Nem eu — emendou Roussel.

Ambos disseram tais palavras com um tom de amabilidade na voz.

— Eu acredito no senhor — disse-me Tilmant, fitando-me de modo estranho.

— Eu também acredito em você — emendou Angela.

— Acredito em você, muito embora seja chocante o que você contou... Demitido por causa das nossas relações... E, além do mais, você demonstrou não ter confiança em mim...

— Eu só lhe ocasionaria temores se lhe contasse a verdade. Realmente, esperava encontrar-me com alguém que me trouxesse dinheiro, tanto assim que havia pedido a Claude Trabaud que tirasse algumas fotos do meu encontro com o tal sujeito.

Achei que a menção de tal circunstância era importantíssima, pelo menos poderia servir para comprovar a veracidade da minha declaração. Continuei:

— Evidentemente, se eu descobrisse qualquer novo vestígio ou se me surgisse qualquer suspeita, era da minha intenção comunicar-me imediatamente com os senhores...

— Ah, sim! Tinha mesmo a intenção de comunicar-se conosco? — perguntou-me Roussel.

— Evidentemente! Então os senhores acham que eu iria enfiar-me

debaixo de um cobertor com essa gentalha?

— Calma, calma! O senhor deve permanecer calmo, *Monsieur* Lucas — disse Tilmant. — Ninguém acredita que o senhor iria meter-se com essa gente. Estou convencido de que o senhor nos teria comunicado qualquer descoberta que fizesse.

— Obrigado — disse eu.

— *Monsieur* Lucas, daqui por diante deverá ficar sob a proteção da polícia — prosseguiu Tilmant, dirigindo-se aos dois funcionários da polícia criminal. — A porta do seu quarto deverá ser vigiada dia e noite. Todo e qualquer visitante terá que ser identificado e revistado. É bem possível que essa gente cisme que *Monsieur* Lucas esteja de posse de algum segredo capaz de ameaçá-la. Na realidade, *Monsieur* Lucas não possui nenhum segredo ou, se o possui, não sabe.

Lacrosse e Roussel permaneceram calados.

— Será que me fiz compreender? — perguntou-lhes Tilmant.

— Claro que sim, *monsieur* — respondeu-lhe Roussel. — Proteção policial. A partir de agora. Por quanto tempo?

— Por muito tempo — respondeu Tilmant.

A porta se abriu e entraram no quarto a irmã-enfermeira e um médico. Este estava zangado e foi logo dizendo:

— Meus senhores, vejo-me na contingência de pedir-lhes que se retirem imediatamente. *Monsieur* Lucas se encontra ainda muito fraco.

Eles saíram logo. Todos apertaram-me a mão. Tilmant sorriu-me animadoramente.

Logo que fiquei a sós com Angela, ela começou a me dizer, gaguejando:

— Você não me falou a verdade, Robert... Bem, eu compreendo... Mas você acha que posso ficar sossegada agora? Meu Deus, que horrível é saber que eles pensam que você sabia algo. Foi por isso que tentaram matá-lo, mas não conseguiram. E eles sem dúvida continuarão acreditando que você esteja de posse de algum segredo e por isso você não está livre da ameaça de morte...

— Que eu não estou livre de tal ameaça já fiquei sabendo desde aquela noite em que o nosso carro quase se precipitou no mar, depois que jantamos no Tetou.

— Sim, está certo... Mas isso não melhora em nada a situação. Eles tentarão novamente...

— Não creio. Se nada lhes acontecer agora, eles se convencerão de que estavam errados e de que realmente eu nada sabia. Se eu soubesse algo, já teria revelado, Angela! Você não acha?

Ela fitou-me, calada.

— Angela, eu lhe perguntei: "Se eu soubesse algo, você não acha que eu teria revelado?"

— Acho que agora você o teria revelado — respondeu-me ela com palavras quase inaudíveis. — Queira Deus que você nada saiba mesmo e que eles se convençam disso.

— Eles terão que se convencer, fique sossegada!

Era só o que eu podia dizer-lhe para acalmá-la. O resto teria que continuar como um segredo exclusivamente meu.

— Eles despediram você da empresa só porque nós nos amamos, não é verdade?

— Sim.

— Que horrível!

— Que felicidade!

— Felicidade por quê?

— Vou receber uma aposentadoria bem elevada, Angela. E então... Mas será que você não percebeu ainda?

— O quê?

— Será que você ainda não se deu conta de que agora poderemos ficar sempre juntos?

Ela fitou-me durante algum tempo e depois inclinou-se sobre a minha mão esquerda estendida sobre o cobertor, beijando-a.

— Você ficará comigo... Sempre comigo!... A partir de agora ficaremos juntos... para sempre!

5

Uma hora mais tarde um policial foi postar-se em frente da porta do meu quarto. A partir de então passei a ser vigiado por ele. Os policiais que me vigiavam, um de cada vez, rendiam-se de seis em seis horas. Isso tranquilizava Angela, tanto assim que nos dias subsequentes ela saiu por diversas vezes, ficando mesmo bastante tempo fora a fim de tratar de assuntos inadiáveis. Na quarta-feira, dia 26 de julho, pela primeira vez depois de algumas semanas, ela foi ao cabeleireiro. Disse-me que julgava ter já a aparência de uma mulher desleixada e pouco asseada. Não queria mais apresentar-se assim diante de mim para que eu não deixasse de amá-la.

A essa altura já conhecíamos todos os policiais que me vigiavam, os quais, uma vez ou outra, também entravam no meu quarto.

Para essa missão haviam sido escolhidos policiais corteses e educados. Angela recomendara expressamente a um deles, que se achava de serviço nessa tarde, que me vigiasse e me protegesse com todo o carinho.

Ela saiu logo depois das quatro horas da tarde. Às cinco e meia o policial abriu a porta e disse-me:

— Visitas para o senhor, *Monsieur* Lucas. *Madame* Hellmann e *Monsieur* Libellé. Eles já têm a permissão do médico. Ele foi revistado por mim e ela, por umá irmã-enfermeira. Eles não têm armas de espécie alguma. — "Finalmente!", pensei. — *Madame* Hellmann deseja falar primeiro a sós com o senhor.

— Faça o favor de mandá-la entrar.

Apresentou-se, então, na minha frente, Hilde dos Brilhantes, sem jóias, mal pintada, usando um caríssimo vestido de seda branca próprio para o verão. Nos seus olhos albino-rosados estampava-se o terror. Apontei-lhe uma cadeira, que ela puxou, vindo sentar-se bem pertinho de mim.

— Será que alguém aqui poderá nos ouvir? Quero dizer alguém com microfone ou...

— Não sei, Sra. Hellmann. Mas creio que não...

— Mas e se alguém estiver mesmo nos ouvindo ou captando a nossa conversa?

— A senhora terá que correr o risco...

— Então vou falar cochichando aos seus ouvidos.

— Eu não procederia desse modo nessas circunstâncias

— retruquei-lhe. — O policial sabe o seu nome. E se ele realmente tem um microfone...

— Mas é exatamente isso o que tenho que fazer!

— insistiu ela de maneira descomedida, sem poder controlar-se.

— Não!

— Não o quê?

— Não posso suportar esse tom de voz, Sra. Hellmann.

— Oh, perdoe-me, por favor, Sr. Lucas.

— Aqui não existe nenhum microfone. — "E tomara que não exista mesmo!", pensei com meus botões. — Então o que é que a senhora tem para dizer-me?

Era para mim, agora, uma visão estranha, a de Hilde dos Brilhantes fora da sua cama e usando vestido.

— Eu já tentei diversas vezes pôr-me em contato com o senhor, mas...

— Eu sei. Que é que a senhora tem para dizer-me?

— Que não fomos nós. Nenhum de nós. Nenhum de nós mandou algum pistoleiro fazer isso. — As palavras saltavam precipitadamente de sua boca. — Todos nós ficamos desesperados quando tomamos conhecimento do atentado. O senhor deve acreditar em mim, Sr. Lucas! O senhor não pode deixar de acreditar em mim! Eu vim aqui falar em nome de... em nome de todos. Eu aceitei essa incumbência, muito embora saiba quão humilhante e perigosa ela é. Mas o senhor tem que acreditar em mim; nós não somos os responsáveis por esse atentado! Nós esperamos que o senhor se restabeleça em breve e que viva por muito tempo... Mas não ria, por favor!

— Eu tenho que rir! — respondi-lhe.

As lágrimas escorriam de meus olhos de tanto rir. Prossegui falando:

— Para mim já está claro que a senhora e os seus amigos desejam a melhora do meu estado de saúde e que eu ainda tenha uma vida longa, Sra. Hellmann. Entretanto, o que acontecerá com os senhores se eu sofrer um novo atentado e for morto?

— Pois é isso mesmo o que nos deixa aflitos. E daí? — Sua peruca deslizava facilmente com os movimentos da cabeça. Eu achava que uma mulher tão rica assim devia usar uma peruca que lhe assentasse melhor. — Nós estamos todos preocupados... É grande a nossa aflição...

— Por quê?

— Nós bem sabemos que esse atentado não foi feito a nosso mando. Deve ter sido, portanto, por ordem de outra pessoa.

— Por ordem de quem?

— Sim, por ordem de quem? Essa é a pergunta que nós mesmos nos fazemos. Nada sabemos. O senhor não terá alguma opinião formada?

Respondi-lhe, falando em tom jocoso:

— Talvez os senhores tenham conseguido comprar o meu escrivão Libellé e ele já lhes tenha feito a entrega de todo o *material*. Nesse caso, bem que os senhores poderiam ter-lhe pedido, mediante um pagamento adicional, que mandasse executar o atentado...

— Meu Deus, o senhor está louco! Um escrivão a gente não pode comprar. Quem dera que a gente pudesse suborná-lo! Mas, nesse caso, iríamos simplesmente cair nas mãos de uma outra pessoa. Ficaríamos livres do senhor. Mas e de Libellé?... — Ela interrompeu bruscamente a frase. — Noto que o senhor está brincando e eu, pobre vaca estúpida, caí na sua brincadeira. Não, Sr. Lucas... Nós supomos o seguinte: alguém que quer nos eliminar sabia que o senhor nos tinha em suas mãos e o que poderia acontecer-nos na hipótese de que o senhor sofresse morte por atentado. Por isso essa pessoa contratou um pistoleiro para assassiná-lo.

— E quem a senhora e os seus amigos imaginam que poderia ser essa pessoa?

— Clermont e Abel.

— Absurdo! — respondi-lhe, sem titubear.

Entretanto, raciocinando, pensei comigo mesmo: “Seria mesmo um absurdo? Certamente não foi Hilde nem seus amigos quem mandaram liquidar-me. Mas alguém deve tê-lo feito. Por que não poderiam ser os donos dessa grande empresa industrial francesa que, aos poucos, vinha sendo arruinada pela Kood? Por que não Clermont e Abel?” Fiquei imaginando a rapidez com que Gaston Tilmant me socorreu com o seu apoio logo que fiz a minha declaração. E se ele... Não, não e não!... Tilmant é um homem digno e honesto... Entretanto, o que significa especialmente “um homem digno e honesto”? Serei eu um deles? Só Deus sabe! E então?

Então...

— O senhor ficou calado — disse-me Hilde dos Brilhantes. — De um momento para outro tornou-se pensativo. Sr. Lucas, todos nós, agora, nos encontramos numa situação horrível. Que nos acontecerá se alguém tentar mais uma vez eliminá-lo e for bem sucedido no atentado?

— Nesse caso acontecerá o que eu já lhe declarei — respondi-lhe de modo grosseiro. — E agora paremos de fazer conjeturas e de manifestar suspeitas! O futuro nos revelará a verdade. E a senhora tem ainda mais coisas para dizer-me? Eu não posso receber visitas demoradas.

— O senhor... Será que o senhor nos traiu? — Ela fez essa pergunta cochichando ao meu ouvido.

— Não.

— Nem mesmo em sonhos, no seu estado de fraqueza... devaneando?

— Isso eu não sei. Mas acho que não. Do contrário a senhora não estaria agora sentada aqui, Sra. Hellmann.

— E o senhor não prestou posteriormente nenhuma informação a qualquer pessoa, seja ela quem for?

— Não prestei informações de espécie alguma.

— Obrigada! Muito obrigada!

— Pare com isso...

— Libellé!...

— Que é que há com ele?

— Poderia mandá-lo entrar agora só por um instantinho?

Ela saiu do quarto, falou com o policial e em seguida voltou para perto da minha cama acompanhada de Libellé. O escrivão conservava o aspecto de cidadão íntegro e, como era do seu hábito, mostrava-se lacônico no falar. Cumprimentou-me formalmente, expressando sua alegria por eu ter escapado do atentado. Disse-me:

— *Madame* Hellmann veio ter comigo logo depois do atentado. Declarei-lhe que o caso estava tomando um rumo tal que eu, consoante as suas instruções, me via compelido a dar conhecimento público do material entregue aos meus cuidados logo que eu tivesse absoluta certeza de que o senhor sofrerá morte provocada por violência ou em consequência de qualquer atentado. O mesmo procedimento eu deveria ter, disse-lhe, com relação a *Madame* Delpierre.

— Muito bem, *maître*! — disse-lhe.

Ele fez uma pequena mesura, inclinando-se um pouco.

— Mas o senhor não morreu — prosseguiu Libellé. — Durante muito tempo parecia que sim, mas agora vejo que não está morto.

— Faltou pouco — disse-lhe.

— Como o senhor não morreu, deixei de dar conhecimento público do material. Além do mais, devo dizer-lhe que *Madame* Hellmann, por ocasião da visita que me fez, entregou-me trezentos mil francos novos, que recebi e guardei no cofre alugado no banco.

— Os senhores devem compreender, quero dizer, Maítre Libellé deve compreender que nós não temos culpa alguma pelo que aconteceu — disse Hilde dos Brilhantes num tom de súplica.

— Muito obrigado pelo dinheiro — disse, dirigindo-me a Hilde. — A partir de agora, os pagamentos futuros, nos prazos combinados, deverão ser efetuados a *Monsieur* Libellé. Não sei por quanto tempo ainda devo permanecer neste hospital. Recibos dos pagamentos, como é óbvio, não deverão existir.

Entretanto, *Monsieur* Libellé terá que me comunicar imediatamente qualquer atraso de pagamento superior a um mês.

— Eu pagarei pontualmente! Pontualmente! — gritou Hilde dos Brilhantes.

— O pagamento será efetuado no devido tempo, Monsieur Lucas — disse o escrivão.

— E mais uma coisa! — disse eu. — Foi muito bom a senhora ter vindo aqui acompanhada de Maítre Libellé. Assim não é preciso que eu lhe faça esta comunicação por intermédio dele. Pensei numa coisa...

— Em que o senhor'pensou? — perguntou-me Hilde dos Brilhantes, ansiosa.

Declarei a ambos o que eu havia pensado.

— Ouvi dizer que você recebeu visitas — disse-me Angela.

Eram sete horas da tarde. Nesse dia ela aproveitara o tempo também para fazer algumas compras. Encontrava-se, agora, em frente do meu leito com um novo penteado muito, muito bonito. Mas no seu semblante continuava estampado o terror.

— É verdade — respondi-lhe. — A Sra. Hellmann e o escrivão Libellé estiveram aqui.

— Quem é esse homem?

— É um escrivão com o qual travei conhecimento através do meu advogado Fontana. Trata-se de um cidadão absolutamente íntegro. Logo que fui vítima do atentado, a Sra. Hellmann agarrou-se nele para que ele me dissesse que nem ela nem seus amigos estavam envolvidos no caso.

— E você acreditou no que ela disse?

— Sim.

— Por quê?

— Como você sabe, descobri algo acerca dela e dos seus amigos. É exato que eu conhecia gente que queria vender-me a *verdade* sobre o caso por bastante dinheiro. Hilde dos Brilhantes também sabia disso. Antes do atentado entreguei ao escrivão Libellé uma declaração escrita relatando tudo o que eu descobrira. Essa declaração ficou guardada no cofre de um banco. Entreguei a minha declaração ao escrivão e não à polícia. *Monsieur* Libellé tinha a incumbência de tornar pública tal declaração se me acontecesse algo. Julguei que só assim eu poderia garantir a nossa vida, você me compreendeu?

— Mas como você se enganou!

— Foi uma coincidência infeliz. Houve algum mal entendido... Uma falha jdessas não mais se repetirá, creia-me, Angela.

— Mas de onde lhe vem tanta certeza assim?

— Nesses últimos dias, refletindo bastante, pensei em algo que comuniquei a Hilde dos Brilhantes e a Libellé, durante a visita que eles me

fizeram.

— Em que você pensou?

— Eu vou escrever a minha história ou, se quiser, a nossa história. Uma história relatando tudo o que me aconteceu e tudo o que sei. Farei um amplo relato sem ocultar nada. E isso eu disse a Hilde dos Brilhantes. Os médicos informaram-me que levará bastante tempo antes que eu possa sair do hospital. Pois bem, tomarei nota de tudo para redigir a minha história. Eu sei estenografia muito bem, mesmo em francês. Todas as tardes uma secretária de *Monsieur* Libellé virá aqui ao hospital buscar os papéis com as anotações para -datilografá-las. Depois, as folhas datilografadas serão guardadas no cofre do banco. Libellé tem a outra chave do cofre. Eu trabalharei com muita concentração e bem rápido. Hilde dos Brilhantes já sabe que essa história será publicada, caso me suceda algo ou caso suceda algo a você. Eu pensei em nós dois. Os médicos aqui já têm conhecimento de que tudo o que escrever deverá ser entregue a Libellé. Eu tenho testemunhas, portanto. Nós queremos viver em paz e sem temor, como pessoas livres. A própria Hilde irá propalar a notícia da minha atividade literária. Tenho a certeza de que, quando a minha história tiver sido totalmente anotada, ambos estaremos em segurança.

Angela sentou-se à beira da cama, curvou-se para a frente e beijou-me carinhosamente. Seus cabelos tinham um perfume maravilhoso.

7

Mas aconteceu que fui impedido de escrever a minha história. Pelo menos por um tempo. Os médicos protestaram energicamente contra a minha resolução. Alegaram que eu me encontrava muito fraco ainda. Passaram-se semanas e o meu estado melhorou sensivelmente. Angela trouxe para o quarto aquele seu pequeno aparelho de televisão Sony. No nosso quarto, no hospital, havia também um banheiro. Então passamos novamente a assistir juntos aos programas de televisão à noite. Contudo, eu pegava logo no sono, pois me encontrava ainda muito fraco. Todavia, a minha sensação de fraqueza foi desaparecendo gradativamente. Por fim, eu já não adormecia tão rapidamente assim. Ao término da quarta semana de tratamento, levantei-me da cama pela primeira vez e andei um pouquinho, amparado por Angela e por uma irmã-enfermeira. Meu pé esquerdo doeu bastante quando o firmei no chão, mas eu não disse nada a ninguém. A duração dessas minhas caminhadas diárias foi sendo gradativamente aumentada. Uma massagista me tratava todos os dias regularmente. Eu tomava banhos medicinais e de repente passei a ter bastante apetite. Aliás, posso mesmo dizer que sentia uma fome canina. No fim da quinta semana de tratamento, no dia 10 de agosto, uma quinta-feira, deram permissão para que eu começasse a minha história.

Pus logo mãos à obra. Tinha muita coisa a fazer diariamente: escrever, dar as minhas caminhadas, praticar ginástica, tomar banhos medicinais. Meu tempo tinha que ser bem dividido para que eu pudesse aproveitar até o último minuto. Os médicos acharam até bom que eu escrevesse. Minha atividade equivalia à prática de uma laborterapia, afirmavam eles. Naturalmente, a polícia também tinha conhecimento da minha atividade. Por expressa determinação de Tilmant, a secretária do escrivão Libellé deveria vir buscar todas as tardes as folhas escritas. Eu trabalhava com afinco. Angela havia interrompido todos os seus trabalhos artísticos e pedira aos seus fregueses que tivessem paciência, esperando para mais tarde a conclusão dos quadros encomendados. Recusava novos pedidos. Ela precisava, antes, terminar as pinturas prometidas havia muito tempo. Por isso, durante o dia, deixava-me sozinho a maior parte do tempo. Angela saía às nove horas da manhã e só voltava quase de noite. Não deixou dc dormir nem uma noite perto de mim. Pela primeira vez na minha vida executei um trabalho apaixonadamente. O relato que os senhores ora estão lendo foi escrito, conforme já disse, para servir de garantia de vida para a mulher que amo: Angela. E, como é óbvio, para mim também. Por isso — notem bem os leitores —, eu pedia ao bom Deus que me concedesse a graça de ser bem sucedido em tomar nota com fidelidade de todas as situações por mim vividas, descrevendo-as minuciosamente do princípio ao fim. Não tinha

dúvida alguma quanto à maneira de fazer isso. A única dúvida prendia-se a uma questão de tempo.

No mês de agosto fez um calor insuportável. Em setembro também. Com muita frequência ouviam-se trovoadas assustadoras. Muitas vezes Angela tinha que ir aos bailes de gala. Se dependesse dela, não queria ir a lugar nenhum, mas eu a obrigava a apresentar-se nos bailes. Afinal de contas, isso era exigido pela sua profissão artística e a vida devia continuar. Quando Angela saía para ir a algum baile de gala, eu ficava escrevendo, mesmo de noite, durante muitas horas, até que ela voltasse. Muitas vezes ela vinha diretamente do salão de festas ainda trajando o seu magnífico vestido de soirée. Numa noite do mês de outubro (o tempo já havia refrescado um pouco, mas mesmo assim o sol continuava intenso e as plantinhas e os arbustos se apresentavam floridos), Angela voltou cerca das três horas da madrugada e entrou no quarto pisando na ponta dos pés para não fazer barulho. Eu havia escrito até as duas horas e ainda estava desperto. Ela tirou a roupa no escuro mesmo e foi tomar banho. A lua brilhava no céu. Então pude ver, banhada pela luz de estranho palor que penetrava pela janelinha aberta, a silhueta do seu corpo. Depois da minha operação foi a primeira vez que fiquei excitado e senti um desejo irreprimível.

Eu a chamei, pronunciando baixinho seu nome. Ela se assustou.

— Eu pensei que você estivesse dormindo. Será que o despertei?

— Venha cá!

— O quê?!

— Venha para junto de mim, por favor, Angela!

— Você está louco? O policial pode espiar para dentro do quarto...

— Ele nunca espia para dentro do quarto quando você está aqui comigo.

— Ou então a irmã-enfermeira que está de plantão durante a noite...

— Ela já esteve aqui e fez o que tinha que fazer. Venha, Angela, por favor. Eu lhe suplico! Estou sentindo um desejo tão grande...

— Mas é uma loucura, Robert!

— Eu sei que você também está com vontade. Você tem tanta

vontade quanto eu.

— Naturalmente, Robert, naturalmente...

— Então venha logo!...

Ela se enfiou rapidamente debaixo do cobertor. Eu senti o perfume de sua pele e o suave contato do seu corpo nu. Então nossos corpos ficaram bem unidos... Havia muito tempo que não fazíamos amor de um jeito tão gostoso e demorado...

No dia 6 de novembro me foi dada alta do hospital.

Era uma segunda-feira e chovia torrencialmente em Cannes. Lá pelas quatro e meia da tarde desse dia 6 de novembro eu iria deixar o Hôpital des Broussailles.

No tocante às anotações para o relato da minha história, eu já havia feito, até então, um enorme progresso. Havia quase chegado ao ponto em que os senhores estão.

Mas antes de prosseguir devo ainda relatar duas conversas:

A primeira eu definiria melhor dizendo que se tratava de diálogos havidos entre mim e Angela, os quais se repetiam frequentemente. As palavras eram quase sempre as mesmas:

— Que acontecerá quando os médicos lhe derem alta, Robert? Então ficará tudo de novo como era antes do atentado. Eles procurarão matá-lo novamente. Nós não poderemos ter nem mais um minuto de sossego. Será que teremos de viver permanentemente sob a vigilância policial para nossa proteção?

Eu lhe respondia:

— Eu não sei por que motivo me deram um tiro. Que posso fazer, portanto?

— Você poderia telefonar a essa tal de Hilde Hellmann explicando-lhe que não está mais trabalhando para a Global e que não se preocupará com o caso do iate do irmão dela nem por um segundo mais. Diga-lhe que você nada tem a revelar a quem quer que seja e que daqui por diante só quer viver em paz junto comigo.

— Mas eu já disse isso à Sra. Hellmann — afirmei-lhe mentindo.

— Então repita-lhe uma vez mais essas palavras!

Portanto não tive outro remédio senão telefonar para

Hilde dos Brilhantes. Disse-lhe pelo telefone:

— Dentro de pouco tempo terei alta do hospital.

Como a senhora bem sabe, não estou mais trabalhando para a Global. Nada existe que eu tenha descoberto com relação à morte do seu irmão ou com relação a qualquer outro fato. Por isso nada poderei denunciar a quem quer que seja.

— *Madame* Delpierre está escutando a nossa conversa na extensão, não é?

— Sim, Sr a. Hellmann.

— Eu já lhe afirmei e repito agora para *Madame* Delpierre que não foi nenhuma das pessoas do nosso círculo quem atentou contra a sua vida. Nem mesmo em sonho pensamos alguma vez em fazer-lhe isso. Aliás, não tínhamos motivo algum para tanto. Mas o senhor, da sua parte, declarou-me que vai tomar anotações para relatar todos os fatos ocorridos com o senhor.

— Eu já fiz isso, Sra. Hellmann.

— Isso já constitui para os senhores uma boa proteção contra qualquer pessoa. Se não fosse assim, por que teria então tomado a resolução de escrever tal relato? Estou certa de que tanto *Monsieur* Tilmant como a polícia têm conhecimento de que o senhor está escrevendo a história da sua vida.

— É verdade, Sra. Hellmann. — O meu intento era proteger Angela e a mim próprio o máximo possível.

— Se Tilmant sabe disso, então Clermont e Abel também devem saber.

— Indubitavelmente.

— Então o senhor não poderá ter melhor proteção neste imenso mundo, Sr. Lucas.

— Mas acontece que neste imenso mundo existem milhões de idiotas, Sra. Hellmann.

— Mas não haverá ninguém que seja tão idiota assim para decidir-se a tocar num fio de cabelo dos senhores, sabendo que... — uma pausa de hesitação — ... que o senhor foi -inteligente e procurou proteger-se por todos os modos.

— A senhora tem razão. Eu só queria dizer-lhe que eu, depois da minha alta do hospital, não pretendo outra coisa senão viver em Cannes como um

simples cidadão.

— Alegro-me pelo fato de o senhor desejar permanecer aqui, Faço votos pelo seu completo restabelecimento, Sr. Lucas.

Assim se despediu Hilde dos Brilhantes.

Finalmente, com esse telefonema, consegui acalmar Angela.

O Comissário Roussel determinou que, pelo menos durante algum tempo depois da minha saída do hospital, eu deveria ficar sob a proteção da polícia.

— A gente nunca sabe o que pode acontecer — disse ele.

Concordei com sua ideia.

A segunda conversa realizou-se na manhã desse mesmo dia, 6 de novembro, ao me submeterem mais uma vez a um rigoroso exame.

Finalmente ficamos a sós num quarto, eu e o Dr. Joubert. Fitamo-nos durante um bom tempo sem pronunciar uma palavra sequer. Finalmente ele se decidiu a falar:

— Fiz um enorme esforço tentando persuadir os colegas para que mudassem de opinião. Eles não querem absolutamente dar-lhe alta, mas sim conservá-lo aqui no hospital.

— Por quê?

— O senhor bem sabe por quê. Sua perna esquerda! Naturalmente também aos meus colegas chamou a atenção o estado da sua perna. Com o tratamento e o descanso que o senhor teve que ter depois do atentado, foi-lhe concedido, por assim dizer, uma espécie de prazo de misericórdia que não pode mais ser dilatado. As condições da irrigação sanguínea da sua perna são péssimas. Dentro de pouco tempo o seu pé vai começar a ficar com uma cor arroxeada.

— Mas o meu pé ainda não está arroxeado.

— No entanto o senhor sente dores quando caminha. Não negue. O senhor deve sentir dores.

Tive que admitir isso.

— Seria melhor que os cirurgiões amputassem a sua perna imediatamente.

— Não! — retruquei-lhe com veemência. — Eu não quero! Permaneci durante tanto tempo neste hospital deitado sobre uma cama e agora quero sair daqui antes da amputação, ainda que seja uma única vez. Será que o senhor não pode compreender isso?

— Claro que posso compreender. Entretanto...

Interrompi a sua frase:

— *Madame* Delpierre ainda não tem conhecimento disso.

— E por nosso meio ela nunca virá a saber de nada.

— Antes, tenho que lhe dar conhecimento do meu estado. Para isso preciso de tempo. Apenas um pouco de tempo.

Ele soltou uma espécie de suspiro pesado.

— Por quanto tempo?

— Até o Natal e o ano-novo.

— Por quê?

— Eu... — pigarreei — ... eu no Natal e no ano-novo gostaria de sair com Angela para passear. Aliás, eu já lhe havia prometido isso. Passear e passar essas datas com alegria, dançando. Sim, dançando, Dr. Joubert! O senhor nem pode imaginar o que isso significa para mim!

Ele me fitou com um olhar de tristeza e respondeu-me:

— Está bem. Mas no dia l.° de janeiro terminará o prazo concedido. Depois desse dia o seu pé e parte de sua perna começarão a arroxear-se e o senhor sentirá fortes dores. Poderá, até, ser acometido de um novo ataque. Como o senhor bem pode imaginar, o seu coração não melhorou nada.

— O senhor me cumula de alegres notícias, doutor!

— Sou obrigado a dizer-lhe a verdade. Sua perna tem que ser amputada. Bem... por minha causa, o senhor terá ainda mais um adiamento do

prazo. Mas é o último prazo que lhe poderá ser concedido.

— Com tal comunicação, que lindo presente de Natal eu darei a Angela!

— Ela suportará tudo com ânimo forte e amor — disse o Dr. Joubert. — Eu já sei como ela é. Ela é uma mulher magnífica. — *Une chic femme*, disse ele, e essa expressão me fez lembrar daquele velho que dissera o mesmo na escada do ancoradouro dos barcos, quando fomos ao Eden Roc. Aquele velho que nos contou a história da sua mulher que fugira com um verdureiro da região de Grasse.

Chovia torrencialmente na tarde do dia 6 de novembro na hora em que me despedi dos médicos e das irmãs-enfermeiras. Agradeci a todos do fundo do meu coração. Angela havia trazido ao hospital roupas de baixo, um terno, um par de sapatos e uma capa de chuva. Roussel, Lacrosse e Tilmant também apareceram no hospital. Eles haviam resolvido escoltar-me até minha casa. Durante as semanas subsequentes eu deveria ficar ainda sob constante vigilância policial, para minha proteção, declarou-me Roussel.

Cada vez que saísse de casa, os funcionários da polícia seguir-me-iam para proteger-me. Um policial manteria guarda em frente da porta do apartamento e outro na porta de entrada do edifício. Confesso que fiquei muito satisfeito com tal esquema de proteção, pois nos primeiros dias após a minha saída do hospital veriamos o que poderia acontecer.

Afligia-me demasiadamente o pensamento de ter que falar a Angela sobre a amputação da minha perna e eu fazia um enorme esforço para mostrar-lhe um semblante alegre. É claro que também tinha medo dessa operação. “Mas”, pensei, “no Natal e no ano-novo ainda dançaremos juntos, conforme eu lhe prometi.”

E, assim, deixei o Hôpital des Broussailles, uma instituição de primeira ordem, onde me tiraram da morte, trazendo-me novamente para a vida. O Hôpital des Broussailles é um portentoso edifício todo pintado de branco. Possui uma ala interior por onde se passa para ir à clínica. Em cada lado do edifício existe um pavilhão bem amplo e de boa altura.

Depois de ter posto os pés fora da porta notei que o edifício da clínica, mais amplo, ficava do lado oposto. Entre as duas edificações estendia-se um grande parque no qual medravam palmeiras já bem altas, de cujas talas nesse momento se desprendiam pingos de chuva. A marquise descansava sobre colunas redondas. No lado esquerdo de quem saía do hospital ficava uma parte

de estacionamento, limitado por um muro baixo, atrás do qual existia uma capela.

Quando fui ferido no atentado, era verão, um verão abrasador e maravilhoso pelo fascínio de cores em profusão. Agora uma grande quantidade de flores já se encontrava murcha e o céu apresentava-se quase preto. Em toda parte as lâmpadas elétricas estavam acesas. Uma chuva fria batia-me no rosto. Angela trouxe logo o Mercedes, que ela deixara estacionado naquele parque. Tilmant, Roussel e Lacrosse tinham vindo ao hospital cada um no seu carro. Partimos numa formação de coluna militar. Lacrosse fez seu carro arrancar em primeiro lugar, seguido de Tilmant e, atrás deste, Angela com o Mercedes. Por fim, encerrando a coluna, seguia Roussel no seu Citroen. Vi alguns homens vestindo impermeáveis, os quais, pode-se dizer, haviam ficado esperando a nossa saída de maneira ostensiva. Quando nos viram, se apressaram em embarcar nos seus carros. Três desses veículos tomaram posição na frente da coluna logo que nossos carros começaram a movimentar-se lentamente.

— Estamos muito bem protegidos — disse eu, como sempre sentado ao lado de Angela.

— Graças a Deus! — respondeu-me ela.

A partir do grande parque em frente da clínica, um caminho asfaltado estendia-se até o limite do terreno pertencente ao hospital. Em ambos os lados desse caminho havia palmeiras. Setas desenhadas no asfalto indicavam as entradas e saídas. O caminho passava por baixo do arco de um portão no trecho de uma curva que contornava uma edificação ocupada pela gerência do hospital, não muito longe da entrada. Os carros que chegavam tinham que avançar fazendo a volta por um lado da edificação, e os que saíam, pelo outro lado. Logo adiante dessa edificação achava-se aberto um largo portão de grades com setas luminosas. As grades se prolongavam de cada lado. Os carros de Lacrosse e Tilmant já haviam transposto o portão e começavam a rodar sobre a estrada. O Hôpital des Broussailles estava localizado na Avenue de Grasse, que não é muito larga. No lado oposto à entrada havia um outro parque de estacionamento e um ponto de táxis. Devido ao intenso tráfego na Avenue de Grasse, que não dispunha de largura suficiente, havia sido colocado um semáforo em frente ao hospital. A luz vermelha acendeu. Lacrosse e Tilmant frearam seus carros. Angela teve que parar o Mercedes exatamente na saída do portão.

Nesse momento, lançando meu olhar para um possante Buick que se achava parado em frente, no parque de estacionamento, notei que da janelinha do lado do volante saíam lampejos produzidos por arma de fogo que

detonavam rapidamente dando um tiro após outro. Logo percebi que se tratava de um pistoleiro em ação. Angela soltou um grito desesperado e eu a puxei com força, fazendo-a curvar-se sobre o chão do carro. Desliguei o motor. Passei a ouvir, no mesmo instante, uma confusão de berros de homens e logo em seguida uma enorme quantidade de tiros. Os policiais que nos acompanhavam respondiam ao fogo do bandido. "Certamente Lacrosse e Tilmant também estavam detonando as suas armas", pensei, completamente fora de mim. Invadiu-me, então, uma fúria incontrolável. Eu tinha que ver tudo! Tinha que saber o que estava acontecendo! Precisava saber quem era o cachorro amaldiçoado que estava atirando contra nós: abri a portinhola do meu lado e disse a Angela:

— Fique deitada aí e não saia antes que eu volte.

Comecei a deslocar-me em torno do carro até conseguir um melhor ângulo de visão.

Notei que as pessoas que no momento estavam passando por ali haviam se atirado no chão. Alguns dos policiais estenderam-se sobre a calçada enquanto outros procuravam abrigar-se atrás das grades e das estacas de concreto armado, no portão da entrada. Todos eles atiravam furiosamente contra o Buick que não se encontrava a mais de dez metros de distância. Os choferes de táxi que estavam no ponto também se haviam atirado no chão. Um projétil, tendo perdido a direção, veio bater contra um muro onde ricocheteou lateralmente e foi estilhaçar o vidro da vitrine de uma casa comercial que ficava diante do semáforo. Ouviam-se os brados confusos dos homens. As mulheres soltavam gritos estridentes. Tudo aconteceu com tal rapidez que é impossível descrever a sequência de todos os lances com a mesma rapidez com que eles se desenrolaram.

A cada minuto que passava ia ficando mais escuro. Aos estrondos das detonações das armas de fogo seguiu-se um silêncio sepulcral. Notei que dois policiais, dando saltos em ziguezague, avançavam para o outro lado, na direção do Buick. Eu os segui, fazendo como eles. Ao mesmo tempo que eles, eu também atingi o tal Buick bege que, agora, tinha os vidros do quebra-vento e os do pára-brisa reduzidos a estilhaços pelas balas. Antes que qualquer outro o fizesse, eu mesmo abri a portinhola a fim de ver quem era o cachorro amaldiçoado que mais uma vez tentou tirar-me a vida. O tronco de um indivíduo com um casaco azul pendeu para fora, vindo a tombar sobre o asfalto molhado pela chuva. Ele caiu com o rosto por terra. Ninguém mais poderia deter-me. Abaixei-me e virei o sujeito para poder reconhecê-lo. E o que vi foi a cara de Kessler, o caçador de sonegadores de impostos de Bonn — exatamente a cara do categorizado

funcionário do Ministério das Finanças, com seus ralos cabelos louros, uma cicatriz na têmpora esquerda e cujos olhos denotavam sua crueldade, sua frieza, sua tendência ao mando e seu caráter autoritário. Agora seus olhos se encontravam quase fechados e seu rosto se tornara branco como a cal. Muitas balas deviam ter acertado esse indivíduo. Ele estava morrendo e resfolegava. O casaco se abriu. O sangue, que ele estava perdendo em grande quantidade, atravessava a sua roupa. Kessler estava quase morto, mas ainda se notava nele um resquício de vida. Perdi o meu autodomínio. Sacudindo o sujeito, arrastei-o até que ele ficasse completamente espichado e com o rosto voltado para cima. Ouvi o ruído de um baque. Foi a sua arma que caiu no chão. Muito embora os policiais tivessem feito um grande esforço tentando puxar-me de perto do pistoleiro, nada conseguiram. Eu lhe dava pontapés e o espancava. Eu berrava como um doido com Kessler, com Otto Kessler, que era o papa da repartição fazendária alemã incumbida de perseguir os sonegadores de impostos.

— Por que você fez isso, seu cachorro?

Ele não me respondeu.

Dei-lhe uns tapas no rosto. Para mim pouco importava agora fazer isso.

— Responda!

Os policiais que haviam chegado perto do Buick deixaram-me à vontade. Provavelmente não sabiam nada de alemão e era evidente para eles que eu talvez pudesse arrancar do moribundo alguma confissão. Os outros policiais estavam completamente ocupados, tentando afastar a multidão de curiosos que se aproximava do local. E chovia torrencialmente!

— Você tem que me responder, seu porco! — Bati-lhe de novo na fuça.

— Dinheiro... — ele só balbuciava as palavras. — Muito dinheiro...

— Quanto?

— Dois milhões de marcos...

— Foram eles, os indivíduos daquela cambada, que deram esse dinheiro a você? Não foram eles? Diga! Você tem que responder, seu cachorro!

— Foram eles que... me deram... sim...

— E você é que era o tal pistoleiro contratado, não é verdade?

— Sim... Não me deixe morrer... Eu... estou morrendo... Socorro!...

— Foi você quem eliminou todas essas pessoas, não é verdade? Primeiro, Viale, não é?

— Sim...

— Foi você quem assassinou a irmã-enfermeira e Danon e quem mandou preparar o Mercedes de Angela para sofrermos um acidente fatal, não foi?

— Sim... sim...

— E foi você quem mandou outros amigos seus espancar-me em frente da Résidence de Paris logo que cheguei aqui a Cannes, não foi?

— Outros... amigos meus... sim, fui eu... sim... sim... Eu vou morrer...

— Mas é claro que você vai esticar as canelas, agora, seu porco amaldiçoado. E foi você quem escreveu aquela carta anônima ameaçando Hellmann, não é verdade?

— Eu... sim...

Isso explicava o fato de as caligrafias dos suspeitos não combinarem...

— Quem foi que lhe ditou aquele bilhete? Foi Sargantana?

— Sim... sim... Socorro!... Por misericórdia... Socorro!...

— E foi você quem me deu o tiro lá no Eden Roc, não foi?

— Fui eu... Eles me deram ordens...

— Mas será que eles não sabiam que se você tivesse me eliminado todos eles se desgraçariam?

— Isso... eu não sei... Eles tinham certeza de que... estavam em segurança... Se não fosse assim... não me teriam dado... tal incumbência... nem esta de hoje... aqui... Dois milhões... Homem, isso foi... — Bruscamente a sua cabeça virou-se para o lado. Ele abriu desmesuradamente os olhos, que ficaram esbugalhados. Desapareceu completamente o branco daqueles olhos que, agora, pareciam fitar-me. Pela primeira vez desde que conheci Otto Kessler, seus olhos pareceram-me sentimentais, cheios de calor afetivo e dotados de uma expressão de bondade. Mas também é preciso d.izer-se que ele já estava morto. Pingos de chuva caíam sobre seus olhos esbugalhados. Só então notei que um dos policiais puxava-me com força pela manga do capote.

— Que é... que há?

— Vamos até o seu carro, *monsieur*! Vamos bem depressa, por favor!

Ele andava depressa. Eu, por causa da forte dor no pé, tinha que seguir coxeando atrás dele. Aproximei-me do Mercedes. Em frente ao quebra-vento, que ficava do lado em que Angela se achava sentada, estava agachado, com os joelhos por terra, um médico que usava calça e túnica brancas. Toquei nele.

— Aconteceu algo a ela?...

Ele ergueu os olhos. Depois levantou-se, postando-se de lado. Então ajoelhei-me naquele chão sujo e molhado, levando o meu rosto para perto do de Angela, que se achava agachada sobre o chão do carro exatamente na mesma posição em que a deixara quando saí para avançar até o Buick.

— Angela!... Angela!... Tudo já passou... O sujeito está morto. Mais uma vez a felici... — interrompi-me. — Você está ferida? Então não se mova, Angela! Não se mova. Fique nessa posição em que você está!

Ela se encontrava agachada entre o assento e os pedais, bem debaixo do volante, com os olhos abertos. No seu semblante estampava-se uma expressão de seriedade, muito embora dos seus lábios parecesse aflorar um estranho sorriso. Ela ainda conservava uma das mãos sobre o volante.

— Eu não vejo sangue... mas você está ferida, não é verdade? O choque... Você não pode falar, Angela?... Angela...

Alguém tocou no meu ombro. Levantei-me. Não estava mais no meu juízo perfeito.

— Levante-se para que o médico possa aproximar-se dela — disse-me Gaston Tilmant.

— Ela está ferida, não é? Ela se encontrava sentada no lado esquerdo, ao volante, e foi precisamente por esse lado que entraram as balas... Mas ela não está ferida gravemente. Diga-me que ela não está ferida gravemente, diga-me!

Nesse instante chovia torrencialmente.

— Não vejo uma gota de sangue...

— Nenhuma gota de sangue?! — disse o médico, que se aproximara de Angela. — Ele abriu o casaco dela. Sua blusa branca estava empapada de sangue.

— Angela... isso não quer dizer que seja grave... O sangue... Deve ser um ferimento superficial...

— Pare com isso! — disse o médico, dirigindo-se a mim. — Meu Deus, será que o senhor não vê que essa mulher está morta?

10

Quarta-feira, 8 de novembro de 1972. À tarde. Hoje sepultamos Angela. Sentei-me à sua escrivaninha. Continuava a chover torrencialmente. Comecei a escrever logo que cheguei a casa, de volta do enterro.

Enterramos Angela no Cimetière du Grand Jas, que se localizava igualmente na Avenue de Grasse, a qual, nesse trecho do seu percurso em declive, se encontrava em posição bem elevada. No cemitério viam-se poucos cedros e muitas palmeiras. Em frente do portão de entrada havia muitas casas baixas, pintadas de uma cor escura. Numa delas achava-se instalada uma loja de antiguidades. As pedras tumulares eram muito diferentes das usadas na Alemanha. Os sepulcros, em sua quase totalidade, são bem grandes e os respectivos pedestais frequentemente se elevam do solo até quase a altura de um metro. Sobre os pedestais acham-se colocadas cruzes de pedra. Por cima das grandes lousas tumulares espalhavam-se muitas flores. Hoje, depois de um dia de chuva torrencial ininterrupta, as próprias flores pareciam traduzir a tristeza e o desespero das almas desoladas. Todo o cemitério, no qual sobressaíam diversos mausoléus com pequenas capelas, tinha o aspecto de uma profunda desolação. Como é natural, ali existiam também sepulturas rasas, cobertas por lajes de mármore, exatamente como se usa na Alemanha. Só que aqui elas não são dispostas simetricamente em fileiras ordenadas. Pode-se dizer que formam um verdadeiro labirinto. Facilmente a gente erra o caminho ao passar pelo meio delas. Destinaram-me, para guardar os restos mortais de Angela, uma sepultura que ficava na parte mais elevada do cemitério, cujo solo era bem inclinado lateralmente. Da sua sepultura podiam-se ver os demais túmulos e divisava-se todo o contorno da cidade. Dali via-se também o mar. Mas nesse dia o mar estava cinzento e com um aspecto fúnebre. O céu também. Tudo parecia abandonado e triste. Divisei o terraço do apartamento de Angela — onde, neste momento em que escrevo esta parte do meu relato, ouço o tamborilar da chuva batendo na vidraça. Depois, desviando o olhar, passei a observar as vistas desde Port Canto até o golfo de La Napoule e não vi uma única embarcação sequer. Enquanto o pastor fazia o sermão, eu ficava continuamente contemplando o mar. Com isso procurava desviar os olhos da sepultura. Mas não dava. De instante a instante meus olhos se fixavam sobre o túmulo. Os coveiros já estavam segurando o esquife de Angela pelas cordas. Eu não conhecia o pastor que fazia o ofício fúnebre. Tratava-se de um religioso cuja jurisdição abrangia La Californie, onde Angela residia. Ele havia estado comigo no dia anterior e prontificou-se a mandar preencher, por mim, todas as formalidades necessárias através de uma instituição especializada. Era um pastor amável e quero agradecer-lhe pelos auxílios que me prestou, pois ontem — como também esta

manhã — eu não conseguia andar um metro sequer. Ontem eles me seguraram no Hôpital des Broussailles durante todo o dia. Hoje de manhã bem cedo, deram-me algumas injeções. Só depois disso é que consegui ficar de pé, caminhar, conversar, ler e escrever. Infelizmente já posso raciocinar de novo. O pastor interessou-se em saber algo a respeito da vida de Angela, que ele não conhecera pessoalmente. Do contrário, como poderia tecer a sua oração fúnebre? Portanto, fiz-lhe alguns relatos, citando exclusivamente fatos de pouca importância. Os aspectos mais importantes da vida de Angela não consegui relatar, por mais esforço que fizesse. Em cada tentativa a voz se me embargava. Eu disse ao pastor que Angela era boa, sincera e inteligente e que eu a havia amado sobre todas as coisas deste mundo. Tudo isso e algumas coisinhas mais, apropriadas para o momento, foi o que o pastor disse na sua oração fúnebre. Achavam-se presentes pessoas que eram conhecidas minhas e de Angela.

Permanecíamos todos de pé em frente da sepultura aberta, sob aquela intensa chuva. Em torno de mim encontravam-se o baixinho Inspetor Lacrosse, o Comissário Roussel e Gaston Tilmant. Notei, também, a presença da arrumadeira Alphonsine Petit, aquela que sempre rezava para a nossa felicidade, de *Monsieur* e *Madame* Quémard, de Serge, o chefe da garagem do Majestic, daquele jovem pintor que, no verão, expunha seus quadros na Croisette (não sei como foi que ele ficou sabendo da morte de Angela). Estavam presentes, também, o proprietário do Félix, Nicolai, o dono do L'Âge d'Or, Jacques, do Club Port Canto, Pasquale e Claude Trabaud, a pequena Geórgia, cujo retrato Angela havia pintado, acompanhada do pai, o grande produtor cinematográfico de Hollywood, o nosso garçom Robert, do Majestic, aquela senhora idosa que no Municipal atendia a caixa registradora e que, embora já octogenária, continuava trabalhando, o Dr. Daniel Friese, do Ministério das Finanças de Bonn, sempre superelegantemente vestido e sempre conservando no rosto ossudo e saliente uma expressão de calma e ponderação. Compareceram também ao enterro mais algumas dezenas de pessoas que me eram desconhecidas. Friese havia chegado a Cannes na manhã anterior, a fim de ajudar a esclarecer o caso da morte de Kessler, e logo depois de ter desembarcado foi visitar-me no hospital, onde me externou suas condolências. Nem sei o que foi que ele me disse, pois eu ainda me encontro em péssimo estado. O pastor estendeu-se bastante com o sermão, bem desenvolvido e bem pensado, mas ele só disse coisas de pouca importância. Comecei a notar que eu, de minuto a minuto, me tornava mais intranquilo e desassossegado. Meu pé doía terrivelmente.

"... o bomem, que nasce da mulher, vive durante pouco tempo e anda sempre intranquilo e desassossegado. Ele desabrocha como uma flor e declina logo em seguida. Ele voa como uma sombra e o vento não pode... "

Desde que Angela morreu, tenho chorado muito, mas pessoa alguma notou isso. Chorei intimamente. Meu rosto devia estar como uma máscara... uma máscara de pedra. Enquanto o pastor fazia as orações, eu contemplava o mar, sobre o qual pairavam nuvens escuras. Entre as nuvens e o mar, um denso véu de chuva parecia desfazer-se continuamente, caindo com ímpeto sobre o solo. Finalmente, os coveiros começaram a puxar o esquife pelas cordas, a fim de deixá-lo cair dentro da cova. O pastor pegou minha mão e disse-me algumas palavras que não entendi. Depois, entregou-me uma pazinha. Eu me curvei e apanhei com a pá um pouco de terra úmida, que atirei no fundo da cova, sobre o esquife de Angela. A pazinha então correu de mão em mão e todos os presentes também atiraram terra para dentro da sepultura, bem como flores... muitas flores. Todos eles, em seguida, apertaram minha mão. Muitos deles disseram-me algumas palavras, mas não sei o quê. Então foram saindo todos, um após o outro. Por fim, fiquei sozinho, acompanhado dos quatro coveiros, os quais, depois de terem tapado a sepultura, começaram a fumar e a conversar. Durante todo esse tempo permaneci postado de lado e não parei de contemplar o mar que Angela tanto amara.

Já estava ficando escuro e comecei a sentir frio. Observei todo o trabalho dos coveiros. Eles colocaram as flores e as coroas sobre o monte de terra da sepultura e depois foram embora. Naturalmente, só com esse trabalho a sepultura ainda não ficara pronta. Eu havia encomendado uma lápide, que já estava paga, e sobre a qual pedi que fosse inscrita uma única palavra: "ANGELA". Disseram-me que demoraria um pouco até que a terra assentasse bem para permitir a colocação da lápide, mas que antes eles colocariam provisoriamente uma pequena pedra de mármore com a superfície preta.

O Cimetière du Grand Jas é realmente enorme. Por fim, eu era a única pessoa que permanecia nesse local. Pelo menos, assim me pareceu. Aproximei-me do monte de terra da sepultura e tentei falar com Angela. Digo com sinceridade que tentei falar com ela e isso exigiu de mim um grande esforço, pois muitas eram as coisas que eu ainda tinha para dizer-lhe. Todavia, não consegui formular uma só frase inteligível. Resolvi, portanto, sair caminhando debaixo da chuva até o portão do cemitério. Saí e entrei no carro de Angela. Foi a primeira vez que me sentei ao volante do seu carro. Viam-se ainda ali os orifícios produzidos pelas balas. O ursinho que eu tinha dado a Angela continuava pendurado sob o espelho retrovisor. Entrei na cidade em marcha lenta, descendo pela Croisette. Passei em frente ao Majestic, ao Félix e à Joalheria Van Cleef & Arpeis. Já havia escurecido.

Levei o Mercedes à garagem, fechando-o cuidadosamente. Em frente da porta de entrada do edifício um homem, que estava de vigilância,

cumprimentou-me. Quando desci do elevador, um outro homem, que se achava postado em frente à porta do apartamento, também me cumprimentou. Roussel determinara que a polícia continuasse vigilantemente a me proteger, muito embora Kessler já estivesse morto. Com Kessler, moribundo, eu só falara em alemão. Ninguém, à minha volta, pudera compreender a nossa conversa. Eu simplesmente declarei a Roussel que Kessler recebera a incumbência de eliminar-me porque eu estava investigando tudo com muita desconfiança. A mesma coisa declarei a Riese. Do resto a imprensa internacional tomará conhecimento quando meu escrivão Libellé, em Zurique, lhe apresentar o material que se encontra guardado no cofre da agência da Banque Nationale de Paris, ao qual deverá ser juntado este relato que estou terminando, para fazer parte integrante de todo o conjunto de provas coligidas, tais como a confissão de Hilde dos Brilhantes, as fotografias e o cassete com a gravação. Nesse meio tempo não vi Libellé. Ele não compareceu ao enterro de Angela. Mas ele sabe o que deve fazer agora. É evidente que não posso atinar com a razão por que eles obrigaram Kessler a cometer tal loucura, sabendo das providências que eu havia tomado para a nossa segurança, minha e de Angela. Hilde dos Brilhantes, bem como os seus amigos, tinham perfeito conhecimento do que lhes sucederia se eles nos liquidassem. Será que essa gente perdeu o juízo? Ou teriam eles encontrado uma saída para anular o efeito das provas por mim coligidas? Por mais que eu me esforce dando tratos à bola, não consigo fazer nenhuma conjetura sobre qual poderia ser a saída encontrada por eles. Contudo, não fiquei muito tempo pensando nisso. Cansei-me logo, sentindo dificuldade em concentrar-me. E, falando a pura verdade, agora que Angela não mais existe, para mim pouco importa tudo isso.

No apartamento estava frio. Acendi todas as luzes e liguei todos os aparelhos de televisão. Comecei, então, a caminhar de uma peça para outra, observando tudo atentamente: as pinturas já terminadas e as que estavam em vias de conclusão no estúdio, as louças na cozinha, o banquinho no qual eu me sentara tantas vezes, o meu armário e os vestidos de Angela. Procurei sentir o perfume da sua pele nos panos daqueles vestidos, mas tive que parar imediatamente, pois não consegui suportar isso por mais tempo. Entrei no nosso quarto de dormir e ali fiquei sentado durante muito tempo sobre aquela cama bem larga, onde sempre dormíamos juntos. Por causa da minha comoção, tive que sair do quarto. Examinei todos os nossos elefantinhos.

Sobre a mesa, na sala de estar, havia um copo com pastis até a metade. Angela devia ter bebido nele, um pouco antes de sair para ir buscar-me no hospital. Notavam-se, nas bordas do copo, vestígios de batom. Esse copo, no momento em que escrevo estas linhas, sentado na escrivaninha de Angela, encontra-se na minha frente.

A chuva torrencial não parava de cair. O policial, que se achava postado na frente da porta do apartamento, foi rendido. E eu continuava escrevendo. Levei muito tempo para terminar este relato. São vinte e duas e quinze. Neste exato momento acabei de telefonar ao escrivão Libellé e pedi-lhe que às vinte e três horas impreterivelmente viesse aqui para buscar as últimas páginas do meu relato, do relato que constitui a minha história. Disse-lhe que depois, então, ele deveria proceder conforme havíamos combinado. Respondeu-me que, como era óbvio, iria proceder de acordo com as minhas instruções.

Saí do apartamento a fim de conversar com o policial que me vigiava. Ele se achava sentado num degrau da escada perto do elevador. Entreguei-lhe a chave do apartamento, comunicando-lhe que às vinte e três horas deveria chegar o escrivão Libellé. Recomendei-lhe que o deixasse entrar, pois ele viria buscar algo que deveria levar consigo. Disse ao policial que eu estava muito cansado e que, por isso, iria repousar.

Depois de ter falado com o homem, entrei de novo no apartamento e dirigi-me ao terraço, onde a chuva fria batia em meu rosto. Estando ali, ocorreu-me que certa vez alguém advertira Angela de que tomasse cuidado com a. chuva e falara, também, acerca de uma enorme quantidade de jalecos brancos e de uma pessoa que iria morrer. Esse "alguém" era Madanie Bernis, a cartomante que atendia no Hôtel d'Autriche, no Boulevard Carnot. Ela vaticinara que depois da morte dessa pessoa nada mais me impediría de viver unido e feliz com Angela para sempre. E tudo isso deveria acontecer ainda nesse ano, dissera ela. Sim, foi *Madame* Bernis quem profetizou tais acontecimentos.

Fiquei caminhando no terraço. Grande parte das flores se achava com as pétalas caídas por causa da forte chuvarada. De cima da balaustrada, de onde Angela certa vez quis se atirar, lancei o olhar lá para baixo. O chão ali era de concreto. O apartamento era realmente bem alto. Qualquer pessoa que se precipitasse dessa altura fatalmente teria morte instantânea.

Fui para dentro mais uma vez. Os aparelhos de televisão estavam transmitindo o noticiário, mas não prestei atenção em nada. Desliguei todos os aparelhos e apaguei todas as luzes, inclusive a lâmpada que se encontrava sobre a escrivaninha, depois de haver terminado de escrever as últimas linhas. Dentro de um quarto de hora estará aqui Libellé. Terei que colocar ordenadamente as folhas do meu relato, uma sobre a outra, a fim de que ele possa encontrar o manuscrito imediatamente. Creio ter anotado tudo o que é de importância.

Agora voltarei de novo ao terraço. A balaustrada está lisa por

causa da chuva. Dali será fácil precipitar-me. E, com certeza, tudo se passará bem depressa.

Em testemunho de fé pública

"Eu, abaixo assinado, declaro na data de hoje, 10-11-1972, que o cidadão de nacionalidade alemã, de nome Robert Lucas, que se suicidou na noite passada, me havia procurado no meu gabinete no dia 26 de junho de 1972. Pediu-me ele para acompanhá-lo até a agência da Banque Nationale de Paris, na Rue Buttura, para alugarmos um cofre, do qual cada um de nós ficaria com uma chave. Nesse cofre o referido cidadão colocou dois envelopes fechados. Disse-me ele que um dos envelopes continha fotografias e o outro, um cassete com gravação. Eu nunca vi nem as fotografias nem o cassete. Robert Lucas solicitou-me que, no caso de ser ele morto por violência ou no caso de morte de *Madame* Angela Delpierre em idênticas condições, eu levasse os dois envelopes a Zurique e exibisse os respectivos conteúdos, primeiro aos representantes da imprensa, especialmente reunidos em conferência para tal fim, e depois, à Interpol.

Após o malogrado atentado que sofreu, Robert Lucas teve a ideia de escrever um relato sobre os fatos ocorridos com ele. Todas as tardes, minha secretária ia buscar no Hôpital des Broussailles as folhas que ele estenografava, para datilografá-las. No dia seguinte, invariavelmente, eu levava as folhas datilografadas para colocá-las dentro do cofre alugado na agência da Banque Nationale de Paris. Só após a morte de Robert Lucas foi que tomei a iniciativa de ler a sua história e devo declarar aqui que se trata de pura invencionice maquinada propositadamente — talvez com o objetivo de vingança e de extorsão, ou até mesmo com a finalidade de encobrir os seus próprios crimes. O seu relato parece ser o produto de uma mente desequilibrada e doentia. Eu nunca falei com Robert Lucas acerca de *Madame* Hellmann nem telefonei a essa senhora. Simplesmente por acaso, encontrei-me com ela uma única vez no Hôpital des Broussailles. Portanto, não é verdade — caso isso seja dito — que eu mantenho relações de natureza interesseira ou acordos de qualquer espécie com *Madame* Hellmann ou seja lá com quem for, e agirei judicialmente contra a pessoa que fizer tal afirmação. Nunca recebi de *Madame* Hellmann aqueles trezentos mil francos a que Robert Lucas faz referência no seu relato. Nem tampouco alguma vez tive conhecimento de certa confissão que ele declarou ter sido redigida por *Madame* Hellmann. E nenhum papel desse tipo se encontra guardado no. cofre da Banque Nationale de Paris.

A polícia criminal, em virtude de decisão judicial, abriu hoje o cofre número 13, que se encontra no salão de jogos do Cassino Palm-Beach e que pertencia a *Madame* Delpierre. Achavam-se presentes o Comissário Roussel, o Inspetor Lacrosse, Gaston Tilmant, representante do Ministério do Exterior da França, e o Juiz de Instrução Gerald Panisse. Nesse cofre foi encontrado, além

de dinheiro e jóias de propriedade da falecida, também um envelope fechado, o qual, por ordem do Exmo. Sr. Juiz de Instrução, foi aberto na presença das citadas autoridades. Dentro do envelope encontrava-se um formulário do Schweizer Merkurbank, de Zurique, devidamente autenticado, que se reportava a uma conta numerada, no montante de 17 800 500 (por extenso: dezessete milhões oitocentos mil e quinhentos) francos suíços. Como já era de se esperar, a diretoria do Schweizer Merkurbank negou-se terminantemente a revelar os nomes dos possuidores da citada conta. E, como é óbvio, também os dirigentes daquele banco se recusaram a dizer de que maneira foi feito o depósito de tal importância.

Robert Lucas telefonou-me um pouco antes do seu suicídio e pediu-me para ir buscar, no apartamento de *Madame* Delpierre, as últimas folhas da sua história, o que por mim foi feito. No dia seguinte li suas anotações feitas apressadamente e dirigi-me com elas à agência do banco para retirar dele todo o material guardado, a fim de proceder de acordo com as instruções que me haviam sido dadas pelo falecido. Ele me pedira, após a morte de *Madame* Delpierre, que eu não abrisse o cofre imediatamente, mas sim que esperasse até que ele tivesse concluído todos os apontamentos e anotações para o seu relato. Robert Lucas, ou antes do atentado de que fora vítima ou depois de ter recebido alta do Hôpital des Broussailles, deve ter ido buscar o material guardado, pois nada mais encontrei dentro da gaveta de aço onde o havíamos colocado.

No cofre encontrava-se somente este manuscrito.

CHARLES LIBELLÉ Escrivão — Cannes”

O AUTOR E SUA OBRA

O esquema parece simples e eficiente. Por trás de uma trama policial passada na superfície, sob uma bem-arquitetada sequência de *flashbacks*, desenvolve-se uma cadeia de enredos paralelos, dosada com humor, suspense e sensíveis preocupações sociais. Foi assim que, após um início de carreira claudicante, marcado por contos pouco expressivos, o escritor austríaco Johannes Mario Simmel encontrou efetivamente a fórmula do sucesso.

J. M. Simmel nasceu em Viena, em 1924. Publicou seu primeiro livro em 1948, mas a fama veio, na realidade, apenas com "Nem só de caviar vive o homem", o primeiro *best seller*. Utilizando uma linguagem clara e fluente, suas obras acabaram traduzidas em vinte e seis idiomas, com mais de oito milhões de exemplares vendidos.

Feitos para serem lidos de uma só vez, com temas invariavelmente repletos de originalidade, os livros de Simmel não deixam escapar, porém, profundas críticas até mesmo aos sistemas políticos e às tradições sociais, como em seu volume de contos "Ninguém quer um coração", quando trata de sua terra natal no período do pós-guerra, ou em "Todos seremos irmãos", uma realista abordagem do novo e do velho nazismo.

Desprezando os lugares-comuns e o excesso de pieguice, J. M. Simmel traz, com "Só o vento sabe a resposta", mais um romance policial temperado com muita violência e um atraente caso amoroso, seguindo, como sempre, sua regra básica: "Quero apenas contar uma boa história".

Outras obras do autor: "Nina"; "Pátria amada"; "Amor é só uma palavra" (já publicado pelo Círculo); "Deus protege os que amam"; "E Jimmy foi ao arco-íris"; "Até o mais amargo fim"; "Matéria de sonhos"; "Ainda resta uma esperança"; e o mais recente, "Viver é amar".